

J.R. Ward O Rei

Irmandade da Adaga Negra 12

Vida Longa ao Rei!

Depois de dar as costas ao trono por séculos, Wrath, filho de Wrath, finalmente assumiu o manto de seu pai — com a ajuda de sua amada companheira. Mas a coroa pesa fortemente em sua cabeça. À medida que a guerra com a Sociedade Lesser avança, e a ameaça do Bando de Bastardos realmente atinge seu lar, ele é forçado a fazer escolhas que colocam tudo — e todos — em risco. Beth Randall pensou que soubesse onde estava se metendo, quando se acasalou com o último vampiro de sangue puro do planeta: um passeio tranquilo é que não seria. Porém, quando ela decide que quer uma criança, está despreparada para a reação de Wrath — ou a distância que ele cria entre eles. A questão é, será que o verdadeiro amor vencerá... ou o legado de tortura ganhará?



Equipe de Tradução e Revisão:

Capítulos	Revisão Inicial	Revisão Final
Prólogo	Joely	Desiree
Capítulo 1	Joely	Desiree
Capítulo 2	Joely	Desiree
Capítulo 3	Joely	Desiree
Capítulo 4	Ellen	Desiree
Capítulo 5	Joely	Desiree
Capítulo 6	Elen Mariano	Desiree
Capítulo 7	Elen Mariano	Desiree
Capítulo 8	Elen Mariano	Desiree
Capítulo 9	Dani Aguiar	Desiree
Capítulo 10	Dani Aguiar	Desiree
Capítulo 11	Desiree	Elen Mariano
Capítulo 12	Desiree	Elen Mariano
Capítulo 13	Patrícia Magella	Elen Mariano
Capítulo 14	Patrícia Magella	Elen Mariano
Capítulo 15	Rose Anjos	Elen Mariano
Capítulo 16	Rose Anjos	Elen Mariano
Capítulo 17	Tessy	Elen Mariano
Capítulo 18	Tessy	Elen Mariano
Capítulo 19	Regina	Elen Mariano
Capítulo 20	Regina	Elen Mariano
Capítulo 21	Claudia	Elen Mariano
Capítulo 22	Claudia	Elen Mariano
Capítulo 23	Gabby	Elen Mariano
Capítulo 24	Tina	Elen Mariano
Capítulo 25	Tina	Elen Mariano
Capítulo 26	Tina	Elen Mariano
Capítulo 27	Denise	Raquel
Capítulo 28	Rose Anjos	Raquel
Capítulo 29	Rose Anjos	Raquel
Capítulo 30	Rose Anjos	Raquel
Capítulo 31	Joely	Raquel
Capítulo 32	Joely	Raquel
Capítulo 33	Regina	Raquel
Capítulo 34	Regina	Raquel
Capítulo 35	Regina	Raquel
Capítulo 36	Claudia	Raquel
Capítulo 37	Claudia	Raquel
Capítulo 38	Claudia	Regina
Capítulo 39	Tina	Regina
Capítulo 40	Tina	Regina
Capítulo 41	Tina	Regina
Capítulo 42	Gabby	Regina
Capítulo 43	Denise	Regina



Capítulo 44	Joely	Regina
Capítulo 45	Joely	Regina
Capítulo 46	Desiree	Tina
Capítulo 47	Desiree	Tina
Capítulo 48	Dani Aguiar	Tina
Capítulo 49	Dani Aguiar	Tina
Capítulo 50	Gabby	Tina
Capítulo 51	Cris Reinbold	Tina
Capítulo 52	Regina	Tina
Capítulo 53	Regina	Tina
Capítulo 54	Regina	Tina
Capítulo 55	Claudia	Tina
Capítulo 56	Claudia	Tina
Capítulo 57	Rose Anjos	Joely
Capítulo 58	Denise	Joely
Capítulo 59	Tina	Joely
Capítulo 60	Tina	Regina
Capítulo 61	Tina	Regina
Capítulo 62	Regina	Regina
Capítulo 63	Desiree	Regina
Capítulo 64	Desiree	Regina
Capítulo 65	Desiree	Regina
Capítulo 66	Claudia	Raquel
Capítulo 67	Claudia	Raquel
Capítulo 68	Tina	Raquel
Capítulo 69	Joely	Raquel
Capítulo 70	Joely	Raquel
Capítulo 71	Rose Anjos	Raquel
Capítulo 72	Rose Anjos	Raquel
Capítulo 73	Joely	Raquel
Capítulo 74	Joely	Raquel
Capítulo 75	Cris Reinbold	Raquel
Capítulo 76	Cris Reinbold	Raquel

Traduzido do Inglês
Envio e Formatação: Δίκη e LK
Finalização: Ειρήνη
Imagens: Elica
Parceria:
Tiamat
&
Prazer em Seduzir



In Memoriam
Ao amado Jonas, A.K.A.¹. The Boo
A.K.A. O melhor cão escritor.
R.I.P.². Eu o verei novamente
Ao final da minha jornada.

E

W. GILLETTE BIRD, JR.

Prólogo

Século XVII, Antigo País

—Vida Longa ao Rei!

Ao som da voz profunda e grave, Wrath, filho de Wrath, teve o instinto de olhar ao redor procurando por seu pai... uma centelha de esperança de que a morte não houvesse ocorrido e o grande governante ainda estivesse com eles.

Mas, claro, seu amado pai se fora ao Fade.

Quanto tempo está triste busca duraria? ele se perguntou. Era inútil tal loucura, especialmente porque as vestes sagradas do vampiro Rei estavam sobre si mesmo, as faixas decoradas, o casaco de seda e os punhais cerimoniais, adornavam seu próprio corpo. Sua mente não se importava nem um pouco com essa prova de sua coroação recente, no entanto... ou por ventura era seu coração que se recusava a se deixar influenciar por tudo o que agora ele representava.

Querida Virgem Escriba, sem o seu pai, ele estava tão sozinho, mesmo quando ele estava cercado por pessoas que o serviam.

—Meu senhor?

Recompondo seu rosto, ele se virou. De pé na porta das câmaras de recepção reais, seu assessor mais próximo era como uma coluna de fumaça, longo e fino, vestido em vestes escuras.

—É uma honra cumprimentá-lo, — o macho murmurou, se inclinando. —O senhor está pronto para receber a fêmea?

Não. —Certamente.

¹ Also Knows As = Também conhecido por

² Rest In Peace = Descanse em paz.



—Vamos iniciar a procissão.

—Sim.

Enquanto seu assessor fazia outra reverência e saía, Wrath passeava pela sala de painéis de carvalho. Velas bruxuleavam nas prateleiras que de alguma forma se infiltravam nas paredes de pedra do castelo, e o fogo crepitante na lareira parecia oferecer apenas luz, não calor.

Na verdade, ele não tinha nenhum desejo de uma shellan — ou melhor, uma companheira, uma vez que, inevitavelmente, seria isso. O amor era necessário nisso, e ele não tinha nada para oferecer à uma alma.

Com o canto de seu olho, ele pegou um flash de brilho, e para passar o tempo antes que esta reunião temida ocorresse, se aproximou e considerou os conjuntos de joias que haviam sido expostos em cima da mesa entalhada. Diamantes, safiras, esmeraldas, pérolas... a beleza da natureza capturada e ancorada no ouro lapidado.

As mais valiosas eram os rubis.

Estendendo a mão para tocar as pedras vermelho-sangue, pensava que era muito cedo para tudo isso. Ele ser Rei, este arranjo de acasalamento, as mil demandas diferentes com que teria que lidar e ainda pouco compreendidas.

Ele precisava de mais tempo para aprender com seu pai.

A primeira das três batidas ecoou pela sala, e Wrath estava grato que ninguém estivesse perto para vê-lo recuar.

A segundo foi igualmente alta.

A terceira ia exigir sua resposta.

Fechando os olhos, ele achou difícil respirar através da dor no peito. Ele queria seu pai com ele — isso deveria estar acontecendo mais tarde, quando ele fosse mais velho, e não guiado por um cortesão, mas por seu próprio pai. O destino, no entanto, tinha roubado do grande macho os anos que ainda lhe eram devidos, e por sua vez, sentenciou o filho a uma espécie de afogamento, apesar de haver ar para que ele respirasse.

Eu não posso fazer isso, pensou Wrath.

E, no entanto, quando a terceira batida sobre os painéis desvaneceu, ele endireitou os ombros e imitou a maneira que a voz de seu pai sempre havia soado. —Entrem.

Ao seu comando, a pesada porta se abriu, e seus olhos foram recebidos pela visão de um conjunto completo de cortesãos, suas sombrias túnicas cinzas idênticas à do conselheiro que estava na frente deles. Mas isso não foi o que registrou. Atrás do grupo de aristocratas, havia outro, de tremenda estatura, olhos estreitados... e foram esses os que começaram a cantar em um rosnado combinado.

Honestamente, ele temia Irmandade da Adaga Negra.

Conforme a tradição, o conselheiro declarou em alto e bom som: —Meu senhor, eu tenho uma oferta para trazer diante de ti. Posso proceder à sua apresentação?

Como se a filha nobre fosse um objeto. Por outro lado, pela tradição e as normas sociais seu propósito era para a reprodução, e na corte, ela seria tratada como qualquer égua valorizada era.



No entanto, ele iria fazer isso? Nada sabia do ato sexual, e ainda se ele a aprovasse, estaria envolvido na atividade em algum momento após o anoitecer, no dia seguinte.

—Sim, — ele se ouviu dizer.

Os cortesãos se perfilaram pela porta aos pares, dividindo e formando um círculo ao redor do perímetro da sala. E, em seguida, o canto ficou mais alto.

Os magníficos guerreiros da Irmandade entraram em uma marcha, seus corpos enormes vestidos de couro preto e armados até os dentes, a cadência de suas vozes e os movimentos de suas formas tão sincronizados, eram como se fossem um só.

Ao contrário dos membros da glymera, eles não se afastaram, mas ficaram ombro a ombro, peito a peito em uma formação como se fossem uma caixa. Ele não podia ver nada do que estava no meio deles.

Mas ele podia sentir o cheiro.

E a mudança dentro de si mesmo foi instantânea e imutável. Em um simples piscar de olhos, a natureza da vida varreu para longe a falta de conhecimento o picando... este que, com a aproximação dos irmãos, se aprofundou como uma agressão que ele não estava familiarizado, mas totalmente desinclinado a ignorar.

Respirando novamente, a fragrância entrou em seus pulmões, em seu sangue, em sua alma — e não era os óleos nos quais ela fora esfregada ou os perfumes que haviam sido aplicados a qualquer que fosse sua forma de vestimenta. Era a pele por baixo de tudo isso, a delicada combinação de elementos femininos que ele sabia que era único dela e só dela.

A Irmandade parou em frente a ele, e pela primeira vez, não estava com medo de suas auras mortais. Não. Enquanto suas presas se alongavam em sua boca, ele encontrou o seu lábio superior se levantando em um grunhido.

Ele até deu um passo para a frente, preparado para rasgar os machos em pedaços, para que pudesse ficar com o que eles estavam protegendo dele.

O conselheiro limpou a garganta como se procurasse lembrar à assembleia de sua importância. —Nosso senhor, esta fêmea está sendo oferecida por sua linhagem, para sua apreciação para fins de reprodução. Se o senhor desejar inspecionar.

—Deixem-nos, — Wrath rosnou. —Sozinhos.

O silêncio chocado que se seguiu, foi facilmente ignorado de sua parte.

O conselheiro baixou a voz. —Meu senhor, se você permitisse que eu terminasse a apresentação.

O corpo de Wrath se moveu por conta própria, girando em torno de si até que pudesse trocar olhares com o macho. —Saíam. Agora.

Atrás dele, uma risada se levantou da Irmandade, como se houvessem gostado do dandy ser colocado em seu lugar por seu governante. O conselheiro, no entanto, não achou graça. E Wrath não se importava.

Também não houve mais conversa: o cortesão tinha muito poder, mas ele não era o Rei.

Os machos de cinza se arrastaram para fora da sala, se curvando, em seguida, ele foi deixado com os irmãos. De uma só vez, eles deram um passo para os lados e...

Revelada dentro do séquito, estava uma forma esguia vestida de túnica preta da cabeça aos pés. Em comparação com os guerreiros, a pretendida era de estatura delicada, mais estreita, mais baixa — e ainda assim a presença dela era a que o abalava.

—Meu senhor, — um dos irmãos disse com respeito, —esta é Anha.

Com essa introdução simples e mais apta, os lutadores desapareceram, fechando-o sozinho com a fêmea.

O corpo de Wrath assumiu novamente, os sentidos caóticos rondando em torno dela, perseguindo-a, mesmo quando ela não se moveu. Querida Virgem Escriba, ele não tinha a intenção de nada disso, nem a sua reação à sua presença, nem a necessidade que se enrolava em seu baixo ventre, nem a agressividade que havia saltado para a ribalta.

Mas acima de tudo, ele nunca tinha pensado.

Minha.

Era como um raio no céu noturno, mudando sua paisagem, esculpindo uma vulnerabilidade cortada a golpes em seu peito. E mesmo assim, ele pensou, Sim, isso era certo. O conselheiro de seu pai na verdade tivera a melhor das intenções. Esta fêmea era o que ele precisava para levá-lo através da solidão: Mesmo sem ver seu rosto, ela o fazia sentir a força dentro de seu sexo, com sua constituição pequena, sua forma mais delicada o completando em sua pele, o desejo de proteger dando-lhe uma prioridade e um foco do qual ele sentia muita falta.

—Anha, — ele suspirou quando parou em frente à ela. — Fale comigo.

Houve um longo silêncio. E então sua voz, suave e doce, mas trêmula, entrou em seus ouvidos. Fechando os olhos, ele cambaleou, o som ecoando em todo o seu sangue e ossos, mais bela do que qualquer coisa que ele tinha sequer ouvido.

Exceto que, em seguida, ele franziu a testa quando não teve ideia do que ela havia falado. — O que você disse?

Por um momento, as palavras que vieram de sob o véu não fizeram sentido. Mas, então, as definições das sílabas foram verificadas por seu cérebro:

—O Senhor gostaria de ver outra?

Wrath franziu a testa em confusão. Por que ele iria?

—O senhor não removeu o meu véu, — ele ouviu a resposta dela como se houvesse expressado a sua pergunta.

Ao mesmo tempo, ele percebeu que ela estava tremendo, sua túnica transmitia o movimento — e, de fato, havia um pesado aroma de medo.

Sua excitação havia nublado qualquer outra consciência dela, mas isso requeria uma necessária reparação.

Pegando o trono, ele trouxe a grande cadeira esculpida através da sala, sua necessidade de oferecer conforto à ela dando-lhe força superior. —Sente-se.

Ela quase caiu no assento de couro de novillo — e enquanto suas mãos agarravam os braços, ele imaginou seus dedos ficando branco enquanto ela se segurava como se sua vida dependesse disso.



Wrath ficou de joelhos diante dela. Olhando para cima, seu único pensamento, além de sua intenção de possuí-la, era que ele nunca iria vê-la assustada.

Nunca.

Sob as camadas das túnicas pesadas, Anha estava sufocando com calor. Ou por ventura era o terror que sufocava sua garganta.

Ela não queria este destino para si. Não o buscara. Daria-o a qualquer uma das jovens fêmeas que ao longo dos anos a invejara: A partir do momento de seu nascimento, ela havia sido prometida ao filho do Rei como a primeira companheira — e por essa honra, fora criada por estranhos, enclausurada longe, escondida de todo contato. Criada em um confinamento solitário, não sabia o que era ser nutrida por uma mãe ou protegida por um pai — tinha ficado à deriva em um mar de estranhos suplicantes, tratada como um objeto precioso, não uma coisa viva.

E agora, no evento culminante, o momento para o qual ela havia sido criada e preparada... todos esses anos de preparação pareciam ser em vão.

O Rei não estava feliz: Ele havia arrancado todos da sala que estavam. Ele não havia removido um único véu dela, como era devido, se quisesse aceitá-la de alguma forma. Em vez disso, ele estava espreitando ao redor, sua agressividade carregando o ar.

Ela provavelmente o irritou ainda mais com a sua temeridade. Não deveria oferecer sugestões para o Rei.

— Sente-se.

Anha seguiu o comando, deixando os joelhos fracos caírem por debaixo de seu corpo. Ela deveria se encontrar com o chão frio e duro, mas não, havia uma cadeira almofadada para ampará-la.

As tábuas rangendo informaram à ela que ele estava circulando ao redor dela novamente, seus passos pesados, a sua presença tão grande que podia sentir o tamanho dele mesmo que não conseguisse ver nada. Com o coração acelerado, o suor caindo pelo pescoço e entre os seios, ela esperou pelo seu próximo movimento — e temia que fosse violento. Por lei, ele poderia fazer o que quisesse com ela. Ele poderia abate-la ou jogá-la para a que a Irmandade a usasse. Ele poderia despi-la, tirar sua virgindade, e, em seguida, rejeitá-la — deixando-a em ruínas.

Ou ele pode simplesmente deixá-la nua e aprovar sua forma, salvando sua virtude para depois da cerimônia na noite seguinte. Ou até mesmo por ventura... como ela tinha imaginado em seus sonhos mais fúteis... ele iria considerá-la brevemente e voltar a cobri-la com presentes de tecido especial, sinalizando sua intenção de classificá-la entre suas shellans — de modo que sua vida na corte fosse mais fácil.

Ela havia ouvido falar muito sobre os cortesãos e sobre esperar a bondade deles. E estava bem ciente de que, embora fosse vinculada ao Rei, estaria sozinha. Se tivesse uma pequena medida de poder, no entanto, por ventura poderia se retirar disto, até certo ponto, deixando as maquinações do tribunal e a realza para fêmeas de maior ambição e avareza.



Os passos pararam abruptamente e houve protesto do chão diretamente à sua frente, como se ele tivesse mudado de posição de alguma maneira.

Agora era o momento, e seu coração gelou como se não quisesse atrair a atenção da lâmina de Sua Majestade...

E um segundo depois, o capuz estava fora de seu rosto, e grandes correntes de ar fresco estavam disponíveis para serem tomadas por seus pulmões.

Anha engasgou com o que estava à sua frente.

O Rei, o governante, o representante supremo da raça dos vampiros... estava de joelhos na frente da cadeira que ele havia fornecido ela. E isso deveria ter sido chocante o suficiente, mas, na verdade, sua aparente súplica foi o que menos a atingiu.

Ele era absolutamente belo — e de todas as coisas para que tinha procurado para se preparar, esta primeira magnífica visão dele, nunca tinha sido contemplada.

Seus olhos eram da cor de folhas de primavera, pálidos, e eles brilhavam como o luar sobre um lago, enquanto ele olhava para ela. E seu rosto era o mais bonito que ela tinha sequer contemplado, ainda que talvez não tivesse contemplado o suficiente, uma vez que não fora autorizada a olhar para qualquer macho antes. E seu cabelo era preto como as asas de um corvo, caindo pelas costas largas.

Exceto que não era isso o que mais penetrou em sua consciência.

Era a preocupação em sua expressão.

—Não tenha medo, — ele disse numa voz aveludada. —A ninguém será permitido machucá-la, por isso estou aqui.

Lágrimas apareceram nos olhos dela. E, em seguida, sua boca se abriu, e as palavras saltaram. —Meu senhor, você não deve se ajoelhar.

—Como eu poderia honrar uma mulher como você?

Anha tentou responder, mas estava presa em seu olhar, sua mente se enrolava — ele parecia não ser real, este macho poderoso, que se curvava em respeito ante ela. Para ter certeza de uma vez por todas, ela levantou a mão e a moveu para fechar a distância entre eles...

O que ela estava fazendo? —Perdoe-me, meu senhor.

Ele capturou sua palma da mão e o impacto da carne sobre carne, a fez ofegar. Ou foram ambos?

—Toque-me, — ele ordenou. —Em qualquer lugar.

Quando ele soltou, ela colocou a mão trêmula sobre sua bochecha. Quente. Suave pela passagem recente de um lâmina.

O Rei fechou os olhos e se inclinou, seu grande corpo tremeu.

Quando ele ficou parado, ela sentiu uma onda de poder — não de uma forma arrogante, nem com qualquer ambição. Era simplesmente a sensação de ter ganho um inesperado ponto de apoio no que parecia uma ladeira escorregadia de forma indelével.

Como isso era possível?

—Anha... — ele suspirou, como se seu nome fosse um encantamento de magia.

Nada mais foi dito, mas toda a fala era desnecessária, todas as partes do discurso e vocabulário, se tornaram inúteis para oferecer qualquer mera nuance, muito menos definição, ao tipo de união que os moldava e os unia.

Ela finalmente baixou os olhos. —Você não se importa de ver mais de mim?

O Rei lançou um baixo ronronar gutural. —Gostaria de ver você inteira — e mesmo assim, não seria a metade.

O cheiro de excitação de um macho subiu grosso no ar, e incrivelmente, o seu próprio corpo respondeu à chamada. Mas, novamente, essa abordagem sensual dele estava bem e verdadeiramente segura por sua vontade singular: ele não iria tomá-la agora. Não, parecia que ele iria salvar sua virtude, até que houvesse pago a ela a honra e respeito de estar devidamente acasalado à ela.

—A Virgem Escriba respondeu às minhas orações de uma maneira milagrosa, — ela sussurrou, enquanto piscava através de lágrimas. Todos esses anos de preocupação e espera, a bigorna pronta há três décadas para cair sobre a sua cabeça...

O Rei sorriu. —Se eu soubesse que uma fêmea como você poderia existir, eu a teria implorado a mãe da raça para mim. Mas eu não tinha fantasias — e isso foi muito bom. Eu não teria feito nada além de me sentar e esperar que você cruzasse o meu destino, desperdiçando anos.

Com isso, ele ficou em pé e foi buscar várias túnicas. As cores do arco-íris estavam todas representadas, e ela fora ensinada desde a mais tenra idade para saber o que cada cor significava na hierarquia da corte.

Ele escolheu o vermelho para ela. O mais valioso de todos, o sinal de que ela seria a preferida entre todos as suas fêmeas.

A rainha.

E essa honra deveria ter sido suficiente. Exceto quando ela imaginou as muitas fêmeas que ele poderia tomar, a dor bateu em seu peito.

Assim que ele se voltou em sua direção, deve ter percebido sua tristeza. —O que a aflige, leelan?

Anha balançou a cabeça e disse a si mesma que partilhá-lo não era algo que ela tinha o direito de lamentar. Ela...

O Rei balançou a cabeça. —Não. Deverá ser só você.

Anha recuou. —Meu senhor, essa não é a tradição.

—Eu não sou o governante de todos? Não posso decidir a vida e a morte por decreto dos meus súditos? — Quando ela assentiu, uma expressão dura caiu sobre o rosto dele — e ela teve piedade de qualquer um que tentasse desmenti-lo. —Então eu vou determinar o que é e o que não é tradição. E só deverá existir você para mim.

Lágrimas brotaram de novo nos olhos de Anha. Ela queria acreditar nele, e ainda que parecesse impossível — mesmo quando ele a vestiu com a seda cor de sangue.

—Você me honra, — ela disse, olhando para o rosto dele.

—Não o suficiente. — Com uma volta rápida, ele se aproximou de uma mesa onde haviam sido colocadas pedras preciosas.

A generosidade de joias tinha sido a última coisa em sua mente, quando ele havia levantado o capuz, mas agora seus olhos se arregalaram com a exibição de riqueza. Certamente, ela não merecia tais coisas. Não até que ela lhe desse um herdeiro.

Que de repente não parecia um fardo, afinal.

Quando ele se voltou para ela, ela respirou fundo. Rubis, tantos que não podia contá-los — de fato, toda uma bandeja... incluindo o anel de Saturnine, que diziam que sempre enfeitava a mão da rainha.

—Aceite isso e saiba da minha sinceridade, — ele disse enquanto mais uma vez se abaixava a seus pés.

Anha sentiu a cabeça tremer. — Não, não, estes são para a cerimônia.

—Que vamos ter aqui e agora. — Ele estendeu a sua mão. —Dê-me sua mão.

Cada osso de Anha tremia enquanto o obedecia, e ela soltou um suspiro quando a pedra Saturnine foi para o seu dedo do meio à direita. Quando ela olhou para a joia, a luz das velas refletia entre suas facetas, queimando com a beleza do verdadeiro amor, que acendia o coração por dentro.

—Anha, você me aceita como seu Rei e companheiro, até que a porta ao Fade me seja oferecida antes que você?

—Sim, — ela se ouviu dizer com força surpreendente.

—Então eu, Wrath, filho de Wrath, a tomarei como minha shellan, para vigiar e cuidar de você e de qualquer criança que possamos ter, tão certo como eu faria ao meu reino e seus cidadãos. Tu serás minha para sempre — seus inimigos serão os meus, sua linhagem se misturará com a minha, seus entardeceres e suas madrugadas serão compartilhadas apenas comigo. Este vínculo nunca deverá ser dilacerado por forças de dentro ou de fora — e —aqui ele fez uma pausa— haverá uma e apenas uma fêmea em todos os dias da minha vida, e você será a única rainha.

Com isso, ele levantou a outra mão e entrelaçou todos os seus dedos. —Nada deve nos separar. Nunca.

Apesar de Anha não ter o conhecimento disso naquele momento, nos próximos anos, conforme o destino continuava a rolar para frente, transformando este momento presente em história passada, ela voltaria para este instante uma e outra vez. Mais tarde, iria refletir que ambos estavam perdidos naquela noite, e a visão do outro tinha dado a terra firme que haviam necessitado.

Mais tarde, ao dormir perto de seu companheiro em sua cama e ouvi-lo roncar suavemente, saberia que o que parecia um sonho era na realidade um milagre vivo, respirando.

Mais tarde, na noite em que ela e seu amado foram abatidos, quando seus olhos se prenderam no porão onde havia escondido o herdeiro deles, o seu futuro, a única coisa que era maior do que os dois... ela teria como seu último pensamento antes de morrer, tudo estava destinado a ser. Se era a tragédia ou a sorte, tudo isso tinha sido pré-determinado, e havia



começado aqui, neste instante, enquanto os dedos do Rei se confundiram com os seus próprios e os dois se tornaram um só, para a eternidade.

—Quem deverá atendê-la esta noite e no dia antes da cerimônia pública? — ele questionou.

Ela odiava deixá-lo. —Eu deveria voltar para os meus aposentos.

Ele franziu o cenho profundamente. Mas então a soltou e se dedicou a adorna-la com os rubis até que pendiam de suas orelhas, pescoço e ambos os pulsos.

O Rei tocou a maior das pedras, a que pairava sobre seu coração. Com as pálpebras abaixada, ela acreditava que ele estava em algum lugar carnal em sua mente — por ventura ele a estava imaginando sem o benefício das roupas, nada além de sua pele para emoldurar os pesados engastes de ouro com seus diamantes e essas gemas vermelhas incríveis.

A última peça era a própria coroa, e ele levantou a tiara da bandeja de veludo, colocando-a sobre a cabeça e, em seguida, sentou-se para examiná-la.

—Você ofusca tudo isso, — ele disse.

Anha olhou para si mesma. Vermelho, vermelho, em todos os lugares, a cor do sangue, a cor da própria vida. Na verdade, não podia imaginar o valor das joias, mas isso não era o que a tocava. A honra que ele estava concedendo à ela neste momento era lendária — e considerou que desejara que isso fosse apenas entre eles para sempre.

Não seria, no entanto. E os cortesãos não iriam gostar disso, ela pensou.

—Vou levá-la para seus aposentos.

—Oh, meu senhor, você não deve se preocupar.

—Não há nada mais para me consumir esta noite, eu lhe garanto.

Ela não conseguia parar de sorrir. —Como quiser, meu senhor.

Só que ela não tinha certeza se poderia ficar em pé.

Anha não teve que andar. O Rei a segurou e a recolheu em seus braços, levantando-a do chão como se não pesasse nada mais do que uma pomba do campo.

E com isso ele cruzou a sala, arrombou a porta fechada e saiu para o corredor: eles estavam todos lá, o corredor cheio de aristocratas e membros da Irmandade da Adaga Negra — e, instintivamente, ela virou a cabeça no pescoço de Wrath.

Embora sendo criada para satisfazer ao Rei, ela sempre se sentiu como um objeto, embora isso houvesse passado quando estivera sozinha com o macho. Agora, exposta aos olhares invasivos dos outros, estava mais uma vez nesse papel, relegada a uma posse em vez de uma igual.

—Aonde vais? — Um dos aristocratas perguntou enquanto o Rei passava por ele sem lhes dar atenção.

Wrath continuou andando — mas claramente a este cortesão não seria negado o que não lhe era devido.

O macho se colocou em seu caminho. —Meu senhor, isto é o habitual.

—Eu vou atendê-la em meus próprios aposentos a partir desta noite e em todas as outras.

A surpresa cintilou no rosto magro. —Meu senhor, essa é uma honra apenas para a rainha, e até mesmo se você já teve a fêmea, não é oficial até que...



—Estamos devidamente vinculados. Eu mesmo realizei a cerimônia. Ela é minha e eu sou dela, e certamente você não deseja estar no caminho de um macho vinculado com sua fêmea — muito menos do Rei com sua rainha. Não é?

Houve um som de abrir e fechar de dentes, como se o queixo de alguém houvesse caído aberto e, em seguida, fora fechado com entusiasmo.

Olhando além do ombro de Wrath, ela viu os sorrisos nos rostos da Irmandade, como se os lutadores aprovassem a atitude. Os outros? Não havia aprovação em seus rostos. Impotência. Súplica. Raiva sutil.

Eles sabiam quem detinha o poder, e não eram eles.

—Vocês devem ser acompanhados, meu senhor, — disse um dos irmãos. —Não é o costume, mas em deferência aos tempos. Mesmo neste reduto, é adequado para a Primeira Família ser protegida.

O Rei acenou depois de um momento. —Muito bem. Siga-me, mas— sua voz caiu para um rosnado— você não a tocará de qualquer forma ou vou rasgar de você o apêndice que ofendeu a forma física dela.

Houve um verdadeiro respeito e algum tipo de afeto aquecido na voz do irmão: —Como quiser, meu senhor. Irmandade, de joelhos!

Ao mesmo tempo, todos os punhais foram arrancados dos coldres no peito, as lâminas negras brilhando nas tochas que ladeavam o corredor. Enquanto os dedos de Anha seguravam a preciosa vestimenta de seu Rei, os Irmãos soltaram um grito de batalha, com essas armas passando por cima de suas cabeças.

Com uma coordenação que fora produzida a partir de longas horas em companhia um do outro, cada um dos grandes guerreiros caiu de joelhos em um círculo e enterraram as pontas de seus punhais no piso.

Curvando suas cabeças, e com uma só voz, eles disseram algo que ela não pode compreender.

E as palavras soaram assim para ela: Eles estavam prometendo lealdade à ela como sua rainha. Era o que aconteceria ao cair da noite, no dia seguinte, em frente à glymera. Mas ela preferia muito mais aqui, e quando seus olhos se levantaram, o respeito brilhava — e era dirigido à ela.

—Minha gratidão a vocês, — ela se ouviu dizer. — E toda a minha honra ao nosso Rei.

Em um piscar de olhos, ela e seu companheiro foram cercados por enormes guerreiros, o voto que havia dado imediatamente aceito, o trabalho se iniciando ao mesmo tempo. Flanqueados por todos os lados, exatamente como ela sentira quando estava sendo apresentada, Wrath retomou suas passadas com proteção integral.

Sobre o ombro de seu companheiro, por entre a montanha de Irmãos, Anha observou ao grupo de cortesãos reunidos recuarem em seu rastro enquanto passavam pelo corredor.

O conselheiro na frente deles, aquele com as mãos nos quadris e as sobrancelhas abaixada... não estava totalmente satisfeito.

Um arrepio de medo passou por ela.

—Shh, — Wrath sussurrou em seu ouvido. —Não se preocupe. Serei gentil com você a partir agora.

Anha corou e colocou a cabeça atrás do pescoço grosso. Ele queria tomá-la apesar de qualquer coisa com que eles se deparassem, ou com qualquer destino pré-determinado, o corpo sagrado dele entrando no seu, selando o acasalamento visceralmente.

Ela ficou chocada ao descobrir que queria isso também. Agora. Rápido e forte...

E ainda assim, quando eles estavam finalmente sozinhos de novo, quando estavam em cima de uma fantástica cama de pena e seda... estava agradecida por ele ser paciente, bondoso e gentil, como ele prometeu a ela que seria.

Foi a primeira de muitas e muitas vezes que seu hellren não a desapontou.

Capítulo 1

Distrito De Meatpacking Manhattan, Presente

—Me dê sua boca, — Wrath exigiu.

Beth inclinou a cabeça para trás e se inclinou para os braços de seu companheiro. —Você quer isso? Então, tome-a!

O grunhido que saiu daquele peito enorme era um lembrete de que seu homem não era, na verdade, um homem. Ele era o último vampiro de sangue puro que restava no planeta — e quando vinha para ela e para sexo, ele era plenamente capaz de ser uma bola de demolição³, para chegar até ela.

E não no estilo idiota da Miley Cyrus, posando de sexy — e desde Beth estivesse disposta, é claro. Embora, na verdade, quando uma mulher tendo uma oportunidade com dois metros e dez centímetros de altura, uma bunda dura vestida de couro preto, com olhos verdes pálidos que brilhavam como a lua, e cabelos pretos até a dura parte posterior acima mencionada, não estaria disposta?

Não, não apenas estava fora de seu vocabulário; era um conceito estranho.

O beijo que veio até ela foi brutal e ela queria que fosse assim, a língua de Wrath invadindo-a enquanto a empurrava para trás através da porta aberta de seu esconderijo secreto.

Paf!

Melhor som do mundo. Bem, ok, segundo melhor — o número um era aquele som que o seu homem fazia, quando gozava dentro dela.

Ao simples pensamento disso, o seu interior se abriu ainda mais.

— Oh, foda-se, — ele disse em sua boca enquanto uma de suas mãos escorregava por entre suas coxas. —Eu quero isso — *sim...* você está molhada para mim, *leelan*.

³Em inglês, "wrecking-ball" é aquela bola usada para demolir construções. Mas também é o nome de uma música da Miley Cyrus. <http://www.vagalume.com.br/miley-cyrus/wrecking-ball-traducao.html>

Não era uma pergunta. Porque ele sabia a resposta, sabia.

—Eu posso sentir seu cheiro, — ele gemia contra seu ouvido enquanto ele corria suas presas pela garganta. —É a coisa mais bonita do mundo — exceto pelo seu gosto.

A aspereza na voz dele, o esforço em seus quadris, aquele comprimento duro a pressionando — ela chegou ao orgasmo ali mesmo.

—Foda-se, precisamos fazer isso mais, — ele a apertava enquanto ela se esfregava contra sua mão, trabalhando seus quadris. — Por que diabos não podemos vir aqui todas as noites?

A ideia da confusão que esperava por eles ao voltar para Caldwell, drenou um pouco do calor dela. Mas então ele começou a massageá-la com os dedos, trabalhando a costura da calça jeans contra seu lugar mais sensível, enquanto a língua sondava a boca do jeito que ele fazia quando ele estava... hum, sim.

Adivinhe, quem diria, surpresa, surpresa — tudo sobre ele ser Rei e da tentativa de assassinato pelo Bando de Bastardos, apenas flutuou para longe.

Ele estava certo. Por que diabos não usavam este pedaço de céu com mais regularidade?

Entregando-se ao sexo, as mãos dela se emaranharam nos cabelos dele até a cintura, sua suavidade em desacordo com a dureza do seu rosto, a força de seu corpo incrível, aquela vontade ferrenha. Ela que nunca havia sido uma daquelas vacas bobas que sonhavam com um Príncipe Encantado ou um casamento de conto de fadas ou qualquer um daquelas merdas de musicais da Disney. Mas, mesmo para alguém que não tinha ilusões e nenhuma intenção de assinar uma certidão de casamento, não havia nenhuma maneira de ela ter se imaginado com Wrath, filho de Wrath, o Rei de uma raça que, tanto quanto ela tinha conhecimento na época, era nada mais do que um mito do Halloween.

No entanto, aqui estava ela, de cabeça para baixo por um assassino calculista, que tinha o vocabulário de um caminhoneiro, uma linhagem real tão longa quanto seu braço, e atitude suficiente para fazer Kanye West⁴ parecer ter uma autoestima rejeitada.

Ok, ele não era assim *tão* egocêntrico — embora, sim, ele provavelmente poderia cortar Taylor Swift⁵ inteira num piscar de olhos, mas isso era porque rap e hip-hop eram as suas músicas preferidas e não porque ele a odiava.

O ponto essencial era que o *hellren* dela era um tipo de cara do-meu-jeito-ou-de-nenhum-jeito, e o trono no qual ele se sentava, significava que defeitos de personalidade eram aceitados de joelhos como a lei do país.

Falando sobre uma tempestade perfeita. A boa notícia? Ela era a única exceção, a única pessoa que poderia trazê-lo à razão, quando ele realmente começava a discutir. Era assim com todos os irmãos e suas companheiras: Membros da Irmandade da Adaga Negra, grupo de elite da raça de lutadores musculosos, que não eram conhecidos por serem descontraídos. Então, novamente, você não queria gatinhos na linha de frente de qualquer guerra, especialmente quando os bandidos eram da laia da Sociedade Lesser.

⁴ Kanye Omari West, ou simplesmente Kanye West, (Atlanta, 8 de Junho de 1977) é um rapper, produtor musical e estilista americano, nativo de Chicago, Illinois

⁵ Taylor Swift (Reading, 13 de dezembro de 1989) é uma cantora, compositora, instrumentista, produtora musical e atriz norte-americana.

E aqueles Bastardos malditos.

—Eu não vou fazer isso na cama, — Wrath gemeu. —Eu tenho que estar em você agora.

— Então me tome no chão. — Ela chupou o lábio inferior dele. —Você sabe como fazer isso, não é?

Mais rosnados, e uma grande mudança na orientação do planeta, enquanto ela estava sendo colocada no chão e tudo o que estava em cima do piso de madeira polida, foi arrancado. O loft que Wrath usara uma vez como um apartamento de solteiro, era como um palco: tinha um teto de catedral, decoração de um armazém vazio, e a pintura fosca preta de uma Uzi⁶. Não era nada parecido como a mansão da Irmandade onde viviam, e este era o ponto.

Tão bonito como aquele lugar era, com painéis de ouro e lustres de cristal e móveis antigos, poderia ficar um pouco sufocante.

Riiiiiiiiiiiiiiiiiiiiip.

Com esse barulho feliz, ela perdeu um outro traje de seu guarda-roupa — e Wrath não estava orgulhoso de si mesmo: as longas presas piscavam como punhais brancos como a neve, ele começou a pulverizar os botões de seda, rasgando-os, deixando de fora seus seios nus, botões voando por toda parte.

—Agora, é sobre isso que eu estou falando. — Wrath arrancou seus óculos e sorriu, expondo seus dentes. —Nada no caminho...

Pairando sobre ela, ele se concentrou em seu mamilo enquanto suas mãos iam para o cós de sua calça jeans preta. Considerando todas as coisas, ele foi muito gentil quando ele soltou o botão e abriu o zíper, mas ela sabia o que estava por vir...

Com um puxão violento, ele devastou o que tinha sido uma calça de Levi's de-duas-semanas.

Ela não se importava. Nem ele.

Oh, Deus, ela precisava disso.

—Você está certo, faz tempo demais, — ela gemeu quando ele foi abrir sua própria calça, estalando os botões livres, liberando uma ereção que ainda conseguia lhe tirar o fôlego.

—Sinto muito, — ele falou quando a agarrou por trás do pescoço e montou nela.

Quando ela abriu suas coxas largas para ele, sabia exatamente por que ele estava se desculpando. —Não sinta — *Jesus!*

A posse ardente era exatamente o que ela queria, assim como o passeio duro que ele lhe deu, o seu peso a esmagando, sua bunda rangendo contra o chão enquanto ele entrava nela, afastando suas pernas de modo que pudesse ir ainda mais fundo. Era o domínio total, o seu grande corpo oscilando como uma bomba erótica cada vez mais rápida e mais intensa.

Mesmo tão bom como era, ela sabia como levar as coisas para o próximo nível. —Você não está com sede ainda? — Ela sussurrou.

Total. Molecular. Interrupção.

Como se tivesse sido atingido por um raio de gelo. Ou talvez um caminhão.

Quando ele levantou a cabeça, seus olhos se iluminaram tão brilhantemente, que sabia que se olhasse no chão ao lado dela, veria sua própria sombra.

⁶ Submetralhadora de cor preta.



Arranhando os ombros dele com as unhas, ela se arqueou para ele e inclinou a cabeça para o lado. —Que tal algo para beber?

Os lábios dele descobriram suas presas e ele soltou um silvo como uma cobra.

A mordida foi como ser apunhalada, mas a dor desapareceu num delírio doce que a levou para uma outra dimensão. Flutuando e aterrada ao mesmo tempo, ela gemia e empurrava os dedos em seus cabelos, puxando-o ainda mais para perto, enquanto ele chupava em sua garganta e penetrava em seu sexo.

Ela teve um orgasmo — e ele também.

Duh.

Deus, depois de um período de seca de quanto tempo? Pelo menos um mês — o que era inédito para eles — ela percebeu o quanto eles precisavam disso. Muita estática de todas as demandas em torno deles. Muito estresse poluindo as horas. Muita porcaria tóxica que eles não tiveram tempo para processar um com o outro.

Tipo, depois que ele foi baleado no pescoço, puderam realmente conversar sobre isso? Claro, houve o *Ai Meu Deus, você está vivo, você conseguiu...* mas ela ainda estremecia a cada vez que um *doggen* abria uma garrafa de vinho na sala de jantar ou com os Irmãos jogando ping-pong depois de horas.

Quem diria que uma bola branca batendo em uma raquete, soava exatamente como o disparo de uma arma?

Ela não sabia. Não até Xcor ter decidido colocar uma bala na jugular de Wrath.

Difícilmente o tipo de educação que ela estava procurando.

Por nenhuma boa razão, as lágrimas correram de seus olhos e se soltaram, enredando em seus cílios e escorrendo pelo seu rosto, mesmo quando uma nova rodada de prazer inundou seu corpo.

E, em seguida, a imagem da ferida de bala de Wrath turvou sua visão.

Sangue vermelho no colete à prova de balas que usava. Sangue vermelho em sua camisa. Sangue vermelho em sua pele.

Os tempos perigosos voltaram para a sua mente, a feiura da realidade já não era um bicho-papão hipotético em seu armário mental, mas um grito em sua alma.

Vermelho era a cor da morte para ela.

Wrath congelou por uma segunda vez e levantou a cabeça. —*Leelan?*

Abrindo os olhos, ela teve um súbito pânico de que não pudesse vê-lo bem, que aquele rosto que procurava em todos os quarto, não importando a hora que fosse, que esta confirmação visual de sua vida não ia estar lá para ser tomada mais.

Exceto tudo o que tinha a fazer era piscar. Piscar, piscar, piscar... e ele estava de volta para ela, claro como o dia.

E isso a fez chorar mais. Porque seu homem forte, amado era cego — e no entanto, em sua opinião, isso não o tornava deficiente, isso podia o enganar em alguns fundamentos, e isso simplesmente não era justo.

—Oh, foda-se, eu te machuquei.



—Não, não...— Ela pegou seu rosto em suas mãos. —Não pare.

—Eu deveria ter ido para a cama.

O caminho certo para reorientá-lo a se focar, era arquear debaixo dele, e ela o fez, ondulando e rolando os quadris de modo que seu núcleo o acariciava. E Olá menino grande, o atrito funcionou, deixando-o com a língua seca e presa.

—Não pare, — ela reiterou, tentando atraí-lo de volta à sua veia. —Nunca...

Mas Wrath se deteve, acariciando um pedaço de cabelo para longe de seu rosto. —Não pense assim.

—Eu não estou.

—Você está.

Não havia nenhuma razão para definir o que — assim — significava: parcelas de traição. Wrath naquela mesa ornamentada, estrangulado por sua posição. O futuro desconhecido e não em um bom caminho.

—Eu não vou a lugar nenhum, *leelan*. Você não deve se preocupar com coisa alguma. Entendeu?

Beth queria acreditar nele. Precisava. Mas ela temia que esta fosse uma promessa muito mais difícil de manter do que falar.

—Beth?

—Faça amor comigo. — Era a única verdade que ela poderia falar, que não iria acabar com a bolha de ilusão. —Por favor.

Beijou-a uma vez. Duas vezes. E então começou a se mover novamente. —Sempre, *leelan*. Sempre.

Melhor. Noite. Sempre.

Assim que Wrath se empurrou para fora de sua *shellan* uma hora depois, ele não conseguia respirar, estava sangrando na garganta, e seu pau de Homem de Aço finalmente tinha derretido.

Quer saber da porcaria da resistência? Ele tinha cinco, talvez dez minutos antes do Sr. Feliz estar feliz novamente.

A grande cama no centro do vasto espaço do loft, havia melhorado desde que tinha se vinculado à Beth, e quando ele se estendeu de costas, teve que admitir que fazer sexo ali era muito melhor do que fazê-lo no chão. Dito isto, enquanto se recuperava, seus lençóis eram desnecessários, pois poderia fritar um ovo sobre o peito pelo esforço. Cobertores eram um inferno absoluto. Os travesseiros haviam sumido rapidamente, porque não havia cabeceira da cama, o que era vantagem para se alavancar a partir de qualquer ponto da cama.

Às vezes, ele gostava de colocar um pé no chão e realmente cavar.

Beth deixou escapar um suspiro que era mais longo e mais gratificante do que um soneto de Shakespeare — e já que vamos falar do inferno? O peito de Wrath inflou como um balão de ar quente.

—Eu fiz do jeito que você gosta? — Ele perguntou.



—Deus. Sim.

Mais sorrisos. Parecia como *O Máscara* de novo, nada além de Jim Carrey, Pepsodent⁷ branca por aqui. E ela estava certa: o sexo tinha sido além de fantástico. Ele transou com ela pelo chão até que estivessem na borda do colchão. Então, como o cavalheiro que ele era, ele a colocou na cama... e a teve mais três vezes. Quatro?

Ele podia fazer isso a noite toda.

Certo como um eclipse poderia acabar com a lua, seu relaxamento cósmico desapareceu e levou todo o calor com ele.

Não havia mais “a noite toda” para ele. Não quando algo se interpunha entre ele e sua fêmea.

— Wrath?

—Eu estou bem aqui, *leelan*, — ele murmurou.

Quando ela se virou de lado, ele pode senti-la olhando para ele, e mesmo que sua visão houvesse finalmente acabado com os fantasmas e parado de funcionar totalmente, podia imaginar seu cabelo negro, longo e grosso, seus olhos azuis e seu rosto bonito.

—Você não está.

—Eu estou bem.

Merda, a que horas foi isso? Era mais tarde do que sentia? Provavelmente. Quando ele fazia sexo com a Beth, ele poderia perder muitos dias, puta que pariu.

—É uma coisa atrás da outra, — ela disse em voz baixa.

—Foda-se.

—Não ajudaria se conversasse? Wrath... você pode me dizer onde você está?

Ah, inferno, ela estava certa. Ultimamente ele estava sempre se desligando, se retirando para um lugar em sua mente, onde o caos não poderia chegar até ele — não era uma coisa ruim, mas era uma viagem solo.

—Só não estou pronto para voltar ao trabalho.

—Eu não o culpo. — Ela alcançou sua boca e roçou os lábios contra os dele. —Podemos ficar um pouco mais?

—Yeah. — Mas não tempo suficiente...

Um alarme soou sutil em seu pulso.

—Porra. — Colocando o antebraço em seu rosto, ele balançou a cabeça. — O tempo voa, hein.

E as responsabilidades esperavam por ele. Ele tinha petições para avaliar. Proclamações para redigir. E os e-mails em sua caixa de entrada, aqueles malditos e-mails que saíam da bunda da *glymera* todas as noites... embora, recentemente, estavam minguando — provavelmente um sinal de que aquele bando de malucos estavam conversando entre si. Não eram boas notícias.

Wrath amaldiçoou novamente. —Eu não sei como o meu pai fazia isso. Noite após noite. Ano após ano.

Só para ser morto brutalmente; muito jovem.

⁷ Marca de creme dental. Na verdade a ideia é que o Wrath está “só sorrisos” pelas proezas sexuais com a Beth...



Pelo menos quando o Wrath mais velho estivera em seu trono, as coisas tinham se mantido estáveis: seus súditos os amava e ele os amava. Não havia traidores tramando nos bastidores. O inimigo estava do lado de fora, não no de dentro.

—Eu sinto muito, — Beth disse. —Você tem certeza e que não há algumas coisas que você possa adiar?

Wrath se sentou, colocando seu longo cabelo para trás. Enquanto olhava para frente, não vendo nada, ele queria estar lá fora lutando.

Não era uma opção. Na verdade, a única coisa que poderia fazer, era voltar para Caldie e ficar confinado à uma mesa. Seu destino fora selado a muitos, muitos anos atrás, quando sua mãe entrara em sua necessidade, e seu pai havia feito o que um *hellren* deveria fazer... e contra todas as probabilidades, o herdeiro havia sido concebido e nascido, e, em seguida, nutrido por tempo suficiente para que pudesse ver os dois mortos por *lessers* bem na frente de seus ainda funcionais e pretrans olhos.

As memórias eram claras como cristais.

Não foi até depois de sua mudança, que o defeito ocular havia começado a se manifestar. Mas essa fraqueza era, como o trono, parte de sua obrigação hereditária. A Virgem Escriba tinha um plano de criação prescrita, que havia ampliado as características mais desejáveis em machos e fêmeas e criara castas, como um sistema de hierarquia social. Bom plano, até um certo ponto. Como de costume com a merda da Mãe Natureza, a lei das consequências não intencionais tinha decidido dar um tapa na puta — e foi assim que este Rei com sua linhagem — perfeita — acabou cego.

Frustrado, ele se levantou da cama — e naturalmente pisou num daqueles travesseiros ao invés de no chão. Como o pé saindo de debaixo dele, seu equilíbrio ficou como uma festa de carnaval, tentando se agarrar, mas não sabendo onde ele estava no espaço.

Wrath se chocou contra o chão, a dor explodindo em seu lado esquerdo, mas isso não foi a pior parte. Ele podia ouvir Beth lutando através dos lençóis emaranhados para chegar até ele.

—Não! — ele gritou, se afastando de seu alcance. —Eu consigo.

Enquanto sua voz ricocheteava em torno do espaço aberto do loft, ele queria colocar a cabeça através de uma janela de vidro. —Desculpe, — ele murmurou, puxando o cabelo para trás.

—Está tudo bem.

—Eu não tive a intenção de ser agressivo com você.

—Você tem estado sob um monte de estresse. Isso acontece.

Cristo, era como se estivessem falando dele ter broxado?

Deus, quando ele começou com essa merda de coisa de Rei, ele fizera uma porra de resolução interna e um compromisso de levar a coroa, ser um cara confiável, seguir as pegadas de seu pai, blá, blá, blá. Mas a triste realidade era, esta era uma maratona que iria durar toda a sua vida — e ele estava afrouxando depois de apenas dois anos. Três. O tempo que fosse.

Que diabo de ano foi esse afinal de contas?

Merda, ele sabia que sempre tivera um pavio curto, mas ser mantido no escuro permanente por sua cegueira com nada exceto exigências que não desejava o fazia ferver como um vulcão.



Não, espere, isso era um pouco mais calmo do que onde ele estava — e a questão subjacente era a sua personalidade. A luta era a sua primeira e melhor vocação, não despachar de uma cadeira.

O pai havia sido um homem da caneta, o filho era da espada.

—Wrath?

—Desculpe-me, o quê?

—Eu perguntei se você queria algo para comer antes de ir embora.

Ele imaginou voltar para a mansão, *doggen* em todos os lugares, Irmãos dentro e fora, *shellans* por todos os lados... e se sentiu como se não pudesse respirar. Ele amava todos eles, mas porra, não havia privacidade lá.

—Obrigado, mas eu só vou pegar alguma coisa na minha mesa.

Houve um longo silêncio. — Tudo bem.

Wrath ficou no chão enquanto ela se vestia, o deslocamento suave da calça jeans subindo por aquelas pernas longas e deliciosas, como um canto fúnebre.

—Tudo bem eu vestir sua camiseta? — ela perguntou. — A minha blusa já era.

—Yeah. Lógico.

A tristeza dela cheirava a chuva de outono e tornava o ar frio para ele.

Cara, pensar que haviam pessoas lá fora que queriam ser Rei, o deixava nervoso.

Puto. Louco.

Se não fosse pelo legado de seu pai, e por todos os vampiros que tinham verdadeiramente e profundamente amado seu pai, teria explodido tudo e não olhado para trás. Mas pular fora? Ele não podia fazer isso. Seu pai tinha sido um Rei que entrou nos livros de história, um homem que não tinha apenas comandado com autoridade em virtude do trono em que se sentava, mas que havia inspirado a devoção sincera.

Wrath perdendo a coroa? Ele poderia muito bem ir mijar no túmulo de seu pai.

Quando a palma de sua *shellan* deslizou na sua, ele pulou. —Aqui estão suas roupas, — ela disse, colocando-as em suas mãos. —E estou com seus óculos.

Com um rápido movimento, ele a puxou contra si, segurando-a contra seu corpo nu. Ela era uma fêmea alta, mas, mesmo assim, mal se aproximava de seu peito, e enquanto fechava os olhos, enrolou-se em volta dela.

—Eu quero que você saiba uma coisa, — ele disse em seu cabelo.

Enquanto ela ficava quieta, ele tentou puxar alguma coisa que valesse a pena ouvir de sua bunda. Algumas sequência de palavras que fossem exatamente o que estava dentro de seu peito.

—O que? — ela sussurrou.

—Você é tudo para mim.

Isso era tão incrível, totalmente não suficiente — e ainda assim ela suspirou e derreteu contra ele, como se isso fosse tudo o que quisesse ouvir. E melhor do que tudo.

Às vezes você tem sorte.

E, enquanto continuava a segurá-la, sabia que faria bem em se lembrar disso. Enquanto ele tivesse essa fêmea ao seu lado?



Ele poderia passar por qualquer coisa.

Capítulo 2

Caldwell, New York

— Vida Longa ao Rei!

Enquanto Abalone, filho de Abalone, falava as palavras, ele tentava avaliar a reação dos três homens que haviam batido em sua porta, invadido sua casa e estavam em sua biblioteca, olhando para ele como se o medissem para uma mortalha.

Na verdade, não. Ele percebeu apenas uma expressão — a do guerreiro desfigurado que estava muito atrás dos outros, descansando contra o papel de parede de seda, botas de combate solidamente fincadas no tapete persa.

Os olhos do macho estavam escondidos sob as sobrancelhas espessa, as íris escuras o suficiente, para que não houvesse como dizer de que cor eram, azul, marrom ou verde. O corpo dele era enorme, e mesmo em repouso, era uma ameaça deslavada, uma granada com um pino escorregadio. E a resposta dele ao que havia sido dito?

Nenhuma mudança em suas características, apenas um traço de uma carranca no lábio leporino. Não demonstrava nenhuma emoção.

Mas a mão que segurava um punhal se flexionava, abrindo e fechando.

Claramente, o aristocrata Ichan e o advogado Tyhm, que trouxeram este lutador, haviam mentido. Esta não era uma — conversa sobre o futuro — não, algo assim poderia sugerir que Abalone tinha uma escolha no assunto.

Este era um aviso que atravessava a sua linhagem, uma chamada de “todos a bordo”, e para a qual havia apenas uma resposta.

E, no entanto, mesmo assim, as palavras saíram de sua boca como tinham, e ele não poderia mudá-las.

—Você está certo de sua resposta? — Ichan perguntou com uma sobrancelha arqueada.

Ichan era fruto de sua criação e de seu patrimônio financeiro, refinado ao ponto da feminilidade, apesar de seu sexo, vestido em um terno e gravata coordenados com todos os cabelos no lugar. Ao lado dele, Tyhm, o advogado, era igual só que mais magro, como se a sua considerável capacidade mental houvesse minado sua ingestão calórica.

E ambos, assim como o guerreiro, estavam dispostos a esperar pela resposta que eles estavam lhe dando a chance de mudar.

Os olhos de Abalone se dirigiram para um rolo antigo que havia sido moldado e montado na parede perto das portas duplas. Ele não conseguia ler os caracteres pequenos da antiga língua do outro lado do recinto, mas não havia necessidade de chegar perto. Ele sabia cada um de cor.

—Eu não sabia que havia uma questão colocada para mim, — disse Abalone.



Ichan sorriu falsamente e caminhou ao redor, tocando uma bacia de prata com maçãs vermelhas, a coleção de relógios Cartier de mesa em uma mesa lateral, o busto de bronze de Napoleão sobre a mesa da janela.

—Estamos, naturalmente, interessados em sua posição. — O aristocrata parou na frente de um desenho de pena e tinteiro em um suporte. —Esta é a sua filha, não é?

O peito de Abalone ficou apertado.

—Ela está prestes a ser apresentada, não é? — Ichan o olhou por cima do ombro. —Sim?

Abalone queria empurrar o homem para longe da imagem.

De todas as coisas que eram consideradas —suas, — sua preciosa jovem, a única filha que ele e sua *shellan* tiveram, era a lua em seu céu noturno, a alegria que marcava as horas do agregado familiar, a sua bússola para o futuro. E ele queria tantas coisas para ela — não nos termos da *glymera*, no entanto. Não, ele desejava a ela o que a *mahmen* dela e ele haviam encontrado — pelo menos até que sua fêmea houvesse sido chamada ao Fade.

Ele desejava para sua filha amor duradouro com um macho de valor que iria cuidar dela.

Se ela não fosse autorizada a ser apresentada para a sociedade? Isso nunca poderia acontecer.

—Eu sinto muito, — Ichan falou pausadamente. —Será que você respondeu e eu perdi a resposta?

—Ela deverá ser apresentada em breve, sim.

—Sim. — O aristocrata sorriu novamente. —Eu sei que você se preocupa de forma adequada com os candidatos em potencial. Como também sou um pai, eu estou na mesma situação — com minhas filhas, temos que ter certeza de que elas sejam vinculadas de maneira apropriada.

Abalone não soltou a respiração até que o homem retomou seu andar preguiçoso ao redor da sala. —Você não se sente seguro ao pensar que existem tais demarcações claras dentro da nossa sociedade? As descendências corretas tem resultado em um grupo superior de pessoas, e somos obrigados pelo costume e bom senso a preservar nossas associações com membros como linhagem semelhante a nossa. Você consegue imaginar a sua filha casada com um plebeu?

Essa última palavra permaneceu, transmitindo a pronúncia de um palavrão e a ameaça de uma arma engatilhada.

—Não, você não consegue, — respondeu Ichan para si mesmo.

Na verdade, Abalone não tinha tanta certeza. Se o macho a amasse o suficiente? Mas isso não era o ponto.

Ichan fez uma pausa para olhar sobre as pinturas a óleo que pendiam na frente da vasta coleção da família de primeiras edições. As obras de arte eram, naturalmente, dos antepassados, com a mais proeminente delas fixada sobre grande prateleira da lareira de mármore.

Um homem famoso na história da raça e da linhagem de Abalone. O Nobre Redentor, como era conhecido entre os familiares.

O pai de Abalone.

Ichan acenou com a mão ao redor, incluindo não apenas o ambiente, mas a casa, todo o seu conteúdo, e todas as pessoas sob seu teto. —Isso é digno de conservação, e a única maneira para

que isso aconteça, é que as velhas tradições sejam respeitadas. Os princípios que nós, a *glymera*, procuramos defender são a base do que você espera proporcionar a sua filha — sem eles, quem sabe onde ela poderá acabar.

Abalone fechou os olhos por alguns instantes.

E mesmo assim o aristocrata não assumiu uma voz suave ou gentil. —Esse Rei sobre o qual você agora mesmo falou com tanta reverência — está vinculado à uma mestiça.

Os olhos de Abalone se abriram. Tal como acontecera com todos os membros do Conselho, ele havia sido informado da união real, e que era a extensão da mesma. —Eu pensei que ele estivesse vinculado à Marissa, filha de Wallen.

—Na verdade, não. A cerimônia ocorreu apenas um ano antes dos ataques, e a suposição era que o Rei houvesse mantido a promessa com a irmã de Havers, mas suspeitas surgiram quando Marissa foi posteriormente unida à um irmão. Mais tarde, chegou até nós através de Tyhm — ele acenou para o advogado — que Wrath havia tomado outra fêmea — que *não* é da nossa raça.

Houve uma pausa, como se houvesse sido dada à oportunidade de Abalone se engasgar com a revelação. Quando ele não ficou tonto de choque, Ichan inclinou-se e falou devagar — como se ele fosse um deficiente mental. —Se eles tiverem filhos, o herdeiro do trono seria um quarto humano.

—Ninguém é realmente de sangue puro, — Abalone murmurou.

—É uma pena. Certamente você vai concordar, porém, que há uma enorme diferença entre as relações humanas distantes... e um Rei que é substancialmente daquela raça horrível. Mas mesmo se você não está ofendido — e certamente esse não é o caso — as velhas leis fornecem o código. O Rei deve ser totalmente da raça — e Wrath, filho de Wrath, não poderá providenciar para nós, um herdeiro.

—Assumindo que isso é verdadeiro.

—É.

—O que você espera de mim?

—Estou simplesmente tornando-o consciente da situação. Eu não sou nada mais do que um cidadão preocupado.

Então, por que veio com essa atitude violenta? —Bem, eu agradeço a sua preocupação em me manter informado.

—O Conselho vai ter que tomar uma atitude.

—De que forma?

—Haverá um voto. Em breve.

—Para repudiar quaisquer herdeiros?

—Para remover o Rei. Sua autoridade é tal que ele poderia mudar as leis a qualquer momento, erradicando as possibilidades e enfraquecendo ainda mais a raça. Ele deve ser retirado legalmente o mais rápido possível. — O aristocrata olhou para o retrato da filha de Abalone. —Eu acredito que na sessão especial do Conselho, sua linhagem será bem representada por seu selo, e suas cores.



Abalone olhou para o lutador encostado sua parede. O homem parecia mal respirar, mas ele estava longe de dormir.

Quanto tempo até que a ruína viesse sobre esta casa, se ele não promettesse o seu voto? E qual a forma que isso tomaria?

Ele imaginou a filha de luto pela perda de seu único pai, e abandonada pelo resto de sua vida. Ele mesmo torturado e morto, de alguma forma horrível.

Querida Virgem Escriba, os olhos desse guerreiro se apertavam, e estavam focados como se ele fosse um alvo.

—Longa Vida ao Rei mais adequado, — Ichan disse, —é o mais adequado.

Em seguida, o — cidadão preocupado — se despediu, saiu para fora da sala com o advogado.

O coração de Abalone trovejava enquanto ele foi deixado sozinho com o lutador... e depois de um momento de silêncio, o macho começou a andar e foi até a bacia de prata com as maçãs.

Em voz baixa, com forte sotaque, ele disse: —Estas são para pegar, não são?

Abalone abriu a boca, mas tudo o que surgiu foi um guincho.

—Isso é um sim? — Veio num murmúrio.

—De fato. Sim.

O lutador chegou até seu cinturão e tirou uma adaga, a lâmina de prata que parecia tão longa quanto o braço de um homem adulto. Com um lance rápido, ele virou a arma e a luz refletiu na borda afiada — e com igual segurança, pegou o cabo e esfaqueou uma das maçãs.

Tudo isso sem quebrar o contato visual com Abalone.

Removendo-a da tigela, seus olhos duros foram até o desenho. —Ela é muito bonita. Por enquanto.

Abalone colocou seu corpo de forma defensiva, preparado para sacrificar a si mesmo se chegasse a isso: ele não queria o guerreiro nem mesmo olhando para a imagem, muito menos comentá-la — ou fazer algo pior.

—Até breve, então, — disse o lutador.

Ele saiu com a maçã na posição vertical, empalada no centro.

Quando Abalone ouviu a porta da frente se fechando, ele quase entrou em colapso, caindo sobre o sofá coberto de seda, com os membros flácidos e o coração trovejando. Mesmo com suas mãos tremendo, ele conseguiu tirar um cigarro de uma caixa de cristal e acendê-lo.

Respirando profundamente, ele olhava para a foto de sua filha e conheceu o verdadeiro terror pela primeira vez em sua vida.

—Querida Virgem Escriba...

Houve sinais de agitação pelo menos por um bom ano: boatos e rumores indicando que o Rei estava caindo em desgraça entre certos quadrantes da aristocracia; fofocas que relatavam uma tentativa de assassinato; insinuações de que uma quadrilha havia sido formada e estava se preparando para se mover. E depois houve a reunião do Conselho em que Wrath fora com a Irmandade e se dirigira a todos com uma ameaça deslavada.

Havia sido a primeira vez que as pessoas haviam visto o Rei em... bem, mais tempo do que Abalone conseguia se lembrar. Na verdade, ele não conseguia se lembrar quando alguém tivera

uma audiência com o governante. Houveram muitas proclamações disseminadas, é claro — e decretos que haviam sido progressivos e, na mente de Abalone, muito atrasados.

No entanto, outros não concordaram.

E estavam, obviamente, preparados para forçar as mãos daqueles que não concordassem com eles.

Movendo os olhos para o retrato de seu pai, tentou encontrar alguma bravura dentro de si, uma espécie de alicerce para plantar seus pés em cima e defender o que sabia que estava certo: se Wrath estava vinculada à uma mestiça, qual o problema se ele a amava? Muitas das Leis Antigas que ele estava reformando eram discriminatórias, e se fosse alguma coisa, a escolha da *shellan* do Rei mostrava que ele estava pondo em prática sua modernização.

E, no entanto, havia algo dos velhos costumes no Rei: dois aristocratas haviam sido mortos recentemente. Montrag. Elan. Ambos violentamente e em suas casas. E ambos estavam associados com a dissidência.

Claramente Wrath não ia sentar de braços cruzados enquanto grupos surgiam contra ele. A má notícia é que seus inimigos no tribunal estavam intensificando os riscos, bem como, trazendo a sua própria força bruta.

Abalone enfiou a mão no bolso de seu paletó de smoking e pegou seu iPhone. Clicando num número de seus contatos, ele iniciou uma chamada e ouviu o toque com metade de uma orelha.

Quando uma voz masculina respondeu, ele teve de limpar a garganta. —Eu preciso saber se você foi visitado.

Seu primo não hesitou por um momento. —Sim. Eu fui.

Abalone amaldiçoou. —Eu não quero fazer parte disso.

—Ninguém quer. Mas este ângulo legal deles? — Seu primo respirou fundo. — Sobre o herdeiro? As pessoas estão respondendo.

—Isso não está certo. Wrath está fazendo coisas boas, levando-nos aos caminhos do mundo moderno. Ele aboliu a escravidão de sangue e estabeleceu uma casa para as mulheres abusadas e seus filhos. Ele tem sido justo e até mesmo hábil em suas proclamações.

—Eles vão pegá-lo nisso, Abalone. Eles vão ganhar essa — porque há mais do que suficiente que sentem repulsa por uma rainha mestiça e um herdeiro seriamente diluído. — A voz de seu primo ficou mais baixa. —Não fique do lado errado dessa disputa, meu sangue. Eles estão preparados para fazer tudo o que é necessário para garantir uma votação unânime quando chegar a hora, e a lei é o que é.

—Ele poderia mudá-la. Estou surpreso que ele não a mudou.

—Não há dúvida de que ele tinha alguns assuntos mais urgentes para enfrentar do que alguns livros antigos empoeirados. E, francamente, mesmo que ele reformulasse a cláusula? Eu não sei se teria apoio suficiente para levá-la adiante.

—Ele poderia retaliar contra a aristocracia.

—O que ele vai fazer — matar todos nós? Então o quê?

Quando Abalone finalmente desligou, olhou nos olhos de seu pai. Seu coração lhe disse que a raça estava em boas mãos com Wrath, mesmo que o Rei se isolasse de muitas maneiras. Mas a conversa com seu primo fez muito sentido.

Depois de um longo tempo, ele fez outra chamada que adoeceu seu estômago. Quando foi atendida, ele não se preocupou com qualquer preâmbulo. —Você tem o meu voto, — ele disse asperamente.

Antes que Ichan pudesse elogiar seu bom senso, ele terminou a chamada. E prontamente se arrastou até um cesto de lixo para que ele pudesse vomitar.

A única coisa pior do que não ter um legado a deixar... era não fazer jus ao que lhe foi dado.

Quando Xcor saiu da casa do aristocrata, ele ficou irritado ao descobrir que Ichan, o representante do Conselho, e Tyhm, o advogado, estavam esperando por ele na luz do luar.

—Eu acho que fomos persuasivos o suficiente, — Ichan anunciou.

Tanto orgulho em sua voz altiva, como se o homem já houvesse colocado o seu traseiro flácido no trono.

Xcor olhou de volta para a mansão Tudor. Através das janelas claras do painel, o macho que havia confrontado estava no telefone, fumava um cigarro como se seus pulmões precisassem mais de nicotina do que oxigênio. Então ele fez uma pausa e olhou para alguma coisa. Um momento depois, ombros inclinados na derrota, ele colocou o celular de volta ao ouvido.

O telefone de Ichan tocou e ele sorriu quando o tirou do bolso. —Olá? Que gentileza por ter ligado. — Houve uma pausa. —Eu acho que é sábio de sua parte. —Alô? Alô?

Ichan desligou o aparelho celular, se afastando com um encolher de ombros. —Eu não devo ficar ofendido que ele tenha desligado na minha cara.

E outro que foi derrotado pela lógica.

Xcor agarrou sua maçã roubada e arrancou-a de sua lâmina. Segurando-a com uma mão, ele começou a tirar a casca vermelho-sangue, talhando ao redor até formar uma faixa ondulando debaixo de sua arma.

Ao contrário de sua posição favorável ao assassino, esta nova abordagem legal para uma abdicação forçada estava indo bem. Eles teriam mais meia dúzia de encontros com membros das Primeiras Famílias, e então era hora de fazer isso oficial ao nível do Conselho. Depois disso? Os assassinatos teriam que ser feito — sem dúvida de um ou de todos os aristocratas que estivessem tendo delírios com a coroa.

Facilmente providenciável, no entanto e, em seguida, ele teria o que queria.

—... refeição de nossa escolha?

Quando Ichan e Tyhm olharam para ele, percebeu que havia acabado de ser convidado para sair para comer.

Xcor deixou a pele da maçã cair na neve aos seus pés. Sem dúvida, no interior desse dandy havia motivos pessoais querendo se levantar e aparecer, embora dado quão volúvel o querido



menino era, talvez ele devesse se aventurar sozinho entre os seus malditos demônios e vê-los por si mesmo.

As ameaças eram melhores feitas em vários níveis.

—O campo me aguarda no momento, — Xcor disse enquanto levantava um pedaço do lábio e mostrava suas presas, trazendo a faca à boca, juntamente com o pedaço.

O pedaço que ele mordeu teve seu efeito desejado.

— Sim, bem, é claro, de fato, verdade, — Ichan disse, suas palavras parecendo como uma bailarina que estivesse girando fora de seus sapatos bicudos e cambaleando no fosso da orquestra.

Que fofo.

E então houve uma pausa, como se o adeus devesse ser reembolsado. Quando Xcor apenas levantou uma sobrancelha, os dois se desmaterializaram, como se houvessem emergências em andamento em suas respectivas mansões.

Tão irrelevantes esses peões — ele já acabará com alguns e sem dúvida um ou os dois que haviam acabado de partir iriam encontrar seus túmulos a serviço dele.

Dentro da casa grande, o membro do Conselho que eles visitaram, ainda estava com a cabeça abaixada — mas não por muito tempo. Alguém entrou na sala, e quem quer que fosse, o aristocrata não queria que soubessem de sua preocupação. Ele se recompôs, sorrindo e estendendo os braços. Quando uma fêmea jovem foi até ele, Xcor imaginou que ela fosse a filha.

Ela era linda, era verdade — o desenho tinha sido preciso.

Mas ela era apenas um esboço em comparação à outra.

Espontaneamente, memórias inundaram sua mente, imagens de pele clara e cabelo e olhos que eram capazes de detê-lo em seus passos como uma bala, emaranhando seus pensamentos até que tropeçasse em suas botas, mesmo que ele estivesse em pé.

Não, mesmo jovem e bonita como a filha era, ela era apenas um distante eco de beleza em comparação com a sua inatingível Escolhida.

—Você tem que parar com isso, — ele disse para a brisa da noite fria. — Pare com isso agora.

Um comando muito bom, na verdade — e ainda assim passaram-se vários minutos antes que ele pudesse se acalmar o suficiente para se concentrar e desmaterializar do gramado da frente.

E Xcor estava finalmente no seu elemento num piscar de olhos depois: o beco diante dele era uma axila urbana, a neve suja com as marcas de pneus depois que incontáveis caminhões de entrega e basculantes houverem passado por este trecho, atrás de uma meia dúzia de restaurantes baratos. Apesar das rajadas frias de dezembro, o cheiro de carne estragada e degenerando em matéria verde era o suficiente para fazer o interior do nariz formigar.

Respirando fundo, ele procurou pelo cheiro de doçura doentia do inimigo.

Ele havia nascido deformado e jogado ao mundo, pela fêmea que o havia trazido em seu ventre. Criado no campo de guerra de Bloodletter, ele havia sido afiado como uma lâmina na



fogueira desse sádico pela agressão e pela dor, e qualquer fraqueza fora arrancada dele, até que fosse tão mortal como um punhal.

Esse teatro de combate era o lugar onde ele pertencia.

E ele não estaria sozinho por muito tempo.

Virando a cabeça, ele firmou seu peso em suas coxas. Um grupo de homens humanos apareceu, varrendo o canto, andando juntos. Quando o viram, eles pararam e conversaram entre si.

Xcor revirou os olhos e retomou seu passeio na direção oposta.

—Queporracêáfazendo, — foi a mensagem de alerta.

Se voltando, ele olhou para os cinco. Eles estavam usando algum tipo de tema coordenado de humanos malvados: jaquetas de couro, capas pretas com crânio, bandanas amarradas ao redor dos rostos.

Eles tinham a intenção clara de ir pra cima de alguém.

Não era o tipo de inimigo com o qual ele se preocupava. Por um lado, os seres humanos eram tão inferiores fisicamente, era como morder essa maçã. Em segundo lugar, eles não gostavam de envolver os outros de sua espécie, seja por causa da temida coisa do 911 ou inadvertidamente, causando um ruído que alertasse os transeuntes.

— Queporracêáfazendo!

Se ele ficasse em silêncio, por ventura isso se transformaria em um número de música e dança coordenada? Que assustador.

—Vá para sua noite, — disse ele em voz baixa.

—Vá você — cêéalgumtipodeporraestranha?

Ou algo nesse sentido. Seus sotaques eram difíceis de decifrar — além disso, ele estava desinteressado em fazer muito esforço nessa frente.

Vindo do nada, um carro derrapou em torno desse canto, os pneus perderam a tração enquanto seu motorista batia o pé no freio.

Tiros soaram, ecoando pela noite, espalhando o amontoado de gente, incluindo ele próprio.

Lugar errado, hora errada, Xcor pensou enquanto levava uma bala no ombro, a dor flamejando em sua cabeça — e tornando impossível para ele se desmaterializar.

Ele não queria nada dessa luta boba entre os ratos sem caudas. Mas parecia que ele teria que se envolver.

Ele *não* iria morrer como resultado da bala de um humano.

Capítulo 3

*I-87, A.K.A. Northway*⁸

⁸ Rodovia expressa I-87, também conhecida por Northway.



Oh, aquele cheiro de carro novo.

Uma combinação de carpetes demasiado frescos, óleo de dobradiça ainda viscosos e de cola de superfície recém seca.

Sola Morte amava os lançamentos do departamento automotivo, e era por isso que sempre comprava seu Audi A4s, via leasing. A cada três anos, adquiria um novo — às vezes com mais frequência — se houvesse um programa que a permitisse abandonar o navio um ou dois meses mais cedo.

Então, sim, este era um território familiar... exceto pelo fato de que ela sentia o cheiro do paraíso de dentro do porta malas do sedan onde estava trancada.

Não era o jeito que ela tinha planejado terminar sua noite, mas às vezes o livre arbítrio dava uma pausa quando você precisava dele.

A questão agora é, como sobreviver ao sequestro e voltar para casa.

Dada a sua linha de trabalho como uma assaltante, estava acostumada a improvisar em situações perigosas. Ela não era exatamente como o capaz MacGyver, não era como se pudesse construir uma nove milímetros automática com fita adesiva, um tubo de pasta de dente, doze centavos, e um isqueiro Bic. Mas era inteligente o suficiente para apalpar em volta à procura de uma barra de ferro, um kit de ferramentas... uma lata de refrigerante esquecido. Qualquer coisa que pudesse usar como uma arma.

Quando havia sido raptada de sua casa, não tinha nada exceto o casaco nas costas e uma esperança desesperada de que quem quer que fosse, a tirasse antes que sua avó descesse as escadas e fosse arrastada para tudo isso. O último aconteceu. O primeiro? Más notícias, porque ela não tinha sequer um telefone celular.

E até agora suas explorações ao redor do bagageiro, havia lhe rendido um grande e gordo nada.

Ela também não tinha ideia para onde estava sendo levada. Pelo ronco do material rodante e pela falta de buracos? Eles deveriam estar na rodovia — e por um tempo.

Cara, a cabeça dela doía.

Com que diabos eles a haviam atingido? Um martelo?

Forçando sua coluna para cima, deu um tapinha sob suas costas, pensando que poderia estar deitada no compartimento que continha as peças do pneu — e ferramentas. Ela não sentia todas as emendas no carpete, no entanto. Talvez tivesse que levantar a coisa toda? Merda.

Elevando mais a cabeça, checou as paredes laterais, sentindo a ondulação macia do carpete e o espaço para a roda... então a rede que poderia estar segurando coisas no lugar... uma folha de papel dobrada que poderia ter um mapa, um recibo por algum tipo de compra, uma lista —10 melhores maneiras de torturar um cativo...

Levando os joelhos ao seu peito, virando no espaço apertado, empurrando com suas mãos e seus pés, torcendo a cabeça em um ângulo realmente não muito bom.

—Jeeesus...— ela gemeu quando fez uma pausa para recuperar o fôlego. —Cirque du Soleil *realmente* não é uma opção para uma segunda carreira.

Retomando o alongamento e a torção, ela finalmente conseguiu seu prêmio, a capacidade de verificar o lado oposto.

— Bem, Olá...

Escavando com a ponta dos dedos em uma decisão no carpete, ela seguiu o recorte quadrado até encontrar travas em cada extremidade. Desengatando a tampa do compartimento, ela apalpou o painel livre e encontrou...

Caixa de Ferramentas? Primeiros socorros?

Ganhar na loteria seria aparecer uma pistola Smith & Wesson totalmente carregada?

Enquanto ela se guiava somente pelo toque, tentando decifrar a forma e a sensação do que estava lá dentro, se lembrou do quanto apreciava sua visão.

— Peguei, — ela sussurrou, cravando as unhas na caixa e lutando para deixar a coisa livre

Quando conseguiu, percebeu que havia uma alça na tampa. Idiota.

Sua trava era simples era só apertar, e dentro...

O cilindro era de cerca de vinte centímetros de comprimento e quatro centímetros de largura. De um lado havia uma tampa com uma área áspera em sua parte superior, e lá dentro? Hora da festa.

Este sinalizador era sua única chance.

Apertando a coisa na mão, ela se reorientou para tentar descobrir para onde estava indo — que não fosse uma funerária, é claro. O problema era que ela não tinha ideia de há quanto tempo eles estavam rodando — mas se eles a estavam levando para a casa de Benloise? Logo estariam se aproximando de seu destino. West Point não era tão longe de Caldie.

E isso era obra de Benloise.

Era o troco do contrabandista de drogas, pela sua pequena invasão de domicílio e trabalho de redecação. Que por sua vez tinha sido sua maneira de dizer que ele estava fodido numa questão de pagamento.

E isso tinha envolvido Assail.

Fechando os olhos — mesmo que ela não pudesse ver uma coisa maldita — ela imaginou o homem, do seu cabelo preto brilhante aos seus olhos profundos, com o corpo que deveria ter pertencido a um atleta... ao contrário de um traficante de drogas que iria, provavelmente, assumir toda a costa leste como seu território.

Por uma fração de segundo de insanidade, ela se entreteve com uma fantasia que ele viria atrás dela e a ajudaria a sair dessa bagunça. E sim, isso foi estranho em tantos níveis — um, ela nunca tinha contado com ninguém antes, e dois, toda aquela merda de negócio de oh-grande-homem-me-salve, era o suficiente para fazê-la querer se golpear por princípio.

Mas seu orgulho estava, no presente, numa posição secundária: ela sabia demaaaaais sobre Benloise. Seria um milagre se conseguisse ficar livre, e Assail era a coisa mais próxima disso, que conhecia. Pena que ele não ia sentir falta dela tão cedo. Eles se conheciam apenas porque ela fora paga —parcialmente— por Benloise para espioná-lo. Assail não tinha gostado disso, e virou o jogo sobre ela.

Que levou a... outras coisas.

Sacudindo a cabeça até que a dor fizesse as coisas girarem, lembrou sobre tudo o que havia sido tão importante antes dela cair emboscada em sua própria cozinha: o gato e rato entre deles, a ameaça sedutora que ele emanava, a carga erótica que ela sentia apenas por estar em sua presença.

Tudo isso tinha sido tão importante, porra.

A situação atual requeria que tais dados, no entanto, fossem limpos de sua mente. Agora estava em modo de sobrevivência — e se isso não desse certo, só esperava que sua avó tivesse algum dinheiro para enterrá-la.

Porque ela não estava enganando a si mesma. Benloise não ia lhe dar qualquer tipo de folga só porque havia sido, por um tempo, quase como uma filha para ele em alguns aspectos. Não deveria tê-lo pressionado. Temperamento, temperamento, temperamento, sua raiva tinha sido sua ruína.

Deus, sua avó.

As lágrimas ameaçavam cair, ardendo seus olhos, fazendo-a piscar para evitar que caíssem.

Muitas perdas aconteceram na vida de sua avó. Muitas coisas duras. E esta seria, provavelmente, a pior de todas.

A menos que Sola conseguisse escapar.

Enquanto sentimentos intensos e complicados ameaçavam pular para fora do seu cérebro, ela lutava para contê-los... e a eventual solução para isso foi uma surpresa. Veio com o instinto, mas — da mesma forma, ela pretendia usar o que tinha encontrado na parede do porta-malas.

Colocando sua única arma por baixo de seu quadril, ela cruzou as mãos sobre o coração e inclinou a cabeça em oração, o queixo até o peito.

Abrindo sua boca, ela esperou que as passagens da rotina de sua infância católica ressurgissem em seu cérebro e dissessem à sua língua o que fazer.

E elas falaram. —Ave Maria, cheia de graça...

As palavras formaram uma cadência, num ritmo semelhante ao de seu coração, o ritmo unindo-a com toda uma série de domingos em seu passado distante.

Quando ela terminou, esperou por algum alívio ou força ou... o que quer que você deveria obter a partir deste ritual milenar.

Nada... —Maldição.

Palavras — isto tudo eram apenas palavras.

A frustração a fez chutar a cabeça para trás, batendo-a no lugar errado do compartimento. — Foda-se!

Hora de cair na real, ela disse a si mesma enquanto tentava se esticar e esfregar o local dolorido.

Resultado final? Ninguém viria salvá-la. Como de costume, ela tinha apenas a si mesma para se safar, e se isso não fosse o suficiente para tirá-la da confusão? Então, ela iria morrer de uma forma realmente horrível — e a avó iria sofrer. Mais uma vez.

Vamos falar sobre suas orações? Sola teria dado qualquer coisa para voltar atrás e rebobinar àquela noite, fazer uma pausa no momento em que tinha voltado para casa e não percebera o

sedan estranho estacionado do outro lado da rua. Em seu perfeito e refeito mundo, teria conseguido sacar a arma e colocado um silenciador nela, antes de colocar um pé pela porta da frente. Ela teria os dois mortos, e, em seguida, teria ido lá em cima e diria à avó que iria mudar os móveis de lugar, assim como sua vovó tinha pedido na semana anterior.

Sob o manto da noite, ela teria então levado os dois homens para fora da garagem, recuado o carro, e os colocados em seu porta-malas. Ou... mais com um no banco de trás e outro no porta-malas.

Ir a um lugar remoto. Bye- bye.

Após isso, teria feito as malas de sua avó e elas teriam saído em menos de uma hora — mesmo que fosse no meio da noite.

Sua avó não fazia perguntas. Ela entendia como as coisas eram. Vida dura, mente prática.

Iriam com o nascer do sol, por assim dizer, para nunca mais serem vistas novamente.

Viu? Muito melhor esse filme — e talvez pudesse se tornar realidade novamente, desde que Sola cuidasse do negócio quando os guarda-costas de Benloise pisassem nos freios e, finalmente, a deixassem sair.

Agarrando seu sinalizador, ela começou a se preparar. O ângulo que ela ia tomar. Como chegar a eles.

Apenas masturbação mental, porém, não era — tudo ia depender de fração de segundo cronometrada, que acabaria por ser imprevisível.

Enquanto sua mente relaxava, sua respiração desacelerava e seus sentidos se aguçavam. Esperar não era mais um problema, o tempo deixou de ter qualquer medida. Os pensamentos não eram um problema. Exaustão não existia.

Ela estava agora, em um submundo entre o agora e depois, um lugar onde algo verdadeiramente transformador aconteceu.

Ela via claro como o dia, uma fotografia de sua avó. Ela havia sido tirada no Brasil, quando tinha dezenove anos. Seu rosto estava sem rugas e cheio no melhor sentido, a juventude brilhante de seus olhos, o cabelo solto e fluído, não preso.

Se ela soubesse o que a esperava na idade adulta, ela nunca teria sorrido.

Seu filho morto. Sua filha morta. Seu marido morto. E sua neta, a única que restara?

Não, Sola pensou. Isso tinha que acabar bem. Era a única opção.

Sola não disse nada em voz alta desta vez — não havia frases repetitivas ou palmas entrelaçadas. E ela não tinha certeza se acreditava na sua própria oração, mais do que nas outras que haviam sido ensinadas a ela. Mas por alguma razão, ela se viu frente a Deus seriamente.

Eu prometo, Senhor, que se eu sair dessa, vou deixar essa vida. Vou pegar vovó e sair de Caldwell. Eu nunca, nunca vou colocar em risco a mim mesma, ou roubar outro ou cometer um ato maligno. Este é o meu voto solene com o Senhor, pelo coração pulsante da minha vovó.

—Amém, — ela sussurrou em voz alta.

Iron Mask, Caldwell, New York

— Oh-Deus-oh-Deus-oh-Deus...

Como Trez segurava a estudante universitária loira do chão, ele tinha um bom agarre na parte de trás de suas pernas — mas ele estava tentado a tratá-la como um Hot Pocket⁹. O sexo era adequado — do tipo pizza fria: mesmo se estiver fria, ainda é pizza.

Mas não era nenhuma Bella Napoli da 7th Ave em Manhattan¹⁰.

E essas coisas de Deus estar em todas as pequenas coisas? Zueira total, e não porque ele era religioso na forma humana ou um idiota, ela estava tendo um grande momento, enquanto ele estava pensando em pizza. Seu irritante e sibilante desempenho de canal de vídeo pornô com a cabeça jogada, estava dando em seus nervos.

Fechando os olhos, tentou se concentrar na sensação de seu pau entrando e saindo dela. A mulher tinha grandes peitos falsos que eram tão duros como bolas de basquete, e um estômago que tinha algum balanço, e ele não conseguia decidir o que era pior: o fato de que não estava atraído por ela minimamente; a realidade era que ele a estava fodendo essa merda, no banheiro da frente de seu próprio clube — assim sua equipe iria perceber e comentar; ou a possibilidade, porém escassa, que seu irmão ouvisse sobre isso de alguém.

Merda, iAM. O macho tinha um olhar que deixaria um jogador de futebol em plena interceptação sentindo como se sua bunda estivesse exposta a um vento forte.

Não é o que Trez estava procurando.

—... Deus, oh, Deus, oh, Deus...

Fodafodaporra, se ela só pudesse combiná-lo com um par de Jesus Cristo ou algo assim.

—OHDEUSOHDEUSOHDEUS.

Alcançando entre eles, ele decidiu acabar com seu sofrimento. Acariciando o seu clitóris, ele a fez gozar a tempo de sua ereção se esvaziasse completamente, e cair fora dela.

Colocando-a em pé, ele imediatamente teve que pegá-la, porque seus joelhos se dobraram.

—Ah... Deus... você é incrível... você é...

Uh —huh, obrigado, querida. A única coisa que importava era o tempo que seria necessário para colocar suas roupas de volta. —Você também, querida.

Trez se inclinou para o lado e pegou seu — ela achava que aquela coisa era sutiã ou uma camisa? Ou sua tanga? Ou.

—Oh, eu não preciso de minhas leggings ainda... não é?

Isso eram para as pernas? Ele pensou enquanto erguia a faixa preta. Difícil imaginar que isso cobrisse mais do que uma mão ou talvez um daqueles seios do tamanho de tigela.



⁹

¹⁰ Restaurante italiano em NY.

Quem tinha tirado essas coisas? Não ele, não acreditava, mas não conseguia se lembrar, e não porque ele estava bêbado. Toda essa sessão, assim como os últimos muitos anos de sua vida amorosa, eram não só completa, mas sim, propositadamente, esquecíveis.

Então por que ele insistia nessa merda de novo e de novo.

Certo, não há razão para sintonizar iAM. Seu irmão era mais do que capaz de rodar por aquela retórica. Cada. Único. Fodido. Momento. Que eles estavam juntos.

—Papaizinho, eu te amo, — a menina disse quando agarrava seus bíceps e se pendurava nele, como se ele fosse um pole dance de stripper. —Eu amo isso.

—Eu também.

—Você me ama, certo?

—Sempre. — Ele olhou para a porta e desejou que ele houvesse programado uma batida de ajuda. —Me deixe o seu número, ok? Porque eu tenho que voltar ao trabalho.

Insinuando um beicinho — e não é que isso o fazia querer mostrar suas presas e mastigar o seu caminho para fora da parede do banheiro.

—Nós poderíamos fazer isso de novo, — ela falou lentamente, se levantando na ponta dos pés para tentar se acariciar contra seu pescoço.

Garota, eu mal posso passar por isso uma vez, ele pensou. A repetição não é anatomicamente possível.

—Por favorrrrrrrrrrr, paizinho...— Mais suspiros. Então ela recuou. —Por favor?

Trez abriu a boca, a frustração afiando seu temperamento e sua língua.

Exceto quando ele encontrou os olhos dela, ele viu uma emoção honesta neles e quase recuou. Fale sobre os espelhos... ele sentiu como se estivesse olhando para si mesmo: triste. Oco. Sem raízes.

Ela era uma mulher pela metade.

Ele era um macho pela metade.

Com base nisso, eles pareciam ter se encontrado no Match.com¹¹, dois filhos da puta quebrados, conversando sobre o sexo, tentando se conectar de forma que garantisse que seu isolamento só fosse continuar.

—Por favor...? — ela implorou, como se estivesse se preparando para uma outra perda em uma série delas.

Olhando para ela, ele percebeu que a havia julgado com base em fatores externos, mas como com todos os estranhos, havia uma história por trás de como ela acabou brincando em um banheiro the L-word¹² com um homem que não era um homem.

Inferno, ele não era nem mesmo um vampiro normal.

Trez roçou a bochecha dela com os dedos, e quando ela virou a cabeça em sua mão, ele sussurrou, —Feche os olhos.

¹¹ Site de relacionamentos.

¹² The L Word é um seriado dramático da televisão a cabo dos Estados Unidos, criado por Ilene Chaiken. A série mostra as vidas de um grupo de amigas lésbicas e bissexuais que vivem na cidade de Los Angeles, Califórnia.



A batida foi um evento para acabar com o momento, e considerando o quão alto e direto ao ponto isso foi? Não gostaria que houvesse um segundo.

—Chefe? Temos problemas, — veio uma voz através dos painéis.

A voz de Big Rob. Então era um problema de segurança — e tendo em conta que o cara não tinha ido até Xhex? Ela deveria estar fora por algum motivo... ou, mais provavelmente, ela o enviara até Trez.

Os cílios postiços da loira se levantaram, mas ele não queria isso. —Me dê um minuto, B.R.

—Entendido, chefe.

—Feche os olhos, — ele disse de novo. Assim que a loira concordou, ele se aquietou, o abafado som estrondoso do clube ficou à deriva, o cheiro de seu perfume demasiado pesado diminuiu, a dor no centro do peito... bem, isso ficou bem onde estava, mas todo o resto foi reduzido como se fosse atenuado por um interruptor.

Alcançando a mente dela, fez o que seu irmão havia sugerido: ao contrário de muitas dessas mulheres, teve tempo para apagar as memórias da loira de quando estiveram juntos, a partir da conversa fútil que ela começou no bar, dele tê-la trazido para cá, da experiência religiosa que ela acabara de ter.

iAm estava certo. Se Trez tivesse feito isso depois o tempo todo? Não teria entrado no problema que teve com a outra garota. E ele e seu irmão não acabariam tendo que se mudar para a mansão da Irmandade. E aquela fêmea Selena não o teria encantado ainda mais...

Voltando o foco para a loira, decidiu não parar na rotina do Wite-Out¹³. Em vez de deixar os mais ou menos vinte minutos, como uma zona em branco, deu-lhe a fantasia de que conhecera um cara que era louco por ela e eles tiveram o melhor sexo de suas vidas cinco vezes neste banheiro antes dela decidir que era muito boa para ele.

O que em sua nova mentalidade ia ser algo que ela faria com frequência.

Finalmente, ele inseriu um pensamento que ela deveria se vestir e conferir a maquiagem. E, como um pregador de última hora, acrescentou que ela teria o melhor ano —não, a melhor década— de sua vida.

Trez saiu um momento depois, se movendo rapidamente, camisa arrumada, a máscara de tudo-bem de volta no lugar. Big Rob estava pairando nas sombras, discreto como qualquer cara do tamanho de uma montanha poderia ser.

Se juntando ao rapaz, Trez cruzou os braços sobre o peito e se inclinou contra a parede coberta de pano. Não costuma falar de negócios no próprio clube, mas a música era alta o suficiente, a multidão absorta em meio aos bêbados e aos desesperados, e por último, mas não menos importante, se sentia obrigado a manter um olho na loira. Certificando-se de que ninguém tentasse entrar lá antes que ela saísse.

Além disso, supôs que queria alguma confirmação de que a deixara em um estado melhor do que quando a encontrara.

Pelo menos metade deles poderia ser melhorado.

¹³ Marca de fluido de correção. Igual ao nosso "errorex"; corretivo, "branquinho".

—Então, o que está acontecendo? — Trez esquadrinhou o clube escuro, seu monitoramento tanto uma segunda natureza como uma questão de treinamento: Sombras tendem a ser observadores, mas depois de trabalhar com Rehv e agora ser o chefe desse antro de iniquidade, a merda era sua interface primária.

Big Rob estalou os dedos. —Alex acabou com uma discussão à cerca de uma hora entre dois frequentadores não regulares. Ambos os homens foram expulsos, mas o agressor voltou e está circulando na calçada do lado de fora.

A loira saiu do banheiro, as roupas no lugar onde deveriam estar, maquiagem retocada, o cabelo puxado para trás em vez de estar em todos os lugares — mas mais precisamente, o queixo estava levantado, com os olhos calmos e concentrados — e aquele sorriso secreto nos lábios levando sua aparência mediana para o território atraente.

Enquanto caminhava no meio da multidão, os olhos de Big Rob a seguiam, assim como vários homens. Mas ela não parecia se importar, sua confiança era tudo o que precisava como acompanhante.

Trez esfregou o centro do peito e desejou que pudesse amaldiçoar a si próprio e mudar as coisas rápido assim. Então, novamente, todo o auto aperfeiçoamento no mundo, não ia mudar o fato de que s'Hisbe o queria de volta como um garanhão fértil para o resto de sua vida natural.

—Chefe?

—Me desculpe, o quê?

—Você quer que a gente suma com o cara?

Trez esfregou o rosto. —Eu vou lidar com ele. Como ele é?

—Menino branco, roupas pretas, cabelos Keith Richards.

—Isso reduz um bocado, — Trez murmurou.

—Você vai vê-lo na frente. Ele não está andando em linha reta.

Trez assentiu e cortou pelo meio da multidão, em direção à porta. Em seu caminho, olhou para todas as pessoas, inconscientemente, à procura de sinais de conflito que pudesse mudar a postura de “besteira” para “nocaute pista de boliche”.

Mesmo Góticos poderiam ser garotos de fraternidade, se bombeassem álcool demais neles.

No meio do caminho para a saída, ele pegou um flash de algo metálico à direita, mas quando parou e estendeu os outros sentidos além de seus olhos, não conseguiu encontrar nada. Retomando seu passo, ele abriu caminho para fora de seu clube, acenou para Ivan e para o cara novo que estavam cuidando da entrada, e percorreu a fila de espera, que estava cheia dos suspeitos¹⁴ de costume.

Apesar de não ser o tipo Kevin Spacey, é claro. E era uma pena — ele adorava o cara nesse filme.

Ninguém lá fora se ajustava à descrição feita por BR.

Adivinha quem foi que saiu para um passeio.

¹⁴ Alusão ao fim estrelado por Kevin Spacey, “Os Suspeitos”.

Conforme Trez girou a cabeça de volta para a porta, foi atingido no rosto pelos faróis de um carro esportivo, e a ardência o fez puxar o vampiro e recuar da luz. Piscando para clarear a visão, de alguma forma ele chegou à frente da fila.

—Que porra é essa — ele não estava aqui na fila! Por que você está deixando ele entrar!

Assim que Trez percebeu que era o assunto em discussão, parou e olhou por cima do ombro. O porta-voz com a atitude era um cara vestido com roupa de liquidação, 50 quilos — e não era uma menina. Claramente, o filho da puta sofria de síndrome de terrier¹⁵, seus olhinhos redondos enquanto olhava para Trez, sua caracterização de Stampy McStampy¹⁶, fazendo-o respirar pesado.

Provavelmente havia jogado um monte de World of Warcraft¹⁷ ou o que quer que fosse — e isso o fez esquecer de que, se você estava disposto a ser intolerante e bocudo, é melhor você ser capaz de fazer merda.

Trez se inclinou para o rapaz e lhe deu um momento para absorver o tamanho e a diferença — e quem diria, a boca da cadela fechou e ficou assim.

—Eu sou o dono desse lugar, — Trez disse em voz baixa. —Então a questão é, por que diabos eu deveria deixar você entrar. — Ele olhou para Ivan. —Ele não é bem-vindo aqui. Nunca mais.

Houve alguma discussão sobre esse ponto, mas ele havia acabado. Como um Sombra, estava acostumado a ser discriminado pelos vampiros que não sabiam o que fazer com a sua espécie, e francamente, realmente não se importava com eles, também. Na verdade, havia sido educado para acreditar que os dois não deveriam se misturar — pelo menos até Rehvenge ter chegado e ajudado ele e seu irmão em seu exílio. No começo, ficara desconfiado do cara — até que reconheceu que Rehv era como eles: um forasteiro em um clube fechado de pessoas que não os respeitavam.

Ah, e para o mundo humano? Todos pensavam que era negro e o ligavam às suas próprias associações raciais, boas e más, por isso — mas aí estava a ironia. Ele não era nem —Africano— nem —Americano, — assim nenhuma dessas merdas se aplicava a ele, apesar do fato de que sua pele casualmente ser escura.

Assim eram os humanos para você, apesar de — egocêntricos ao ponto de que eles só viam a si próprios em todas as situações. Enquanto isso, havia outras espécies inteiras caminhando entre eles, e eles não tinha a menor ideia.

Embora... o que foi dito... se algum idiota equivocado tentasse vir com esse papo de merda racial pra cima dele em sua própria porta da frente? Então o idiota poderia ir se foder.

De volta para dentro do clube, as luzes e o ruído o atingiram como uma parede de tijolos e teve que forçar a romper a resistência. Os flashes eram apenas muito brilhantes e o som era pior, ricocheteando em todo o interior do seu crânio até que tudo o que tocava se tornasse uma bagunça incompreensível.

O que diabos o seu pessoal pensou? Quem o tinha chamado em voz tão alto.

¹⁵ Trez faz um trocadilho: o cara é minúsculo, como um cãozinho terrier, mas extremamente irritante.

¹⁶ Personagem lutador de um jogo de vídeo game.

¹⁷ Outro jogo de vídeo game



Ah... merda.

Esfregando os olhos, piscou algumas vezes e... sim, lá estava, no quadrante direito: a formação de linhas irregulares que brilhavam como a luz solar através do vidro soprado.

—Foda-me...

Cortesias da sessão de sexo no banheiro, a loira conseguiu um novo dispositivo de autoajuda — e ele estava prestes a desfrutar de oito a dez horas de vômitos, diarreia e dor lancinante cabeça.

Como todos os sofreadores de enxaqueca faziam, olhou para o relógio. Tinha cerca de vinte minutos antes do início da diversão e dos jogos, e não podia se dar ao luxo de desperdiçá-los.

Andando mais rápido, abriu caminho entre os corpos, acenando para as meninas que trabalhavam e sua equipe de segurança como se tudo estivesse bem. Em seguida, entrou na parte restrita, atrás da casa, em seu escritório pegou sua jaqueta de couro e as chaves e saiu pelo palco à esquerda, para o estacionamento. Sua BMW estava esperando por ele, e quando entrou, puxou o cinto de segurança no peito e pisou fundo, desejando como o inferno que ainda vivesse no Commodore, porque então poderia ter feito um de seus seguranças dirigir.

Agora que se instalara na mansão da Irmandade? Desinteressados motoristas terceirizados, não eram bem vindos.

Claro, poderia chamar o irmão. Mas iAm ofereceria seu tratamento de comentários silenciosos durante o caminho para casa, e não havia necessidade de se submeter a esse ruído intenso: iAM era a única pessoa que ele já havia conhecido que podia fazer o silêncio mais difícil para as orelhas do que um avião a jato decolando.

Conforme seu telefone tocou, ele pensou, merda, precisava ligar e deixar todo mundo no trabalho saber que havia saído.

Pegando o celular, ele olhou e — Ótimo!

Mas não era como se pudesse enviar um o correio de voz para iAM. Passando o dedo pela tela, colocou a coisa ao seu ouvido, mesmo que Nova York fosse um estado que exigisse a utilização do viva voz para usar o celular ao dirigir.

Seu irmão nem sequer lhe deu a chance para —Olá— merda. — Você está tendo uma enxaqueca.

—Você não deveria ser psíquico.

—Eu não sou. Só estava chegando quando você arrancou. Estou bem atrás de você — e só há uma razão para você se ausentar assim à uma da manhã.

Trez olhou pelo retrovisor, e estava bastante orgulhoso de si mesmo, se inclinasse a cabeça de uma certa maneira, poderia realmente ver os faróis.

—Pare.

—Eu estou bem.

—Pare esta porra. Eu vou voltar para buscar o carro uma vez que te deixe em casa.

Trez continuou dirigindo, indo para a Northway, pensando, não, ele podia fazer isso.

Bom plano. Pelo menos até que um carro se aproximou na pista oposta — conforme ficou mais próximo, ele foi cegado completamente e não tinha escolha além de reduzir. Piscando em

consequência, tinha toda a intenção de enviar o pé e continuar, exceto que a realidade se inseriu: estava correndo contra o tempo, e não apenas em termos de enxaqueca.

O s'Hisbe estavam vindo atrás dele para o conflito armado, para que voltasse aos seus territórios, e só Deus sabia qual seria o próximo passo. Assim, o que esta situação não precisava era iAm ver seu irmão morrer bem na frente dele.

Trez já tinha feito tanto dano para o cara.

Um BMW explodindo *não* era bom para seu histórico de caçador.

Desistindo, ele puxou para o lado, pisou no freio, e colocou a testa no seu volante. Mesmo que fechasse os olhos, a aura continuava avançando, se espalhando e se afastando gradualmente para a borda superior. Quando isso desapareceria? Hora da festa — e não de uma forma divertida.

Enquanto esperava iAm parar ao lado dele, pensou que era irônico como fazer a coisa certa, por vezes, o fazia se sentir como um derrotado total.

Capítulo 4

—Ok, o que temos aqui ...?

A pergunta era mais, o que eles não tinham, Beth pensou quando se inclinou sobre um freezer dedicado unicamente a sorvetes.

Acontecia que mulheres grávidas gostavam da coisa doce e gelada. Ok, a Escolhida grávida, Layla, gostava — e Beth havia se entregue ao mesmo tipo de programação, toda noite pelos últimos... quanto tempo tinha sido desde a necessidade da fêmea?

Deus, o tempo voou.

E enquanto ela contava os dias, estava bem consciente que não estava pensando sobre o progresso de Layla. O que estava realmente somando era quantas horas tinha estado marcando ponto naquele quarto, se sentando perto... esperando que por uma vez uma superstição se tornasse realidade.

Ela não estava lá apenas para ser uma companheira de casa legal ou uma amiga que dava apoio.

Não. Embora porque no inferno pensou que ela e Wrath precisavam de um bebê no meio de todo esse drama era um mistério. A Mãe Natureza, no entanto, a estava imprensando em alguma espécie de canto e não havia volta atrás, nenhum sentido nisso, nenhuma explicação para o desejo.

Não que tivesse necessariamente falado com Wrath a respeito disso ultimamente. Como se ele já não tivesse problemas suficientes. Mas caramba, se ela fosse capaz de dar o pontapé inicial em sua necessidade...

Ela apenas queria segurar um pedaço de si mesma e de Wrath — e quanto mais perigosas as coisas se tornavam com o Bando de Bastardos, mais desesperada aquela necessidade se tornava.

De muitas maneiras, essa era a análise mais triste de onde eles se encontravam.

Pelo menos algo dele sobreviveria se o Bando de Bastardos tivesse sucesso na matança.

A onda de dor com o pensamento foi tão grande, que ela caiu contra o freezer e levou um tempo antes que pudesse recuperar o foco na fonte principal de Breyers, Ben & Jerry's, Häagen-Dazs e Klondikes¹⁸.

Muito mais seguro se preocupar com o sabor que tomaria essa noite. Layla sempre tomava de baunilha — era o único que ela conseguia manter no estômago. Mas Beth era bem aberta nisso, e graças ao apetite infame do Rhage, havia, tipo, um zilhão de opções.

Enquanto ela buscava inspiração, o dilema era um pedaço vindo direto de sua infância, um eco contemporâneo dos dias onde podia pegar um de seus dólares ganhos com trabalho duro, andar oitocentos metros para o Mac's Grocery¹⁹, e levar vinte minutos para escolher o mesmo pote de chocolate Hershey's, como ela sempre fazia. Engraçado, ela ainda podia se lembrar de como o lugar cheirava como aqueles cones que o Mac fazia com suas próprias mãos. E aquela caixa registradora, aquele modelo antigo que ainda tinha uma manivela de mão²⁰.

Quando pagava, Mac sempre dava a ela uma colher de plástico vermelha, um guardanapo e um sorriso — junto com seus vinte e seis centavos de troco.

Ele tinha sido super legal com os órfãos que tinham vivido no Nossa Senhora²¹. Então de novo, havia um monte de gente que tinha sido legal com ela e as outras crianças que tinham sido ou desprezadas ou desafortunadas.

—Chocolate com menta, — ela disse, se esticando toda até o fundo.

Quando saiu uma rajada de ar frio, ela parou para absorver o ar gelado. —Oh, sim...

Embora fosse o maldito dezembro, ela se encontrava ansiando pelo frio, sua pele se arrepiando, os poros de sua face se apertando, a parte de dentro de seu nariz zumbindo por causa de toda secura.

Acho que todo aquele sexo ainda a estava excitando.

Fechando seus olhos, ela voltou a Wrath a levando para o chão e arrancando suas roupas. Tão bom. Tão o que eles precisavam.

Embora ela odiasse a maneira como se sentia agora.

Ele estava tão malditamente longe, mesmo embora seu corpo estivesse apenas no andar de cima naquele escritório.

Talvez essa fosse a outra razão de porque queria uma criança.

Se concentre, se concentre. —Baunilha, baunilha... onde está você?

Quando ficou claro que a baunilha estava MIA²², ela teve que se contentar com dois litros de um trio que estava contaminado com morango e chocolate. Nada demais. Com extração cirúrgica

¹⁸ Marcas famosas de sorvete nos EUA.

¹⁹ Armazém ou Mercado do Mac — esse era o nome da loja, não se traduz.



²⁰ Tipo essa.

²¹ O orfanato onde Beth havia crescido.

²² Missing In Action — desaparecido em combate.

apropriada, seria capaz de fazer o trabalho sem ter nenhuma contaminação ofensiva na tigela da Layla.

Saindo da despensa e entrando na cozinha propriamente dita, o doce, mundano cheiro de cebolas e cogumelos refogando misturados com manjeriço e orégano era o paraíso em seu nariz. Mas a ambrosia não era para a Última Refeição e não era um *doggen* cozinhando.

Não. Era iAm — de novo. O que, considerando que ele parecia cozinhar quando estava estressado, sugeria que a vida de outra pessoa estava na merda.

O Sombra e seu irmão eram as mais recentes adições à casa da Irmandade, e como dono e chef principal do ultraconservador restaurante Salvatore's, iAm tinha mais que provado suas costeletas com linguine — embora não se podia dizer que Fritz aprovasse o cara tirando todas aquelas panelas enormes: como sempre, o mordomo estava pairando na periferia, apoplético que um dos convidados da casa estivesse fazendo comida.

— Isso cheira delicioso, — ela disse quando colocou os potes na ilha de granito do tamanho de um deck.

Ela não teve a chance de pegar tigelas e colheres. Fritz se lançou em ação, puxando abertos armários e gavetas — e não teve coragem de dizer a ele para não servi-la.

— Então, o que é dessa vez? — ela perguntou ao Sombra.

— Bolonhesa. — iAm abriu outra garrafa de tempero, e parecia saber a quantidade exata para colocar sem o benefício de uma colher de medida.

Encontrando seus olhos negros amendoados, Beth puxou mais sua gola alta para esconder as marcas de mordida em seu pescoço. Não que parecesse que ele se importasse de qualquer maneira. — Onde está o seu irmão?

— Lá em cima, — veio a resposta abrupta.

Ah. Assunto encerrado. — Bem, acho que vou te ver na Última Refeição?

— Eu tenho uma reunião, mas há cordeiro para o resto de vocês, ou assim eu ouvi.

— Oh, eu pensei que você estava cozinhando para...

— Isto é terapia, — ele disse, batendo a colher de pau na borda da panela para limpá-la. — Essa é a razão pela qual Fritz me deixa usar seu fogão.

Ela baixou a sua voz. — Eu pensei que você tivesse poderes especiais sobre ele.

— acredite em mim, se eu tivesse, eu usaria. — Ele desligou a chama. — Com licença. Eu preciso dar uma olhada no Trez.

— Ele está ferido?

— Você poderia dizer que sim. — Ele deu a ela uma curta inclinação de cabeça, e saiu do recinto. — Até mais tarde.

No seu rastro, o ar pareceu mudar, as moléculas da cozinha com certeza se acalmando, como se o humor sombrio dele as tivesse eletrificado. Esquisito, mas ela gostava dele e de seu irmão: Outro par de assassinos treinados na casa não era uma coisa ruim de modo algum.

— Senhora, eu acredito que tenho tudo que você precisa. — O mordomo a presenteou com os apetrechos necessários para tomar o sorvete Breyer's em uma bandeja de prata. — Para a senhora e para a Escolhida.

—Oh, Fritz, quanta gentileza — mas, na verdade, eu só preciso de uma tigela. Eu vou comer o meu diretamente do pote, por mais brega que isso pareça. Mas eu poderia usar um — obrigado. — Sorriu quando o mordomo entregou uma colher. —Você lê mentes?

O *doggen* corou, seu rosto resistindo em formar um sorriso. —Não, senhora. Ocasionalmente eu me antecipo bem, no entanto.

Abrindo a parte de cima da caixa de três sabores, ela cavou, tomando cuidado para colher apenas o de baunilha. —Deve tentar o tempo todo.

Quando ele corou e abaixou os olhos, ela quis abraçá-lo. Mas a última vez que tinha feito isso, ele quase desmaiou pela impropriedade. *Doggen* viviam com um rigoroso código de comportamento, e embora o seu maior desejo fosse servir bem, eles simplesmente não conseguia lidar com isso, se eles fossem elogiados.

E iAm já tinha estressado o pobre coitado.

—A senhora tem certeza que não posso pegar as porções para a senhora? — o mordomo disse ansiosamente.

—Você sabe que eu gosto de fazer isso sozinha.

—Posso levar a bandeja, então?

—Não, eu levo isso. — Quando ele parecia pronto para implodir, ela terminou de encher a tigela de Layla e a cobriu, —Você se importaria de guardar o sorvete para mim?

—Sim, por favor, senhora. E a colher. Vou cuidar disso.

Enquanto ele fugia como um ladrão de banco com a pilhagem, ela balançou a cabeça, pegou a bandeja e saiu para a sala de jantar. Emergindo no lado mais distante do vestíbulo, ela teve que fazer uma pausa para absorver tudo. Mesmo tendo a visto a área com 3 pavimentos em desnível todas as noites durante os últimos dois anos, o espaço era tão surpreendente que ainda era como entrar em um mundo diferente: desde o piso de mosaico folhado a ouro com cores brilhantes, até o teto tão alto, cheio de murais sobre as colunas de malaquita²³ e mármore, era pura magia.

E pura realeza.

Na verdade, toda a mansão era uma obra de arte, cada espaço da casa um novo sabor de luxo imponente, em um tom diferente definido à perfeição em todos os recintos.

Certamente nunca vivera assim antes que Wrath ter entrado em sua vida — ou esperado viver. Deus Misericordioso, ela conseguia se lembrar quando os dois vieram aqui pela primeira vez. De mãos dadas, eles tinham passado por todas as alas e pisos, das catacumbas do porão, à viga do sótão. Quantos cômodos tinham ali? Ela perdeu a conta quando chegou nos cinquenta.

Loucura, loucura.

E pensar que não havia sido a única coisa que ela tinha herdado de seu pai. Dinheiro... havia muito dinheiro também.

Até o ponto em que, mesmo tendo compartilhado metade de tudo isso com John Matthew depois que ele entrou em suas vidas? Não fizera nem um buraco, apesar de seu meio-irmão levando milhões e milhões.

Totalmente louco.

²³ Pedra Verde.



Atravessando a representação de uma macieira em flor, seguiu para as escadas atapetadas em vermelho-sangue e disparou para o segundo andar. Tendo sido órfã durante toda a sua vida, havia sido um choque descobrir que seu pai a conheceu, observara, providenciara as coisas para ela. Mas depois de tudo o que tinha ouvido, Darius era assim. Nunca fugia a um dever.

Deus, ela desejava tê-lo conhecido.

Especialmente agora.

Quando ela chegou ao topo da escada, ela encontrou as portas para o escritório abertas, e seu macho estava onde ele detestava estar — curvado sobre hectares de papelada feitas em Braille, seus ombros enormes bloqueando a maior parte do trono esculpido no qual ele se sentava, seus talentosos dedos traçando linha por linha, com o cenho franzido em profundidade, por trás daqueles óculos.

Tanto seu macho como George, seu cão de serviço amado, olharam como se tivessem pego o cheiro dela.

—*Leelan*, — Wrath disse em uma expiração.

Com um movimento rápido, o golden retriever saltou de sua posição enrolada no chão, a cauda balançando, o focinho franzido como um sorriso que o fez espirrar.

Ela era a única para quem ele sorria — embora, mesmo tanto quanto ele a amava, ele não saía do lado de Wrath.

Colocando a bandeja de prata com sorvete numa mesa do hall, ela caminhou e acenou para Saxton, que estava em seu lugar habitual em um dos sofás franceses azuis pálidos. —Como estão os homens mais trabalhadores do planeta?

O advogado, especializado nas Leis Antigas, se levantou de sua própria pilha de papéis e fez uma reverência, seu terno sob medida acomodando o movimento com facilidade. —Você está parecendo ótima.

Sim, bem, nada como um ser um pouco adorável.

—Obrigada. — Ela deu a volta na mesa enorme e pegou o rosto de seu marido em suas mãos. —Ei.

—Estou tão feliz que você esteja aqui, — ele respirou — como se houvesse se passado anos desde que um tinha visto o outro.

Se inclinando para beijar sua boca, sabia que ele tinha fechado os olhos, mesmo que ela não pudesse ver por trás das lentes escuras.

E então ela tinha que perguntar pelo cão.

—Como você está, George? — Assim como fez com seu marido, ela deu naquela cara macia de cachorro um beijo suave. —Você está cuidando do nosso Rei?

A bufada e o *tum-tum-tum* de sua cauda batendo na borda do trono era um grande e gordo sim, se ela já tinha ouvido algum.

—Então, no que vocês estão trabalhando? — ela perguntou enquanto Wrath a puxava para seu colo e acariciava suas costas.

Era tão estranho. Antes de o conhecer, ela odiava os melosos e bonitinhos casais com essas coisas de afago. Mas quem diria, os tempos mudaram.

—Apenas petições. — Traduzindo: Merda. Eu prefiro arder em chamas do que lidar com elas.

—E temos mais duas dúzias. — Saxton esticou o braço direito como se tivesse um mau jeito. —E então nós temos as resoluções de conflitos e anúncios de nascimento e de morte.

Wrath deixou cair a cabeça para trás. —Eu fico pensando se há uma maneira melhor de lidar com isso. Odeio transformá-lo em um secretário, Saxton.

O homem deu de ombros sobre o seu bloco de notas. —Eu não me importo com isso. Qualquer coisa para ter o trabalho feito.

—Na mesma nota, qual é o nosso próximo?

Saxton pegou um pedaço de papel de uma pasta grossa. —Certo. Então este gentlemale²⁴ quer assumir outra *shellan*.

Beth revirou os olhos. —O que, como as *Sister Wives*²⁵, na edição vampiro?

—É legal. — Saxton balançou a cabeça. —Embora, francamente, como um macho gay, eu não sei por que alguém iria querer uma, muito menos várias — oh, eu quero dizer, mas para o bem de seu ego, minha rainha. A senhora valeria como uma exceção.

—Cuidado advogado, — Wrath rosnou.

—Brincadeira, — o advogado rebateu.

Beth sorriu para o quão confortável eles se tornaram um com o outro. —Espere, essa coisa de duas esposas, é comum?

Saxton levantou um ombro em um elegante dar de ombros. —Isso costumava ser mais comum quando a população era maior. Agora, nós temos menos de tudo: vinculações, nascimentos, mortes.

Wrath colocou seus lábios por sua orelha. —Você pode ficar e passar minha pausa comigo?

Um rolar de seus quadris sugeriu que o cérebro dele tinha retornado ao território horizontal. Ou vertical — Deus sabia que ele era forte o suficiente para segurá-la no alto pelo tempo que quisesse.

Assim que seu corpo começou a se aquecer... ela pensou no sorvete que tinha deixado no corredor. —Você pode me dar uma hora? Tenho que fazer algo.

Um estrondo fora no patamar do segundo andar fez a cabeça de todos se mover.

—Que porra é essa? — Wrath rosnou.

Naquele beco do centro da cidade, Xcor se agachou e cobriu o ferimento de bala enquanto sons soavam ao redor dele, e o barulho de pneus guinchando anunciavam a chegada de mais membros da gangue.

²⁴ A autora brinca com as palavras “gentleman” (cavalheiro ou homem gentil) e “gentlemale” (macho gentil).

²⁵ *Sister Wives* é um reality show americano na TLC que começou a ser exibido em 2010. O programa documenta a vida de uma família polígama, que inclui o patriarca Kody Brown, suas quatro esposas, e seus 17 filhos.



Cobertura. Precisava de cobertura — *agora*. Estes humanos não se importavam com ele, mas seu tiroteio era pesado como uma chuva torrencial e tão imprevisível e indiscriminado como uma debandada de touros.

Pulando para trás, ele jogou seu corpo contra o edifício, e a dor no seu ombro era pulsante. Sem tempo para pensar sobre isso. Olhando para a esquerda... e para a direita...

A única coisa que viu foi uma porta a cerca de quinze metros de distância, caiu no chão e rolou para longe, sacando sua própria arma no processo. Descarregando dois tiros no mecanismo de bloqueio de aço, chutou forte e mergulhou na escuridão.

O interior ar era fétido... e doce.

Enjoativo. Como a podridão da morte.

Repugnante... como um *lesser*.

Quando se fechou dentro, os tiros continuaram a serem dados, e não ia demorar muito para que as sirenes tocassem lá fora. A pergunta era: quantos mortos, quantos feridos, e se alguém daquele bando de ratos sem cauda encontrasse o seu caminho para cá?

Infelizmente, essas perguntas tolas teriam de ser respondidas depois que descobrisse porque este lugar cheirava a seu inimigo.

Tirando sua penlight²⁶, ele clareou ao redor de onde estava no chão sujo. A cozinha comercial claramente tinha sido abandonada, teias de aranha penduradas no ventilador industrial sobre o fogão e as prateleiras vazias acima das mesas... poeira em todas as superfícies... os detritos de uma evacuação executada às pressas, se espalhavam pelo caminho até a porta.

Ficando em pé, Xcor iluminando ao redor enquanto girava. Baldes vazios virados, que antes haviam guardado porções comerciais de molhos e iogurtes, abarrotavam uma estação de preparo, e potes abertos ainda cheios de mostarda e ketchup, que revelavam conteúdos que haviam ficado sólidos, tinham passado à muito tempo da podridão para um estado de mumificação. Mais adiante, uma linha de bandejas de máquina de lavar louça industrial enferrujadas, com colheres e garfos opacos, com vidros quebrados, esperando por uma máquina de lavar fantasmagórica, para iniciar o processo.

Esmagando os restos de pratos de porcelana branca, ele seguiu o cheiro que tinha chamado a sua atenção.

A Sociedade Lesser era composta de seres humanos recrutados para a guerra contra os vampiros, seres fracos transformados de seus estados lastimáveis pelo Omega — o efeito colateral era um mau cheiro permanente como uma mistura de um veado já morto há dois dias e leite estragado.

Sempre se podia encontrar o inimigo pelo nariz...

O refrigerador de carne da cozinha estava no canto mais distante, sua porta aberta, e seu interior era tão escuro como só Deus sabe o quê.



26



Conforme estendeu a mão para pegar o trinco, seu acabamento branco brilhou na luz da lanterna, e o rangido dele ao ampliar a abertura foi alto o suficiente para fazer as orelhas dele zumbirem. Uma dispersão em alta velocidade de minúsculas patas, sugeria que ratos reais estavam fugindo de sua chegada, e os sentiu passar por cima das suas botas de combate.

O fedor era o suficiente para fazer seus olhos lacrimejarem.

O raio de luz entrou pela primeira vez.

E lá estava.

Suspenso no centro da unidade, pendurado num gancho pela parte de trás do pescoço, um macho humano estava fazendo uma excelente imitação bovina.

Pelo menos, Xcor assumiu que era um macho, a julgar pelas calças e jaqueta de couro. A identificação facial era impossível: Os ratos o estavam comendo de alto abaixo, usando a corrente que o estava mantendo como uma autoestrada, para chegar à sua perfumada refeição.

Portanto, este não era tragicamente seu inimigo, mas um cadáver real.

Que decepção. Ele tinha esperança de algo que concernisse a ele mesmo. Em vez disso, apenas mais humanos.

O som de alguém batendo e tropeçando na escuridão, o fez desligar sua lanterna, seus sentidos estavam em alerta máximo.

Mesmo com o mau cheiro de seu amigo no gancho de carne, o cheiro acobreado de sangue fresco precedia quem quer que fosse. Assim como o grunhido do ferido.

Aiii. Alguém tinha um dodói.

Os tropeções continuaram enquanto sirenes anunciavam a chegada da polícia de Caldwell — mas os sons eram abafados, sugerindo que o recém-chegado à cozinha tinha tido a presença de espírito de se trancar lá dentro.

—Porra!

Seu visitante fez voar alguns desses recipientes plásticos vazios, quando se deparou com o balcão. Depois, houve mais maldições. Um gemido como se ele tivesse se deitado, provavelmente naquele trecho de aço inoxidável. Em seguida, um som ofegante e superficial.

Perdendo a paciência com todo o drama, Xcor saiu do refrigerador. Ao contrário do membro de gangue ferido, ele tinha uma ideia do layout, e conseguia manter o foco sobre o cara, graças a sua audição e uma memória de onde a ilha central estava.

As coisas teriam sido muito mais fáceis se conseguisse ver, no entanto. Além dos benefícios óbvios da orientação, ele não gostava da sensação de imponderabilidade que vinha com a cegueira, nem o fato de que ele tinha que confiar em seus ouvidos e olfato para se orientar. Havia também o fato de que algo poderia estar na frente de seus pés, pronto para fazê-lo tropeçar.

Mas ele se aproximou do ser humano atingido.

—Você não está sozinho, — Xcor falou pausadamente para a escuridão.

—O quê! Oh, Deus! Who²⁷.

²⁷ Não é o pronome, ele está se chamando alguém com o nome improvável de "Who".

—Eu pareço alguém da sua laia? — Ele teve o cuidado de esticar o R um pouco mais do que normalmente faria, apenas no caso de seu sotaque do Antigo Idioma não fosse perfeitamente claro.

Mais respiração. Pesada, muito pesada. Acompanhada pelo cheiro acre do verdadeiro terror.

—Vocês, humanos...— Xcor deu mais alguns passos para a frente, não mais se preocupando em abafar os passos de suas botas. —O problema com vocês é que não têm inimigos verdadeiros. Vocês lutam entre si nos becos das ruas da cidade, ou nas fronteiras dos países, porque não há nada externo para unir vocês. Minha espécie, ao contrário? Temos um inimigo que exige uma certa coesão.

Não o suficiente para impedir suas ambições à coroa, no entanto.

Neste ponto, o ser humano começou a falar desconexamente. Ou talvez fosse uma oração de algum tipo?

Tão fraco. Era deplorável — e explorável como um imperativo moral.

Xcor acendeu a lanterna.

Assim que a luz iluminou, o membro de gangue se afastou, seu corpo ensanguentando limpando uma parte da bancada.

Plasma... tão bom como Windex²⁸, evidentemente.

Com os olhos arregalados e tensos nos limites de suas órbitas, e com a respiração difícil, assobiando ao sair de sua boca, o ex-durão caiu vários pontos conforme dor e medo deixavam suas bravatas em nada além de uma memória.

—Você deveria saber que há outros que caminham entre vocês, — Xcor disse em voz baixa. —Parecidos, mas não o mesmo. E estamos sempre observando.

O homem se encolheu, embora não houvesse muito a fazer. A bancada era um espaço de trabalho para talheres e peneiras, e não um colchão para a bunda de um homem adulto

Mais um pouco e ele ia acabar no chão.

—Quem ... quem é você?

—Talvez um contato visual ao invés de uma descrição seja suficiente.

Mostrando suas presas, Xcor inclinou a lanterna e colocou seu rosto na luz.

O grito foi estridente, e não durou muito. Graças à resposta adrenal²⁹ esmagadora o homem desmaiou, o fedor de urina que subiu sugeriu que ele tinha perdido o controle de suas funções.

Bastante divertido, na verdade.

Xcor se moveu rapidamente, andando com facilidade até a porta, graças à lanterna. Assumindo a posição contra a parede, ele desligou a lanterna e deixou aquele grito chamar a conveniente atenção.

²⁸ Marca de um limpa-vidros.

²⁹ As glândulas adrenais ou suprarrenais, localizadas uma sobre cada rim, são constituídas por dois tecidos secretores bastante distintos. Um deles forma a parte externa da glândula, o córtex, enquanto o outro forma a sua porção mais interna, a medula. A medula adrenal produz dois hormônios principais: a adrenalina (ou epinefrina) e a noradrenalina (ou norepinefrina). Esses dois hormônios são quimicamente semelhantes, produzidos a partir de modificações bioquímicas no aminoácido tirosina. Quando uma pessoa vive uma situação de estresse (susto, situações de grande emoção etc.), o sistema nervoso estimula a medula adrenal a liberar adrenalina no sangue. Sob a ação desse hormônio, os vasos sanguíneos da pele se contraem e a pessoa fica pálida; o sangue passa a se concentrar nos músculos e nos órgãos internos, preparando o organismo para uma resposta vigorosa.



O Departamento de Polícia de Caldwell respondeu com eficiência admirável, uma série de oficiais abriram a porta, suas próprias lanternas penetrando pela densa escuridão.

No instante em que viram o membro de gangue, eles correram para a frente, e isso foi a deixa para Xcor partir.

Assim que ele saiu pela porta, ele ouviu a palavra “*vampiro*” se elevar no meio do caos da conversa — e foi assim que com um sorriso se desmaterializou para longe do caminho da multidão.

No Velho País, ele e seu bando de bastardos haviam mantido as especulações e mitos, se mostrando de tempos em tempos aos indivíduos, e sempre de maneira que se encaixassem às concepções errôneas que os seres humanos tinham da espécie.

Defloradores das virgens. Fontes do mal que dormem em caixões. Monstros da noite.

Tanta idiotice — embora esta última, de fato, dissesse respeito a ele.

E, na verdade, era bom fazer algo semelhante aqui em Caldwell, um pouco como um cachorro que demarca seu território. Agradável também, para dar àquele ser irrelevante naquela cozinha algo para assombrar sua memória durante todos os seus próximos dias na prisão.

Um cara precisava ter algum tipo de diversão onde quer que se encontrasse.

Capítulo 5

Enquanto John Matthew subia a magnífica escadaria da mansão, a última coisa em sua mente era o passado.

Enquanto subia, estava focado em ordem de importância: conseguir sua *shellan* nua antes da Última Refeição; deixá-la nua em seu quarto; eeeeeeeeeeeeeeee ter sua *shellan* nua e embaixo dele em seu quarto, antes da Última Refeição.

Ele estaria ou não completamente vestido? Não era uma grande preocupação, exceto para com o material abaixo da cintura. E se a situação ficasse crítica, ele poderia perfeitamente pular a parte do quarto — desde que onde eles acabassem fornecesse privacidade para ambos.

Então, sim, em seu caminho para o segundo andar, ele estava muito ligado no presente e na presença de Xhex — que, se tudo tivesse corrido bem, teria deixado o Iron Mask cerca de quinze minutos atrás e agora estaria protegida “nua” e “no quarto” o que era parte da preocupação dele.

No entanto, o destino ofereceu uma distração.

Quando ele chegou no patamar superior, as portas duplas para o estúdio de Wrath estavam abertas, e por meio delas, viu um quadro familiar: o Rei sentado atrás de sua mesa ornamentada; a rainha em seu colo; George, o golden retriever, a seus pés; Saxton, ex de Blay e atual advogado de Wrath, sentado ao lado em um sofá. Como de costume, o ambiente de trabalho estava cheio de papelada, e o humor de Wrath estava no modo merda.

Na verdade, essa expressão sombria era parte integrante da sala, assim como o antigo mobiliário francês, que se esforçava para sustentar os irmãos durante as reuniões e as paredes

azuis pálidas que pareciam mais adequadas para o boudoir³⁰ de uma garota chamada Lisette ou Louisa.

Mas o que ele sabia de *Extreme Home Makeover*³¹.

Parando para oferecer aos quatro um aceno, ele pretendia continuar até seu quarto, encontrar sua companheira, tomá-la em uma variedade de posições — e, em seguida, tomar banho e ir para à última refeição do dia.

Em vez disso... pouco antes dele se virar... ele encontrou os olhos de sua meia-irmã, Beth.

No instante em que a conexão foi feita, alguma combinação de neurônios disparou em seu cérebro, e a carga elétrica foi demais para sua placa mãe: sem aviso, ele entrou em queda livre, o seu peso caindo para trás, enquanto um espasmo tomava conta de seus músculos, contraindo-os e, em seguida, ficando totalmente rígidos.

Ele desmaiou antes de bater no chão...

... e quando ele recuperou a consciência, a primeira coisa que registrou foi o ow —ow —ow de sua cabeça e sua bunda.

Piscando lentamente, ele descobriu que pelo menos podia ver, primeiro o teto acima entrando claramente em foco, antes de uma linha de rostos preocupados. Xhex estava bem ao seu lado, sua mão do punhal entre as mãos dela, as sobrelanceiras franzidas como se quisesse entrar na escuridão de seu desmaio e arrastá-lo de volta para ela.

Como meia *symphath*, talvez ela pudesse fazer isso. Talvez fosse esse o motivo pelo qual ele tinha voltado tão rapidamente? Ou tinha perdido a consciência por horas?

Dra. Jane estava ao lado dela, e do seu outro lado estavam Qhuinn e Blay. Wrath estava ao seus pés com Beth.

No momento em que a presença de sua irmã foi registrada, a atividade elétrica começou a subir de novo, e enquanto uma segunda tentativa ameaçava dizer boa-noite, tudo o que ele conseguia pensar era: Porra, isso não acontecia há muito tempo.

Ele tinha achado que essa merda tinha acabado.

Convulsões nunca haviam sido um problema para ele, até que encontrou Beth pela primeira vez — e depois disso houve outros episódios, sempre inesperados, nunca com qualquer tipo de padrão que pudesse discernir. A única boa notícia? Eles não tinham acontecido durante a luta e não tinha posto em perigo sua vida.

Espontaneamente, o corpo dele começou a se levantar do tapete, como se houvesse uma corda amarrada a sua caixa torácica e alguém o estava transportando.

—John? — Xhex disse. —John, se deite.

Algo brotou dentro do peito, uma espécie de emoção que ao mesmo tempo estava fora de seu alcance e totalmente visceral. Procurando por Beth, ele quis que ela tomasse sua mão — e quando ela se agachou e o fez, sua boca começou a se mover, seus lábios e língua tentavam

³⁰ Quarto de vestir em francês.

³¹ Reality show cujo objetivo é reconstruir a casa de uma família dentro de um prazo de 7 dias, adaptando a casa aos moldes dos moradores e realizando o sonho de muita gente. A reconstrução consiste na demolição da casa e na reconstrução desta. O projeto inclui paisagismo, decoração interna e externa e produtos e materiais de alto luxo que são doados por lojas e empresas que apoiam a iniciativa do programa.



encontrar padrões desconhecidos uma e outra vez... mesmo quando nenhum som rompia seu silêncio.

—O que ele está tentando dizer? — Beth exigiu. —Xhex? Blay?

A expressão de Xhex ficou impassível. —Nada. Não é nada.

John franziu a testa e pensou: merda. E ainda assim ele não sabia mais do que Beth sabia, e ele certamente não conseguia parar a comunicação.

—John, seja o que for, está tudo bem. — Sua irmã apertou a mão dele. —Está tudo bem.

Pairando acima de sua *shellan*, o rosto de Wrath estava com uma implacável máscara — como se ele houvesse pego alguma vibração e não gostou.

De repente, John podia sentir sua boca se movendo em um padrão diferente, outras coisas se manifestando agora; embora ele seria um filho da puta se soubesse o que era. Enquanto isso, Beth estava franzindo a testa... assim como Wrath...

E foi isso.

Enquanto seu cérebro começava a entrar em curto novamente, a sua visão se fechou sobre Beth até tudo o que ele viu foi o rosto dela.

Por nenhuma razão, ele sentiu como se não a tivesse visto em um ano ou dois. E as suas características, os grandes olhos azuis, os cílios escuros, o cabelo longo e escuro... ressoaram em seu peito.

Não romanticamente, não.

Isso era algo totalmente diferente — e ainda tão poderoso.

Pena que ele não pode ficar consciente mais tempo para descobrir isso.

—Estamos prontos.

Assim que Assail terminou a sua segunda linha de cocaína, ele se endireitou de sua bancada de granito e olhou para seus primos através da cozinha de sua casa de vidro no rio Hudson, os dois estavam vestidos de preto fosco da cabeça aos pés. Até mesmo suas armas e facas não captavam a luz.

Perfeito para o que ele tinha planejado.

Assail rosqueou o topo da garrafa e a colocou no esconderijo dentro de sua jaqueta de couro preta. —Vamos, então.

Saindo pela porta de trás para a garagem, ele se lembrou de por que os trouxe do Velho Mundo para Caldwell: sempre preparados e nunca questionando.

A este respeito, eles eram exatamente como as automáticas que carregavam em seus corpos ágeis essa noite

—Estamos indo para o sul, — ele ordenou. —Sigam meu sinal.

Os gêmeos acenaram para ele, seus rostos perfeitamente idênticos compostos e sombrios, seus corpos poderosos e preparados para fazer o que fosse necessário em qualquer situação. Na verdade, eles eram os únicos em quem confiava — e até mesmo essa garantia, fundamentada em seu sangue, não era absoluta.

Assim que Assail puxou uma máscara preta sobre o rosto, eles fizeram o mesmo — e então era hora de desmaterializar. Fechando os olhos para se concentrar, ele lamentou pela cocaína. Ele não precisava realmente do zumbido — considerando para onde eles estavam indo, estava empolgado mais do que o suficiente. Ultimamente, no entanto, usar o pó era semelhante a puxar o casaco ou o coldre de uma quarenta debaixo do braço.

Rota.

Concentre-se... foco... foco...

Intenção e vontade se uniram num piscar de olhos mais tarde e sua forma física se fragmentou em uma associação de moléculas. Mirando em seu destino, ele se camuflou numa névoa em direção a ele, sentindo seus primos viajando pelo céu noturno com ele.

No fundo de sua mente reconheceu que esta excursão estava fora de suas características. Como homem de negócios, a vida para ele era planejada com base no ROI³²: tudo o que fazia era baseado no retorno para o investimento feito. Era por isso que estava envolvido no tráfico de drogas. Difícil de ter margens melhores do que a venda de produtos químicos no mercado negro para os seres humanos.

Então, não, ele não era um salvador; ele era o anti- Bom Samaritano. E quando se tratava de vingança? Qualquer uma que ele empunhava era em seu próprio nome, nunca de outro.

Exceções seriam feitas neste caso, apesar de tudo.

Seu destino era uma fazenda em West Point, Nova York, uma venerável antiga casa de pedra, que estava assentada sobre hectares de gramado. Assail estivera na propriedade uma vez antes — quando ele havia seguido uma certa ladra... e a observou não só quebrar um sistema de segurança muito adequado, mas caminhar por toda a mansão sem fazer uma única maldita coisa.

Ela tinha, no entanto, girado uma das esculturas de Degas cerca de três centímetros de sua posição normal.

E as consequências para ela haviam sido terríveis.

As coisas, no entanto, estavam para serem revertidas.

Violentamente.

Assumindo sua forma no menor canto do vasto gramado da frente, ele se camuflou na linha de árvores que estavam na extremidade distante da propriedade. Enquanto os primos se materializaram ao seu lado, se lembrou da primeira viagem até aqui imaginando Sola na neve, sua parca branca se misturando com a neve, enquanto ela esquiava em direção ao seu alvo.

Simplesmente extraordinária. Essa era a única maneira que ele poderia descrever cada coisa sobre a mulher.

Um grunhido de posse se levantou no fundo de sua garganta — mais uma coisa que não era como ele. Raramente se preocupava com nada além de dinheiro... certamente não com as fêmeas, e nunca, nunca com as mulheres humanas.

Mas Sola havia sido diferente desde o momento em que sentiu o cheiro dela, desde que ela invadiu a propriedade dele — e a ideia de que Benloise a levaria? De sua casa? Onde sua avó dormia?

³² Retorno sobre Investimento.



Inaceitável.

Benloise não ia viver depois de ter feito essa escolha.

Assail começou a andar para frente, medindo a paisagem com seus olhos penetrantes. Graças à uma brilhante lua de inverno, estava tão claro quanto a luz do dia ao invés de duas da manhã — tudo, desde a varanda da casa até os contornos dos terraços, e as dependências na parte de trás claramente visível à sua frente.

Nada se movia. Nada no exterior, nem nada passava por nenhuma das janelas escuras da casa.

Se aproximando, ele deu a volta por trás, se familiarizando com a disposição dos terraços e andares. Tão burguês, pensou. Tão estabilizado. Como se não fosse um atacadista de drogas que houvesse adquirido.

Talvez Benloise tivesse orgulho da maneira como ele exercia o seu papel.

—Nós entramos aqui, — Assail disse suavemente, acenando para as janelas de vidro de um alpendre.

Desmaterializando-se através delas, ele voltou à sua forma no interior, de pé, imóvel, enquanto ouvia procurando passos, um grito, uma luta, uma porta se fechando.

Uma luz vermelha brilhando no alto de um canto lhe informou que o sistema de segurança estava ligado — e os detectores de movimento ainda não haviam sido desencadeados pela sua súbita aparição. No instante em que ele se movesse? Todo o inferno ia acontecer.

E era esse o plano.

Primeiro Assail arrancou as câmeras de segurança. Em seguida, ele acionou o alarme, enfiando a mão no bolso e puxou um charuto cubano — em resposta, a luz imediatamente começou a piscar. E enquanto ele girava, gastava o seu tempo acendendo o charuto, esperando qualquer número de pescoços-grossos e braços-fortes viessem correndo.

Quando isso não ocorreu, ele exalou por cima do ombro e avançou, percorrendo todo o primeiro andar, com os primos juntos aos seus calcanhares. Enquanto se movia, jogava as cinzas nos tapetes orientais e nos azulejos de mármore italiano.

Um pequeno cartão de identificação no caso improvável de que eles não se encontrassem com ninguém: considerando a retaliação que o homem pensou ser apropriada pela reorientação de uma estátua, detritos de charuto iriam deixar o bastardo louco.

Quando ele não encontrou nada nas salas comuns da casa, ele se dirigiu para a ala de serviço e descobriu uma cozinha vazia que era moderna e totalmente sem inspiração. Deus, que chatice — a cor cinza e cromo era como a palidez dos idosos, e os móveis esparsos sugeriam que a decoração não era uma prioridade nos espaços que Benloise não frequentava. Mas, indo ao ponto, e como aconteceu com as salas de recepção, não havia cheiro da presença de Sola, nem de pólvora ou sangue fresco. Também não havia pratos em qualquer uma das três pias, e quando ele abriu a geladeira só porque ele podia, ele encontrou seis garrafas verdes de Perrier³³ na prateleira de cima e nada mais.

³³ Marca de água mineral com gás francesa, mundialmente famosa.

Um conjunto de faróis iluminou através das janelas, queimando seu rosto, lançando sombras nítidas entre as pernas de mesa e encostos das cadeiras e bancadas de utensílios de cozinha.

Assail soltou uma baforada de fumaça em forma de cogumelo e sorriu. —Vamos sair e recebê-los em casa.

Exceto que o veículo passou pela casa e se dirigiu para fora da construção — sugerindo que quem quer que fosse, não havia vindo em resposta ao alarme que está sendo destonado.

—Sola...— ele sussurrou enquanto se desmaterializou para o gramado coberto de neve.

Com as emoções voando alto, ele, no entanto, fez questão de desativar as câmeras de monitoramento na parte traseira exterior e, em seguida, ele arrancou sua máscara para que ele pudesse respirar melhor.

O sedan indefinível parou a grade da frente dentro da garagem, e dois homens humanos brancos saíram dos bancos da frente, fecharam as portas e o contornaram.

—Saudações, meus amigos, — Assail anunciou enquanto apontava a arma de calibre 40 para eles.

Ah, vejam só. Eles eram tão bons ouvintes, viraram estátuas enquanto se viravam na direção de sua voz.

Caminhando, Assail se concentrou sobre o homem à direita, sabendo que os gêmeos julgariam corretamente seu foco e se concentrariam no outro. Quando ele fechou a distância, se inclinou e olhou através das janelas do banco de trás, se preparando para ver Sola de alguma forma...

Nada. Não havia ninguém lá, ninguém amarrado e amordaçado, esperneando, ou encolhida em submissão contra o espancamento que certamente viria.

—Abra o porta-malas, — Assail ordenou. Somente um de vocês. Você faz isso.

Enquanto Assail seguira o homem de perto, mantinha a sua arma na parte de trás da cabeça do filho da puta, seu dedo se contorcendo no gatilho, pronto para apertar.

Pop!

A trava do porta malas estava liberada, e a tampa se levantou silenciosamente, luzes internas se acedendo...

Para iluminar duas mochilas. Era isso. Nada além de dois sacos de nylon pretos.

Assail inflou seu charuto. —Porra, onde ela está?

—Onde está quem? — perguntou o homem. —Quem é você?

Em uma onda de puro ódio, sua raiva saltou à frente de sua mente, assumindo e tomando o controle.

O *pop!* de número dois era o som de uma bala deixando a arma de Assail e explodindo direito através do lóbulo frontal do cara. E o impacto enviou uma massa corrida de sangue por toda essas mochilas de nylon, pelo carro, e pela garagem.

—Jesus Cristo! — o outro cara ladrou. —O que?

A raiva, não diluída por qualquer aparência de pensamento racional, fez Assail rugir algum horrível e feio som — enquanto seu gatilho disparava a arma novamente. Por assim dizer.

No *Pop!* número três, o motorista caiu, a bala entrando direta entre as sobrancelhas, o corpo caindo para trás em uma queda livre com se estivesse com narcolepsia³⁴.

Enquanto os braços e as pernas frouxas caíam na neve, a voz seca de Ehric murmurou. — Você percebeu que poderíamos os ter questionado?

Assail mordeu seu charuto, deu uma longa baforada só para não fazer alguma coisa contra a sua própria linhagem, da qual se arrependeria. —Leve as malas e as esconda onde pudermos encontrá-las na propriedade.

Lá embaixo no começo da estrada, um carro saiu da estrada principal e veio vindo numa trajetória furiosa e veloz. —Finalmente, —Assail reclamou. —Eu esperava uma resposta mais rápida.

Os freios foram acionados diante da casa — pelo menos até quem estava ao volante ver Assail, o sedan e os primos. Então os pneus patinaram na neve acumulada, enquanto aceleravam mais uma vez.

—Peguem as mochilas, —ele sussurrou para os gêmeos. —Vão.

Iluminado pelos faróis, Assail abaixou a arma na coxa para que ela se escondesse nas dobras de seu casaco de couro e ordenou ao seu braço para ficar lá. Por mais que isso o enfurecesse ainda mais, Ehric estava certo. Ele havia acabado de assassinar dois informantes.

Outra evidência de que ele estava fora de sua mente em tudo isso. E ele não poderia cometer esse erro atípico novamente.

Enquanto o sedan deslizava até parar, três homens saíram, e, na verdade, eles haviam vindo preparado. Várias armas apontadas em sua direção, e eles estavam firmes: Esses meninos tinham feito isso antes, e, na verdade, ele reconheceu dois deles.

O guarda-costas na frente abaixou a automática. —Assail?

—Onde ela está? — ele exigiu.

—O que?

Na verdade, ele estava ficando tão entediado com essas caras de confusão.

O dedo no gatilho da Assail começou a se contrair novamente. —Seu chefe tem algo que eu quero de volta.

Os olhos afiados do Executor se deslocaram para o primeiro sedan, com o seu porta malas aberto — e dado o levantar das sobrancelhas, parecia que ele percebeu as solas dos sapatos dos seus antecessores sobre o asfalto.

—Nenhum deles pode me dar uma resposta, — Assail falou pausadamente. —Talvez você gostaria de tentar?

Instantaneamente, a arma estava de volta para a posição. —O que diabos é você?

Como se surgissem do ar, os gêmeos fizeram uma aparição e flanquearam o trio — e eles tinham muito mais poder de fogo, o que significava as quatro mãos segurando um quarteto de Smith & Wessons³⁵.

³⁴ Narcolepsia é um distúrbio do sono caracterizado por sonolência excessiva durante o dia, mesmo quando a pessoa dormiu bem à noite.

³⁵ Marca de arma.



Assail manteve a arma onde estava, fora da ação temporariamente. —Eu sugiro que vocês soltem suas armas. Se vocês não fizer isso, eles vão matar vocês.

Houve uma pausa de uma batida de coração — que se mostrou demasiada longa para o gosto de Assail.

Em um piscar de olhos, o braço disparou e *pop!* Ele atirou no guarda mais próximo, colocando uma bala na sua orelha numa trajetória que deixou os outros dois homens ainda em pé.

Enquanto mais um peso morto caía no chão, ele pensou, entenderam? Vocês ainda estão vivos e respirando, mas podem deixar de funcionar.

Assail baixou o braço e lançou outra nuvem de fumaça que foi em direção aos faróis, tingindo a iluminação de azul. Dirigindo-se ao par que permanecia na vertical, ele disse calmamente, —Vou perguntar de novo. Onde ela está?

Muita conversa jogada fora, mas nenhuma delas incluía as palavras *mulher, detida, ou prisioneira*.

—Vocês estão me aborrecendo, — ele disse, erguendo a arma mais uma vez. —Eu sugiro que um de vocês dois cheguem ao ponto agora.

Capítulo 6

—Ele está vivo?

Beth ouviu as palavras saírem de sua boca, mas estava apenas meio consciente de tê-las dito. Era simplesmente muito aterrorizante quando um cara tão forte como John Matthew saía do ar assim — e pior? Ele veio a si por um minuto e meio, tentou dizer algo a ela, e desmaiou novamente.

—Bom, — A Dra. Jane disse enquanto pressionava o estetoscópio no coração dele. — Ok, preciso do meu medidor de pressão arterial.

Blay empurrou a pulseira flexível para dentro das mãos da médica e a mulher trabalhou rápido, enrolando-a ao redor dos bíceps salientes de John e inflando o tubo. Houve um longo assobio que era muito alto, e Beth se inclinou contra seu *hellren* enquanto aguardavam os resultados.

Pareceu durar uma eternidade. Enquanto isso, Xhex estava embalando a cabeça de John em seu colo — e Deus, que lugar duro esse: Alguém que você ama está prostrado, sem a menor ideia do que aconteceria em seguida.

—Um pouco abaixo do normal, — Jane murmurou enquanto soltava o velcro —Mas nada catastrófico.

Os olhos de John começaram a abrir, as pálpebras virando para cima e para baixo.

—John? — Xhex disse asperamente. —Está voltando pra mim?

Aparentemente, ele estava. Ele se voltou à voz de sua companheira e ergueu uma mão trêmula, apertando a palma da mão dela e olhando em seus olhos. Pareceu ter acontecido algum

tipo de troca de energia, e um momento depois, John se sentou. Se levantou. Houve apenas um ligeiro vacilo enquanto o casal se abraçava e permanecia alma com alma por um longo tempo.

Quando seu irmão finalmente se voltou para ela, Beth conseguiu se libertar de Wrath e abraçou o jovem rapaz com ferocidade. —Eu sinto muito.

John se afastou e sinalizou: *Pelo que?*

—Não sei. Só não quero... Não sei.

Quando ela jogou as mãos para cima, ele balançou a cabeça. *Você não fez nada de errado.*
Beth — *sério. Eu estou bem e isso é legal.*

Encontrando seus olhos azuis, ela os examinou como se a resposta para o que acontecera e o que ele estava dizendo pudesse ser lida ali. —O que estava tentando me dizer? — Ela sussurrou em voz alta.

No instante em que ouviu o que disse, ela amaldiçoou. Agora não era a hora. —Desculpe, eu não queria te perguntar isso.

Eu estava dizendo alguma coisa? ele sinalizou.

—Vamos dar algum espaço a ele, — Wrath disse. —Xhex, leve seu homem para o seu quarto.

—Amém a isso. — A fêmea de ombros largos, entrou em cena, passou um braço em volta da cintura de John e marchou com ele pelo corredor de estátuas.

Dra. Jane colocou o equipamento de volta em sua pequena bolsa preta. —É hora de descobrir o que está causando isso.

Wrath amaldiçoou em voz baixa. —Ele tem autorização médica para lutar?

Ela ficou de pé, seus olhos inteligentes se estreitando. —Ele vai me odiar, mas não. Quero fazer uma ressonância magnética nele primeiro. Infelizmente, para isso, teremos que fazer alguns arranjos.

—Como posso ajudar? — Beth perguntou.

—Vou falar com Manny agora. Havers não tem esse tipo de equipamento e nós também não. — A Dra. Jane passou uma mão por seu cabelo loiro curto. —Não tenho a menor ideia de como o levaremos ao St. Francis, mas é lá que temos de ir.

—O que acha que poderia estar errado? — Beth interrompeu.

—Sem ofensa, mas você não quer saber. Agora mesmo, deixe-me começar a puxar alguns cordões.

—Eu vou com ele. — Beth encarava a *shellan* de V. com tanta força, que era uma maravilha ela não fizesse um furo na cabeça da mulher. —Se ele tem que fazer esse exame, eu vou com ele.

—Tudo bem, mas vamos manter a equipe no mínimo absoluto. Vai ser bastante difícil conseguir isso sem carregarmos um exército com a gente.

A companheira de Vishous se virou e correu escada abaixo, e enquanto ia, gradualmente perdia sua forma, o peso do seu corpo e sua presença se dissipando até que ela era uma aparição fantasmagórica se afastando, flutuando pelo tapete.

Fantasmagórica ou sólida, isso não importa, Beth pensou. Preferia ser tratada por essa mulher a por qualquer outra pessoa no planeta.

Oh, Deus... John.

Beth virou-se para Blay e Qhuinn. —Alguns de vocês sabem o que ele estava tentando dizer?

Ambos olharam para Wrath. E então prontamente balançaram a cabeça.

—Mentirosos, — ela murmurou. —Por que não vão me contar.

Wrath começou a massagear seus ombros, como se quisesse acalmar a pequena mulher — e aquilo não sugeria que mesmo se as informações fossem desconhecidas por causa de sua cegueira, ele havia lido as emoções. Ele era assim. Ele sabia alguma coisa.

—Só deixe pra lá, *leelan*.

—*Não* brinque de clube dos meninos comigo, — ela disse, se afastando e olhando para a brigada de pau-e-bolas. —Ele é o meu irmão — e estava tentando falar comigo. Eu mereço estar nessa.

Blay e Qhuinn se ocuparam olhando para o tapete. Para o espelho sobre a mesa lateral ao lado das portas abertas do estúdio. Para suas unhas.

Claramente, estavam esperando que um wormhole³⁶ se abrisse sob suas shitkickers³⁷.

Bem, muito ruim, meninos — vida não era um episódio de *Doctor Who*³⁸. E sabe o quê? A ideia daquele dois — bem como todos os outros homens na casa — sempre se curvarem a Wrath deixou-a ainda mais irritada. Mas além de bater os pés impaciente e parecer totalmente furiosa, não tinha escolha a não ser deixar a luta para mais tarde, quando ela e seu companheiro tivessem um pouco de privacidade.

—*Leelan*.

—Meu sorvete está derretendo, — ela murmurou quando se aproximou e pegou a bandeja. —Faria minha noite se algum de vocês três pudesse me dizer a verdade. Mas não deveria prender meu fôlego por isso, deveria?

À medida que marchava para longe, a sensação de mau agouro que se seguiu não era novidade — desde que Wrath fora baleado, sentia como se algo ruim fosse acontecer a qualquer momento, e caramba, ver seu irmão no tapete só fez aumentar a paranoia.

Não.

Chegando à porta que fora de Blay antes que ele fosse morar com Qhuinn, ela se recompôs.

Não deu certo, mas ela bateu de qualquer maneira. —Layla?

—Entre, — foi a resposta abafada.

³⁶ *Wormhole*: Em física, um buraco de verme ou buraco de minhoca é uma característica topológica hipotética do continuum espaço-tempo, a qual é, em essência, um "atalho" através do espaço e do tempo. Um buraco de verme possui ao menos duas "bocas" conectadas a uma única "garganta" ou "tubo". Se o buraco de verme é transponível, a matéria pode "viajar" de uma boca para outra passando através da garganta.



³⁷ Botas de alta qualidade, confeccionadas em couro, com costuras triplas e rebites reforçados, impermeáveis e resistentes ao óleo, com ponteira de aço.

³⁸ *Doctor Who* — premiada série de ficção científica britânica, produzida e transmitida pela BBC, que mostra as aventuras de um Senhor do Tempo — humanoide alienígena viajante do tempo conhecido apenas como "O Doutor" ("The Doctor").



Equilibrando a bandeja desajeitadamente em seu quadril, era difícil conseguir uma boa pegada na maçaneta.

Payne, a irmã de V, abriu as portas com um sorriso. E rapaz, ela era uma presença impressionante, especialmente em todo aquele couro preto: Ela era a única mulher na escala para lutar no campo com os irmãos — e devia ter acabado de chegar em casa de um turno.

—Boa noite, minha rainha.

—Oh, obrigado. — Beth posicionou sua carga para cima e entrou no quarto lavanda. — Trouxe provisões.

Payne sacudiu a cabeça. —Certamente acho que será necessário. Não consigo imaginar que algo foi deixado em seu estômago — na verdade, acredito que ela pôs fora tudo o que comeu na semana passada, também.

Enquanto os sons de náusea flutuavam fora do banheiro, ambas estremeeceram.

Beth olhou para a tigela de Breyers. —Talvez eu deva voltar mais tarde.

—Não se atreva, — a Escolhida gritou. —Sinto-me ótima!

—Não parece ótima.

—Eu estou com fome! Não se atreva a sair.

Payne encolheu os ombros. —Ela tem uma atitude surpreendente. Venho aqui para me inspirar — apesar de não ter entrado em necessidade, e é por isso que eu preciso sair agora.

Enquanto a irmã de V estremeceu novamente, como se o ciclo das fêmeas e toda aquela coisa de bebês não a interessasse, Beth colocou a bandeja em cima de um gabinete antigo. —Bem, na verdade... isso é o que eu estou esperando.

Expressão chocada de Payne a fez amaldiçoar. —O que eu quero dizer é... um....

Sim, como sair dessa.

—Você e Wrath vão ter um bebê?

—Não, não, não — espere aí. — Ela colocou as palmas para cima, tentou desenvolver um plano de resgate. —Ah....

O abraço de Payne foi rápido como uma rajada e forte como o de um homem, esmagando o fôlego dos pulmões de Beth. —Esta é uma notícia *maravilhosa*.

Beth abriu caminho para fora daquelas barras de ferro. —Na verdade, nós não estamos lá ainda. Eu só estou... olha, não diga Wrath que eu estou aqui, ok?

—Então você quer surpreendê-lo! Que romântico!

—Sim, ele ficará surpreso, tudo bem. — Enquanto Payne lançava a ela um olhar estranho, Beth sacudiu a cabeça. —Olha, para ser honesta, não sei se meu período de necessidade será necessariamente uma boa notícia.

—Um herdeiro para trono poderia realmente ajudá-lo, no entanto. Se você estiver pensando politicamente.

—Não estou e nunca estarei. — Beth colocou a mão em seu estômago e tentou imaginar algo diferente de três refeições e algumas sobremesas dentro dele. —Eu só... realmente quero um bebê, e não tenho certeza que ele está a bordo. Se isso acontecer, embora... bem, talvez seja uma coisa boa.



Na verdade, ele dissera uma vez que não via crianças no futuro deles. Mas isso fora há um tempo e...

Payne deu um aperto rápido em seu ombro. —Estou feliz por você — e espero que funcione. Mas como eu disse, é melhor eu ir, porque se aquela velha superstição for verdade, não quero me encontrar em apuros. — Ela se virou para porta parcialmente fechada do banheiro. —Layla! Estou saindo!

—Obrigado por ter vindo! Beth? Você vai ficar, não é?

—Sim. Pelo tempo que precisar.

Quando Payne saiu, Beth tinha energia demais para ficar sentada, a ideia de que estava escondendo algo de Wrath não caía bem. Em suma, precisavam falar sobre isso, era apenas uma questão de encontrar um bom — momento — para isso.

E toda essa coisa necessidade/criança não era a única coisa que pairava sobre ela. Aquele confronto com Wrath e os meninos ainda ardia. Homens. Ela amava a Irmandade — cada um deles daria sua vida por ela e sempre dariam sua própria carne e sangue no que se referia a Wrath. Mas às vezes essa coisa de um-por-todos e todos-por-um a deixava louca.

Mais ansia. Até o ponto em que Beth estremeceu e colocou seu rosto entre as mãos.

Prepare-se para isso, disse a si mesma. E tudo bem em ter delírios com bonecas e brinquedos de pelúcia, arrulhos e afagos, mas havia um nível básico em serem pais — e estar grávida — com o qual era melhor estar preparada para lidar.

Embora a este ritmo, seu período de necessidade não parecia estar com muita pressa em se mostrar. Estivera aqui todas as noites por quanto tempo? E sim, ela estava se sentindo hormonal — ou pode ser que a vida simplesmente estivesse muito difícil agora.

Sim, porque é exatamente quando você começa a tentar ter um filho.

Devia estar louca.

Sentando na cama e esticando as pernas, pegou o pote de Ben & Jerry e o atacou com sua colher. Cavando na caixa, ela tirou fora os pedaços de chocolate e os segurou entre os molares, não sentindo o gosto de nada em particular.

Nunca fora uma comedora emocional antes, mas ultimamente? Estava mastigando até mesmo quando não estava com fome, e isso estava começando a aparecer.

Nesse momento, ela levantou a camisa e abriu o botão e o zíper da calça jeans.

Se inclinando contra os travesseiros, se perguntou como era possível ir das alturas da paixão e conexão a essa depressão melancólica tão rápido: No momento, estava convencida de que nunca entraria em seu período de necessidade, e muito menos ficaria grávida... e que estava casada com um cara que era um grande estúpido.

Retomando a sua escavação, ela conseguiu desenterrar um pedaço enorme de doce e disse a si mesma para ir com calma. Ou... pelo menos esperar que todo o chocolate fizesse efeito e elevasse seu estado de espírito.

Vivendo melhor com a Ben & Jerry.

Devia ser o slogan da empresa.

Eventualmente, houve o som da descarga de um banheiro seguido por um curso de água corrente. Quando a Escolhida saiu, o rosto de Layla estava branco como a túnica solta que usava — e seu sorriso era tão resplandecente como o sol.

—Me desculpe por isso! — A fêmea disse alegremente. —Como você está?

—Mais importante, como você está.

—Estou fantástica! — Ela disse enquanto ia até o sorvete. —Ah, isso é lindo. Justamente o que eu preciso para acalmar as coisas lá em baixo.

—Tive que tirar todo o morango.

Layla jogou uma mão para cima. Trouxe a outra para boca. Abanou a cabeça.

Em uma respiração sufocada, ela murmurou, —Não posso nem ouvir essa palavra.

Beth agitou as mãos. —Não se preocupe, não se preocupe. Nós nem mesmo temos o Sabor Que Não Se Deve Falar em casa.

—Tenho certeza que é mentira, mas vou aceitar, muitíssimo obrigada.

Quando a Escolhida foi para a cama com sua tigela, ela olhou por cima dela. —Você é tão gentil comigo.

Beth sorriu. —Depois de tudo que passou, isso não parece nem de longe o suficiente.

Quase perder o bebê — então a interrupção do aborto como que por magia. Ninguém realmente sabia o que estava errado ou como isso tinha se resolvido sozinho.

—Beth? Tem alguma coisa te incomodando?

—Não, por quê?

—Você não parece bem.

Beth suspirou e se perguntou se poderia escapar com uma mentira. Provavelmente não.

—Sinto muito. — Ela raspou o interior do pote, cavando até o final do sorvete de menta. — Estou com... a cabeça cheia agora.

—Gostaria de falar sobre isso?

—Só estou sobrecarregada com tudo. — Ela colocou do pote de lado e deixou a cabeça cair para trás. —Sinto que há este peso que paira sobre mim.

—Com Wrath estando onde está, não sei como você atravessa as noites.

Houve uma batida na porta, e quando Layla respondeu, não foi surpresa que Blay e Qhuinn entrassem. Todavia, os dois guerreiros pareciam estranhos, — e não por causa da Escolhida.

Beth se amaldiçoou. —Posso pedir minhas desculpas a vocês dois agora?

Quando Blay atravessou o quarto e se sentou ao lado de Layla, Qhuinn firmou as shitkickers e balançou a cabeça. —Não há nada que você tenha que se desculpar.

—Bem, fui só eu que achei que pulei nas suas gargantas? Vamos lá. — E agora que ela esfriou estava devidamente encorajada pelo chocolate, precisava pedir desculpas a seu marido, — bem como fazê-lo falar. —Não tive a intenção de me portar como uma cadela.

—Tempos duros. — Qhuinn deu de ombros. —E eu não estou interessado em santos.

—Verdade? Você está apaixonado por um, — Layla entrou na conversa.

À medida que Qhuinn olhou para Blay, seus olhos díspares se estreitaram. —Droga certamente que estou, — ele disse suavemente.



Enquanto o ruivo ficava vermelho — claro — aquela conexão entre os dois homens se tornava positivamente tangível.

O amor era uma coisa tão bonita.

Beth esfregou o centro do peito, e teve que redirecionar as coisas antes de começar a desmoronar. —Só queria saber o que John estava dizendo.

O rosto de Qhuinn se fechou. —Fale com seu marido.

—Vou falar. — E havia uma parte dela que queria terminar aqui com a Escolhida e ir diretamente para o escritório de Wrath. Mas então ela pensou em todas as petições em que ele e Saxton estavam trabalhando. Parecia muito egoísta invadir o escritório e interromper o par.

Além disso, ela estava dois centímetros de distância de chorar — e nem mesmo como as lágrimas dos comerciais de telefone. Mais parecido com o que aconteceu com ela no final de *Marley & Eu*.

Fechando os olhos, ela pensou nos últimos dois anos e se lembrou de como fora entre ela e Wrath lá atrás no início. Assustadoramente apaixonados. Coração e alma conectados. Nada além dos dois, mesmo quando estavam no meio da multidão.

Tudo isso ainda estava lá, disse a si mesma. A vida, no entanto, tinha uma forma de nublar as coisas. Agora, se queria ficar com o seu homem, tinha que entrar na fila e isso estava bem — ela entendia de obrigações e estresse. O problema era que, tantas vezes ultimamente, quando finalmente estavam a sós, Wrath tinha aquele olhar em seu rosto.

Um que dizia que ele estava com ela somente no corpo. Não na mente. Talvez não na alma.

Aquela viagem a Manhattan a lembrara de como as coisas foram. Mas foi apenas um período de férias, uma ruptura com a verdadeira natureza de suas vidas.

Colocando as mãos sobre a barriga arredondada, ela desejou que tivesse afrouxado as roupas pela mesma razão de Layla.

Talvez fosse outra peça para toda essa coisa de criança para ela. Talvez estivesse procurando voltar a sentir a conexão visceral que tivera com ele.

—Beth?

Prestando atenção, ela olhou para Layla. —Desculpe, o quê?

—O que você gostaria de ver? — Layla perguntou.

Oh, wow, Blay e Qhuinn saíram. —Hum... Digo que qualquer um que vomitou recentemente escolhe.

—Isso não é muito difícil.

—Você é realmente corajosa, sabia disso?

—Na verdade, não. Mas posso dizer que eu desejo para você a mesma oportunidade de... como se diz, tomar isso?

—Lidar. É lidar com isso.

— Certo. — A Escolhida pegou o controle remoto e colocou o guia de TV a cabo Time Warner na tela do outro lado. — Estou determinada a acertar nessa coisa das palavras. Vamos ver... *Millionaire Matchmaker*³⁹?

— Eu amo Patti.

— Eu também. Você sabe, esse sorvete realmente atingiu a parada.

— O ponto. Você quer mais? Posso ir lá embaixo e...

— Não, vamos ver se permanece estável. — A Escolhida colocou a mão em seu próprio ventre. — Você sabe, eu realmente desejo isso para você e o Rei.

Beth olhou para seu corpo, desejando que ele despertasse e fizesse o que se esperava. — Posso ser sincera?

— Por favor.

— E se eu for estéril? — Assim que deixou escapar as palavras, seu peito queimou com um medo tão profundo, que estava certa que deixaria uma cicatriz.

Layla estendeu a mão. — Não pronuncie essas palavras. Claro que não é.

— Sou uma mestiça, certo? Nunca tive períodos normais, quando eu era... você sabe, antes de passar pela mudança. Poderia passar anos sem ter um, e então quando eu tinha, simplesmente não era certo. — Não havia razão para entrar em detalhes com A Escolhida, mas o que se apresentava a ela como seus períodos era tão leve — nem um pouco como as outras garotas descreviam. — E depois de minha transição, tudo isso parou.

— Bem, não estou muito familiarizada com a forma como os ciclos funcionam aqui, mas é o meu entendimento de que, cinco anos após a mudança você pode esperar seu primeiro período de necessidade. Quanto tempo faz?

— Dois e meio. — Eeeeeeee agora ela se sentia realmente louca. Por que ela deveria se preocupar com alguma coisa que não deveria sequer estar no horizonte por mais três anos? — Antes que diga qualquer coisa, eu sei, eu sei... seria totalmente cedo se eu conseguisse atingi-lo agora. Um milagre. Mas as regras para mestiços são que não há nenhuma, e eu estou esperando... — Ela esfregou os olhos. — Desculpe, eu vou parar. Quanto mais eu digo tudo isso em voz alta, mais eu percebo o quanto sou louca.

— Pelo contrário, entendo perfeitamente onde está. Não se desculpe por querer uma criança ou por fazer tudo o que puder para ter uma. É perfeitamente normal.

Beth não quis abraçar a Escolhida. Era apenas... num minuto ela estava com as costas contra os travesseiros, e no próximo estava abraçando Layla.

— Obrigada, — Beth falou sufocada.

— Querida Virgem no Fade. — Layla respondeu em troca. — Obrigada por quê?

— Precisava saber que outra pessoa me entendia. Às vezes me sinto sozinha.

Layla tomou uma grande respiração. — Eu sei como é isso.

Beth recuou. — Mas Blay e Quinn estão totalmente com você nesta.

³⁹ *The Millionaire Matchmaker* é um reality show americano da Bravo, que estreou em 22 de janeiro de 2008, e é apresentado por Patti Stanger. *The Millionaire Matchmaker segue Patti Stanger, dona do "Clube dos Milionários" serviço de encontros com sede em Beverly Hills, enquanto ela combina pessoas solteiras ricas intimamente compatíveis em encontros.*

Quando o episódio acabou, Beth olhou para o relógio, ainda que a TV piscasse a hora. — Acho que vou ver como o Wrath está. Talvez seja a hora da pausa.

—Ah, sim, e eu estou cansada. Talvez eu vá dormir.

Beth saiu da cama e recolheu a tigela vazia e o pote, devolveu-os à bandeja de Fritz. Perto da porta, ela olhou para trás.

Layla estava sentada contra os travesseiros, os olhos encarando a televisão, como se estivesse hipnotizada. Mas Beth não caiu nessa. A fêmea era uma tagarela, quando o assunto era o programa, propensa à discussão animada a respeito de tudo, desde sobre o que as pessoas estavam usando, a forma como se expressavam até todo o drama que achava chocante.

Neste momento, porém, ela estava parecendo Wrath — aqui, mas não aqui, presente e ausente ao mesmo tempo.

—Durma bem, — Beth disse.

Não houve resposta. E não haveria sono para fêmea.

Beth saiu para o corredor de estátuas... e parou.

Na verdade, não estava indo ver Wrath. Não confiava em si mesma no momento. Estava muito instável e emocional — e não estava totalmente certa de que não poderia trazer essa coisa do bebê a ele no segundo que estivessem sozinhos.

Não, antes de vê-lo, ela precisava de um pouco de equilíbrio.

Era no melhor de seus interesses.

E no de todo mundo.

Capítulo 7

Assail matou seu quarto humano um momento depois que derrubou o número três.

E que a Virgem Escriba o ajudasse, estava louco para liquidar o último do trio que havia chegado com tanto entusiasmo. Queria descarregar uma bala no intestino do homem e vê-lo se contorcer e sofrer na calçada. Queria assistir de perto sua morte e respirar o cheiro de sangue fresco e de dor. Então ele queria chutar o cadáver quando acabou. Talvez atear fogo nele.

Mas Ehcric estava certo. Para quem ele perguntaria, então?

—Prenda-o, — ele ordenou, acenando em direção ao macho humano remanescente.

O irmão de Ehcric estava mais do que feliz em coagi-lo, entrando e esticando um braço ao redor do pescoço grosso. Com uma cruel rotação, inclinou o homem para trás.

Assail se aproximou de sua presa, dando uma tragada em seu cubano e expirando-o na cara do guarda-costas. —Gostaria de ganhar entrada naquela garagem. — Ele apontou para a dependência, pensando se por ventura eles a tinham lá. —Você fará isso acontecer. Ou porque vai fornecer a chave, ou porque meu colega usará sua cabeça como um aríete.

—Eu não sei, porra! Que porra é essa! Foda! — Ou algo nesse sentido. As palavras saíram estranguladas.

Que linguagem tão grosseira. Então, novamente, dado o aspecto Cro-Magnon da testa desse homem, poderia se supor que estava lidando com muito pouco em termos de raciocínio elevado.

Era fácil ignorar todo o balbucio. —Agora, usaremos uma chave ou o controle remoto para abri a garagem ou... alguma parte de sua anatomia?

—Eu não sei, porra!

Bem, eu tenho a resposta para isso, Assail pensou.

Virando o charuto ao redor, ele considerou a ponta alaranjada brilhante por um momento. Em seguida, se aproximou e colocou aquele ponto quente à distância de uma polegada do rosto do homem.

Assail sorriu. —É uma boa coisa que meu sócio o esteja prendendo tão apertado. Um empurrão para o lado errado e...

Ele apertou as brasas na pele do homem. Imediatamente, um grito disparou na noite, liberando um animal do mato, zumbido nos ouvidos de Assail até que arderam.

Assail afastou o charuto. —Devemos tentar uma resposta novamente? Gostaria de usar a chave? Ou outra coisa?

A resposta abafada era ininteligível enquanto no ar, o cheiro de carne queimada era nítido. —Mais oxigênio, — Assail murmurou para seu primo. —Assim, ele pode se comunicar, por favor.

Quando o irmão de Etric cedeu, a resposta do homem explodiu de sua boca. —O controle. No quebra-sol. Do lado do passageiro.

—Ajudaria este homem a recuperá-lo para mim?

O irmão de Etric era tão gentil quanto um martelo na cabeça de um prego, arrastando seu prisioneiro ao redor, sem nenhuma consideração a respeito de onde os contornos do carro estavam — na verdade, parecia que ele estava usando o corpo do homem para testar a integridade estrutural do capô e bloco do motor.

Mas o controle foi obtido e oferecido por uma mão trêmula — e Assail era muito esperto para ele mesmo usar a coisa. Armadilhas eram algo com o qual estava muito familiarizado, e nada melhor do que alguém que não fosse ele fizesse o disparo.

— Faria-me o favor?

O gêmeo de Etric empurrou o homem rumo à garagem, mantendo a arma a poucos centímetros do lado de sua cabeça. Houve sim um monte de esbarrões e quedas, mas tropeços à parte, o guarda-costas conseguiu se manter no caminho.

As mãos do homem tremiam tanto que foram necessárias várias tentativas para acionar o botão correto, mas logo duas das quatro portas estavam abrindo. E o que se viu foram os faróis do sedã piscando na direção deles.

Nada. Apenas um Bentley Flying Spur de um lado e um Rolls-Royce Ghost no outro.

Amaldiçoando, Assail caminhou em direção ao prédio. Sem dúvida, algum tipo de alarme silencioso foi ativado, mas ele não estava muito preocupado com isso. A primeira rodada da cavalaria já tinha chegado. Haveria uma calmaria antes que segunda esquadra viesse.

A construção tinha dois andares, e dadas as suas janelas de folhas térmicas e proporções historicamente inexatas, só se podia supor que fora construída no século atual. E entrando na baía

do lado esquerdo, não estava surpreso de que tudo estivesse impecável, o piso de concreto pintado de cinza pálido, as paredes tão lisas quanto placas de gesso e brancas como papel. Não havia apetrechos para cuidar do gramado, sem cortadores de grama, enxadas, ou ancinhos. Sem dúvida, havia emprego para esse tipo de coisa, e ninguém iria querer esse tipo de equipamento fedorento e sujo em torno de seus bebês automotivos.

Enquanto se movia rapidamente longe da luz direta, o barulho de suas botas desafiando-o agressivamente, os sons ecoando ao redor. Não parece haver um nível inferior. E lá em cima, não havia nada além de um pequeno escritório que era usado para armazenar pneus usados, cobertura para caçambas e outros apetrechos de automóveis.

Voltando ao nível do solo, Assail saiu do lugar em um ritmo rápido. Aproximando-se do guarda-costas, podia sentir suas presas descerem, suas próprias mãos tremiam, sua mente zumbido de uma forma que o fez pensar em carros rugindo na autoestrada. —Onde ela está?

—Onde... está... quem...?

—Dê-me sua faca, Etric. — Quando seu primo desembainhou uma lâmina de aproximadamente dezoito centímetros, Assail pôs sua arma no coldre. —Obrigado.

Aceitando o empréstimo, Assail posicionou-a no ponto certo na garganta do homem, ficando tão próximo que ele podia sentir o cheiro do medo e suor florescendo fora dos poros e sentir o calor da respiração que bombeava da boca aberta.

Claramente, estava fazendo a pergunta errada. —Onde mais Benloise mantém as cativas? — Antes que o homem pudesse falar, ele cortou, —Peço-lhe para ser cuidadoso em sua resposta. Se você mentir? Eu saberei. Mentiras tem um cheiro próprio.

Os olhos do homem giraram ao redor como se estivesse fazendo uma avaliação de suas chances de sobrevivência. —Não sei, eu não sei, eu não.

Assail empurrou a faca até que ela rompeu a superfície da pele e o sangue vermelho jorrou sobre a lâmina. —Essa não é a resposta certa, meu amigo. Agora me diga, onde mais ele leva as pessoas?

—Eu não sei! Eu juro! Eu juro!

Isso continuou por algum tempo, e tragicamente, não havia cheiro de mentira.

—Maldição, — Assail murmurou.

Com um golpe rápido, ele silenciou o imbecil — e o quinto humano inútil caiu no chão.

Virando, ele olhou na direção da casa. Contra o pano de fundo de ângulos de telhado e chaminés, além das árvores esqueléticas no lado mais distante... um brilho suave aparecera no céu oriental⁴⁰.

Um prenúncio de desgraça.

—Precisamos ir, — Etric disse em voz baixa. —Após o anoitecer, retornaremos e encontraremos sua mulher.

Assail não se incomodou em corrigir a escolha de palavras de seu primo. Ele estava muito distraído pelo fato de que o tremor que começara em suas mãos movera-se para cima, uma erva

⁴⁰ Do leste.



daninha se espalhando por todo o seu corpo, até mesmo os músculos da coxa estavam se contraindo.

Levou um momento para identificar a causa, e quando o fez, a maior parte dele rejeitou a definição.

Mas a realidade do fato era que... pela primeira vez em sua vida adulta, estava com medo.

—Onde diabos é esse lugar? A porra do Canadá?

Atrás do volante do Crown Vic⁴¹, Two Tone estava pronto para comer uma bala enquanto a reclamação continuava. Estas cinco horas de carro pelo meio da noite foram bastante ruins, mas o desperdício de pele ao lado dele no banco do passageiro?

Se quisesse fazer um favor ao mundo, ele apontaria a arma *naquela* direção, não na dele.

Haveria tanta satisfação em apagar o motorista filho da puta, mas na organização, o papel do supervisor apenas permitia que fosse até determinado ponto — e o direito de botar um bastardo tagarela no caixão ia pouco além dessa linha.

—Sério, onde diabos estamos?

Two Tone mordeu seus molares. —Estamos quase lá.

Como se o FDP fosse uma criança de cinco anos de idade, a caminho da casa da avó? Jesus Cristo.

Enquanto ele dirigia mais para dentro de algum maldito lugar absolutamente remoto, os faróis do sedã capturavam a distância imediata à frente, com fileiras de pinheiros no acostamento e duas pistas que se curvavam ao redor da base de uma montanha noite adentro. O amanhecer estava chegando, no entanto, uma formidável luz tênue aparecendo ao leste.

Grande notícia de merda. Mais cedo, não mais tarde, eles finalmente sairiam da estrada, e então poderiam lidar com a mercadoria, e conseguir um pouco de maldito descanso.

Apertando os olhos, ele se inclinou para frente. Tinha a sensação de que estavam chegando ao desvio...

Duzentos metros depois, uma estrada de terra sem marcação apareceu para a direita.

Não havia razão para sinalizar a entrada —ou desacelerar. Ele pisou nos freios e cantou pneu, sua carga chacoalhando no porta-malas.

Se ela tivesse caído no sono, agora teria acordado.

A subida era íngreme e as coisas ficaram muito mais lentas: dezembro significava uma porcaria de um monte de neve caída nesse chão tão ao norte.

Só estivera nessa propriedade uma vez antes — e fora para o mesmo fim. O chefe não era alguém que você quisesse irritar, e se o fizesse, isso faria você ser pego e trazido até aqui, onde ninguém jamais o encontraria.



41

Ele não tinha ideia do que aquela mulher fizera para ofendê-lo, mas isso não era problema dele. Seu trabalho era pegá-la, fazê-la desaparecer — e segurá-la até novas instruções.

Ainda assim, ele tinha que saber. O último idiota que entregara no lugar escondido havia desviado quinhentos mil dólares e doze quilos de cocaína. Que porra é essa que ela fizera? E merda, ele esperava que não ficasse aqui por tanto tempo quanto aquele outro trabalho durou.

Ele também ganhara uma lesão no manguito rotador⁴² como cortesia desse trabalho.

O chefe não gosta ele mesmo de torturar. Preferia assistir.

Difícil reclamar junto ao sindicato dos trabalhadores de New York pela merda que fizera com o cara.

Mas, o que seja, Two Tone não se importava com essa parte do trabalho. Ele não era como alguns rapazes, que estavam nessa, e absolutamente não como o grande homem, que não gostava de sujar as mãos de forma alguma. Não, ele estava no meio, bastante feliz de cuidar desse tipo de merda desde que fosse bem pago para isso.

— Quanto ainda falta.

— Outros quatrocentos metros.

— Está um frio da porra aqui em cima.

Ficará mais frio quando você estiver morto, filho da puta.

O chefe contratara esse imbecil cerca de seis meses atrás, e Two Tone fora atribuído a ele algumas de vezes. Ele tinha a esperança de que o merda estúpido fosse demitido do bom e velho jeito, mas até agora, sem sorte.

O bastardo flutuaria lindamente pelo rio Hudson.

Ou num buraco. De fato, seu nome não era Phil?

Fale sobre a inspiração.

Depois de uma última curva na estrada, o local despretensioso foi alcançado: Uma cabana de caça de um único andar — perfeitamente misturada com a paisagem, toda a construção desaparecendo no meio à vegetação coberta de neve e pinheiros macios. Na verdade, o exterior fora deliberadamente construído para parecer desleixado. No interior, porém, era uma fortaleza com um monte de fodidos segredos obscuros.

E o que estava no porta-malas seria adicionado a esse registro.

Nunca ouvira falar de uma mulher que tivesse sido trazida para cá antes. Se perguntava se ela era quente? Impossível obter uma leitura, quando a estavam carregando inerte daquela casa.

Talvez ele pudesse se divertir um pouco enquanto passava o tempo.

— Que diabos de lugar é esse? Parece a porra de um depósito. Será que tem aquecimento?

Two Tone fechou as pálpebras e passou por uma série de fantasias que envolviam derramamento de sangue. Então ele abriu a porta e saiu, alongando os músculos. Homem, ele tinha que mijar.

Caminhando até a porta, ele murmurou, — Tire a coisa do porta-malas, certo.

Não tinha que se preocupar com chaves. A entrada se dava por meio de impressões digitais.

⁴² Grupo de músculos e seus tendões que age para estabilizar o ombro.

À medida que se aproximava, teve que usar uma lanterna para encontrar a entrada pseudo-decrépita. Estava a meio caminho da meta, quando se voltou, algum instinto falando com ele.

—Tenha cuidado abrindo isso, — ele gritou.

—Sim. Tanto faz.— Phil deu a volta no porta-malas. —Que diabos ela pode me fazer?

Two Tone sacudiu a cabeça e murmurou: —Seu funeral. Com alguma sorte, porra.

No segundo em que trava foi liberada, o mundo desabou: Sua prisioneira explodiu fora de lá como se sua bunda fosse de mola — e ela encontrou uma arma. O brilho vermelho de um sinalizador perfurando em meio à escuridão, iluminando o filho da puta, ela dispensava golpes enquanto enterrava a ponta brilhante na cara de idiota do reforço de Two Tone.

O uivo de dor de Phil espantou uma coruja do tamanho de uma criança de dez anos de idade, da árvore que estava justo ao lado de Two Ton e ele foi forçado a se jogar no deck ou perder a sua cabeça.

Mas então ele tinha que ficar de pé novamente.

Aquela mulher decolou em uma corrida mortal — provando, como se aquela merda de sinalizador não o tivesse feito, que ao contrário de Phil, ela não era idiota.

—Filha da puta! — Two Tone disparou atrás dela, seguindo os sons da devastação enquanto ela ia para fora da estrada. Mudando sua lanterna para a mão esquerda, ele se atrapalhou para conseguir pegar a arma.

Não havia como isso dar errado. Nem um pouco.

A cadela era rápida como o inferno, e enquanto se arrastava atrás dela, ele sabia que ela fugiria — e o último telefonema que ele queria fazer para o patrão era, —Oh, hey, eu perdi o seu projeto.

Ele poderia acabar sendo a próxima pessoa levada para dentro da — cabana.

Descarregar sua arma era a única chance que ele tinha. Ha-ha.

Derrapando para parar, ele apoiou numa árvore de vidoeiro, fez a mira, e começou a descarregar o revólver, os tiros ecoando pela madrugada.

Houve uma maldição mais aguda — e então os sons da corrida cessaram. No seu lugar? Um farfalhar concentrado, como se estivesse se contorcendo no chão.

—Fodidamente certo, — ele ofegava enquanto corria para frente.

Se fosse um ferimento mortal, ele estava ferrado quase tanto quanto se ela tivesse escapado.

A lanterna pulava em torno da paisagem quando ele se aproximava, iluminando troncos e galhos, arbustos, e o chão nevado.

E então, lá estava ela. O rosto voltado para os galhos, agarrando um dos joelhos ao peito. Só que ele não caía naquela. Só Deus sabia o que mais ela tinha na manga.

—Levante-se ou atiro em você de novo. — Ele colocou um novo clipe na coronha de sua arma. —Levante-se, porra.

Gemendo. Rolando.

Ele puxou o gatilho e disparou uma bala no chão junto à cabeça. —Levante-se ou a próximo passará pelo crânio.



A mulher se empurrou do chão. Detritos pendurados de suas roupas pretas e casaco, e seu cabelo escuro estava emaranhado. Ele não se incomodou em classificá-la em sua escala mínima. Em primeiro lugar a levaria para o local seguro.

—Mãos pra cima, — ele ordenou, a arma apontada para o peito dela. —Ande.

Ela mancava muito, e ele podia sentir o cheiro do sangue enquanto ia atrás dela. Não mais a perseguindo.

Levou quatro vezes mais tempo para voltar para o carro, e quando o fizeram, ele encontrou Phil ainda no chão imóvel. Respiração ia entrando e saindo de sua boca aberta, no entanto, o chiado sutil parecia sugerir que dor era tudo o que o consumia.

Ao passarem, Two Tone verificou seu rosto. Ah... merda... queimaduras de terceiro grau por toda parte, e um dos olhos não estava voltando. Exceto que o bastardo provavelmente viveria.

Certo?

Caralho. Mas lidaria com isso mais tarde.

Quando os dois chegaram à porta, ele sabia que precisava manter o controle da situação.

Com um movimento rápido, ele agarrou a parte de trás do pescoço dela bateu a cabeça dela nos duros painéis à frente.

Desta vez, quando ela caiu no chão, ele sabia que ela não estaria consciente por um tempo. Mas ele ainda deu a ela a chance de se contrair antes de guardar a arma, apertou o dedo no leitor de impressões digitais, e abriu o caminho para dentro.

Acendendo as luzes, pegou-a pelas axilas e arrastou-a para dentro. Depois de prender os braços juntos, ele a puxou através do concreto rumo à escada... e, em seguida, levou-a para baixo, para dentro do porão.

Havia três celas construídas no nível mais baixo, exatamente como aquelas da TV, com barras de ferro, pisos de concreto e paletes de aço inoxidável como camas. Os banheiros eram funcionais, não pelo conforto do prisioneiro(s), mas pelo nariz sensível do chefe. Sem janelas.

Two Tone não respirou fundo até que ele a colocou na primeira delas e trancou a porta.

Antes subir para confirmar a captura com a base, colocar a lona de camuflagem sobre o Crown Vic e lidar com Phil, ele foi para a cela ao lado e urinou pelo que pareceu uma hora e meia. Zíper para cima, saiu e olhou para a parede manchada em frente a ele.

O par de algemas que pendia dos dois conjuntos de correntes de aço seriam colocadas em uso em breve.

Complicações com Phil à parte, ele quase sentiu pena da cadela.

Capítulo 8



Mais tarde naquela manhã, um uppercut⁴³ veio voando em Wrath da esquerda, e, apesar do som de assovio que soou ao viajar pelo ar, ele não pode responder em tempo: As juntas o pregaram no meio da mandíbula e a rachadura ressoou em seu nariz idiota, com a cabeça virando violentamente, sangue voando para fora de sua boca.

Era *bom* pra caralho.

Depois de mais um pesadelo de sessão de trono com Saxton — mais sete ou dez horas de sua vida que nunca voltariam — subira aos aposentos privados e que dividia com Beth. Sexo era a única coisa em sua mente, a única liberação que salvaria o planeta de seu humor podre.

Sua companheira não estava apenas dormindo, ela estava desmaiada.

Passou cerca de uma hora olhando para o teto antes de chamar Payne e dizer-lhe para se encontrar com ele aqui no ginásio do centro de treinamento.

Como Rhage sempre dissera, sexo ou luta diminuía a queimadura. Sexo estava fora, então lá vamos nós.

Aproveitando a energia do impacto, ele se deixou ir com o impulso e redirecionou-o em um chute que atingiu a lateral de sua adversária, jogando-a fora de equilíbrio e fazendo-a cambalear. Não que isso importasse para a irmã de V, no entanto. Seu pouso foi leve e rápido como o de um gato, e ele sabia que ela tinha planos para ele.

Triangulando a energia no ar, o cheiro da lutadora, e o som de seus pés nus chegando até ele em uma cadência mais alta, ele soube que ela estava se aproximando pela frente agachada. Distribuindo seu peso, ele afundou em suas coxas e adorou a sensação de seus músculos se contraindo e segurando os cento e vinte e dois quilos de seu corpo na posição vertical. Dobrando os cotovelos, ele esperou que ela chegasse ao alcance e, em seguida, deu um soco frontal. Com seus reflexos e a vantagem da visão, ela se esquivou do ataque e se abaixou para se aproximar e o agarrar pela cintura.

Payne não batia como uma menina, fosse com os punhos ou os pés ou seu corpo inteiro. Ela era mais como um SUV⁴⁴, e, tanto quanto suas bolas e saco teriam preferido de outra forma, ela o pegou, mas bom.

Com uma maldição, ele se viu de ponta cabeça e então derrubado de costas como uma putinha. Não ficaria assim, no entanto.

E isso acabou por ser um problema.

Quando ele caiu no ar, ele se lembrou do jeito que ficara fora de combate no loft — e seu gatilho interno disparou: Verdadeira agressividade se liberou — em um piscar de olhos, não se

⁴³ **Uppercut** é um soco utilizado em várias artes marciais como no boxe, kickboxing e muay thai. Este golpe é lançado para cima, com qualquer uma das mãos (apesar de ser mais frequentemente empregue um uppercut da mão de trás). O uppercut viaja no plano vertical, de baixo para cima, junto ao tórax do adversário e entra pela sua guarda em direção ao queixo. Este pode ser um golpe de poder devastador, uma vez que, mesmo que não encontre exatamente o queixo do adversário, tende a erguê-lo para cima, e deste modo proporciona um desequilíbrio momentâneo e aumenta simultaneamente a zona de conexão dos golpes. Tanto o tronco como a cabeça são pode ser os principais alvos deste golpe.

⁴⁴ **Veículo utilitário esportivo** (conhecido como SUV, do inglês: "Sport Utility Vehicle") é um veículo semelhante a uma camioneta, normalmente equipado com tração nas quatro rodas para andar sobre todos os tipos de terreno (on- e off-road). Normalmente, são veículos com capacidade para andar fora de estrada e quase sempre de porte avantajado, frequentemente derivados de caminhonetes.

tratava de formação ou manter suas habilidades ou obter algum exercício. O instinto de guerra se desencadeou entre ele e sua parceira de treino.

Com um grunhido que reverberou por todo o ginásio, ele pegou os braços de Payne em um aperto punitivo e a virou de costas, separando-a dele e jogando-a de cara para o chão no tatame.

Ela era uma mulher sólida, bem musculosa e mortal — mas não era páreo para sua força e tamanho — especialmente porque ele montou nela e serpenteou o braço em volta de seu pescoço. Com a garganta na dobra do cotovelo, ele trancou a mão livre em seu pulso grosso e se recostou no estrangulamento.

Lessers. Inimigos. Mortes trágicas que mudaram o curso da sua vida — e da de outros.

Distância de sua companheira. Frustração sexual. A suspeita de que Beth estava escondendo alguma coisa dele.

Frustração crônica que rapidamente se modificou numa carga de ansiedade que nunca o deixou.

Medo. Desconhecido, bem sepultado e venenoso.

Ódio de si mesmo.

Contra o pano de fundo escuro de sua cegueira, tudo ficou branco, raiva tomando conta quando não tinha para onde ir. E o efeito foi o de dar-lhe muito mais poder do que seus músculos e ossos já tinham: Mesmo quando as pequenas unhas de Payne fincavam seu antebraço e ela lutava como se estivesse em agonia de morte, nada se registrou.

Ele queria matar. E ele o faria.

—Wrath!

Tal como aconteceu com a defesa de Payne, não se importava com quem quer que estivesse gritando seu nome. Estava preso neste caminho de assassinato, todo o sentido do que estava acontecendo perdido para ele.

Alguém veio e começou a sacudi-lo enquanto aquela coisa de ficar gritando seu nome ficou mais alta.

Abaixo dele, Payne estava se rendendo, a luta lentamente deixando seu corpo, aquela quietude eterna exatamente o que a raiva nele queria. Um pouco mais era tudo que seria necessário. Um pouco mais de pressão. Um pouco.

Um ruído alto e repetitivo soou bem à frente de seu rosto. Uma e outra vez, como um tambor, as batidas perfeitamente espaçadas. A única coisa que mudava era o volume.

Aumentou.

Ou talvez estivesse cortando gradualmente por meio de sua fúria.

Wrath franziu o cenho quando a algazarra continuou. Erguendo a cabeça, ele parou de apertar com tanta força por um momento.

George.

Seu amado, e dócil golden retriever estava diretamente em seu rosto, latindo alto como uma espingarda, seguro que se estava exigindo que Wrath parasse e desistisse neste exato momento.

Tudo de uma vez, a realidade do que estava fazendo o inundou.

Que diabos havia de errado com ele?

Wrath soltou, mas não teve a chance de saltar livre. Quem quer que estivesse puxando seus ombros assumiu, arrastando o seu corpo pesado longe da lutadora.

Quando ele caiu de costas sobre o tatame, a náusea e as respirações ofegantes de seu oponente misturado com as maldições de quem mais estava com eles, — bem como um choramingar suave.

—Que *porra* é essa que você está pensando! — Agora a outra pessoa estava em seu rosto. —Você quase a matou!

Colocando as mãos na cabeça, um suor frio floresceu sobre cada centímetro quadrado dele. —Eu não sabia...— ouviu-se dizer. —Eu não tinha ideia.

—Você achou que ela poderia respirar assim! — Era Dra. Jane. Claro — ela estava na clínica e deve ter ouvido os latidos ou...

E iAm estava com eles. Ele podia sentir a sombra, mesmo que o cara, como sempre, não estivesse falando muito.

—Me desculpe — Payne... Sinto muito.

Meu Deus, o que ele fez?

Ele abominava a violência contra as fêmeas. O problema era que quando ele treinava com Payne, não pensava na irmã de V como uma fêmea. Ela era um adversário, nada mais, nada menos — e ele tinha as contusões e até mesmo um osso quebrado ou dois para mostrar que quando se trata dela, nenhuma misericórdia era pedida ou concedida.

—Merda. Payne...— Ele estendeu a mão para o ar vazio, cheirando os restos do seu medo, assim como o perfume que veio com a morte iminente. —Payne.

—Está tudo bem, — a fêmea disse com voz rouca. —Honestamente.

A Dra. Jane murmurou uma série de coisas desagradáveis.

—Isso é entre ele e eu, — Payne respondeu à sua cunhada. —Não é problema seu.

Quando uma rodada de tosse a interrompeu, Jane retrucou: —Quando ele quase estrangula você, com certeza é problema meu!

—Ele me deixaria ir.

—É por isso que você estava ficando azul?

—Não estava.

—O braço dele estava sangrando no tatame. Está me dizendo que as unhas não fizeram isso?

Payne susteve a respiração. —Estávamos lutando, não brincando!

Dra. Jane baixou a voz. —O seu irmão sabe exatamente o quanto isso já foi longe?

Quando Wrath acrescentou sua própria maldição à salada de frutas de palavras com “F”, Payne rosnou, —Você não deve contar a Vishous sobre isso.

—Me dê uma maldita de uma boa razão do porquê, e talvez eu o considere. Caso contrário, ninguém me diz o que eu posso e não posso dizer para o meu próprio marido. Nem você, nem ele.

Wrath tinha certeza que ela estava lançando um olhar em sua direção.

—E certamente *nunca* sobre a porra de uma questão de segurança de um membro da sua família!



O silêncio que se seguiu foi marcado pelo aumento da agressividade. E então Payne latiu, — Quantos ossos você consertou no Rei? Quantos pontos? Na semana passada, você achou que eu tivesse deslocado o ombro dele — e em nenhum momento você sentiu a necessidade de correr para a sua *shellan* e contar. Sentiu. *Sentiu?*

— Isto é diferente.

— Porque sou fêmea? Me desculpe — talvez você gostasse de olhar nos meus olhos quando você usa esse padrão duplo, Dra.?

Cristo, era como se o seu estado de espírito tivesse infectado as duas. Então, novamente, suas ações começaram tudo isso. Foda...

Esfregando o rosto, as ouvia ir e voltar. — Ela está certa.

Isso as fez calar a boca.

— Eu não ia parar. — Ele se levantou. — Então eu contarei a V e nunca mais faremos isso de novo.

— Não se *atreva*, — a lutadora cuspiu antes de cair em outra sequência de tosse. Assim que se recuperou, voltou a estar em seu rosto. — Você não ouse me desrespeitar porra — vim aqui para brigar com você para manter minhas próprias habilidades em dia. Se você se aproveitou de uma fraqueza, a culpa é *minha*, não sua.

— Então, você acha que eu só estava sendo duro com você? — Perguntou severamente.

— Claro. E eu não havia desistido ainda.

— Você acha que por um segundo que teria me superado.

A fissura do medo carregava as moléculas ao redor da fêmea.

— E é por isso que nunca farei isso novamente. — Ele se virou na direção da Dra. Jane. — Mas ela também está certa. Este não é o seu negócio, por isso, fique de fora.

— O inferno que eu vou ficar.

— Não é um pedido, Jane. É uma ordem. E eu verei V, assim que sair do chuveiro.

— Você pode ser um verdadeiro pé-no-saco, sabia disso, Sua Alteza.

— E um assassino. Não se esqueça disso.

E caminhou na direção da porta, sem se preocupar em levar alça guia de George. Quando sua trajetória vacilou, o cão corrigiu-o para que ficasse no caminho e o dirigiu até a saída adequada.

— Vestiário, — ele grunhiu quando entraram no corredor de concreto.

George, familiarizado tanto com a palavra quanto com o ritual pós treino, ajudou-o a navegar pelo corredor, suas patas avançando rápido pelo chão vazio.

Graças a Deus o centro de treinamento era uma cidade fantasma esta hora do dia. A última coisa que ele queria era encontrar alguém.

Com os irmãos dormindo, o extenso complexo subterrâneo estava vazio, desde a academia e suas salas de equipamentos, na área das armas e salas de aula, na piscina olímpica e no escritório de onde se dirigia tudo, — bem como as salas de cirurgia e recuperação da Dra. Jane e do Manny.

Embora Payne quase se convertera em paciente.

Merda.



Passando a mão pela parede, ele parou quando alcançou uma porta em baixo-relevo. — Quer esperar aqui? — Perguntou a George.

Considerando o estalido da coleira o *tha-bump* de ossos, o golden decidiu se sentar do lado de fora durante o banho, que era bastante típico — ele não era um grande fã de calor e umidade por causa de seus longos pelos.

Forçando sua entrada, Wrath conseguiu se orientar bem. Graças à toda acústica próximas do piso, ficava fácil navegar pelo som — e pelo hábito. Além disso, os espaços nos quais passara muito tempo antes, quando tinha um pouco de sua visão, eram muito mais fáceis de lidar por conta própria.

Foda. Se o cachorro não o tivesse parado?

Wrath caiu para trás contra as paredes lisas, deixando sua cabeça pender. Jesus Cristo.

Esfregando o rosto, seu cérebro pregando peças nele, piscando imagens de quais teriam sido as consequências.

O gemido que surgiu de sua garganta soou como uma sirene de nevoeiro. A irmã de seu irmão. Uma lutadora que ele respeitava. Destruída.

Ele devia àquele cão. Como sempre.

Tirando a camiseta suada, ele a deixou cair no chão enquanto arrancava os shorts de nylon. Usando sua mão na parede, mais uma vez, ele caminhou para frente e soube quando entrou na sala de banho por causa da forma como o piso se inclinava. As torneiras estavam alinhadas em três lados e ele se posicionou sob elas, sentindo os ralos lisos e circulares sob seus pés descalços.

Escolheu um ao acaso, abriu a água e se preparou contra a pressão gelada que o atingiu direto no rosto.

Deus, aquela onda de raiva. Era uma explosão familiar — mas não algo que ele quisesse de volta em sua vida novamente. Essa queimadura profana o sustentara durante todos aqueles anos entre a morte de seus pais, e o encontro e acasalamento com Beth. Ele pensou que tinha desaparecido para sempre.

—Porra, — ele deixou escapar.

Fechando os olhos, firmou as palmas no chuveiro e se apoiou em seus braços pesados. Seu humor desagradável fazia com que parecesse como se houvesse um conjunto de pás de helicóptero em sua cabeça — e elas estariam a duas rotações de separar seu crânio do resto do corpo.

Deus... caramba.

Nunca pensara nisso antes, mas —insanidade— era em grande parte um conceito hipotético para os sãos; um insulto depreciativo para atirar em alguém que você não respeitava; uma descrição aplicada a um comportamento inadequado.

De pé no chuveiro, ele percebeu que a verdadeira insanidade não tinha nada a ver com TPM ou “bater na parede” ou cair numa farra e destruir um quarto de hotel antes de desmaiar. Não era como enlouquecer ou roubar um banco ou liberar temporariamente o seu temperamento sobre um objeto inanimado.



Era a remoção do mundo ao seu redor, um adeus à sensibilidade e consciência que era como a manipulação de uma câmera de vídeo — sua merda interna era ampliada e tudo mais, sua companheira, seu trabalho, sua comunidade, sua saúde e bem-estar, não estavam apenas fora do alcance... mas fora da existência.

E a parte mais assustadora? Esse meio-termo quando você tinha um pé na realidade e outro em seu próprio purgatório pessoal cuspidando e vivo — e você podia sentir o passado deslizando, deslizando, indo embora.

Vindo do nada, o equilíbrio de Wrath ficou confuso, o mundo inteiro inclinando em seu eixo até o ponto em que não tinha certeza se tinha retrocedido ou não.

Mas então ele sentiu uma lâmina afiada sob o queixo, e percebeu que alguém agarrara seu cabelo.

— Neste momento do tempo, — veio o chiado no ouvido dele, — sabemos duas coisas. Mas somente uma delas é uma virada de jogo.

Capítulo 9

Esta foi uma enxaqueca ruim.

Quando iAm abriu a porta do quarto de seu irmão, o sofrimento do pobre bastardo manchava o ar, tornando difícil de respirar — e até mesmo ver corretamente.

Então, novamente, tudo estava escuro de propósito.

—Trez?

A resposta gemida não indicava nada de bom, uma combinação de animal ferido e garganta doendo de vomitar. iAm ergueu o punho para o flash de luz vindo de trás e amaldiçoou seu Piaget⁴⁵. Nesta altura, o FDP deveria estar firmemente em recuperação, o corpo dele se removendo para fora do buraco que a dor de cabeça o tinha tragado.

Não era o caso.

—Você quer algo para o seu estômago?

Murmúrio, murmúrio, gemido, murmúrio?

—Ok, eu tenho certeza que eles têm algum.

Murmúrio, gemido, gemido. Resmungos, resmungos.

—Sim, isso também. Você quer um pouco de Milanos⁴⁶?

Gemiiiiiiido.

—Entendido.

iAm fechou a porta e voltou para as escadas que o levaria até a junção entre o corredor de estátuas e o foyer do segundo andar. Como o resto da casa, tudo estava silencioso como um

⁴⁵ Referência ao pensador e educador Jean Piaget, que desenvolveu várias teorias sobre educação. No caso, iAm está falando sobre o Trez ser como uma criança.

⁴⁶ Cookies fabricados pela Pepperidge Farm.

— Talvez eu possa ajudar? — Selena perguntou suavemente.

iAm mordeu uma maldição e olhou para o gato. Então para a Escolhida. Mas exceto que tirasse o pulôver? O Gato Maldito estaria grudado nele.

— Eu preciso de algumas dessas Milanos aí em cima? — A Escolhida estendeu a mão e pegou um saco do departamento de petiscos da Pepperidge Farm⁴⁹. — E ele vai precisar de algumas dessas tortillas chips de pacote.

— Tradicional ou o sabor de limão?

— Tradicional. — iAm entregou para Deus e retomou a maldita carícia — e o gato foi imediatamente para total La-Z-Boy⁵⁰ novamente. — Ele vai querer um dos pound cakes⁵¹ da Entenmann⁵². E nós vamos levar para ele três Cocas geladas, duas Poland Springs⁵³ grandes, a temperatura ambiente, e uma perdiz em uma pereira⁵⁴.

Depois de uma de suas dores de cabeça, Trez queria hidratação, glicose e cafeína. Fazia sentido. Doze horas sem comida era uma má notícia. E depois havia as náuseas que acabavam com ele.

Cinco minutos mais tarde, ele e a Escolhida e o Gato Maldito estavam indo para o terceiro andar. E pelo menos iAm conseguiu ajudar com as coisas metendo as longas garrafas de água sob os braços. Fritz também tinha fornecido uma daquelas sacolas recicláveis de comida para o resto.

Cristo, ele teria infinitamente preferido fazer esta viagem sozinho.

— Ele gosta muito de você, — a fêmea comentou enquanto subiam.

— Ele é meu irmão. Ele deve.

— Oh, não — eu quis dizer o gato. Boo te adora.

— O sentimento *não* é mútuo.

iAm tinha toda a intenção de afastar a fêmea com um — Eu tenho isto — quando eles finalmente chegaram na porta quarto — mas o Maldito ainda não estava indo a lugar algum.

E foi assim que a Escolhida Selena acabou no quarto de Trez.

Exatamente o que a situação não precisava.

Obrigado, gato.

Enquanto a porta estava se abrindo, a luz golpeou dentro, e como a sorte que tinha, a merda iluminou Trez enquanto aquele grande e feio cabeça-dura se sentava rapidamente.

Alguém tinha pego o cheiro de fêmea.

Oh, Pelo Amor de Deus.

⁴⁹ Marca de fabricante de alimentos.



⁵⁰

⁵¹ Pound cake se refere a um tipo de bolo tradicionalmente feito com uma libra (aproximadamente 450 gramas) de cada um dos quatro ingredientes: farinha, manteiga, ovos e açúcar.

⁵² Marca de fabricante de alimentos.

⁵³ Marca de água mineral.

⁵⁴ A autora faz referência a uma canção de Natal inglesa pouco conhecida entre nós intitulada *Twelve Days of Christmas* (Os 12 dias do Natal).

E P.S., por que o filho da puta não parecia pior? Seu irmão deveria parecer ter sofrido um feio atropelamento depois da forma como ele tinha passado o dia.

—Onde devo colocar isso? — a Escolhida perguntou para os dois.

—Sobre a mesa, — iAm murmurou. Era o ponto mais distante da cama

—Nos deixe, — veio um gemido do paciente.

Ok, graças a Deus Trez estava finalmente tendo um momento de lucidez. A Escolhida poderia cuidar de seu negócio, e ele e seu irmão poderia tentar a coisa toda vir-a-Jesus outra vez...

iAm se tornou consciente de que ninguém estava se movendo. Trez, no entanto, ainda estava sentado ereto e a Escolhida parecia um cervo pego pelos faróis, congelada. E ambos estavam olhando para ele.

—O quê? — ele disse.

Quando a luz raiou em sua cabeça, iAm estreitou os olhos para o irmão. —Você está falando sério.

—Nos deixe, — foi tudo que o bastardo disse novamente.

O Gato Maldito parou de ronronar em seus braços, como se o animal soubesse que uma vibração ruim estava inundando no quarto.

Mas aqui estava a coisa: você não podia lidar com estúpido — e iAm estava quase pronto para parar de tentar.

Se virando para a Escolhida, ele disse em voz baixa: —Se cuide.

Com essa nota, ele tomou o Maldito e sua própria pobre bunda e se foi de lá.

Sem dúvida, o melhor. Ele estava se sentindo que iria tipo Wrath em seu irmão, e nada de bom viria disso.

Avançando para as escadas, ele refez seus passos. Em algum momento ao longo do caminho, ele começou a acariciar do animal em seus braços novamente, a ponta de seus dedos achando o queixo e se fixando em um curso circular apertado.

Voltando para a cozinha, que agora estava cheia de pessoal em movimento novamente, chegou a hora de se separar da sua sombra.

—Fritz.

O mordomo correu do arranjo crudité⁵⁵ em que ele estava trabalhando. —Sim, senhor! Estou ansioso por ajudar.

—Pegue isso. — iAm se liberou do gato, erguendo ambas as suas garras dianteiras para fora de sua malha. —E faça o que é que você faz com ele.

Quando se virou, percebeu que gostaria de olhar para trás e ter certeza que o Maldito estava bem. Mas por que diabos ele faria isso?

Ele tinha que chegar ao Sal's e verificar sua equipe. Normalmente, ele chegava ao restaurante no início da tarde, mas nada esteve normal — merda, — com aquela enxaqueca: Cada vez que seu irmão tinha uma, ambos tinham dor de cabeça. Agora, porém, com Trez se recuperando e sem dúvida que em breve no rala e rola com aquela Escolhida, era hora de voltar para a seu próprio caminho.

⁵⁵ Vegetais crus cortados em pedaços e servidos com um molho como um aperitivo.

Se apenas se mantivesse de ficar psicótico.

Jesus Cristo, Trez já ia transar com aquela fêmea. E só Deus sabia onde isso ia colocar todos eles.

Quando ia para a saída, ele gritou por cima do ombro: —Fritz.

Por meio do barulho da preparação da Primeira Refeição, o *doggen* respondeu de volta: —Sim, senhor?

—Eu nunca encontrei qualquer frutos do mar neste lugar. Por que isso?

—O Rei não gosta de qualquer tipo.

—Será que ele nos deixaria trazer?

—Oh, sim, senhor. Só não em cima de sua mesa, e certamente nunca em cima de seu prato.

iAm olhou para os painéis da porta em frente a ele. —Eu quero que você tenha algum salmão fresco e escalfado⁵⁶. Hoje à noite.

—Mas é claro. Eu não vou tê-lo pronto antes da Primeira Refeição para você.

—Não é para mim. Eu odeio peixe. É para o Gato Maldito. Quero que ele tenha isso regularmente. — Ele empurrou a porta aberta. —E consiga para ele alguns legumes frescos. Que tipo de comida de gato que ele come?

—Só o melhor. Science Diet⁵⁷ da Hill.

—Descubra o que está em sua comida — e então eu quero tudo feito na hora. Nada de saco para ele a partir de agora.

Aprovação floresceu na voz do velho *doggen*: —Tenho certeza de que Mestre Boo irá apreciar o seu interesse especial.

—Eu não estou interessado naquele saco de pele.

Totalmente irritado com ele mesmo e com todo mundo no planeta, ele tinha que sair não apenas da porra da cozinha, mas da mansão. Bem na hora. O sol se pôs e a luz estava drenando do céu.

Ele adorava a noite e levou um momento para respirar profundamente. O ar frio do inverno fazendo seus seios nasais cantarem.

Se ele tivesse sido um macho sozinho, livre do elo com seu irmão e da prisão imposta a Trez por seus pais, teria escolhido uma existência tão diferente. Ele iria para o oeste em algum lugar, vivendo da terra e longe de qualquer outra pessoa.

Não era apenas porque era um recluso por natureza. Ele não via valor no que tantos outros faziam. Em sua mente, o mundo simplesmente não precisa de outro iPhone, ou de serviços de Internet mais rápido, ou vinte e sete franquias Real Housewives⁵⁸. Inferno, quem diabos se

⁵⁶ Passar o alimento em água bem quente para uma rápida cocção, ou seja, um rápido cozimento.



⁵⁷

⁵⁸ Reality show com ricas mulheres americanas

importava se o seu vizinho tinha uma maior casa/carro/barco/trailer/cortador de grama. Por que se incomodar se alguém tinha um melhor relógio/anel/telefone/TV/bilhete de loteria. E ele não tinha nem começado com tênis. Todos os lançamentos da moda. Anúncios de maquiagem, o drama das estrelas de cinema, os compradores de internet maníacos e os robôs humanos estúpidos que realmente acreditavam no que seus pregadores forçavam goela abaixo.

E não, não foram apenas os humanos que compraram em toda essa merda.

Os vampiros eram igualmente culpados — eles só se revestiam sua mentalidade de gado em superioridade sobre aqueles ratos sem caudas.

Tanta sublimação de quem eles realmente eram com os ditames do que eles foram orientados a querer, precisam, buscar, adquirir.

Então, novamente, ele não conseguiu se libertar do drama de seu irmão, então quem era ele.

Quando seu telefone disparou no bolso de sua malha, ele enfiou a mão e o agarrou. Sabia quem o estava chamando antes mesmo de olhar para a tela, aceitou os sinos tocando, e colocou o celular na orelha.

Aquela pequena parte dele que tinha tremulado para a vida, morreu no centro de seu peito mais uma vez.

— Vossa Excelência, — ele saudou o sumo sacerdote. —A que devo esta honra.

Enquanto Assail passeava em torno de sua cozinha, ele olhava para o relógio. Virava na frente da pia. Caminhava de volta para o bar. Olhava para o relógio novamente.

Ehric tinha partido a cerca de vinte e um — não, vinte e dois minutos atrás — e a viagem para qual ele tinha sido enviado deveria exigir vinte e cinco, no máximo.

O coração de Assail martelava. Ele tinha um plano para a noite e esta primeira peça era tão crítica como a conclusão.

Ele pegou o celular e ligou.

O bip duplo que saiu indicava que um veículo estava entrando na garagem.

Assail correu para o hall de entrada, abriu a porta blindada, e tentou ver através nos vidros escurecidos de seu Range Rover à prova de balas. Teriam os primos de fato assegurado...

Protocolo era esperar para que tudo fosse fechado novamente antes de sair de qualquer veículo, mas a impaciência e aquele medo que o estava assolando jogou a regra sensata direito pela janela: Avançando rapidamente sobre o piso de concreto vazio, ele concentrou a atenção na SUV enquanto Ehric desligava o motor e saía junto com seu irmão.

Antes que Assail pudesse fazer uma avaliação dos rostos de seus primos, ou começam a latir demandas de explicação, a porta traseira se abriu lentamente.

Ehric e seu irmão congelaram. Como se eles talvez não tivesse tido um grande controle sobre a sua carga — e sabiam que qualquer coisa poderia acontecer em seguida.

A fêmea humana mais velha que surgiu era de um metro e meio de altura e robusta como uma cômoda. Seu cabelo era grosso e branco e ondulado para trás de seu rosto enrugado, e seus

olhos escuros brilhantes e inteligentes olhavam em volta a partir de pálpebras pesada. Debaixo de um casaco preto de lã desalinhado, seu vestido azul florido era simples e feio, tipo uma túnica, mas os sapatos de salto baixo e a bolsa combinando eram obviamente de couro, como se ela quisesse usar o melhor que ela tinha e aquilo era tudo que estava em seu armário.

Ele se curvou para ela. —Senhora, bem-vinda.

A avó de Sola segurou sua pequena bolsa justo sob seu peito. —As minhas coisas. Eu as tenho.

Seu sotaque Português era pesado, e ele teve que peneirar as palavras para traduzir.

—Ótimo. — Ele acenou para os primos e ao comando, eles foram na parte de trás do SUV e tiraram três malas modestas, que não combinavam. —Seu quarto está pronto.

Ela assentiu com a cabeça bruscamente. —Vamos.

Conforme Etric veio com a bagagem, ele arqueou as sobrancelhas e estava certo de ficar chocado. Assail não recebia ordens amavelmente.

Concessões seriam dadas à ela, no entanto.

—Mas é claro. — Assail deu um passo para trás e se inclinou novamente, indicando a porta da qual tinha saído.

Andando como uma rainha, a velhinha se moveu rapidamente cruzando o piso em direção aos três degraus baixos que levavam para dentro da casa.

Assail pulou na frente para abrir as coisas. —Esta é a nossa área de serviço. Em frente até a cozinha.

Ele seguiu atrás dela, engolindo sua impaciência. No entanto, não havia pressa. Tinha que ter certeza de que a face legítima do império de Benloise estava vazia de seus negociantes de arte e trabalhadores de escritório antes que pudesse ir até lá. E isso levaria uma boa hora, pelo menos.

Ele continuou com sua turnê. —Além, a sala de almoço e o espaço de entretenimento. — Enquanto caminhava à frente para o espaço aberto enorme que dava para o Hudson, ele considerava seus móveis esparsos com novos olhos. — Não que eu me importe com diversão.

Não havia nada de pessoal na casa. Apenas a — encenação — que havia sido instalada para vender o imóvel, vasos anônimos e tapetes e conjuntos de sofás neutros e namoradeiras. O mesmo acontecia com os quartos, dos quais quatro estavam abaixo e um no segundo andar.

—Meu escritório é aqui.

Ele parou. Franziu o cenho. Olhou em volta.

Teve que recuar para a cozinha a fim de encontrar o resto da equipe.

A avó de Sola tinha a cabeça no refrigerador Sub-Zero, um pouco como se ela fosse um gnomo procurando um lugar fresco no verão.

—Senhora? — Assail perguntou.

Ela fechou a porta e seguiu em frente para os armários do chão ao teto. —Não há nada aqui. Nada. O que você come?

—Ah...— Assail se encontrou olhando para os primos por ajuda. —Normalmente, fazemos as nossas refeições na cidade.



O som de escárnio certamente apareceu como o equivalente da velha senhora de Foda-se isso. —Eu preciso de suprimentos.

Ela girou sobre seus pequenos sapatos brilhantes e colocou as mãos nos quadris. —Quem vai me levar ao supermercado?

Não uma consulta.

E, enquanto ela olhava para os três, parecia que Etric e seu violento gêmeo assassino estavam tão perplexos como Assail estava.

Cada minuto da noite havia sido planejado — e uma viagem para o supermercado local não estava na lista.

—Vocês dois são muito magros, — ela anunciou, sacudindo a mão na direção dos gêmeos. —Vocês precisam comer.

Assail pigarreou. —Senhora, você foi trazida aqui para a sua segurança. — Ele não ia permitir a Benloise novas oportunidades — e assim ele teve que bloquear os danos colaterais em potencial. —Não para ser uma cozinheira.

—Você já recusou dinheiro. Eu não ficarei aqui de graça. Eu ganharei meu sustento. Esse é a forma que vai ser.

Assail exalou longa e lentamente. Agora ele sabia de onde Sola obteve sua raia independente.

—Bem, — ela exigiu. —Eu não dirijo. Quem me leva.

—Senhora, você não prefere descansar.

—Seu corpo descansa quando morre. Quem.

—Nós temos uma hora,— Etric interveio.

Quando Assail olhou para o outro vampiro, a velhinha puxou a bolsa para cima em seu antebraço e assentiu. —Então ele vai me levar.

Assail encontrou o olhar da avó de Sola diretamente e baixou o tom de voz apenas para que a linha desenhada fossem respeitadas. —Eu pago. Estamos entendidos — você não deve gastar um centavo.

Ela abriu a boca como se quisesse argumentar, mas ela era teimosa, não tola. —Então eu faço o cerzido.

—Nossas roupas são suficiente novas.

Etric pigarreou. —Na verdade, eu tenho um par de botões soltos. E a fita de velcro em sua jaqueta está...

Assail olhou por cima do ombro e mostrou suas presas para o idiota — fora da visão da avó de Sola, é claro.

Remodelando sua expressão, ele se virou e.

Sabia que ele tinha perdido. A avó tinha uma daquelas sobrancelhas inclinada, os olhos escuros tão firmes quanto qualquer inimigo que ele já enfrentou.

Assail balançou a cabeça. —Eu não posso acreditar que eu estou negociando com você.

—E você concorda com os termos.

—Senhora.



—Então está decidido.

Assail ergueu as mãos. —Tudo bem. Você tem 45 minutos. Isso é tudo.

—Nós estaremos de volta em trinta anos.

Com isso, ela se virou e se dirigiu para a porta. Em seu rastro diminuto, os três vampiros trocaram olhares como em uma partida de Ping- Pong.

—Vão, — Assail entre dentes. —Os dois.

Os primos caminharam para a porta da garagem — mas eles não chegaram lá. A avó de Sola virou e colocou as mãos nos quadris.

—Onde está o seu crucifixo?

Assail sacudiu. —Perdão?

—Você não é católico?

Minha doce querida mulher, nós não somos humanas, pensou.

—Não, eu temo que não.

Os olhos fixos nele como um feixe de laser. Ehric. O irmão de Ehric. —Vamos mudar isso. É a vontade de Deus.

E ela saiu, marchando através do hall, abrindo a porta e desaparecendo na garagem.

Conforme essa barreira de aço pesado fechava automaticamente, tudo o que Assail podia fazer era piscar.

Os outros dois estavam igualmente perplexos. Em seu mundo, o domínio era estabelecido através da força e da manipulação das pessoas pela persuasão masculina. Posições eram ganhas ou perdidas em disputas de vontade que eram muitas vezes sangrentas e resultavam em uma contagem de corpos.

Quando alguém provinha dessa orientação, com toda certeza não esperava ser castrado na própria cozinha por uma mulher que não tinha sequer uma faca. E provavelmente teria de subir em uma escada para remover a dita anatomia.

—Não fiquem aí parados, — ele retrucou. —Ela é passível de dirigir ela mesma.

Capítulo 10

—... Mas somente uma delas é uma virada de jogo.

Enquanto o chuveiro continuava correndo como se nada estivesse ocorrendo, o agradável som da água caindo reverberando através do vestiário — a cabeça de Wrath permaneceu travada na sua posição virada para trás: Com uma adaga em sua jugular, e uma mão pesada sobre a trança que corria pelas costas, ele não estava indo a lugar nenhum.

Rangendo os dentes, ele não sabia se devia ficar impressionado ou se incentivava aquela lâmina a ir para casa.

Mas ele não era um suicida. —Quais são elas, Payne, — ele falou entre os dentes.



A voz da fêmea era um rosnado baixo direito em seu ouvido. —Nós dois sabemos que você pode sair dessa se você escolher. Em um piscar de olhos, você pode me dominar — você mais do que provou isso agora pouco no ginásio.

—E o segundo?

—Se venci você uma vez, posso fazer de novo. E talvez da próxima vez eu não vá perder minha respiração tentando provar o fato de que sou sua igual.

—Eu sou o Rei, você percebe.

—E eu sou a filha de uma divindade, filho da puta.

Com isso, ela o soltou e deu um passo atrás.

Cobrindo seus órgãos genitais com as mãos, ele se virou para encará-la. Ele nunca tinha visto como Payne se parecia, mas tinham dito a ele que ela tinha a mesma compleição de seu irmão, alta e poderosa. Aparentemente, ela tinha o mesmo cabelo preto e aqueles olhos pálidos gelados, também — e a inteligência era algo que ele podia julgar por si mesmo.

Ela também, evidentemente, tinha as bolas.

—Eu posso matar você, — ela disse, sombriamente. —Sempre que eu queira. E não preciso de uma arma convencional, também. Você é mais forte, sim — eu te dou isso. Mas há coisas de que sou capaz que você não pode imaginar.

—Então por que você não as usa.

—Porque não quero colocá-lo em um túmulo. Você é necessário aqui. Você é crítico para a raça.

Trono maldito. —Então o que você está dizendo é que você teria se deixado matar agora pouco no ginásio?

—Você não ia me matar.

Oh, sim, eu ia, ele pensou com desgosto. —Olha, Payne, podemos andar em círculos sobre isto pelo próximo ano e meio e não nos levaria a lugar nenhum. Eu não vou brigar com você de novo. Nunca mais.

—Você não espera que eu honestamente aceite um argumento com base no meu sexo.

—Não, eu espero que você respeite a minha relação com o seu irmão.

—Não puxe essa besteira da velha escola comigo. Sou adulta, e acasalada além disso. Eu não concordo de forma alguma que meu irmão tenha algum tipo de domínio sobre mim.

Ele se ergueu sobre seus quadris. — Foda-se. Vishous é meu irmão. Você tem alguma ideia do que faria com ele se eu te matasse? — Ele fez um gesto com a mão para sua cabeça. —Você pode descer de seu pedestal por um segundo e considerar isso? Mesmo se eu não desse a mínima para você, você acha que eu faria isso com ele?

Houve uma pausa, e ele tinha a sensação de que ela ia responder. Mas quando nada voltou para ele, ele amaldiçoou.

—E sim, você está certa,— ele se esquivou. —Você luta bastante bem para ser um irmão, e eu lutei com eles por anos, então eu deveria saber. Eu não vou parar isso porque você é uma maldita garota. É pela mesma razão que Qhuinn e Blay não podem ir para o campo juntos, e por isso que Xhex, se ela alguma vez decidir lutar com a gente, não teria permissão para estar na

mesma equipe que o John. É por isso que a Dra. Jane não operaria seu irmão ou você. Algumas coisas são apenas muito próximas, me entende?

Contra aquele pano de fundo da água correndo, ele a ouviu caminhar, os pés descalços quase não fazendo ruído sobre os azulejos.

—Se você fosse o seu irmão, em vez de sua irmã, — Wrath disse, —seria o mesmo. O problema sou eu, não você, então faça um favor e saia deste púlpito feminista que você está. Está me chateando.

Um pouco duro, talvez. Mas ele já tinha provado que ser civilizado estava fora de seu alcance no momento.

Mais silêncio. Até Wrath quase jogar as mãos para cima em frustração — mas se lembrou que suas criancices não precisavam desfilar. —Vamos lá, Payne. Posso compreender completamente que seu orgulho está ferido. Só que eu quero você viva e respire, mais do que me importo que seus sentimentos sejam feridos.

Houve outro longo trecho de silêncio. Mas ela não tinha saído — podia sentir a sua presença quase como se pudesse vê-la: Ela estava na sua frente, de pé entre ele e a saída.

—Você acredita que não teria parado, — ela disse asperamente.

—Não. — Ele fechou os olhos, arrependimento ardendo no peito. —Eu sei. E como eu disse, essa parte não tem nada a ver com você. Então, por favor, pelo amor de Deus, deixe isso e me deixe terminar meu banho.

Quando não houve mais conversa, Wrath sentiu seu temperamento começar a ferver novamente. —O quê.

—Deixe-me perguntar uma coisa.

—Isto não pode esperar até que...

—Os Irmãos treinam juntos, correto.

—Não. Eles estão muito ocupados tendo aulas de tricô nas folgas.

—Então, por que não se exercitam mais com você? — Sua voz ficou mais baixa. —Por que você não se mantém afiado com eles? O que mudou depois que você assumiu o trono?

—Depois que eu fiquei completamente cego, — ele rosnou. —Tudo mudou depois. Você quer uma data exata?

—Me pergunto se eu indagar por aí se as pessoas concordariam com isso.

—Você está sugerindo que eu posso realmente ver.— Ele mostrou suas presas. —Sério.

—Não, eu estou questionando se seus irmãos teriam ido para o tatame com você uma vez que assumiu devidamente a coroa em sua testa. Tenho a sensação de que a resposta seria não.

—Você quer explicar por que isso é relevante,— ele interrompeu. —Porque a sua outra opção é assistir eu me perder na minha merda de novo — e nós dois sabemos o quão divertido que foi a primeira vez.

Quando ela falou em seguida, sua voz foi mais longe e ele teve a sensação de que ela tinha ido para o arco que a levava até onde os armários estavam.

—Acho que a única razão por que nós treinamos é porque eu sou fêmea. — Quando ele abriu a boca, ela falou sobre ele. —E eu acho que você iria continuar a lutar comigo se eu fosse um



macho. Você pode continuar dizendo que é sobre meu irmão, tudo bem. Mas eu acredito que você é mais machista do que você pensa.

—Foda-se, Payne. De verdade.

—Eu não vou discutir com você. Por que você não pergunta para a sua *shellan*, no entanto.

—O quê.

—Pergunte como ela se sente sobre como lidar com você.

Ele apontou para o ar entre eles. —Saia. Antes de me dar uma razão para colocá-la em outro estrangulamento porra.

—Por que ela não quer que você saiba onde vai quando você está trabalhando?

—*Desculpe-me?*

—As fêmeas não guardam segredos de companheiros que as respeitam. E isso é tanto quanto eu vou dizer sobre isso. Mas cego ou não, você precisa obter uma imagem mais clara de si mesmo.

Wrath marchou para a frente sobre o chão molhado. —Payne. Payne! Volte aqui nessa porra de minuto!

Ele estava discutindo consigo mesmo, entretanto.

A fêmea o tinha deixado sozinho.

—Foouooooooooooda! — ele gritou a plenos pulmões.

Foouooooooooooda, Trez pensou quando ele respirou novamente.

A recuperação de uma enxaqueca era tudo sobre um pouso suave em seu retorno à consciência. Normalmente, a receita era comida e efetivo descanso — merda, porque sabia que mesmo que se estivesse num quarto escuro com nada além de Howard 100⁵⁹ fluindo através de seu iPhone, você não estava balançando adequadamente com o sandman⁶⁰.

No momento, porém, ele estava seriamente reconsiderando anos de tentativa e erro de voltar-ao-normal: Assim que a porta se fechou atrás de seu irmão, e Trez foi deixado sozinho com a Escolhida Selena, cada célula de seu corpo começou a formigar.

Oh, cara, ele queria tanto acender uma lâmpada, apesar de ser um pouco cedo para suas retinas lidarem com qualquer luz de verdade.

Olá, deusa.

Selena era alta, e embora ela usasse a túnica branca tradicional de seu posto, ficava claro que ela era constituída exatamente como uma fêmea devia ser: Nada estava escondendo suas curvas, nem mesmo o tecido drapeado. E falando sobre seu belo rosto. Ela era toda lábios cor de rosa e olhos azuis, seus traços perfeitamente simétricos e projetados para capturar o olhar de um macho e mantê-lo. Depois havia o cabelo. Longo, grosso, e da cor da meia-noite, ela o usava no estilo das Escolhidas, todo enrolado no alto da cabeça.

⁵⁹ Howard 100 é um canal sem censura da Sirius XM, um serviço de rádio via satélite que transmite programação afiliada à Howard Stern e The Howard Stern Show.

⁶⁰ Sandman (do inglês, em português: homem de areia, em alemão: Sandmann) é uma referência folclórica/mitológica encontrada em várias culturas (em Portugal e no Brasil como João Pestana).

Pelo menos, da parte dele.

Ela foi menos estupidamente atingida, é claro — embora ele tivesse esperanças. E tendências a espreitador. Na semana passada, ele tinha vadiado pela mansão por muitas noites seguidas, na esperança de vê-la no meio de uma de suas visitas para servir a Irmandade. Porque, hey, ninguém diz, —Eu quero encontrar você, — como base para uma ordem de restrição.

Eventualmente, ele ganhou na loteria e conseguiu —cruzar com ela. — Como o simplório que era, disse que ela era linda — e não numa espécie de paquera. Ele realmente quis dizer isso. Infelizmente, e ao contrário das inúmeras mulheres humanas que ele fodeu, ela se manteve indiferente.

Então, novamente, por que a visita agora?

Não que isso fosse uma pergunta que ele ia olhar muito de perto.

—O que eu posso fazer por você? — ela disse. E cara, aquela preocupação sincera o deixava envergonhado.

—Ah... realmente uma dessas Cocas, por favor?

Oh, siiiiiiimm, a forma como ela se moveu quando foi até a bolsa que tinha soltado. Tão suave e proporcional, seus quadris se movendo sob esse manto, seus ombros contrabalançando, seu...

Ele desviou os olhos de seus ativos posteriores.

Embora, *caralho*.

Quando ela se aproximou da cama, ele se moveu para mais perto do meio do colchão, esperando que se sentasse. Ela não o fez. Se inclinou e entregou a garrafa de plástico. Então, deu um passo atrás, mantendo uma distância respeitosa.

O refrigerante soltou um silvo quando ele tirou a tampa.

—Por favor, me diga o que o aflige.

As mãos dela se contorciam em frente a ela, torcendo, torcendo.

—Só uma enxaqueca. — Ele tomou um longo gole da garrafa. —Uau, isso é bom.

A vista era melhor.

—O que é isso?

—Coca-Cola. — Trez fez uma pausa antes de seu segundo gole, percebendo que ela não estava perguntando sobre a coisa real. —Uma enxaqueca é um tipo de dor de cabeça. Não é grande coisa.

Bem, exceto pelo fato de que a sua durava até 12 horas e o fazia se sentir como se fosse morrer.

Seus belos olhos se estreitaram. —Se isso não é motivo de preocupação, por que seu irmão estava tão preocupado?

—Ele é assim. Um histérico. — Trez fechou os olhos e bebeeeeeeeeeeeeeeu. E mais uma vez. —Néctar dos deuses, de verdade.

—Eu nunca pensei nele dessa forma. Mas, claro, você o conhece melhor.



Enquanto ela pairava, ele desejava que estivesse metade tão interessada no fato de que seu peito estava em plena exibição: Ele não era arrogante, mas normalmente as fêmeas olhavam para ele e não desviavam o olhar.

—Não se preocupe, ele vai ficar bem, —ele resmungou. —E assim como eu.

—Mas você esteve aqui o dia todo — desde que chegou em casa na noite passada.

Ele estava prestes a ficar realmente irritado consigo mesmo quando ele pensou... espere um minuto. —Como você sabe disso?

O fato de que ela desviou o olhar rapidamente o fez se sentar novamente.

—Seu irmão mencionou algo sobre isso lá embaixo.

Duvidou disso. Am raramente falava com as pessoas, a menos que tivesse que fazer.

Então, ela deve ter procurado por dele. Certo?

Trez deixou as pálpebras baixarem. —Ei, você se importa de sentar aqui, estou achando difícil me manter olhando para você.

Mentiroso.

—Ah, mas é claro.

Leeeeeeeegal.

Quando ela se sentou na cama e arrumou o manto, ele sabia que estava explorando isso, mas vamos lá. Ele tinha gasto uma quantidade considerável de tempo deitado no azulejo em frente ao vaso poucas horas atrás.

—Tem certeza que você não precisa de um curador? — ela perguntou, com os olhos o hipnotizando até o ponto onde ele apenas a observava piscar de olhos, os longos cílios mergulhando, subindo e descendo. —E a verdade dessa vez.

Ah, ele queria dizer a ela uma certa verdade, tudo bem. Mas não havia nenhuma razão para agir como um tolo.

—É só uma dor de cabeça que dura algum tempo. Honestamente. E eu as tive toda a minha vida adulta — o meu irmão não as tem, mas eu ouvi que meu pai tinha. Elas não são divertidas, mas nada que vai me machucar.

—O seu pai morreu?

Trez retesou seu rosto para ter certeza que ele não mostrou nada. —Ele ainda está vivo e respirando. Mas ele está morto para mim.

—Por quê?

—É uma longa história.

—E...?

—Não... Muito longa, muito complicada.

—Será que você tem outros planos, esta noite, então? — Isso foi dito com um desafio silencioso.

—Você está se oferecendo para ficar comigo?

Ela olhou para suas mãos. —Isso... a longa história de seus pais. É por isso que você tem um sobrenome?

Como ela sabia...?



Trez começou a sorrir, e era uma coisa boa que ela estivesse com os olhos baixos ou teria conseguido um monte de seus dentes brancos e brilhantes.

Alguém tinha realmente verificado sobre ele — e isso não era interessante.

Quanto ao sobrenome? — Isso é apenas formalidade. Eu trabalho no mundo humano e eu precisava de uma cobertura.

— Em que tipo de trabalho você está envolvido?

Trez franziu a testa, imaginando o interior do seu clube — e, em seguida, o interior do banheiro que ele tinha usado como um palácio de foda quantas vezes?

— Nada de importante.

— Então por que você faz isso?

Ele tomou um longo gole final de sua Coca-Cola e olhou para o espaço. — Todo mundo tem que estar em algum lugar.

Deus, ele realmente não queria entrar nessa parte de sua vida — até o ponto onde ela tinha que sair porque a conversa se esvaziou como um balão de gás: Em um flash, imagens dele fazendo sexo com a longa sucessão de mulheres humanas brilhou na frente de seus olhos, tomando o lugar de Selena, até que ele não podia nem sentir o cheiro dela mais.

Para os Sombras, o corpo físico era uma extensão da alma — uma realidade que era, talvez, auto evidente, mas na verdade, muito mais complicada na forma como o *s'Hisbe* via isso. Ponto de partida, o que você fazia ao seu corpo, como você tratava e cuidava — ou não cuidava — dele, era diretamente transmutado para o seu âmago. E enquanto o sexo era, por sua própria natureza, o ato mais sagrado da forma física, nunca deveria ser encarado levemente e, certamente, nunca, jamais, com sujas e desagradáveis humanas — especialmente as de pele clara.

Para os Sombras, pele clara equiparava à doença.

Mas as regras não paravam na porta do Homo sapiens. Fazer amor era completamente ritualizado no Território. Sexo era agendado entre casais, ou metades, como eram conhecidos, pergaminhos formais sendo trocados através de corredores de mármore, o consentimento solicitado e dado através de uma série de diretivas prescritas. E quando tudo estava acordado? O ato não era concluído durante o dia, e nunca, nunca, sem um ritual de banho primeiro. Também era anunciado aos quatro ventos, um banner especial pendurado na porta da câmara, uma maneira gentil de afirmar que a menos que o lugar estivesse em chamas ou alguém tivesse uma hemorragia arterial, não haveria nenhuma perturbação até que uma ou ambas as partes emergissem em algum momento futuro.

A compensação por todos os obstáculos? Quando duas metades ligavam, poderiam durar dias.

Oh, P. S., não a masturbação, também. Se considerava uma perda de comunhão.

Então, sim, o seu povo não teria apenas franzido a testa sobre a sua vida sexual; eles o teriam tratado apenas com pinças de churrasco, enquanto vestiam um traje *Hazmat*⁶¹ e uma máscara de soldagem: Ele fodeu as mulheres, às onze horas da manhã e três da tarde e muuuuito antes do jantar. Ele as tomou em lugares públicos e sob pontes, em clubes e restaurantes, banheiros e quartos de hotéis decadentes — e em seu escritório. Talvez em apenas metade dos casos soubesse seus nomes, e desse grupo extenso, talvez ele conseguisse se lembrar de um em cada dez.

E só porque tinham sido estranhos ou o lembravam de outra coisa.

Quanto à coisa da pele clara? Ele não tinha discriminação. Ele teve todas as raças de seres humanos, algumas até mesmo ao mesmo tempo. O único setor que não tinha fodido ou sido sugado era fazer sexo com machos, mas isso foi só porque não lhe agradava nem um pouco.

Se tivessem, ele teria ido lá.

Ele supôs que nem tudo estava perdido. Sombras acreditam na recuperação, e ele tinha ouvido falar de rituais de limpeza — mas havia um limite para o que um cara poderia fazer para reparar os danos.

A ironia, claro, era que ele tinha um orgulho doente em arruinar a si mesmo na medida em que fez. Infantil, com certeza, mas tinha sido como se fosse mostrar o dedo do meio à tribo e toda a sua besteira ridícula — especialmente a filha da rainha, que todos pensavam que ele deveria estar com muita pressa de cravar numa base regular pelo resto de sua vida.

Mesmo ele nunca a tendo conhecido, não estava interessado em ser um brinquedo sexual, e não tinha intenção de se voluntariar a ser preso em uma gaiola dourada.

Mas era engraçado. Apesar de tudo aquilo que ele odiava sobre as tradições nas quais havia nascido, se encontrou finalmente meio que vendo um ponto para elas: Ali estava ele, à deriva em sua pós-enxaqueca, a uma distância de um beijo de uma fêmea que ele estava morrendo de vontade de adorar com seu corpo. E adivinhem. Tudo aquela rebelião que tinha apreciado muito estava o fazendo se sentir sujo e totalmente indigno.

Não que o ato jamais fosse ocorrer com Selena — ele era uma puta, mas não estava delirando.

Merda.

Com um gemido, se deixou cair para trás contra os travesseiros novamente. Apesar da Coca-Cola e seu golpe duplo de açúcar e cafeína, de repente ele foi sugado-para-o-fundo-do-mar, exausto.

—Me perdoe,— a Escolhida murmurou.

Não diga que você está indo, ele pensou. Mesmo que eu não mereça você de forma alguma, por favor, não me deixe.



⁶¹ Um *hazmat suit* (traje para materiais perigosos) é uma peça de equipamento de proteção individual, que consiste em uma peça de roupa impermeável de corpo inteiro usado como proteção contra materiais perigosos.

—Você precisa se alimentar, — ela perguntou precipitadamente.

Trez sentiu seu queixo cair aberto. De todas as coisas que ele estava preparado para ouvir... Nem. Mesmo. Perto.

—Talvez eu esteja sendo muito ansiosa, — ela disse enquanto baixava os olhos. —É que você parece tão cansado... e às vezes isso é o que mais ajuda.

Putá... merda.

Ele não sabia dizer se tinha ganhado na loteria... ou fora condenado à morte.

Mas enquanto seu pênis se contraiu em demanda, e seu sangue rugiu, a parte decente dele, que ele há muito tempo enterrara falou de uma forma tranquila, persistente.

Não, ela disse. Nem agora, nem nunca.

A questão era... quem ia ganhar, o anjo ou o diabo no corpo?

Capítulo 11

Wrath percorreu o túnel subterrâneo do complexo num ritmo forte, suas shitkickers batendo de forma estrondosa que ecoava ao redor até que ele era sua própria banda. Ao seu lado, George estava indo em compasso 3/4⁶², seu colarinho tilintando, suas patas se movendo rapidamente sobre o piso de concreto.

O trajeto do centro de treinamento para a mansão levava dois minutos pelo menos, de três a quatro se estivesse batendo papo e passeando. Não desta vez: George o deteve em frente da porta de segurança apenas trinta segundos depois que saíram do escritório através do fundo do armário de abastecimento.

Incrustado superficialmente na entrada, Wrath tateou pelo teclado de segurança e digitou o código. Com um *cha-chunk*, como o destravamento de um cofre de banco, o bloqueio foi liberado e em seguida, eles estavam seguindo para o próximo ponto de bloqueio. Eliminando isso, eles surgiram no foyer cavernoso, e a primeira coisa que Wrath fez foi farejar o ar.

Cordeiro, para a Primeira Refeição. Um fogo na biblioteca. Vishous fumando um enrolado à mão na sala de bilhar.

Merda. Ele tinha que revelar a seu irmão o que aconteceu com Payne no ginásio. Inferno, tecnicamente ele devia ao cara um *rythe*.

Mas tudo isso podia esperar.

—Beth, — ele disse ao cão. —Procure.

Tanto ele quanto o animal testaram e retesaram o ar.



⁶² Na notação musical, um compasso é uma forma de dividir quantitativamente em grupos os sons de uma composição musical, com base em pulsos e repousos. Muitos estilos musicais tradicionais já presumem um determinado compasso, a valsa, por exemplo, tem o compasso 3/4 e o rock tipicamente usa os compassos 4/4, 12/8 ou 3/4.

—No andar de cima, — ele ordenou, ao mesmo tempo que o cão começou a andar para a frente.

Conforme chegaram ao patamar do segundo andar, o cheiro dela se tornou mais forte — o que confirmou que estavam indo na direção certa. A má notícia? Ele estava vindo de cima, à esquerda.

Wrath caminhou pelo corredor de estátuas, passando o quarto de John e Xhex, e Blay e Qhuinn.

Eles pararam antes de chegar à suíte de Zsadist e Bella.

Ele não precisava de seu cão para lhe dizer que chegaram ao seu destino — e ele sabia exatamente na frente do quarto de quem eles estavam: mesmo no corredor, os hormônios da gravidez engrossavam o ar de tal forma, que era como bater numa cortina de veludo.

O que era a razão pela sua Beth estava lá, não era?

As fêmeas não guardam segredos dos machos a quem respeitam.

Maldição. Não lhe digam que sua companheira queria um filho e foi fazer algo sobre isso, mesmo sem falar com ele.

Rangendo os dentes, ele levantou os dedos para bater — mas acabou esmurrando a porta. Uma vez. Duas vezes.

—Entre, — a Escolhida Layla disse.

Wrath escancarou a coisa e soube exatamente quando sua *shellan* o viu: O cheiro espesso de culpa e trapaça fluiu através do quarto para ele.

—Nós precisamos conversar, — ele retrucou. E então assentiu no que ele esperava que fosse a direção de Layla. —Por favor, desculpe-nos, Escolhida.

Houve alguma conversa entre as fêmeas, afetado pelo lado de Beth, nervoso pelo de Layla. E, em seguida, sua companheira estava fora da cama e vindo para ele.

Eles não disseram uma palavra um ao outro. Não quando ela fechou a porta atrás deles. Não enquanto caminhavam lado a lado de volta pelo corredor. E quando chegaram até a entrada de seu escritório, ele disse George para ficar do lado de fora antes de fechar os dois dentro juntos.

Mesmo estando intimamente familiarizado com a disposição do mobiliário francês bicha-idiota, ele estendeu as mãos, tocando as costas das cadeiras cobertas de seda e um sofá delicado... e, em seguida, no canto da mesa de seu pai.

Quando ele deu a volta e se sentou no seu trono, trancou as mãos sobre os grandes braços esculpidos — e os agarrou tão forte que a madeira rangeu em protesto. —Há quanto tempo você tem se sentado com ela.

—Com quem.

—Não banque a idiota. Isso não combina com você.

O ar agitou na sala, e ele ouviu seus passos no tapete Aubusson. Enquanto ela andava, ele podia apenas imaginá-la, as sobrancelhas franzidas, sua boca apertada, os braços cruzados sobre o peito.

A culpa foi embora agora. E em sua esteira, ela estava tão chateada quanto ele.

—Por que diabos você se importa, — ela murmurou.



—Tenho todo o direito de saber onde você está.

—Desculpe?

Ele apontou um dedo em sua direção. —Ela está grávida.

—Sim, eu notei.

Seu punho bateu tão forte que o telefone saiu do gancho. —Você quer entrar em seu período de necessidade!

—Sim! — ela gritou de volta. —Eu quero! Isso é um maldito crime?

Wrath exalou, sentindo como se tivesse acabado de ser atingido por um carro. De novo.

Incrível como ouvir o seu maior medo falado em voz alta era tão devastador.

Tomando algumas respirações profundas, ele sabia que tinha que escolher as palavras com cuidado — apesar do fato de que sua glândula adrenal abrisse completamente e estava bombeando suficientemente OMG⁶³ em seu sistema que ele estava se afogando em terror.

No silêncio, o tom de discagem do telefone e, em seguida, *bip-bip-bip*-reconectar era tão alto quanto as maldições que atravessam a cabeça de ambos.

Com a mão trêmula, ele bateu o local até encontrar o receptor. Recolocá-lo na base levou um par de tentativas, mas ele chegou lá sem esmagar qualquer coisa.

Deus Querido, estava silêncio na sala. E por alguma razão, ele se tornou extraordinariamente consciente da cadeira em que estava sentado, tudo desde de seu banco de couro duro, aos símbolos gravados sob os braços, à maneira como sua lombar era arranhada pelo relevo que se levantavam atrás dele.

—Preciso que você ouça isso, — ele disse com uma voz sem vida, —e saiba que isto é a mais pura verdade. Eu não vou atender você em seu período de necessidade. Nunca.

Agora era a vez dela de exalar como se tivesse sido golpeada no estômago. —Eu não posso... Não posso acreditar que disse isso.

—Nunca, nunca vai acontecer. *Nunca* vou te engravidar.

Havia poucas coisas na vida que ele sabia com tanta certeza. A única outra que vinha à mente era o quanto ele a amava.

—Não vai, — ela disse asperamente. —Ou não pode.

—Não vou. Como, não quero.

—Wrath, isso não é justo. Você não pode simplesmente colocar isso na pedra como se fosse um de seus editais.

—Então tenho que mentir sobre como me sinto?

—Não, mas você pode falar sobre isso, pelo amor de Deus. Somos parceiros e isso nos afeta demais.

—Discutir não vai mudar minha posição. Se você quiser continuar perdendo tempo com a Escolhida, isso é escolha sua. Mas, se o que dizem é verdade, e provoca sua necessidade, saiba que você vai ser drogada para passar por ela. Eu *não* atenderei você.

—Jesus... como se eu fosse algum tipo de animal que precisa ir ao veterinário?

—Você não tem ideia de como que aqueles hormônios são.

⁶³ OMG – abreviação para “Oh my God!” – Oh Meu Deus! – <http://www.significados.com.br/omg/>

—Isto. Vindo de um macho.

Ele deu de ombros. —É um fato verificável da biologia. Quando Layla estava na dela, todos nós sentimos isso por toda a casa — até mesmo uma noite e meia após ter terminado. Marissa foi drogada durante anos. É o que é feito.

—Sim, talvez quando uma mulher não é casada. Mas da última vez que verifiquei, o meu nome estava em suas costas.

—Só porque você está acasalada não significa que você tem que ter filhos.

Ela ficou em silêncio por um tempo. —Será que nem mesmo ocorreu a você por um segundo que isto pode ser importante para mim? E não como, “Oh, eu preciso de um carro novo”, ou... “Eu quero voltar para a escola.” Ou ainda, “Que tal ter um maldito encontro de vez em quando entre você levar um tiro e fazer um trabalho que odeia.” Wrath, esta é a base da vida.

E a porta de entrada para a morte — dela. Tantas fêmeas morreram na mesa de parto, e se ele a perdesse.

Foda-se. Ele não podia nem mesmo hipoteticamente ir lá. —Não vou te dar uma criança. Eu poderia maquiá-la com um monte de besteiras sem sentido e palavras suaves, mas mais cedo ou mais tarde, você vai ter que aceitar.

—*Aceitar isso?* Como eu estivesse espirrando com alguém resfriado e só tivesse que me resignar a tossir por um par de dias? — O espanto em sua voz soou tão claro como a raiva dela. — Você ao menos *ouve* a si mesmo?

—Eu estou consciente pra caralho de cada palavra que eu escolhi. Confie em mim.

—Ok. Ótimo. Por que não colocar o sapato no outro pé. E se eu digo... que tal isso — você vai me dar a criança que eu quero, e isso é apenas algo que *você* vai ter que se acostumar. Ponto.

Ele deu de ombros novamente. —Você não pode me obrigar a ficar com você.

Conforme Beth engasgou, ele teve uma sensação de que eles entraram em uma nova dimensão no seu relacionamento — e não uma boa. Mas não havia como voltar atrás.

Xingando baixinho, ele balançou a cabeça. —Faça a si mesma um favor e pare de sentar com aquela fêmea durante horas todas as noites. Se você tiver sorte, isso não funcionou e podemos simplesmente esquecer tudo isso.

—Esquecer — espera. Você — você — você perdeu a porra da sua mente?

Merda. Sua *shellan* não gaguejava ou tropeçava, e ela raramente praguejava. O que era uma trifeta⁶⁴.

Mas isso não mudava nada. —Quando você ia me dizer? — ele exigiu.

— Te dizer o quê? Que você pode ser um verdadeiro idiota? Que tal agora.

—Não, que estava deliberadamente tentando iniciar sua necessidade. Falar sobre coisas que nos afetam tanto.

O que teria acontecido se ela tivesse de repente entrado em seu período quando estavam a sós durante o dia? Ele poderia ter cedido e, em seguida...

⁶⁴ Um sistema de apostas em que o apostador deve escolher os três primeiros colocados na sequência correta. Também chamado de triplo.

Nada bom. Especialmente se mais tarde ele descobrisse que ela estava fazendo hora com a Escolhida para especificamente esse fim.

Ele olhou para ela. —Sim, exatamente quando é que ia falar sobre isso? Não ia ser hoje à noite, certo? Você estava guardando para amanhã? Não? — Ele se inclinou para a mesa. Você sabia que eu não queria isso. Eu te *disse* isso.

Mais passos: Ele podia ouvir cada passo dela. Foi um pouco antes deles pararem.

—Quer saber, vou sair agora, — disse ela, —e não apenas porque tenho que sair hoje à noite. Eu preciso ficar longe de você por um tempo. E então, quando eu voltar, vamos conversar sobre isso — os dois lados da questão — não! — Ela ordenou quando ele ia abrir a boca. —Você não diz mais uma maldita palavra. Se você fizer isso, eu tenho uma sensação que vou estar arrumando minhas malas e decolando permanentemente.

—Onde você vai?

—Ao contrário da crença popular, você não tem o direito de saber onde eu estou a cada segundo do dia e da noite. Especialmente depois desta diatribe.

Xingando novamente, ele arrancou seus óculos protetores e esfregou a ponta do seu nariz. —Beth, escute, eu sou razoável.

—Oh, eu ouvi você o bastante por enquanto. Então faça-nos um favor e fique onde está. No ritmo que está indo, essa mesa e essa cadeira dura serão tudo o que você vai ter, de qualquer maneira. Você pode muito bem se acostumar a elas.

Ele fechou a boca. Ouviu-a sair. Ouviu a porta se fechar em seu rastro.

Estava prestes a se levantar e ir atrás dela, mas então se lembrou da Dra. Jane dizendo algo sobre a MRI⁶⁵ de John Matthew no hospital humano. Tinha que ser onde estava indo — ela disse que era importante para ela ir com ele.

De repente, ele se lembrou da convulsão, e o que tinha acontecido no meio dela. Ele tinha confrontado Qhuinn depois sobre o que John havia tentado comunicar a Beth — se algo estava sendo dito à sua *shellan*, ele ia saber os detalhes, muito obrigado.

Vou te manter segura. Vou cuidar de você.

Ok, material para WTF⁶⁶. Normalmente, Wrath não tinha queixas de John Matthew. Na verdade, sempre gostou do garoto — até o ponto em que foi tipo assustador quão facilmente o lutador mudo entrara na vida de todos eles — e ficara lá.

Grande soldado. Boa cabeça sobre aqueles ombros. E a falta de uma voz não era um problema, exceto com relação a Wrath porque, obviamente, ele não podia ver para ler ASL⁶⁷.

Oh, e quanto ao teste de sangue que dizia que ele era filho de Darius? Quanto mais tempo você ficava em torno do garoto, mais óbvia era a ligação.

Mas ele traçaria uma puta linha divisória quando qualquer macho tentasse se interpor entre ele e sua companheira, irmão de sangue ou não. *Ele* era o único que manteria Beth segura e cuidada. Ninguém mais. E ele teria confrontado John depois... exceto que era coisa mais estranha,

⁶⁵ Ressonância Magnética.

⁶⁶ *What The Fuck: Que porra: usado em e-mails, mensagens de texto, etc.*

⁶⁷ *American Sign Language: Linguagem americana de sinais*

o garoto não parecia saber o que dissera também: John não era versado na língua antiga o suficiente para manter uma conversa na mesma, e ainda Blay e Qhuinn ambos confirmaram que isso era o que ele parecia estar articulando.

Mas o que for. John ia para algum tipo de tratamento, e no tocante a Beth, ele não ia ser basicamente um problema. Esta coisa do bebê, no entanto...

Foi um longo tempo antes de Wrath liberar suas mãos agarradas aos braços do trono, e conforme ele as flexionava, as juntas queimavam.

No ritmo que está indo, essa mesa e essa cadeira dura serão tudo o que você vai ter.

Que confusão. Mas a linha de fundo, a verdade no granito era... ele simplesmente não podia perdê-la durante a gravidez. E tão ruim quanto era ter essa rixa entre os dois, pelo menos, os dois ainda estavam no planeta e ficariam assim: Não havia nenhuma maldita maneira dele voluntariamente arriscar a vida dela apenas por algum filho ou filha hipotético — que, por sinal, assumindo que sobrevivesse até a idade adulta, seria susceptível de sofrer com este legado real, tanto quanto ele.

E essa era a outra grande parte para ele. Ele não estava com pressa de condenar um inocente a toda essa porcaria de Rei. Isso arruinara sua vida — e isso não era uma herança que queria compartilhar com alguém que ele, sem dúvida, amaria quase tanto quanto sua *shellan*.

Se mexendo no trono, ele olhou para si mesmo e fez uma careta.

Mesmo que não pudesse ver nada, ele percebeu... tinha uma ereção. Uma latejante e esticada excitação, que estava empurrando contra o zíper de seu couro.

Como se tivesse algum lugar para ir. Tipo, agora.

Colocando a cabeça em sua mão, ele sabia exatamente o que isso significava.

—Oh... Deus... *não*.

—Você gostaria de se alimentar?

Enquanto esperava por uma resposta à sua pergunta, a Escolhida Selenia fez o possível para ignorar o fato de que o incrível homem de pele escura na cama diante dela estava nu. Ele tinha que estar. Com o lençol enrolado na cintura, o peito estava nu, seus peitorais esculpidos e ombros definidos iluminados pela suave luz no canto.

Era difícil imaginar por que ele se preocuparia com qualquer coisa abaixo dos quadris.

Querida Virgem Escriba, que visão fascinante que ele era. E uma revelação — embora não porque ela fosse ignorante ou ingênua. Ela poderia estar isolada no Santuário desde seu nascimento há um século, mas como *ehros*, ela estava familiarizada com a mecânica do sexo.

Independentemente da formação, no entanto, o ato ainda não tinha sido seu destino. O Primale anterior fora morto nos ataques logo depois de ela ter amadurecido, e seu substituto não fora nomeado por décadas e décadas e décadas. Então, quando Phury assumiu o manto, ele mudou tudo e libertou todas elas, enquanto tomava uma *shellan* a quem era monogâmico.

Sempre se perguntou como era o sexo. E agora, olhando para Trez, sabia visceralmente porque as fêmeas se submetiam. Por que suas irmãs haviam se enfeitado e preparado para o seu

—dever. — Por que elas haviam retornado para o dormitório depois emitindo um brilho por sua pele, seu cabelo, seus sorrisos, suas almas.

Era esmagador experimentar isso em primeira mão.

De repente, se deu conta de que ele não respondera.

Como ele continuava apenas olhando-a fixamente, ela se perguntou se o ofendera. Mas como? Era do seu entendimento de que ele estava sem uma companheira: Ele veio para esta casa com seu irmão, e não uma *shellan*, e nunca houve mulher aqui nesses quartos.

Não que tivesse reparado em cada um dos seus movimentos.

Apenas a maior parte deles.

Enquanto suas faces coravam, ela disse a si mesma que, certamente, ele deve precisar de uma veia depois de tudo que sofreu? Na verdade, o preço da doença aparecia em seu rosto... seu rosto duro, bonito, com seus olhos negros e amendoados e proeminentes lábios, esculpidos e maçãs do rosto salientes e queixo forte, duro...

Selena perdeu sua linha de pensamento.

—Você não quis dizer isso, — ele disse asperamente.

Suas palavras foram mais profundas do que o habitual, e tiveram o efeito mais estranho sobre ela. De repente, aquele rubor em seu rosto floresceu dentro de seu corpo inteiro, aquecendo-a do âmago para fora, soltando-a de forma que a fez temer o seu futuro um pouco menos.

—Quis sim, — ela se ouviu dizer.

E isso não seria um dever. Não, neste espaço silencioso, escuro entre eles, ela o queria — em seu pescoço, e não em seu pulso.

Loucura, uma voz interior avisou. Aquilo não era apropriado, e não apenas porque turvava as linhas do trabalho que ela fazia aqui nesta casa.

Fechando os olhos, ela odiou o fato de que, por tudo o que era razoável, ela deveria virar e sair do quarto agora. Este homem, este homem resplandecente que era capaz de derreter até mesmo a rigidez de seus membros, não era o seu futuro. Não mais do que o Primale era — ou qualquer homem, aliás.

Seu futuro fora determinado antes mesmo que tivesse sido envolta em sua primeira túnica como uma Escolhida.

Depois de um longo momento, ele balançou a cabeça. —Não. Mas obrigado.

A rejeição lhe deu náuseas. Talvez ele sentisse os desejos inapropriados da parte dela? E, no entanto... podia jurar que ele se sentia da mesma forma. Ele parou perto da escada aquela primeira vez, e ela tivera tanta certeza que ele queria...

Bem, pelo menos então ela estava com cabeça o bastante para tentar avisá-lo.

Depois que eles se separaram sem jeito, no entanto, a forma como ele olhou para ela demoradamente, e foi então que ela começou a observá-lo das sombras.

Ele não estava olhando para ela assim agora, no entanto.

E isso tudo tinha mudado para ele com sua oferta. Por quê?



—Você deve ir. — Ele acenou com a cabeça para a porta. —Eu só preciso comer alguma coisa e eu vou ficar bem.

—Eu te ofendi?

—Oh, Deus, não. — Ele fechou os olhos e balançou a cabeça. — Só não quero...

Ela não podia pegar o resto do que ele disse, porque ele esfregou o rosto e abafou as palavras.

Abruptamente, Selena pensou sobre os livros que lera na biblioteca sagrada do Santuário. Tantos detalhes da vida vivida aqui na Terra. Tão rico e surpreendente, as noites e dias. As histórias tão vívidas, até que pareciam como se pudesse alcançar e tocar este outro plano de existência. Estivera ávida por esse outro lado, desenvolvera um vício por suas histórias em toda a sua glória e sua tristeza: Ao contrário de muitas de suas irmãs, que apenas registravam o que viam nas bacias de observação, ela fora voraz em seu tempo livre, estudando o mundo moderno, as palavras usadas, a maneira pela qual as pessoas se comportavam.

Ela sempre teve a concepção de que isso era o mais perto que ela jamais chegaria a ter de liberdade de escolha, e qualquer tipo de destino.

E isso ainda era verdade, mesmo após a libertação de Phury.

—Porra, fêmea, não olhe para mim desse jeito, — Trez gemeu.

—Assim como?

Ele pareceu rolar seus quadris, e quando resmungou algo que ela também não pode pegar, ela respirou fundo e, querida Virgem Escriba, o cheiro que vertia dele era nada menos do que ambrosia no nariz.

—Selena, você tem que ir, garota. Por favor.

Ele arqueou de volta para os travesseiros, seu peito magnífico tensionado, as veias do pescoço se destacando. —*Por favor.*

Obviamente, ele estava com dor, e ela estava de alguma forma a causando.

Selena se atrapalhou com sua túnica para mantê-la no lugar enquanto ficava de pé. Com uma reverência desajeitada, ela baixou a cabeça. —Mas é claro.

Ela não se lembrava de sair do quarto e fechar a porta, mas ela deve tê-lo feito: Ela acabou no corredor, de pé no meio do caminho entre porta trancada que dava para os aposentos privados de primeira família e as escadas que a levariam de volta para o segundo andar...

A próxima coisa que soube, é que estava no Santuário.

Um pouco surpresa, na verdade. Normalmente, quando completava qualquer obrigação sobre a Terra, ela trilhava seu caminho para o norte, para a Grande Casa de Campo de Rehvenge. Ela gostava da biblioteca de lá — suas ficções e biografias eram tão emocionantes, e de alguma forma menos intrusivas, que os volumes no Santuário.

Mas algo nela a levava para sua antiga casa.

Como estava diferente, ela pensou enquanto olhava em volta. Deixou de ser uma cidadela monocromática — agora apenas os edifícios, construídos de mármore puro, eram brancos. Todo o resto brilhava com as cores, do esmeralda da grama, para o amarelo, rosa e roxo das tulipas, para o azul claro a correntes das termas. Mas a disposição era a mesma. Templo privado do Primale



permanecia próximo aos dois claustros das escribas e a enorme biblioteca de mármore, bem como à entrada trancada dos quartos privados da Virgem Escriba. Mais afastado, os dormitórios onde as Escolhidas teriam tanto o seu repouso e as suas refeições eram ao lado das termas e do espelho d'água. E então oposto a tudo isso estava a vasta tesouraria com seus objetos, esquisitices, e caixas de pedras preciosas.

Oh, a ironia, entretanto. Que agora houvesse cor para agradar aos olhos? Tudo estava vazio de vida, as Escolhidas tinham desaparecido do mapa e aberto suas asas.

Ninguém tinha ideia de onde a Virgem Escriba estava — ninguém ousava perguntar, também.

A ausência era estranha e desconcertante. E ainda bem-vinda também.

Conforme os pés de Selena se puseram a andar, ficou claro que ela tinha algum tipo de destino em mente, mas ela não tinha conhecimento disso conscientemente. Pelo menos isso não era incomum. Ela sempre foi um ser independente em sua cabeça, geralmente porque ela estava pensando sobre o que tinha visto nas tigelas de observação ou lido nas lombadas das capas desses volumes encadernados em couro.

Ela não estava considerando a vida dos outros, no momento, no entanto.

Aquele homem de pele escura era... bem, não pareciam existir palavras suficientes para o descrever, apesar de seu extenso vocabulário. E as imagens recordadas de agora em seu quarto eram como a cor recém-chegada aqui — uma revelação de beleza.

Presas em pensamentos sobre ele, ela continuou passeando, passando pelo do centro das escribas, descendo o gramado para os dormitórios, e depois mais para a frente, até que ela se aproximou do limite da floresta, que se ultrapassado, magicamente te cuspiria exatamente no mesmo lugar onde você tinha entrado.

Não foi até que fosse tarde demais que percebeu onde seus pés a tinham levado.

O cemitério era cercado de todos os lados por um caramanchão, a colina propositadamente excluída da vista por uma rede de folhas que era verdejante e espessa como um gramado vertical. A entrada em arco era igualmente obstruída por ramos de rosas trepadeiras e o caminho de cascalho que serpenteava para o interior mal dava para uma única pessoa.

Selena não tinha a intenção de entrar.

Seus pés romperam esse pacto por vontade própria, movendo-se à frente, como se servos de um propósito maior.

Dentro dos limites cercados pelas árvores, o ar era tão ameno, como sempre, e ainda um arrepiou passou por ela.

Envolvendo seus braços ao redor de si mesma, ela odiava tudo sobre o lugar, mas principalmente o silêncio dos monumentos: Elevando-se sobre frontões de pedra branca, as formas femininas estavam em várias poses, os braços e as pernas em ângulo graciosos desta e daquela maneira sobre seus corpos nus. As expressões nas estátuas eram serenas, com os olhos arregalados olhando para a vida após a morte no Fade, seus lábios virados em sorrisos saudosos idênticos.

Ela pensou de novo do homem na cama. Tão vivo. Então vital.



Por que ela tinha vindo aqui. Por que, por que, por que... para o cemitério.

Seus joelhos fraquejaram aos mesmo tempo que as lágrimas conseguiram se libertar em seu coração, seu choro a levou para o chão macio, os soluços torturantes fazendo sua garganta doer.

Foi aos pés de suas irmãs que sentiu o destino de sua morte prematura novamente.

Ao longo de sua vida, ela havia presumido que todos os ângulos de sua morte próxima haviam sido explorados.

Estar perto Trez Latimer disse que ela estava errada sobre isso.

Capítulo 12

A Galeria de Arte Benloise estava localizada no centro de Caldwell, cerca de dez quarteirões de distância dos arranha-céus e apenas dois das margens do Hudson. O edifício simples e despretensioso tinha três andares, com o espaço para a galeria de pé direito duplo no primeiro andar, os escritórios dos funcionários na parte de trás, e o escritório pista de boliche de Benloise que ficava justo abaixo do telhado plano.

Conforme Assail estacionou seu Range Rover no beco traseiro, ele respirou profundamente. Ele não tinha usado nenhuma coca antes de sair de casa, porque ele queria continuar afiado. Infelizmente, o seu corpo estava inquieto com a falta de estímulo, e a obsessão de um viciado com o que não tivera, confundia a sua mente.

—Quer que a gente vá com você? — Ehric questionou do banco traseiro.

—Somente um.

Assail saiu e esperou que eles decidissem. Droga, suas mãos tremiam, e apesar de mais uma rodada de flocos caírem do céu, ele estava começando a suar.

Ele deveria apenas arranjar coca? Estava assim perto de ficar não funcional.

Ehric se juntou a ele, vindo ao redor da parte de trás do SUV. —O que o aflige?

—Nada.

Uma mentira em tantos níveis.

Conforme eles se aproximaram da porta traseira, Assail desistiu. Cavando no bolso de seu casaco Tom Ford, ele puxou seu frasco marrom escuro⁶⁸. Desaparafusando a tampa preta, ele encheu a colher interna com uma porção de pó branco.

Sniff.

Ele repetiu no outro lado, e então deu uma única, inspirada dupla que garantiu tudo chegou em casa.



68

O fato de que ele imediatamente desacelerou para — normal — foi mais um sinal de alerta ele optou por ignorar. Calmo e concentrado não era como ele deveria estar se sentindo depois de duas tragadas — mas não perderia tempo com isso. Algumas pessoas tinham café. Outros tinham um produto diferente da coca.

Tudo era sobre o que te fazia seguir adiante.

Quando ele se aproximou de uma pesada porta de aço — o que era uma medida de segurança disfarçada como um comentário sobre o industrialismo do mercado de arte — não havia nenhuma razão para tocar qualquer campainha, e certamente nem bater. O monstro de três polegadas de espessura não era algo para perder a frente dos nós dos dedos.

E de fato, a coisa se abriu prontamente.

—Assail? Que tá fazendo? — o Neanderthal, do outro lado questionou.

Tal inspiradora exigência na gramática inglesa⁶⁹. E a saudação também lhe disse que Benloise e seus homens não sabiam quem fora responsável pelas mortes em West Point na noite anterior — caso contrário, se poderia supor que este titã da inteligência não seria tão banal.

Aquelas máscaras pretas que eles usaram vieram bem a calhar. E desativar as câmeras de segurança uma tática fundamental.

Assail sorriu sem exhibir suas presas. —Eu tenho algo para dar ao seu empregador.

—Ele tá esperando você?

—Ele não está, não.

—Ok. Vamos.

—Este é o meu sócio, por sinal, — Assail murmurou quando ele entrou na área dos escritórios. —Ehric.

—Sim. Eu imaginei. Vamos.

Avançando através do espaço de pé-direito alto, seus passos sobre o piso de concreto ecoaram até os dutos e a fiação expostos acima. Falar de caos organizado. A linha de mesas práticas, montes de armários, e peças aleatórias de tamanho grande —Arte— atravancando o espaço enorme. Nenhum trabalhador. Sem telefones tocando. A face legítima de Benloise, o negócio da droga por atacado funcionava no apagar das luzes ao anoitecer.

Como esperado.

No espaço adequado para a galeria, ele lançou um olhar rápido ao redor, enquanto o guarda que os deixou entrar desaparecia pela porta escondida para o segundo andar.

Ninguém além de dois guardas vigiando o caminho até o escritório de Benloise.

Assail considerou os homens. Seus olhares eram mais aguçados do que o habitual, eles mudavam seu peso incessantemente, suas mãos se moviam como se precisassem de se tranquilizar constantemente que estavam armados.

—Noite encantadora, não? — Assail comentou enquanto assentia sutilmente a Ehric.

⁶⁹ Aqui a autora brinca com a forma foi feita a pergunta anterior. No original: "What you doing?" quando o gramaticalmente correto seria "What are you doing?".



Enquanto os guardas congelaram, seu primo pegou a deixa para ir numa pequenina caminhada, um vampiro passeando numa exposição de papel de jornal picado moldado em vários símbolos fálicos.

—Um pouco frio, é claro. Mas os flocos são bastante pitorescos. — Assail sorriu e tirou um cubano. —Posso acender?

O da direita apontou para um aviso laminado na parede. —Não fume.

—Certamente não pode abrir uma exceção no meu caso? — Ele cortou o final do charuto e deixou a ponta cair no chão. —Sim?

O cara com olhos castanhos opacos abaixou rapidamente. Devolvendo. —Não fume.

—Ninguém aqui além de nós. — Ele puxou seu isqueiro. Estalou o topo.

—Você não pode fazer isso.

Talvez Benloise os selecionasse especificamente pela falta de vocabulário? —Na escada, então?

O gênio olhou para seu parceiro. Em seguida, deu de ombros. —Acho que está tudo bem.

Assail sorriu novamente e acendeu a chama. — Me deixe passar, então.

Tudo aconteceu muito rápido. Aquele que estava falando torceu o tronco e abriu a trava na porta — enquanto, naquele momento, o outro optou por se alongar, mexendo os braços para longe de seu corpo.

Ehric se materializou diretamente nas costas do caipira, batendo as mãos em cada lado do rosto surpreso, girando e estalando o pescoço. Para não ficar mais exposto, Assail avançou apunhalando, com a faca que ele havia tirado clandestinamente do coldre do quadril, pegando o guarda que estava fazendo cumprir as regras diretamente no intestino. Próximo passo foi sumir com seu isqueiro e bater a mão sobre a boca do homem — sufocando o gemido que ameaçava os entregar.

Para terminar as coisas, ele libertou a lâmina com um puxão e moveu para cima.

O segundo golpe foi entre duas costelas diretamente no coração.

O homem caiu no chão numa confusão frouxa.

—Diga ao seu irmão para preparar o Rover, — Assail sussurrou. —E arraste este para fora do caminho. Ele vai levar um minuto ou dois para sangrar e essa respiração pesada é audível.

Ehric entrou em modo limpeza, agarrando os tornozelos grossos e puxando o moribundo atrás de um dos expositores verticais.

Enquanto isso, Assail deslizou para a escada escondida e acendeu o charuto, baforando nuvens de fumaça enquanto movia a mão do guarda de pescoço quebrado de forma que a porta fosse mantida aberta. Ehric se juntou a ele uma fração de segundo depois, aceitando o seu próprio cubano e também acendendo enquanto deixava a coisa se fechar atrás deles.

O linguista que tinha ido verificar com Benloise olhou do alto por cima do corrimão. —Que cê tá fazendo?

Então, essa frase era tanto uma saudação e uma indagação. Alguém deveria fazer uma nota disso, Assail pensou.



Ele soltou um fluxo azul e indicou os painéis da porta fechada. —Eles disseram que não podíamos fumar na galeria.

—Não podem fumar aqui, também. — O homem olhou por cima do ombro como se o seu nome tivesse sido chamado. —Sim, está bem. — Ele se virou novamente. —Ele disse que vai vir num minuto.

—Eu acredito que nós vamos nos juntar a você, então.

O guarda-costas simplesmente não estava em seus melhores dias esta noite, não estava. Em vez de controlar a situação, ele simplesmente deu de ombros e permitiu que seu inimigo se aproximar dele, de seu chefe.

Esse presente.

Assail normalmente não se apressava, mas não esta noite. Ele e Etric subiram o lance de metal num bom ritmo.

Ele estava no meio do caminho para o gol quando percebeu que tinha cometido um erro. Provavelmente por causa da coca: Havia câmeras de vídeo em todo o interior do estabelecimento — e ele ainda não tinha feito nada a respeito delas.

—Mais rápido, — ele sussurrou baixinho ao seu primo.

Chegando ao topo da escada, Assail se curvou para o guarda. —Onde é que você gostaria que eu apagasse isto?

—Eu não sei porra. Ele não devia ter falado para acender.

—Oh, bem, então.

Etric, na sugestão, desmaterializou novamente, aparecendo atrás do guarda. Com uma bofetada, ele cobriu a boca, e puxou o guarda para trás.

Apresentando a Assail o alvo cativo perfeito.

Com um movimento cruel, deslizou sua lâmina fácil e rápido através dessa garganta como uma tosse. Em seguida, esse foi mais um caso de arrastar para longe mais uma vez.

Assail irrompeu pela porta do escritório, empurrando-a totalmente aberta. Do outro lado do vasto espaço, Benloise estava sentado sozinho atrás de sua mesa modernista de tampo elevado, o brilho da lâmpada ao seu lado destacando suas feições na escuridão, de modo que ele rivalizava com alguns dos melhores retratos de Goya.

—... estou indo para o norte agora...— Benloise parou, seu rosto se tornando instantaneamente impassível. —Permita-me chamá-lo de volta.

O atacadista de drogas de Caldwell desligou o telefone tão rápido, que o receptor bateu na sua base. —Eu acredito que disse para você esperar, Assail.

—Verdade? — Assail olhou por cima do ombro. —Talvez você devesse ser mais claro com os seus subordinados. Embora, Deus sabe, é tão difícil encontrar uma boa ajuda, não é verdade.

O pequeno homem elegante se recostou na cadeira tipo trono, sua expressão imutável. O terno sob medida de hoje à noite era num azul marinho escuro que enfatizava seu permanente bronzeado e olhos escuros, e como sempre, seus cabelos ralos estavam penteados para trás de sua testa. Se podia sentir o cheiro do perfume do outro lado do escritório.

—Me desculpe por apressá-lo, — o senhor disse isso naquele educado acento dele eu-não-sou-um-trafficante-de-drogas. —Mas eu tenho outro compromisso.

—Eu certamente odiaria detê-lo.

—E seu propósito é?

Assail assentiu uma vez, e isso foi tudo o que precisou. Eheric cintilou atrás daquela mesa de tampo elevado e imobilizou no atacadista, arrastando-o para fora de sua cadeira pesada pela cabeça. Aplicando a Taser na sequência, e Benloise era uma boneca inerte naquele muito bem-ajustado terno azul marinho.

Conforme seu primo jogava o homem por cima do ombro no transporte à bombeiro⁷⁰, nenhuma palavra foi trocada. Nenhum motivo para isso — esboçaram a ação de antemão: a infiltração, a obtenção, a remoção.

É claro que teria sido muito mais satisfatório encenar um confronto de filme de Hollywood depois que Assail respondesse à pergunta do atacadista quanto ao propósito em detalhes violentos. O mundo real do sequestro e da intimidação, no entanto, não permite tal gratificação imediata.

Não, se você queria ter o seu homem e mantê-lo.

Com Eheric nos seus calcanhares, Assail começou a correr, cruzando o brilhante piso preto do escritório e descendo as escadas com entusiasmo. À medida que atingiu o espaço da galeria, houve um momento de pausa, uma verificação rápida por sons de confronto se aproximando.

Nada. Apenas o arfar abafado dos últimos suspiros do guarda esfaqueado e o cheiro acobreado de sangue de seu ferimento no intestino.

Saindo através da porta só para funcionários para o espaço de escritório. Passando pelas mesas e o móvel pendurado feito de peças de carros destruídos.

O Range Rover estava estacionado tão perto da saída traseira, que estava praticamente no edifício, e pronto para se mover, Assail abriu a porta do banco de traseiro e Eheric atirou Benloise lá como uma mochila. Então foi um caso de *slam*⁷¹, *slam*, *screech*⁷².

Eles estavam fora e indo no limite da velocidade entre um batimento cardíaco e outro, Assail no banco do passageiro da frente, Eheric sentado atrás dele com sua carga.

Assail consultou o relógio. O tempo total decorrido foi de 11 minutos, 32 segundos, e eles tinham um bom número de horas antes do nascer do sol.

Eheric tirou um par de algemas e as prendeu nos pulsos — do negociante de arte. Então era um caso de esbofetear o filho da puta para o acordar.

Quando os olhos Benloise abriram, ele recuou como se estivesse num sonho ruim.



⁷⁰

⁷¹ Imitação do som de uma porta batendo.

⁷² Imitação do som de pneu cantando.

Em tons sombrios, Assail finalmente respondeu à pergunta que havia sido feita a ele. —Você tem algo que é meu. E você vai me devolver antes do amanhecer ou farei com que deseje nunca ter nascido.

Uma meia hora depois do épico confronto com seu marido, Beth estava na parte traseira da Mercedes S600 da Irmandade com seu meio-irmão ao seu lado e Fritz atrás do volante. O sedã era totalmente novo, o maravilhoso cheiro de couro fresco e verniz como aromaterapia para pessoas ricas.

Pena que a boa-arrogância não estava fazendo absolutamente nada para o seu humor.

Quando ela olhou pela janela com insulfilm, a descida da montanha coberta de neve para a estrada rural em sua base parecia ir em câmera lenta — embora talvez foi porque a trilha sonora para a viagem, que deveria ter sido Vivaldi ou Mozart, se você passou pelo ethos⁷³ de comerciais de carros, era o jogo de tênis tóxico daquele bate-papo pouco feliz com Wrath.

Merda. Seus *hellren* sempre foi autocrático — e por outro lado, isso nada tinha a ver com sua posição na vida: Guarda da Coroa; era a sua personalidade. E ao longo dos últimos dois anos, ela o viu jogar essa atitude ao redor em inúmeras situações, se era com os irmãos, a *glymera*, os funcionários — inferno, o controle remoto da TV. Mas, com ela, ele sempre foi... bem, não subserviente. Nunca isso. Ela sempre teve a sensação, porém, que ele cedia para ela. Tudo o que ela queria, quando queria — e Deus salvasse o tolo que ficasse em seu caminho.

Então, sim, ela assumiu que a coisa da criança seria o mesmo — que ele iria desistir, dado o quanto era importante para ela ter um bebê.

Em vez disso? Totalmente o contrário.

Um toque suave em seu cotovelo a lembrou de duas coisas: um, que não estava sozinha no vasto banco traseiro do sedan. E dois, ela não era a única pessoa que tinha problemas.

—Desculpe, — ela disse enquanto baixava as mãos que não se dera conta de ter trazido até o rosto. —Estou sendo rude, não é?

Você está bem? John gesticulou no interior escuro.

—Oh, sim, com certeza. — Ela deu um tapinha no ombro forte, sabendo com a apreensão com tudo isso tinha de estar pesando sobre ele: a viagem para a cidade, a MRI, os resultados que se seguiriam. —Mais importante, como você está?

Eu acho que a Dra. Jane fazer isso no centro médico é bom.

—Sim. — Beth teve de sacudir a cabeça, sua gratidão a Jane e seu parceiro humano, Manny Manello, a sufocando. —Aqueles dois são surpreendentes. Saúde humana é caro e difícil de navegar. Como os dois driblaram isso, eu não tenho ideia.

Pessoalmente, eu acho que é um desperdício de tempo. Ele virou a cabeça. *Quero dizer, vamos lá. Eu tive os episódios por quanto tempo? Nada nunca veio deles.*

—É mais seguro ter tudo examinado.

⁷³ *Ethos*, na Sociologia, é uma espécie de síntese dos costumes de um povo. O termo indica, de maneira geral, os traços característicos de um grupo, do ponto de vista social e cultural, que o diferencia de outros. Seria assim, um valor de identidade social. *Ethos* que significa o modo de ser, o caráter. Isso indica o comportamento do homem dando origem a palavra ética. A palavra *ethos* tem origem grega e significa valores, ética, hábitos e harmonia.

O telefone de John emitiu um *bing!* e ele inclinou a tela para que pudesse vê-lo. *É a Xhex.*

—Então para ela fazer isso lá está bem, também?

Sim. Ele exalou bruscamente. *Essa coisa toda ser-conduzido-para é ridícula. Eu poderia fazer a viagem num piscar de olhos.*

—Sim, mas se você fosse apenas um ser humano normal, iria de carro. Mais fácil de manter a mentira, você sabe.

Ainda melhor, poderíamos ter descartado essa besteira. Ele riu um pouco. *Eu vou te dizer, eu lamento por quem encontrou Xhex na porta. Ela estava preparada para fazer uma varredura em todo o complexo hospitalar — e quando ela está assim? Você não quer dizer não para ela.*

O respeito brilhando em seus olhos era uma espetada. Considerando a forma como Wrath tinha agido.

—Xhex é uma fêmea de sorte, — Beth disse asperamente.

É o contrário. Confie em mim — por que você está assim?

—Assim como?

Ele pareceu corar. *Como se você fosse chorar.*

Ela afastou a preocupação. —Alergia. Eu sempre fico com os olhos lacrimejantes nesta época do ano. Talvez eu pegue um pouco de Claritin⁷⁴ enquanto estamos fora esta noite.

Em dezembro? Sério?

Conforme ela se tornava a pessoa a desviar o olhar, Fritz acelerou na reta rural. Abrandou ao entrar numa curva. Reacelerando ao contorná-la. A Mercedes cuidava de tudo com total facilidade, o assento ultra acolchoado absorvendo as mudanças de seu corpo, um calor suave sendo bombeado para seus pés.

Eles deveriam ter colocado o slogan — Versão do Ambien⁷⁵ — no carro.

Embora novamente, porque qualquer efeito balanço-para-ninar-do-Benz era desperdiço com ela.

Tinha a sensação de que não haveria absolutamente nenhum sono até que ela e Wrath trabalhassem as coisas — ou...

Outro toque em seu braço. *Você sabe que pode falar comigo sobre qualquer coisa.*

Beth jogou o cabelo para trás... só para puxá-lo para a frente sobre os ombros novamente. Onde inferno iria com isso. Havia tantas opções — mas John tinha o suficiente em seu prato já.

Beth. Falo sério.

—E que tal a gente superar isso por você.

Isso vai me dar algo mais em que pensar, e eu poderia usar isso agora. Quando ela não respondeu, ele gesticulou, *Vamos, por favor. Estou preocupado com você.*

—Você é um fofo total, você sabe disso?

E você não está falando, não né.

Ela ficou em silêncio por um tempo. Mais à frente, uma placa para Northway apareceu, a —I-87— brilhando nos faróis. Se eles seguissem em frente e continuassem, em vez de tomar a

⁷⁴ Antialérgico

⁷⁵ A marca utilizada para a droga de zolpidem. A hipnótico utilizado para tratamento de curto prazo da insônia.

primeira saída para o centro de Caldwell, eles poderiam estar em Manhattan, em cerca de uma hora. Mais ao sul que disso iria colocá-los na Pensilvânia e então Maryland e...

—Você às vezes já desejou que você pudesse simplesmente ir embora? — ela se ouviu perguntar.

Antes de Xhex voltar? Claro. Mas agora...

Deus, pensar que era do Wrath de quem ela queria fugir. Nunca viu isso vindo.

O que está acontecendo, Beth.

Houve outro longo silêncio, durante o qual ela sabia que ele estava esperando que ela encadeasse juntos alguns substantivos e verbos para o benefício dele.

—Oh, você sabe, só um momento conjugal.

Ele balançou a cabeça. *Estive lá, passei por isso. É uma merda.*

—Muito certo.

Finalmente, ele gesticulou, *Você pode usar a casa de Darius, você sabe. Se precisar de algum espaço. Você a deu para mim, o que foi ótimo — mas eu sempre penso nela como meio tua, também.*

Ela visualizou a mansão de estilo Federativa escondida em território humano, e seu peito queimou. —Obrigado, mas eu vou ficar bem.

E mesmo que não fosse, o último lugar que queria ir era o lugar onde ela e Wrath se apaixonaram.

Às vezes boas lembranças eram mais difíceis de suportar do que as más.

Você pode pelo menos me dar um tema? Minha cabeça está rodando em todos os tipos de direções.

Iria levar mais quinze, vinte minutos para chegar ao complexo médico St. Francis. Muito tempo para se sentar neste silêncio constrangedor. E, no entanto, parecia uma violação da privacidade dela e do Wrath falar sobre a coisa do bebê... ou talvez fosse apenas uma desculpa para esconder o fato de que ela não queria chorar.

—Você se lembra de alguma coisa sobre as suas crises. Quero dizer, tipo, quando você está nelas?

Eu pensei que nós estávamos falando sobre você.

—Nós estamos. — Quando ele a olhou, ela encontrou seus olhos. —Você estava me dizendo algo. Na metade, você olhou para mim... e você estava murmurando alguma coisa. Você consegue se lembrar o que era?

Ele franziu a testa como se estivesse executando uma verificação de seus bancos de memória, seu olhar ficando desfocado. *Eu realmente não posso... eu só... vou até o topo da escada, olhou para o estúdio de Wrath, vejo você... e então só recobro a consciência quando Xhex está me levando pelo corredor para o nosso quarto.*

—Dizem que foi na Língua Antiga.

John balançou a cabeça. *Não é possível. Quer dizer, eu consigo ler algo e entender um pouco se alguém fala comigo. Mas eu não posso falar.*



Ela inspecionou as extremidades de seu cabelo, mesmo sabendo que não haviam pontas duplas; um dos *doggen* tinha cortado apenas na semana passada.

—Bem, há algo que você queira me dizer de qualquer maneira? — Ela olhou por cima. — Você pode ser honesto comigo sobre qualquer coisa. Wrath tem, tipo, uma dúzia de irmãos. Eu só tenho você.

John franziu a testa novamente. *Não, Eu.*

Um tremor súbito sacudiu suas mãos, sufocando o que ele estava gesticulando — e então ele recuou no assento, seu corpo ficando rígido.

—John! — Beth estendeu a mão para o irmão. —John — oh, meu Deus...

Conforme os olhos dele rolaram em sua cabeça, o branco brilhou como se ele estivesse morrendo. —John — volte...!

Se lançando para frente, ela bateu na partição. —Fritz!

À medida que o mordomo baixou o vidro esfumado, ela vociferou, —Acelere isso — ele está tendo outro ataque!

Olhos chocados de Fritz olhando pelo retrovisor. —Sim, senhora. Imediatamente!

O velho mordomo pisou no acelerador, e enquanto a Mercedes se lançava como um torpedo pela rampa de entrada para Northway, ela tentou ajudar John. A convulsão o tinha tomado, contudo, com as costas retas e duras como uma vareta, com as mãos enroladas em seu peito e dobradas em garras de Drácula.

—John, — ela implorou com voz embargada. —Fique comigo, John...

Capítulo 13

—Diga-me que ele está despertando novamente.

Enquanto falava, Assail olhava para o para-brisa dianteiro do Rover, o punho de uma adaga travado no aperto de sua mão direita. Estavam profundamente nas margens da floresta de Caldwell, sem luzes cintilantes provenientes das habitações através da linha de árvores, nenhum outro veículo vindo ou indo ao longo das geladas duas pistas de country road.

Benloise tinha despertado brevemente, apenas para “desmaiar” novamente. O que poderia muito bem ser uma mentira.

—Ainda não, — Eheric murmurou. —Mas ele está vivo.

Não por muito tempo.

—E nu, — o guerreiro acrescentou.

Assail se virou assim que o seu primo deixou cair sua faca de caça. Nu, de fato. O terno sob medida Benloise fora triturado, o fino tecido azul marinho em frangalhos, a camisa de seda por baixo imprópria até mesmo para uso de uma faxineira. Todas as joias foram removidas, bem como, o relógio de diamantes Chopard, o anel de ouro, o bracelete, e o a cruz numa espessa corrente de ouro.



As coisas foram colocadas em um suporte de copo, junto com um telefone celular que teve a bateria retirada para que qualquer sinal de GPS fosse cortado. As roupas foram largadas onde quer que caíssem.

Talvez ele estivesse de fato inconsciente. Difícil imaginar que o homem não estaria lutando por isso.

—Quanto mais longe? — Assail exigia.

—Mais ou menos aqui seria suficiente, — disse Ehric.

O irmão do homem pisou no freio, jogou a alavanca de câmbio em ponto morto, e desligou o motor. Imediatamente, Assail saiu, olhou em volta e confirmou o seu isolamento. Sem luzes de qualquer habitação. Nenhum som de qualquer tráfego. Ninguém em qualquer lugar.

—Desligue os faróis.

Com as rajadas de neve sendo abatidas e a lua fazendo a sua aparição através das nuvens esparsas, era mais do que suficiente à iluminação que vinha através dos pinheiros.

Assail embainhou a adaga e, em seguida, estalou os dedos. —Pegue-o e coloque para fora e de pé..

Ehric pegou o maltratado peso morto com calma admirável, dado que Benloise estava despido e mole, uma mala sem alças, por assim dizer.

O atacadista de drogas voltou à consciência, assim que foi encostado contra os contornos gelados do Rover, e o estremecimento que anunciou que ele estava acordado percorreu todos os seus membros, seus braços e pernas se movendo como os de uma marionete.

Os primos prenderam o homem contra o SUV, e o grande Ricardo Benloise não parecia mais poderoso absolutamente: Pareci que ele sempre comandava em seus ternos elegantes, mas sem o benefício daqueles casacos e calças cuidadosamente construídos, ele era apenas uma compilação de buracos encolhidos, suas costelas se destacando em relevo acentuado, a barriga saliente suave sobre os quadris ossudos, os joelhos mais amplos do que as coxas e panturrilhas.

—Não vamos perder tempo, — disse Assail em um tom baixo. —Diga-me onde ela está.

Sem resposta. O corpo de Benloise poderia estar fraco, mas sua mente, seus olhos estavam afiados como sempre: Embora estivesse em desvantagem mortal, sua vontade era inflexível.

Isso não ia durar.

Assail puxou o braço sobre o seu próprio tronco e algemou o homem com as mãos nas costas. —Onde ela está!

A cabeça de Benloise voou para o lado ao som do tapa, seu sangue salpicando a jaqueta de Ehric.

—Onde ela está! — Assail bateu no traficante novamente, seus socos duros o suficiente e com intenção de continuar. —Onde ela está!

Os primos seguraram seu prisioneiro mais alto quando ele começou a ceder.

Assail estrangulou a garganta do homem com sua mão, e ajudou no esforço até que os pés Benloise balançaram cerca de quinze centímetros acima da neve. —Eu vou matar você. Aqui e agora. Se você não me disser onde ela está.



Os olhos de Benloise giravam ao redor, mas finalmente focalizaram-se nos de Assail. E mesmo assim, não disse absolutamente nada.

Assail aumentou seu aperto até que as suas vias aéreas estivessem comprimidas. —*Marisol*. Me diga para onde a levou.

A boca de Benloise se abria enquanto ele lutava pelo oxigênio, seus braços finos empurrando contra o que o detia, com as pernas chutando os calcanhares na altura do painel.

—*Marisol*. Onde ela está.

Aqueles olhos nunca deixaram os de Assail, a tal ponto que, em circunstâncias diferentes, ele poderia ter respeitado obstinação do homem. Agora era um para-raios para a frustração.

—Onde ela está!

Com a mão livre, Assail alcançou entre as pernas do homem e torceu as bolas apertando firmemente contra seu tronco.

O grito que se levantou ficou travado na garganta, o aperto de Assail silenciou o som. E ele queria fazer muito mais, mas ele não podia matar o desgraçado. Ainda não. Ordenando a mão para liberar as vias aéreas, um momento antes dos seus dedos obedecerem.

Benloise tossiu e engasgou, o sangue de seu lábio cortado caindo sobre seu peito nu.

— Onde ela está!

Nem uma palavra veio em forma de resposta.

O bastardo não quebraria. Não desta forma, de qualquer modo — e mesmo que a palma da mão de Assail coçasse para usar sua adaga, ele não confiava em si mesmo com aquela lâmina afiada.

Estripar o filho da puta não era o que ele realmente queria.

Assail se aproximou. — Quero que preste muita atenção agora. Está me ouvindo?

A cabeça de Benloise pendeu, mas seus olhos permaneceram abertos — tanto que Assail deu a volta na parte de trás do SUV. Abrindo a janela, ele ergueu o homem amarrado e amordaçado que haviam sequestrado antes de ir para a galeria.

O irmão de Benloise não revidou. Então, novamente, Ehric tinha escapado por trás de Eduardo em sua casa e socou uma seringa cheia de heroína em uma veia grossa no pescoço. O homem estava agora também nu, e a condição do seu corpo muito mais em forma sugeria que ele era tanto mais jovem e que não tinha sido em vão o bronzado que ele tinha sobre seu corpo musculoso.

Assail atirou-o aos pés Benloise.

Ele não esperava que a surpresa influenciasse as coisas. Mas o que estava por vir iria.

Enquanto o mais velho Benloise observava, Assail rolou o homem inconsciente em suas costas, tirou a mordaça, e pegou uma segunda seringa. Na sua barriga frágil, naloxona, o antídoto usado geralmente em salas de emergência para combater a overdoses de opiáceos, era um líquido claro enquanto ele espetava a agulha na veia do braço de Eduardo, não demorou muito para que ele acordasse novamente.

Eduardo acordou num supetão, com seu tronco se debatendo sobre a neve. Assail prendeu a mandíbula do homem em um aperto duro. Puxando sua cabeça ao redor, ele rosnou: —Diga Olá

para o seu irmão, vamos ser educados. — Seus olhos se arregalaram amplamente, Eduardo imediatamente começou a falar em espanhol, e Assail com um impulso tirou sua adaga e apontou em seu rosto. — Seu irmão tem um lugar onde ele leva as pessoas para matá-los. Onde é?

— Eu não sei o que você é...

Assail montou sobre o homem e agarrou o cabelo no topo da cabeça, como Eduardo utilizava uma grande quantidade de gel, fez uma bagunça gordurosa, mas ele conseguiu obter uma retenção razoável. Colocou a lâmina sob o queixo do homem, ele fez questão de falar devagar.

— Onde é que ele leva as pessoas. Sei que há um lugar, privado e seguro. Não em sua casa. Não no centro.

O Benloise mais velho finalmente falou apressado, as palavras guturais dirigidas a seu irmão, pontuadas pela respiração irregular. Em resposta, os olhos de Eduardo tornaram-se ainda maiores, e não precisava saber espanhol para entender o significado: Se disser alguma coisa, vou matá-lo eu mesmo.

Assail colocou seu corpo entre os dois e ficou olho-no-olho com Eduardo. — Eu vou machucar você agora.

Escolha um lugar, em qualquer lugar.

Assail decidiu começar com os ombros. Com um golpe rápido, ele enfiou a lâmina profundamente a carne abaixo da clavícula, doloroso, mas não fatal por um longo período.

Enquanto seus ouvidos zumbiam pelo grito, ele manteve o punhal no lugar. E o aperto no punho.

— Onde é o local? — Quando não conseguiu uma resposta imediata, ele torceu a faca. — Para onde é que ele a levou?

Mais torção. Mais gritos.

E foi quando Ricardo falou novamente, sua voz cortando o drama para reforçar sua mensagem. No entanto a agonia ganharia, Assail estava certo disso.

Recuando e dando ao querido menino Eddie um momento para descansar e se recuperar, ele observou o punho da adaga mover para cima e para baixo no tempo da respiração torturada dele.

Oh, como caíram os poderosos. Eduardo sempre foi o auditor financeiro elegantemente vestido. Mas ali estava ele, o cabelo uma bagunça, os olhos injetados de sangue, neve manchando toda a sua pele nua.

Assail olhou-o com toda a compaixão que teria por um atropelado ainda se debatendo. — Não dê ouvidos a ele. Se você fizer isso, eu vou matá-lo lentamente. A única maneira de salvar a si mesmo é me dizer o que eu preciso saber.

Ricardo latiu algo acentuadamente.

— Não dê ouvidos a ele. — Assail manteve os olhos trancados com os de Eduardo. — Fale comigo. Salve-se.

Eduardo continuou tentando ver seu irmão, mas Assail mudou de posição com aquele olhar de pânico até que Eduardo gemeu, seus olhos ocultos no meio de seu rosto enrugado.

O Commodore era, indiscutivelmente o lugar para se viver no centro de Caldwell. Erguendo-se em mais de vinte andares de altura, o edifício tinha vista para o rio Hudson e era cortado em grandes blocos com apartamentos que tinham abundância de metragem quadrada, bem como cozinhas e banheiros com tecnologia de ponta. As janelas de vidro que iam do chão ao teto indicavam que os pontos de vista em todas as quatro direções fossem uma parte da decoração tanto quanto qualquer coisa que os proprietários colocassem nos espaços, e havia rumores de que celebridades, à procura de uma pausa de Manhattan, os usavam como um lugar alternativo para consumo droga.

Falando nisso, havia até uma plataforma de pouso de helicóptero no topo.

Am chegou ao décimo oitavo andar e pegou a direita. Aproximadamente trinta metros depois, ele parou em frente a uma porta marcada como 18A, e apertou o bloqueio da fechadura de cobre a qual ele e seu irmão insistiram que fosse instalada quando se mudaram para lá há cinco anos.

Caminhando pelo apartamento de duzentos e oitenta metros quadrados, seus Merrells⁷⁶ não faziam muito barulho, embora o chão polido estivesse nu de tapetes e a mobília modernista fosse mínima, e não apenas em termos de estilo, mas quantidade.

Droga... essa visão ainda era incrível. Especialmente assim, à noite, sem luzes no interior: A cidade mostrava seu rosto à noite, tudo brilhando, a partir do mosaico de luzes à esquerda nos arranha-céus até as arcadas duplas das pontes gêmeas para as faixas de lanternas vermelhas e brancas de faróis movendo próximo à costa abaixo.

Tão fácil de esquecer que o coração de Caldie era um lugar sujo com tanta pobreza como a riqueza se não mais: Até aqui, isolados da realidade, com as sirenes e fedor de lixo tão distante, era tentador acreditar na versão higienizada do 518.

Mas ele não era tolo.

Do outro lado, havia portas de vidro deslizantes que davam para o terraço, e depois de ligar as luzes, ele atravessou e as abriu, uma rajada fria correndo e agitando o ar interior abafado. Seu visitante não era esperado por uma hora ainda, mas ele queria ter certeza que o lugar parecia habitado. Voltando-se à direção oposta, rumo a cozinha aberta, ele fez alguma desordem discreta colocando um par de pratos já limpos no corredor ao lado da pia e desarrumando um



⁷⁶ Merrel – Empresa especializada em calçados para esportes ao ar livre – caminhadas, escaladas, etc...
<http://www.merrell.com/US/en/BrandHistory>

pouco...vamos ver... uma colher ou duas no balcão. Um pacote de batatas fritas Cape Cod ⁷⁷ já velho e meio comido. A revista GQ que ele folheou e deixou aberta num artigo que tinha uma jaqueta que Trez gostaria.

Em seguida, ligou a cafeteira.

Ele e seu irmão tinham a intenção de nunca mais voltar aqui, mas ele tinha que manter o lugar porque era importante que o s'Hisbe não tivessem ideia de que eles se mudaram: Um grupo de busca em Caldwell não seria bem visto. Especialmente se de alguma forma, culminasse com uma visita à mansão da Irmandade

iAm se voltou para a porta de vidro. No terraço, uma figura se materializou vinda da noite, negra como um espectro as suas vestes se debatendo no vento forte até o lado liso do edifício.

— Bem-vindo, — iAm falou ao sumo sacerdote em um tom plano. — Chegou cedo.

Ok, qual deles tinha perdido a noção do tempo?

A figura veio até a porta, andando de uma maneira suave e com tal controle que você poderia jurar que ele estava flutuando.

— Estou convidado a entrar? — Veio uma voz seca.

O coração do IAM pulou uma única batida.

Foda, este *não* era o sumo sacerdote.

Com essas vestes que cobriam tudo, da cabeça aos pés, ele assumiu que conhecia quem chegara.

Esse era pior, muito pior.

O Capuz do carrasco deveria tê-lo avisado.

— Bem, estou? iAm. — Você podia praticamente ouvir o sorriso desagradável. — Por causa da aliteração na frase⁷⁸.

— Sim, entre, — iAm disse, sutilmente colocando a mão sob a jaqueta. Com um movimento, ele lançou correia do coldre do outro lado da coronha da Glock. — Nunca esperava que você viesse a minha casa.

— Interessante. Não achei que você fosse tão ingênuo. — O macho teve que se dobrar para entrar. — E não é a casa de seu irmão também?

Cristo, tudo que iAm conseguia pensar era no Grim Reaper⁷⁹.

Então, novamente, s'Ex, como executor da Rainha dos Sombras, matara coisas o suficiente para encher um cemitério ou dois. E foi criado para trazer a morte. O macho tinha mais de 2 metros de altura e facilmente pesava mais de 136 quilos. E aquela voz, vinda de debaixo do capuz? pura maldade.



⁷⁷ Batatas fritas Cape Cod – marca tradicional de batatas, largamente consumida nos Estados Unidos.

⁷⁸ Aqui o recém-chegado brinca com as palavras “**am I**” (estou/sou) com o nome do dono do lugar **iAm**, a semelhança dos fonemas configura a tal aliteração mencionada no parágrafo <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alitera%C3%A7%C3%A3o>

⁷⁹ Grim Reaper – personificação da morte http://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_%28personifica%C3%A7%C3%A3o%29

—Bem, ouvi dizer que você nunca deixou Anslai entrar, — ele disse enquanto fechava a porta de correr. — Estou emocionado.

—Não fique. Na verdade, o sumo sacerdote, achava que este lugar estava muito contaminado por nosso contato com os humanos. Café?

—Como se isso fosse um encontro? — Ao contrário do sumo sacerdote, s'Ex não tinha paciência para as regras de cortesia ou a formalidade observadas entre os membros da s'Hisbe. Então, novamente, a governante suprema não o mantinha ao seu lado por seu charme. —E sim, por que não. Gosto da ideia de você esperando por mim.

iAm rangeu os molares, mas não ficaria irritado. O s'Hisbe apostaram alto a milhares de quilômetros enviando um cara em vez do sumo sacerdote, então as coisas já estavam começando de um jeito ruim.

Indo ao redor do balcão de granito, ele pegou duas canecas em baixo do armário de vidro da frente e esperava que o bastardo não quisesse leite no seu. Enquanto esperava, enquanto a cafeteira borbulhava e assobiava para o final de seu ciclo, a última coisa que esperava era que s'Ex viesse e se sentasse em um banquinho —normalmente o executor teria inspecionado o lugar.

Infelizmente, isso provavelmente significava que ele já tinha feito isso.

—Então, você e seu irmão tem estado ocupados ultimamente. — S'Ex colocou seus enormes braços sobre o balcão e inclinou-se para ele. —Não é mesmo?

—Você se importa de tirar esse capuz fora. — iAm olhou direto para a malha que cobria aquele rosto. —Quero ver seus olhos.

—Que romântico.

—Nem de perto.

—Você sabe, você não tem apoio quando se tratar das demandas.

—Você odeia usar esse maldito capuz. Não minta.

—Ao contrário de algumas pessoas, o dever não me irrita.

— Besteira.

A pequena pausa lhe disse que em algum nível conseguira. Mas isso não durou muito. —O café ficou pronto. Poderia trazer o meu?

iAm virou de modo que sua mandíbula não estivesse exposta. —Açúcar?

—Já sou doce o suficiente como sou.

É. Certo.

iAm trouxe mais duas canecas. —Se quiser canudinho na caneca, está sem sorte. Sinto muito.

s'Ex revelou-se com um rápido empurrão sem complicações do seu capuz, a despeito do fato de que essa coisa devia pesar uns 136 quilos.

E sim, por baixo estava exatamente como iAm se lembrava. Pele escura. Astutos olhos negros. A cabeça raspada com padrões cerimoniais. Tatuagens brancas na garganta, que continuavam em torno de cada centímetro quadrado de sua carne.

E P.S.⁸⁰, essas tatuagens não foram feitas por tinta. Era veneno injetado na pele em um padrão tal que, quando a derme morria, ficava—descolorido. — A maioria dos homens, para provar sua masculinidade, tinham uma pequena em seu braço e ficava doente por dias. Ninguém, mas ninguém, tinha aquelas marcas como s'Ex tinha.

O bastardo era um monstro. Especialmente quando ele sorria —por algum motivo, provavelmente a sobrecarga de testosterona, as presas estavam completamente expostas.

—Feliz agora? — Ele falou lentamente.

—Não é a palavra que eu usaria. — iAm segurou na alça de sua caneca. —Então, a que devo esta honra.

Ou levar um chute no saco, como era o caso.

s'Ex sorriu um pouco, o que era pior do que o seu sorriso completo. —Então, você e seu irmão tem estado ocupados.

—Você já disse isso.

—Fiz algumas visitas aqui. Nada de especial, apenas uma vez ou duas. Vocês dois não tem estado por aqui ultimamente. Ocupado com as fêmeas?

—Trabalhando.

—Noite e dia, então. Uau... preocupado com o dinheiro? Precisam de um empréstimo?

—Não de você. Eu não poderia pagar.

—Tão certo— olhos negros Estreitaram-se por conta própria. —Então, por onde tem andado.

—Por aí. Obviamente agora, estou aqui.

—Acho que você não mora mais aqui.

—Então por que você está sentado em uma coisa que é minha.

—Aposto que se eu for no seu quarto, o armário está vazio.

—E eu suponho que arrombar e invadir seja parte da sua atitude — a menos que você tenha mudado o seu estilo.

s'Ex recuou e cruzou os braços sob suas vestes. —Agora o quanto seria rude de minha parte se eu fizesse algo como invadir sua casa e farejar por aqui. Seria impensável.

—Está dizendo que não fez isso. — iAm revirou os olhos. —Realmente.

—Não. Ou eu poderia estar mentindo. Mais ou menos como você me dizendo que não está vivendo mais aqui.

—Talvez você tenha acabado de chegar, enquanto nós estávamos fora.

—Ok, vamos olhar para esta noite. Por que você está vestindo seu casaco? Por que as colheres sobre o balcão estão limpas? Ah, e a revista? Do último mês. E ainda assim, está aberta

⁸⁰ **Post-scriptum** ou **P.S.** (do latim, significa literalmente "escrito depois"), originariamente, indicava algo que julgasse necessário acrescentar a uma carta após o seu encerramento (fecho, assinatura etc). Com o tempo, foi-se percebendo que esta fórmula servia para corrigir os lapsos de memória ou simplesmente informar que haviam ocorrido alterações depois que se dera a carta por concluída. Atualmente "P.S." deixou de ser usado apenas coloquialmente como um adendo/apêndice em um texto e passou a ser usado também como complemento ou explicação casual, parcial ou inteira. É o mesmo que se colocar uma observação sobre parte citada ou sobre um texto por completo. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Post-scriptum>

como se tivesse sido lida. —Ele mesmo fez as aspas no ar. —E um saco já aberto de batatas, não é como se a dispensa estivesse cheia.

Maldição. —GQ não é contrabando no Território?

s'Ex sorriu novamente. —Sua Alteza Real gosta de me manter feliz. O que posso dizer.

Ou isso ou a própria rainha estava com medo do cara.

iAm baixou as pálpebras para meio mastro. —Fale comigo.

—Eu pensei que eu estava fazendo isso. Ou estávamos usando a linguagem de sinais e eu perdi?

Exceto pelo executor ficando sério, franzindo a testa para sua caneca, ficando imóvel.

E quanto mais tempo o silêncio durava, mais as coisas ficavam estranhas. s'Ex não perdia tempo, e ele não tinha paciência, ordinariamente, o filho da puta era tão decisivo como uma motosserra.

iAm ficou esperando as coisas acontecerem por duas razões: uma, que outra escolha ele tinha. E duas, ele estava acostumado com isso agora.

Graças à merda de Trez, ele tivera uma super aula em não-há-nada-que-eu-possa-fazer.

Os olhos de s'Ex rolaram para trás. —O sumo sacerdote está vindo para dizer-lhe que o tempo de Trez está acabando. A rainha quer o que lhe foi prometido, e a sua filha está pronta para recebê-lo. Qualquer atraso a partir deste ponto terá repercussões mensuráveis. Então, não minta, se você tem alguma maneira de fazer o seu irmão andar na linha, faça. Agora.

—Ela vai mandar você matá-lo, não vai, — disse iAm severamente.

O executor balançou a cabeça. —Ainda não. Vou começar com os seus pais. Primeiro sua mãe. Então seu pai. E não será bonito. —O olhar do macho nunca vacilou. —Recebi ordens de amarrá-la e raspar sua cabeça, depois estuprá-la e cortá-la para que ela sangre devagar. Seu pai vai assistir a tudo isso e, em seguida, o que eu tenho que fazer com ele será pior. Se você os honra de qualquer forma, fale com o seu irmão. Leve-o para o Território. Faça-o fazer a coisa certa. Ela não vai parar até que o tenha, e para que fique claro, eu não hesitarei em fazer o meu trabalho.

iAm apoiou as mãos no balcão de granito e inclinou-se em seus braços. A situação com os pais era... complicada, para usar um termo do Facebook. Mas isso não significava que ele queria vê-los mortos e / ou profanados.

Quando s'Ex levantou-se e atirou o capuz de executor por cima do ombro, iAm se ouviu dizer: —Você não tocou o seu café.

—Você pode tê-lo envenenado. — O capanga deu de ombros. —Eu não me arrisco com ninguém, desculpe.

—Inteligente. — iAm mediu o macho. —Mas, então, você é um verdadeiro profissional.

—Sou, tenho a minha reputação por uma boa razão.

—Eu sei. — Ele xingou em voz baixa. —Estou bem ciente de seu trabalho.

—Não puxe o gatilho. Não tive pais, e desejei muito ter. Não estou ansioso por isso.

—Porra, isso não é sobre mim. — iAm enrolou seus dois punhos. —E para ser honesto, não sei se Trez se importará. Ele os odeia.

s'Ex balançou a cabeça. —Isso não é uma boa notícia. Para qualquer um de vocês.



—Porque diabos ela não pode pegar outra pessoa.

—Não é uma pergunta que eu estaria fazendo se eu fosse você—. S'Ex olhou ao redor do apartamento. —Lugar agradável, por sinal. Justamente meu estilo e eu apreciei muito a vista, enquanto estive aqui.

iAm estreitou os olhos para o tom estranho em sua voz profunda. Filho da puta... —Você fez isso, não fez.

—O quê? Como se alguém fosse querer sair do Território. Para ser livre para viver sua própria vida. —De repente, o rosto de s'Ex se transformou em uma máscara. —Não sei o que você está falando.

O executor virou-se e caminhou de volta para a porta de correr. Enquanto se movia, suas vestes flutuavam atrás dele, seu corpo se deslocando com a graça de um predador.

—s'Ex.

O homem olhou por cima do ombro. —Sim?

iAm estendeu a mão e tomou o café que serviu ao seu hóspede. Levantando-a aos lábios, bebeu tudo, terminando a merda em um só gole ao mesmo tempo em que queimava o seu caminho até seu intestino.

Quando colocou a caneca vazia de volta para baixo, o executor se curvou. —Você tem mais honra do que a maioria, iAm. E é por isso que eu vim falar com você. Eu realmente gosto de você, não que isso vá ajudá-lo muito mais do que esta noite.

—Eu aprecio isso.

O executor olhou em volta, como se ele estivesse armazenando as memórias para mais tarde. —De volta ao s'Hisbe, farei o que puder para atrasar as coisas, mas isso é com você. Seu irmão pode ser o único com o pescoço em uma corda, mas você é o cara que vai ter que levá-lo onde ele precisa ir.

—Ele não está limpo, você percebe.

—Como assim?

—Ele está transando com seres humanos. Muitos deles.

s'Ex jogou a cabeça para trás e riu. —Eu tinha a maldita esperança que sim. Se eu estivesse do lado de fora, eu o faria.

—Aposto que sua rainha não vai se sentir assim.

—Ela é sua governante, também, e eu não jogaria essa carta se eu fosse você—. S'Ex apontou o dedo indicador através da distância. —Ela fará uma limpeza nele, e se ele sobreviver a isso, — o que não é uma conclusão precipitada — Nunca mais será o mesmo. Você precisa fechar a porra da sua boca sobre sua vida amorosa, confie em mim. Ah, e Anslai não sabe que eu vim. Vamos manter este nosso pequeno segredo, sim.

Após o executor sair e desaparecer no ar, iAm andou a passos largos e fechou a porta. Em seguida, ele passou diretamente para o bar na extremidade do espaço aberto e serviu-se de um bourbon.

Parecia que o cartão de Trez de ficar-fora-da-prisão tinha um buraco no meio: sua dependência do sexo não seria o desvio que eles estavam esperando que seria.



Grande.

E se s'Ex não tivesse aparecido aqui e tivesse dito para manter toda essa porra escondida? Só Deus sabe o que teria acontecido.

Ele não tinha sequer ouvido falar sobre a limpeza, mas podia adivinhar.

De uma coisa ele tinha certeza: Ele nunca pensou em um milhão de anos que ele iria dever isso a esse carrasco de um sólido coração gelado. Então, novamente, parecia que Trez não era o único se recusando as restrições do Território.

A pergunta era... agora o que. E ele tinha cerca de dez minutos para descobrir o que faria com essa merda antes do sumo sacerdote chegar aqui.

Capítulo 15

— Nunca esperaria vê-lo novamente. Disseram que você deixou a cidade.

Quando o Chefe de Neurologia do Saint Francis inclinou-se para a tela do computador, o cara parecia estar falando sozinho. E com certeza, como Manny Manello não lhe respondeu, ele não pareceu se importar.

Beth se colocou um pouco mais perto para dar uma olhada ela mesma, embora, vamos lá, não era como se as múltiplas imagens sobre o cérebro de seu irmão nesse monitor significassem alguma coisa para ela. Esperançosamente, no entanto, esse cara de casaco branco com as credenciais impressionantes veria as coisas de um ângulo diferente.

A antessala escura em que todos estavam espremidos era como algo saído de um episódio de Star Trek, equipamentos de alta tecnologia zumbiam e piscavam, o aparelho de ressonância magnética maciça na câmara a frente era mantido separado por uma janela de vidro espesso. E, na verdade, o neurologista, sentado na frente do console, era como o tenente Sulu da forma que ele observava as telas de computadores, teclados, um ou dois telefones, um outro laptop.

— Quanto tempo durou essa convulsão mais recente? — Perguntou o neurologista distraidamente.

— Cerca de 15 minutos, — Beth respondeu enquanto John olhava para ela.

— Qualquer dormência ou formigamento?

Quando John balançou a cabeça, Beth disse: — Não. Nada.

John tinha saído da rosca oca cerca de dez minutos depois e trocou a bata de hospital de volta para seu visual relativamente inócuo de jeans e camiseta dos Giants. A intravenosa que tinha bombeado contraste em seu corpo estava fora de seu braço, um pequeno Band-Aid branco no lugar da agulha, e suas shitkickers estavam de volta.

Ele tinha deixado suas armas em casa.

Xhex, no entanto, foi totalmente carregada quando estava ao lado dele, um boné de beisebol Nike preto puxado sobre os olhos. Payne era o outro de backup, a lutadora vestia preto e



usava o mesmo tipo de casaco solto que a esposa de John.

Beth baixou seu próprio chapéu do Red Sox. Fazia um tempo que ninguém a vira no mundo humano, e não conhecia ninguém em particular no hospital – mas não havia razão para cair em mais complicação para esta viagem.

Oh, Deus, por favor, deixe isso ficar bem, pensou enquanto o médico passava todas as imagens novamente.

Logo atrás dele, não que o homem estivesse ciente disso, Dra. Jane também estava espiando por cima do ombro para as imagens em preto e branco — em modo fantasma completo.

Quanto mais olhos, melhor.

—O que você vê? — Manny perguntou.

Para seu crédito, o neurologista não se voltou até que estivesse bem e pronto – e ele se dirigiu a John quando finalmente enfrentou a multidão.

— Não há nada de anormal lá que eu possa ver.

Ouviu o suspiro coletivo de alívio. E a primeira coisa que John fez foi pegar corpo firme de Xhex e puxá-la para perto, o mundo, obviamente, desaparecendo para ambos.

Enquanto Beth os olhava, sabia que deveria se focar na boa notícia. Em vez disso, tudo o que podia pensar era em como ela estava não apenas sozinha enquanto esperava para saber se seu irmão tinha algum tipo de embolia ou tumor ou só Deus sabia o horror em seu cérebro – mas havia um grande elefante rosa metafórico entre ela e seu marido, que não estava indo embora tão cedo.

Rosa. Como na cor de uma bebê.

Ou talvez não. Talvez fosse azul claro.

—Toda a estrutura do cérebro está normal...

O médico lançou-se um monte termos médicos que felizmente significavam algo para Manny, dado que assentia. Mas os pombinhos ignoravam tudo isso, e sua auto- absorção era, na verdade, uma coisa bonita de se ver.

Pelo menos até que lágrimas de alívio misturaram-se com lágrimas de tristeza, e tudo ficou ondulado para Beth.

Tempo para desculpar-se.

Murmurando algo sobre fazer um telefonema, ela deslizou para o corredor. A unidade de imagem estava isolada no porão de um dos muitos edifícios do St. Francis, e fora dela, havia um monte de nada acontecendo: nenhum paciente no transporte, sem carros de suprimentos passando, nenhuma equipe correndo em sapatos de sola macia.

Colocando a cabeça entre as mãos, ela apoiou a bunda contra a parede e deslizou para o chão. Graças a Deus, John parecia bem. Assim, pelo menos uma parte de sua família estava bem.

Eu preciso que você escute isso e saiba que por Deus é sincero. Eu não vou atender você em sua necessidade. Jamais...

Preciso que você ouça isso, e saiba que é a mais pura verdade. Eu não vou atender você em seu período de necessidade. Nunca...

Merda, ela pensou enquanto esfregava os olhos. Agora, teria que voltar para casa e lidar



com tudo isso.

Um pouco mais tarde, o grupo apareceu do comando central, e ela deslizou para seus pés, tentando não parecer outra coisa senão aliviada com a varredura de John.

O neurologista estava olhando para uma verificação em suas mãos e balançando a cabeça. —Jesus Cristo, Manello. Você ganhou na loteria?

Algo assim. Graças aos investimentos de Darius, cinquenta mil para o departamento de neurologia como doação não seria BFD⁸¹.

E pensar que tudo que o jaleco branco teve que fazer era empurrar seu irmão em sua máquina bipando por cerca de meia hora.

—Só estou grato por que nos atendeu, — Manello murmurou.

O médico virou-se para John enquanto dobrava o cheque e colocava no bolso. — Então, sim, eu ainda recomendo os medicamentos anti-convulsivos, mas se você é totalmente contra eles, a única coisa que posso dizer é, tente manter o controle dos quandos e ondas. Veja se há um padrão – talvez haja, talvez não haja. E saiba que eu estou aqui se precisar de mim. Lembre-se do que eu disse, porém, só porque eu não consigo ver nada, não significa que você está fora de perigo. Os episódios estão acontecendo porque há algo errado. Ponto final.

— Obrigado, cara. — Manello estendeu a mão. — Você é o melhor.

Os ex-colegas apertaram as mãos. —A qualquer hora – e estou falando sério. E... você sabe, que se quiser voltar, eles o aceitarão num piscar de olhos. Você faz falta aqui.

Os olhos de Manny moveram-se para Payne, e o sorriso secreto que atingiu seus lábios era outra fonte de *awwww*.

— Nah. Sei disso agora, mas obrigado.

Fofoca. Fofoca. Bons e velhos dias. Adeus. Obrigado mais uma vez.

E então o contingente vampírico separou-se mais uma vez do humano, Manny levando-os para fora através de um labirinto de corredores de azulejo nus que parecia exatamente o mesmo – até o ponto onde ela começou a se convencer de que estavam perdidos. Errado. Ou o seu guia tinha uma bússola implantada em seu lobo frontal ou se lembrava bem a sua década trabalhando no lugar – porque eventualmente eles alcançaram nível térreo e saíram pelas portas giratórias por onde entraram.

Fritz estava esperando no meio-fio, na enorme Mercedes totalmente preta⁸² que parecia pertencer a um diplomata. O que era uma outra razão pelo o carro ser tão útil: as pessoas tendiam a sair de lado e não se meter com ele, como os seus habitantes fossem realmente importantes ou fortemente armados. Fritz tinha mais idas e vindas em sinais de parada e estacionamentos do que ela já viu. Então, novamente, ele dirigia exatamente no caminho contrário que ele veio.

O mordomo idoso não tinha um pé de chumbo. A maldita coisa era feita de tungstênio.

Vamos voltar agora? John assinalou na frente de seu rosto – como talvez estivesse tentando chamar sua atenção.

⁸¹ BFD – *Big Fucking Deal*. Um grande negócio, grande coisa.

⁸² **Black-on-black** totalmente preta no original – seria o epitome do estilo. Referindo-se a todas e quaisquer coisas que podem ser categorizados por ter o preto como a cor de fundo e, novamente, o preto como a cor de destaque.

— O qu.. — oh, sinto muito. — Ela empurrou o cabelo para trás. — Você não quer ir com Xhex?

— Estou indo para o clube, — disse a mulher. — Com Trez fora, eu preciso verificar as vendas. E esta era uma desculpa boa e plausível — exceto que era impossível ignorar os olhares laterais sendo compartilhados entre o grupo.

— Não é por minha causa, — ela murmurou.

Claro que não é, John assinalou. Você está fazendo um favor a voltar comigo. Você sabe, para me fazer companhia.

Fritz estava muito feliz ao saltar e abrir a porta para ela, e quando ela se sentou na parte traseira do sedan, avistou Manny beijando Payne e John dando um beijo ardente em Xhex.

Quando uma onda de medo tomou conta dela, pensou seriamente em ficar bêbada ao invés de confrontar seu marido. O único problema era que não resolveria nada, e além disso, sempre desprezara as mulheres que se embebedavam. Nada mais feio ou mais patético.

John entrou no outro lado, e em seguida, o Mercedes flutuou fora, seguindo a pista de debaixo do pórtico e na estrada que dava a volta ao centro médico. Com sinais como SALA DE EMERGÊNCIA, REABILITAÇÃO FARNSWORTH⁸³ e CENTRO DE COLUNA YARDLEY⁸⁴, era como uma estrada com saídas para cidades que você realmente não quer visitar.

Ao seu lado, seu irmão não parava de olhar, como se ela fosse uma banana de dinamite e ele estivesse medindo quanto pavio foi deixado antes da merda da explosão Tecnicolor.

— Eu estou bem.

Ok, eu não vou pressionar. Mas aqui.

— Huh? — Ele respondeu à pergunta dela, passando um lenço branco. — Por que eu preciso. Fantástico. Ela começou a lacrimejar.

Realmente, verdadeiramente fantástico.

Enquanto limpava as lágrimas que não estava consciente que derramara, balançou a cabeça e deixou tudo voar. — Eu quero um bebê.

Caramba... isso é incrível, seu irmão sinalizou. Isto é...

— Um pesadelo, na verdade. Wrath não quer.

Oh, seu irmão fez com a boca.

— Sim. Basicamente. E eu descobri logo antes de sairmos.

Meu Deus, você não deveria ter vindo.

— Eu precisava sair daquela casa. E eu queria ajudá-lo.

Bem... Provavelmente Wrath está apenas preocupado com você. É uma coisa assustadora para as mulheres. Com isso, seu rosto contraiu. Quero dizer, Xhex não está nessa de crianças, e tenho que te dizer, estou aliviado.

Torcendo o quadrado de algodão em suas mãos, ela deixou cair a cabeça para trás contra o encosto. — Mas se estou disposta a assumir os riscos, sinto que ele deveria colaborar. E mesmo assim, não foi como ele colocasse o seu argumento em termos de estar preocupado com a minha

⁸³ Farnsworth — Philo Farnsworth inventor do primeiro tubo de imagem. Então deve ser o setor de Diagnóstico por imagem.

⁸⁴ Spine Center — **Spine Center**. é um centro de excelência em diagnóstico e tratamentos das doenças da coluna.



saúde. Foi apenas: — Não vou atender você. Ponto.

John assobiou baixinho.

—Eu sei. Não é o nosso melhor momento. — Ela olhou por cima de seu irmão. — Eu invejo tanto você e Xhex. Vocês estão tão em sincronia.

Ha! Você devia ter nos visto há um ano. John encolheu os ombros. *Não acho que estivéssemos funcionando.*

—Sério?

Merda, sim. Ela queria sair para lutar, e assim, isso estava bom para mim – até que realmente me dei conta de que ela pode se machucar. Ele circulou a mão ao lado de seu cérebro. *Fodeu muito com a minha cabeça. Quero dizer, como um homem, sua mulher é uma fixação de uma forma que eu não acho que vocês mulheres possam apreciar. Quando se trata de Xhex, eu não estou, literalmente, no controle das minhas emoções, meus pensamentos, minhas ações quando eles se relacionam com a segurança dela. É um tipo de psicose.*

Quando ela não respondeu, ele tocou em seu braço para se certificar de que ela estava prestando atenção. *Soa muito como o que você e Wrath estão lidando. Sim, vocês podem estar toda, — Trata-se de ter uma criança —, mas, dadas as taxas de mortalidade para as mulheres? Em sua mente é, provavelmente, sobre sua sobrevivência – e ele está escolhendo isso sobre qualquer tipo de filho ou filha.*

Deus, talvez isso fizesse dela uma cadela, mas... ela realmente não queria ver o lado de Wrath nas coisas. Especialmente enunciados tão racionalmente, supondo que era, de fato, como seu homem sentia.

Ainda estava muito ferida e com raiva.

— Ok, tudo bem, talvez isso seja tudo verdade. Mas deixe-me lhe fazer uma pergunta – que você negaria a Xhex uma criança se ela quisesse uma? —Quando ele não respondeu, Beth disse:— Está vendo? Você não faria isso.

Tecnicamente, eu não respondi.

— Está no seu rosto.

Sim, mas, é fácil para mim parecer desse forma, qualquer que seja – porque ela não quer uma. Talvez eu me sentisse diferente se ela quisesse. Os riscos são reais, e não há muito o que tratamento médico pode fazer.

—Eu continuo a dizer que é o meu corpo, a minha decisão.

Mas você é a principal preocupação dele. Assim, ele tem um voto.

— Um voto é uma coisa. O veto real é outra. — Ela balançou a cabeça novamente. —Além disso, se você é capaz de articular a posição de um macho vinculado? Assim deveria ele. Ele não tem uma desculpa, só porque ele é o rei. — Quando as declarações do confronto voltaram, ela ficou enjoada. — Sua solução é me drogar. Como se eu fosse algum tipo de animal. Eu só... eu não sei se eu posso superar isso.

Talvez você devesse fazer uma pausa. Como... fugir até que você não esteja tão chateada. Em seguida, voltar e conversar.

Ela colocou a mão em seu estômago, e enquanto ela media o preenchimento de gordura

que agora estava ali, se sentiu malditamente idiota para sentar sua bunda comendo sorvete com Layla. Ela não estava mais perto de sua necessidade – quando, se alguma vez, viesse, estava claramente indo estar em sua própria programação. Tudo o que conseguira fora deixar suas calças mais apertadas e uma causar fissura entre ela e seu marido.

Nas palavras do Dr. Phil, como isso funciona para você?

Grande, Phil. Simplesmente incrível.

Inferno, talvez devesse assistir OWN⁸⁵ com mais frequência. As reprises do Dr. Phil eram exibidas por, tipo, cinco horas a cada manhã, de segunda a sexta-feira. Certamente ele teria um programa em que os casais discordavam sobre a coisa de bebê.

Por que você não vai ficar na casa de nosso pai? John gesticulou.

Ela pensou na mansão. — Sim, não. Não quero nem pensar nesse lugar.

Como uma deixa, imagens dela e Wrath de volta no início batam forte – especialmente a memória de seu primeiro encontro oficial. Deus, as coisas foram tão perfeitas na época, os dois se apaixonaram tão facilmente. Wrath a levava para casa e se vestira com um terno Brooks Brothers pela primeira e única vez em seu relacionamento. Eles sentaram-se à mesa da sala de jantar e Fritz os servira.

Foi quando Wrath disse que ela tinha gosto de...

Com um gemido, ela colocou a cabeça entre as mãos e tentou respirar com calma. Não funcionou. Seu cérebro parecia ter o equivalente mental de uma arritmia, pensamentos e memórias do passado feliz e a preocupação com o futuro sombrio numa mistura de uma bagunça agitada e irregular.

A única coisa que ficou claro?

John estava certo. Não podia voltar para casa ainda: No instante em que visse Wrath, ela o atacaria, e isso não os levaria a lugar nenhum.

Deus sabia que já tiveram essa conversa uma vez. A repetição só dificultaria as coisas.

—Ok, — ela se ouviu dizer. — Tudo bem. Mas eu preciso de alguma coisa para comer em primeiro lugar.

De acordo, John gesticulou.

Capítulo 16

Quando Wrath tomou forma na clínica da raça, sentiu Vishous se materializando ao lado dele – e se ressentia do fato de que era obrigado a ter a merda de uma babá. Mas pelo menos o conhecimento médico de V seria um valor agregado.

—Quatro metros e meio à frente, — seu irmão anunciou. —Um metro e trinta de pavimento

⁸⁵ OWN – Oprah Winfrey Network; Talk show apresentado pela apresentadora de mesmo nome. O psicanalista Dr. Phill McGraw que atualmente apresenta talk show na tv em que fala sobre estratégias para uma vida melhor, começou suas atividades na TV no show de Oprah Winfrey.

limpo à sua frente. Então é chão coberto de neve.

Wrath deu um passo e pisou no asfalto duro. Em seu próximo passo adiante, a neve absorveu sua shitkicker.

Não havia trazido George para isso. Em regra, cegueira não era uma virtude em tempos de paz. Durante a guerra? Era uma fraqueza crítica – e nada a denunciaria melhor do que um cão guia.

Naturalmente, o retriever estava apoplético por ter sido deixado para trás – mas com Beth já chateada com ele, é claro que teve de abandonar seu maldito cachorro. A próxima coisa a trabalhar? A Irmandade. Embora esse conjunto de filhos da puta teimosos era muito tenaz para ser persuadidos por nada menos do que uma bomba H.

— Pare. — disse V.

Wrath parou, embora tivesse que cerrar os molares. Mas era melhor do que entrar pelo lado do edifício.

Houve uma pausa, durante a qual V inseriu o código que mudava todas as noites, em seguida, eles entraram no átrio abafado, o cheiro de antisséptico que era a marca registrada do hospital anunciando que estavam de fato no lugar certo.

E a merda sabia que ele se sentia doente: Seu peito doía, sua cabeça latejava, e sua pele era muito pequena para seus ossos.

Claramente um caso de *idiotice*.

E era provavelmente terminal.

— Saudações, meus senhores, — veio uma voz feminina metálica – e até mesmo através do alto-falante, se sentia o temor. — Estamos enviando o elevador para vocês neste momento.

— Obrigado. — V rosou.

Sim, o irmão odiava Havers por uma variedade de razões. De toda forma, assim como Wrath.

Pensando bem, quando o bom doutor tinha tentado matá-lo alguns anos atrás, pareceu grande coisa. Agora? Em comparação aos métodos de Xcor e o Bando de Bastardos, um jaleco branco com uma gravata e óculos de tartaruga vindo atrás dele era uma maldita moleza.

Merda desejava que pudesse voltar à era de seu pai, quando as pessoas respeitavam o trono.

Houve o som de um elevador abrindo e, em seguida, V tocou a parte de trás do braço de Wrath. Juntos, entraram no compartimento e depois de um *bing* e o deslizar das portas, uma sensação de queda confirmaram que estavam indo para o subsolo.

Quando as portas se reabriram, Vishous teve cuidado com o líder: Se colocou ombro a ombro e ficou assim, sem dúvida, olhando para os telespectadores casuais, como se fosse apenas um guarda-costas fazendo o seu dever para com o Rei da raça.

Ao invés de funcionar como um conjunto substituto de olhos.

O súbito burburinho na sala de espera era um sinal certo de que entraram em um lugar público. E a chegada à Recepção foi igualmente elétrica.

— Meu senhor, — disse alguma fêmea, quando um grito irrompeu enquanto uma cadeira era empurrada para trás. — Por aqui. Por favor.

Wrath girou a cabeça para a voz e assentiu. — Obrigado por nos encaixar.

— Claro, meu senhor. É uma honra rara ter sua presença em nossa...

Blá, blá, blá.

A boa notícia era que ele foi rapidamente levado para uma área privada com o mínimo de interrupção. E então era uma questão de espera. Não seria por muito tempo, entretanto. Estava disposto a apostar que Havers colocaria seus tênis de corrida para chegar à onde quer que estivessem.

Não que o afeminado de merda soubesse necessariamente para que os Nikes servissem.

— Cara, tipo, todos os hospitais têm que ter Monets⁸⁶? — Vishous reclamou.

— Acho que os cartazes são baratos.

— Esta é uma pintura original.

Oh. É. Claramente, eles estavam em uma suíte VIP. — Deixe isso para Havers — clichê mesmo para Sotheby⁸⁷.

— Ele provavelmente o trouxe do Velho Mundo. Idiota sem gosto. Uma vez que você viu um lírio de água, porra, você já viu todos. E eu odeio rosa. Realmente odeio rosa. Apesar que lavanda é pior.

Enquanto Wrath colocava as mãos para sentir de perto, pensava nas pinturas impressionistas que vira antes quando sua visão funcionava um pouco. Fale sobre visão turva – nada como a arte abstrata de um pintor meio cego que está sendo vista por um meio cego com a cabeça fodida.

Surrealistas com suas definições afiadas seriam muito melhor se ele quisesse...

Uau. Seu cérebro realmente não queria pensar no porque estavam aqui.

— Há uma mesa de exame diretamente à sua frente.

— Não vou ser examinado, — Wrath murmurou.

— Tudo bem, o sofá de seda da avó de alguém está à sua direita.

Enquanto virava e seguia em direção ao sofá, pensou o quanto ele amava ter seus próprios médicos particulares. Pena que a Dra. Jane e Manny não pudessem responder às suas perguntas neste caso. E sim, ele supôs que poderia ter obtido a informação de outra forma – ter Fritz vindo até aqui e perguntando as coisas. Mas, às vezes em primeira mão era o único caminho a percorrer: Ele queria pegar o cheiro do médico quando o homem falasse. Era a única maneira de ter certeza de que era a verdade.

— Você vai me dizer do que se trata? — V perguntou.

Um som de um estalido rapidamente foi seguido por um silêncio e um momento depois o cheiro de tabaco turco acabou com a maioria, se não toda, efervescência alvejante de oh, tanto desinfetante.

Quando Wrath não disse merda alguma, V amaldiçoou. — Você sabe, Jane pode fazer isso, seja o que for.

— Ela sabe sobre o período de necessidades de vampiros? Não? Acho que não.

Isso calou o irmão por um minuto.

Em silêncio, Wrath sentia uma enorme necessidade de andar – mas isso não seria apropriado, assumindo que não queria atropelar todos os móveis extravagantes de Havers.

⁸⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/Claude_Monet

⁸⁷ Sotheby – Sotheby's é uma sociedade de vendas por leilão conhecida mundialmente, cuja sede principal está em Londres.



— Fale comigo.

Wrath sacudiu a cabeça. — Não há nada de bom para dizer.

— Como se isso já o tivesse impedido antes, verdade?

Felizmente, Havers escolheu aquele momento para entrar – só para parar bruscamente dentro da sala de exame.

— Perdoe-me..., — disse ele para Vishous. — Mas não é permitido fumar aqui.

O tom do V era entediado. — Nossa espécie não tem câncer – ou é essa uma descoberta para você?

— É por causa dos tanques de oxigênio.

— Há algum aqui?

— Ah ... não.

— Bem, então eu não vou procurar por nenhum.

Wrath cortou qualquer debate mais aprofundado. — Você vai fechar a porta. — Seu idiota fodido. — Só tenho que fazer algumas perguntas. E diga a sua enfermeira para sair, ok?

— É ... é claro.

Medo se instaurou no ar quando a enfermeira saiu e a porta foi fechada, e Wrath não culpava o cara por estar nervoso.

— Como eu posso ser útil, meu senhor?

Wrath imaginou o homem em sua memória, pensando que Havers ainda tinha aqueles óculos, e aparência de um garoto da *Ivy League*⁸⁸ – em seu rosto e o jaleco branco com seu nome costurado junto à lapela. Como se pudesse haver alguma confusão em sua clínica a respeito de quem ele era.

— Quero saber o que você pode fazer para impedir a necessidade de uma fêmea. — Grilos. Todo o lote de grilos.

Bem, exceto V resmungando algo que provavelmente começava com F e terminava em O-D-A.

Depois de um momento, houve um rangido, como se o bom médico se sentasse ao lado do sofá de Wrath. — Eu, ah, não tenho certeza de como responder a isso, meu senhor.

— Faça uma tentativa, — disse Wrath secamente. — E rápido. Não tenho a noite toda.

Sons tranquilos sugeriam que o homem estava brincando com as coisas. A caneta? Talvez um estetoscópio? — Será que ela tem o... ah, mulher... já iniciou?

— Não.

O silêncio que se seguiu o fez desejar que e não tivesse vindo aqui. Não estava saindo agora, no entanto, e não apenas porque perdeu a noção de onde a porta estava. — Não é minha shellan, por sinal. É a de um amigo meu.

Jesus Cristo, como se ele tivesse uma DST ou algo assim.

⁸⁸ *Ivy League* – A *Ivy League* (em tradução literal: Liga de Hera) é um grupo de oito universidades privadas do Nordeste dos Estados Unidos da América. Originalmente, a denominação designava uma liga desportiva formada por essas universidades, das mais antigas dos Estados Unidos. O grupo, também referido como as oito antigas, é constituído pelas instituições de maior prestígio científico nos Estados Unidos e no mundo e, assim, atualmente a denominação tem conotação sobretudo de excelência acadêmica, também associada a um certo elitismo e ao establishment WASP. http://pt.wikipedia.org/wiki/Ivy_League

Mas, pelo menos, isso acalmou o médico. Instantaneamente, a vibração do macho acalmou e sua boca começou a mexer. — Não tenho uma boa resposta para você, infelizmente. Até agora, não encontrei nenhuma maneira de impedir o tempo do início. Tentei vários medicamentos, mesmo os disponíveis no mercado humano — a questão é que as fêmeas vampiras têm um hormônio extra que, quando acionado, cria uma enorme resposta de todo o sistema. Como resultado, pílulas ou injeções anticoncepcionais humanas não têm qualquer efeito sobre nossas mulheres.

Wrath sacudiu a cabeça. Deveria ter sabido que nada sobre o ciclo reprodutivo de uma vampira era fácil.

Virgem Escriba idiota. Ah, claro, vá em frente e crie uma raça de pessoas — e, enquanto você está nisso, por que não os sobrecarrega com alguma merda realmente difícil. Perfeito.

Havers continuou, sua cadeira rangendo novamente como se estivesse mudando de posição. — Aliviar a fêmea durante o seu sofrimento é o único método que eu tive sucesso. Será que você precisa de um kit para o seu amigo, meu senhor?

— Kit, para...

— Para o tratamento da necessidade.

Ele pensou em Beth sentada naquela sala com Layla. Só Deus sabia quanto tempo isso vinha acontecendo — mas mais ao ponto, tinha medo que tivesse funcionado: Tinha ficado totalmente excitado na presença de sua *shellan*. E sim, isso não era incomum, exceto pelo fato de que estavam discutindo e sexo era a última porra de coisa em sua mente.

Seus hormônios podiam muito bem já estar trabalhando.

Ou isso ou estava paranoico.

O que também era uma possibilidade.

— Sim, — se ouviu dizer. — Eu quero um.

Houve o som de algo que sendo escrito. — Agora, vou precisar do homem responsável por ela para assinar por isso, pode ser seu *hellren*, o pai, ou o homem mais velho de sua família. Não me sinto confortável enviando estes níveis de entorpecentes para o mundo sem um responsável — e, é claro, vai ter que ser alguém lá para administrá-los nela. Não só por ela estar provavelmente afetada pela necessidade, mas sejamos honestos. As fêmeas não têm as melhores cabeças para estas coisas de qualquer forma.

Por alguma razão, Wrath pensou em Payne acusando-o de ser um misógino.

Pelo menos Havers o transformou totalmente em um.

Oh merda, como ele iria assinar algo? Em sua casa em sua mesa, Saxton sempre marcou a linha de assinatura com uma série em alto relevo.

— Eu vou assinar por ele, — V interrompeu bruscamente. — E a minha *shellan*, que é uma médica assim como você, vai cuidar de todo o resto.

— Você está acasalado? — O médico gaguejou. Como se houvesse uma maior chance de uma queda de meteoros em sua clínica. — Quero dizer...

— Dê-me o papel, — disse Vishous. — E a sua caneta.

Avançando para rabiscar em um silêncio ainda mais estranho.

— Qual é o seu peso, — perguntou Havers, quando houve um arrastar como se estivesse

colocando algo em um arquivo.

— Eu não sei, — disse Wrath.

— Você gostaria que eu visse a mulher em questão, meu senhor? Ela pode vir aqui a qualquer momento que seja conveniente, ou eu poderia providenciar uma consulta domiciliar.

— Cerca de sessenta quilos, — disse V. — E chega de conversa. Dê-nos as drogas, para que possamos dar o fora daqui.

Quando Havers tropeçou em seus próprios sapatos para sair da sala, Wrath se inclinou para trás até que sua cabeça bateu na parede de gesso que sabia estar atrás dele.

— Você quer me dizer que porra é essa agora? — Seu irmão cuspiu. — Porque eu estou tirando um monte de conclusões no momento, e nenhum de nós precisa disso — quando você poderia simplesmente responder ao caralho da pergunta.

— Beth esteve com Layla.

— Porque ela quer...

— Um filho.

Um influxo fresco de tabaco turco atingiu o nariz de Wrath, sugerindo que o irmão tinha acabado de tomar uma tragada profunda. — Então, você está falando sério sobre não querer um filho?

— Nunca. Como “nunca” soa?

— Amém a isso. — Abruptamente, as shitkickers de V caminharam ao redor da sala, e cara, esses passos eram algo a invejar. — Não é que eu não respeite Z e seu pequeno núcleo familiar. Graças a essas suas duas fêmeas, ele parece quase normal — que é um milagre em si. Então, privilégio dele, verdade? Mas essa merda não é para mim. Graças a Deus, Jane sente o mesmo.

— Sim. Graças a Deus.

— Beth não está nesse trem?

— Não. Ela não está nem mesmo nessa estação, nessa cidade, ou nessa parte de qualquer país em que sua metáfora a coloque.

Wrath esfregou a testa. Por um lado, era ótimo ter alguém concordasse com ele sobre o problema não-filho — isso o fazia sentir menos como se estivesse fazendo algo errado ou sendo cruel com sua Beth. Por outro lado, que acordo Vishous tinha com Jane? Não é que desejasse a merda que estava passando com seu irmão. Nem um pouco. Mas caramba, ele poderia ter caminhado uma maratona nesses sapatos confortáveis, muito obrigado.

Enquanto seu irmão andava e fumava, e ambos esperaram Havers retornar com as drogas de nocaute... por alguma razão, ele pensou novamente em seus pais.

As lembranças que tinha de sua mãe e seu pai eram todas do tipo de Norman Rockwell⁸⁹ — bem, dublado na língua do Velho Mundo e mudando o cenário para um tema castelo medieval. Mas sim, os dois tiveram um relacionamento perfeito. Sem discussões, nenhuma raiva, só amor.

Nada nunca estivera entre eles. Nem o trabalho de seu pai, a corte em que viviam, nem os

⁸⁹ **Norman Rockwell** foi um pintor e ilustrador americano. Rockwell era muito popular nos Estados Unidos, especialmente em razão das 323 capas da revista *The Saturday Evening Post* que realizou durante mais de quatro décadas, e das ilustrações de cenas da vida estadunidense nas pequenas cidades.



cidadãos a quem serviam.

Perfeita harmonia.

Era mais um dos costumes do passado com o qual estava falhando em viver de acordo.

V soltou um som estranho, parte suspiro, parte maldição.

— Engoliu o seu fumo de errado? — Wrath disse secamente.

Ao lado dele, a cadeira onde estava sentado Havers não rangeu tanto como uma maldição — quando V jogava todo o seu peso na coisa.

— V?

Quando o irmão finalmente respondeu, sua voz era baixa, muito baixa. —Vejo você...

— Não, não, não. — Wrath explodiu. — Não quero saber, V. Se você está tendo uma das suas visões, *não* me diga o que...

— ... Em pé num campo de branco. Branco, branco em tudo ao seu redor ...

O fade? Oh, maldito inferno. — Vishous.

— E você está falando com.

— Hey! Idiota! Eu disse a você o tempo todo, não quero saber quando vou morrer. Você pode me ouvir? Não quero saber.

— ... O rosto para os céus.

—Sua mãe? — Cristo sabia que a Virgem Escriba estava mais do que desaparecida recentemente. —É a sua mãe?

Merda, ele não queria incentivar isso. —Ouça, V, você tem que voltar. Eu não posso lidar com isso, cara.

Houve uma maldição baixa, como se o irmão estivesse se recolhendo. —Desculpe, quando bate em uma corrida como essa, é difícil de parar.

—Tudo bem. — Embora não estivesse. Nem por uma pequena probabilidade.

Porque o problema com as premonições de Vishous — além do fato de que elas eram sempre sobre pessoas que morrem? Era o cronograma. Esse material poderia ser sobre Wrath tombando na próxima semana. No ano que vem. Setecentos séculos a partir de agora.

Se Beth morresse. ... ele não gostaria de viver.

— Tudo o que posso dizer é — V exalou novamente —Eu vejo que o futuro está em suas mãos.

Bem, pelo menos era genérico e óbvio, como um relatório de astrologia em uma revista, o tipo de coisa que alguém poderia ler e sentir-se como se fosse aplicada a ele.

— Faça-me um favor, V.

—O que?

—Não veja mais nada sobre mim.

— Não depende de mim, ok?

Muito certo. Assim como o seu próprio futuro.

Mas a boa notícia é... não teria que se preocupar com a necessidade de Beth. Graças a esta pequena visita miserável, seria capaz de cuidar dela quando isso viesse.

Sem correr o risco de gravidez.



Capítulo 17

O Ano 1664

— Leelan?

Quando não houve nenhuma resposta, Wrath, filho de Wrath, bateu novamente na porta da câmara — Leelan, posso entrar?

Como Rei, ele não esperava por ninguém, e não havia nenhuma pessoa que permitisse que o fizesse.

Exceto sua preciosa companheira.

E como acontecia nesse anoitecer, quando existiam os ajuntamentos para festival, ela desejava muito essa privacidade, permitindo sua entrada só quando ela tivesse preparado a si mesma para que ele a visse e adorasse. Era totalmente encantador, como era a forma em que seu espaço de acasalamento estava perfumado por causa de seus óleos e loções. Como era o jeito, em que até um ano depois de sua união, que ela baixava seus olhos e sorria secretamente quando ele a cortejava. Como era acordar todos crepúsculos com ela contra ele e então adormecer para descansar no amanhecer ao lado de seu lindo corpo morno.

Mas havia um limite diferente para tudo isso agora.

Quando a espera estaria terminada... e não se trataria de ganhar entrada em seu quarto.

— *Entre, meu amor, soou por entre os robustos painéis de carvalho.*

O coração de Wrath saltou. Girando a pesada tranca, ele empurrou o painel abrindo-o... E ali estava ela. Sua amada.

Anha estava do outro lado do quarto, perto da lareira que era grande suficiente para um macho crescido permanecer em pé. Acomodada em sua penteadeira, que ele movera para perto do fogo para assegurar calor, suas costas voltadas para ele, seu cabelo preto longo deslizava em rolos espessos abaixo seus ombros para sua cintura.

Wrath respirou fundo, seu cheiro mais importante que o oxigênio que enchia seus pulmões.

— *Oh, você parece adorável.*

— *Você nem me olhou adequadamente...*

Wrath franziu o cenho para a tensão em sua voz.

— *O que a aflige?*

Sua shellan virou-se para encará-lo.

Nada. Por que pergunta?

Ela estava mentindo. Seu sorriso era uma versão desbotada do seu brilho normal, a pele muito clara, os cantos dos olhos puxados.

Enquanto caminhava a passos largos pelos tapetes de pele, o medo o dominou. Quantas noites desde sua necessidade começara e acabara? Quatorze? Vinte e uma?

Apesar do risco para ela, eles verdadeiramente rezaram para uma concepção e não simplesmente por um herdeiro, mas por um filho ou filha para amar e cuidar.

Wrath afundou-se em seus joelhos diante de sua leelan, e realmente lembrou-se da primeira vez que fez tal coisa. Estivera certo ao acasalar-se com essa fêmea, e mais certo ainda em colocar seu coração e alma em suas mãos gentis, para que os embalasse.

Era a única em que podia confiar.

— Anha, somente a verdade para mim. Ele levantou sua mão e tocou em seu rosto e imediatamente retirou sua mão — Você está fria!

— Não estou. Ela o afastou, colocando para baixo a escova e se levantando Estou usando esse vestido de veludo vermelho que você gosta. Como posso estar fria?

Por um momento, ele quase esqueceu suas preocupações. Ela era uma visão na cor rica e profunda, o fio de ouro em seu corpete capturava a luz do fogo da mesma maneira que todos os seus rubis o faziam: Na verdade, ela estava usando o conjunto completo de joias, esta noite, as pedras que brilhavam em suas orelhas, no pescoço, nos pulsos, nas mãos. E ainda, tão resplandecente quanto era, algo não estava certo.

— Erga-se, meu hellren. Ela comandou — E sigamos para baixo rumo às festividades. Toda a gente o está aguardando.

— Podem esperar um pouco mais — Ele não tinha nenhuma intenção de mover — Anha, me diga. O que está errado?

— Você se preocupa muito.

— Você sangrou? Ele perguntou com firmeza. O que significaria que não havia um filho dentro dela.

Ela colocou uma esbelta mão em sua barriga.

— Não. E... Eu me sinto perfeitamente bem. Honestamente.

Wrath estreitou seus olhos. Existia, claro, outro assunto que podia estar em seu coração.

— Alguém foi cruel?

— Nunca.

Nisto, ela estava mentindo para ele.

— Anha, você pensa que existe algo que escape ao meu conhecimento? Estou bem ciente do que acontece na corte.

— Não se preocupe com esses tolos. Eu não o faço.

Ele a amava por sua resistência. Mas sua coragem era desnecessária, se apenas pudesse descobrir que a estava atormentando, cuidaria disso.

— Acredito que deva cuidar novamente das fofocas.

— Não diga nada, meu amor. O que está feito está feito, você não pode desfazer a apresentação. Tentar silenciar toda e qualquer crítica ou comentário sobre mim o levaria a uma corte vazia.

Isso tudo começou naquela noite quando ela fora trazida para ele. Ele não seguiu o protocolo adequado, e apesar do fato de que os desejos do Rei governavam toda a terra e todos os seus vampiros, existiam aqueles que o desaprovavam totalmente: Que ele não a despisse. Que desse a

ela o conjunto de pedras preciosos de rubi e o anel da rainha e então conduziu ele mesmo o acasalamento. Que ele, imediatamente, a colocasse aqui, em seus aposentos privados.

Seus críticos não foram minimamente apaziguados quando ele consentiu uma formalidade pública. Nem aceitaram, nem mesmo um ano mais tarde, sua companheira. Nunca eram rudes com ela em sua presença, claro que Anha se recusava a dizer uma palavra sobre o que acontecia quando ele virava as costas.

Mas o cheiro de sua ansiedade e depressão eram muito bem percebidos por ele.

Na verdade, o tratamento da corte à sua amada o irritava ao ponto da violência e criava um abismo entre ele e todos os que o cercavam. Ele sentia como se não pudesse confiar ninguém. Até a Irmandade, que deveria ser sua guarda particular e aqueles nos quais devia ter fé em cima de todos os outros, até daqueles machos ele desconfiava.

Anha era tudo o que tinha.

Inclinando-se para ele, suas mãos aninharam seu rosto.

— Wrath, meu amor. Ela apertou seus lábios nos dele — Sigamos para o festival.

Ele agarrou seus antebraços. Os olhos dela eram piscinas onde se afogar, e o único terror que conhecia nesse meandro mortal era que em algum dia eles poderiam não estar lá para ele os fitar.

— Detenha seu pensamento. Sua shellan pediu — Não há coisa alguma que acontecerá comigo agora ou sempre.

Puxando-a contra ele, ele girou a cabeça e deitou-se contra seu ventre. Com as mãos dela passando por seus cabelos, ele estudou sua penteadeira. Escovas, pentes, tigelas de pinturas para os lábios e olhos, uma xícara de chá ao lado da chaleira, um pedaço de pão que apenas mordiscado.

Coisas tão prosaicas, mas porque ela as juntara, tocara, consumira, foram elevadas em grande valor: Ela era a alquimia que transformara tudo isso, e ele, em ouro.

— Wrath, precisamos ir.

— Não desejo ir. Aqui é onde eu desejo ficar.

— Mas sua corte o aguarda.

Ele disse algo vil que esperava que ficasse preso nas dobras de veludo. Dado seu riso suave, supôs que não ficou.

Ela estava certa, porém. Havia muitos reunidos por sua atenção.

Malditos fossem todos.

Erguendo-se, ele ofereceu-lhe o braço, e quando ela enlaçou o dela pela dobra de seu cotovelo, ele os conduziu fora de sua câmara e passaram pelos guardas do palácio enfileirados no corredor. Alguma distância à frente, eles desceram por uma escadaria curvada, os sons da aristocracia reunida cada vez mais altos.

À medida que se aproximavam do grande corredor, ela apoiou-se nele mais, e ele estufou seu peito, seu corpo cresceu em estatura como resultado de sua confiança nele. Diferentemente de tantas cortesãs, que eram ávidas por serem dependentes, sua Anha sempre reteve um certo decoro orgulhoso dentro de si mesma, — quando muito ocasionalmente, ela de alguma forma, exigia sua força, era um presente especial para seu lado mais masculino.



Não havia nada que o fizesse sentir sua masculinidade mais ardentemente.

Quando a cacofonia se tornou tão alta engoliu os sons de seus passos, ele se debruçou até sua orelha.

— Devemos oferecer a eles uma rápida saudação.

— Wrath, você deve tirar proveito disso...

— Você, — Ele disse enquanto se aproximavam da última curva — é por quem devo ser aproveitado.

Quando ela corou graciosamente, ele riu e encontrou-se em fervorosa antecipação por sua próxima privacidade.

Completando a última volta, ele e sua shellan surgiram diante de um conjunto de portas duplas que eram de seu uso exclusivo, e dois Irmãos avançaram para saudá-los adequadamente na maneira formal.

Querida Virgem Escriba no Fade, ele detestava estas reuniões da aristocracia.

Com as trombetas anunciando sua chegada, as portas foram abertas e as centenas dos reunidos ficaram mudos, suas vestes coloridas e joias cintilantes rivalizavam com o teto pintado acima de suas cabeças e o chão de mosaico sob seus sapatos de seda.

Em determinado ponto, quando seu pai ainda estivera vivo, ele podia se lembrar de ficar bastante impressionado pelo grande átrio e ornamentos da aristocracia. Agora? Embora os limites das instalações fossem tão vastos quanto um campo de caça, e suas lareiras duplas do tamanho de casas civis, não tinha nenhuma ilusão de grandeza e honra.

Um terceiro membro da Irmandade falou em uma voz viçosa.

— Suas Altezas Reais, Wrath, filho de Wrath, regente de tudo que está dentro e fora dos territórios da raça, e Rainha Anha, amada filha de sangue de Tristh, filho de Tristh.

Num ímpeto, o aplauso obrigatório surgiu repercutido nele mesmo, cada aplauso individual perdido dentro da multidão. E então estava na hora de uma resposta real. De acordo com a tradição, o Rei nunca abaixava sua cabeça qualquer alma viva, então era o dever da rainha agradecer com uma mesura.

Sua Anha exibiu tamanha graça e incomparável desenvoltura.

Então era a vez dos cortesões reconhecerem sua fidelidade com arqueios para os machos e mesuras para as fêmeas.

E agora, com as formalidades do grupo encerradas, tinha que ir pelas filas de seus cortesãos e saudá-los um a um.

Caminhando firmemente à frente, ele não podia recordar que festival era esse, que virada de calendário, ou fase da lua ou mudança de estação ele marcava. A glymera podia pensar em incontáveis razões para ajuntamentos, a maior parte delas parecia extremamente sem sentido, considerando que os mesmos indivíduos apareciam nos mesmos locais.

As roupas eram diferente, claro. Assim como as joias nas fêmeas.

E enquanto isso, embora jantares sofisticados fossem preparados e degustados sem apetite, e ofensas e desrespeitos eram trocados a cada respiração, haviam assuntos de importância a serem abordados: o sofrimento dos cidadãos por causa da recente seca; a invasão por parte de humanos;

a agressão da Sociedade Lesser. Mas a aristocracia não se preocupava com tais coisas, porque, em sua visão, aqueles problemas eram, em sua maior parte, enfrentados pelos — vira-latas sem nome, sem rosto.

Ao contrário das leis básicas de sobrevivência, a Glymera via pouco valor na população que colhia os alimentos que consumiam, construía as casas em que viviam e costurava as roupas que cobriam seus corpos.

— Venha, meu amor — sua Anha sussurrou — Vamos saudá-los.

Parecia que sem perceber, ele parara.

Retomando seus passos, seus olhos fixaram-se em Ench, que como sempre estava na frente da fila de machos vestidos de cinza.

— Saudações, Sua Alteza — Disse o cavaleiro, em um tom como se ele fosse o mestre de cerimônia — E à senhora, minha rainha.

— Enoch — Wrath olhou para os cortesãos. Os doze machos estavam organizados em respeito à hierarquia, e como tal, o último na fila acabara de sair de sua transição, de uma família de grande sangue, mas humilde — Como estás.

Não que se importasse. Estava muito mais interessado naqueles dentre eles que aborreceram sua amada. Certamente devia haver um, se não todos: ela não tinha servas, a seu próprio pedido, então estas eram as únicas figuras com as quais teve qualquer contato em sua corte.

O que fora dito. Quem o dissera.

Foi com uma boa dose de agressividade que ele prosseguiu pela fila e saudou cada um de acordo com o protocolo. Realmente, esta sequência antiga cumprimento individual no meio de uma reunião pública, era um modo de reconhecer e reafirmar a posição dos conselheiros dentro da corte, uma declaração de sua importância.

Ele podia lembrar de seu pai fazendo exatamente assim. Exceto que o macho realmente parecia estimar as relações com seus cortesãos.

Especialmente nesta noite, o filho não estava onde o pai estivera.

Quem fora...

A princípio ele assumiu que sua amada tropeçara e exigia mais da força do seu braço. Infelizmente, porém, não era o passo que ela perdera. Fora seu equilíbrio...

E todo ele.

Ao senti-la agarrando-se em seu antebraço girou a cabeça, e foi assim que viu isso acontecer, a forma vital de sua shellan soltando e tombando para baixo.

Com um grito, ele estendeu a mão para pegá-la, mas não foi rápido o suficiente.

Quando a multidão ofegou, Anha caiu no chão, seus olhos vidrados fixos nele, mas não vendo nada, sua expressão tão impassiva quanto um espelho sem ninguém diante dele, sua pele muito mais pálida do que estivera lá em cima, em sua câmara.

— Anha! — Ele gritou enquanto caía no chão com ela — Anha...!



Capítulo 18

Sola acordou com um sobressalto, seu rosto batendo no chão frio de concreto, seu corpo esticado de forma não natural. Virando-se de barriga pra cima, seu cérebro processou o estado de sua localização em uma fração de segundo: Cela com três paredes sólidas e uma com barras. Nenhum calor, nenhuma janela, a lâmpada embutida alta acima, vaso sanitário de aço inoxidável.

Nenhum companheiro de cela, nenhum guarda que pudesse ver.

Próxima verificação era sem eu corpo: Tinha dores de cabeça que espalhavam-se pela nuca e na testa, mas isso não era tão ruim quanto o que estava acontecendo com sua coxa. Aquele desgraçado com uma marca de nascimento escura cobrindo metade seu rosto atirou nela mais ou menos seis centímetros acima de seu joelho, o fato de que ela podia erguer a panturrilha acima do chão sugeria que ele não atingiu o osso, mas fale sobre as articulações. A sensação de queimação juntamente com o latejar era suficiente fazê-la ter náuseas.

Silêncio.

Do outro lado do porão, ao longo de em uma parede, um par de correntes estavam aparafusadas no concreto, e as trancas para os pulsos que pendiam no final eram uma promessa de horror.

Bem, elas e as manchas abaixo e no meio do equipamento.

Nenhuma câmera de segurança que pudesse ver. Então como sempre, Benloise era cuidadoso. Talvez ele use um telefone com câmera para reproduzir sua versão de filme caseiro?

Sem nenhuma ideia de quanto tempo tinha, ela ficou em pé.

— *Foda.*

Colocar peso em sua perna direita foi como pegar um ferro quente e empurrá-lo em seu ferimento. E então começar um twist de Chubby Checker⁹⁰.

Vamos tentar evitar isto, não vamos?

Enquanto olhava para o vaso sanitário, que estava a uns bons cinco metros de distância, ela amaldiçoou novamente. Sua perna seria uma grande desvantagem tática, porque era duro de caminhar sem arrastar um pé como um zumbi, o que tanto fazia barulho quanto diminuía sua velocidade.

Tentando sussurrar pelo caminho, ao invés de criar uma grande perturbação sonora, ela usou o banheiro, mas não deu descarga. Em seguida, voltou para onde ela estivera. Não sentia necessidade de testar as barras ou ver se a porta estava trancada.

Benloise não entraria numa construção de má qualidade e não empregaria alguém tão estúpido.

Sua única chance era tentar dominar aquele guarda com a arma, e como isso iria acontecer em sua condição atual, ela não tinha a menor ideia. A menos que...

⁹⁰ **Chubby Checker** é um cantor-compositor norte-americano, conhecido por popularizar o twist com sua gravação, feita na década de 1960, do sucesso de R&B composto por Hank Ballard,



Acalmando-se no chão, ela esticou-se para ficar exatamente na mesma posição em que acordou. Fechando seus olhos, esteve momentaneamente distraída pela batida de seu próprio coração.

Alto. Realmente muito alto.

Especialmente quando pensava em sua avó.

Oh, Deus, não podia terminar aqui. E não assim, isso não fora uma doença ou um acidente em uma estrada. Isso envolveria sofrimento deliberadamente infligido, e depois? Benloise era exatamente o tipo de doente fodido que mandaria um pedaço de suas costas para ser enterrado.

Ainda que o destinatário fosse uma parte inocente de toda essa feiura.

Quando pensou em sua avó tendo apenas uma mão ou pé para colocar em um caixão, percebeu seus lábios se moverem.

Deus, por favor deixe-me sair dessa viva. Pela vovó. Apenas me deixe sobreviver a isto, e eu prometo que vou largar dessa vida. Eu a levarei e irei para algum lugar seguro, e eu nunca, jamais farei coisas ilegais novamente.

Ao longe, ela ouviu o barulho de uma porta estava sendo destrancada, e então um resmungo.

Forçando sua respiração a ficar mais calma, ela observava pelo véu de seu cabelo, escutando passos ficam mais próximos.

O homem que desceu a escadaria era aquele com a enorme marca de nascença em seu rosto. Usando calças de combate pretas e uma camisa justa, ele estava horrendo, com os cabelos revoltos, e furioso.

— ... Idiota maldito, morrendo em mim. Menos mal que calou a fodida boca.

Ela fechou seus olhos ... E não havia outro barulho.

Abruptamente, sua voz estava muito mais perto.

— Acorde, cadela.

Mãos ásperas agarraram seu braço e caíram sobre suas costas, e foi necessário todo seu autocontrole para não ofegar em agonia por sua cabeça e sua perna.

— Cadela! Acorde!

Ele deu um tapa em seu rosto, e quanto ela sentiu o gosto de sangue, imaginou que ele dividiu seu lábio, mas qualquer dor era uma gota na balde para aquela de sua coxa.

— Cadela! — Outro bofetão, muito mais duro — Você vai foder comigo!

Seu peito se ergueu quando ele agarrou a frente de seu casaco e rasgou abrindo-o, com sua cabeça raspando através do concreto, não pode impedir o gemido.

— Isto mesmo, vou te acordar pra te foder — Ele arrancou sua blusa, e houve uma pequena pausa — Bom.

Seu sutiã tinha um fecho frontal e ele estalou livre, ar gelado bateu em sua pele.

— Oh ... Isto é ... Sim...

Ela cerrou seus dentes quando o sentiu levantá-la, e teve que forçar seus membros a ficarem moles quando ele foi para o cóis de suas calças. Exatamente como quando encontrou o *flare* no porta-malas, tinha apenas uma chance, e precisava dele bem e apropriadamente distraído.

Ainda que sentisse que vomitaria novamente.

O guarda tirou sua calça jeans junto com a calcinha em uma série de puxões duros, ela tinha seu traseiro contra chão frio e áspero enquanto ele puxava e arrancava.

— Você me deve isso, cadela, agora tenho que contar a ele sobre aquele merdinha que você matou, o que diabos há com suas botas!

Ele freneticamente puxou os laços livres e arrancou as coisas para fora, uma depois da outra. E enquanto trabalhava nela, surgiu o desejo de tentar o chutá-lo no rosto, mas não teria suficiente poder neste ângulo para realmente causar dano e se ela lutasse de volta muito cedo e perdesse, acabaria, sem nenhuma dúvida, encadeada naquela porra de parede.

Quando a mão dele foi para o meio de suas pernas, não pode lutar contra o pânico ante a invasão, não importa o que seu cérebro dissesse, suas coxas pressionaram fechadas ao redor seu pulso.

— Despertou agora? — Ele apertou — Quer isto, não quer?

Relaxe, disse a si mesma. Você só está esperando por uma coisa, e uma coisa somente.

A mão se retirou. E então o som de um zíper sendo puxado deu o incentivo extra para deixar suas pernas caírem abertas. Precisava que ele tentasse montá-la.

E o que você sabe, ele tentou.

Empurrando suas coxas muito mais abertas, ele ficou em suas mãos e joelhos e começou a arrastar-se para ficar na posição.

Uma chance. E ela a pegou.

Com uma súbita explosão de energia, ergueu-se e cravou as bolas do filho da puta num aperto de morte com intenção de castrá-lo. E caramba, isso era exatamente o que estava em seu cartão de dança.

Torcendo tão duro quanto podia, ela ignorou os gritos de dor em sua coxa e cabeça e torceu com toda força que tinha. O guarda soltou um grito estridente, como um cãozinho de estimação que caiu em uma frigideira, e inclinou-se para o lado.

Isso era tudo que ela precisava. Empurrando-o para longe, ela saltou para seus pés enquanto ele segurava seu pau e bolas curvado numa bola.

Olhando rapidamente ao redor, ela precisava...

Mancando pela cela em suas meias, ela destrancou uma das correntes que foram destinadas a ela e a arrastou pelo chão. Enrolando-a em torno do seu punho, os aros pesados formaram uma gaiola ao redor de sua mão apertada.

Ela atravessou e sentou escarranchada nos ombros e cabeça do homem.

— Você quer uma boa fodida, idiota? Que tal isso?

Erguendo o braço acima da cabeça, ela trouxe o peso para baixo com tanta força quanto podia, atingindo-o no crânio. O homem imediatamente deu um rugido e tentou cobrir a cabeça, seus braços formando uma barreira ao redor seu crânio.

Excelente. Lobotomia mais tarde.

Ela foi para abaixo de suas costelas, para a área de carne macia que protegia seus rins e baço. Uma e outra vez, até que ele tentou uma nova posição defensiva. Voltou para a cabeça, mais



dura desta vez, até que estava suada embora estivesse praticamente nua e a temperatura do porão devia estar por volta dos dez graus.

Outra vez.

E outra vez

E novamente.

Em qualquer lugar que pudesse encontrar um ponto de vulnerabilidade.

E aqui estava a coisa mais estranha: Ela teve toda a força no mundo durante o espancamento; era como se ela tivesse possuída, seus ferimentos sumiram para o segundo plano em deferência à necessidade superior de assegurar a própria sobrevivência.

Nunca matara ninguém antes. Roubar das pessoas? Desde que tinha onze anos, com certeza. Mentir quando foi preciso? Sim. Arrombar todos os tipos de lugares nos quais não fora bem-vinda? Acertou em cheio.

Mas a morte sempre a atingia em um nível em que não quis ir. Como heroína para um usuário de maconha, que era o avô de todos, e uma vez que você cruzava aquela linha? Bem, então você realmente era um criminoso.

Apesar de tudo aquilo, porém, alguns minutos ou horas ou dias mais tarde... Ela pairava sobre a bagunça de um corpo sangrento.

Tragando o ar para dentro de seus pulmões, ela deixou seu braço vir para descansar por seu lado. À medida que sua força se esvaia, seu aperto na corrente cedia e os elos desenrolaram sozinhos de seu punho, caindo para o chão em um silvo.

— Mova-se — Ela arquejou — Você tem que se mover.

Jesus ... Quando ela rezou por sobrevivência, não considerou que aquele Deus poderia dar seu o poder para quebrar um de seus Dez Mandamentos.

— Mova-se, Sola. Você deve se mover.

Atordoada, nauseada, com uma enxaqueca que era tão forte que sua visão oscilava, ela tentou pensar.

Botas. Precisaria de botas, elas eram mais críticas que calças na neve. Olhando ao redor, ela moveu-se rapidamente, e pegou a primeira que viu, apenas para tê-la deslizando longe de seu alcance.

Sangue. Havia sangue nela toda, sua mão direita, especialmente.

Enxugando as mãos em sua jaqueta rasgada, ela voltou ao trabalho. Uma bota. Em seguida, a outra. Laços desleixados mas com nó duplo.

De volta para sua vítima.

Ela parou por um instante para apreciar a bagunça.

Merda, estaria vendo isso por trás de suas pálpebras por muito, muito tempo.

Supondo que ela sobrevivesse.

Fazendo o sinal da cruz sobre o peito, ela desceu ao lado do homem e apalpando-o. A arma que ela encontrou era uma dádiva de Deus; assim era o iPhone que estava... merda, protegido por senha. Além disso, não estava recebendo sinal, embora talvez isso mudasse quando ela estava acima do solo.



Tudo o que precisava era do recurso de chamada de emergência e, em seguida, atirar a coisa fora.

Quando pulou para fora da cela, ela deslizou as barras fechando-as atrás dela. Tinha certeza de que o filho da puta estava morto, mas os filmes de terror e a franquia de Batman sugeriram que aquela precaução era uma boa pedida quando se tratava de bandidos.

Pesquisa rápida. Mais duas celas exatamente como aquela em que estava. Ambas vazias. Era isso.

Fora da área aberta, existia um corredor pequeno e então um conjunto de degraus, ela demorou uma eternidade chegar lá. Com sua maldita perna. Pausando antes de subir, ela escutou. Nenhum som de alguém se movendo de cima, mas existia um cheiro distinto de hambúrguer cozinhado.

Achava que era a última comida do seu sequestrador.

Sola parou ao lado de parede da escada, a arma à sua frente, o arrastar de sua bota direita reduzido ao mínimo, embora tivesse que parar e recuperar o fôlego duas vezes.

O andar térreo era cheio de luzes e não muitos mais: Havia um par de camas no canto, uma cozinha uma pia rasa com pratos sujos nela.

Havia alguém deitado em uma terceira cama perto de um banheiro.

Por favor faça com que esse outro sujeito esteja morto, ela pensou... E merda, que tipo de noite era essa em que até isso estava em seu radar?

A retórica foi respondida quando ela entrou para dar uma olhada mais de perto.

— Oh — Apertou a mão em sua boca, ela se virou.

Fizera aquilo com o *flare*? Jesus... E aquele cheiro que sentiu não era de alguém fazendo um Big Mac caseiro. Era carne humana queimada ao ponto crocante.

Foco, ela precisava se concentrar.

As únicas janelas do local eram de grades que normalmente se via em porões e aqui eram montadas muito altas fora do chão, então não havia visão exterior. E existiam só três portas: A que usou para vir do porão, a outra que estava aberta e via-se um assento de banheiro, e a última... Que certamente parecia reforçada.

Ela tinha uma barra no lado de dentro.

Ela não aborreceu procurar por mais armas. A quarenta que tinha em mãos era suficiente, mas ela atravessou para procurar um pente extra de balas na cozinha.

— Olá, bilhete premiado de Powerball⁹¹.

Chaves de carro estavam casualmente jogadas com o pente, e se não tivesse estado com tanto medo por sua vida, teria tomado um momento para chorar como uma menina.

Sim, com certeza, qualquer que fosse o carro dele, provavelmente tinha um rastreador de GPS como o do telefone.

Mas comparado à opção de sair de onde quer que estivesse a pé?

Aceitaria isto em um piscar de olhos.

⁹¹ Powerball – loteria nos Estados Unidos — <http://en.wikipedia.org/wiki/Powerball>



Mancando para a porta, com sua visão vacilante sobre ela, ela bateu na barra, e bateu direito no painel de aço.

Nada moveu.

Tentando novamente, ela encontrou a porta trancada pelo lado de fora. Droga! E como ela verificou as chaves de carro, não existia nada mais no anel. Não

Ah, certo, ela pensou.

Montado ao lado da porta, havia um sensor de segurança quadrado.

Claro que você iria impressão digital no lado de fora e no lado de dentro.

Olhando por cima dos ombro, ela olhou para o corpo do outro lado, especificamente a mão que escorregava para fora da cama e estava pendurada no meio do caminho para o chão.

— Foda-me.

Voltando para o cara morto, ela sabia que arrastá-lo para acima não iria ser uma festa. Especialmente com sua perna. Mas o que outra escolha ela tinha?

Olhando ao redor, ela...

No canto, em uma mesa improvisada, existia uma cadeira de rodinhas, como você encontraria em um escritório adequado. Ela tinha braços acolchoados.

Melhor do que puxá-lo através do chão, certo?

Errado. Colocar o cara morto na coisa era mais duro que ela pensou, e não porque *rigor mortis*⁹² fosse um problema, como ele aparentemente morreu não muito tempo depois que ela derreteu seu traseiro. O problema era fazer com que a cadeira que permanecia escapando do alcance toda vez ela conseguiu o colocar o peso morto em qualquer lugar próximo à cadeira acolchoada.

Não vai funcionar. E PS, o fedor daquela carne era como um treinador de futebol batendo em seu estômago com um pontapé.

Colocou fora o cadáver, que estava agora metade fora da cama, ela foi para o banheiro, e as náuseas secas foram muuuuito úteis: Em primeiro lugar, não havia nada lá para lançar, e segundo, se ela pensou que seu choque era ruim antes?

De volta ao lado do morto, ela foi deu a volta até seus ombros, agarrou-o nas axilas, e fez força com a perna boa. Suas botas bateram no chão, uma por uma quando ela o conseguiu completamente fora da cama improvisada, e aqueles saltos Timberland raspam por todo caminho até a porta. Felizmente, o guarda tinha braços longos suficiente para ser um central dos Knicks⁹³, por isso ela pode parar aproximadamente a um metro e vinte de distância de seu alvo.

O cotovelo dele até mesmo inclinou-se na direção correta.

O dedo polegar foi para a direita onde ela precisava, e a luz na base do leitor foi de vermelho para laranja piscando.

⁹² *Rigor mortis* é um sinal reconhecível de morte que é causado por uma mudança química nos músculos, causando aos membros do cadáver um endurecimento ("rigor") e impossibilidade de mexê-los ou manipulá-los. Tipicamente o rigor acontece várias horas após a morte clínica e volta espontaneamente depois de dois dias, apesar de o tempo de início e duração depender da temperatura ambiente. Na média, presumindo-se temperatura amena, começa entre 3 e 4 horas post-mortem, com total efeito do rigor em aproximadamente 12 horas, e finalmente o relaxamento em aproximadamente 36 horas. http://pt.wikipedia.org/wiki/Rigor_mortis

⁹³ Central – ou pivô – posição do basquete, nesse caso do New York Knicks.

No instante em que ela sáísse daqui, ela iria saltar no maldito carro e pisar no acelerador... Vermelho.

O leitor voltou para vermelho. Então as digitais dele não funcionaram.

Soltando sua mão, ela caiu em sua pele e baixou a cabeça. Quando uma onda de tontura a ameaçou, ela tomou algumas respirações profundas.

O outro guarda estava agora trancado na cela, todo o caminho até o porão, e ela mal fora capaz de conseguir este aqui através do maldito chão. Como no inferno ela traria o homem que matou em cima aqui?

O outro homem ela matou, isso sim.

E merda... Ela o trancara no andar de baixo. Se aquela cela era bloqueada por identificação digital, também? Ela correria o risco de morrer de fome em primeiro lugar.

A menos que Benloise chegasse logo aqui.

Inclinando-se contra a parede, e apoiando suas mãos em seu bom joelho, ela tentou pensar, pense, pense...

Parecia que Deus tinha tomado suas orações literalmente: —Ajuda-me, Pai— Ela saiu da cela depois de sua primeira. O segundo —O Senhor Querido, por favor deixe-me ficar livre— só tinha soltado da prisão, mas não a casa.

Quando ofereceu a uma terceira oração, foi verdadeiramente específica.

Oh, Senhor, prometo sair da vida se me deixar ver rosto da minha avó uma vez mais. Espere, espere, isso podia acontecer se ela estivesse à beira da morte e de alguma maneira vovó viesse aqui ou num hospital. Querido Deus, se eu apenas puder olhar em olhos e saber que eu estou em casa segura com ela... Eu juro que eu vou levá-la em algum lugar longe e nunca mais me coloco no caminho do perigo.

— Amém — Ela disse como ela lutou endireitar.

Respirando fundo, ela achou a força para tecer seu caminho de volta para a escadaria e... Sola parou. Girou de volta para enfrentar o balcão onde ela achou as chaves de carro e o pente. Olhos fixos em uma solução que era à uma só vez totalmente repugnante, e a evidência, discutivelmente, que Deus estava escutando.

Parecia que as coisas estavam melhorando.

De um modo doente.

Capítulo 19

—Aí está, — Assail disse, apontando através do para-brisa. —O desvio.

Ele esperou por uma vida inteira para que a quase escondida pista obstruída por folhas que finalmente fizesse uma aparição a uns cinquenta metros à frente.

Como o telefone de Ehcric tinha previsto, eles seguiram por todo o caminho de Northway até o Parque Adirondack, passando por um lugar chamado Lake Placid, bem como uma montanha que, considerando o que eles tinham na traseira, era bastante apropriado.

Gore Mountain⁹⁴.

E não vira algo sobre um resort de esqui chamado Killington? Seu tipo de recreação, na verdade.

Fora uma viagem muito longa. Horas e horas, cada quilômetro sob os pneus do Range Rover como uma sucessão interminável de obstáculos a serem superados.

—Mas que merda, — Ehcric murmurou quando ele girou rapidamente a roda e bateu em um trecho de terra esburacada.

A subida que se seguiu era mais adequada para as cabras, e felizmente tração superior do Rover suportou qualquer que fosse a versão do Goodyear nos quais estavam rodando em cascos bastante aceitáveis. Era, no entanto, outro atraso interminável, até o ponto em que Assail se convenceu de que escolhera o caminho errado: embora o próprio Benloise estivesse com eles, não teria pensado que o homem faria algum tipo de edital em que se não entrasse em contato com os sequestradores dentro de certos limites, independente de quem estivesse em custódia seria eliminado.

Assail apoiou o cotovelo na porta e inclinou o rosto na palma da mão. O fato de que sua Marisol era uma fêmea o deixava doente. Os machos podiam ser fortes o suficiente sobre os membros do seu próprio sexo— pensar em todas as coisas que poderiam ser feitas para uma mulher era um pesadelo que ele orava que não tivesse sido manifestado.

—Mais rápido, — ele rangeu.

—E correr o risco de perder um amortecedor? Precisamos descer essa pilha de rochas.

Justamente quando Assail estava pronto para rugir, o final da viagem se apresentou de forma abrupta e sem alarde: Uma estrutura de concreto de um andar com todo o encanto de um canil apareceu, e antes mesmo de eles se aproximarem, ele colocou a mão na trava e começou a saltar para fora.

Naquele momento, a porta do lugar se abriu.

E pelo resto de sua vida, nunca esqueceria o que saiu de lá.

Marisol estava nua da cintura para baixo, um casaco que ele reconheceu flutuava loucamente atrás dela enquanto ela cambaleava para a noite. Iluminada e cega pelos faróis, ela brilhava pelo sangue vermelho escorrendo pelas suas pernas e até seu torso fantasmagórico, seu rosto sombrio como a morte enquanto apontava uma arma em linha reta na frente dela.

—Marisol! — ele gritou. —Não atire! É Assail!

Ele levantou as mãos no ar, mas não era como se ela pudesse vê-lo. —É Assail!

Ela cambaleou numa parada, mas como uma boa garota, ele manteve arma levantada enquanto piscava míope. —Assail...?

⁹⁴ Assail refere-se ao trocadilho com os nomes dos locais Gore Mountain (Montanha do Massacre) e na linha seguinte, Resort Killington (algo como Resort da Morte).



Sua voz falhou com um desespero que o mudaria para sempre: Tal como acontece com as visões dela, ele ouviria esse tom emoldurando com as duas sílabas do seu nome por muitos anos ainda por vir.

Em seus pesadelos.

—Marisol, querida Marisol... Eu vim para você.

Queria pedir a Etric para apagar aquelas luzes, mas não sabia quem mais havia estado lá com ela e se alguém estaria correndo atrás dela.

—Marisol, venha até mim.

A maneira como sua mão tremia quando ela abaixou sua cabeça o fez querer ir até ela. Mas ela parecia insegura sobre o que era realidade e o que poderia ser um fantasma de sua imaginação. E com essa arma, ela era tão perigosa quanto vulnerável.

—Marisol, prometi a sua avó que a salvaria. Venha a mim, querida. Venha até minha voz.

Ele estendeu os braços na escuridão.

—Assail... — Quando ela deu um passo para frente, ele percebeu que ela estava mancando. — gravemente. Mas claro, um pouco daquele sangue tinha que ser dela.

—Ela vai precisar de atendimento médico, — ele disse em voz alta. Porra, como ele poderia começar a tratá-la?

Se ela morresse no caminho de volta...

Quanto daquele sangue era dela?

Quando ela deu mais um passo e mais um, e ainda ninguém surgiu em seu rastro, ele teve alguma esperança de que nem tudo o que a cobria era dela própria.

—Venha até mim. —Ao ouvir a sua própria voz tremendo, ele podia sentir Etric lhe atirando um olhar chocado do SUV. —Minha querida...

Marisol levantou a mão para proteger os olhos, e por alguma razão, isso trouxe o fato de que ela estava nua em foco total.

Sua garganta ardia tanto que ele não conseguia engolir.

Que se foda isso.

Assail enfiou a arma no cinto e correu para encontrá-la na metade do caminho.

—Assail... é realmente você? — ela sussurrou quando ele chegou perto.

—Sim. Por favor, não atire—venha a mim, querida.

Quando ela deixou escapar um soluço, ele a agarrou a e a puxou contra o peito, o cano da arma dela indo diretamente a seu esterno. Se ela puxasse o gatilho, ela iria matá-lo sem rodeios.

Ela não atirou.

Com um soluço, ela entregou-se à sua força, e ele a levantou do chão enquanto ela desmoronava. Ela pesava quase nada contra ele, e por alguma razão, isso o aterrorizava ainda mais.

Conseqüentemente, ele permitiu apenas um momento de comunhão e, então, ele precisava levá-la a salvo.

Balançando-a em seus braços, ele se virou e correu para a Rover à prova de balas, correu para aqueles faróis como se eles fossem uma zona de segurança celestial.



Ehric e seu irmão anteciparam o que ele queria com perfeição. Saltaram do Rover e deixaram aberta a porta do banco de trás— ao mesmo tempo removeram Benloise da parte traseira e mantiveram aquele homem longe de vista.

Marisol não precisa saber de sua presença.

Colocando a fêmea na parte de trás, Assail estourou o saco de dormir que tinha embalado, juntamente com a água e PowerBars⁹⁵ que trouxera para ela. Cobrindo sua nudez, ele a segurou quando ela foi acometida por um ataque de tremor.

—Marisol, — disse ele enquanto se afastava. —Coma. Beba. Ehric, meu primo, a levará.

Suas unhas se fincaram em seu antebraço mesmo através do suéter pesado que ele usava. —Não me deixe!

Ele tocou seu rosto bonito. —Preciso trabalhar aqui por um momento. Coisas que precisam ser cuidadas. Vou encontrá-la na estrada. — Ele se virou abruptamente. —Ehric! Evale!

Os dois homens se aproximaram e, por um momento, ele considerou ele mesmo levá-la.

Mas não, vingança precisava ser servida, e ele era o único a equilibrar a balança.

—Minha querida, olhe para meus familiares. — Quando ele recuou para que eles pudessem se inclinar e mostrar seus rostos, ele estava agradecido que eles tivessem sua exata coloração, e que suas características eram tão parecidas com as suas. Na verdade, os três eram confundidos com irmãos. —Eles devem conduzi-la à segurança e darão suas vidas por você. Devo-me juntar-me a vocês mais tarde. Não devo demorar muito, eu te juro.

Seus olhos frenéticos e angustiados saltaram para trás e para frente, como se estivesse tentando desesperadamente se reagrupar.

—Vão, — Assail sussurrou, olhando para a instalação. —Vão agora!

E ainda assim, ele descobriu que era impossível se afastar de sua Marisol. Ela havia sido abusada e seu estado de nudez sugeria isso.

Ehric agarrou seu braço. —Não se preocupe, meu primo. Ela será tratada como a nossa preciosa irmã.

Até mesmo Evale falou pela primeira vez. —Ela está em boas mãos, primo.

Assail teve um momento de conexão com os homens, palavras de gratidão entupindo sua garganta. No final, tudo o que ele pôde fazer foi se curvar a eles.

Depois ele se inclinou contra o SUV. —Eu não devo demorar muito.

Por instinto, sem estar consciente de decidir a fazê-lo... ele beijou Marisol na boca.

Minha, ele pensou.

Forçando-se a se concentrar, ele pegou sua mochila, fechou a porta do SUV, e se afastou. Ehric, Deus o abençoe, teve o cuidado de girar o veículo para que Benloise não fosse iluminado pelos faróis e, em então, o Rover acelerou pelo caminho irregular.



95

Barras energéticas



Oh, como ele desejava que a pista fosse pavimentada. Ele desejava que fosse uma fodida rodovia com um limite de velocidade de setenta quilômetros por hora. Ou, melhor ainda, que eles tivessem vindo de helicóptero.

Depois que os faróis tinham desaparecido, ele pegou um fone de ouvido e o colocou, acendendo a luz dele. Então, foi até Benloise, o agarrou pelas tiras das fitas adesivas em seus tornozelos, e o arrastou pelo chão coberto de neve até a entrada aberta.

Soltando suas pernas, ele pegou a arma e a apontou para o homem.

—Apenas para garantir que você fique aí, — Assail disse entre dentes.

Pop!

Benloise se encolheu mais, tentando proteger seu estômago — tarde demais. A bala já estava lá dentro e lentamente fazendo seu trabalho: Embora dolorosas e debilitantes, as feridas intestinais levavam seu próprio tempo doce para alcançar seus objetivos.

Embora Assail não planejasse manter o bastardo esperando por muito tempo por sua morte.

Avançando para a habitação, ele manteve sua arma para cima e seus olhos alertas.

O que ele encontrou no interior lhe fez parar.

Exatamente ao lado da porta aberta, uma mão humana decepada jazia descartada, como se seu propósito tivesse sido servido e já não tinha nenhum de valor. O corpo ao qual ela havia pertencido estava ali também — não, aquele cadáver tinha duas mãos... embora nenhum rosto para falar.

Então, tinha pelo menos outro morto no interior.

Sua Marisol tinha claramente lutado por sua liberdade como um demônio.

Caminhando ao redor do espaço aberto, ele não viu nada de valor ou interessante — ou qualquer coisa que poderia prender um indivíduo. Mas em um canto distante, havia um conjunto de escadas que descia para um nível mais baixo.

Ele verificou duas vezes o seu prisioneiro. Benloise permanecia se contorcendo na neve do lado de fora da porta principal, os olhos escuros abertos e piscando de forma desigual, o lábio superior levantado, suas jaquetas de porcelana brilhando na luz ambiente.

Era melhor levá-lo com ele.

Assail se aproximou e puxou o homem de pé. Quando Benloise não conseguiu se levantar sozinho, foi o trabalho de um momento arrastar seu peso de sessenta e três quilos para o interior. Então, juntos, foram até a escada.

Descendo para o subsolo, os pés inúteis de Benloise saltando atrás deles como bolas.

E lá estava o demônio.

O piso inferior era composto de um grande espaço aberto com três celas e uma parede de horror. Uma das celas não estava vazia. Havia um homem deitado de costas com um rosto e pescoço brutalizados, olhando para o que você só podia esperar que fosse o Inferno. Seu braço direito havia sido puxado através das barras de ferro, e o coto ensanguentado anunciava que era sua a mão que tinha sido decepada.

Por um momento, Assail sentiu o coração arder em desolado orgulho. Marisol tinha conseguido se defender. Não importa o que eles tinham feito com ela, ou o quanto seus recursos



foram escassos, ela havia triunfado sobre seus captores, não apenas os subjugando, mas levando-os para seus túmulos...

Foi nesse momento que soube que estava perdido por ela.

Estava apaixonado por esta mulher — e, na verdade, era doente sentir essas intensidades no meio dessa carnificina e violência, mas o coração estava onde estava.

E enquanto Assail imaginava sua Marisol acorrentada a esse trecho manchado de parede de concreto, enfureceu-se ao ponto da insanidade, um estouro de touros correndo através de seu corpo, seus milhares de cascos levando-o à loucura.

Girando para Benloise, ele arreganhou os dentes e sibilou como o vampiro que ele era.

Apesar de estar baleado, o mercador de drogas recuou. — *Madre de Dios!*

Assail ficou de joelhos, ficando na cara do homem. — É isso mesmo! Eu sou o pesadelo vindo sobre você!

Havia apenas uma corrente pendurada na parede. A outra estava enrolada no chão dentro da cela fechada, o sangue que manchava os elos provando que fora essa a arma que Marisol usara.

Ela seria colocada em serviço mais uma vez.

Assail se desmaterializou através das grades e pegou a corrente pegajosa e com cheiro de cobre.

Oh, Marisol, gostaria que você não tivesse que ser tão corajosa.

Quando Assail desmaterializou de volta, Benloise não era mais homem de negócios controlado que costumava ter o domínio sobre a situação. Ao contrário dos cadáveres e do sangue ou até mesmo da morte de seu irmão e da ameaça à sua própria vida — tudo isso o fizera manter a compostura na maior parte — saber da verdadeira identidade de Assail o descontrolou.

Choramando, lamentando, rezando, o homem perdeu o controle de sua bexiga, urina se empoçando de seu pênis encolhido no chão de concreto.

Assail caminhou até a parede e recolocou a corrente. Felizmente, não havia nada de fresco sobre a superfície manchada. Não demoraria, no entanto.

Puxando o corpo de Benloise do chão, que estava gritando, se debatendo, e se mijando, Assail rasgou a fita adesiva dos pulsos do homem e o algemou ao estilo de Cristo na parede, encurtando o comprimento dela até que seu torso estivesse completamente esticado.

Assail retirou sua mochila e abriu o zíper. Quando ele olhou para a quantidade de explosivo que tinha trazido com ele, ele sabia que era mais do que suficiente para explodir as instalações nas alturas. Ele olhou para Benloise. O homem estava chorando por toda parte, balançando a cabeça como se estivesse esperando acordar.

—Na verdade, você está realmente consciente, — Assail rangeu. —Isso não deve durar, no entanto.

Girando para olhar para cela, ele imaginou sua Marisol ali, apavorada... e pior.

Seu coração batia mais alto. Se ele explodisse este lugar... Benloise voltaria para casa de graça, morto e enterrado — possivelmente para o Inferno, mas como não se podia ter a certeza da



vida após a morte até que alguém voltasse de lá, parecia muito mais prudente errar por excesso de sofrimento em tempo real.

Ele tinha a intenção de matar o revendedor primeiro. E depois colocar os explosivos e detoná-los à distância.

Mas isso não era tão justo como deveria ser. Marisol tinha sofrido.

Um rosnado subiu pelo seu peito... como se seu próprio corpo protestasse diante da perspectiva de ser enganado pela morte.

—Não, — ele disse a si mesmo. —Melhor assim.

Pena que só parte dele acreditava nisso.

Assail fechou sua mochila e a amarrou nele novamente. Indo para primeiro uma e depois para outra corrente, ele as inspecionou por segurança. Na verdade, elas estavam completamente fixadas. O mesmo era verdade para as algemas sobre os pulsos.

Segurando uma corrente, ele agarrou o queixo de Benloise e forçou a cabeça do homem para trás.

Com outro silvo, ele mordeu a carne pela carótida, arrancando um pedaço para fora e cuspidando-a no chão. O sangue tinha um gosto bom na boca e seus caninos formigavam em antecipação por mais. Exceto que eles seriam negados.

A mordida era apenas um símbolo daquilo que como um macho, ele era levado pelo instinto e costume de proteger de sua fêmea. E ele teria rasgado completamente o pescoço se o próprio Benloise não estivesse em tortura.

Conforme sua presa murmurava naquela língua estrangeira, Assail travava uma batalha para deixar o homem vivo. Crueldade exigia autocontrole nessas circunstâncias — e normalmente isso não era um problema.

Nada envolvendo Marisol tinha sido comum, no entanto.

Assail esbofeteou o homem por silêncio. Apontando o dedo indicador para aquele rosto, ele rosnou, —Ela não era sua para levar. Está me ouvindo? Não sua. *Minha*.

Antes que ele perdesse o domínio sobre seu temperamento, ele se afastou para a escada, deixando as luzes acesas para que Benloise estivesse plenamente consciente de onde estava: a prisão de sua própria criação com nada além dos restos mortais de um dos seus guarda-costas para fazer companhia a ele.

Subindo os degraus de dois em dois, Assail sabia que havia uma possibilidade de que alguém pudesse aparecer e libertar o revendedor, mas isso era remota. Benloise era notoriamente reservado, e com Eduardo morto, as únicas pessoas que sentiriam falta dele eram guardas e funcionários — e pelo modo cauteloso em que o homem trabalhava, haveria um intervalo de tempo antes que as tropas se organizassem e descobrissem que o superior deles não havia feito contato com ninguém na equipe.

Depois disso? Era uma questão aberta se algum deles realmente procuraria por seu chefe. As pessoas que operavam no submundo se espalhavam quando se tratava de complicações como esta— ninguém arriscaria ser morto ou algemado pelas autoridades humanas apenas para salvar a pele de outra pessoa.



Benloise morreria lentamente, sozinho.

E quando alguém encontraria os corpos dentro da instalação? Este ano... no seguinte... uma década a partir de agora?

A cobertura que Benloise construía seria queimada.

No andar de cima, Assail fez uma varredura do espaço aberto. Encontrou mais dois telefones, que ele desligou, removeu as baterias, e colocou em sua mochila. Ele deixou as armas de fogo e munição, e teve o cuidado de fechar a porta e testar que ela se fechasse sozinha.

E fechou.

Caminhando ao redor da pequena construção, ele encontrou um tanque de combustível nos fundos. Localizando o medidor, percebeu que ali havia somente um quarto. Considerando o quanto estava frio e a altitude, ele supôs que o abastecimento acabaria dentro de um ou dois dias.

Os corpos estariam armazenados em um ambiente bem frio. Bom para evitar o cheiro, não que não existisse muito para sair, devido às pequenas janelas no andar de cima que todas estavam fechadas.

Ele estava prestes a partir quando percebeu um carro estacionado ao lado.

Indo até lá, ele levantou a cobertura e testou uma das portas. Fechada.

Se ele o explodisse, a bola de fogo atrairia a atenção, e isso não era conveniente.

Ele deixou a lona cair de volta no lugar.

Fechando os olhos em preparação para se desmaterializar, ele viu sua Marisol saindo por aquela porta. E foi enquanto estremecia que ele se tornou um com o ar da noite, lançando suas moléculas para o sul, para uma área de descanso a cerca de trinta e dois quilômetros abaixo da Northway.

Se materializando, ele pegou o celular e ligou para Ehric.

Um toque. Dois. Três.

—Ela está muito bem, — seu primo disse como saudação. —Comeu e bebeu um pouco de água. E ela está ansiosa para vê-lo.

Assail afundou em sua própria pele. —Bom trabalho. Estou onde nós combinamos.

—Você conseguiu realizar tudo?

—Certamente. Há alguém te perseguindo?

—Não à frente, nem atrás, e estamos apenas três quilômetros de você.

—Vou esperar aqui.

Desligando, ele olhou para o seu aparelho celular. Seu primeiro instinto foi o de levá-la para sua casa, mas ela precisava de cuidados médicos — e ela gostaria de se limpar e se vestir antes que sua avó a visse.

Próxima ligação de Assail foi para a sua própria casa, e quando a voz feminina com forte sotaque respondeu, ele se viu piscando as lágrimas.

—Senhora, — disse ele asperamente. —Ela.

—Não está morta, — a velha gemeu. —*Meu Deus*, me diga que ela.

—Ela está viva. Eu a tenho.

—O que? Diga de novo, por favor.



—Viva. — Embora ele não tivesse certeza sobre qualquer tipo de— bem— parte. —Ela está viva e sob os meus cuidados.

Frantic falou agora na língua materna. E embora Assail não conhecesse nenhuma das palavras, o significado não era apenas claro, mas algo que com ele concordava.

Obrigado, Virgem Escriba, ele pensou, embora ele não fosse religioso.

—Estamos longe de Caldwell, — ele disse a ela. —Nós não podemos chegar antes do amanhecer, e nesse caso estaremos em casa depois do pôr do sol.

—Falar com ela? Posso?

—Claro, minha senhora. — À frente, um par de faróis subiram na autoestrada e vieram em direção a ele, cortando a rampa de acesso. —Eu preciso de apenas um momento, e eu vou colocá-la na linha

O Range Rover se dirigiu diretamente para ele, lanternas traseiras piscando quando Ehcric desacelerou.

—Aqui está ela, minha senhora, — disse ele, enquanto abria a porta traseira.

Marisol estava enrolada no saco de dormir, e sua cor estava melhor, pelo menos até que ela olhou para ele e que pequeno rubor que ela tinha em seu rosto desapareceu imediatamente.

Quando Assail sentiu confusão, Ehcric se virou, olhou para ele — e recuou. Com um círculo rápido, ele indicou seu próprio rosto.

Oh, merda! Assail devia ter sangue por toda a sua boca.

—Sua avó, — ele exclamou, empurrando o telefone para Marisol.

Com certeza, isso funcionou para redirecionar a atenção de sua fêmea — e quando ela estendeu a mão como se ele estivesse lhe oferecendo uma tábua de salvação, ele fechou a porta novamente.

Girando, ele se dirigiu à instalação pública atrás dele em uma corrida mortal, localizando o banheiro dos homens e entrando na fileira de mictórios e cabines sanitárias.

Sobre uma das pias, ele olhou para a tela plana de aço inoxidável, que servia como um espelho.

—Foda.

Não é o que qualquer fêmea gostaria de ver, especialmente depois de ter sido submetida a uma captura: Seu rosto estava de fato coberto de sangue, sua mandíbula e lábios marcados com manchas— e suas presas... as pontas de suas presas aparecendo.

Esperando que o sangue de seu rosto tivesse sido ao que ela reagiu.

Inclinando-se, ele tentou ligar a água e a segurar com as mãos, mas as torneiras eram as do tipo que tinha de segurar no lugar para fazer funcionar. O processo levou muito tempo, enchendo uma única palma e levá-la ao seu rosto repetidas vezes. E então não havia nada para se secar.

Correndo a mão pelo seu rosto, ele avaliou seu cabelo, que graças a Paul Mitchell⁹⁶ tinha conservado algum charme.

Ele estava honestamente tentando melhorar sua aparência nesta situação? Que ridículo.

⁹⁶ Marca de shampoo.

Enquanto caminhava de volta para o Range Rover, ele sabia que teria que fazer uma terceira ligação quando sua Marisol tivesse terminado com sua avó: sua fêmea precisava de tratamento médico.

Para onde ir, então? No Velho País, não havia médicos humanos disponíveis para ele e seus primos. Por sorte, porém, ele e seus parentes conseguiram de confiar em um ou dois humanos que viriam depois do expediente e não fariam perguntas.

Não possuía tais acordos no Novo Mundo.

Portanto, só havia uma pessoa com quem podia entrar em contato — e esperar que houvesse uma solução que fosse acima de seus padrões.

Marisol merecia o melhor. E ele não aceitaria nada menos.

Capítulo 20

Sentado na parte de trás do Mercedes, John Matthew observava através do para-brisa quando sua irmã hesitou no limiar da casa de seu pai. A enorme porta da mansão estava escancarada, e ele precisou entrar e acender a luz do corredor da frente para ela.

Sua silhueta cortava o brilho que se escapava para a noite, a forma negra como uma sombra através dele.

Jesus... se ela tivesse um filho, ele seria o futuro Rei ou rainha. E não acrescenta outra aspecto à coisa do devemos-ou-não-devemos.

—Podemos partir, senhor? — Fritz perguntou da frente.

John assobiou uma nota ascendente, então esfregou o rosto e recostou no banco. Estava fodidamente exausto. O contraste que colocaram em seu braço o fazia se sentir estranho, e então havia a ansiedade crepitante que sentiu dentro da ressonância magnética, enquanto a máquina girava ao seu redor. Ressonância magnética aberta⁹⁷, sua bunda. Sim, com certeza, era melhor do que ser bombeado para dentro aquele tubo enorme e selado firmemente como se fosse pasta de dentes, mas dificilmente era uma situação de respirar fácil.

Oh, além disso, você tinha pairando sobre sua cabeça o feliz machado do talvez você *terr um tumor*⁹⁸. Para citar Arnold.



⁹⁷ A diferença entre uma RM Aberta, como a nossa, e uma RM Fechada é apenas isso mesmo, uma é fechada como um "Túnel" em forma de donuts, onde o cliente é colocado, a outra é aberta em todos os 4 lados do equipamento. O design de uma RM Aberta, oferece aos clientes maior conforto, reduzindo de forma significativa os estado de ansiedade e claustrofobia. <http://remaqna.pai.pt/ms/ms/remaqna-ressonancia-magnetica-aberta-lda-ressonancia-magnetica-aberta-2870-114-montijo/ms-90054886-p-2/>; http://openmriofne.com/index_large.htm

⁹⁸ John está brincando com o sotaque carregado de Arnold Swazzneger, e uma das frases do filma "Um tira no Jardim da Infância".

Pelo menos ele não precisava se preocupar com isso, aparentemente. E estragar os medicamentos anticonvulsivos. Ele ficaria bem. Sim. Completamente...

Merda. E se tivesse um episódio enquanto estivesse lutando?

Que se dane. Não podia se preocupar com isso.

Com um *bing!* Seu telefone anunciou que uma mensagem acabara de chegar. Segurando o celular, ele franziu a testa para o que Tohr enviara a todos: *Necessária presença extra na clínica. Hora prevista para chegada dos visitantes, cinquenta e cinco minutos. Informe disponibilidade imediatamente.*

John digitou uma resposta rápida: *No caminho de volta. Disponível...*

Não tinha certeza de como encaminhar as coisas. Assim que chegassem em casa, pediria Fritz para arrumar as coisas como Beth pediu... e então encontraria Wrath. Fale sobre suas merdas. Dizer ao Rei que sua companheira não voltaria para casa seria tão divertido quanto uma de suas convulsões, mas alguém tinha que avisar pro cara sobre os planos dela — e evidentemente, não seria Beth.

Ela disse a ele claramente que não estava com muita pressa de falar com seu marido.

Ou ficar perto dele, evidentemente.

Depois de deixar o centro médico, ela pediu que Fritz dirigisse por um tempo, antes que ela decidisse, por sugestão de John, por um restaurante chinês aberto durante toda a noite no Trade — que apenas acontecia de estar, oh, hey, na mesma rua do Iron Mask: Não que John não pudesse cuidar de sua irmã — mas era bom saber que eles tinham muito apoio disponível a apenas uma quadra de distância, graças à sua companheira e sua equipe de leões de chácaras de doze toneladas.

Enquanto comiam, Beth esteve basicamente quieta, embora tivesse com um apetite bastante saudável — ela terminou sua carne com brócolis e depois comeu seu KPC⁹⁹ junto com meia dúzia de biscoitos da sorte. Quando terminaram, ela não queria voltar para o carro ainda, então eles caminharam pela Trade Street durante algum tempo até que não houvesse mais tempo.

Obviamente, ela tinha estado indecisa sobre permanecer na cidade ou voltar para casa.

Homem, ele sentia por ela. Que confusão.

E era engraçado, tanto quanto ele odiava ficar no meio das coisas, não havia nada que ele não faria por ela. Nada.

Deus, o que ele esteve murmurando durante aquelas convulsões...?

Cerca de vinte minutos depois, Fritz os levou com segurança ao complexo secreto da Irmandade. Circundando a fonte no centro do pátio, estacionou em um espaço entre o GTO roxo de Rhage e o novíssimo e estiloso R8 preto de V.



⁹⁹ KPC, espécie de tempurá em versão Chinesa. <http://www.aliexpress.com/item/Kpc-tempura-oil-absorbing-paper-fried-food-oil-filter-paper-grease-r715/868283475.html>

O Irmão ainda tinha o Escalade, é claro. Apenas a versão mais nova do mesmo.

Saindo, John caminhou com o mordomo à grande entrada. Ao contrário da outra casa de seu pai na cidade, esta mansão era mais fortaleza do que casa, suas grandes paredes de pedra subindo da terra, tão indestrutíveis como a montanha que eles estavam construindo.

Se a costa leste fosse bombardeada por algum motivo? Este lugar, Twinkies¹⁰⁰, e baratas. Isso era tudo o que sobraria.

John bateu no braço do mordomo, exatamente quando Fritz pegou alça de bronze da porta maciça. *Você vai pegar as coisas dela?*

—Mas é claro. — O *doggen* parecia preocupado. —Assim como ela pediu.

As implicações da rainha dormindo em algum lugar que não fosse em seu próprio quarto com seu companheiro, não haviam passado despercebido por Fritz — mas ele era muito discreto para fazer perguntas ou fazer um alarido. Em vez disso, ele apenas irradiava ansiedade — ao ponto onde se você tivesse marshmallows e um pedaço de pau, você provavelmente poderia assá-los na aura *do doggen*.

Entrando no vestíbulo, John colocou o rosto na câmera de segurança e esperou por uma resposta. Desde que a primeira família mudara-se para lá, não havia chaves na casa, e não havia maneira de ter acesso a menos que você fosse deixado entrar por alguém que já estivesse no interior.

E um momento depois, a trava foi aberta, e eles foram autorizados a passar pelo majestoso hall da entrada da frente. Muito folhado de ouro, muitos cristais, e essas colunas de mármore coloridas? Era um palácio de um czar que se mudou para as montanhas nos arredores de Caldwell.

Como seu pai conseguira? John perguntou. Isso em, 1914?

Nenhuma ideia. E ainda mais impressionante? Por quase um século, Darius tinha de alguma forma sido capaz de evitar os humanos curiosos da propriedade privada, os *lessers* do lado de fora sem poder entrar... e os *symphaths* sem noção quanto às suas coordenadas: Este local, e seu centro de treinamento no subsolo, não tinha sido comprometida em toda a sua história. Mesmo durante os ataques.

Um grande feito. Um grande legado.

Deus, ele queria que ele tivesse conhecido seu pai. Desejava que o Irmão ainda estivesse por perto — porque com certeza ele poderia precisar de alguns conselhos sobre de como dizer a Wrath o que estava acontecendo.

Fazendo uma pausa no meio de uma pintura de uma macieira em plena floração, John deixou Fritz ir em frente, o mordomo subindo a escadaria digna do Palácio de Buckingham em um movimento ágil.

Wrath estava, sem dúvida, no andar de cima, em seu estúdio — mas primeiramente, ele precisava de um tradutor.



¹⁰⁰ A referência aqui é ao bolinho Twinkies, que teve o prazo de validade expandido quando do seu retorno às prateleiras dos Estados Unidos, em Julho de 2013, só que para isso, sua fórmula original foi alterada, o que gerou certo desconforto por parte dos consumidores. <http://abcnews.go.com/Business/twinkies-make-official-nationwide-return-shelves/story?id=19664290>



Foda!

A quem diabos ele poderia pedir.

—Onde ela está?

John fechou os olhos diante da ordem... e um minuto antes que ele pudesse voltar para a sala de bilhar: Com certeza, de pé exatamente debaixo do arco, o Rei estava vestido de couro preto, suas mãos segurando seus quadris, o queixo projetado para frente.

Embora ele fosse cego, e seus olhos estivessem escondidos por trás daqueles óculos envolventes, John sentiu como se o homem o estivesse encarando. Foda. Se. Ele.

De repente, o ruído ambiente que John estava inconsciente de ouvir parou: os irmãos que estavam jogando sinuca atrás de Wrath pararam todo o movimento, toda a conversa, até que apenas as faixas de Eminem *The Marshall Mathers LP 2* estava tocando ao fundo.

—John. Onde está minha companheira.

Diante daquele olhar penetrante, John caminhou para frente. Sim, quase todos os irmãos estavam lá com Wrath — sem dúvida, perceberam seu humor e estavam na defensiva.

Examinando cuidadosamente os grandes corpos, ele trancou os olhos com V e sinalizou, *Eu preciso de você.*

Vishous assentiu e entregou seu taco para Butch. Esmagando o cigarro em um cinzeiro de cristal, ele se aproximou.

Wrath mostrou suas presas. —John, como Deus é minha testemunha, porra, vou te cortar se não disser.

—Calma, aí, grandalhão, — V disse entre dentes. —Vou traduzir. Vamos à biblioteca.

—Não, eu quero, saber a porra, de onde minha *shellan* está! — Wrath explodiu.

John começou a gesticular, e considerando que a maior parte das vezes as pessoas traduziam meias frases em sequência, V esperou até que ele terminasse todo o relatório.

Alguns Irmãos murmuraram no fundo enquanto eles balançavam a cabeça.

—Na biblioteca, — V ordenou ao Rei de uma maneira que John nunca poderia. —Você vai querer fazer isso na biblioteca.

Coisa errada a dizer.

Wrath girou sobre o irmão e foi para ele com tal velocidade e precisão que ninguém estava preparado: Um minuto V estava em pé ao lado do Rei; no seguinte, ele estava se defendendo contra um ataque que não foi provocado como era... bem, cruel.

E então as coisas ficaram selvagens.

Como se Wrath soubesse que estava à beira de uma loucura, ele se separou de V, e foi como uma bola demolição total sobre a sala de bilhar. A primeira coisa com a qual se deparou foi a mesa de sinuca onde Butch estava encostado— e quase não houve tempo para o policial levantasse o cinzeiro dos trilhos laterais: Wrath agarrou as bordas e virou a coisa como se fosse nada além de uma mesa de carteadado, o mogno e o tampo de ardósia gigante voando tão alto, que acabou com a luminária pendurada acima, o seu peso tão grande que lascou o chão de mármore com a aterrissagem.

Sem perder o fôlego, o Rei EF5¹⁰¹ se dirigiu para sua próxima vítima... o sofá de couro pesado que Rhage tinha acabado de saltar fora.

Fale sobre seu sofá-voador.

A coisa toda chegou perto de John em cerca de um metro e meio do chão, o conjunto de mesinhas laterais trocando de lugar quando ele se virou e girou, almofadas voando em todas as direções. Ele não levou isso pessoalmente — especialmente enquanto seu amigo executava uma dança com o bar, quebrando as garrafas da prateleira superior, licor respingando por todas as paredes, o chão, o fogo que crepitava na lareira.

Wrath não havia terminado.

O Rei pegou uma mesa lateral, a levantou, e a jogou na direção da TV. Ele errou a tela de plasma, mas conseguiu quebrar um espelho antigo — embora a Sony não durasse muito. A mesa de café que estivera entre os dois sofás fez isso, apagando a imagem sem som dos dois rapazes de Boston e o velho de Southie com o taco de beisebol apresentando para a DirectTV.

Os Irmãos apenas deixaram Wrath continuar. Não que eles estivessem com medo de se machucar. Inferno, Rhage interveio e pegou o primeiro sofá antes que ele tirasse um pedaço da moldura da arcada. Eles simplesmente não eram estúpidos.

Wrath – Beth × Passar a noite fora = Ataque Psico da Besta

É melhor deixá-lo se esgotar destruindo o lugar. Mas, homem, isso era doloroso de assistir.

John pulou para o lado quando um barril veio voando em sua cabeça. Felizmente, Vishous foi capaz de agarrá-lo antes que a coisa atingisse o piso de mosaico no foyer — que teria sido uma cadela para consertar.

—Temos que controlá-lo, — alguém murmurou.

—Amém, — alguém respondeu. —Ele destrói a casa, e será uma merda que nem mesmo Fritz saberá como limpar.

—Eu vou cuidar disso.

Todo mundo se virou e olhou para Lassiter. O anjo caído com a atitude ruim e mau gosto para praticamente tudo, aparecera do nada e estava parecendo sério, pela primeira vez.

—Que porra é essa? — V exigiu quando o anjo colocou uma caneta fina de ouro em sua própria boca.

Revelou que não era uma Bic extravagante. Com um sopro rápido, Lassiter soltou um pequeno dardo através da sala — e quando bateu no ombro de Wrath, o impacto foi como se o rei tivesse sido atingido por uma bala no peito.

Ele caiu com força, seu corpo endurecendo e, então, caindo como um carvalho.

—Que porra é essa que você fez! — V o removeu de Wrath e foi para o anjo. Mas Lassiter encarou de volta no rosto do Irmão.

—Ele ia se machucar, a casa, ou um de seus idiotas! E não fique tão fodidamente irritado. Ele só vai dar um pequeno cochilo.

Wrath soltou um suave ronco.

¹⁰¹ Categoria 5 de tornados.



Movendo-se com cuidado, a Irmandade o rodeou como se estivessem verificando um urso pardo e John foi com eles. Como um círculo formado em torno da Bela Adormecida, houve uma grande quantidade maldições baixas.

—Se você o tiver matado.

Lassiter guardou sua zarabatana de ouro. —Ele parece morto?

Não, na verdade, o pobre coitado parecia que ele estava em paz consigo mesmo e com o mundo, a sua cor boa, seu corpo tão relaxado e suas botas pesadas pendendo para os lados.

—Querida... Virgem... Escriba...

Todo mundo olhou para o arco. Fritz estava de pé ali com uma mochila Louis Vuitton em uma das mãos e a expressão em seu rosto era de alguém que presenciava um acidente de carro.

John fechou os olhos.

Ele esperava como o inferno que Beth tivesse entrado na casa, trancado a porta como ela prometeu, e descansado durante o dia.

Um deles dois já caíra com força. Ninguém precisava de um segundo.

Capítulo 21

Depois que Fritz e John foram embora, Beth finalmente entrou na casa de seu pai — e enquanto entrava, o movimento implacável do avanço do tempo se reverteu. E o trabalho de um momento, minutos, horas, dias... então semanas e meses... desapareceu.

De repente, ela era quem fora antes de conhecer Wrath — uma mulher humana de vinte e poucos anos morando com seu gato em um apartamento apertado, tentando fazer um movimento no mundo, com nada nem ninguém atrás de si. Claro, tinha amado partes de seu trabalho, mas seu chefe, Dick o Idiota, era um pesadelo misógeno de olhar malicioso. E sim, ela era bem paga, exceto que não sobrava muito depois do aluguel — ou a chance de promoção no *Caldwell Courier Journal*. Ah, e romance de qualquer tipo fora tão fictício e distante no horizonte quanto o Lone Ranger.

Não que ela estivesse interessada em homens, na verdade. Ou mulheres.

Mas, então daquela vez, no acampamento¹⁰²...

Fechando a porta, ela teve o cuidado de se trancar lá dentro — Fritz tinha uma chave, por isso assim que chegasse com suas coisas ele conseguiria entrar, mas ninguém mais o faria.

Enquanto o silêncio na casa a rodeava, este parecia como barras em uma gaiola. Como diabos ela acabou ali? Passar um dia inteiro sem Wrath? Como mais cedo na noite anterior, na casa deles em NYC, uma separação assim seria impensável.

¹⁰² A referência nesse momento é ao filme "American Pie", em que há a frase "This one time, at band camp.", (Daquela vez, no acampamento), normalmente trata-se de incidentes envolvendo situações sexuais.
<https://answers.yahoo.com/question/index?qid=20080402201447AAunu4E>



Caminhando para a sala à esquerda, ela vagava, lembrando-se de como, quando esteve ali inicialmente, estava convencida de que Wrath era um traficante de drogas, um criminoso, um assassino. Pelo menos estava errada sobre os dois primeiros — e ele provou esse último por quase assassinar Butch O'Neal na frente dela em um beco.

Após aquele pequeno horror, eles foram até ali — onde encontraram Rhage no banheiro lá embaixo, se costurando. Foi depois disso que Wrath a levou através do quadro, descendo a escada iluminada por lampiões... e para um covil escondido.

Onde ele contou quem realmente ela era.

O quê ela realmente era.

Falou sobre sua queda através do mundo desconhecido. Exceto que isso fez tanto sentido que a confundiu — a desconexão com as pessoas ao seu redor, a sensação de que ela não pertencia, a inquietação sempre crescente enquanto se aproximava de sua transição.

E pensar que tinha assumido que tudo do que ela precisava era sair de Caldwell.

Não. Sua mudança havia acontecido, e sem Wrath, ela teria morrido. Sem dúvida.

Ele a salvou de muitas maneiras. Amou-a com seu corpo e alma. Deu-lhe um futuro que ela sequer tinha sonhado.

Agora? Tudo o que ela queria era voltar ao início. As coisas tinham sido tão fáceis na época...

Percorrendo a representação que ia do chão ao teto de um rei francês, ela apertou o interruptor escondido que liberava a pintura a óleo de sua moldura dourada de duas toneladas. À medida que a coisa se abria, ela meio que esperava que o caminho fosse escuro como breu — afinal, ninguém vivia ali há quanto tempo? Mas como o corredor, tudo ainda estava aspirado, sem poeira e polido, os lampiões a gás piscaram em suas gaiolas de ferro forjado, os degraus e paredes de pedra rústica se curvavam para o porão.

Jesus, ainda tinham o mesmo cheiro. Um pouco mofado e úmido, mas não sujo.

Arrastando a mão sobre a pedra irregular, ela desceu para o subsolo. As duas suítes no andar de baixo davam-lhe uma escolha para a direita e para a esquerda, e ela escolheu a da esquerda.

A que tinha sido o velho esconderijo de seu pai em relação ao sol.

As fotos dela ainda estavam onde ele as colocara, todos os tipos de fotos em tantos quadros diferentes, que abrangiam a escrivaninha, as mesas nas laterais da cama, a moldura sobre a lareira.

A foto em particular que ela estava procurando estava acima do despertador.

Era a única de sua mãe, e uau... apenas um olhar rápido para a mulher e ela se lembrou de onde tinha herdado o espesso cabelo preto, o formato de seu rosto e a estrutura dos ombros.

Sua mãe.

Que tipo de vida a mulher viveu? Como Darius chegou a ela? Pelo que Wrath lhe dissera no início, os dois não ficaram juntos por muito tempo antes que ela descobrisse o que Darius realmente era — e fugiu correndo. Até que ela descobriu que estava grávida e voltou a vê-lo, com medo do que estava trazendo ao mundo.

Ela morreria no parto.

E Darius ficara à margem depois disso, esperando que depois a filha deles não fosse passar para o lado vampiro das coisas.

Alguns mestiços nunca passavam pela mudança. Alguns não sobreviviam a transição. E aqueles que passavam por isso e saíam do outro lado como vampiros, eram sujeitos a diferentes e imprevisíveis regras biológicas. Beth, por exemplo, podia sair à luz do dia, enquanto usasse protetor solar e óculos escuros. Butch, por outro lado, não podia se desmaterializar.

Então, só Deus sabia sobre as coisas da gravidez. Mas, se tivesse sorte, ela poderia passar pela sua, Wrath de alguma forma viria e ela daria à luz...

Bem, mais uma vez, foi assim que sua mãe morreu, não foi.

—Merda.

Sentando no colchão, ela colocou a cabeça entre as mãos. Talvez Wrath tivesse razão. Talvez a coisa toda de concepção realmente fosse perigosa demais para se mexer. Mas isso não desculpava a maneira como ele a tratou, e aquilo não acabou com a discussão.

Cristo, enquanto ficava sentada ali, cercada por fotos que Darius tinha tirado dela, ela ficou ainda mais convencida de que queria um filho.

Soltando os braços, ela pegou o BlackBerry, colocou a senha e checkou para ver se alguma mensagem tinha chegado que ela não tenha ouvido. Não. Virando a coisa mais e mais em suas mãos, ela preguiçosamente desejou que fosse um iPhone. V, no entanto, não só era anti-Apple; como estava convencido de que o legado de Steve Jobs era a raiz de todos os males do mundo...

Às vezes, os casais se saíam melhor ao telefone.

E enquanto Wrath não digitava bem, isso não significava que ela tinha que seguir o exemplo. Se pretendia ter algum espaço pelas próximas doze horas ou mais, realmente precisava pagar-lhe a cortesia de dizê-lo ela mesma — não usar seu irmão como mensageiro.

O problema era que Wrath não tinha mais um celular. Não havia necessidade de um — quando assumiu oficialmente os deveres do rei, ele se retirou — aposentou — da Irmandade por costume, lei e bom senso. Não que isso o tivesse impedido de levar um tiro.

Havia uma abundância de telefones na mansão, no entanto.

Seis da manhã. Ele ainda estava, provavelmente, trabalhando em sua mesa.

Discando os dígitos, ela ouviu um toque. O próximo. E um terceiro.

Não havia mais correio de voz para Wrath porque a *glymera* abusou completamente do número que havia sido lhes dado. E foi assim que ele acabou com o inferno da conta de e-mail.

O próximo número que ela tentou foi para o aparelho ao lado da cama deles, o que era tão inédito, que ela nunca realmente o ouviu tocar antes. Nenhuma resposta.

Ela tinha várias opções neste momento. Clínica do Centro de Treinamento — no caso de ele estar ferido. Mas como isso aconteceria? Ele não saía mais de casa. Cozinha — exceto que a última refeição estava quase à mesa e Wrath provavelmente não ia ficar naquele caos sem ela: Mesmo que ele nunca tenha dito, ela tinha a sensação de que salas lotadas e barulhentas o deixavam desconfortável, porque seus sentidos de audição e olfato ficavam sobrecarregados, o que tornava difícil para ele localizar as pessoas no espaço.

Havia apenas outro número para tentar.



Enquanto localizava a pessoa em seus contatos, outra fatia do passado voltou para ela.

Imaginou Tohr entrando pela porta de vidro de seu antigo apartamento, o Irmão iminente grande como qualquer pesadelo deveria ser. Mas ele tinha sido, e sempre foi, um aliado. Naquela noite em que eles compartilharam Sam Adams, biscoitos de aveia e *Godzilla* tinha sido o início de uma amizade verdadeira.

Ele estava tão diferente agora. Perdeu Wellsie. Encontrou Autumn.

E ela não era a mesma, também.

Enquanto se ouvia a chamada, houve apenas um toque antes que fossem respondidos: — Beth.

Ela franziu o cenho para o tom estranho na voz de Tohr. — Você está bem?

—Oh, sim. Definitivamente. Estou feliz que você ligou.

—Ah... por quê? — Wrath dissera a Irmandade que ela não voltaria para casa? Provavelmente não. —Não se preocupe. Eu só... só estou procurando Wrath. Você sabe onde ele está agora? Eu tentei o estúdio e os nossos quartos e ele não atendeu.

—Oh, sim. Definitivamente.

Que diabos? —Tohr. O que está acontecendo.

Enquanto o verdadeiro medo se enraizava no centro de seu peito, sua mente se afastou dela. E se.

—Nada. Honestamente — bem, temos uma pessoa muito importante e inesperada vindo para a clínica, por isso estou lutando para conseguir cobertura.

Ah, estalo. Ela estava sendo paranoica. Melhor do que estar certa, no entanto.

—Quanto a Wrath, a última vez que o vi, ele estava... — Houve uma pausa. Em seguida, um barulho como se o cara estivesse trocando o telefone para a outra orelha. —Ele estava tomando um pouco de fôlego.

—Fôlego?

—Ele estava dormindo.

Beth sentiu seu queixo pender. Dormindo?

—Sim. Ele estava descansando.

—Sério.

Ali estava ela, colocando através do espremedor, confusa sobre o que pensar e sentir, correndo toda a relação deles para trás e para frente, planejando conversas, amarrando-se em nós. Enquanto isso, ele estava apenas, você sabe, tirando uma sesta.

—Bem, isso é ótimo, — ouviu-se dizer. —Estou realmente feliz por ele.

—Beth.

—Olha, tenho que ir —. Sim, ela estava ocupada, ocupada, ocupada. —Se ele acordar, diga-lhe....

Não, não que ela ligou. Os homens não eram os únicos autorizados a manter seu orgulho; mulheres não tinham que ser o sexo mais frágil.

—Na verdade, eu mesma direi a ele. Estarei na casa do meu pai limpando as coisas hoje. — Sim, porque a casa estava uma bagunça. —Mas vou estar de volta ao cair da noite.



O alívio honesto que veio através da linha foi marcante. —Ah, essa é uma boa notícia. Estou muito feliz.

—Ok, bem... — De alguma forma, ela não conseguiu desligar.

—Beth? Você ainda está aí?

—Sim. Estou. — Encontrou-se esfregando sua coxa para cima e para baixo. —Ouça, posso perguntar uma coisa?

—Claro. Por favor.

Afinal, Wellsie e Tohr haviam tido seus argumentos — alguns dos quais Beth havia ouvido falar em primeira mão antes da bela ruiva ter sido levada tão cedo. Cara, Wellsie não tinha medo de dizer exatamente o que ela pensava a ninguém, incluindo seu *hellren*. Ela nunca ficava de cabeça quente sem uma boa razão, é claro, mas você não queria necessariamente atravessar seu caminho se não precisasse.

As pessoas a respeitavam.

O que eles pensam de mim, Beth se perguntou.

—Beth?

Certamente se havia alguém que pudesse ajudá-la com Wrath, e manter-se discreto sobre o assunto, era Tohr. Na verdade, era ele quem geralmente era enviado quando as pessoas precisavam de ajuda com seu Rei.

—Beth, o que está acontecendo?

Abrindo a boca, ela pretendia desabafar, mas havia um problema: com quem ela precisava falar era com Wrath. Qualquer outra pessoa era apenas enchimento.

—Você ainda torce para o monstro?

Houve uma pausa, e então o Irmão riu naquele barítono que era sua marca registrada. — Você está me dizendo que há outra maratona de *Godzilla*?

Beth estava feliz por estar sozinha porque tinha a sensação de que o sorriso que estava ostentando era mais triste do que qualquer lágrima.

Ela só queria voltar para quando as coisas eram mais simples. Mais fáceis. Mais perto.

—Só pensando nos bons e velhos tempos. — ela desabafou.

No mesmo instante, o tom de Tohr se apertou. —Sim. Eles eram... bons.

Ah, merda! Mesmo que ele estivesse apaixonado e acasalado a Autumn, tinha que doer lembrar-se de sua primeira esposa... e do bebê que ela estava carregando.

—Sinto muito, Eu...

Ele se recuperou mais rápido do que ela. — Não me sinto tão mal. O passado é o que é — bom e mau, ele está escrito e é imutável. E há conforto a ser tirado dele.

Lágrimas arderam em seus olhos. —O que quer dizer?

Houve uma longa pausa. —As partes boas são mais luminosas, pois você pode confiar nelas. E as partes ruins não podem ficar mais trágicas precisamente pela mesma razão. O passado é seguro porque é indelével.

Sola não conseguia se lembrar de alguma vez ter estado tão gelada.

Embrulhada em um saco de dormir, com passagens de aquecimento tipo bate-estacas em seu rosto, ela não conseguia parar de tremer na parte de trás do Range Rover.

Então, novamente, havia uma meia dúzia de boas razões para estar em estado de choque, do tipo que começava com a sua cabeça e colocava seu corpo em uma profunda dormência congelante.

Mudando de posição, sua coxa soltou um grito — lembrando-a que havia também um imperativo físico no movimento. Quanto sangue perdera?

— Estamos quase lá.

Sua cabeça se virou ao som daquela voz acentuada. Mesmo que quase não houvesse luz no SUV, ela podia imaginar o rosto de Assail como se este estivesse iluminado: olhos profundos da cor do luar, sobrancelhas escuras talhadas, lábios carnudos, queixo rígido. Pico da viúva e os cabelos negros.

Entre uma piscada e outra, havia sangue na metade inferior do cabelo... e dentes muito afiados.

Ou fora um pesadelo? Ela estava tendo dificuldade para descobrir o que era realidade.

Abriu a boca para falar. Nada saiu. — Minha cabeça... não está funcionando direito.

— Está tudo bem. — Como se por impulso, ele estendeu a mão para ela, mas, em seguida a baixou, como se não soubesse o que fazer.

Sola lutou para engolir, sua boca estava seca. — Mais água? Por favor?

Ele se moveu tão rápido, como se estivesse esperando por uma chance de fazer alguma coisa. E, enquanto ele abria outra garrafa Poland Spring, ela foi afastar o saco de dormir para libertar as mãos — e ficou presa. O tecido de nylon parecia pesar tanto quanto um revestimento de asfalto.

— Fique quieta, — disse ele suavemente. — Deixe-me servi-la.

— Minhas mãos não estão funcionando.

— Eu sei. — Ele levou a garrafa aberta para sua boca. — Beba.

É mais fácil falar do que fazer. Seus dentes começaram a bater. — Desculpe, — ela murmurou enquanto a água espirrava em todos os lugares.

— Etric, quanto tempo? — ele retrucou.

O Range Rover veio para a uma parada abrupta. — Eu acredito que estamos aqui — ou em algum lugar.

Sola franziu a testa enquanto olhava por cima do ombro do motorista na frente dela. A cerca bamba nos faróis era o tipo de coisa que você vê em uma fazenda de gado — que fora abandonada. Metade dela estava pendurada em um ângulo, as tábuas velhas e o arame enferrujado mais emaranhados do que organizados.

— Para onde vamos? — ela perguntou com voz rouca. — Achei... que voltaríamos para casa.



—Vamos tratar de você primeiro. — Assail repetiu aquela coisa de estender a mão e em seguida, puxou-a de volta antes de tocá-la. —Você precisa de... você está ferida e não podemos deixar que sua avó a veja assim.

—Oh. Certo. — Jesus, ela tinha esquecido que estava seminua, ferida, e precisava de um bom e longo banho. —Obrigada.

—Certamente não pode ser aqui, — o motorista murmurou.

Assail olhou para fora do para-brisa e encarou — como se as coisas não fossem o que ele esperava, tampouco. —Vá até aquela caixa.

Quando eles se aproximaram do que parecia ser uma casa de passarinho de madeira em uma vara frágil, o motorista baixou a janela.

Uma voz rouca e desencarnada falou da coisa:— Autorizado. Atravesse os portões.

Como mágica, o — desgastado — sistema de portões se dividiu bem no meio, separando-se de forma suave e silenciosamente.

A estrada além estava cheia de neve, mas cuidada. E alguma distância depois veio a outra barreira. Esta era menos frágil e mais alta também, feita de elos enferrujados de correntes, que ainda assim pareciam solidamente afixados em seus postos. Desta vez, eles não tiveram que parar — a cerca se abriu antes deles, deixando-os passar.

E assim foi.

À medida que avançavam, os sistemas dos portões se tornaram cada vez mais novos e mais imponentes, até que surgiu a algo que parecia pertencer a uma instalação do governo: postes de concreto tão grandes quanto aqueles sob as pontes de Caldwell, ancorados a um painel de metal sólido do tamanho de um outdoor. E, estendendo-se em qualquer direção? Um muro de oito metros de altura com arame farpado em cima e avisos para os invasores a cada quatro metros.

Meio *Jurassic Park*, Sola pensou.

—Impressionante, — o motorista falou arrastado.

Tal como aconteceu com as outras entradas, o caminho foi aberto antes que pudessem parar no óbvio ponto de verificação, com seu teclado, interfone e equipamentos de monitoramento.

—Isso é... uma base do exército? — Sola murmurou.

Talvez Assail fosse um policial disfarçado — nesse caso...— Eu preciso de um advogado? — ela exigiu.

—Por quê? — Assail estava focado em tudo o que estava por vir, olhando pelo para-brisa dianteiro como se estivesse dirigindo o veículo.

—Você vai me prender?

A cabeça dele virou, suas sobrancelhas baixaram. — Do que você está falando?

Sola relaxou no assento. Se estivesse mentindo, ele merecia um Oscar. E se não estava — bem, talvez esta fosse a maneira de Deus de responder a sua oração: Uma solução certa para mantê-la fora da vida que a estava jogando no sistema judicial.



O túnel subterrâneo em que entraram era digno de um Lincoln ou um Holland, com sua iluminação fluorescente e a linha amarela no meio, e a descida inclinada do Range Rover para a frente em um ângulo agressivo.

—Estamos em Caldwell? — perguntou ela.

—Sim.

Assail recuou, e na iluminação, agora abundante, ela o viu baixar a mão direita em seu agasalho.

Sola franziu o cenho. —Você está... por que está segurando uma arma?

—Não confio em ninguém com você além de mim. — Ele se virou para ela. —Fiz uma promessa a sua avó que você será devolvida a ela ilesa, e eu sou um homem de palavra. Pelo menos nisso.

Enquanto encontrava seus olhos, ela sentiu uma estranha sensação se instalar em seu peito. Parte disso era o medo, o que a confundiu. Na situação em que estava, era melhor seu salvador ter guardada uma arma e estar preparado para usá-la.

A outra metade disso era... nada que ela quisesse olhar muito de perto.

O túnel terminou em um parque de estacionamento que lhe recordava um debaixo do Caldwell Arena: teto raso, muitos espaços, a elevação crescente que desaparecia a um canto sugerindo vários andares.

—Onde estamos? — ela perguntou enquanto se aproximavam de uma porta fechada.

Como uma resposta, a coisa foi alargada e uma equipe médica saiu, médicos, enfermeiros, maca e tudo.

—Obrigado a Virgem Escriba, — Assail murmurou.

Ah... merda. Os de jalecos brancos não estavam sozinhos — eles estavam acompanhados por três homens enormes: um loiro, com um rosto que pertencia à telona, um cara militar com um corte escova e uma expressão dura como um bloco de madeira, e então, um verdadeiramente aterrador que tinha o cabelo raspado rente ao crânio e uma cicatriz que atravessava sua bochecha, curvando para o lado da boca.

Não, isso não era do governo dos EUA.

Não a menos que houvesse um departamento secreto de babacas.

Assail estendeu a mão para a porta. —Fique no carro.

—Não vá, — Sola deixou escapar.

Ele olhou para ela. —Não tenha medo. Eles me devem isso.

Seu salvador estendeu a mão novamente, e desta vez ele não parou. Roçou seu queixo de forma tão leve que se ela não o tivesse visto fazer aquilo, não teria notado.

—Fique.

E então ele se foi, a porta se fechou solidamente. Através do vidro escuro, ela viu quando um quarto homem saiu do corredor iluminado. Sim, aquilo não era um contador ali... Com um casaco de pele que ia até o chão e uma bengala, ele estava vestido como um cafetão conservador, seu corte Moicano e o sorriso sarcástico se ajustavam à imagem perfeitamente.

O homem e Assail ofereceram as mãos um ao outro exatamente no mesmo momento. E continuaram conectados enquanto trocavam palavras.

Alguma coisa estava errada. Assail começou a franzir a testa; então pareceu francamente irritado. Mas enquanto o homem de moicano encolhia os ombros e parecia impassível, Assail finalmente entregou sua arma e foi revistado pelos outros. E somente depois que seus homens saíram e se submeteram ao mesmo tratamento que o cafetão acenou para a equipe de médicos e enfermeiros irem até o veículo.

À medida que eles estendiam a mão para abrir a porta, uma pontada de medo fez Sola puxar o saco de dormir direto para seu queixo.

A mulher que enfiou a cabeça para o banco traseiro era bonita, com cabelos loiros curtos e olhos verdes. —Oi, sou a doutora Jane. Gostaria de dar uma olhada em você, se me deixar.

Sua voz era nivelada. Gentil. Calma.

No entanto, Sola não conseguia se mover ou reagir.

Pelo menos não até Assail aparecer atrás da médica. —Está tudo bem, Marisol. Ela vai cuidar de você.

Sola encontrou-se olhando em seus olhos por um momento mais longo. Quando estava satisfeita com o que viu, ela sussurrou:—Ok. Tudo bem...

E foi quando ela finalmente parou de tremer.

Assail não estava feliz com seus coldres vazios, mas Rehv deixara claro: Ou ele e seus primos entravam desarmados, ou a fêmea humana não seria tratada.

Foi a única circunstância em que Assail teria consentido ficar vulnerável e ele odiava. Mas era preciso.

—E o nome dela é Marisol, — ouviu-se dizer quando a fêmea loira e médica começou a falar em voz baixa. —Sola.

À esquerda, ele conseguia sentir Rehv olhando para ele, e o *leahdyre* do Conselho não era o único. Os três irmãos de plantão eram muito profissionais para mostrar alguma coisa, mas ele poderia dizer que eles estavam se perguntando porque ele apareceu na porta deles com uma mulher humana. Que estava ferida. Uma por quem ele estava disposto a entregar suas armas.

—Não, você fica aqui, Marisol. Nós vamos até o outro lado. — A médica se afastou e acenou para sua equipe. —Os sinais vitais estão baixos, mas estáveis. Um tiro na coxa direita, possível concussão. Choque é uma preocupação. Pode ter sofrido outro trauma que ela não quer me contar.

Assail sentiu o sangue esvaír de sua cabeça, mas ele não permitiu que a inclinação passasse para qualquer outra margem de manobra.

—Você, — ele gritou bruscamente. —Afaste-se.

O macho — ou, Deus, aquilo era realmente um homem *humano*? — Parou.

O médico principal, a fêmea, falou. —Este é o meu parceiro, Dr. Manello. Ele fica.

—Não para tratá-la. — Assail mostrou as presas. —Ela está despida da cintura para baixo.

Ele estava vagamente consciente de que todos haviam congelado e olhavam para ele. Também estava ciente de um perfume que de repente entrou em cena. Ele persistiu enquanto



olhava baixo para aquele homem, preparado para avançar em sua garganta se ele continuasse a rondar em torno do Rover.

O cara pôs as mãos para cima, como se estivesse diante de uma arma. —Ok, ok. Vamos relaxar. Você me quer fora, eu estou fora.

Recuando, ele ficou com os irmãos, balançando a cabeça, mas sem dizer nada.

A fêmea médica colocou a mão no antebraço de Assail. —Vamos apenas levá-la na maca. Por que você não vem comigo, pode assistir e ficar por perto.

Assail abrandou em seu grunhido e limpou a garganta. —Vou fazer isso. Obrigado.

Na verdade, ele fez mais.

Quando a médica abriu a porta de Marisol, ele odiou o modo como sua mulher se encolheu antes que ela pudesse se recompor. E então seus olhos se fixaram nos dele.

—Você gostaria que eu a ajudasse a sair? — ele perguntou asperamente antes que alguém da equipe médica pudesse se mover para dentro.

—Sim. Por favor.

Parecia tão certo empurrar todos para longe e ser o macho que cuidava dela: Alcançando o interior do SUV, ele a pegou em seus braços, tendo o cuidado de tirar o saco de dormir junto de modo que ela não ficasse exposta.

O silvo que ela tentou segurar o deixou enjoado, mas ele tinha que tirá-la — e uma vez que se endireitou, ela pareceu encontrar uma acomodação em seus braços que não lhe causasse muito desconforto.

Sua cabeça caiu sobre o ombro dele e ficou lá.

—Vou levá-la para dentro, — informou à médica.

—Provavelmente seja melhor — ah, tudo bem, tudo bem. — A curandeira loira pôs as mãos para cima quando as presas dele brilharam novamente. —Está bem, apenas me siga.

O irmão Rhage foi o primeiro a entrar no corredor, e os outros dois guerreiros ficaram para trás, cobrindo a retaguarda, juntamente com os primos.

Assail andou o mais suave que podia, cada enrijecimento dos membros de Marisol ou o inalar afiado comunicando sua dor diretamente em seu próprio peito, até que esta estivesse queimando seus pulmões, prendendo sua respiração, por causa de sua perna que doía.

Continuando, eles passaram por uma série aparentemente interminável de quartos, alguns dos quais ele olhou para dentro, e a maioria em que não se preocupou em virar a cabeça. Pelo pouco que ele percebeu, havia salas de aula, um escritório que estava vazio... algo que parecia uma sala de interrogatório. Então quando estava ficando convencido de que estavam indo para outro código postal, a médica finalmente parou e indicou o caminho para uma sala de exames.

A maca no centro estava diretamente sob um conjunto suspenso de luzes, e quando ele se aproximou e começou a transferir Marisol para a superfície estofada com lençóis, estava feliz pela curandeira não ter ligado o lustre. Este parecia brilhante demais já na sala de azulejos, os armários de aço inoxidável e vidro brilhavam para ele, a mesa rolante com seus instrumentos era uma ameaça, mesmo que essas ferramentas fossem supostamente para ajudar nas mãos certas.

Querida Virgem no Fade, o rosto de Sola estava cinza de dor e exaustão quando ela se sentou ali, os joelhos apertados contra o peito, aquele saco de dormir azul marinho envolto apertado como uma segunda pele ao seu redor.

—Vou pedir a todos que não são essenciais para ficar de fora, no corredor, — a médica disse, enxotando os irmãos, os primos, e aquele curandeiro macho para fora. —Não, Não. — vamos ficar bem. Certo, até mais. — Então, em um tom mais baixo, ela sussurrou, —Ele é um macho vinculado. Você quer lidar com isso, se eu tiver que fazer um exame interno nela?

Macho... Vinculado?... Ele?

Quando os irmãos começaram a discutir com ela, Assail assentiu tristemente para os guerreiros e Rehvenge. —Não haverá problemas comigo. Têm a minha palavra.

Exceto que em seguida, ele se perguntou se a privacidade de Marisol também não merecia proteção dele.

—Marisol, — disse ele em voz baixa. —Talvez fosse melhor se eu...

—Fique.

Ele fechou os olhos. —Tudo bem.

Aproximando de sua cabeça, ele virou as costas para o seu corpo, então ela pôde retornar o contato visual com o rosto dele, mas ele não conseguia ver nada que pudesse comprometer sua privacidade.

A médica entrou em cena perto dela e falou em voz baixa. Gentilmente. —Se você puder se deitar, isso seria ótimo. Se não se sentir segura, eu entendo, e vou subir a cabeceira da cama para você.

Houve um longo silêncio. —Qual era o seu nome mesmo? — Marisol perguntou asperamente.

—Jane. Eu sou Jane. Atrás de mim é a minha enfermeira, Ehlena. E nada vai acontecer aqui que você não concorde, ok? Você está no comando.

Na verdade, ele tinha a sensação de que ia gostar daquela médica.

—Ok. Tudo bem. — Marisol pegou a mão dele e recuou, fazendo uma careta até que estava totalmente inclinada. —Ok.

Ele esperava que ela o soltasse uma vez que estava acomodada. Ela não o fez — e seus olhos não se moveram dos dele. Não quando a curandeira desembalhou o saco de dormir e a cobriu com um cobertor. Nem quando perguntas sobre uma possível concussão foram feitas, e os reflexos testados. Nem quando aquela ferida na coxa foi picada e cutucada. Nem mesmo quando uma máquina portátil de raios-x foi trazida e uma foto tirada a partir de vários ângulos diferentes.

—Então, eu tenho todos os tipos de boas notícias, — a médica disse um pouco mais tarde quando se aproximou com um laptop. Em seu monitor, havia a imagem sombria do grosso e forte fêmur de Marisol. —Não só a sua concussão é leve, a bala atravessou completamente limpa. Não há nenhuma evidência de que o osso esteja quebrado ou lascado. Assim, o nosso principal problema é o risco de infecção. Eu gostaria de limpar as coisas minuciosamente e dar-lhe alguns antibióticos, bem como alguns analgésicos. Isso lhe parece bem?

—Eu estou bem, — Marisol cortou.

A médica riu quando colocou o laptop de lado. —Eu juro que você se encaixa aqui muito bem, pois isso é o que todos os meus pacientes me dizem. Ainda assim, respeito a sua inteligência — e sei que você não vai querer colocar sua saúde em risco. O que estou preocupada é com a sepsia — você me disse no carro que foi baleada vinte e quatro horas atrás. Isso é muito tempo para as coisas se cozinharem aí.

—Vamos ver isso, Marisol, — Assail ouviu-se dizer. —Vamos aceitar o conselho.

Marisol fechou os olhos. —Ok.

—Bom, bom. — A médica fez algumas anotações no laptop. —Há apenas uma coisa.

—O quê? — perguntou Assail, quando houve uma longa pausa.

—Marisol, eu preciso saber se há algum outro lugar em que você pode ter se machucado.

—Outro... lugar? — veio uma resposta resmungada.

Assail conseguia sentir a médica olhando para ele. —Você se importaria de nos dar licença por um minuto?

Antes que ele pudesse responder, Marisol apertou sua mão com tanta força, que ele fez uma careta. —Não, — ela disse com firmeza. —Em nenhum outro lugar.

A doutora pigarreou. —Pode me dizer qualquer coisa, você sabe. Tudo o que é pertinente para o seu tratamento.

De repente, o corpo de Marisol começou a tremer de novo, do jeito que tinha acontecido no banco traseiro do Range Rover. Em uma pressa, como se estivesse rasgando algo para fora de sua pele, ela disse — Ele tentou me estuprar. Isso não aconteceu. Eu o peguei primeiro.

De repente, os sons na sala recuaram. A ideia — não, a realidade — de que alguém a tinha maltratado, machucado, marcado seu precioso corpo, tentado...

—Você está bem? — alguém perguntou. A enfermeira. Devia ser.

—Ele já era — a médica latiu.

Assail se perguntou sobre quem eles estavam falando... quando ele perdeu a consciência.

Capítulo 23

—Fale, curandeiro, — Wrath exigiu, enquanto pairava sobre o corpo inerte de sua shellan. — Fale!

Querida Virgem Escriba, ela parecia morta.

De fato, imediatamente após a queda de sua Anha, ele levou-a de volta ao quarto do casal, os Irmãos indo com ele, os aristocratas com seus jogos sociais sem valor deixados para trás. Foi ele quem deitou sua amada na cama plataforma enquanto o curador era convocado, e fora ele quem soltara o corpete. Os irmãos partiram assim que o médico de confiança chegou com as ferramentas de seu ofício de cura, e então ficaram apenas os três, o fogo crepitante, e o grito que ricocheteava em sua alma.

—Curandeiro, o que me diz?

O homem agachado ao lado de Anha olhou por cima do ombro. Com as vestes negras de sua posição social fluindo até o chão, ele mais se assemelhava a um pássaro gigante, pronto para levantar voo.

—Ela está perigosamente comprometida, meu senhor. — Enquanto Wrath recuava, o curador se levantou. —Acredito que ela carrega uma criança.

Uma corrente de ar frio o atinge, correndo da cabeça aos pés, acabando com a sensação em toda a sua forma. —Ela está....

—Com uma criança. Sim. Pude dizê-lo quando senti sua barriga. Está dura e distendida, e você disse que ela recentemente passou por seu período de necessidade.

—Sim, — ele sussurrou. —Então, isso é causado por ele.

— Este não é um sintoma de gravidez precoce, e ela não está sangrando. Não, eu acredito que este mal-estar é responsável por algo diferente. Por favor, meu senhor, vamos nos aproximar do fogo para conversar, para não perturbá-la.

Wrath permitiu-se ser levado para mais perto das chamas inclinadas. —Ela está doente, então com febre?

—Meu senhor... — O curador pigarreou, como se por ventura ele estivesse preocupado com a morte, que não tinha nada a ver com a rainha. —Perdoe-me, meu senhor...

— Não me diga que não tem nenhuma explicação, — Wrath assobiou.

—Prefere que eu o engane? Seu coração está lento, sua pele acinzentada, sua respiração é superficial e intermitente. Pode haver alguma problema interno que eu não consigo avaliar ao qual ela está sucumbindo. Eu não sei.

Wrath voltou seus olhos novamente para sua companheira. Nunca sentira tanto medo. Agora, terror escorria por sua pele, possuindo-o como um espírito maligno, dominando-o.

—Meu senhor, eu lhe diria para alimentá-la. Agora e quantas vezes ela possa tomar o produto de sua veia. Talvez a carga de energia que vem com ele possa agir sobre isso... certamente, se ela tem alguma esperança, é você. E se ela despertar, darei apenas água fresca, nada de cerveja. Nada que irá causar mais uma crise em seus sistemas.

—Saia.

—Meu senhor, ela está.

—Deixe-nos, agora!

Wrath estava ciente do macho tropeçando até a porta. E assim o curador saiu — a fúria assassina foi ressuscitando no peito de seu Rei e passível de ser dirigido em qualquer forma corpórea ao seu alcance.

Quando a porta fechou, mais uma vez, Wrath se aproximou da plataforma da cama. —Meu amor, — disse ele desesperadamente. —Anha, meu amor, levante-se ao som da minha voz.

Ele voltou a se ajoelhar.

Wrath caiu de joelhos no chão, perto de sua cabeça. Acariciando seu cabelo sobre o ombro e abaixo sobre seu braço, ele foi cuidadoso em não colocar nenhum peso em seu toque.

Compassando sua respiração, ele tentou guiá-la em respirações profundas. Ele queria voltar para a noite anterior, quando haviam acordado juntos e ele olhou em seus olhos e os viu brilhar

com vida. Para falar a verdade, sua mente se torcia ao pensar que ele poderia lembrar com tal especificidade tudo sobre aquele momento, àquela hora, naquela noite, os cheiros da refeição que eles comeram, e as conversas que tiveram sobre o futuro, e as audiências que teriam na corte.

Ele sentia como se a clareza das lembranças deveria ter sido uma porta que ele poderia passar e, assim, pegar sua mão, e sentir seu cheiro, e sentir a leveza no coração, que vinha com a saúde e o bem estar... e puxá-la de volta até o presente naquele estado.

Mas isso era apenas fantasia, claro.

Desembainhando sua adaga cerimonial, ele trouxe a luminosa lâmina polida para cima. Quando sua pesada luva cravejada de joias do precioso ouro ficou no caminho, ele rasgou o casaco fino de seu torso, lançando-o para trás. Quando ele caiu com um som de raspagem, todas aquelas pedras meticulosamente afixados arranhando o carvalho duro, ele cortou o pulso com o fio da navalha.

Eis que ele desejava que fosse sua garganta.

—Anha, verdadeiramente, sente-se para mim. Levante a cabeça, meu amor.

Apoiando-a em cima de seu braço livre, ele trouxe a fonte de seu sangue em seus lábios. — Anha, compartilhe de mim... compartilhe de mim...

Seus lábios se abriram, mas não era a sua doce aquiescência que reproduzia tal. Não, era apenas o ângulo de sua cabeça.

—Anha, beba... volte para mim.

Enquanto gotas vermelhas caíam em sua boca, ele orou para que elas de alguma forma procedessem para o fundo de sua garganta, e desta forma para suas veias, revivendo-a por sua pureza.

Este não era o destino deles, ele pensou. Eles deveriam ficar juntos por séculos, não se separando depois de um ano de união. Isso não era... eles.

—Beba, meu amor...

Ele manteve o pulso no lugar até que o sangue ameaçou sair de seus lábios. —Anha?

Abaixando sua cabeça até a parte de trás de sua mão gelada, ele rezou por um milagre. E quanto mais tempo ele ficou lá, mais ele se juntou a ela em um estado que estava a apenas um passo da morte.

Se ela partisse, ele partiria com ela. De um jeito ou de outro...

Querida Virgem Escriba, isto não era eles.

Wrath não acordou tanto quanto veio à tona de dormir como uma boia flutuante das profundezas para saltar sobre uma superfície instável.

Ele estava no breu de sua cegueira, naturalmente e como sempre, ele jogou o braço para o lado oposto da cama.

Crash!

Wrath levantou sua cabeça e fez uma careta. Acariciando ao redor com a mão, ele encontrou as coisas que se pareciam com livros, um descanso, um cinzeiro.

Lenha queimando.



Ele não estava em seu quarto. E Beth não estava com ele.

Levantando-se, ele se endireitou, coração pulando em seu peito, a arritmia deixando-o tonto. —Beth?

No fundo de seu cérebro, ele reconheceu que estava no andar de baixo da biblioteca na mansão da Irmandade, mas seus pensamentos eram como vermes em solo úmido, torcendo em torno incessantemente, indo a lugar nenhum.

—Beth...?

Um gemido distante.

—George?

O gemido mais alto.

Wrath esfregou o rosto. Perguntou onde estavam seus óculos. Pensando, sim, ele estava no sofá da biblioteca, aquele em frente da lareira.

—Oh... foda-me... — ele gemeu quando tentou ficar na vertical.

Ficar em pé era incrível. Cabeça rodando, estômago se apertando como um punho, ele teve que agarrar o braço do sofá ou cairia como madeira por todo o lugar.

Cambaleando através do espaço morto, ele não conseguiu chegar até a porta tanto quanto correr para eles, os painéis duros bateram de volta em seu peito. Atrapalhando-se ao redor das alças, ele bateu nas travas e...

George explodiu na sala, o cachorro correndo em círculos, os espirros sugerindo que ele estava sorrindo.

—Ei, ei...

Wrath teve a intenção de voltar para o sofá, porque ele não queria que todos os olhos funcionais na casa o vissem assim, mas seu corpo tinha ideias diferentes. E, quando ele caiu de bunda no chão, George aproveitou a oportunidade para saltar bem ali, recebendo o arremesso de um cobertor.

—Ei, rapaz, sim, nós dois ainda estamos aqui... — Acariciando peito largo do retriever, ele enterrou o nariz naquela pelagem e deixou o cheiro bom de cachorro, limpo trabalhar como aromaterapia nele. —Onde está a mamãe? Você sabe onde ela está?

Porra de pergunta idiota. Ela não estava aqui, e a culpa era toda sua.

—Merda, George.

Aquele rabo grande estava batendo contra suas costelas, e aquele focinho estava fungando, e essas orelhas estavam batendo ao redor. E isso era bom, era normal, mas nem de perto era o suficiente.

—Me pergunto que horas são?

Porra... ele enlouquecera bonito com John e V, não tinha? E aquilo não fora nem a metade. Ele tinha uma vaga lembrança de destruir a sala de bilhar, lançando todos os tipos de merda, lutando com qualquer um que chegasse perto demais, então veio a hora da soneca. Ele tinha certeza de que alguém o drogara, e ele não podia dizer que culpava quem o tivesse feito. Curto de um induzido por um tranquilizante leve—sem, ele não sabia quando teria parado.

E ele não queria machucar nenhum de seus irmãos, ou o pessoal. Ou a casa.



—Merda.

Parecia que era a extensão de seu vocabulário.

Cara, ele deveria ter deixado Vishous levá-lo ali e dizer o que estava acontecendo. Mas, pelo menos, havia apenas dois lugares onde sua companheira poderia ter ido. Uma era o Lugar Seguro de Marissa, e a outra era a antiga casa de Dario. E sem dúvida era o que John estava tentando lhe dizer.

Porra, pensou. Isto não era ele e Beth. Este não era o lugar onde eles deveriam acabar.

Na verdade, as coisas sempre pareceram como o destino com ela; a partir do momento em que ela entrou em sua vida para a conclusão que ela trouxe para ele, tudo sempre parecia destino. Eles tinham discussões, com certeza. Ele era um idiota cabeça quente e ela não levava sua merda. Dãã.

Mas nunca essa separação. Nunca.

—Vamos lá, cara. Precisamos de um pouco de privacidade.

George pulou e deixou Wrath se erguer do chão. Depois de fechar novamente as portas, ele embarcou em um jogo de encontrar um telefone. Fale sobre seus músculos. Mãos empurrando para frente, torso dobrado, pés arrastando, ele esbarrou em coisas e sentiu para descobrir se era uma namoradeira, uma poltrona, uma mesa lateral...

A mesa parecia ser a última porra com a qual se deparou, e descobriu onde o telefone estava quando seu braço bateu no receptor fora de sua base. Levando a coisa ao seu ouvido, ele digitou ao redor até que ele localizou os botões e, em seguida, teve que armar novamente o tom de discagem antes que ele pudesse iniciar a discar.

Imaginando os dez dígitos com o sinal de libra e a chave estrela na base do arranjo de doze conjuntos, ele digitou uma sequência de sete números e esperou.

—Lugar Seguro, boa tarde.

Ele fechou os olhos. Esperava que estivesse perto do anoitecer porque então ele poderia procura-la. —Ei, Beth está?

—Não, sinto muito. Posso anotar seu recado? — Enquanto ele fechava os olhos, a fêmea disse:—Alô? Tem alguém aí?

—Nenhuma mensagem.

—Posso dizer-lhe quem ligou se ela vier mais tarde?

Ele brevemente se perguntou o que a recepcionista faria se ele lhe dissesse quem era. —Eu vou encontrá-la em outro lugar. Obrigado.

Enquanto ele desligava, ele sentiu a grande cabeça de George cutucando sua coxa. Tão típico do cachorro, quer ajudá-lo.

Wrath manteve o dedo na alavanca, empurrando para baixo. Ele não sabia se ele estava pronto para uma outra ligação. Se ela não atendesse no próximo número? Ele não teria porra de pista nenhuma de onde ela estava. E a ideia de que ele teria que ir até Vishous ou John por esse tipo de informação era vergonhoso demais para suportar.

Quando ele digitou uma sequência diferente, ele pensou consigo mesmo...

Eu não posso acreditar que isso somos nós. Isto não é apenas... nós.

Capítulo 24

Virando a cabeça em seu travesseiro, Sola olhou para a porta do quarto do hospital que lhe fora dado. Ela não estava olhando para isso, no entanto.

Em vez disso, lampejos do rapto estavam passando na frente de seus olhos, bloqueando tudo para fora: Chegar em casa e ser atropelada. O passeio de carro. O incêndio. A perseguição através da neve. Em seguida, a cela na prisão, e o guarda, que viera para baixo.

A batida a fez saltar. Era engraçado; ela sabia quem era. —Estou feliz que tenha voltado.

Assail abriu a porta, e colocou apenas a cabeça, como se estivesse com medo de sobrecarregá-la. —Você acordou.

Ela puxou os cobertores mais perto de seu peito. —Nunca dormi.

—Não — Empurrando a porta mais aberta, entrou com uma bandeja de comida. —Eu esperava que... bem, talvez você fosse comer um pouco?

Sola inclinou a cabeça. —Você tem a forma mais antiga de falar.

—Inglês não é minha primeira língua. — Ele colocou a bandeja sobre uma mesa e a rolou até ela. — Não é a minha segunda, também.

—Provavelmente, a razão pela qual gosto de ouvir você.

Ele congelou quando ouviu suas palavras e sim, talvez se ela não tivesse dopada pelos remédios para dor, não teria admitido tal coisa. Mas que inferno.

De repente, ele olhou para ela, uma luz intensa em seus olhos fazendo-os parecer ainda mais cintilantes do que o habitual. —Estou feliz que minha voz te agrada, — disse ele asperamente.

Sola focou na comida quando começou a se sentir quente por dentro pela primeira vez desde... tudo. —Obrigado por fazer o esforço, mas eu não estou com fome.

—Você precisa comer.

—Os antibióticos estão me fazendo doente. — Ela acenou para a bolsa de soro pendurada no suporte ao lado de sua cama. —Tudo o que está ali é... horrível.

—Eu vou te alimentar.

—Eu...

Por alguma razão, ela voltou a pensar naquela noite, fora na neve, quando ele a acompanhou a sua propriedade e a confrontou em seu carro. Falando sobre ser ameaçador no escuro — Jesus, ele a assustou. Mas isso não era tudo o que ela sentia.

Assail trouxe uma cadeira para o quarto de novo. Engraçado, essa não era um daquelas coisas de plásticos frágeis que você normalmente encontrada em clínicas; era como algo saído da Pottery Barn¹⁰³, acolchoada, aconchegante e com um bom padrão. Quando ele se sentou, não se

¹⁰³ Pottery Barn é uma rede de lojas de móveis, presente nos Estados Unidos e Canadá. A matriz está localizada em São Francisco, Califórnia.

encaixou nisso, não porque estava acima do peso. Ele era muito grande, seu corpo poderoso superava os braços e a parte de trás, suas roupas demasiadas escuras se destacando da cor pálida.

Havia manchas de sangue em seu casaco, marrom. E em sua camisa. Suas calças.

—Não olhe para isso, — ele disse suavemente. —Aqui. Para você, eu escolhi apenas o melhor.

Levantando a tampa, isso revelou...

—Onde diabos estou? — ela exigiu quando inclinou e respirou fundo. —Será que, como, Jean-Georges tem uma divisão médica ou algo assim?

—Quem é esse Jean-Georges?

—Algum chef de cozinha em Nova York. Ouvei sobre ele no Food Network¹⁰⁴. — Sentou-se, estremeçando enquanto sua coxa estalava pelo choque. —Eu não gosto mesmo de carne assada, mas isso parece incrível.

—Pensei que ferro seria bom para você.

O pedaço de carne estava bem preparado, com uma crosta que rachou enquanto o cortava.

—Estes são de prata esterlina? — apontou para o garfo e faca — a colher, que ainda estava em um sofisticado guardanapo dobrado.

—Coma. — Ele trouxe um pedaço precisamente cortado a sua boca. —Coma por mim.

Sem qualquer motivação, abriu a boca por conta própria, enquanto ele a alimentava.

Fechando os olhos, ela gemeu. Sim, não estava com fome. De modo algum.

—Esta é a melhor coisa que eu já comi.

O sorriso que iluminou seu rosto não fazia sentido. Era muito brilhante para ser apenas sobre ela estar se alimentando — e ele devia ter sabido isso, porque virou a cabeça para que ela só visse um vislumbre de sua expressão.

Pelos próximos quinze, vinte minutos, o único som na sala, além das aberturas do aquecedor assobiando, era o som dos talheres batendo no prato de porcelana. E sim, apesar de seus oh—não—posso—comer—mais—nada, ela comeu a enorme fatia de carne bovina, e as batatas e o creme de espinafre. Assim como o pãozinho que certamente era caseiro. E a torta de pêsego. E ainda tomou alguns goles da garrafa de água gelada e o café que veio em uma garrafa térmica.

Ela provavelmente teria comido o guardanapo, a bandeja, tudo de libra esterlina e a mesa rolante se tivesse a chance.

Deitando de volta contra o travesseiro, colocou a mão sobre a barriga. —Acho que vou explodir.

—Vou apenas colocar isso fora no corredor. Com licença.

Do seu ponto de vista, ela mediu cada movimento que ele fez: a maneira como se levantou, agarrou os lados da bandeja nas mãos longas e elegantes, virou e, caminhou sem problemas.

Falando sobre seus modos à mesa. Ele lidou com a prata com um toque gentil, como se usasse esse tipo de coisa em sua própria casa. E não tinha derramado uma gota quando tinha servido o café. Ou perdido no caminho qualquer alimento até a sua boca.

Um perfeito cavalheiro.

¹⁰⁴ O canal norte-americano vai ao ar com duas especialidades e programas e episódicos regulares sobre alimento e cozinhar.



Difícil de conciliar com o que ela vira quando ele lhe entregou o telefone celular para falar com sua avó. Em seguida, ficou desequilibrado, com o sangue escorrendo pelo queixo como se tivesse mordido um pedaço de alguém. Suas mãos, também, tinham estado vermelhas de sangue...

Considerando que ela matou todos naquele lugar horrível antes de partir? Ele obviamente trouxe alguém com ele.

Oh, Deus... ela era uma assassina.

Assail voltou e sentou, cruzando as pernas na altura do joelho, tornozelo até a coxa não como os homens normalmente faziam. Colocando seus dedos das mãos juntos, ele os levou à boca e olhou para ela.

—Você o matou, não é? — disse ela suavemente.

—Quem.

—Benloise.

Seu olhar magnético se afastou para outro lugar. —Não vamos falar sobre isso. Nada sobre isso.

Sola teve o cuidado de dobrar a extremidade superior da cobertura para baixo. —Eu não posso... Eu não posso fingir que a noite passada não aconteceu.

—Terá que fazê-lo.

—Eu matei dois homens. — Ela virou os olhos para ele e piscou rapidamente. —Eu matei... dois seres humanos. Oh, Deus... — Cobrindo seu rosto, ela tentou manter a cabeça no lugar.

—Marisol... — Houve um rangido como se tivesse empurrado a cadeira Pottery Barn ainda mais perto. —Querida, você deve tirar isso de sua mente.

—Dois homens...

—Animais, — disse ele bruscamente. —Eles eram animais que mereciam o pior. Todos eles.

Baixando as mãos, ela não ficou surpresa que sua expressão era mortal, mas não estava com medo dele. Estava, no entanto, com medo do que ela tinha feito.

—Eu não consigo... — Ela fez um gesto para o lado de sua cabeça. —Eu não posso tirar as imagens da minha mente.

—Bloquei-as, querida. Apenas esqueça o que aconteceu.

—Não posso. Nunca mais. Eu deveria me entregar para a polícia.

—Eles iriam matá-la. E você acha que se eles tivessem te pegado teriam tipo qualquer tipo de honra de consciência? Posso assegurar-lhe que não.

—Isso foi minha culpa. — Fechou os olhos. —Deveria ter sabido que Benloise iria retaliar. Eu só não achava que seria a este nível.

—Mas, minha querida, você está segura.

—Quantos?

—Desculpe-me?

—Quantos... você matou? — Ela exalou duro. —E por favor, não tente fingir que você não fez. Eu vi seu rosto, lembra-se. Antes de lavá-lo.



Ele desviou o olhar, e limpou o queixo como se o sangue ainda estivesse sobre ele. — Marisol. Guarde isso, em algum lugar profundo e deixe-o lá.

—É assim que você lida com isso?

Assail balançou a cabeça, apertando a mandíbula, e afinando sua boca. —Não. Lembro-me de todas as mortes. Cada um e cada uma.

—Então você odeia o que teve que fazer?

Seus olhos ficaram fixos nos dela. —Não. Eu saboreei.

Sola estremeceu. Descobrir que ele era um assassino sociopata era realmente a cereja no topo do sundae, não era isso.

Inclinando-se ele disse. — Nunca matei sem uma razão, Marisol. Gosto da morte, porque eles mereciam o que lhes aconteceu.

—Então você protegia os outros.

—Não, eu sou um homem de negócios. A menos que atravessem o meu caminho, sou muito mais contente de viver e deixar viver. No entanto, não devem pisar — em mim, ou com aqueles com quem estou comprometido.

Ela o estudou por mais tempo, e nenhuma vez ele desviou o olhar. —Acho que acredito em você.

—Você deveria.

—Mas ainda é um pecado. —Pensou em todas as orações que ofereceu para cima e sentiu uma culpa que nunca tinha conhecido antes. —Sei que fiz coisas criminosas no passado... mas eu nunca fiz mal a ninguém, exceto financeiramente. O que é ruim o suficiente, mas pelo menos eu não queimei o seu.

Ele pegou a mão dela. —Marisol. Olhe para mim.

—Não sei como viver comigo mesma. Realmente não sei.

Quando Assail sentiu seu coração bater em seu peito, ele percebeu que estava errado. Tinha assumido que obter sua Marisol fisicamente segura e cuidar de Benloise terminaria este capítulo horrível em sua vida:

Uma vez que ela estivesse em seu próprio controle, e ele garantisse o retorno à sua avó, em seguida, tudo estaria limpo.

Errado. Tão malditamente errado — e a partir de sua própria dor emocional, ele não sabia como salvá-la.

—Marisol... — O tom de sua voz era um que ele nunca tinha ouvido antes. Então, novamente, implorar não era sua prática. —Marisol, por favor.

Quando suas pálpebras finalmente levantaram, a viu tomar uma respiração profunda. Com eles para baixo, sua imobilidade lembrou-lhe muito do outro resultado que poderia ter sido forjado.

O que dizer a ela, no entanto? —Verdadeiramente, não posso fingir que compreendo esse conceito de pecado que você defende, mas, em seguida, a sua religião é diferente da minha, e respeito isso. — Deus, ele odiava esse hematoma na lateral do rosto dela por muitos motivos. — Mas, Marisol, as ações que você tomou foram em nome da sobrevivência. Sua sobrevivência. O

que você fez lá atrás é a razão pela qual há fôlego dentro de seus pulmões agora. Vida é sobre fazer o que é necessário, e você fez.

Ela virou-se como se a dor fosse muito grande. Então sussurrou: — Só queria que pudesse ter... o inferno, talvez você tenha razão. Preciso voltar muito longe com uma borracha para apagar onde eu estava há duas noites. Essa coisa toda atingiu um ponto muito alto.

—Você sabe, se quiser, pode mudar o seu rumo. Poderia parar de ter qualquer coisa a ver com tipos como Benloise.

Um sorriso fantasmagórico tocou seus lábios quando ela olhou para a porta. —Sim. Concordo.

Ele respirou fundo outra vez. —Há outro caminho para você.

Mesmo que ela apenas balançasse a cabeça, ele tinha a sensação de que ela fizera as pazes com sua aposentadoria, por assim dizer. E por alguma razão, isso o fez querer rasgar — não que ele teria admitido a ninguém, incluindo ela mesma.

Quando ela ficou em silêncio, ele olhou para ela, memorizando tudo dela, cabelo ondulado escuro que tinha sido completamente lavado quando tomava banho em seu banheiro aqui, para seu rosto pálido, lábios perfeitamente formados.

Pensando em tudo o que ela tinha passado, ele a ouviu dizer que não tinha sido estuprada, mas só porque tinha matado o filho da mãe primeiro.

Todo o seu corpo doía por ela, ele realmente doía.

—Eu posso sentir você olhando para mim, — ela disse suavemente.

Assail sentou-se e esfregou as coxas. —Perdoe-me. — Olhando pelo quarto, odiou a ideia de sair pela porta, embora provavelmente deveria deixá-la descansar. —Você está com dor física?

Marisol virou a cabeça de volta para ele, procurando seus olhos. —Onde estamos?

—Que tal você responder a minha pergunta em primeiro lugar?

—Não é nada que eu não possa lidar.

—Quer que eu chame a enfermeira?

Ele estava quase se levantando quando ela colocou a mão para fora e o parou. —Não, por favor. Não gosto do jeito que as coisas me fazem sentir. Agora, preciso estar cem por cento ligada à esta realidade. Caso contrário, acho que estarei de volta... lá.

Assail sentou-se mais uma vez e realmente, realmente queria ir para o norte e matar Benloise, sem rodeios. Ele reprimiu o impulso, lembrando-se do sofrimento que o homem estava desfrutando — supondo que seu coração ainda estivesse batendo.

—Então, onde estamos?

Como responder a isso?

Bem, tanto quanto de distorção da realidade era algo que ela queria evitar, *não* ia ser com o fato de que ele não era humano, mas na verdade, um membro de uma espécie que ela associaria com Drácula. MUITÍSSIMO obrigado, Stoker¹⁰⁵.

—Estamos entre amigos. — Talvez fui um pouco longe. Mas Rehv havia fornecido o que havia sido solicitado quando foi necessário, provavelmente em resposta à pessoa Assail que tinha

¹⁰⁵ Refere-se a Bram Stoker, célebre autor do livro de Drácula — http://pt.wikipedia.org/wiki/Bram_Stoker.

tramitado não diretamente em nome do rei, então, certamente e inegavelmente em seu benefício.

—Tem alguns amigos muito extravagantes. Você trabalha para o governo?

Ele riu. —Meu Deus, não.

—Isso é um alívio. Queria saber se você me prenderia ou tentaria me transformar em informante.

—Posso assegurar, que os prós e contras do sistema humano de leis não são de nenhum interesse para mim.

—Humano...?

Xingando baixinho, ele desconversou. —Você sabe o que quero dizer.

Quando ela sorriu, suas pálpebras agitaram. —Sinto muito, acho que estou meio sonolenta. Todo esse alimento.

—Deixe-se ir. Estarei aqui quando acordar, vou levá-la para casa.

Ela empurrou de pé. —Minha avó ainda está naquela casa.

—Não, ela está na minha propriedade. Nunca a teria deixado onde estava, exposta e vulnerável.

Sem qualquer aviso, Marisol colocou os braços ao redor dele, jogando-os sobre os ombros e segurando com tanta força, que sentiu cada estremecimento de seu corpo.

—Obrigada, — ela engasgou — contra seu pescoço. —Sem ela, não tenho nada.

Assail foi muito cuidadoso, quando retornou o abraço, descansando levemente as mãos em cima de suas costas. Respirando seu cheiro, seu coração doeu de novo pelo fato de que algum homem a tivesse tocado a não ser com reverência.

Ficaram assim por muito tempo. E quando ela finalmente recuou e o olhou, ele não podia deixar de acariciar seu rosto com os dedos.

—Estou sem palavras, — disse ele com uma voz rachada.

—Sobre o quê?

Tudo o que podia fazer era sacudir a cabeça e quebrar o contato inteiramente ficando de pé. Era isso ou entraria nessa cama com ela.

—Descanse bem, — disse ele asperamente. —Ao cair da noite, eu a acompanharei em segurança.

E então ela e sua avó poderiam viver com ele. E dessa forma ele saberia que ela estaria sempre segura.

E nunca mais se preocuparia com ela novamente.

Assail saiu apressadamente diante de seus olhos fechados. Ele simplesmente não podia suportar essa imagem de suas pálpebras fechadas.

Saindo do quarto, ele.

Ficou paralisado.

Do outro lado do corredor, seus primos gêmeos estavam encostados na parede, e eles não estavam olhando para cima ou em torno dele. Estavam olhando diretamente em seus olhos

quando ele saiu — como se estivessem esperando-o para voltar, a cada segundo que tinha estado lá.

Eles não falaram, não era preciso.

Assail esfregou o rosto. Em que mundo pensava que poderia manter duas mulheres humanas em sua casa? E foda, ele não saberia como passar por isso por uma noite. Porque o que diria quando se tornasse evidente que não poderia sair durante o dia? Ou ter a luz solar entrando em sua casa? Ou...

Tomado pela emoção, cavou no bolso da frente da calça preta, pegou seu frasco de coque¹⁰⁶ e rapidamente dispensando do que foi deixado.

Só assim ele podia se sentir até um pouco normal.

Em seguida, pegou a bandeja do chão. —Não olhe para mim desse jeito, — ele murmurou enquanto se afastou.

Capítulo 25

—Wrath!

Quando chamou o nome de seu marido, Beth empurrou-se fora dos travesseiros, e por um momento, não tinha ideia de onde estava. As paredes de pedra e a rica roupa de veludo não eram familiares.

Casa de Dario. Não era os aposentos de seu pai, mas era o que Wrath usara quando precisou de um lugar para dormir. Aquela para onde fora quando ela não conseguia dormir.

Devia ter finalmente desmaiado em cima do edredom.

Ao longe, um telefone começou a tocar.

Empurrando o cabelo do rosto dela, encontrou um cobertor sobre as pernas que não se lembrava de colocar lá... a mala perto da porta... e uma bandeja de prata colocada na mesa de cabeceira.

Fritz. O mordomo devia ter vindo em algum momento durante o dia.

Esfregando o esterno, ela olhou para o travesseiro vazio ao lado dela, os lençóis intocados, a falta de Wrath e se sentiu pior do que tinha na noite anterior.

Por que tinha assumido que tinha atingido o fundo. Ou que o lugar iria ajudar.

—Merda, Wrath? — ela gritou quando pulou da cama.

Correndo para a porta, ela a abriu, atravessando o salão, entrou no quarto de seu pai e mergulhou para o telefone em uma das mesas laterais.

—Alô! Alô? Alô...?

—Oi.

¹⁰⁶ Vial of coke = resíduo de carvão deixado após destilação destrutiva e utilizada como combustível, **também:** um resíduo semelhante a esquerda por outros materiais (como o petróleo) destilada até à secura



Ao som de sua voz profunda, ela caiu na cama, apertando o telefone em seu punho, empurrando-o em seu ouvido, como se pudesse trazer o seu homem para ela.

—Oi. —Fechando os olhos, ela não se incomodou de lutar com as lágrimas. Deixou-as cair. — Oi.

Sua voz era áspera como a dela era. —Oi.

Houve um longo silêncio, e que estava tudo bem: Mesmo que ele estivesse em casa e ela estava aqui, era como se estivessem abraçados.

—Sinto muito, — disse ele. —Eu realmente sinto muito.

Ela deixou escapar um soluço. —Obrigada...

—Sinto muito. — Ele riu um pouco. —Não estou falando nada com nada, não é?

—Está tudo bem. Não estou me sentindo muito sociável, ou... estava sonhando com você, eu acho.

—Um pesadelo?

—Não. Sentindo sua falta.

—Eu não mereço isso. Estava com medo de ligar no seu celular no caso de você não responder. Pensei que talvez se alguém estivesse com você, eles poderiam atender e... sim, eu sinto muito.

Beth exalou e se recostou contra os travesseiros. Cruzando as pernas na altura dos tornozelos, ela olhou em volta para as fotos dela. —Estou na cama dele.

—Você está?

—Não havia um telefone no quarto que você usava.

—Deus, é um longo tempo desde que estive nessa casa.

—Eu sei, certo? Traz um monte lembranças.

—Aposto que sim.

—Como está George?

—Sentindo sua falta. — Houve um baque abafado pelo som dele batendo no flanco do cão. —Ele está aqui comigo.

A boa notícia era que as conversas neutras ajudavam a contrabalancear os relacionamentos, pois a maior discussão ainda estava por vir.

—Então, a cabeça de John está bem, — disse ela, pegando na parte inferior de sua camisa.

—Mas acho que você já sabe que tudo correu bem no centro médico.

—Ah, sim, não. Na verdade, eu estive... meio que fora.

—Eu liguei.

—É mesmo?

—Sim. Tohr disse que estava dormindo. Você finalmente descansou um pouco?

—Ah... sim.

Quando ele ficou em silêncio, um segundo silêncio era o tipo de preparação, a contagem regressiva para a coisa real. E, no entanto, ela não tinha certeza de como trazer tudo isso, ou como dizer.



—Não sei se já te disse muito sobre os meus pais, — disse Wrath. —Exceto de como eles foram...

Mortos, ela terminou por ele em sua mente.

—Eles tinham um casamento feito no céu, para usar um termo humano. Quero dizer, mesmo quando eu era jovem, me lembro deles juntos, e a verdade é que percebi que, quando eles morreram, esse tipo de coisa tinha acabado com eles. Como se fossem uma espécie única de amor em um milênio, ou algo assim. Mas então, eu conheci você.

As lágrimas de Beth eram quentes enquanto continuavam a trilhar o seu caminho por suas bochechas, algumas caindo fora suavemente sobre o travesseiro, outras encontrando seu ouvido. Estendendo a mão, ela agarrou um lenço de papel e as enxugou, sem fazer um som.

Mas ele sabia que ela estava chorando. Ele tinha que saber.

A voz de Wrath ficou fraca, como se estivesse tendo problemas para manter-se equilibrado. — Quando levei um tiro naquela noite alguns meses atrás, e Tohr e eu estávamos transportando o asno de volta da casa de Assail, eu não estava com medo de estar morrendo ou algo assim. Claro, sabia que o ferimento era ruim, mas fui em um monte de merda antes e passei por isso... porque nada nem ninguém me tiraria de você.

Apoiando o telefone em seu ombro, ela dobrou o lenço molhado em pequenos quadrados precisos. —Oh, Wrath...

—Quando se trata de você ter um bebê... — Sua voz falhou. —Eu... eu... eu... oh, pelo amor de merda, continuo tentando encontrar as palavras, mas simplesmente não as tenho, Beth. Simplesmente não veem. Sei que quer tentar, entendo isso. Mas você não gastou quatrocentos anos vendo e ouvindo sobre como as fêmeas de vampiro morrem na hora do parto. Eu não posso, como, eu não consigo tirar isso da minha cabeça, sabe? E o problema é que sou um macho vinculado, por isso, enquanto eu gostaria de dar-lhe o que você quer? Há um lado de mim que não vai ouvir a razão. Ele apenas não aceita — não quando se trata de arriscar a sua vida. Gostaria de ser diferente, porque isso está me matando, mas não posso mudar o que sou.

Inclinando-se para o lado, ela puxou um outro lenço para fora da caixa. —Mas há medicina moderna agora. Temos a doutora Jane e.

—Se hipoteticamente a criança for cega. E se têm os meus olhos?

—Não a amarei menos, posso te garantir isso.

—Pergunte a si mesma ao que o estamos expondo geneticamente, no entanto. Consigo lidar bem com a vida, com certeza. Mas se você pensar por um instante que eu não sinto falta da minha visão todos os dias? Eu acordo ao lado da mulher que amo e não posso ver seus olhos à noite. Não sei como você se parece quando se veste para mim. Não posso ver o seu corpo quando estou dentro de você.

—Wrath, você faz tanto.

—E o pior de tudo? Não posso te proteger. Nem mesmo sair de casa, e isso é tanto por conta da merda do meu trabalho quanto pela cegueira — oh, e não se engane. Legalmente, se tivermos um jovem macho, ele vai me suceder. Ele não tem escolha, exatamente como não tive e odeio onde estou. Odeio todas as noites da minha vida — Jesus Cristo, Beth, eu odeio sair da cama,

odeio essa merda de mesa, odeio as proclamações e as besteiras e ficar preso na casa. *Eu odeio isso.*

Deus, ela sabia que ele não estava feliz, mas não tinha ideia que era tão profundo.

Então, novamente, quando foi a última vez que eles realmente se falaram assim? A rotina noturna juntamente com o estresse do Bando de Bastardos e suas besteiras...

—Eu não sabia. — Suspirou. —Quer dizer, sabia que você era infeliz, mas...

—Não gosto de falar sobre isso. Não quero que você se preocupe comigo.

—Mas eu me preocupo de qualquer maneira. Sei que você está estressado e gostaria de poder ajudar de alguma forma.

—Esse é o meu ponto. Não há ajuda nisso, Beth. Não há nada que alguém possa fazer, e até mesmo se eu tivesse a visão perfeita, os riscos de gravidez não seriam grandes demais? Eu ainda não gostaria de despejar essa merda na próxima geração. É uma crueldade que eu não faria para alguém que odeio, e muito menos ao meu próprio filho. — Ele riu asperamente. —Inferno, eu deveria deixar Xcor ter o maldito trono. O serviria muito bem.

Beth sacudiu a cabeça. —Tudo o que quero é que você seja feliz. — Na verdade, isso não era verdade. —Mas eu não posso mentir. Eu te amo, e ainda assim eu ainda...

Rapaz, ela tinha uma ideia de como ele se sentia sobre a coisa sem palavras.

Ele tinha encontrado uma maneira de falar, no entanto.

—Eu quase não consigo explicar. — Ela enrolou um punho sobre o coração. —É como esse vazio no centro do meu peito. Não tem nada a ver com você ou como me sinto por você. Isso está dentro de mim, é como um interruptor virado, sabe? Gostaria de saber falar isso, mas é difícil de descrever. Eu nem sabia o que era... até que uma dessas noites, quando Z levou Bella para baixo para o nosso apartamento, em Manhattan, e fiquei de babá? Estava saindo da suíte deles, com Nalla dormindo no meu colo, e só fiquei olhando para todas as coisas que tinham em seu quarto. A mesa de trocar, os brinquedos, o berço... todos os lenços e as garrafas e as fraldas. E pensei... Eu quero isso. Tudo. O Diaper Genie¹⁰⁷, e os patos de borracha. O cocô e o cheiro — a doce hora do banho, o choro e o arrulho, o rosa clichê para menina — o azul para menino em tudo que recebe. E ouça, eu estive pensando sobre isso. Realmente pensei. Foi um choque tão grande que pensei que é um estado de espírito, uma fase, um delírio cor de rosa que eu ia sair dessa.

—Quando é que você... — Ele limpou a garganta. —Há quanto tempo foi isso?

—Ao longo de um ano.

—Droga...

—Como disse, me senti assim por um tempo. E pensei que você mudaria de ideia. Sabia que não era uma prioridade para você. — Ela estava tentando ser diplomática. —Pensei que... bem, agora que estou dizendo isso, percebo que nunca falei com você sobre como me sentia. Simplesmente não houve tempo.

—Sinto muito. Sei que já pedi desculpas, mas... porra.

—Está tudo bem. — Fechou os olhos. —E sei o que você está sentindo. Não é como se eu não te visse todas as noites olhando como se quisesse estar em outro lugar, mas onde você iria.

¹⁰⁷ Diaper Genie, uma criação do empresário John Hall, sistema de eliminação de fralda de bebê.



Houve outro longo silêncio.

— Há algo mais, — disse ele depois de um tempo.

— O que foi?

— Acho que você entrará em seu período de necessidade. Logo.

Mesmo quando a mandíbula de Beth caiu aberta, no fundo de sua mente, algo acendeu. — Eu... como você sabe?

O oscilação de humor. Os desejos de chocolate. O ganho de peso...

— Merda, — disse ela. — Eu, ah... oh, *merda*.

E isso praticamente resume tudo, Wrath pensou quando recuou a cadeira da biblioteca. A seus pés, George estava estendido no tapete, grande cabeça quadrada descansando em um dos pés de Wrath como se oferecendo suporte.

— Não tenho como garantir. — Wrath esfregou a têmpora dolorida. — Mas, como seu companheiro, serei afetado, logo que seus hormônios começarem a explodir — meu sangue correrá mais quente, minhas emoções serão mais fortes, meu temperamento ficará muito sensível. Tipo, você está fora da casa, certo? E eu sinto — mais do que sentiria em cerca de duas semanas. Mas durante essa discussão que tivemos? Eu fiquei meio louco.

— Duas semanas... é mais ou menos o tempo que eu comecei a me encontrar e então me sentar com Layla. E sim, você realmente ficou fora de si.

— Agora — ele levantou o dedo indicador para fazer o ponto, mesmo que ela não estivesse com ele pessoalmente — isso não é desculpa para a forma como me comortei. É só pretexto. Posso falar com você através do telefone como agora e me manter calmo o suficiente para que possa me explicar. Quando você está comigo? Novamente, não é uma desculpa e não é sua culpa, mas estou precisando saber se não desempenho um papel em tudo isso.

Quando ele se inclinou para o lado e colocou a mão sobre seu cachorro, George levantou a cabeça, em busca de afago, farejando, dando uma lambida. Acariciando as longas dobras que cresciam a partir desse peito de barril, Wrath puxou-os para fora e achatado-os nas pernas dianteiras de George.

— Deus, Wrath, quando não acordei com você agora...

— Horrível. — Eu sei. Foi a mesma coisa para mim, ou talvez ainda pior. Não estava certo se realmente estraguei as coisas. Como, voltar—atrás—após—ter—estragado.

— Você não estragou. — Houve um barulho, como se estivesse se mexendo em torno da cama. — E acho que temos feito muitas coisas em paralelo pelos últimos tempos. Não percebi quanto tempo nós nos perdemos e outras coisas. Indo para Manhattan, fugindo juntos, realmente falando. Tem sido um tempo.

— Honestamente, isso é outra razão pela qual eu não quero um filho. Eu mal consigo me manter conectado com você neste momento. Não tenho nada para oferecer a uma criança.

— Isso não é verdade. Você daria um pai maravilhoso.

— Em outro universo, talvez.

— Então, o que vamos fazer? — ela perguntou depois de um momento.

Enquanto Saxton olhava para si mesmo no espelho do seu quarto de vestir, ele beliscou as extremidades de sua gravata borboleta e apertou mais o nó. Quando lançou a seda estampada, a coisa manteve sua forma e simetria como um filhote de cachorro bem treinado.

Recuando, alisou o cabelo recém aparado e vestiu o casaco de inverno de cashmere de Marc Jacobs. Vestiu uma manga, depois, a outra e um puxão; em seguida, estendeu os braços para que as abotoaduras se mostrassem sob o paletó.

Não eram aqueles com o brasão da família.

Não as usava mais.

Não, estes eram VCA¹⁰⁸ dos anos quarenta, safira e diamante, e platina ao redor.

—Usei a colônia? — Ele olhou para seus vidros Gucci e Prada e Chanel, todos os quais estavam alinhados em uma bandeja espelhada com alças de bronze. —Nenhum comentário de todos vocês?

O espirrar rápido em um pulso. Sim, dessa vez seria Égoïste¹⁰⁹, e isso era fresca.

Afastando-se, caminhou pelo chão de mármore creme muito venoso e saiu para seu dormitório todo branco sobre branco. Passando ao lado da cama, teve um instinto de refazer a coisa toda, mas isso eram seus nervos falando.

— Vou apenas checar novamente.

Ajeitando os travesseiros e reorganizando-os à extava posição em que estiveram antes de sair para se vestir, olhou para o relógio Cartier vintage no suporte da cama.

Não havia nenhum motivo para adiar as coisas por mais tempo.

E, no entanto, olhou para a chaise lounge branca e as poltronas brancas. Inspecionou os tapetes mohair¹¹⁰ brancos. Caminhou e fez com que o Jackson Pollock sobre a lareira estivesse perfeitamente alinhado.

Esta não era a sua antiga casa, a Vitoriana na qual Blay uma vez passara o dia. Esta era sua outra casa, uma térrea de Frank Lloyd Wright¹¹¹ — que comprara no segundo que entrara no mercado, porque como não o faria? Havia tão poucas delas.

Claro, teve que fazer alguma remodelação clandestina e expandir o porão, mas os vampiros vinham de um longo tempo trabalhando o seu caminho em torno dos seres humanos e seus pequenos e irritantes inspetores de construção.

¹⁰⁸ VCA — *Van Cleef & Arpels* é uma empresa francesa de comércio e fabricação de joias e relógios, fundada em 1896 por Alfred Van Cleef e seu sogro Salomon Arpels. Atualmente faz parte do grupo suíço Richemont (Compagnie Financière Richemont SA). A Gucci produz uma linha de produtos de beleza usando a marca Van Cleef & Arpels.



¹⁰⁹

Égoïste, perfume masculino clássico



¹¹⁰

Feito do pelo da cabra angorá.

¹¹¹ Foi um arquiteto, escritor e educador americano de ascendência galesa. Um dos conceitos centrais em sua obra é o de que o projeto deve ser individual, de acordo com sua localização e finalidade.



Fechando os olhos, ele desmaterializou e reapareceu em um gramado coberto de neve que era facilmente tão grande como um parque da cidade — e tão cuidadosamente mantido. Então, novamente, seu pai odiava qualquer coisa fora de ordem: plantas, grama, *objetos de arte*, móveis... filhos. A grande mansão estava além das cerca de quinze mil metros quadrados de tamanho, as diferentes alas foram adicionadas ao longo do tempo por gerações de seres humanos. Olhando para isso durante a noite de inverno, Saxton foi lembrado exatamente por que seu pai havia comprado a propriedade, quando alguns ex-aluno havia deixado a Union College — isso era o Velho Mundo no Novo Mundo, uma casa longe da pátria.

Um tradicionalista, seu pai tinha saboreado o retorno às raízes. Não que ele alguma vez realmente as tivesse deixado.

Aproximando-se da entrada da frente, as lamparinas a gás em ambos os lados da porta de milhas de largura piscando, lançando luz nas antigas esculturas de pedra que realmente foram feitas no século XIX, como parte do estilo neogótico. Quando parou, pensou, talvez, ele não iria tocar a campainha porque o pessoal estaria esperando por ele. Eles, assim como com seu pai, estavam sempre com pressa para jogá-lo dentro e fora da casa, como se fosse um documento para ser processado ou um jantar para ser servido e apressadamente limpo.

Ninguém abriu a porta antecipadamente, no entanto.

Inclinando-se, puxou uma corrente de ferro com uma capa de veludo para acionar o som do sino.

Não houve resposta.

Franzindo a testa, recusou um passo e olhou para o lado, mas não o viu em lugar nenhum. Havia muitos arbustos bem cuidados para se ver de qualquer uma das janelas de vidro.

Ficar trancado para fora de casa era um testemunho de sua relação, não era: O macho pede-lhe para vir em seu aniversário e depois o deixa de fora no frio, na porta da frente.

Na verdade, Saxton tinha decidido que sua existência era agora um foda-se a seu pai. Pelo que sabia, Tyhm sempre quis um jovem, um filho, especificamente. Tinha orado para a Virgem Escriba por um. Então foi concedido o seu desejo.

Infelizmente, houve uma ressalva de que tinha acabado por ser um bom negócio.

Assim enquanto estava debatendo se deveria tocar de novo, a porta foi aberta pelo mordomo. O rosto do *doggen* estava congelado, como sempre, mas o fato de que ele não se curvou para o primogênito e único filho de seu mestre havia muita interpretação sobre sua opinião de que ele estava prestes a deixar entrar.

Nem sempre fora assim na casa. Mas sua mãe morrera, e então seu segredo fora descoberto...

—Seu pai está atualmente ocupado. — Era isso. Nada, Posso-pegar-seu-casaco? Como-você-está? Ou ainda: Em verdade. Como está o frio esta noite?

Nem mesmo uma conversa sobre o tempo seria concedida a ele.

O que era bom. Nunca se importara com o cara, de qualquer maneira.



Quando o mordomo se afastou, e focou na parede coberta de seda em frente a ele, andando com aquele olhar fixo era como ser picado por uma cerca elétrica, embora pelo menos Saxton estava acostumado a isso. E ele sabia para onde ir.

O salão da senhora era do lado esquerdo, e quando entrou na sala de babados, colocou as mãos nos bolsos de seu casaco. As paredes de lavanda e tapete amarelo-limão eram brilhantes e alegres, e a verdade era que, ainda que entendesse ser um insulto ser colocado aqui, ele preferia esse local às paredes com painéis de madeira em todo o foyer.

Sua mãe havia morrido cerca de três anos atrás, mas este não era nenhum santuário para a perda. Na verdade, não tinha a sensação de que seu pai perdera a mulher.

Tyhm sempre fora o mais interessado na lei, mesmo sobre assuntos do *glymera*.

Saxton se acalmou. Girou em direção ao fundo da sala.

Ao longe, as vozes se misturavam, e isso era incomum. A casa era tipicamente silenciosa como uma biblioteca, o pessoal andava na ponta dos pés ao redor, o *doggen* desenvolvera um complexo sistema de sinais de mão com o qual se comunicava para que não perturbassem seu mestre.

Saxton se aproximou de um segundo conjunto de portas. Ao contrário das que dava para o hall de entrada, elas estavam fechadas.

Abrindo um painel, Saxton escapou para a sala octogonal onde os antigos volumes encadernados em couro de seu pai da antiga Lei eram mantidos. O teto tinha cerca de três metros de altura, a moldagem de todas aquelas prateleiras de mogno escuro, as cornijas, mais as portas esculpidas nos estilo gótico em relevo ou, pelo menos, uma reprodução do mesmo século XIX.

No centro do espaço circular, havia uma grande mesa redonda, o tampo de mármore de que era... um pouco de um choque.

Estava coberta de volumes abertos.

Olhando de relance para as prateleiras, viu fendas na escalação infinita de tomos. Cerca de vinte deles.

Quando um aviso soou na base do crânio, ele manteve as mãos nos bolsos e se inclinou, traçando o palavreado que foi exposto...

—Oh, Jesus...

Sucessão.

Seu pai estava pesquisando as leis de sucessão.

Saxton levantou a cabeça em direção às vozes. Estavam mais altas agora desde que estava nesta sala, embora ainda abafada por outro conjunto de portas fechadas em todo o caminho.

Seja qual fosse a reunião estava ocorrendo no escritório privado de seu pai.

Altamente incomum. O homem nunca deixava ninguém entrar lá — nem mesmo permitia que os clientes viesse para a casa.

Este foi sério e Saxton não era estúpido. Houve uma cabala contra Wrath no *glymera*, e, obviamente, o seu pai estava envolvido.

Não havia razão para alguém se preocupar com a próxima geração do rei se eles não estavam tentando atingir o atual.

Trez sentou-se novamente, e desta vez não precisou de nenhuma ajuda extra. Merda. Ele deveria ter esperado isso do s'Hisbe, mas...

—Como.

—Como você acha — Seu irmão trocou o suave arranhar de orelhas do gato preto para sob seu queixo. — Eles vão começar com ela.

Ele esfregou o rosto. — Jesus Cristo. Não esperava que o sumo sacerdote fosse assim.

— Não foi ele. Não. Ele foi a *segunda* pessoa que veio me ver ontem à noite.

— Que horas são — Apesar do fato de que ele podia ver pelas janelas que era noite, pelo menos respondia parcialmente isso. — Por que você não me acordou quando chegou em casa?

— Tentei. Três vezes. Estava pensando em acionar um kit de emergência¹¹⁵, se você não acordasse.

— Então, o que o sumo sacerdote disse?

— s'Ex é o que temos que nos preocupar.

Trez deixou cair as mãos. Olhando para seu irmão, que sabia que devia ter ouvido falar errado. — Sinto muito, quem?

— Não é o tipo de nome que preciso repetir, não é?

— Oh, Deus. — Que diabos o executor da rainha estava fazendo uma visita ao seu irmão? Então, novamente... — Eles realmente aumentaram as apostas, não é.

iAm sentou-se na beirada da cama, seu peso fazendo com que o colchão se mexesse. — Estamos em um impasse, Trez. Sem mais fingir, sem mais persuasão. Eles usaram o incentivo; agora eles vão usar a brutalidade.

Quando Trez pensou em seus pais, mal podia imaginar seus rostos. A última vez que tinha visto fora... bem, havia uma outra coisa que ele não conseguia se lembrar. O que era cristalino, embora? Os bairros em que viveu dentro de Marble. Luminárias de ouro. Tapetes de seda. Servos em toda parte. Joias penduradas nas lâmpadas para criar um efeito de brilho.

Eles não começaram assim, e isso era outra coisa que podia imaginar: ele nascera em um modesto apartamento de dois quartos no canto mais distante da corte — bom o suficiente para os padrões normais.

Nada perto do que eles tinham começado quando tinha vendido o seu futuro.

E depois disso? Enquanto eles tinham passado para o melhor dos melhores? Ele fora enviado para ser criado por uma equipe da rainha, sozinho em um quarto branco. Não foi até que ele se recusou a comer ou beber noite após noite que iAm fora enviado a ele.

E foi assim que sua disfunção começara.

Desde então? De alguma forma, iAm tornara-se o responsável por mantê-lo seguindo.

— Você se lembra quando os vimos pela última vez? — ele se ouviu dizer.



¹¹⁵ No original, a autora refere-se a **crash cart**, que é um conjunto de bandejas / gavetas / prateleiras sobre rodas utilizados em hospitais para o transporte e distribuição de medicamentos de emergência / equipamento no local da emergência médica / cirúrgica para protocolos de suporte de vida



—Naquela festa. Você sabe, para a rainha.

—Oh... isso está certo. — Seus pais estavam sentados como Primaries da rainha, como eram chamados. Frente e no centro. Sorrindo.

Eles não tinham o reconhecido ou a iAm quando vieram, mas isso não era incomum. Uma vez vendido, se tornava da rainha. E uma vez iAm convocado para o serviço para acalmar as coisas, ele já não era deles, também.

—Eles nunca olharam para trás, — Trez murmurou. —Eu sou apenas uma mercadoria para eles. E, cara, eles ganharam um bom preço.

iAm permaneceu em silêncio, como era o seu modo. Apenas ficou lá, acariciando o gato.

—Quanto tempo eu tenho — perguntou Trez.

—Você tem que ir hoje à noite. — Olhos escuros se deslocaram. — Tipo agora.

—E se eu não... — Não havia nenhuma razão para responder a isso, e iAm não se incomodou: Se não saísse da cama e se entregasse, seus pais estavam iriam para o matadouro. Ou pior.

Provavelmente, muito pior.

—Eles são parte do sistema, — disse ele. —Aqueles dois realmente conseguiram o que queriam.

—Então, você não vai.

Uma vez que colocasse os pés de volta no Territory, nunca veria o mundo do lado de fora novamente. Os guardas da rainha o pegariam naquele labirinto de corredores, o prenderiam e assim seria levado para o equivalente a um harém masculino, até mesmo o separariam de seu irmão.

E enquanto isso, seus pais viveriam, sem se importar.

—Ela olhou para mim, — ele murmurou. —Naquela noite da festa. Seus olhos foram para os meus e ela me deu esse pequeno sorriso secreto de superioridade. Como se tivesse feito todos os movimentos certos, e a vantagem era que ela não tinha tido que lidar comigo. Que tipo de merda de mãe faz isso?

—Então os deixará morrer.

—Não.

—Então voltará.

—Não.

iAm balançou a cabeça. —É binário¹¹⁶, Trez. Sei que está chateado com eles, com a rainha, e cem mil coisas. Mas chegamos à encruzilhada, e há apenas duas opções. Você realmente tem que entender isso e vou voltar com você.

—Não, você vai ficar aqui. — Enquanto sua cabeça confusa tentava envolver-se em torno das variáveis, seu cérebro era uma chiadeira, sem pensamentos. —Além disso, eu não vou.

Merda, ele precisava se alimentar antes de tentar lidar com isso.

¹¹⁶ Sim ou não.



—Foda-se, que o sangue humano é uma porcaria, — ele murmurou, esfregando as têmporas, como se talvez o atrito pudesse impulsionar seu QI. —Quer saber? Realmente não posso falar sobre isso agora, e não estou sendo um idiota. Eu literalmente não consigo pensar.

—Vou mandar alguém. — IAm levantou e foi até a porta que separava suas suítes. —E então você precisa decidir. Você tem duas horas.

—Você vai me odiar, — ele desabafou.

—Sobre isso?

—Sim.

Foi um longo tempo antes que tivesse uma resposta. E o gato parou de ronronar, quando iAm abandonou a mão na garganta.

—Eu não sei.

Trez assentiu. —Tudo bem.

A porta foi fechada e seu irmão estava no seu caminho quando o cérebro de Trez tossiu um hei-espera.

—Não a Selena, — ele gritou. —IAm! Hei! Não a Selena!

Não confiava em si mesmo com ela em uma boa noite, a última coisa que precisava era chegar perto dela agora.

Capítulo 27

Wrath bateu na porta que estava na frente dele, ele não sabia o que diabos ele estava fazendo. Talvez ele tivesse alguma sorte, e não haveria uma resposta.

Ele precisava de mais tempo antes de fazer algo assim.

Negado.

A porta se abriu e uma voz profunda disse: — Ei, o que está acontecendo?

Ele tentou pensar em uma resposta

De repente, como se o universo estivesse lhe enviando um tiro no saco, o grito de uma jovem preencheu o ambiente. — Ah, escute, eu estava apenas começando a... Você se importa?

Wrath passou a mão pelo cabelo. — Não, não, sim, isso é legal.

—Você quer que eu vá ao seu escritório depois?

Ele se perguntava como o quarto parecia, e pintou o espaço de acordo com o que a sua Beth tinha dito a nele. Desorganizado, pensou. Caseiro. Alegre.

Rosa.

Nada do peso morto que era Z, antes de conhecer Bella.

—Wrath? O que está acontecendo aqui?

—Você se importa se eu entrar?

—Ah... Com certeza. Sim, quero dizer, Bella está trabalhando fora, então tenho um pouco de privacidade. Você pode entrar.



Chhheeeeeeeeeeeeeeeeeep!

—Observe onde você pisa.

Wrath levantou seu shitkicker, de qualquer brinquedo que ele tenha esmagado, com a sola de seu calçado. — Foda-se, quebrei?

—Acho que é um brinquedo do cão, na verdade. Sim, tenho certeza que ela o pegou de George lá embaixo. Você o quer de volta?

—Ele tem brinquedos em abundância. Ela pode tê-lo.

Quando fechou a porta, ficou dolorosamente ciente de que cada um deles estava falando sobre suas crias, só que Wrath tinha uma de quatro patas e uma cauda.

Pelo menos, ele não precisa se preocupar com George o sucedendo, ou ser cego.

A voz de Z veio um pouco mais longe no quarto. — Você pode sentar-se ao lado da cama, é só dar uns 15 passos a sua em frente.

—Obrigado.

Ele particularmente não queria se sentar, mas se ficasse de pé, iria querer andar e não demoraria muito para que tropeçasse em algo que não fosse um brinquedo.

De um canto no quarto, Z falava baixinho com a sua filha, as palavras rolavam em algum tipo de ritmo, como se estivesse falando através de uma canção. Em resposta, havia todos os tipos de arrulho.

E então veio um som, que soou assustadoramente claro: — Dada.

Wrath se encolheu atrás de seus óculos escuros, e imaginou que ele poderia muito bem acabar com isso. —Beth quer que eu fale com você.

—Quem?

Ele imaginava que conhecia muito bem Z, para lembrar-se de como o irmão era antes, era capaz de implodir e tirar meia dúzia deles: seu crânio era raspado, tinha o rosto cheio de cicatrizes, olhos que haviam sido pretos e opacos, como os de um tubarão, até que Bella chegou, em seguida, eles mudaram para o amarelo, pelo menos quanto ele não estava chateado, e isso não acontece mais, a menos quando estava no campo.

Grande reviravolta.

—Você a está segurando? — perguntou Wrath.

Houve uma pausa. — Assim que conseguir amarrar esta fita na parte de trás — segure firme garotinha. Ok, pra cima. Ela está usando um vestido rosa que Cormia fez à mão. Odeio rosa. Mas gosto nela usando, embora mantenha isso para mim mesmo.

Wrath flexionou suas mãos. — Como é?

—Não odeia totalmente cor de rosa? É muito foda — ehm, é uma cor castradora.

—Sim.

—Não me diga que Lassiter é metrosssexual, ouvi dizer que ele falou com Manello para ir à uma pedicure com ele, mas eu estou rezando que isso seja só fofoca.

Era difícil ignorar a facilidade com que o irmão estava falando. Geralmente, não era o normal. Então, ele tinha a sua família, sua shellan estava segura, e ele estava conversando com Mary, em uma base regular, por quanto tempo até agora?



Ninguém sabia exatamente sobre o que eles conversavam lá em baixo. Mas todo mundo podia adivinhar.

—Na verdade, não sei por que estou aqui, — Wrath disse asperamente.

Mentiroso.

Foi ouvido sons de passos se aproximando, em seguida, um rangido regular, quando o homem tomou assento em uma cadeira de balanço, e estava indo para trás e para frente. Aparentemente, Nalla gostava de se manter em qualquer movimento, a jovem estava fazendo mais sons de arrulhar.

Um chiado suave sugeriu que Z, tinha pegado outro brinquedo e a estava mantendo ocupada.

—É sobre Beth passar algum tempo com Layla?

—Eu sou a única pessoa que não sabia?

—Você não deixa muito o seu escritório.

—Mais uma razão para não querer ter um filho.

—Então é verdade.

Wrath baixou a cabeça e desejou que a sua visão pudesse trabalhar em alguma coisa, para que ele pudesse fingir para inspecionar algo. A colcha. Suas botas. Um relógio.

—Sim, Beth quer um — Ele balançou a cabeça. — Quero dizer, como você conseguiu isso? Os primeiros sintomas de Bella grávida, você deve ter ficado aterrorizado com a ideia.

—Não houve um planejamento envolvido, ela entrou no seu período de necessidade, e quando o impulso veio, dei de ombros... Quer dizer, tinha as drogas, mas pedi para me deixarem cuidar dela assim. No final, porém, fiz o que um homem faz ao ver a sua mulher precisando dele. A gravidez foi difícil, mas o nascimento me assustou mais do que qualquer coisa que já passei na minha vida.

E considerando que o cara foi um escravo sexual e de sangue por quanto tempo? Isso dizia algo.

—Depois, — Z disse lentamente, — Eu não dormi por um período de 48 horas. Levou muito tempo para me convencer, que Bella não iria sangrar e Nalla estava viva e vai continuar assim. Inferno, talvez fosse mais de uma semana.

—Valeu a pena?

Houve um longo silêncio, e Wrath estava disposto a apostar a sua mão esquerda, que o irmão estava olhando para o rosto de sua filha. — Eu posso dizer que sim, porque ambas sobreviveram, mas se não fosse o caso? Minha resposta seria diferente, mesmo pelo tanto que amo minha filha. Seja como for, sou um homem vinculado, é em Bella o meu foco antes de tudo, incluindo até mesmo o seu período.

Wrath estalou os dedos de uma mão, depois da outra. — Eu acho que Beth estava esperando que você mudasse de ideia.

—Eu não posso fazer isso. Ninguém pode — é a fiação do macho vinculado. Com quem você realmente precisa falar é com Tohr. Eu caí nessa, e eu sou o filho da puta mais sortudo na face do

planeta que aconteceu para o trabalho. Tohr, por outro lado, ele escolheu. De alguma maneira, ele teve bolas para rolar os dados, mesmo sabendo dos riscos, e então sua Wellsie morreu mesmo.

De repente, Wrath se lembrou de ir para o escritório do centro de treinamento, procurando o lutador, com toda a Irmandade atrás dele. Ele havia encontrado Tohr sentado com John, um telefone na orelha do irmão, uma aura de desespero marcando todo o seu rosto pálido, e o aperto que ele dava no receptor, mostrava que a sua expressão tinha congelado, quando ele olhou para cima e encontrou todos lá, na soleira da porta.

Jesus Cristo era tão fresco na memória, como se tivesse acontecido ontem. Mesmo com as mudanças, Tohr vinculado à Autumn, a vida seguia em diante, na medida em que qualquer homem seria capaz de fazer.

Wrath sacudiu a cabeça. — Eu não sei se eu posso fazer isso irmão.

Outro longo trecho de silêncio, como se talvez Z estivesse pensando naquela noite também. Mas, então, Zsdist disse suavemente, — Ele é seu irmão. Se ele fosse fazer isso por qualquer um... Seria para você.

No minuto seguinte, Beth entrou no magnífico hall de entrada da mansão, e ela parou em seu caminho.

No início, ela não pode dar um nome para a pilha lascada de madeira que estava ao seu lado, na sala de arco do bilhar. Mas, em seguida, o feltro verde e irregular apareceu: Era a mesa de bilhar, parecia como se alguém tivesse usado uma motosserra.

Passando por cima, ela olhou e sentiu a sua mandíbula apertar.

Tudo estava destruído. A partir dos sofás para as luminárias, a TV e o bar.

—Ele está bem, — disse uma voz masculina atrás dela.

Girando em volta, ela olhou nos olhos amarelos do Z. Nos braços do irmão, Nalla estava vestida com um lindo vestido rosa, com um laço na cintura e uma saia rendada, em seus pesinhos, um sapatinho branco Mary Janes¹¹⁷ brilhava em seus pés, e um arco branco em sua cabeça, jogava para trás seus cachos multicoloridos.

Seus olhos eram amarelos, assim como de seu pai, mas o seu sorriso era todo de Bella, totalmente aberto, confiante e amigável.

Deus, doía vê-los. Especialmente porque ela sabia qual era a causa da destruição no outro quarto.

—Ele me ligou, — disse ela.

—É por isso que você voltou para casa?

—la voltar de qualquer maneira.

Z assentiu. — Ótimo, a noite passada foi uma coisa.

—Claramente —. Ela olhou por cima do ombro. — Como ele...

—Está? Lassiter disparou. — Ele caiu como uma pedra e teve uma boa e longa soneca.

—Não era isso que ia perguntar, mas... Sim —. Ela esfregou as mãos frias juntas. — Ah, você sabe onde ele está?

—Ele me disse que você lhe pediu para falar comigo.

¹¹⁷ Marca de calçado.



Quando ela olhou através de Z, ela se lembrou da primeira vez que o encontrou. Deus, ele era terrível, e não apenas por causa da cicatriz. Ele tinha um olhar glacial na época, bem como o tipo de foco mortal que ia direto para o centro de seu peito.

Agora? Ele era como um irmão para ela... Exceto quando se tratava de Wrath. Wrath sempre vinha em primeiro lugar para ele.

Era a verdade para todos os Irmãos. E considerando o que Wrath fez na sala de jogos, não foi uma coisa ruim.

—Pensei que talvez fosse ajudar — Deus, que parecia ruim. — O que eu quero dizer é...

—Ele foi embora para encontrar Tohr.

Beth fechou os olhos. Depois de um momento, ela disse: — Não quero nada disso, você sabe. Apenas para que fique claro.

—Acredito nisso, não quero isso para nenhum dos dois, de qualquer forma.

—Nós vamos descobrir como — Enquanto ela se virava para as escadas, uma onda de exaustão a atingiu como uma tonelada de tijolos. — Escute, se você vê-lo... Diga-lhe que fui tomar uma ducha, foi um dia longo para mim, também.

—É isso aí.

Ao passar pelo irmão, ela ficou chocada quando sua mão aterrissou em seu ombro e apertou em apoio.

Meu Deus, se você dissesse a ela, anos atrás, que o lutador estaria oferecendo qualquer outra coisa do que uma arma na cabeça? NFW¹¹⁸. E o fato de que ele estava a segurando um bebê delicado em seu braço musculoso, com a sua filha olhando para seu rosto marcado, com adoração total e absoluta?

Porcos voam. O inferno congela. Miley Cyrus usando algumas roupas.

—Sinto muito, — ela disse com a voz rouca, sabendo todos na Irmandade estavam realmente preocupados um com o outro.

Os problemas de um, eram os problemas de todos.

—Vou deixá-lo saber que você está em casa, em segurança, — Z disse. —Vá descansar, você parece cansada.

Ela assentiu com a cabeça e alcançou a escada, arrastando seu corpo cansado, com um passo de cada vez. Quando ela chegou ao segundo andar, olhou através das portas duplas abertas para reuniões.

O trono e a enorme mesa pareciam uns monstros, a velha madeira tinha esculturas antigas, uma representação tangível das linhas de sucessões, que tinham servido ao longo de quantas gerações? Ela não sabia. Ela não podia adivinhar.

Ainda assim, muitos casais sacrificaram os seus primogênitos, para uma posição que, de tudo o que tinha visto, não era apenas ingrata, mas perigosa.

Ela poderia colocar o seu próprio sangue e carne, não? Ela se perguntou. Ela poderia condenar alguém, que ela mesma tinha tido uma mão na criação, onde seu marido estava sentado e sofrendo?

¹¹⁸ *Nothing Fuck Way – De nenhum fodido jeito.*



Passando por cima do limite, ela cruzou o tapete Aubusson e parou diante de dois dos símbolos da monarquia. Imaginou Wrath lá, com a papelada e a rotina, como um tigre preso em um jardim zoológico, bem alimentado, tratado implacavelmente... No entanto enjaulado.

Ela pensou em voltar a trabalhar no Caldwell Courier Journal, lembrou-se de Dick Prick como o editor de texto, que fazia parte do clube dos meninos, enquanto ele tentava olhar embaixo de sua camisa. Ela não queria sair tão mal, até que passou pela transição, e Wrath foi seu salvador.

Onde estava Wrath?

Ele nunca sairia dessa?

Custo de abdicar, sua única graça... Ser morto por Xcor e o Bando dos Bastardos.

Uau. Grande futuro.

E a sua solução era a ameaçar sua própria vida, tentando engravidar. Não é à toa que ele tinha perdido a merda de sua cabeça.

Correndo a ponta dos dedos em toda a orla complicada da mesa, ela descobriu que os arabescos realmente formavam uma videira. E havia datas inscritas ao longo das folhas...

Os reis e as rainhas. Seus filhos.

Um longo legado do qual Wrath fazia parte.

Ele não ia desistir disso. De jeito nenhum. Se ele se sentia impotente agora, afastando-se do trono, ia mandá-lo direito ao longo do limite. E ele já tinha perdido seus pais muito cedo, para liberar o seu legado para outro? Isso seria um golpe que ele nunca teria passado.

Ela ainda queria ter um filho.

Mas, quanto mais tempo ela passava ali, mais se perguntava se valia a pena sacrificar o homem que ela amava. E isso, dependendo de resultado, supondo que ela poderia engravidar e ter um bebê saudável, se eles tivessem um filho, ele ia acabar aqui.

E se ela tivesse uma filha? Quem quer que ela se case, ia assumir e, em seguida, sua filha teria o prazer de ver seu homem ficar louco com a pressão.

Grande herança de qualquer maneira.

—Droga, — ela respirou.

Ela sabia que Wrath era o rei quando se vinculou a ele, mas para ela, até então, já tinha sido tarde demais. Ela estava com a cabeça nas alturas de amor, e se o seu trabalho tinha sido guarda de segurança ou chefe supremo do Estado, ela ficaria engatada.

Ela não tinha pensado sobre o futuro naquela época. Só estar com ele, era o suficiente.

Mas vamos lá, mesmo se ela tivesse conhecimento de todas as implicações...

Não, ela ainda teria usado o lindo vestido vermelho de Wellsie e marchado para a caverna, para ficar com a porcaria com medo, em ver o nome dela sendo gravado nas costas de Wrath.

Na saúde ou na doença. Riqueza ou na pobreza, em termos humanos.

Crianças... Ou sem filhos.

Quando ela finalmente se virou, endireitou os ombros e saiu da sala com a sua cabeça em pé. Seus olhos estavam claros, seu coração estava calmo, e as suas mãos estavam firmes.

A vida não era um buffet à la carte, onde você pode encher o seu prato com o que você quer. Você não consegue escolher o seu prato principal, e voltar para mais, quando talvez você já



tenha dado três mordidas na carne, e acabado com o purê de batatas. E o inferno, quando ela pensava sobre isso, logicamente, recebendo o amor verdadeiro, juntamente com o Casado e feliz e *Hot Sex Life* já era um inferno de um trio.

Havia boas razões para eles não ter um filho. Talvez mudasse no futuro; talvez Xcor e os Bastardos fossem satisfazer as suas sepulturas, e a glymera renovasse, e a Sociedade Lesser parasse de matar...

Porcos voam.

Inferno congela.

Miley plantando a sua bunda em uma cadeira e mantê-la lá, como um serviço público.

Enquanto Beth se dirigia para a escada privada do terceiro andar, desejava ter chegado a essa conclusão antes de Wrath se encontrar com Tohr, mas isso foi mais uma colisão, o que ela tinha provocado, não podia desfazer.

Porém, ela poderia parar com isso de ir mais longe.

Por mais que doa, ela poderia escolher outro caminho e coloca-los fora de sua miséria.

Pelo amor de Deus, ela não seria a primeira mulher no planeta, que não podia ter filhos só porque ela queria. E ela não seria a última. E todas essas mulheres? O que elas passam... Elas viviam as suas vidas e continuavam existindo, e elas não tinham o seu Wrath...

Ele era mais do que suficiente para ela.

E se ela achasse que ele não era? Ela ia voltar e se sentar na frente do balcão... E colocar-se no fundo do shitkickers de seu hellren para uma ou duas milhas.

Ela não queria deixar o pai dela para baixo, e ela não tinha nem sequer o conhecido. Para Warth, ser rei era a única maneira de honrar a sua, e não querer sujeitar a próxima geração para o trono?

Era a única maneira de proteger as crianças, que ele nunca teria.

Os Rolling Stones estavam certos. Às vezes, você não conseguia o que queria. Mas se você tivesse tudo o que precisava?

A vida era boa.

Capítulo 28

— Seu primo está acasalando.

Enquanto Saxton era guiado pelas portas do escritório de seu pai, que foi a saudação que ele recebeu.

Aqui vamos nós, pensou. E da próxima vez que eles falassem, não há dúvida que seria sobre seu primo ter um bebê menino perfeitamente saudável que cresceria *normal*. Acho que este seu, o seu —presente— de aniversário — um relatório sobre algum parente vivendo o tipo certo de vida, com as legendas que ele era uma vergonha para a linhagem e um grande desperdício de DNA do pai.

Na verdade, as pequenas felizes atualizações tinham começado logo depois que seu pai soube que ele era gay, e ele se lembrava cada uma delas, organizando-as como figuras feias sobre a lareira de sua mente. Sua absoluta? Favorita melhor de todas? A manchete de um par de meses atrás, sobre um homem gay que tinha saído com outro homem gay da espécie, e acabou espancado em um beco por um grupo de seres humanos.

Seu pai não tinha ideia de que ele estava falando de seu próprio filho nesse caso.

O crime de ódio tinha sido o chamariz em seu primeiro encontro com Blay, e ele quase morreu dos ferimentos: Não quis procurar ajuda médica – Havers, o único médico da raça, era um tradicionalista dedicado, e tinha a prática de recusar tratamento aos homossexuais conhecidos. E ir a um médico humano estava fora de questão. Sim, havia clínicas de vinte e quatro horas abertas na cidade, mas isto tomaria toda a energia que ele tinha para se arrastar para casa – ele teve vergonha de – e tudo mudou para eles.

Por um tempo, pelo menos.

— Você ouviu o que eu disse? — seu pai perguntou.

— Como é maravilhoso para ele – qual primo é?

— O filho de Enoch. Foi arranjado. As famílias vão ter um fim de semana de eventos para comemorar.

— Em sua propriedade aqui ou na Carolina do Sul?

— Aqui. É tempo da raça restabelecer suas próprias tradições em Caldwell. Sem tradição, não somos nada.

Leia-se: Você é inútil, a menos que comece com o programa.

Embora, naturalmente, seu pai expressaria a diretiva em termos muito mais eruditos.

Saxton franziu a testa quando ele finalmente olhou para o homem. Sentado atrás de sua mesa, Tyhm sempre fora magro, uma imagem de Ichabod Crane¹¹⁹ em ternos que pendiam como drapeados de funeral de seus ombros ossudos. Em comparação com a sua última visita, ele parecia ter perdido peso, suas características nítidas segurando sua pele facial como suportes sob uma tenda campal.

Saxton não parecia nada com seu pai, o cabelo escuro e aqueles olhos escuros, pele pálida e que corpo magro que a loteria genética não lhe tinha causado. Em vez disso, sua mãe e que ele eram ervilhas da mesma vagem na disposição e decoração, olhos cinza claros e com um brilho saudável na sua pele.

Seu pai muitas vezes comentou sobre como ele era semelhante à sua mahmen – olhando para trás, ele não tinha certeza de que tivesse sido um elogio.

— Então, no que você tem trabalhado, — seu pai murmurou enquanto ele batia os dedos sobre o mata-borrão de couro.

¹¹⁹ Ué? Apareceu até o personagem de Sleepy Hollow no livro? Personagem de Series e filmes sobre a Lenda do Cavaleiro sem Cabeça: ex-soldado inglês que muda de lado durante a guerra da independência dos EUA, em 1776, é ferido numa batalha e acorda mais de 200 anos depois.

Apesar dos óbvios problemas para se adaptar a uma época tão diferente, Crane logo descobre que seu maior desafio é outro: enfrentar um cavaleiro que lutava pela Inglaterra, decapitado dois séculos atrás, e que volta para assombrar a cidade que dá título à série.



Sobre a cabeça do macho, o retrato de seu próprio pai elevava-se com desaprovação idêntica.

Enquanto Saxton encarava dois pares de olhos semicerrados, teve um desejo quase irresistível de responder a essa pergunta honestamente: Saxton era, de fato, o Primeiro Conselheiro do Rei. E mesmo nestes tempos, quando a cota da monarquia estava em um período de baixa, isso ainda era impressionante.

Especialmente para alguém que reverenciava a lei como seu pai.

Mas não, Saxton pensou. Ele manteria isso para si mesmo.

— Eu estou onde eu estava, — ele murmurou.

— Heranças e propriedades é mais um campo complicado. Fiquei surpreso que você os tivesse escolhido. Quem são alguns de seus clientes mais recentes?

— Você sabe que eu não posso divulgar essa informação.

Seu pai sussurrou confidencialmente. — Não seria alguém que eu conheço, com certeza.

— Não. Provavelmente não. — Saxton tentou sorrir um pouco. — E você?

O comportamento mudou instantaneamente, o desgosto sutil saindo e sendo substituído por uma máscara que tinha toda a qualidade reveladora de uma laje de ardósia. — Há sempre coisas para dominar a minha atenção.

— Claro.

Enquanto os dois continuaram a falar em uma torrente, a conversa permaneceu pomposa e irrelevante, e Saxton passou o tempo colocando a mão no bolso e segurando seu iPhone na palma da mão. Havia planejado sua partida, e se perguntou quando ele poderia ter uma deixa.

E então ela veio.

O telefone sobre a mesa, o que havia sido feito para parecer — old-fashioned, — tocou com um sino eletrônico que soou tão perto do real quanto qualquer coisa não verdadeiramente de bronze poderia soar.

— Eu vou deixar você, — disse Saxton, dando um passo para trás.

O pai olhou para o display digital cuidadosamente escondido... e pareceu esquecer como responder a coisa.

— Adeus, F... — Saxton se deteve. Desde que sua orientação foi revelada, que foi uma f-palavra pior que foda — pelo menos quando usada por ele.

Quando seu pai apenas acenou para ele, ele teve um alívio passageiro. Normalmente, a pior parte de qualquer visita em pessoa era a partida: Enquanto ele saía, e seu pai enfrentava mais uma tentativa frustrada de trazer seu filho de volta, era a caminhada da vergonha mais uma vez.

Saxton não havia revelado para a família. Ele nunca tinha pretendido que seu pai soubesse.

Mas alguém tinha batido com a língua nos dentes e ele estava bastante certo de que sabia quem.

Então, toda vez que ele partia, revivia ser expulso desta mesma casa cerca de uma semana depois que sua mãe morreu: Ele foi chutado com as roupas do corpo, sem dinheiro, e nenhum lugar para ficar enquanto o amanhecer se aproximava.

Soubes mais tarde que todas as suas coisas tinham sido ritualmente queimadas na mata atrás



da casa senhorial.

Um uso mais útil para toda a área cultivada.

— Feche a porta atrás de você, — seu pai gritou.

Ele estava mais do que feliz em obedecer: Fechando as silenciosamente, pela primeira vez não perdeu um momento em toda a dor. Olhando para esquerda e direita, ele ouviu.

Silêncio.

Movendo-se rapidamente, retornou para a sala de visitas e atravessou a biblioteca, puxando as portas fechadas atrás dele. Tirando seu telefone, começou a tirar fotos, o coração batendo tão rápido quanto ele estava clicando. Não se preocupou em organizar ângulos ou fazer qualquer coisa em sequência — a única coisa que importava era que o foco e a iluminação eram boas e que ele não se mexeu —

O estrondo das portas se abrindo diretamente atrás dele o fez girar.

Seu pai parecia confuso quando estava na porta que levava para fora de sua biblioteca. — O que você está fazendo?

—Nada. Estava apenas olhando para seus volumes. Eles são bastante impressionantes.

Tyhm olhou para as portas fechadas que Saxton tinha atrás de si, como se perguntando por que elas estavam fechadas. — Você não devia ter vindo aqui.

—Eu sinto muito. — Disfarçadamente, colocou o telefone no bolso, inclinando o tronco para o lado como se a acenar para os livros. —É só que... eu queria que me maravilhar com sua coleção. Os meus são de capa simples.

—Você tem um conjunto de Leis Antigas?

—Eu tenho. Comprei-as a de uma herança.

Seu pai foi avançou e tocou as páginas do volume mais próximo aberto na mesa redonda. A forma carinhosa com que acariciou estas palavras, papel, esse objeto inanimado... sugeriu que talvez Saxton não fosse o maior desgosto em sua vida.

Se a lei o desapontasse? Isso iria quebrá-lo.

— O que é isso tudo? — Disse Saxton suavemente. —Eu ouvi que o rei foi morto, e agora... isso é tudo sobre a sucessão.

Quando não houve resposta, começou a pensar que precisava sair depressa: Havia uma alta probabilidade de o seu pai estar com o Bando de Bastardos, e seria loucura pensar Tyhm hesitaria nem por um segundo em entregar seu filho gay para o inimigo.

Ou no caso de seu pai, os aliados.

—Wrath não é rei para a raça. — Tyhm balançou a cabeça. — Nada de bom tem vindo desde que seu pai foi morto. Agora, havia uma regra. Eu era jovem quando eu estava na corte, mas lembro de Wrath, e ao passo que o filho não se preocupa com a maneira correta... o pai era um rei estelar, um homem sábio, com paciência e majestade. Tamanha falha desta geração.

Saxton olhou para o chão. Por alguma razão absurda, ele observou que os seus próprios sapatos estavam perfeitamente polidos. Todos os seus sapatos eram. Limpo e arrumado, organizado.

Teve dificuldade para respirar. —Pensei que a Irmandade fosse... cuidar das coisas muito

bem. Apesar dos ataques, mataram muitos assassinos.

—O fato de você usar a palavra *apesar* para atenuar *ataques* é tudo que se precisa saber. Um comentário vergonhoso – Wrath não se importava em governar até que se casou com aquela mestiça dele. Só então, quando tentou contaminar o trono com os genes humanos bastardos, ele achou adequado tentar ser rei. Seu pai odiaria isso – aquele ser humano usando o anel de sua mãe? É uma vergonha que não pode... —Ele teve que limpar a garganta. —Isso simplesmente não pode ser suportado.

Quando as implicações caíram em Saxton, ele podia sentir o sangue escorrer para de sua cabeça. Oh, Deus... por que não eles viram esta possibilidade?

Beth. Eles iam derrubá-lo através dela.

Seu pai ergueu o queixo, seu pomo de Adão se destacando como um punho na frente de sua garganta. — E é preciso fazer alguma coisa. Alguém tem que fazer alguma coisa... quando más escolhas são feitas.

Como ser gay, Saxton terminou para o macho. E então ficou claro para ele...

Era quase como se seu pai fosse se juntar à rebelião... só porque não podia fazer nada sobre seu próprio fracasso com sua progênie.

— Wrath será tirado do trono, — disse Tyhm com o ressurgimento da força. — E um outro que não se afastou dos valores fundamentais da raça será colocado em seu lugar. É a consequência apropriada para aquele que não faz as coisas da maneira correta.

— Eu ouvi falar... — Saxton fez uma pausa. — Eu ouvi falar que foi um casamento por amor. Entre Wrath e sua rainha. Que ele se apaixonou por ela quando a ajudou com sua transição.

— A depravação muitas vezes oculta suas ações no vocabulário dos justos. É um ato deliberado para tentar congar-se a nós. Isso não significa que eles têm se comportado bem ou que suas más escolhas devem ser apoiadas pelas massas. Muito pelo contrário – ele envergonhou a raça, e merece tudo o que acontecerá com ele.

—Você me odeia? — Saxton proferiu abruptamente.

Os olhos de seu pai se levantaram dos livros que seriam usados para pavimentar o caminho para a abdicação. Quando seus olhares encontraram através de todo plano para a destruição de Wrath, Saxton foi reduzido a uma criança que simplesmente queria ser amado e valorizado pelo único pai que ele restava.

—Sim, — disse o pai. —Eu odeio.

Sola puxou as calças brim novas até os joelhos e fez uma pausa. Apoiando-se, ela deslizou o cós sobre sua coxa ferida com cuidado.

— Não está ruim, — ela murmurou, enquanto continuava a puxá-las por todo o caminho para a bunda e, em seguida, abotoou e fechou o zíper.

Um pouco larga, mas quando colocou a camisa branca de manga comprida nova e o suéter preto acolhedor que ela igualmente tinha recebido, nem pensou. Ah, e os Nikes eram do tamanho perfeito – e ela sempre gostou do esquema de cores preto e vermelho.

Indo para o banheiro do seu quarto no hospital, verificou o cabelo no espelho. Brilhante e suave, graças à escova que tinha feito em si mesma.



— Você parece...

Girando em direção à voz, encontrou Assail de pé ao lado da cama. Seus olhos ardiam através da distância entre eles, seu corpo elevando-se grande.

— Você me assustou, — disse ela.

—Minhas desculpas. — Ele ofereceu-lhe um pequeno sorriso. — Bati várias vezes, e quando não respondeu, fiquei preocupado que tivesse caído.

— Isso é realmente... ah, gentil de sua parte. — Sim, *doce* não poderia ser associado de alguma forma a ele.

— Você está pronta para ir para casa?

Ela fechou os olhos. Queria dizer sim — e claro, ela precisava ver sua avó. Mas ela estava com medo, também.

—Você pode...dizer? — ela perguntou.

Assail veio até ela, caminhando lentamente, como se soubesse que ela pudesse se assustar. Levantando as mãos, ele deslizou seus cabelos para trás dos ombros. Então ele tocou os lados de seu rosto.

— Não. Ela não verá nada disso.

—Graças a Deus — Sola exalou. —Ela não pode saber. Você entendeu?

— Perfeitamente.

Virando-se para enfrentar a porta para o corredor, ele ofereceu-lhe o cotovelo... como se estivesse escoltando-a para uma festa.

E Sola pegou só porque queria senti-lo contra ela. Sentir seu calor. Estar perto de seu tamanho e força.

Era um tipo diferente de inferno enfrentar a perspectiva de encontrar os olhos de sua avó.

— Não pense nisso, — disse ele enquanto a conduzia pelo longo corredor. — Você deve se lembrar disso. Ela vai vê-lo em seu rosto, se você pensar nisso. Nada disso aconteceu, Marisol. Nada disso.

Sola estava vagamente consciente de que os guardas com os quais eles haviam se encontrado quando vieram a este lugar, tinham se colocado atrás deles. Mas ela tinha tantas outras coisas para se preocupar — e aquele bando de homens não tinham puxado nenhum desses gatilho enquanto ela vinha para a instalação. Difícil de imaginar porque eles se preocupavam sobre a saída.

Um deles pulou na frente e abriu a porta de aço para eles, e o Range Rover estava bem onde havia sido estacionado. Próximo a ele, dois primos de Assail esperavam sombriamente — vigiados por mais desses caras incrivelmente perigosos.

Assail abriu a porta de trás do carro para ela e ofereceu — lhe a mão. Ela precisava disso. Deslizar-se para dentro do SUV causou uma ferroadada em sua coxa até que seus olhos lacrimejaram. Mas quando a porta foi fechada, ela conseguiu trabalhar o cinto, puxando-o em torno de seu corpo e encaixando-o no lugar.

Sola franziu o cenho. Através do vidro matizado, viu quando Assail foi até cada um dos homens, um após o outro, e ofereceu-lhes a mão. Não houve palavras ditas, pelo menos não que

ela visse, mas não tinha necessidade de dizer.

Olhares graves encontraram os olhos de Assail e acenos sutis foram dados com respeito, como se um acordo tivesse sido obtido entre todos eles.

E, em seguida, os primos de Assail pularam na frente, Assail foi na parte traseira com ela e eles partiram.

Ela tinha apenas uma vaga lembrança de todas as portas e barricadas que tiveram que passar para entrar no local – mas achou a saída iria demorar uma eternidade.

Pelo menos ela queria. Ela tinha alguma esperança de que se passasse tempo suficiente, ela poderia convencer sua menina interior de que ela não havia quebrado o mais importante dos Dez Mandamentos duas vezes, quase foi estuprada, e teve que desfigurar um corpo para poder fugir do inferno.

Infelizmente, eles estavam de volta na Northway, rumo ao sul em direção ao centro Caldwell, num piscar de olhos e meio depois. Ou para ela certamente parecia assim.

Enquanto de dirigiam para as pontes que iriam levá-los ao longo do rio e pela floresta, a fortaleza de Assail eles foram...

Grande. Seu cérebro não estava raciocinando.

Esfregando os olhos cansados, ela teve de juntar as coisas.

Isso não aconteceu.

—Sabe, você pode ter um ponto, — disse ela em voz baixa.

— Sobre o que? — Assail perguntou ao seu lado.

— Talvez tenha sido apenas um sonho. Um ruim, horrível sonho...

O Range Rover subiu a ponte no sentido oeste sobre o Hudson, e com o tráfego fluindo sem problemas em toda a extensão, eles estariam na casa de Assail em apenas cinco ou dez minutos.

Virando-se, ela olhou para o centro da cidade se afastando, todas aquelas luzes como estrelas de caíram na terra.

—Não sei se eu posso vê-la, — ela se ouviu dizer.

— Isso não aconteceu.

Observando que paisagem urbana ficar cada vez menor, ela disse a seu cérebro para fazer o mesmo com todas as paisagens, cheiros e sensações que estavam tão perto, muito perto: O tempo era uma estrada e seu corpo e cérebro viajavam nele. Então ela precisava pisar na porra do acelerador e ficar bem longe das últimas quarenta e oito horas.

Antes que ela percebesse, eles estavam desviando para estrada estreita que descia para a península de propriedade de Assail. E então seu estômago afundou quando a casa de vidro apareceu, sua iluminação dourada derramando sobre a paisagem como se o lugar fosse um pote de ouro.

Eles foram para a parte de trás, os faróis girando em torno de toda a parte de trás da mansão. E lá estava ela. Na janela da cozinha, levantando a cabeça para olhar para fora, nas mãos um pano de prato... a avó de Sola estava observando, esperando – agora correndo para a porta dos fundos.

De repente, tudo saiu da mente de Sola enquanto sua mão se atrapalhava com o trinco.



Assail agarrou seu braço. — Não. Não até que estejamos na garagem.

Ao contrário do resto da viagem, ficar encoberta levou uma eternidade, esta porta blindada deslizando para baixo como se tivesse todo o tempo do mundo.

No instante em que ela bateu no lugar, Sola pulou do SUV e correu para a porta. Estava trancada, e em sua mente atolada, a única coisa que lhe ocorreu foi segurar a alça mais forte e balançar e puxar.

Alguém desbloqueou remotamente, porque houve um *clunk!* e de repente, as coisas se abriram.

Sua avó estava do outro lado de uma antessala de estar, de pé no meio da cozinha, com pano de prato branco amassado no rosto, o cheiro de comida caseira como o amor no ar.

Sola correu para a frente, quando sua avó abriu os únicos braços que sempre estariam lá para abraçá-la.

Ela não sabia ao certo o que foi dito em Português, mas de ambos os lados, as palavras fluíam rápido. Até sua avó chegá-la para trás e pegar seu o rosto naquelas mãos resistentes.

— Por que se desculpa? — A mulher perguntou, secando as lágrimas com seus polegares. — Você não tem que se desculpar. Nunca.

Sola foi puxada de volta de forma forte e segura contra esse generoso seio. Fechando os olhos, ela relaxou e deixou o cérebro desligar.

Isso era tudo que importava. Elas estavam juntas. Elas estavam seguras.

— Obrigado, Deus, — ela sussurrou. — Obrigado, querido Senhor.

Capítulo 29

Claro que era Selena.

Assim que Trez ouviu a batida em seu quarto, ele respirou fundo... e sim, seu aroma a precedeu, à deriva por baixo da porta.

Seu corpo endureceu instantaneamente, seu pênis se estendeu até a parte mais baixa da barriga, empurrando contra o peso do edredom.

Dispense-a, uma parte dele disse. Se você tem alguma decência em você – mande-a embora...

Não era exatamente o melhor argumento: Ele estava, afinal, pensando em colocar seus pais em um túmulo – então, quanto de escoteiro ele poderia ter nele?

Ele parou a derrapagem mental em suas trilhas. Neste ponto, ele estava tão faminto de sangue, que não fazia qualquer sentido. Alimento primeiro. Então... acho.

Certo. De volta ao prazer, Deus, não Selena.

O problema era... quem mais viria aqui para servir a ele? Não tinha visto outra Escolhida nesta casa, exceto por ela e Layla, que agora estava fora de serviço. E se ele não tomasse a veia prestes a ser oferecida, sua única outra opção era ir ao clube e traçar seu caminho através de uma

meia dúzia de mulheres humanas – o que era quase tão apetitoso uma perspectiva de beber óleo de motor.

Havia também a questão de que ele estava tão profundo num buraco negro energia que ele não tinha certeza se mesmo isso seria suficiente. Outro fato divertido? Não achava que pudesse levantar-se colocar um par de jeans. Então como diabos ele iria para o Iron Mask e...

A batida suave foi repetida.

Empurrando a mão sob as cobertas, ele espremeu sua ereção de modo que ela estaria tão plana quanto possível – e o contato fez cerrar os dentes.

Você tem que fazer isso com ela, disse a si mesmo. Uma vez e nunca mais.

— Selena... — Merda, o som de seu nome deixando seus lábios fez sentir-se como se a mão dele estivesse em volta de seu pênis.

Oh, espere, ele não tinha pego a maldita coisa.

Quando ela abriu a porta, ele puxou o braço para fora – e encarou a coisa para ficar parada.

Doce Maria, Mãe de Deus... para citar o policial de Boston.

Ela parecia tão bonita como sempre nessa túnica branca com o cabelo para cima, mas sua fome transformou-a em uma visão transcendental – foi direto para seus quadris. Sua pélvis imediatamente começou ondular, seu pênis implorando por algo, qualquer coisa dela.

Esta foi uma má ideia, pensou.

E com certeza, Selena hesitou na porta, olhando em volta como se ela reconhecesse a carga no ar.

Era a sua última chance de mandá-la embora.

Ele não aceitou.

— Feche a porta, — disse ele numa voz tão profunda que a deformou.

— Você sofre.

— Feche-a.

Clique.

Havia apenas uma única lâmpada acesa, aquela ao lado da espreguiçadeira e a luz amarelo manteiga parecia agir como um amortecedor de som, tudo dentro do quarto amplificado, tudo fora silenciado.

Por outro lado, talvez tenha sido a cor de seus olhos fazendo isso.

Quando ela se aproximou, puxou sua manga, expondo-lhe o pulso pálido. E, em resposta, suas presas não desceram para perfurar a sua mandíbula superior – e merda, ele não queria o que ela estava oferecendo. Ele queria a garganta dela... ele a queria nua e debaixo de seu corpo, seus caninos em seu pescoço enquanto seu pau...

Gemendo, ele jogou a cabeça para trás e agarrou o edredom em seus punhos.

— Não se preocupe, — disse ela rápido. — Aqui, pegue de mim.

Apesar de todo o ar da sala, seus pulmões começaram a morrer de fome por oxigênio, respirações rasas e ofegantes de sua boca aberta.

E, em seguida, sua mão roçou seu braço e ele gemeu de novo, tentando colocar distância. Rangendo os dentes, ele sabia que isso era uma coisa *muito* ruim.



— Selena, eu não posso... Eu não posso fazer isso...

— Eu não entendo.

— Você deve partir... — Foda-se, ele mal conseguia pronunciar as palavras. — Parta ou eu vou...

— Alimente-se, — ela interrompeu bruscamente. — Você precisa se alimentar.

— Selena...

— Você tem que tomar a minha veia.

— é melhor você ir...

Eles estavam discutindo, chegando a lugar nenhum, quando ela assumiu o comando da situação. No início, ele pensou que seu cérebro estava brincando com ele – mas não, era o cheiro de sangue fresco no quarto. Dela.

Ela cortou seu pulso.

Grande erro.

Com um rugido, ele foi para ela, e não o pulso. Suas mãos soltaram o lençol amassado e ele agarrou-a, pegando-a pelos ombros e lançando-a sobre colo deitando-a sobre o colchão.

Ele montou uma fração de segundo depois, o edredom dobrado entre eles, as mãos prendendo seus pulsos acima da cabeça sobre os travesseiros.

Um olhar em seus olhos chocados o congelou. E ainda assim ele não podia soltá-la.

Foda ofegante; estava respirando como um trem de carga, com o corpo todo duro, seus músculos se contraindo. —Merda...— ele gemeu enquanto baixava cabeça.

Saia de cima dela, ordenou a seu corpo. Largue a porra dela.

A ondulação sob ele levou um momento para ser registrada. E então ele percebeu que era ela. Ela estava... movendo-se contra ele, e não como se quisesse se libertar. Seus olhos, uma vez alarmados, agora estavam vidrados, os lábios separando enquanto se arqueava contra ele.

Ela o queria. Puta que pariu, o cheiro dela era deslumbrante em seu nariz, seu sangue correndo rápido e quente como o seu próprio.

— Selena, — ele gemeu. —Eu sinto muito...

— Por que? — disse ela asperamente.

—Isto.

Ele atacou a garganta, presas afundando profundamente, sangue correndo em sua língua, em sua garganta. E, enquanto ele cuidava dela, seu corpo bombeava contra o edredom amassado, tentando desesperadamente encontrar seu núcleo através das camadas de lençóis, seu pênis pulsando, o atrito tornando tudo pior.

Enquanto bebia forte, um rugido reverberou em seu peito, enchendo o ar com o som de um animal macho recebendo o que ele precisava – ou pelo menos, parte do que precisava. E de certa forma, talvez fosse bom que ele estivesse tão faminto por sangue. Caso contrário, o desejo sexual prevaleceria.

Enquanto tudo o que ele fizesse fosse se alimentar? Eles poderiam voltar com isso.

Qualquer outra coisa, e eles estariam.

Minha, uma voz dentro dele anunciou.

Minha.

Selena tinha pensado que ela estava preparada para isso. Pensou que ela estava pronta para vir aqui a este quarto, encontrar Trez nesta cama, para tê-lo em seu pulso. Assumiu que estava pronta para fazer seu dever e manter o segredo de desejá-lo para si mesma.

Em vez disso, foi surpreendida. Pelo poder que ele desencadeou, pelo ataque ao seu pescoço... pelo desespero sexual com o qual ela precisava dele. E havia mais. Esmagada sob o seu grande peso, sentindo seus quadris empurrando e retirando em cima dela, sabendo que ele estava bebendo de sua veia, esteve pelo menos momentaneamente sem medo das estátuas do cemitério acima. Como ela poderia temê-las agora? Não com seu corpo assim, com os braços e pernas, extremamente sexuais, solta e quente e desesperada por recebê-lo.

Abrindo os olhos, olhou para o teto além de seus ombros escuros. —Tome-me, — ela soprou em seu grunhido. —Tome-me...

Em resposta, seus dedos deslizaram até as palmas das mãos e as uniu, segurando, em vez de prendendo enquanto ele se colocava em sua veia, sua bochecha com barba por fazer roçando contra sua pele. Ela teve o instinto de separar suas pernas, e assim que o fez, a pressão de seu torso bombeando concentrado em seu núcleo dolorido, empurrando, esfregando — mas era muito sutil. Ela queria foco.

Ela queria os dois nus enquanto ele fizesse isso.

Não havia nenhum movimento, no entanto. Trez tinha-a presa e a frustração que sentia amplificava a fome que tinha criado raízes, a negativa do que ela queria aumentando sua necessidade. Empurrando contra as palmas das mãos, não conseguiu nada, sua força era nada comparada a dele.

—Mais, — ela gemeu enquanto torcia sua espinha para cima, seus seios apertando dolorosamente, com o coração batendo em suas costelas.

Cada atrito contra sua garganta, cada sorvo em sua veia, toda a sucção que ele fazia nela, levava-a para mais perto de algum tipo de precipício — e ela nunca quis tanto cair antes. Mesmo que ela não soubesse onde o pouso iria levá-la, não podia imaginar que pudesse subir mais sem se estilhaçar.

Estava errada.

Exceto então que ele parou.

Com uma maldição, ele pareceu ter de se forçar a retrair — e mesmo assim, não foi longe de seu pescoço. Com suas presas fora de sua pele, sua cabeça pendurada ali por mais tempo. Até que começou a lamber as feridas para fechá-las.

Isso não pode ser o fim, pensou freneticamente. Isto não pode estar-

—Sinto muito, — disse ele com uma voz gutural.

—Por favor... por favor, — disse ela com voz rouca. — Não pare...

Isso fez com que levantasse a cabeça e a olhasse. E, querida Virgem Escriba, ele estava magnífico. Lábios grossos separados, olhos negros brilhantes, um vermelho sobre suas bochechas, ele estava ao mesmo tempo saciado e faminto, o animal macho apenas parcialmente alimentado.

E ela estava bem consciente de que parte de sua refeição estava faltando.



Entretanto, quando ela tentou alcançá-lo, suas mãos a empurravam contra uma algema de ferro.

— Tome-me, — ela implorou. — Lá em baixo... Eu preciso de você lá.

— Jesus Cristo, — ele cuspiu enquanto se afastava dela, praticamente se atirando da cama. De pé, pareceu perder a coordenação, mas então se afastou para o banheiro e fechou a porta.

Frio correu sobre ela. E não apenas porque o seu corpo já não cobria o dela. Era vergonha. Constrangimento.

Mas como ela poderia ter chegado a cometer esse erro?

Sentar-se requereu um par de tentativas. E quando ela estava finalmente fora os travesseiros, ela arrumou a bagunça de seu cabelo e puxou as lapelas de sua túnica de volta no lugar. Girando-se, olhou para onde ela esteve. O sangue dela era uma mancha vermelha brilhante nos lençóis brancos.

Seu pulso ainda sangrava onde ela tinha rasgado.

Cuidando com sua própria língua, jogou as pernas para fora da cama. Sentiam-se muito fraca para segurar o peso dela, mas ela não tinha escolha, exceto colocá-las para trabalhar.

Caminhando a porta do banheiro fechada, colocou a mão sobre os painéis. Do outro lado, podia ouvir a respiração difícil dele.

Quando abriu a boca, com a intenção de se desculpar por sua ousadia e, em seguida, partir – tomou uma profunda inspiração.

O cheiro de sua excitação sexual estava forte como sempre, e ela franziu a testa. Ele ainda a queria. Então, por que se ele...

Pelo menos sua mortificação poderia aliviar um pouco. — Trez?

— Eu sinto muito.

Testando a maçaneta, descobriu a porta destrancada, mas quando começou a abrir a porta, ele gritou: — Não! Não.

Enquanto o perfume de excitação crescia ainda mais forte no nariz, ela olhou para dentro. Ele estava do outro lado, apoiado contra a pia, sua cabeça baixa. E todo o tormento pelo qual estava passando, ficou evidente em seu corpo onde ele estava.

Sua ereção era... tão incrível como o resto do corpo.

— Feche a maldita porta! — Ele gritou.

Só que ela não obedeceria isso. Não após sua visita ao cemitério acima. Não após ter sido lembrada recentemente, esta manhã exatamente, o que estava esperando por ela: Seu corpo estava apenas começando seu processo de morte, mas ela sabia muito bem que uma vez que as articulações comesçassem a triturar, o tempo seria essencial.

Esta poderia ser sua única oportunidade de estar com um homem – e ela queria isso. Na verdade, ela ainda o teria querido mesmo que o seu futuro não estivesse respirando no seu pescoço.

E o seu corpo desejava o dela. Claramente.

Por todas estas razões, ela empurrou a porta completamente aberta.



— Puta que pariu, — ele murmurou. Depois, mais alto: — Selena, *por favor*.

—Eu quero... isso.

Sua cabeça balançou. — Você não quer.

—Eu quero... você.

— Você não pode — Pelo amor de Deus, Selena, eu te feri.

— Você não me feriu.

Ele olhou para os músculos esculpidos de seu braço. Seus olhos estavam brilhando verde. — Não me empurre agora. Você não vai gostar do que acontecer.

—Você vai me fazer implorar?

Seu corpo enorme balançou, como se ela tivesse sugado a sua força, em vez de ter lhe dado mais. — Não faça isso para qualquer um de nós, Selena. Hoje não.

Ela franziu o cenho. — Hoje à noite?

Ele pegou uma toalha e enrolou em torno de seus quadris. — Basta ir. Estou muito agradecido... você me deu o que eu precisava. Mas eu não posso fazer isso agora.

Dando-lhe as costas, ele ficou ali, olhando para uma parede em branco.

Selena puxou as lapelas mais perto. — O que o aflige...

— Pelo amor do fodido Deus, eu já estou fodendo com os meus pais, ok? Eu não quero adicioná-la à lista.

—Do que você está falando?

Quando ele não respondeu, ela foi até ele, seus sapatos com sola de pano fazendo nenhum som. Quando ela tocou seu ombro, ele pulou.

— Trez.

Ele se virou e recuou ao mesmo tempo, batendo na parede. — Por favor.

— Fale comigo.

Seus olhos frenéticos correram por rosto, os ombros, o corpo dela. — Eu não quero falar agora. Eu quero...

— O quê? — Ela sussurrou.

— Você sabe o que... amaldiçoou-me ao inferno... Eu quero você. Então, você realmente tem que sair, caralho.

Eles olharam um para o outro por muito tempo. E então ela decidiu tomar o controle.

Alcançando o laço na cintura, as mãos de Selena tremiam enquanto ela o tirava de sua volta e deixava cair a faixa no chão. Desenrolando-se a túnica se abriu, expondo o centro de seu corpo, os seios doloridos e ela pegando as duas metades e as segurou.

Mas seu sexo estava exposto. E os olhos dele desceram... e ficaram lá.

Os lábios de Trez se separaram, suas presas desceram novamente; e agora ela era quem tremia, enquanto seu núcleo respondia ainda mais, florescendo entre as pernas, como o envio de uma chamada.

Ao que ele respondeu ao cair de joelhos.

Ela não tinha certeza do que ela esperava, mas não foi o que ele fez em seguida.

Estendendo a mão, ele deslizou as mãos sob as metades da túnica em sua cintura. Calor foi



sua primeira impressão – e que foi seguida por uma sensação elétrica imediata, um chiado que foi transmitido dele para ela através de suas grandes palmas.

Ele era tão alto que sua cabeça ficava logo abaixo dos seios, e tudo o que ela pode pensar em fazer foi passar as mãos sobre a seus suaves, encaracolados cabelos –

Ela perdeu a iniciativa, quando sua boca roçou seu esterno. E então sua barriga superior. E então seu umbigo.

Ele estava deslizando-se para trás em seus calcanhares enquanto descia, e ela... ele iria –

Selena gemeu e quase caiu quando ele acariciou o topo de seu sexo nu com os lábios; seu aperto em sua cintura era a única coisa que a mantinha de pé.

O farejar era suave e gentil, com o rosto e o nariz esfregando em sua pélvis, os lábios beijando fora de sua fenda.

E ela queria mais.

Assim quando ela estava tentando formar palavras, sua língua esticou para uma lambida sondagem, a invasão tão lânguida, ela não estava assustada com o quão estranho era. E então ele voltou, reentrando, saboreando-a outra vez.

Ele estava ronronando agora.

Caindo para frente, ela colocou as mãos em seus ombros e ampliou sua postura – mesmo quando ficou impaciente com o esforço que levou para ficar em pé: Ela queria toda a sua concentração sobre ele e no que ele estava fazendo com ela. Preocupar-se com o equilíbrio e a coordenação –

Ele resolveu o problema, erguendo-a do chão e a deitando sobre o tapete de pele na frente da banheira com pés.

Dando-se conta de até onde isso iria, ela colocou os braços sobre a cabeça e arqueou as costas, os seios empinando e deixando cair as metades da veste, o corpo revelado a ele.

— Puta que pariu, — ele sussurrou enquanto seus olhos viajavam do topo de sua cabeça para os mamilos apertados... passando pela superfície plana de sua barriga, por seu sexo e suas pernas.

Sua mão escura era um contraste com a palidez de sua pele quando ele desenhava um curso preguiçoso de sua clavícula até um de seus seios. Capturando o peso na palma da mão, ela gemeu e ondulou, com os joelhos dobrando... e caindo aberta.

Sua toalha caiu longe de seu corpo, expondo a sua beleza sem pelos e seu sexo formidável.

—Tome-me, — ordenou a ele. — Ensina-me.

Capítulo 30

As lágrimas do seu irmão cheiravam como chuva de verão no asfalto ainda quente.

Enquanto Wrath espreitava o caminho de volta ao centro de treinamento, cada palavra que ele e Tohr tinham compartilhado, cada sílaba, e todos os silêncios ressonaram como dores depois

de uma briga: Dentro de seus ossos, até a sua medula, ele sentiu os resquícios da conversa que eles tiveram na piscina.

Um comentário continuava voltando para ele.

Elas são tão vazia sem um bebê como nós somos vazios sem elas.

Foi provavelmente a única coisa que realmente impulsionou todo o seu medo: Para ele, acordar sem Beth tinha sido o pior tipo de descoberta – e se era assim que ela se sentia sem um bebê, então seria um trabalho extraordinário de *cama negligenciada* para a ambos.

Olhe para ele. Estava numa vida que odiava, e estava numa curta alucinação psicótica. Não queria isso para ela – e ele sabia muito bem que estar com a pessoa que você amava não era o suficiente, se você fosse honesto, em última análise infeliz.

O problema? O fato de que ele ter visto as coisas onde ela estava não mudou toda a merda que ele estava preocupado. Ele só o fez sentir a sua incompatibilidade ainda mais visceralmente.

George espirrou.

Wrath moveu as mãos sobre o cabresto, inclinou-se e deu um tapinha no flanco do cão. — Este corredor fechado sempre afeta o seu nariz.

Deus, o que diabos ele ia fazer? Supondo que ela estava entrando em sua necessidade que era... mas talvez ele estivesse errado e isto iria salvá-los. Entretanto isso seria por quanto tempo? Mais cedo ou mais tarde ela iria se tornar fértil.

Quando George sinalizou que era o momento de parar e ir até as escadas baixas, Wrath digitou o código, abriu o caminho, e um momento depois, estavam no hall de entrada e chegando à base da grande escadaria. A primeira refeição já tinha sido servido, a Irmandade lá falando, as vozes profundas e altas. Fazendo uma pausa, ele escutou o grupo e pensou naquela noite da transição de Beth. Ela saiu do porão da casa de Darius, e ele confundiu as mentes de seus irmãos, tomando-a em seus braços na frente deles.

Fazia sentido. Naquela época, eles nunca o tinham visto assim em torno de uma fêmea.

E quando ele voltou da cozinha com o bacon e chocolate que ela precisava para satisfazer seus desejos pós-transição, a Irmandade estava de joelhos ao seu redor, suas cabeças inclinadas, seus punhais cravados no chão de madeira.

Eles a haviam reconhecido como sua futura rainha. Mesmo que ela não soubesse disso na época.

— Meu senhor?

Wrath olhou por cima do ombro com uma careta. — Ei, o que está fazendo aí, conselheiro?

Quando Saxton se aproximou, seu cheiro era todo sobre nada-bom. — Eu preciso falar com você.

Por trás de seus óculos esportivos, Wrath fechou os olhos. — Tenho certeza que você precisa, — ele murmurou. — Mas eu tenho que ir para minha Beth.

— É urgente. Acabei de vir de...

— Olha, sem querer ofender, mas eu negligenciei minha *shellan* na última... merda, eu não sei quanto tempo. Hoje à noite, ela vem em primeiro lugar. Quando eu terminar, se houver tempo, vou subir. — Inclinou a cabeça para baixo. — George. Leve-me para Beth.



— Meu senhor, ...

— Assim que eu puder, meu homem. Mas nem um segundo mais cedo.

Com eficiência rápida, ele e seu cachorro correram até a grande escadaria e se dirigiram para a porta que levava ao terceiro andar.

Vindo do nada, uma sensação cambaleante o fez tropeçar em seus pés, até que teve que levantar a mão e tocar a parede.

A estranheza passou assim como chegou, corrigindo seu equilíbrio, seus shitkickers mais uma vez firmes no chão.

Ele virou a cabeça para a esquerda e para a direita, como fazia quando ainda tinha alguma visão para verificar. Não havia nada vindo para ele, no entanto. Ninguém empurrando-o por trás. Nenhuma rajada louca de vento soprando da sala de estar do outro lado do corredor. Nenhum brinquedo para tropeçar no chão.

Estranho.

E seja o que for. Ele só queria chegar à sua Beth – e ele percebeu que ela estava lá em cima, em seus aposentos privados.

Esperando por ele.

Quando ele começou a subir a escadaria final, ele pensou em seus pais. No que sido tinha dito, que lhe queriam muito. Sem discórdia sobre essa questão. Ele havia sido desejado e trabalhado e dado a eles por fatalidade, o destino, ou sorte.

Desejou que ele e sua Beth estivesse na mesma página que essa. Ele realmente desejou.

Quando Anha ouviu seu nome a uma grande distância, se sentiu como se estivesse se afogando.

Sugada profundamente para a inconsciente, sabia-se ser convocada, e queria responder ao chamado. Era seu companheiro, seu amado, seu hellren que falava com ela. E ainda assim ela não podia alcançá-lo, ela estava presa por algum grande peso que se recusava a deixá-la ir..

Não, não um peso. Não, era algo que introduziu-se em seu corpo, algo estranho à sua natureza.

Talvez o bebê? perguntou-se com horror.

Mas não era suposto ser assim. A criança que ela havia concebido em seu ventre era para ser uma bênção. Um golpe de sorte, um presente da Virgem Escriba para garantir o próximo rei.

E ainda que tivesse sido após sua necessidade que ela passou a sentir a doença. Ela havia escondido os sintomas e a preocupação, tanto quanto pode, protegendo seu amado da preocupação que tinha florescido dentro dela. Ela perdeu a luta no entanto, havia caído no chão ao seu lado no festival...

A última coisa que ouviu claramente foi ele chamando seu nome.

Engolindo em seco, ela provou o familiar vinho encorpado do sangue dele, mas o poder que a invadia com o sorver de sua veia não veio.

A doença reclamava-a, pedaço por pedaço, lhe roubando o corpo docente e funções igualmente.

Ela ia morrer do que quer que isso fosse.



Adeus – ela queria dizer adeus ao Wrath. Se ela não podia reverter esta situação, pelo menos ela poderia oferecer a ela doce amor enquanto ela ia ao Fade.

Reunindo os resquícios de sua força de vida, ela puxou contra a corda que bloqueava-lhe a passagem, puxando com desespero, rezando pela força que ela precisava para vê-lo uma última vez.

Em resposta, as pálpebras levantaram lentamente e só parcialmente, mas sim, ela viu seu amado, de cabeça baixa, seu corpo sacudindo ao lado de sua cama plataforma cama.

Ele estava chorando abertamente.

Sua mente comandou sua mão se estender, a boca abrir e falar, sua cabeça para virar a ele.

Nada se moveu; nada foi proferido.

A única coisa que aconteceu foi uma única lágrima que se reuniu no canto de seu olho, crescendo até que ele perdeu a prensão de seu cílio e deslizou por sua bochecha fria.

E então estava feito, suas pálpebras fecharam novamente, seu adeus dado, a sua força acabada.

No mesmo instante, um nevoeiro branco evaporou dos cantos do campo negro de sua visão, as espirais flutuando dele substituindo a cegueira que caiu sobre ela. E, saindo de suas ondas enroladas e iluminação estranha, uma porta chegou até ela, avançando como se nascesse da nuvem.

Ela soube sem ser dito que, se abrisse, se estendesse a mão para a maçaneta de ouro e abrisse a porta, ela seria bem-vinda ao Fade – e não haveria como voltar atrás. Ela também tinha uma convicção de que, se não agisse dentro de um prazo fixado, perderia sua chance e se perderia no In Between

Anha não queria ir.

Ela temia por Wrath sem ela. Havia tão poucos para se confiar na corte – tantos para ser temidos.

O legado deixado por seu pai tinha sido um decadente. Isso só não esteve evidente no início.

— Wrath... — ela disse ao nevoeiro. — Oh, Wrath...

O tom ansioso em sua voz ecoou, retornando a seus próprios ouvidos, assim como na paisagem de branco sobre branco.

Olhando para cima, ela tinha alguma esperança de que a Virgem Escriba apareceria em sua túnica esplendorosa e teria pena dela.

— Wrath...

Como ela poderia sair da Terra, quando tanto dela seria deixado para trás.

Anha franziu o cenho. A porta a sua frente pareceu ter se recuado. A menos que ela tenha imaginado?

Não, ela estava recuando. Lentamente, definitivamente.

— Wrath, — ela gritou. — Wrath, eu não quero partir! Wraaaaaaaaaaath.

— Sim?

Anha gritou quando se virou. No início, não tinha ideia do que a estava confrontando: era um menino de talvez sete ou oito, de cabelo preto, de olhos lívidos, seu corpo tão dolorosamente



magro, seu pensamento imediato foi de que ela deveria alimentá-lo.

Quem é você?!— Ela resmungou. E mesmo que não soubesse. Ela soube.

—Você me chamou.

Ela colocou a mão sobre o ventre. — Wrath...?

— Sim, mahmen. — O jovem focado na porta com os olhos que pareciam antigos. —Você vai atravessar ao Fade?

—Eu não tenho escolha.

— Mentira.

—Estou morrendo.

— Você não precisa.

—Estou perdendo a luta.

—Beba. Beba do que está em sua boca.

— Não posso. Não consigo engolir.

A cadência de suas palavras foi aumentando, cada vez mais rápido, como se ele soubesse que ela estava correndo contra o tempo... e, por extensão, ele também.

Aqueles olhos dele, de um verde tão límpido... e havia algo estranho sobre eles. As pupilas eram muito pequenas.

— Eu não posso beber, — ela repetiu. Querida Virgem Escriba, sua mente estava confusa além da medida.

—Siga-me, e você será capaz de fazer.

—Como?

Ele estendeu a mão para ela. — Venha comigo. Vou levá-la de volta para casa, e então você vai beber.

Ela olhou para a porta. Havia uma atração para ela, uma tração que lhe dava vontade de alcançar e completar o ciclo que começou assim que ela tinha desmaiado ao chão.

Mas o que ela sentia por seu filho era mais forte.

Afastando-se, ela deu as costas para a porta. —Me retorne ao seu pai?

— Sim. De volta para ele e para mim.

Avançando, ela apertou a mão quente de seu filho, em vez da maçaneta da porta, e teve esperança no que ele fazia, acompanhando-a para fora do nevoeiro branco, longe da morte, que tinha vindo para ela, em direção a...

— Wrath, — ela sussurrou na escuridão reivindicou a ambos.

— Sim?

— Obrigado. Eu não queria ir.

—Eu sei, mahmen. E um dia, você vai me retribuir desta forma.

—Eu vou?

— Sim. E tudo deverá ficar bem.

Ela não ouviu o resto do que ele disse: quando um sistema de sucção a puxou, uma súbita explosão a levou para fora, o impulso de se debater. E então um grande vento bateu em seu rosto, jogando o cabelo para trás, deixando-a sem fôlego.

Anha não sabia onde ela ia acabar.

Tudo o que ela podia fazer era rezar para que o que tinha vindo a ela fosse de fato sua descendência... e não um demônio para a enganar. A única coisa pior do que não voltar seria ser roubada de uma eternidade com aqueles a quem ela amava...

— Wrath, — ela gritou para o turbilhão. — Wraaaaaaaaaaath...!

Capítulo 31

Trez sabia que nada disso deveria estar acontecendo.

Não do jeito que ele havia tomado da garganta de Selena ao invés de seu pulso. Não aquele louco de merda na cama. E realmente, totalmente não para o fato de que ela estava no tapete de pele, seus seios nus para sua vista, seu sexo pronto para a tomada, seu cheiro todo sobre a excitação.

— Me tome, ela disse com a voz mais sexy que ele já ouviu. — Ensine-me...

O olhar dela estava morto para as marcas dele, e em algum nível, ele não entendia. Ela o havia recusado antes, e então... agora ela o queria?

Quem se importava. Sua ereção pulsava. Quem se importava! Tome-a! Ela nos quer!

Nós. Como se houvesse duas partes dele. E, na verdade, aquilo não era tão imbecil como parecia. Seu pênis estava, de fato, falando por si mesmo nesse momento.

— Selena, ele gemeu. — Você tem certeza? Se eu tomar mais de você, em qualquer lugar... não serei mais capaz de parar.

Inferno, ele mal estava se segurando para essa pausa.

Ela estendeu a mão e passou-a pelo seu antebraço, acariciando-o. *— Sim.*

— Eu não deveria estar fazendo isso, ele se ouviu dizer.

Cale a boca! Sente-se!

Ótimo, agora ele estava canalizando o pai de Howard Stern¹²⁰.

— Selena, eu não... sou digno disso.

— Eu quero você. E isso faz de você digno.

Eu lhe disse para não ser estúpido, seu idiota.

Sim, esse foi definitivamente Ben Stern.

Trez fechou seus olhos e vacilou, pensando que parecia uma maldita cruel reviravolta do destino o oferecimento disso nessa noite.

— Por favor, ela disse.

Ah, foda-se. Como ele ia dizer não para ela?

Quando ele abriu os olhos novamente, ele não sabia como iria levar ambos através do sexo em uma parte. Era o pior momento possível para abrir essa lata de vermes, mas ele não iria se

¹²⁰ Howard Stern é um apresentador e radialista Americano. Seu pai, Ben Stern, um senhor de mais de 80 anos, costuma "aparecer" de surpresa em seus programas, e criticar a performance do filho ou dos convidados do show.

afastar dela: Ele era bruto em lugares que ele não gostava de admitir até para si mesmo, e isso ia ser um Band-Aid, algo que iria ajuda-lo.

Mesmo que apenas temporariamente.

E pelo menos ele poderia fazer o máximo possível para torna-lo bom para ela.

Movendo-se para cima de Selena, ele apoiou os braços de cada lado do seu corpo ondulante e lentamente, inexoravelmente, trouxe sua boca para baixo até que ele estava a apenas um milímetro acima da dela.

—Não há volta, ele rosnou.

Ela cruzou os braços atrás do pescoço dele. —Sem arrependimentos.

Bastante justo.

Para selar o acordo, ele a beijou, roçando sua boca contra a dela, enchendo-a até que ela abriu-se sozinha. Sua língua já havia penetrado em seu sexo – mas somente em um grau. Inferno, ele havia se chocado com aquela lambida. Agora? Não havia como se segurar. Ele estendeu-se nela totalmente, fundindo sua boca com a dela, inclinando a cabeça para o lado enquanto ele se afundava contra seus lábios.

Foi a dicotomia mais estranha. Ele estava tão pronto para leva-la, preparado para dividir suas pernas largamente e ir para aquele quente, e úmido lugar entre suas coxas – e sim, ele queria marca-la internamente com o seu gozo, deixar seu cheiro todo sobre ela, dentro e fora, fazer isso para que nenhum macho ousasse tocá-la, olhá-la.

No entanto, ele tinha todo o tempo do mundo para este beijo.

Então novamente, ela era doce como vinho gelado, suave como uma dose dupla de bourbon, inebriante como vinho do porto. E ele estava bêbado antes mesmo de levantar a cabeça para respirar.

Mas ele não ia ficar para sempre. Havia um outro lugar para o qual ele queria voltar.

Conforme ele beijava seu caminho para baixo até seu pescoço, ele se arrependeu das marcas grosseiras que tinha deixado em sua veia, e as roçou com seus lábios, uma vez, duas vezes.

—Sinto muito, — ele disse, bruscamente.

—Pelo quê?

Ele teve que refocar seus olhos com aquela voz rouca dela penetrando sua neblina – e prontamente o excitando ainda mais. O que ela tinha perguntado...oh, sim.

—Eu não deveria ter sido tão bruto.

—Bem, eu não me importei de ser pressionada. Mesmo.

Eeeeeeeeeeeeeee aquilo não o levou a ver em dobro?

—Você vai voltar para onde você estava? — ela perguntou.

Foda-se, sim. —Sim...agora mesmo. Se você quiser —

A ondulação de seu corpo e aquele gemido foi o melhor “eu quero” que ele já havia ouvido.

Tentando manter uma coleira em sua besta interior, ele beijou seu caminho até a clavícula e, em seguida foi para trás e apenas olhou para ela. Seus seios eram a coisa mais linda que ele já tinha visto: Ela era perfeitamente construída, seus mamilos apertados em cima de pálidas ondas, sua pele suave, sua respiração uma provocação ao seu autocontrole.

Ele era tão cuidadoso quanto havia sido com sua boca.

Estendendo sua língua, ele lambeu um círculo em torno de seu mamilo – e pelo jeito que as mãos dela se lançaram para seu cabelo, ela havia aprovado.

—Oh... ela gemeu.

Ele sorriu antes de chupá-la. Chupando-a, ele relaxou para o lado e passou uma mão pela sua cintura, seu quadril, sua coxa...a parte interior de sua coxa.

Ela abriu caminho para ele como a água, o corpo dela frouxo e confiante enquanto ele sugava e avançava com seu toque mais alto, e mais alto. Ele estava quase no seu centro, e planejando exatamente onde acaricia-la, quando – A imagem de uma humana invadiu o espaço entre suas orelhas.

De primeira, ele não conseguia descobrir o que diabos o seu cérebro havia cuspidido... mas então ele reconheceu a mulher aleatória, como uma que ele havia traçado na parte de trás de um carro a mais de um ano atrás. E a clareza era uma assassina. Ele viu tudo em HD, a mancha de batom em seus dentes da frente, as manchas de rímel sob seus olhos, sua espanhola mal feita, onde um de seus mamilos ficava torto.

Mas nada disso foi a pior parte.

Não, o pior foi o jeito como sua cabeça se movia para cima e para baixo, para cima e para baixo – porque ele estava dentro dela. Seu pau estava em seu sexo, entrando e saindo, o ritmo indo mais rápido, para que ele pudesse gozar e terminar com a sessão.

Sua ereção, a que ele estava se preparando para escorregar em Selena, esteve em uma fossa. Esteve em...centenas de mulheres humanas sujas que não faziam sexo seguro ou testes de DST, ou mesmo já tinham contraído AIDS por deixar vagabundos como ele ir em suas calcinhas.

O fato de que ele não poderia contrair suas doenças não importava nem um pouco.

Imundície era imundície.

Empurrando para trás, ele sibilou e fechou os olhos, tentando ordenar uma evacuação para toda aquela merda.

—Trez?

—Desculpe, eu... Balançando a cabeça, ele refocou0se em seus seios – e sentiu náuseas de ódio por si mesmo. —Eu só estou –

Outra mulher humana abordou seu cérebro, a agente imobiliária com quem havia transado no armazém que ele havia acabado de comprar: Imaginou as mãos espalhadas contra a parede enquanto ele a fodia por trás, seu anel de casamento piscando.

—Sinto muito — ele grunhiu. E então balançou ainda mais a cabeça, com as memórias que eram com os objetos que ele poderia derrubar sua mesa de consciência. —Eu estou...

Em rápida sucessão, ele viu a morena que ele deixou chupá-lo em seu escritório. A ruiva que e a loira com as quais havia transado no banheiro do clube. O trio com essas meninas da faculdade, a Gótica no cemitério, a garçonete do Sal¹²¹, a farmacêutica quando ele havia buscar

¹²¹ Restaurante do iAM.



Quando a avó voltou para o seu próprio alimento, ele poderia jurar que havia um leve sorriso na boca.

— Eu apenas estou esgotada — Marisol se levantou e pegou seu prato. — Eu sinto como se eu pudesse dormir para sempre.

Não vamos falar disso, ele pensou enquanto se levantava.

Depois que ela beijou o rosto de sua avó e falou em sua língua materna, ele a seguiu, colocando os pratos na pia, e depois foi até a mala. Ele queria colocar um braço ao redor dela. Ele não o fez. Ele, no entanto, pegou a bagagem, quando ela foi até lá.

— Permita-me, — disse ele.

A facilidade com que ela cedeu disse-lhe que ela estava ainda com dor. E assumindo a liderança, ele a levou para a escada. Havia dois conjuntos: um que levava até seu quarto, outro que ia até para o porão, onde havia cinco quartos.

A avó e os primos estavam no nível mais baixo.

Olhando por cima do ombro, ela estava silenciosa e grave atrás dele, com os olhos e ombros caídos de um cansaço que era mais do que físico.

— Eu lhe darei meu quarto, — ele disse a ela. — Privativo.

Não seria bom para ele ficar com ela. Não com a avó na casa.

Apesar de que era onde ele queria estar.

— Obrigada, — ela murmurou.

Antes que ele soubesse o que estava fazendo, ele abriu a porta reforçada para fora do caminho, expondo as escadas polidas de mármore preto e branco.

Ah ... merda, pensou.

— Detectores de movimento, hein, — disse ela, sem perder um lance.

— É verdade.

Quando ela subiu os degraus, Assail tentou não notar os movimentos do corpo dela. Parecia um desrespeito, especialmente porque ela estava mancando.

Mas querida Virgem Escriba, ele a queria mais do que qualquer coisa ou qualquer pessoa.

Seus aposentos ocupavam todo o andar superior, um espaço octogonal com vista de trezentos e sessenta graus do rio, o distante núcleo urbano de Caldwell, os bosques à oeste. A cama era uma circular com uma cabeceira curva, colocada em plataforma no centro da sala, sob um teto de espelho. Os móveis eram todos embutidos: armários de nogueira serviam como mesas laterais, escrivaninha e criado mudo, e absolutamente nada disso ficava no caminho das paredes de vidro.

Tocando num interruptor ao lado da porta, ele abriu as cortinas, que deslizaram diante de seus compartimentos ocultos, ondulando enquanto travavam no lugar.

— Para sua modéstia, — disse ele. — O banheiro é por aqui.

Ele chegou em torno de um batente da porta e virou outro interruptor. O esquema de cores do quarto era de amêndoas e creme, e era repetido nos pisos de mármore, nas paredes e balcões de banheiro. Engraçado, ele nunca tinha pensado de uma forma ou de outra sobre a decoração,



mas agora ele estava feliz pelos os tons calmantes. Marisol merecia a paz que ela tinha ganhado em suas batalhas duramente conquistadas.

Enquanto ela caminhava pelo banheiro, seus dedos flutuaram sobre as veias no mármore como se ela estivesse tentando se acostumar.

Girando ao redor, ela o encarou. — Onde você vai dormir?

Sem hesitar sua posição, ele, no entanto, limpou a garganta. — No andar de baixo. Em um quarto de hóspedes.

Ela cruzou os braços sobre o peito. — Não há outra cama aqui em cima?

Ele sentiu as sobancelhas se levantar. — Há um sofá-cama.

— Você pode ficar? Por favor.

Assail encontrou-se limpando a garganta novamente. — Você tem certeza que é adequado com a sua avó aqui?

— Eu vou ficar tão ansiosa se estiver sozinha, que eu não serei capaz de dormir.

— Então, terei prazer para acomodar o pedido.

Ele só tinha que ter certeza de que era apenas isso que faria...

— Ótimo. Obrigada. — Ela olhou para a banheira de hidromassagem por baixo da sua janela. — Isso parece incrível.

— Deixe-me enchê-la para você. — Ele saiu e dobrou as alças de bronze, a água cristalina corria clara e em breve ficou quente. — É muito fundo.

Não que ele não a ajudaria.

— Há também uma cozinha pequena por aqui. — Ele abriu uma porta escondida, revelando uma geladeira, micro-ondas e cafeteira. — E há mantimentos no armário acima, se você ficar com fome.

Na verdade, ele era um mestre do óbvio, não era?

Silêncio constrangedor.

Ele fechou o pequeno gabinete. — Vou esperar lá embaixo, enquanto você cuida de suas necessidades.

O colapso da Marisol chegou sem preâmbulo, os soluços se acumulando em seus ombros enquanto ela colocava a cabeça entre as mãos e tentava segurar o choro.

Assail não tinha experiência em reconfortar fêmeas, mas ele foi até ela, sem perder um minuto. — Querida, — ele murmurou, quando ele a puxou contra seu peito.

— Eu não posso fazer isso. Não está funcionando, eu não posso.

— Não pode o quê? Diga-me.

Abafada em sua camisa, sua resposta foi bastante clara. — Eu não posso fingir que não aconteceu. — Ela levantou a cabeça, seus olhos luminosos pelas lágrimas. — É o que eu vejo cada vez que eu fecho os olhos.

— Shh... — Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Está tudo bem.

— Não está...

Colocando seu rosto em suas mãos, ele sentiu tanta raiva e impotência. — Marisol...

Em vez de uma resposta, ela agarrou os pulsos apertando-os e na calma que se seguiu, ele tinha a sensação de que ela estava pedindo algo dele.

Querido Deus, ela queria alguma coisa dele.

Foi no silêncio do corpo dela, na selvageria de seu olhar, que algo caiu em cima dele.

Assail fechou os olhos por alguns instantes. Talvez ele estivesse interpretando mal este sinal, mas ele achava que não, embora, de qualquer forma, ela não poderia ser levada em conta, mesmo que houvesse expressado o pensamento com palavras, dado tudo o que tinha passado.

Ele deu um passo para trás. — A banheira está quase cheia, — disse ele asperamente. — Eu irei verificar as acomodações de sua avó, ok? Chame-me se você precisar de alguma coisa antes de eu voltar.

Indicando o interfone em casa, ele rapidamente fez a sua saída, fechando a porta atrás de si. Caindo para trás contra a porta, ele queria bater com a cabeça várias vezes, mas não queria alertá-la de seu conflito.

Passando uma mão na frente da calça, ele pretendia reorganizar sua ereção em uma posição, mas o contato imediato foi feito, ele gemia e sabia que precisava deixar as coisas socialmente aceitáveis.

Ele quase não conseguiu descer para o banheiro que ficava no escritório do primeiro andar. Trancando a porta, ele apoiou as mãos sobre o mármore da pia e abaixou a cabeça.

Ele durou menos que três batimentos cardíacos rápidos.

O cinto caiu desfeito com o entusiasmo de tecido caindo aos pedaços, e os fechos de suas calças estavam tão apertados — e, em seguida, seu pênis, seu pênis duro como pedra, pulsando explodiu para fora de seus quadris.

Mordendo o lábio inferior, ele espalmou a si mesmo e começou a acariciar seu peso inclinando-se sobre o braço, até o prazer intenso ao ponto de dor.

O gemido que ele soltou ameaçou denunciá-lo, mas não havia nada a ser feito sobre isso. Ele foi longe demais no buraco do coelho para parar ou até mesmo alterar o curso ou a sua resposta.

Mais rápido, para cima e para trás, até que morder o lábio não foi suficiente: Ele tinha que virar a cabeça em seu braço e morder seus bíceps, suas presas afundando profundamente no músculo através de sua camisa.

O orgasmo o golpeou com força, os picos afiados como facas entrando nele, as ejaculações capturadas na palma da mão livre, enquanto ele se cobria.

Mesmo no auge da liberação, ele honrou sua Marisol: Ele deliberadamente manteve todas as imagens fora de sua mente, determinado a fazer isso apenas um ato físico.

Quando acabou, ele não estava nem um pouco aliviado.

E ele se sentia sujo mesmo depois de ter se limpado.

Capítulo 32

Beth encontrou o kit de medicamentos na pia do banheiro. Após se estressar sobre a condição da mesa de sinuca e tudo mais, ela foi até lá em cima e imediatamente atravessou o quarto para tomar um banho – onde ela havia descoberto o estojo de couro preto no balcão entre a pia dela e a de Wrath.

No começo, ela pensou que era um estojo de um dos pares de óculos de Wrath, exceto que era suave, não duro.

E foi quando ela estendeu a mão para pegar a coisa que a primeira onda atingiu.

Calor, e um ar úmido florescia por todo o corpo, na parte de trás do pescoço até os comprimentos de suas pernas, do rosto até a garganta, pela barriga e para baixo pelo seus pés.

Como se ela já houvesse ligado o chuveiro.

Tentando afastar as sensações, ela abriu as duas metades e abriu o kit. Não eram óculos de sol, não. Em vez disso, havia um frasco de vidro com um líquido claro nele, e três seringas, tudo amarrado como se estivessem indo para um passeio de carro, e seguindo as leis do cinto de segurança. O rótulo do frasco pequeno estava disfarçado e ela torceu as coisas no lugar para ver o que dizia.

Morfina.

Ela nunca tinha visto nada parecido com isso, em qualquer das coisas de Wrath. E não foi difícil extrapolar que ele poderia ter ido até a doutora Jane ou ao inferno, mesmo Havers, para se prepararem para o evento pelo qual ela iria atravessar.

Outra explosão de calor veio sobre ela, e ela franziu a testa para o ar condicionado acima de sua cabeça. Talvez Fritz necessitava examinava os sistemas de climatização.

Quando seus joelhos cederam sem qualquer aviso, ela mal teve tempo de se apoiar no balcão, espalhando o kit pela pia de Wrath, seus dois frascos de perfume Chanel derrubados. Com o gemido de um animal ferido, tentou se levantar, mas seu corpo não ouvia os sinais.

Estava em seu próprio caminho.

Um tremendo poder vulcânico explodiu para fora dela, roubando-lhe a força para manter-se fora do chão. Caindo, ela se enrolou toda, segurando a barriga, levantando os joelhos contra o peito. O mármore frio mal registrava porque o incêndio florestal sob sua pele, movia-se para um impulso, para uma necessidade sexual avassaladora que exigia uma e apenas uma coisa.

Seu companheiro.

Lançando-se de costas, ela virou-se para o outro lado, e depois deitou sobre a sua barriga. Arranhando o chão liso, ela esfregava as coxas, tentando encontrar algum alívio, um pouco de descanso da dor que estava tomando conta de tudo.

Quantas horas? Tentou pensar — quantas horas Layla disse que isso durava?

Vinte e quatro? Não, mais.

Beth gritou quando outra explosão rasgou através de seu corpo, o suor estourava de seus poros, as presas desciam sua boca.

E isso era apenas o começo, uma parte distante sua sabia disso. Só uma observação — ia piorar: Conforme o tempo passava, os hormônios a tornariam incapaz de qualquer coisa, além da respiração.



Por que ela queria isso?

Loucura.

A necessidade era como um par de punhos que apertava seu corpo, até o ponto que ela achava que teria os ossos quebrados. Não, não, isso iria matá-la — como não poderia? E a necessidade de sexo? Não era nem mesmo a questão de ter um filho. Era uma questão de sobrevivência.

Wrath.

Oh, Deus, ele estava vindo para cá. Assim que terminasse a conversa com Tohr. E ele ia encontrá-la no chão e depois?

Mesmo com o turbilhão de hormônios, ela era capaz de pensar que iria colocá-lo em uma posição horrível — conclusão: ou a servir e viver com as consequências que ele odiava, ou vê-la sofrer.

Que ele nunca faria.

As palmas das mãos arranhavam contra o chão liso enquanto ela tentava se empurrava para cima. Usando a gaveta como uma escada, ela teve que fazer uma pausa, sua visão embaçando, os olhos lutando para se concentrar, num corpo implorando por sexo, que simplesmente não poderia ter.

Antes que ela sucumbisse a isso inteiramente, ela cuidaria das coisas por conta própria.

Suas mãos tremiam tanto que ela fez várias tentativas para pegar o kit, mas, finalmente, ela pegou a e trouxe-o para o chão. Um tempo para mais uma pausa no mármore frio. Mas não muito tempo. As ondas estavam vindo mais e mais rápidas a cada vez.

Tateando com os dedos o frasco de vidro saltou, deslizando para longe.

Ela estava chorando enquanto arrastava seu corpo, depois o braço, a mão.

—Beth, — disse uma voz. — Oh, meu Deus... Beth.

A palma da mão masculina desceu do céu, chegando até ela, buscando-a através de uma névoa fina — e através do pântano, ela lutou para processar os “comos” e os “porquês, exceto que em seguida seu corpo fez a ligação para ela.

Wrath.

Quando seus shitkickers entraram em sua visão, seus hormônios explodiram, respondendo a sua presença por elevar a nota para um nível que era o inferno não só na Terra, mas sob sua pele, fazendo o sangue dela ferver, fazendo—a gritar por sexo que só ele poderia dar dela.

Mas isso nunca poderia encontrar.

—Vá... — ela gritou em voz rachada. Drogue-me... ou me dê

Wrath se ajoelhou com ela. —Beth.

—Dê-me as drogas! Eu vou fazer isso.

—Eu não posso deixa-la.

Encarando-o com um olhar duro, ela não tinha nenhuma energia para lutar com ele. Dê-me as malditas drogas!

O corpo de Wrath tinha começado a responder quando ele subiu as escadas até os quartos — e enquanto estava indo para o banheiro, ele sabia exatamente o que estava fazendo. Além de que

a solução era: cada instinto nele estava rugindo para atender sua fêmea, para aliviar o seu sofrimento da única maneira que importava.

Sacudindo-se, ele caiu de joelhos, batendo em torno dela, seguindo os sons da sua voz e os movimentos espasmódicos do corpo dela contra o chão de mármore. Ela estava incoerente, se contorcendo de dor, perdida para o auge da necessidade.

— Dê-me as malditas drogas!

Levou um momento para o pedido dela fazer sentido, e então ele percebeu que este era um momento da vida em que o caminho apresentado tinha apenas duas bifurcações e em sua mente, nenhuma era boa.

— Wrath... — ela gemeu. — Wrath ... só me drogue.

Ele pensou no kit que havia deixado sobre o balcão. Tudo o que tinha que fazer era abri-lo, encher uma seringa e injetar morfina nela. E então o seu sofrimento seria diminuído.

Apenas parcialmente, uma parte dele apontou.

Um ataque fresco da necessidade esmagou o corpo da Beth, seu suspiro subindo para o volume de outro grito, enquanto seus membros batendo nele enquanto ela se contraía.

Ele não tinha certeza exatamente quando sua mente se resolver. Mas, de repente, as mãos dele estavam nos botões de suas calças, a medicação esquecida, a direção escolhida.

— Espere, *leelan*, — ele grunhiu quando lançou sua ereção. — Espere, eu vou...

Muito foda mesmo.

Exceto enquanto procurava as pernas dela em torno dele, e tentava tirar suas calças jeans, o corpo dela lutava contra ele, as coxas dela se retorcendo e virando no chão, mas quando ele finalmente conseguiu pegar as desgraçadas das pernas dele, ele não perdeu tempo. Ele a obrigou a ficar parada, segurando com as mãos em seus quadris, assim como ele.

Beth gritou seu nome quando ele entrou nela, suas unhas rasgando em seus ombros, os seios empurrando-se contra seu peito. Ele gozou de imediato, suas bolas apertando para cima e, em seguida, liberando, e ele não estava preparado para a resposta dela. Enquanto ela gozava junto com ele, seu sexo o ordenhava, puxando seu todo seu comprimento.

Ele gozou de novo. Tão violentamente, que ele mordeu a própria língua.

Bombeando contra ela, bombeando dentro dela, ele foi duro e selvagem, até que seu corpo tomou uma pequena pausa para se recuperar. E foi quando ele sentiu a diferença que ele tinha feito nela: ela também estava em um breve descanso, a tensão em seu corpo se desenrolando, como se suas próprias moléculas estivessem tomando uma respiração profunda.

Mas antes que ele pudesse parabenizar a si mesmo, ele sentiu algo mais. A tristeza permeava o ar, a tristeza dela o fez parar e inclinar a cabeça para baixo, como se ele pudesse olhá-la nos olhos.

— Não chore, — disse ele asperamente. — *Leelan*, não.

— Por que está fazendo isso? — ela gemeu. — Por que...?

Havia apenas uma resposta. Para esta noite ... e para sempre: — Porque eu te amo mais do que qualquer outra coisa.

Mais do que a si mesmo. Mais do que qualquer futura criança.



Sua mão trêmula roçou seu rosto. — Tem certeza?

Ele responde, começando a se mover dentro dela novamente, as penetrações deslizando dentro e fora de seu sexo liso. E a sua resposta? O som que ela soltou foi parte um ronronar, parte gemido, seus hormônios acionando novamente.

Por alguma razão, ele pensou sobre a visão de Vishous.

Eu vejo que você está em um campo de branco. Branco, branco está ao seu redor e você está falando com um rosto nos céus.

Seu futuro está em suas mãos.

Jesus Cristo, ele se sentia como se o Fade estivesse respirando no seu pescoço, perseguindo-o — e mesmo que isso fosse verdade de todos os seres vivos, ele se sentia como um alvo, como se sua data de vencimento estivesse na próxima esquina.

Ele não quis dizer que Beth ia sobreviver a ele. Muito pelo contrário. A causa mais provável de sua própria morte ... ia ser a dela.

Soltando sua cabeça em seu pescoço, ele levantado os braços sob seu corpo e ficou sério sobre o sexo. Ceder, entregar—se, continuar com isso, era como pular de um penhasco: o salto era a parte mais fácil porque a queda livre não lhe custava nada.

Era a aterrissagem que era uma assassina.

Capítulo 33

Sola fechou os olhos quando afundou seu corpo mais profundamente na banheira. À medida que o nível da água subia até cobrir tudo exceto seu pescoço e cabeça, o calor a fez perceber o quão fria ela estava, e não na superfície de sua pele, mas abaixo em sua medula.

Olhando fixamente para seu corpo na penumbra, ela se sentia separada dele, e ela não era um idiota. Deixar um bandido apalpá-la para que ela pudesse sobreviver a noite havia criado a separação — a coisa agora era... como conseguir uma conexão de volta?

Ela conhecia uma solução segura.

Mas ele a tinha deixado aqui sozinha.

Cara, ela estava com dificuldades em aceitar os conselhos de Assail. Fingir que àquelas horas, que o medo, o horror não tinha existido parecia tão desafiador quanto conseguir através da própria experiência. Mas qual era a outra opção? Ela não conseguia respirar o mesmo ar que sua avó, com tudo o que ela tinha feito e visto na vanguarda do seu cérebro.

Olhando para si mesma mais uma vez, ela moveu suas pernas. Através das ondas ondulantes, o curativo em sua coxa torcendo e distorcendo, coxa torcendo e distorcendo. Alcançando através da água, ela puxou a coisa, o adesivo saindo com facilidade. Ela sabia que não devia deixar a ferida com seus pontos molhados — oops.

Onde diabos Assail a tinha levado para ser tratada? Aquele lugar tinha muito dinheiro, desde o sistema de acesso, a unidade médica e todas as pessoas. Seu cérebro estava tentando entender, e a única conclusão que ela continuava chegando era *do governo*.

Mesmo que ele tivesse rido disso, ela não conseguia pensar em nenhuma outra explicação.

Mas ele não a havia prendido.

Fechando os olhos, ela se perguntou como ele sabia como encontrá-la. E o que exatamente ele tinha feito para Benloise. Merda, aquela imagem de sangue no rosto de Assail, ao redor de sua boca...

Quem seria responsável por Caldwell agora?

Dã.

Levantando a mão para fora da água, ela empurrou seu cabelo para trás. A umidade tinha molhado o seu comprimento, aquecendo a base de seu pescoço, fazendo-a transpirar.

Deus, era tão quieto aqui...

Ela vivia naquela casa com sua avó durante quase dez anos e ela estava acostumada com o barulho de um bairro: carros passando, cães latindo ao longe, as crianças gritando e berrando enquanto eles jogavam basquete em calçadas. Aqui? Somente a água em movimento contra a banheira enquanto ela movia suas pernas ao redor, e ela sabia que o silêncio não era apenas porque não havia outras casas imediatamente ao seu redor. Este lugar tinha sido construído como uma fortaleza, e tinha truques¹²³. Truques de alto nível.

Ela voltou a pensar naquela noite que ela tinha vindo aqui pela primeira vez, a pedido de Benloise. Sua missão era espionar Assail e seu castelo — e o que ela tinha descoberto a tinha confundido: as cortinas estranhas holográficas. As câmeras de segurança. E o próprio homem.

Talvez ela estivesse exagerando. Talvez Assail e seus amigos fossem apenas um grupo se preparando para apocalipse...

Fechando os olhos, ela desistiu de tudo e flutuou na água. Ela poderia ter ligado os jatos, mas seu corpo tinha passado por agitação suficiente, muito obrigado.

Abruptamente, suas emoções borbulharam, muitas para segurar.

Empurrando na posição vertical, água espirrou para fora e bateu no chão. —Droga.

Quanto tempo levaria antes dela se sentir normal? Quantas noites de nervosismo, e distrações durante as refeições, e acessos de choro ocultos isso ia levar?

Saindo, ela agarrou uma toalha branca e macia do balcão e fez uma careta quando ela entrou em contato com sua pele. Era como se seus nervos estavam em alerta máximo, cata-ventos pegando cada roçar do tecido felpudo, cada sopro dos ventiladores acima, todos os arrepios da água evaporando.

—Você é linda.

Seu calcanhar molhado rangeu quando ela girou para a porta. Assail estava de pé nas sombras, uma presença escura e ameaçadora que a fez se sentir mais do que apenas nua.

Houve um momento elétrico quando seus olhos se encontraram.

E então ela deixou cair a toalha. —Eu preciso de você.

¹²³ Dispositivos.

O som dele exalando era tudo sobre um tipo de derrota, mas ela não se importava. Ela podia sentir o chiado no ar entre eles, e sabia que não era unilateral.

—Agora, — ela exigiu.

—Como posso dizer que não, — ele sussurrou com aquele sotaque dele.

Ele veio para ela e segurou seu rosto em suas mãos largas e quentes — e foi um alívio quando ele se curvou e roçou seus lábios contra os dela, atacando sua boca, acalmando-a enquanto a excitava. E então ela estava fora do chão e em seus braços, sendo levada para o quarto.

Com delicadeza incrível, ele a deitou no edredom de pele como se ela estivesse em perigo de quebrar — o que estava muito certo. Mesmo seu corpo respondendo a ele, soltando-se e ficando líquido, ela estava no limite de se quebrar.

Mas isso irá ajudar.

Ela puxou seus ombros para si quando ele se instalou ao lado dela na cama — como se ele estivesse preocupado que a prendendo de alguma forma ela poderia entrar em pânico. Mas ela queria que seu peso prendesse; ela queria a sensação dele pressionando-a no colchão, substituindo a lembrança com a realidade, mudando sua consciência através do contato.

Sola o puxou para ela. Abrindo suas pernas para dar espaço, a ereção por trás de sua braguilha indo direto para seu núcleo, as calças de lã plissada que ele usava arranhando contra sua pele sensível, fazendo-a gemer — de um jeito bom.

Mais com o beijo, sua língua entrando em sua boca, suas mãos indo para seus seios. Ele era melhor do que a água na banheira para suas dores e sofrimentos, especialmente quando ele revirou os quadris contra ela, acariciando seu sexo com a promessa do seu próprio, deixando-a quente, muito quente. E, quando seus mamilos endureceram ao ponto de doer, ele parecia saber o que ela precisava, se separando de sua boca e beijando seu caminho até eles.

Sua língua era preguiçosa quando ele lambeu em torno de um e depois de outro, antes de sugar um e o puxar.

Arqueando pelo prazer, ela acariciou para trás seu cabelo, as ondas grossas lhe dando mais do que suficiente para se agarrar... quando ela olhou para o espelho acima da cama.

E o observou fazendo amor com ela.

—Oh, Marisol... um banquete para os olhos... — Suas pálpebras estavam baixas quando ele levantou a cabeça e olhou para em seu corpo. —Você é o sonho de um homem.

Difícilmente. Ela era magra como um menino, sem nenhum quadril digno de menção e seios que eram apenas grandes o suficiente para precisar de um sutiã — e ainda assim, nesta esta luz fraca, nesta cama circular, debaixo de seu olhar intenso, ela era tão voluptuosa quanto qualquer mulher no planeta, totalmente sexualizada e pronta para ser satisfeita pelo seu homem.

Mesmo que ele não fosse realmente dela.

Deixando cair sua cabeça para baixo, ele deu um pouco mais de atenção aos seus seios enquanto seus dedos flutuavam sobre sua cintura e para o exterior de sua coxa. Para cima e para baixo, ele acariciava sua perna, enquanto ele sugava e cuidadosamente triturava contra ela.

Então, sua mão escorregou entre eles, substituindo sua ereção vestida, passando sobre seu sexo molhado uma vez, duas vezes... e depois esfregando.

Ele reconquistou sua boca enquanto seus dedos mergulharam no interior.

Por uma fração de segundo, ela estremeceu e se endureceu, seu corpo se lembrando da última vez que isso tinha acontecido.

Assail imediatamente parou tudo. Olhando para ela, sua expressão escureceu ao ponto de violência. —O quanto você foi ferida?

Sola apenas balançou a cabeça. Ela não queria falar disso, não quando o alívio estava tão perto que ela podia tocá-lo.

—Marisol. Quanto?

—Pensei que tinhas dito que eu deveria esquecer que isso aconteceu.

Seus olhos estavam fechados, como se estivesse com dor. —Eu não quero você com dor — nunca. Mas, especialmente, não gosto disso.

Deus, ele era lindo, aquelas suas belas feições retraídas em agonia por sua causa.

Ela estendeu a mão e alisou seu rosto, apagando as linhas que tinham sido criadas. —Apenas fique comigo. Torne tudo isso sobre você e não... qualquer pessoa ou qualquer outra coisa. Isso é o que eu preciso agora.

Sempre que Assail pensava que sua fêmea não o surpreenderia mais, Marisol o levava para outro nível mais profundo. Neste caso, a ideia que um homem tinha brutalizado seu corpo sagrado... Virgem Escriba no Fade, seu cérebro literalmente operava como um engarramento de agressão e agonia.

E, no entanto, apenas o seu toque era o suficiente para redirecioná-lo da violência.

—Não pare, — ela sussurrou enquanto ela se aninhava em sua garganta.

Sua ação inocente provocou uma resposta imediata na alimentação dele, seus dentes caindo em sua boca, seu desejo de marcá-la, tomando sua veia era quase tão forte quanto a sua determinação permanente de nunca deixá-la saber o que ele realmente era.

Ela tinha sido traumatizada o suficiente.

Suas mãos foram para sua camisa e a puxou de suas calças. E então ela começou a trabalhar em seu cinto.

Só que ele não pode se distrair. Não até que ele soubesse...

—O que ele fez com você? — ele exigiu.

Como Marisol ainda continuou imóvel, uma parte dele se perguntou por que ele a estava pressionando, especialmente tendo em conta o conselho que ele tinha insistido em dar.

—Eu fiz o que tinha que fazer, para distraí-lo, — ela disse com firmeza. —E então eu fui para suas bolas.

Assail exalou. —Eu deveria ter sido o único a matá-lo.

—Para defender a minha honra?

Ele estava falando sério quando ele olhou para ela. —Com certeza.

Seus olhos pareciam se agarrar aos seus. —Você realmente é um cavalheiro debaixo de tudo isso, não é?



—Eu matei Benloise, — ele se ouviu dizendo. —De uma forma que o fez sofrer.

Suas pálpebras se fecharam brevemente. —Como você sabia que foi ele quem me levou?

— Eu o segui na noite em que você invadiu sua casa.

—Então era você. — Ela balançou a cabeça. —Eu podia jurar que alguém estava comigo. Mas eu não tinha certeza. Jesus, você me envergonha quando se trata de rastrear alguém.

—Por que você foi até lá? Eu fico me perguntado.

O sorriso que ela deu a ele estava cheio de ironia. —Porque ele me chamou para te seguir e se recusou a me pagar o valor total que era devido. Quer dizer, eu estava disposta a para manter a minha parte do acordo, mas algo o assustou. Você?

Ele acenou com a cabeça uma vez e tomou sua boca novamente, bebendo a sensação dela, o sabor. —Não mais disso para você.

—Isso o que?

—Esse tipo de trabalho.

Seu silêncio voltou, mas apenas por um momento. —Eu concordo.

Deus, era o que ele precisava ouvir e não sabia que: A ideia dela ficar segura lhe deu uma emoção tão grande que ele teve que piscar para passar através dela.

E assim que ele passou, Assail tirou suas roupas rapidamente, os tecidos finos flutuando da beirada da cama para o chão. Então ele estava pele contra pele com ela, equilibrado sobre suas coxas separadas, o seu pênis duro, no entanto, satisfeito em esperar.

Quando ele finalmente posicionou a cabeça na entrada de seu sexo, ele sabia que estaria perdido para sempre se ele completasse o ato. Ou talvez isso fosse uma mentira. Talvez... ele estivesse perdido desde a primeira noite em que ele se encontrou com ela na neve.

Empurrando para dentro devagar, sentindo-a se arquear contra seu peito, observando seus olhos rolassem para trás, ele desejou que eles nunca tivessem se encontrado. Tão bom como isso era, ele não precisava de uma fraqueza como ela em qualquer lugar perto de sua vida. Mas, como uma ferida cheia de sal, ela estava permanentemente em sua pele.

Pelo menos ela iria ficar aqui com ele e em segurança.

Esse era seu único consolo.

Movendo-se lentamente, cuidadosamente, dentro e fora do seu aperto liso, seu pênis sendo acariciado por todos os lados. Ele teve de cerrar os dentes e travar a parte inferior suas costas para manter o mesmo ritmo constante — ele queria cada vez mais rápido, mas isso não era uma opção.

E sim, ele sabia exatamente do que ele estava atrás: Ela estava usando-o como uma borracha, e ele estava mais do que disposto a atender.

Qualquer coisa por ela.

Marisol se reposicionou, envolvendo suas pernas em volta dele, inclinando-se para que entrasse ainda mais profundo. Um golpe mais tarde e ela estava segurando forte os seus ombros. Estava perto para ela, tão perto.

—Não se preocupe, — disse ele em seu cabelo. —Deixe-se levar e eu vou pegar você.

Sua cabeça jogou para trás e suas unhas se enterraram firme em seu corpo e, e ele congelou, sentindo os puxões de sua excitação, os puxões sutis que ele motivava.

Virando sua cabeça para seu pescoço, ele queria apenas para chegar mais perto, se sentir mais dela, ser mais sensível às suas necessidades.

Mas ela se moveu de forma inesperada, arqueando seu corpo, mudando sua posição e seu pescoço se empurrado em sua boca... suas presas.

O arranhão foi pequeno. Seu gosto dela era tudo menos isso.

Antes que ele pudesse se conter, ele a marcou mais profundamente.

Sua Marisol gemeu e levou suas mãos até seus quadris, puxando-o como se ela quisesse que ele começasse a se mover novamente.

—Eu estou tomando pílula, — ela disse de uma grande, grande distância.

Sua mente entupida não sabia o que isso significava, mas o som de sua voz foi o suficiente para trazê-lo de volta à realidade. Lambendo a ferida que ele tinha feito, ele a fechou e tomou mais de seu sangue, apesar de ter sido uma quantidade tão pequena em comparação com o que ele queria.

—Continue, — disse ela. —Por favor... não pare.

Assail estava tentado a assumir o caminho errado e mordê-la corretamente, tirar dela completamente. Mas ele não faria isso sem sua permissão. O estupro podia acontecer em muitas maneiras diferentes, e uma violação é uma violação, especialmente quando apenas um lado tem prazer com isso.

Ele, no entanto, terminaria o sexo.

Segurando-se mais firme nela, ele entrou e abrandou, entrou e abrandou, balançando os quadris.

No último momento, ele saiu e gozou por todo o seu baixo ventre, os tremores dos espasmos espalhando o cheiro dele em sua pele.

Por mais que ele quisesse mais disso — e tinha a intenção de tê-la de novo, agora mesmo — ele não iria completar o ato dentro dela até que ela soubesse a verdade sobre ele. Só então ela seria capaz de decidir honestamente se ela o queria ou não como amante.

Com os lábios em seu ouvido, ele disse, —Mais, sim....

O gemido ondulante ela soltou foi a resposta perfeita. E antes mesmo de desaparecer, antes de suas unhas mais uma vez afundar em seus flancos e as pernas dela lhe puxarem a parte inferior de seu corpo mais perto dela, ele começou a se mover novamente, o sexo temperado por seu respeito por ela, e ainda tudo o mais vívido para a limitação.

Ele nunca tinha estado com uma mulher ou uma fêmea como esta antes.

Depois de anos fazendo sexo, ele se sentia como se estivesse finalmente com alguém pela primeira vez.

Capítulo 34



Ajoelhado diante da plataforma da cama, Wrath acompanhava o tempo entre as respirações de sua amada, medindo suas inalações quando elas empurraram fracamente contra o braço que ele tinha estendido sobre sua cintura. Mais e mais longas entre as puxadas, mais lento e mais devagar o expirar.

E enquanto o seu coração continuava a bater, e os seus próprios pulmões faziam o seu dever, e seu corpo continuava.

Parecia tão cruel — e ele teria trocado a saúde dela pela dele em um instante. Ele teria dado a ela qualquer coisa sua apenas para mantê-la com ele — e como isso não era possível, ele colocou a mão sobre o punho de sua adaga cravejada de pedras e a trouxe entre eles.

Concentrando-se em seus lábios entreabertos, ele inclinou a lâmina para que ela ficasse apontada para o centro de seu peito. Os suportes da plataforma eram construídos de painéis de carvalho robustos, e eram da altura certa para o que ele precisava: Apoiando a base do punho da arma na beirada da madeira, ele manteve a adaga na vertical em sua mão e a inclinou, medindo a distância que ele teve que fechar.

Colocando seu esterno na ponta da lâmina, ele empurrou o suficiente para sentir a picada.

Satisfeito com o ângulo, ele virou a lamina em volta e pegou um ponto na própria madeira, cavando um círculo para fora das fibras, criando um bloqueio para a base. Enquanto ele lascava, parecia desrespeitoso desperdiçar a última das respirações de sua Anha em tais esforços— ele estar prestando atenção a ela, e a somente ela.

Mas a preparação precisava ser feita.

Se ele a perdesse antes que ele cuidasse disso, ele corria o risco de fazer uma tentativa de descuidado, e ele precisava ter certeza de que não haveria nenhuma chance de sobrevivência.

—O que... o que você faz?

A cabeça de Wrath empurrou para cima. E a princípio ele não podia compreender a visão diante dele.

Sua Anha tinha virado o rosto pálido para ele e estava olhando debaixo das pálpebras pesadas.

O punhal deslizou do ponto de apoio que ele estava criando, afundando no pulso da mão que ele estava trabalhando. O corte não foi notado.

—Anha...?

Sua língua lambeu o sangue em seus lábios. —Nosso filho...

Na verdade, ele não ouviu o que quer que fosse que ela tinha disto. As lágrimas vieram aos seus olhos e seu coração martelava, e ele se perguntou primeiro se isso não era um sonho... em função do fato de ter ele ter seguido com sua própria morte, se apunhalando no mesmo lugar que ele sentiu o amor por ela com mais intensidade.

Exceto que não, ela estava estendendo a mão para o rosto dele. Tocando-o com admiração, como se ela também não conseguisse compreender o retorno à consciência.

—Anha! — Ele pressionou seus lábios nos dela e depois escovou suas próprias lágrimas de suas bochechas frias.

Abruptamente, o conselho do curandeiro veio até ele e ele correu para colocar seu pulso sobre a boca. —Beba, meu amor Não fale para mim ainda. —Beba. Antes de qualquer coisa, você deve beber!

Sua Anha se esforçou por um momento antes de engolir corretamente uma vez. E mais uma vez. E uma terceira vez.

Quando ela gemeu e fechou os olhos, não era de desconforto ou medo. Não, era de um relaxamento vital, como se tivesse alimentando uma fome que tinha doído e a agonia estava cedendo.

—Beba...— ele disse enquanto tudo ficava ainda mais desfocado. —Meu amor... beba de mim e volte...

Acariciando seu cabelo para trás, ele olhou para o punhal. E rezava para que este milagre ficasse com os dois. Que ela permanecesse revivida e logo se recuperasse.

—Meu senhor?

Ao som de uma voz profunda, Wrath virou a cabeça sem mover sua veia de seus lábios. O Irmão A Adaga Negra Tohture estava de pé ao lado da porta da câmara fechada, tendo entrado em silêncio.

—Ela está despertada, — Wrath disse com voz rouca. —Louvada seja a Virgem Escriba... ela está despertada.

—Sim, — disse o Irmão. —E eu preciso falar com você.

—Não pode esperar? — Ele se recentrou em sua amada. Deixe-nos.

O Irmão caminhou mais perto, e colocou seus lábios perto do ouvido de Wrath, de tal forma que nem uma palavra viajou: —Ela parece como seu pai.

Wrath piscou. Olhou para cima. —Perdão?

O Irmão tinha os mais incríveis olhos azuis, a cor algo que rivalizava com as pálidas gemas de água marinha que tinham sido especialmente adquiridas para vestido de primavera de Anha.

Inclinando-se para baixo, as palavras foram sussurradas mais uma vez. —As condições se seu pai era assim na noite em que morreu.

Quando o Irmão se endireitou, aqueles olhos nunca vacilaram. Nem sua expressão. Seu próprio corpo.

Um lampejo de raiva fez Wrath apertar um punho. A última coisa que ele queria se intrometendo neste espaço sagrado de esperança era qualquer memória daquela outra noite de perda... quando ele correu para o castelo em cima de um cavalo preto, correndo através das florestas, arriscando a própria vida para voltar no tempo.

De fato, tanto quanto ele desejasse que os capítulos dessa história sumissem de sua mente, eles voltaram para ele com clareza: Ele tinha sofrido uma lesão durante o dia, um escorregão e queda em seu quarto que o fez em cima de uma ponta de metal. O ferimento tornou impossível para ele se desmaterializar, mas ele tinha estado bem o suficiente para ele sair do castelo quando ele tinha sido chamado para fora até uma das famílias fundadoras.

Quando ele partiu no cair da noite, ele não tinha a intenção de retornar até o dia seguinte.

A Irmandade tinha chegado até ele uma hora depois.



No momento ele tinha voltado ao castelo, já era tarde demais. Seu pai tinha ido embora.

E quanto às aparências, alguns mortos mostravam sua origem, era verdade: o assassinado, os aleijados, idosos, no caso de seu pai, no entanto, o rei apenas parecia dormindo, seu corpo limpo e vestido com vestes cerimoniais, seus cabelos cuidados, as luvas e os sapatos como se ele pretendesse caminhar até o túmulo.

—O que você diz? — Wrath sacudiu a cabeça. —Eu não posso...

Outro sussurrar em seu ouvido: —Olhe para suas unhas.

Quando os olhos de Anha se abriram e se ampliaram com a visão do Irmão, Wrath se inclinou e beijou sua testa. —Não se preocupe, meu amor.

Instantaneamente, ela se acalmou sob seu toque e sua voz, continuando a se alimentar enquanto seus olhos se fechavam.

—Assim mesmo, — ele murmurou. —Tome o que eu forneço.

Quando ele tinha certeza de que ela tinha se acalmado mais uma vez, ele olhou para suas mãos e franziu a testa. Suas unhas estavam... azuis.

As mãos de seu pai estavam enluvadas.

—Volte, — ele disse rudemente ao Irmão. —Chamarei por você.

Tohrture balançou a cabeça e caminhou até a porta. Antes de sair, ele disse claramente, — Não permita que ela beba qualquer coisa que não tenha sido provado.

Veneno? Tinha sido... veneno?

Quando sua câmara foi fechada e trancada, Wrath sentiu uma estranha calma vinda sobre ele: Força e propósito devolvido a ele quando Anha continuava a puxar contra sua veia, os pequenos goles se transformando em puxões corretos. E quanto mais ela tirava dele, mais aquela cor da morte desaparecia de seus dedos.

Após a morte de seu pai, ele tinha ficado sem peso no mundo, até que ela tinha sido trazida a ele e se tornado sua força não apenas para as respirações em seu peito e as batidas de seu coração, mas o seu reinado como o rei.

E pensar que seu pai poderia ter sido tirado dele? E, em então, sua amada fêmea?

Enquanto ele pensava na expressão de Tohrture... ele sabia que havia inimigos em sua corte. Inimigos capazes de matar.

A raiva ferveu sob sua superfície, alterando-o no interior... na forma que o ferro e aço eram forjados.

— Não se preocupe, meu amor, — disse ele, apertando sua mão. —Vou cuidar de tudo.

E o sangue irá correr como as lágrimas que você derramou em sua dor.

Ele era o Rei, sim. Mas em primeiro lugar, ele era o hellren desta magnífica fêmea — e vingá-la ele o faria.

Capítulo 35



—De todas as coisas que eles tinham que estar certos...

Quando Trez estava no chão escorregadio de seu banheiro, ele colocou o braço sobre os olhos. Ele estava ciente de que seu pênis estava murchando, da frustração de todo sexo sem sentido e mais um pouco.

Mas ele foi ainda mais ciente sobre quem estava ao lado dele, nua no tapete de pele.

Merda, ele tinha que colocar a toalha de volta em seus quadris.

—Quem são — eles?

Agarrando uma toalha, ele não conseguia nem olhar para Selena. —Meu povo.

—O que eles estão certos?

—Por que você ainda está aqui?

Quando ele percebeu como isso soou, ele se sentou — e pegou sua reação. —Desculpe, — Só quis dizer, como você está aturando o meu humor.

Porra, ela estava totalmente comestível sentada ali, aquele roupão cobrindo nada além de seus ombros, os seios ainda pontiagudos, com as pernas dispostas de forma de que se ele se movesse apenas um pouquinho, ele podia ver sua...

Selena puxou as dobras sobre si e, por mais que lhe doesse, era a coisa certa em tantos níveis. Ele tinha arruinado o que estava acontecendo entre eles.

Mas pelas razões certas.

—Sinto muito, — disse ele, pensando que ele deveria ter tatuado em sua testa que ele via no espelho todas as manhãs, todas as noites.

Ele nunca deveria ter levado as coisas tão longe quanto eles tinham ido. Nunca.

—Por parar?

—Não, eu não sinto muito por isso. — Quando ela estremeceu, ele queria se chutar nas bolas. —O que eu quero dizer é... porra. —Eu não sei. Eu não sei de nada agora.

Houve um longo silêncio. E então ela disse calmamente. —Você precisa saber que não há nada que você não possa me dizer.

—Cuidado com isso — a caixa de Pandora é difícil de fechar.

—Nada. — Seus olhos estavam totalmente claro quando ela olhou fixamente para ele. —Eu não tenho nada a temer — de você ou por você. Eu acho que você me deve uma explicação, no entanto. Presumindo que você não tenha nenhuma intenção de continuar — e se apenas para não me culpar por isso.

Uau, tudo bem. Se ele tinha pensado que ela era quente antes? Agora, ela estava em território de deusa: Beleza física era uma coisa; ter atitude era ainda mais atraente.

E ela tinha razão.

—Tudo bem, — disse ele, sentindo-se um verdadeiro lixo. Mas ela tinha o direito de saber. —Eu comi um monte de fêmeas humanas nos últimos dez anos — e nada disso importou para mim até esta noite com você. E eu acho que eu estou prestes a condenar os meus pais a uma morte torturante. Fora isso, eu estou bem.



Suas sobrancelhas se levantaram. Mas ela não recuou; ela não correu. Houve uma série de respirações profundas, no entanto. —Talvez a gente só precise falar a segunda parte disso, primeiramente. Sobre o que, Virgem Escriba da Terra, que você está falando?

—É uma bagunça do caralho, eu estou uma bagunça.

Ela esperou, claramente esperando que ele continuasse. —E você não me disse nada.

Olhando fixamente em seus olhos, ele sentiu tanto respeito por ela. —Deus... como é possível que você exista?

—Ainda não me disse nada. — Ela sorriu lentamente. —Apesar de gostar do jeito que você está me olhando.

Trez sacudiu a cabeça, sabendo que ela merecia muito mais do que ele poderia oferecer a ela. —Você não deveria. Você realmente não deveria.

—Isso é para eu decidir. Agora fale — se que você está tão determinado a me afastar de você, então use suas palavras para me convencer de sua feiura.

—A vida sexual não o fez já?

—Eu sou treinada como uma *ehros*. É a minha expectativa de que os homens carreguem suas sementes por toda parte.

Ele estreitou os olhos: Seu rosto de repente se tornou impassível, e isso era uma séria indicação. —Tem outra coisa.

—Qual é?

—Estou prometido a alguém.

Ela quase escondeu o seu estremeamento. Quase. —De fato.

—Sim. — De fato. E se eu não aparecer, meus pais vão ser abatidos.

—Então você não está apaixonado?

—Eu nunca a conheci. E eu não desejo.

Um pouco da tensão deixou a Escolhida. —Você não sabe nada sobre ela?

—Não. Só que ela é filha da rainha.

Aqueles olhos incríveis ficaram maiores. —Você deve ser da realeza, então.

Ele pensou na quantidade de diversão quando Wrath estava tendo no seu trono, e todos os chutes e risos que Rehv estava aguentando como chefe imperial do *symphaths* — e, pelo menos, eles foram autorizados a sair para a noite. Bem, mais ou menos, no caso do Wrath.

Seu futuro seria tudo sobre a gaiola dourada.

—Meus pais me venderam quando eu era muito jovem, — ele se ouviu dizer. —Nunca me foi dada uma escolha, e agora? A não ser que eu volte para o Território, ambos não irão viver por muito tempo.

A cabeça de Selenia caiu para o lado, sua mente claramente trabalhando. —Não há nenhuma chance de negociação?

—Nenhuma.

—Seus pais não podem devolver o preço pago?

Ele pensou no sorriso cínico de sua mãe naquela noite que ele a tinha visto pela última vez. —Mesmo que pudessem, eu não acho que eles fariam.



Suas sobrancelhas subiram novamente. —Tem certeza?

—Seria compatível com eles.

—Você não perguntou?

—Não, eu não perguntei. Mas isso implicaria voltar ao s'Hisbe, e isso não é possível.

—Não existe alguém que você possa enviar em seu nome?

Imaginou iAm indo para o Território. O contrato era especificamente para Trez, por isso não foi como se o sumo sacerdote, ou mesmo s'Ex, pudesse fazer uma troca. Eles poderiam, contudo, fazer o seu irmão de refém. Ou pior.

E isso faria Trez voltar.

—Acho que não. Meu irmão é único, e eu não posso correr esse risco. Não vou arriscá-lo.

—E você acha que seus pais vão ser...

—Não, eu sei que eles vão matá-los. — Ele massageou a nuca. —Você sabe, por mais que isso seja triste, eu acho que o pior de tudo é o fato de que eu não posso nem fingir ter emoção sobre aqueles dois. É, tipo... eles fizeram um pacto com o diabo. Se algo ruim acontecer, eles vão apenas receber o que está vindo para eles.

Infelizmente, no entanto, independentemente do que acontecesse com sua mãe e seu pai... a dívida ainda estaria em aberto.

Mesmo se s'Ex os cortassem em minúsculos pedacinhos, Trez permaneceria na linha para aquilo que eles haviam contratado.

O que havia sido posto em movimento... não poderia ser desfeito. E enquanto ficava olhando Selena, ele lamentou essa verdade agora mais do que nunca.

Trez havia dito que estivera... exatamente com quantas mulheres humanas? Ela se perguntou.

Querida Virgem Escriba, ela não queria nem pensar nisso.

Ela podia, no entanto, ao menos tentar fazer suas mãos pararem de tremer. Quando Trez ficou em silêncio, ela espalhou seus dedos e os flexionou, na esperança de que isso pararia as coisas antes que ele visse através de sua fachada de calma: ela tinha a sensação muito clara de que, se ele percebesse que ele a perturbava, ele jamais diria outra palavra... e este espaço íntimo que tinha sido aberto inesperadamente entre eles, era ainda mais sagrado do que a experiência sexual tinha prometido ser.

—Eu não tenho pais, como tal, — ela disse calmamente. —Mas eu não posso imaginar ter uma criança e... vendê-la..

Trez assentiu, o braço ainda levantado para que ele pudesse continuar a esfregar a base de seu pescoço. —Eu sei, certo? Quero dizer, meus pais colocaram um preço em mim. O problema é que eu era um bem para eles, algo para ser trocado. Você espera isso de revendedores de automóveis e comerciantes de tapetes e pessoas que dirigem supermercados e shoppings. E ouça, eu queria ser um desses filhos da puta bem ajustados para que eu pudesse ser todo como, 'Eles não me querem, mas eu ainda tenho valor, blah, blah, blah' — as coisas não funcionaram assim para mim, no entanto. Na minha cabeça... — Ele fez um círculo em sua têmpora. — Eu não sou nada. Eu não sou... nada.

De repente, Selena sentiu vontade de chorar. Por olhar através deste absolutamente magnífico macho... e saber que em seu coração, ele não via nada daquilo que ele era? Era um crime, um crime causado pelas próprias pessoas que mais deveriam ter se importado com ele.

—É por isso que você estava com os humanos? — ela se ouviu perguntando.

No silêncio que se seguiu, foi difícil até mesmo de respirar: Ela estava com medo de sua resposta. Por uma série de razões.

—Sim. — Ele amaldiçoou baixinho. —Como, você sabe, eu estava com essa mulher — exatamente antes de eu ter a enxaqueca.

Isso foi apenas na outra noite, ela pensou, querendo encolher.

—E ela era tão vazia como eu estava me sentindo. Apenas dois corpos ociosos batendo juntos. Não significou nada e isso é o que eu venho fazendo todos esses anos. Exercício físico e foi isso.

Selena lutou para dizer a coisa certa, algo que fosse calmo e sinalizasse que ela estava confortável com o que ele estava dizendo a ela... quando na verdade estava rasgando seu coração. Mesmo quando não devesse.

Ela tinha passado quanto tempo com ele? Uma hora? Duas, no máximo?

A morte iminente a estava deixando imprudente.

—Eu poderia salvá-los, — disse ele, quase para si mesmo. —Se eu me sacrificar, eu posso salvar a minha mãe e pai.

Ele mexeu a cabeça para o lado bruscamente e um estalo soou.

—Aqui, — ela murmurou, movendo-se para trás dele. Permita-me.

Empurrando sua mão do caminho, ela agarrou os ombros duros como ferro e apertou como ele havia feito, tentando aliviar um pouco os músculos. Enquanto trabalhava nele, sua pele lisa se moveu por cima dos nós de tensão, mas que foi a única coisa que parecia ser realizado.

Ele gemeu. —Isso parece incrível.

—Eu acho que não estou fazendo nada.

Suas mãos rapidamente cobriram as dela. —Você está. Mais do que pensa.

Selena continuou a massagem e pensou em seu próprio passado. —Como eu disse, eu não tenho uma mãe e pai. Fui criada com e por minhas irmãs. Eu era necessária para continuar as tradições, mas eu não posso dizer que alguma vez tenha sido desejada por alguém. Reivindicada, por assim dizer. Então, de certa forma, eu posso imaginar como você se sente — criado, mas não nascido, por assim dizer, porque *nascido* implica que você estava esperando por isso, rezando por isso.

Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para ela. —Sim. É exatamente isso.

Ela sorriu para ele e o empurrou de volta para a posição.

—Se meus pais forem mortos, eu sinto como se eu estarei indo para o inferno, — ele murmurou.

—Mas você não pode se culpar disso, porque você nunca consentiu.

—Desculpe?

—Você foi prometido quando você era incapaz de dar consentimento — na verdade, soa como se eles sequer lhe perguntassem. Portanto, o seu não cumprimento, bem como quaisquer

consequências dos mesmos? Eles são de seus pais para reclamar, não seu. Isso é sobre você e, mas, no entanto não tem nada a ver *com* você.

— Deus...

Quando ele não terminou, ela franziu a testa. — Sinto muito. Eu não quero ser presunçosa.

— Você não é. Você é... perfeita.

— Dificilmente.

— Eu quero fazer algo para você.

Ela parou. — O que?

Porque ela tinha algumas ideias.

— Algo interessante.

Ela olhou para o tapete de pele que ela estava esticada. Oh, isso seria interessante...

— Mas eu não consigo pensar em nada.

Selena suspirou. — Sua presença é o bastante.

Trez pôs as mãos sobre a dela novamente e a puxou para frente, então ela ficou estendida sobre suas costas. Segurando-a lá, ele colocou sua cabeça contra a dela.

Quando ele respirava, seu grande torso se expandindo, ela era levantada do chão e trazidas de volta para baixo. — Obrigado, — disse ele com uma voz estrangulada.

— Eu não fiz nada.

— Você me fez sentir como se eu não fosse mau. E esta noite, isso é tudo.

— Oh, você nunca será isso, — ela sussurrou enquanto dava um beijo em sua bochecha. — Não você, nunca.

Fechando os olhos, ela se agarrou a ele, e se encontrou se tornando conectada com ele no nível da alma. Ao ponto em que ela não sabia como deixá-lo. Não apenas hoje, mas... sempre que seu destino finalmente a reivindicasse.

— Você comeu? — ele perguntou depois de um tempo.

— Na verdade... não. — Seu estômago roncou. — E eu estou com fome.

— Vamos descer. Meu irmão estava fazendo um pouco de seu molho — ou pelo menos, eu imagino que sim. Ele faz isso toda vez que tenho uma dor de cabeça.

Selena abandonou seu apoio e se moveu com cuidado.

Sem aviso, sua coluna vertebral se rebelou, as vértebras travando em sua posição. Trez, por outro lado, se levantou com bastante facilidade — e quando ele estendeu a mão para ajudá-la, ela só podia ficar olhando para ela.

Quando a confusão se mostrou sobre suas belas feições, ela achou que ela poderia muito bem aceitar a ajuda. Neste momento, ela era incapaz de se levantar do chão.

— Lentamente, — ela disse roucamente. — Por favor?

Trez franziu a testa, mas foi gentil porque ele a levantou em seus pés. — Você está bem?

Ela levou um tempo demorando em amarrar o roupão. Enquanto isso, suas articulações estavam gritando, particularmente seus quadris e costas.

Forçando um sorriso em seu rosto, ela tentou não se assustar. Mas era assim que tinha começado para suas irmãs. Cada uma delas.

—Podemos ir? — disse ela com determinação.

Os olhos amendoados de Trez se estreitaram ainda mais. Mas então ele deu de ombros. — Sim, claro. Eu vou colocar algumas roupas.

—Eu vou esperar no corredor.

Se esforçando ao máximo, ela atravessou todo o quarto e saiu para o corredor. No momento em que ela fechou a porta atrás dela, ela estava sem ar.

No mesmo instante, seu corpo sofreu uma mudança interna de poder incrível. De uma forma que só podia significar uma coisa: alguém estava precisando dela.

A rainha? Ela pensou com espanto, enquanto olhava para a entrada abaloada de aposentos privados da Primeira Família.

Agora que seria de extrema importância.

Se movendo devagar contra a parede, ela pensou na massagem nos ombros de Trez e desejou que houvesse um equivalente para o seu próprio corpo. Não havia nenhum. Nenhuma cura, nenhuma desaceleração da doença.

Impossível de saber quanto tempo que lhe restava.

Capítulo 36

Beth não teve escolha senão se entregar às exigências que rugiam em seu corpo. E a única pausa que ela conseguia? Toda vez que Wrath se liberava dentro dela, havia um breve alívio — antes que a necessidade esmagadora começasse a ascender mais uma vez.

—Tome minha veia, — Wrath disse asperamente. —Tome-a....

Ela nem sabia se estava de costas ou de bruços, o quarto em que estava, e que horas eram. Mas no instante em que a garganta dele veio até sua boca, ela foi cristalina sobre a mordida: Suas presas sacaram para fora e ela as usou com força, trabalhando com afinco sobre a pele de Wrath, rompendo a superfície e se aprofundando, liberando a outra coisa que ela precisava dele.

Oh, o poder dele. Enquanto sua boca ficava cheia, ela foi atingida mais uma vez pelo impacto incrível que o sangue dele tinha sobre ela. Com sua força enfraquecendo, mesmo com a fúria da necessidade se alastrando, e seu corpo doendo em todos os lugares como se ela tivesse passado por uma máquina de feno, mesmo assim ela foi se fortificando desde a primeira mordida, bem mais capaz de continuar — embora não tivesse escolha alguma.

Quando teve que liberar a veia dele para sugar um pouco de ar, ela não podia acreditar que se ofereceu para isso. Devia ter ficado louca, com alguma visão estúpida e romântica sobre ter um beeeebê ficando no caminho de doze tipos de realidade.

Trancada na garganta de Wrath, de alguma forma ele conseguiu manter os impulsos, mesmo quando ela ficou presa em sua veia, a ereção dele entrando e saindo, as estocadas profundas e remoções afiadas ressoando por todo o tronco dela, sua cabeça balançando para cima e para

baixo, seus quadris absorvendo o peso dele. Escorregadios pelo suor, seus corpos se moviam com tal comunhão perfeita, que ela não sabia onde o dela terminava e o dele começava.

A súbita mudança de ritmo lhe disse que ele estava se preparando para outro orgasmo, e ela precisava disso.

Wrath empinou a cabeça para trás e as presas dela rasgaram seu pescoço, mas ele pareceu não se importar.

Nem mesmo pareceu ter notado.

Jesus, ele era magnífico: Através da neblina do sexo, ela o observava ficar tenso, seus lábios se curvando para trás, as próprias presas ficando expostas, o cabelo fluindo longe do pico da viúva enquanto os olhos verdes pálidos e cegos ardiavam arregalados e então, se fechavam com força.

E então foi a vez dela, seu núcleo se agarrando à excitação dele, ávido por ele ter ejaculado dentro dela, o prazer tão agudo que era uma espécie de agonia.

E justo quando as contrações estavam começando a diminuir, ela se firmou para a próxima onda, preparando-se ainda para mais uma rodada de desejo esmagador...

Quando ele não gozou de imediato, ela olhou em volta, como se a necessidade fosse uma terceira parte que simplesmente se deixasse levar.

Ah, Nossa. Eles ainda estavam no banheiro. No piso.

Wrath desmoronou contra ela, sua cabeça caiu tão longe, com tanta força que ela o ouviu bater a testa contra o mármore.

Enquanto o descanso se demorava, ela provavelmente deveria ter começado a ficar com frio, mas o inferno em seu corpo manteve ambos bem aquecidos.

Um zumbido de cima da banheira fez a cabeça dela virar. As persianas estavam baixando para o dia, os painéis bloqueando as soleiras.

Então, aquilo vinha acontecendo por... oito horas? Nove?

Ouviu-se sons no andar de baixo, então os Irmãos foram, provavelmente, todos afetados pelos hormônios dela. Assim como as fêmeas.

Wrath se levantou, seus músculos se retesando, os braços trêmulos. —Como você está?

Beth abriu a boca para responder, mas saiu apenas um coaxo.

—Você ainda vai querer a minha veia, — disse ele, afastando uma mecha de cabelo do rosto. —Você precisa dela.

—E — quando sua voz rachou, ela limpou a garganta. —E você?

Ele parecia magro, o rosto cavado como se tivesse perdido onze quilos — mas ele balançou a cabeça. —Minha única preocupação é você.

A imagem dele ficou ondulada quando lágrimas a espetaram.

—Sinto muito, — ela murmurou. —Oh, Deus... Eu sinto muito.

—Sobre o quê?

—Esta... coisa toda.

Ele balançou a cabeça. —Isso teria acontecido mais cedo ou mais tarde.

—Mas eu...

Wrath baixou a boca para a dela e a beijou suavemente. —Sem mais disso. Nós avançamos a partir de hoje. Aconteça o que acontecer... estamos de acordo, ok?

Não houve tempo para ela responder, pois abruptamente a necessidade a alcançou mais uma vez, a maré crescendo, o calor se desenrolando em seu sexo e conduzindo direto para seu coração.

—Oh, Deus, — ela gemeu, — Eu pensei que tinha acabado.

—Ainda não. — Ele não parecia surpreso. —Não terminamos ainda....

iAm estava sobre o fogão na cozinha quando sentiu a presença de seu irmão. Ele sequer precisou se virar da panela do ensopado que tinha preparado: o ar na sala mudou — e não de um jeito bom.

Trez também não estava sozinho. E ele sabia, não porque captou o perfume de Selena... mas porque captou o de seu irmão.

iAm praguejou em voz baixa enquanto se movia. O filho da puta tinha se vinculado.

Fantástico.

Inferno, iAm tinha tido alguma esperança de que, com todos os hormônios inundando a casa, seja qual for o sexo que aqueles dois tiveram, tivesse sido o resultado da necessidade de outra pessoa.

Grande teoria. Exceto que Sombras eram imunes a esse tipo de merda.

—Você não deveria estar servindo-o, — iAm murmurou enquanto colocava mais sal marinho na mistura.

—Cuidado com o tom de voz.

iAm se virou e olhou para o idiota. —Eu tenho uma ideia. E quanto a você — pelo menos uma vez — tome uma boa decisão sobre uma fêmea. Então eu não vou ter que ficar irritado.

A Escolhida ao lado de Trez empinou o queixo para cima. —Se você quer culpar alguém, não se dirija a ele. Eu escolhi ir até ele, mesmo que você tenha pedido por outra.

iAm voltou para sua panela. —Ótimo. Parabéns e bem-vinda à família.

Seu irmão se materializou até ele, girou em torno dele e o agarrou pelo pescoço. —Peça desculpas à ela.

iAm se inclinou para aquele punho de ferro, mostrando as presas. —Foda-se, Trez.

—Você quer um pedaço — seu irmão rosnou. —Você quer uma foda.

—Faça-o. Porra, eu te desafio.

—Não me empurre.

—Estou tentando salvar seu traseiro! Caralho.

Enquanto o casal se escalava para uma implosão de rivalizar com a de Wrath da noite anterior, a Escolhida se aproximou e falou calmamente.

—Ele me contou — ela cortou — Tudo. E parece-me que vocês dois estão sozinhos nesta situação. Então, que tal a Última Refeição em vez de socos, vamos.

iAm virou a cabeça ao mesmo tempo em que Trez.

Enquanto o par se encarava diante da totalmente calma e controlada Escolhida, Trez fez o inédito e deixou cair a mão. Saiu. Cruzou os braços sobre o peito.



Ele ainda estava furioso até o núcleo, mas a chamada foi obedecida com tanta facilidade, que você tinha que se perguntar se talvez a besteira do vínculo podia não ser útil — a um ponto.

iAm olhou para o irmão. —Eu não sei o que dizer a você.

—Selena, pode nos dar um segundo?

A Escolhida assentiu. —Talvez eu volte para o norte. E dê a vocês dois pleno espaço.

Trez franziu o cenho. —Você não tem que ir.

Os olhos de Selena iam e viam. —Na verdade, eu tenho, e você sabe onde eu vou estar — e por favor, não rasguem um ao outro em pedaços. Só vai tornar tudo isso pior.

iAm se preparou para uma exibição de raiva digna de uma boa despedida, mas a fêmea o impressionou ainda mais curvando-se levemente e se retirando. Sem confusão, sem nenhum barulho.

Merda, ele poderia quase gostar dela. Se não estivesse tão zangado com seu irmão idiota.

—Eu quero me encontrar com s'Ex. Hoje.

iAm cruzou os próprios braços e encostou-se no fogão. —Por que você acha que faria sentido ir até ele? Eu já consegui a verdade com o bastardo — e ele está mais do que pronto para fazer seu trabalho.

—Você pode contactá-lo?

—Sim.

—Diga a ele para me encontrar ao meio-dia no nosso apartamento.

—Esse é o prazo para você aparecer no s'Hisbe. — Quando seu irmão não respondeu, iAm ergueu as sobrancelhas. —Você não está se transformando, está?

—Marque a reunião.

iAm praguejou longo e baixo. Sim, ele queria chutar a bunda do seu irmão — mas absoluta e positivamente não queria que ninguém mais o fizesse. —Trez.

—Faça-o.

—Não, a menos que você me diga onde está.

—Achei que você queria que eu voltasse.

—Então é isso o que está fazendo? Diga-me uma coisa, está pensando em trazer a sua Escolhida com você — formar uma família feliz ou algo assim?

—Ela não é minha.

—Você disse isso aos seus hormônios?

Trez meneou sua mão no ar. —Eu não sei do que você está falando.

—Esse é o maldito problema.

—Basta ligar para o carrasco. Isso é tudo o que tenho a dizer.

Quando Trez girou nos calcanhares, iAm falou bruscamente. —Eu não posso deixar você voltar para lá.

Trez parou e olhou por cima do ombro.

—O que, — iAm reclamou.

—Eu só... Eu não sei. Acho que não esperava isso.

Hora de voltar para o molho. Ensopado. Que diabos ele estava fazendo mesmo?



Estalando a tampa para fora, ele recolocou a colher e mexeu lentamente. Ele teria feito tudo manualmente, desde o caldo de galinha aos sacos de especiarias que estavam flutuando na superfície da mistura perfumada.

—iAm?

—Eu não me importo se eles morrerem. — Ele observou as fatias de cenoura e os quadrados de cebolas flutuando na base espessa. —Sei que eu deveria, porque eles são meus pais, mas já pensei sobre isso e sinto muito — se eles podem ser egoístas, eu também posso. Minha família é você e eu, e vou escolher nós sobre qualquer outro.

—Deus... Eu acho que preciso de você para dizer isso.

Ele disparou outro olhar. —Você duvidou disso? Tipo, sempre?

Trez atravessou e sentou-se em um dos bancos no balcão. —Há limites.

iAm teve que rir. —Não diga.

Indo para os armários do lado esquerdo, ele tirou duas tigelas fundas, em seguida, abriu uma das gavetas e pegou algumas colheres de sopa. Colocando a concha no ensopado, ele serviu seu irmão primeiro.

Trez tentou alguns e gemeu. —Isso é incrível.

Quando iAm provou a coisa, ele teve que concordar, mas manteve aquilo para si mesmo. O orgulho era uma característica atraente, mesmo que fosse bem colocada.

—O que você vai fazer com a Escolhida? — perguntou iAm.

O encolher de ombros de Trez foi apenas um pouquinho muito indiferente. —Nada.

—Não sei se vai funcionar assim para você.

Trez olhou para o guisado. —Ela é apenas mais um motivo para ficar do lado de fora. Não que eu precise disso.

—Ela disse que você lhe contou tudo. Está certo?

Passou um longo tempo antes que Trez balançasse a cabeça lentamente. —Sim. Com certeza.

—O que exatamente você manteve para si mesmo.

Aqueles olhos negros levantaram depois de um tempo. —Segundos?

iAm pegou a tigela agora vazia e levou-a para encher novamente.

—Eu não contei a ela o quão ruim isso vai ficar, — Trez disse suavemente quando lhe foi entregue mais ensopado.

—Então você mentiu.

Houve outro longo silêncio. —Sim. Eu menti.

Porque depois que a rainha terminou de eliminar os pais deles? A tribo ia vir atrás de iAm. Ele era o próximo degrau na escada de coerção, porque não podiam tocar em Trez, afinal. Ele tinha que estar em uma peça.

iAm se viu assentindo. —Provavelmente é uma boa jogada.



Capítulo 37

Era fácil pensar em Deus enquanto se observa o nascer do sol sobre o Rio Hudson.

Enquanto Sola estava sentada no terraço vazio da casa de vidro do Assail, ela olhou através da água fria e lenta. Pequenos brilhos de pêssego e amarelo espumavam sobre a extensão de gelo enquanto, do outro lado, o grande astro de cor laranja pairava sobre os arranha-céus do centro da cidade.

Ela conseguiu sair da prisão, pensou pela centésima vez. E sejam quais foram as cicatrizes que podem ter se formado em seu interior, o corpo dela estava intacto, a mente funcional, e sua segurança, pelo menos a curto prazo, garantida.

Pensando em todas aquelas orações, ela não podia acreditar que elas lhe tinham sido concedidas. O desespero a fez pronunciar as palavras, mas ela não esperava realmente que alguém as estivesse ouvindo.

A questão agora era... ela manteria sua parte do acordo?

Cara, teria sido tão mais fácil se um anjo com asas houvesse descido e libertado-a, magicamente depositando-a ali. Em vez disso, ela fez o trabalho sujo sozinha, Assail fez a limpeza, e um daqueles primos ferozes dele foi o motorista para a viagem de cinco horas de volta à sanidade. Ah, e, então houve todas aquelas pessoas naquelas instalações.

Meros mortais tocados pela mão de Deus? Ou uma série de eventos aleatórios que simplesmente passaram a rolar enquanto eles os faziam? Foi o fato de a vida dela ter sido salva em um caso de intervenção divina... ou o não mais significativo do que uma bola de bingo ser pega em detrimento de outra?

Um barco pequena de pesca se ouviu naquela vista, seu único passageiro conduzia o motor de popa na parte de trás, controlando velocidade e direção.

Puxando o edredom pesado ainda mais em torno de seu corpo, ela pensou em todas as coisas que tinha feito, começando quando tinha apenas nove ou dez anos. Tinha começado a bater carteiras, treinada por seu pai, e aquilo se transferiu para roubo mais complexo, com a ajuda dele. Então, depois dele ter ido para a prisão e ela e sua avó se mudarem para os Estados Unidos, ela conseguiu trabalho como caixa em um restaurante e tentou apoiar a ambos. Quando aquilo se provou difícil demais, ela pôs sua experiência para um bom uso e sobreviveu.

Sua avó nunca fez pergunta alguma, mas aquilo sempre esteve no caminho — com sua mãe foi o mesmo, exceto quando se tratava do envolvimento de Sola na vida. Infelizmente, a mulher não viveu o suficiente para fazer um impacto muito grande, e depois que ela foi embora, o marido e a filha que ela deixou para trás se tornaram densos como ladrões.

Naturalmente.

Mais cedo ou mais tarde, ela seria obrigada a ser capturada. Inferno, seu pai foi ainda bem melhor naquilo do que ela, e ele morreu na prisão.



Pensando na última vez em que ela o viu, lembrou-se dele em seu julgamento, vestido com o uniforme da prisão, algemado. Ele mal a olhou, e não porque estava envergonhado ou preocupado em ser emocional.

Ela já não era tão útil para ele naquele momento.

Esfregando os olhos, ela pensou que era estúpida por ainda ficar magoada por isso. Mas, depois de passar todo o seu tempo tentando deixá-lo orgulhoso, conseguir alguma aprovação, encontrar qualquer tipo de conexão, ela percebeu que para ele, ela era apenas mais uma ferramenta em seu trabalho no mercado negro.

Ela havia deixado o tribunal antes de saber se ele foi considerado culpado ou não — e tinha ido diretamente para o apartamento dele. Quebrando ali, ela encontrou o esconderijo do dinheiro que ele mantinha em um espaço apertado, cortado na parede atrás do chuveiro do banheiro — e usou aquela merda para livrar sua avó e ela do legado dele.

Os papéis para entrar nos EUA foram falsificados. E a notícia que elas receberam cerca de três semanas depois, através dos parentes, foi real: Seu pai tinha conseguido a vida.

E depois ele foi assassinado atrás das grades.

Com sua avó não apenas viúva, mas sem filhos, Sola entrou no papel de provedora da única maneira que sabia, a única forma que funcionava.

E agora ela estava ali, sentada no deck da casa de um traficante de drogas, diante do tipo de dilema moral que ela nunca esperou ir contra...

Assistindo algum pescador aleatório desligar o motor e jogar uma linha para dentro.

Embora o cara tivesse desligado o motor, ele não estava quieto. A corrente do rio o carregava, seu barco estava à deriva através da visão, um ofício humilde ofuscado pelos prédios distantes.

—Você quer o café da manhã?

Sola se virou. —Bom dia.

Sua avó tinha o cabelo em cachos apertados ao redor do rosto, o avental amarrado na cintura, e um brilho de batom na boca. Seu vestido simples de algodão tinha sido feito à mão — dela, é claro, e os sapatos marrons resistentes eram de alguma forma adequada.

—Sim, por favor.

Quando ela foi se levantar, sua avó fez um gesto para baixo com ambas as mãos nodosas. — Sente-se ao sol. Você precisa do sol, muito pálida você está. Você vive como um vampiro.

Normalmente, ela teria se retraído um pouco, mas não esta manhã. Estava muito grata por estar viva para fazer outra coisa senão obedecer.

Voltando ao ponto de visão, ela descobriu que o pescador estava desaparecendo à direita, saindo de vista.

Se não tivesse orado, ela teria saído daquele lugar de qualquer maneira, pois era uma sobrevivente, sempre foi — e ela tinha feito o que fez em um estranho tipo de piloto automático, sugando suas emoções e sensações físicas e fazendo o que era necessário.

Então, se olhasse para o futuro, para as correntes em sua vida que iriam levá-la para fora de visão, por assim dizer... fugir foi a coisa mais inteligente a se fazer.

Independentemente de qualquer — acordo — que ela tinha com Deus.

Ela ia acabar na cadeia ou morta — e ela tinha simplesmente mergulhado o pé no frio gélido do cenário morto. Não era onde ela queria acabar.

Piscando na concentração de luz, ela se entregou à coisa da visão e fechou os olhos, deixando a cabeça cair para trás. O calor em seu rosto a fez pensar em Assail.

Estar com ele tinha sido como tocar o sol e não ser incinerada. E seu corpo queria mais — inferno, apenas o leve pensamento deele foi o suficiente para levá-la de volta àqueles momentos naquela cama, à noite tão calma, aos suspiros tão altos.

Quando seus seios se retesaram, ela sentiu uma umidade entre suas coxas.

—Sola, você está pronta? — disse a avó atrás dela.

Levantando-se, ela se inclinou para fora sobre a sacada de vidro, tentando encontrar seu pescador. Não conseguiu. Ele se foi.

Brr, estava frio ali fora.

—Sola — veio um estímulo suave.

Estranho. Normalmente, a voz de sua avó era como as mãos da mulher — nada macia. Na verdade, ela falava como cozinheira: no ponto, direta, sem rodeios.

Mas, agora, o tom era tão próximo de gentil como Sola nunca tinha ouvido falar.

—Sola, venha comer agora.

Sola deu uma olhada para ver seu pescador. Então se virou e olhou para a avó.

—Eu te amo, vovó.

Sua avó conseguiu apenas acenar enquanto aqueles olhos antigos dela se inundavam. — Venha, você vai pegar um grande resfriado.

—O sol está quente.

—Não quente o suficiente. — Sua avó deu um passo para trás e fez um gesto. —Você deve comer.

Quando Sola entrou na casa, ela congelou.

Sem olhar, ela sabia que Assail tinha descido as escadas e estava olhando para ela.

Merda, ela não tinha certeza se poderia deixá-lo para trás.

Depois de ter sido sequestrado em seu quarto pelos últimos dois dias, Trez descobriu que o mundo era uma extensão dos sentidos, como ter uma luz estroboscópica em seu rosto e um par de alto-falantes em cada orelha: Entrando na Northway direto para o centro de Caldwell, ele se encontrou colocando os óculos escuros e desligando o rádio.

Do nada, algum merda estúpido fez uma ultrapassagem nas duas pistas e o fechou para fora.

—Olhe para onde está indo — ele gritou para o para-brisa, pressionando a buzina.

Por uma fração de segundo, esperou que o cara por trás do volante do Dodge Charger decidisse voltar sua fúria da estrada para ele, que queria bater em alguma coisa. Merda, provavelmente seria uma boa prática para o seu encontro com s'Ex. O Mr. Charger¹²⁴, no entanto, apenas levou sua sobrecarga de testosterona e seu pênis do tamanho de um lápis para a próxima saída, correndo na frente de uma minivan e uma picape no processo.

¹²⁴ Referência à marca do carro, o Dodge Charger.

— Babaca.

Com alguma sorte, o bastardo seria expulso em uma vala sem cinto de segurança.

Cerca de dez minutos mais tarde, Trez venceu os sessenta quilômetros por hora e entrou em um labirinto de uma via. Confrontado por todos os semáforos e sinais de parada, seu cérebro se apertou e ele esqueceu o caminho para o condomínio.

Quando a buzina soou atrás dele, ele trancou seus molares e pisou no acelerador. No final, foi forçado a dirigir ao redor, acompanhando a altura de vinte andares do Commodore, gradualmente zerando dentro do elevador e encontrando a rampa que descia para a garagem. Enquanto descia, ele conseguiu retirar seu passe do visor, passou-o através do leitor, e encaminhou-se para uma de suas duas vagas reservadas.

O elevador passeou alcançando os 50 andares e então ele estava pisando no tapete do corredor. O apartamento era bem disposto e ele usou a porta principal, não a de serviço, deixando-se entrar com a sua chave de cobre.

Quando entrou na cozinha, viu duas canecas no balcão, um saco já aberto de batatas fritas Cape Cod e a cafeteira pela metade.

Ele fez uma pausa mediante uma *GQ*¹²⁵ aberta. Já tinha passado por ela. — Bela jaqueta, — murmurou enquanto fechava a revista.

Não havia razão para ligar todas as lâmpadas, pois o dia estava claro e ensolarado e todos os vidros deixavam entrar muita luz.

A enorme forma negra que chegou no terraço era um prenúncio da desgraça se ele jamais tivesse visto uma.

Avançando mais, Trez abriu a porta com a mão e saiu, fechando as coisas por trás dele.

A voz de s'Ex sob o capuz do carrasco foi levemente divertida. — Seu irmão me convidou a entrar.

— Não sou o meu irmão.

— Sim. Nós percebemos. — quando o capanga da rainha cruzou os braços sobre o peito, os braços enormes se amontoaram, mesmo sob as dobras do tecido. — A que você deve a honra da minha presença?

O fato de que estava congelando lá fora parecia apropriado. — Eu não quero que você ferre com os meus pais.

— Então você precisa voltar. É isso aí. — O carrasco se inclinou — Não me diga que você me chamou até aqui, na esperança de negociação. Não diga. Certamente você não é tão estúpido.

Trez liberou as presas, mas, então, rebateu de volta. — Há algo que você quer. Todo mundo tem um preço.

O carrasco estendeu a mão e lentamente tirou aquele capuz. O rosto por trás das dobras de pano preto era bonito como o pecado... e tinha olhos com todo o calor do granito de inverno.

— Por que eu arriscaria minha própria vida pelos seus pais? Se eu desobedecer a uma ordem, há consequências e nenhum de vocês é digno delas.

— Você pode falar com a rainha. Ela ouve você.

¹²⁵ Uma revista: *GQ Magazine*

—Assumindo que isso seja verdade, e não estou dizendo que é, por que eu faria isso por você?

—Porque há algo que você quer.

—Uma vez que parece saber tudo, o que exatamente você acha que é, — o carrasco disse em um tom entediado.

—Você está preso ali tanto quanto qualquer um deles está. Eu me lembro como é — e posso lhe garantir que a vida deste lado daquelas paredes é muito melhor.

—É por isso que você parece um merda, então?

—Pense nisso. Posso conseguir qualquer coisa do lado de fora. — *Qualquer coisa.*

Os olhos do carrasco se estreitaram. — Poupá-los não vai salvá-lo.

—Matá-los não vai me trazer de volta. E é por isso que você o faria, certo? Então, vá até a rainha, diga a ela que falou comigo diretamente — e eu não me importo se eles os matarem. Então sugira que ela os tire de tudo o que lhes foi dado — as mansões em que vivem, as roupas e as joias que eles compraram com a recompensa que receberam, a comida em seus armários. Tudo. Isso fará a rainha completa novamente. Ela não terá perdido nada, estará fora de nada.

—Mentira. Ela não dá a mínima para a filha. Toda essa 'restituição' não resolve o fato de que a princesa não tem companheiro.

—Que não serei eu. Estou lhe dizendo agora. Vocês podem ferrar com meu pai e minha mãe, podem me ameaçar com lesão corporal, podem destruir a minha casa.

—E se eu simplesmente levá-lo agora?

Trez tirou a arma que tinha enfiado na cintura na base das costas. Não a apontou para s'Ex, ele a apontou direto para seu próprio queixo.

—Se você tentar, eu vou puxar o gatilho. Então você terá um corpo morto e, a menos que a filha dela seja uma cadela doente, ela não vai me querer então.

s'Ex ficou inanimadamente imóvel. —Você está fora da porra da sua mente.

—Tudo o que quiser do lado de fora, s'Ex. Você cuida disso para mim, e eu vou cuidar de você.

Enquanto o carrasco da rainha considerava o acordo, Trez respirava sem problemas, e pensava nas duas únicas pessoas que realmente lhe importavam. Selena... Jesus Cristo, ele a queria, mas não era bom para os gostos da Escolhida. Inferno, mesmo se aquele panfleto de negociação funcionasse, ele ainda ia ser um cafetão, e não haveria mudança do seu passado.

E então havia iAm.

A ideia de perder seu irmão era... ele não podia nem mesmo colocá-la em pensamento. Mas o homem ia ficar melhor sem ele, se não pudesse resolver este problema.

—Estou surpreso que você deseja tanto salvar seus pais, — disse s'Ex desinteressadamente.

—Você está brincando? Se eles perderem seu posto, é pior do que a morte para eles. O que eles fizeram comigo arruinou a minha vida e a do meu irmão. Essa merda é a minha vingança. Além do mais, como eu disse, não importa o que fizerem com eles, eu não vou voltar para lá.



O carrasco interrompeu-se e caminhou pelo comprimento do terraço, sua túnica girando em torno dele como a promessa de violência, as baforadas de seu hálito como a respiração de fogo de um dragão.

Após um longo momento, ele cruzou as mãos atrás das costas, e voltou.

Foi um pouco antes de finalmente falar, e quando o fez, não estava olhando para Trez. Estava olhando para o vidro do apartamento.

—Eu gosto deste lugar.

Trez manteve a arma apontada para o queixo, mas sentiu uma pontada de... esperança? Bem, não alegre como uma emoção, certamente. Mas talvez houvesse uma solução, afinal.

s'Ex arqueou uma sobrancelha. —Três quartos, dois banheiros e meio, cozinha agradável. Uma abundância de luz. Mas as camas são as melhores — camas grandes ali.

—Você o quer, ele é seu.

Quando os olhos de s'Ex deslizaram de volta para ele, Trez ouviu a frase *acordo com o diabo* mais e mais em sua cabeça.

—Está faltando alguma coisa.

—O que é?

—Mulheres. Eu quero que traga mulheres aqui. Vou te dizer quando. E quero três ou quatro de cada vez.

—Você conseguiu. Diga o número e a hora e eu vou trazê-las para você.

—Tão seguro de si.

—Que diabos você acha que eu faço para viver?

Os olhos de s'Ex arderam. —Eu pensei que você fosse dono de um clube.

—Eu não vendo apenas bebida alcoólica. — ele murmurou.

—Hmm, que emprego. — O carrasco franziu o cenho. —Só para ficar claro, ela pode me pedir para ir atrás de seu irmão.

—Então eu vou ter que te matar.

s'Ex jogou a cabeça para trás e riu. —Muito arrogante.

—Deixe-me deixar perfeitamente claro. Você toca em iAm e eu vou achá-lo. Seu último suspiro vai ser meu e seu coração ainda estará quente quando eu tirá-lo do seu peito e comê-lo cru.

—Sabe, é uma maravilha que não nos damos melhor.

Trez estendeu a mão livre. —Já chegamos a um acordo?

—Há a rainha a considerar. Eu posso não ser capaz de convencê-la. E só para você ficar ciente, se ela não aceitar isso, o seu prazo terá passado.

—Então, mate-os. — Ele segurou o olhar negro de s'Ex sem vacilar. —Estou falando sério.

O carrasco inclinou a cabeça, como se estivesse considerando todos os ângulos. —Sim, evidentemente que está. Encontre-me aqui ao meio-dia de amanhã com uma amostra — e eu vou ver o que posso fazer no Território.

Antes de s'Ex desaparecer, o homem apertou a palma da mão que lhe foi oferecida por alguns instantes. E então ele se foi, como um pesadelo banido ao acordar.

Infelizmente... Trez sabia que o homem estaria de volta.
A pergunta era, com que tipo de notícia. E que tipo de apetite.

Capítulo 38

Passava uma hora do pôr do sol quando Abalone deixou sua casa, desmaterializando-se do lado de fora de seu gramado lateral. A noite estava muito fria, e enquanto tomava forma na propriedade de uma das famílias mais ricas da *glymera*, ele levou um momento para respirar até que suas cavidades nasais ficaram dormentes.

Outros estavam se reunindo, machos e fêmeas aparecendo da escuridão, endireitando suas peles, roupas finas e joias antes de caminhar em direção à luz.

Com o coração pesado, ele seguiu.

As grandes portas esculpidas da mansão foram mantidas abertas pelos *doggen*, a equipe sem se mover em seus uniformes insignificantes, além de piscar.

A dona da casa, do modo que estava, estava de pé sob um lustre no hall de entrada, o vestido um vermelho brilhante de alta costura que ia até o chão em cortinas de seda. Suas joias eram rubis, os brilhos em sua garganta, orelhas e pulsos mostrando ostentação.

Por nenhuma razão em particular, ele pensou que a verdadeira rainha das joias vermelhas da raça era muito melhor, maior, mais clara. Ele tinha visto uma pintura a óleo da majestosa fêmea lá no Velho País, e mesmo destilada através da pintura e da idade, o Rubi Saturnino e seus correspondentes tinham um esplendor que destruiria a pretensão antes dele.

O companheiro da recepcionista estava longe de ser visto. Mas, novamente, o macho tinha dificuldade para ficar de pé por longos períodos de tempo.

Não havia muito tempo para ele no mundo.

A linha de recepção que se formou fluiu com rapidez e Abalone logo estava beijando a bochecha coberta de pó da fêmea.

—Que bom que você pôde vir, — ela disse grandiosamente, sacudindo a mão na direção atrás dela. —A sala de jantar, se você quiser.

Quando os rubis dela piscaram, ele imaginou sua filha como tal, uma grande dama em uma grande casa com olhos vidrados.

Talvez o castigo por não ir em frente com esta afronta ao trono valeu a pena. Ele tinha encontrado o amor com sua *shellan* pelos anos que ela esteve na Terra, mas isso foi sorte, ele viria a perceber. A maioria de seus contemporâneos, agora abatidos nos ataques, estava sem amor, relacionamentos sem sexo que eram baseados em torno do circuito de festas em vez da familiar mesa de jantar.

Ele não queria aquilo para sua filha.

No entanto, se o amor tivesse acontecido para ele, certamente havia uma chance para ela, mesmo na *glymera*?



Não é?

Caminhando para a sala de jantar, ele descobriu que esta era apenas como tinha sido quando o Rei os abordou tão recentemente: a longa mesa fina foi movida para fora e as vinte ou mais cadeiras foram instaladas em filas. Desta vez, porém, os sobreviventes da aristocracia foram se estabelecendo em conjunto com os seus companheiros.

Normalmente as *shellans* não eram incluídas nas reuniões do Conselho, mas não havia nada habitual sobre este encontro. Ou sobre o último.

E, de fato, a reunião deveria ter sido mais sombria, pensou enquanto pegava uma cadeira coberta de seda na parte de trás: Em oposição a mostrar qualquer respeito pela importância histórica, o perigo, a natureza sem precedentes de tudo isso, eles estavam conversando entre si, os cavalheiros se vangloriando, as senhoras pousando suas mãos de uma forma que suas joias brilhassem.

Na verdade, Abalone estava sozinho na fileira de trás e, em vez de cumprimentar aqueles que conhecia, ele libertou o botão no paletó e cruzou a perna na altura do joelho. Quando alguém acendeu um cigarro, ele retirou um charuto e fez o mesmo, só para se dar algo para fazer. E quando um *doggen* mostrou-se imediatamente ao seu lado com um cinzeiro em um suporte de bronze, ele acenou um obrigado com a cabeça e se focou em bater a cinza.

Ele era batata pequena para todos eles, porque tinha decidido há muito tempo que sob o radar era melhor. Seu sangue tinha visto em primeira mão as crueldades da corte e da sociedade, e ele tinha aprendido a lição através da leitura dos diários que haviam sido lhes passados. A verdade era que ele tinha recursos financeiros que todos naquela sala coletivamente mal podiam atender.

Obrigado, computador Apple.

O melhor investimento que qualquer um na década de oitenta poderia ter feito. E então houve um grande laboratório farmacêutico na década de noventa. E antes disso? As empresas siderúrgicas e companhias ferroviárias em torno da virada do século.

Ele sempre teve um talento especial para onde os humanos iriam querer ir com ambos seus entusiasmos e as suas necessidades.

Se a *glymera* soubesse disso, sua filha seria um bem de grande valor.

O qual era outro motivo dele não falar sobre seu patrimônio líquido.

Incrível o quanto sua linhagem tinha chegado ao longo dos séculos. E pensar que eles deviam tudo ao pai deste rei.

Dez minutos depois, a sala estava cheia — e isso, mais do que afeto ao partido, era o sinal de que a *glymera* tinha pelo menos alguma apreciação de magnitude pelo que eles estavam fazendo. Elegantemente atrasado não se aplicava a esta noite; as portas iam ser bloqueadas exatamente...

Olhou para o relógio.

—Agora.

Com certeza, houve uma reverberação do som quando a madeira pesada deslizou pela casa.

Toda aquela gente se sentou e ficou em silêncio, e foi quando ele foi capaz de contar as cabeças e descobrir quem estava faltando. Rehvenge, o *leahdyre*, é claro — ele havia se aliado

com Wrath e ninguém ia abalar a aliança. Marissa também estava desaparecida, embora seu irmão Havers estivesse ali — mas, então, ela estava casada com aquele Irmão que ninguém realmente sabia quem era supostamente na linhagem de Wrath.

Naturalmente, ela estaria ausente também.

As portas com painéis no lado direito da lareira se abriram e seis machos entraram. Instantaneamente, o agregado se endireitou em seus assentos. Ele reconheceu dois deles imediatamente — o de aparência aristocrática na frente... e o feioso com lábio leporino na parte de trás que tinha vindo visitá-lo com Ichan e Tyhm. Os quatro estavam entre tons da mesma cor escura: corpos grandes, olhos afiados de lutadores, que estavam em alerta, mas não inquietos, prontos, mas não para sacar a arma.

Seu controle era a coisa mais assustadora sobre eles.

Apenas o destemido poderia ter relaxado naquela situação.

A dona da casa levou seu *hellren* para dentro, o macho inclinado como a cabeça da bengala que ele usava com a mão livre, com o cabelo branco, o rosto enrugado como cortinas plissadas.

Ela o sentou como se ele fosse uma criança, organizando o paletó, alisando a gravata vermelha brilhante.

Em seguida, ela se dirigiu aos agregados, as mãos cruzadas como uma soprano cantando uma melodia para uma casa lotada. Seu brilho pela atenção que se voltou para ela foi totalmente inapropriado, na mente de Abalone.

Na verdade, essa coisa toda era um pesadelo, pensou enquanto batia suas cinzas novamente.

Quando a boca dela começou a trabalhar, expelindo obrigadas e agradecimentos, ele se perguntou como as coisas seriam para ela depois que seu — amado — fosse para o Fade. Sem dúvida, aquilo dependia do testamento e se este era um segundo acasalamento, se havia algum jovem da linha de sangue precedendo-a na corrida pelos ativos.

Ichan foi o próximo a subir ao palco. —... Encruzilhada... medidas necessárias... trabalho de Tyhm para expor a fraqueza definidas antes da corrida... companheira mestiça... produzir um herdeiro com um quarto....

Era a retórica que tinha sido escrita para ele, a repescagem simplesmente da postura de fingir que esta foi a primeira vez que alguém tinha ouvido falar dele. Mas tudo tinha sido preparado, as expectativas estabelecidas de antemão, as repercussões declaradas como necessário.

Abalone olhou para o canto mais distante da sala. Tyhm, o advogado, estava de pé, com toda a predisposição de um cabide, seu corpo longo e fino mantido firmemente na vertical. Ele estava nervoso, os olhos tanto extasiados quanto piscando bastante.

—... Voto de confiança deve ser unânime para esta super-maioria do Conselho. Além disso, suas assinaturas serão afixadas com selos sobre este documento preparado pelo Tyhm. — Ichan ergueu um pergaminho com seus símbolos na antiga língua desenhados com cuidado na tinta azul — e em seguida, apontou para uma linha de fitas multicoloridas, uma taça de prata esterlina de



velas vermelhas, e uma pilha de guardanapos de linho branco. —Todas as suas cores estão presentes aqui.

Abalone olhou para o enorme anel de sinete de ouro que se acomodava pesadamente em sua mão. Fora usado pelo seu pai, a insígnia esculpida tão profundamente no metal que, mesmo após a passagem dos séculos, o contorno, os redemoinhos e os ícones eram óbvios.

Na verdade, o ouro do anel tinha sido, sem dúvida, brilhante na época quando ele foi lançado, mas agora era fosco pela pátina do desgaste bem merecido pelos homens de sua família. Honrosamente conquistada.

Isso era errado, pensou mais uma vez. Toda essa construção contra Wrath era falsa, tamborilando apenas para servir as ambições dos aristocratas que não eram dignos do trono: Eles não se preocupavam com a pureza do sangue do herdeiro. Era apenas o vocabulário designado para justificar seu objetivo.

—Que possamos ter um voto — Ichan olhou para a multidão. —Agora.

Isso era *errado*.

A mão de Abalone começou a tremer de tal forma que ele deixou cair o charuto no chão — e ele não conseguiu mover-se para pegá-lo.

Diga não a isso, disse a si mesmo. Levante-se para o que é.

—Todos a favor, digam: 'Sim'..

Ele não falou. Apesar de não ser porque teve a coragem de ser o único—não—quando a dissidência foi solicitada.

Ele também não abriu a sua boca em seguida.

Abalone baixou a cabeça como o martelo batia na madeira.

—O movimento está em processo. O voto de desconfiança passou. Vamos todos agora nos juntar como um para enviar esta mensagem de mudança fora a nossa raça.

Abalone abaixou-se e pegou o charuto. O fato de que este tinha queimado um pequeno buraco no chão envernizado parecia uma premonição.

Ele estava deixando uma mancha no legado de seus antepassados esta noite.

Em vez de ir até o pergaminho, ele ficou onde estava enquanto cada representante da família e todas as fêmeas subiam e se posicionavam com Ichan, fazendo a sua parte enquanto selos e fitas eram afixadas. Era como assistir a atores em um palco, cada um deles desfrutando de seu momento na luz, o foco sobre eles.

Eles sabiam o que estavam fazendo? ele pensou. Passando as rédeas para quem—Ichan? Como uma frente para aqueles lutadores? Aquilo era desastroso.

—Abalone?

Balançando-se ao som de seu nome, ele olhou para cima. A sala inteira estava olhando para ele.

Ichan sorriu lá da frente. —Você é o último, Abalone.

Agora era a oportunidade de viver de acordo com o nome de seu avô. Agora era o seu momento de expressar sua opinião de que aquilo era um crime, era esse.



—Abalone. — Ichan ainda sorria, mas havia uma demanda forte em seu tom. —Sua vez. Por seu sangue.

Quando ele colocou o charuto no cinzeiro, sua mão estava tremendo de novo, a palma da mão suada. Limpando a garganta, ele se levantou, pensando na bravura de sua linhagem, a forma como o seu antepassado tinha feito o que era certo, apesar do risco.

A imagem de sua filha cortou através de sua fonte de emoções.

E ele sentiu os olhos dos outros, como mil miras a laser apontadas para ele.

Com a intenção de matar.

Quando Wrath ouviu uma batida na porta reforçada de seus aposentos, ele amaldiçoou em voz baixa e ignorou.

—Wrath, você deve receber quem está aí.

Ele pegou outra colherada da rica sopa que lhe tinha sido preparada, a partir dos vegetais que ele mesmo tinha retirado e escavado da terra. O gosto era sutil, o caldo perfumado, os pedaços de carne de uma vaca recém abatida que fora criada em seus estábulos.

A que ele mesmo matou.

A batida veio novamente.

—Wrath, — Anha repreendeu enquanto se erguia de seus travesseiros. —Você é necessário para os outros.

Ele não tinha noção do tempo, se era claro ou escuro, quantas horas ou noites se passaram desde que ela voltou para ele. E ele não se importava. Assim como não se importava em nada para os caprichos do tribunal ou as preocupações dos cortesãos.

Mais batida.

—Wrath, dê-me a colher e você responde a essa porta, — sua fêmea ordenou.

Oh, aquilo o fez sorrir. Ela realmente voltou.

—Seu desejo é uma ordem, — disse ele, colocando a tigela larga no colo dela e dando-lhe o utensílio que tinha usado.

Ele mesmo teria preferido muito mais continuar a alimentá-la. Mas vê-la capaz de gerir o esforço sem derramar e efetuar o processo de obter mais alimento em sua barriga? Aquilo o aliviava de formas internas.

E, no entanto, infelizmente uma tristeza ainda pairava sobre os dois: Nem ele nem ela tinham falado sobre a criança—sobre se o que tinha acontecido a Anha, lhes havia roubado de seu maior desejo.

Era doloroso demais para falar — especialmente à luz da revelação feita por Tohture.

—Wrath? A porta.

—Sim, meu amor.

Atravessando todos os tapetes, ele estava pronto para decapitar quem ousou se intrometer na cicatrização.

Exceto que quando abriu os painéis pesados, ele congelou.

Lá fora, no corredor, a Irmandade da Adaga Negra estava aglomerada, os seus corpos de combate se chocando no que era por outro lado mais do que um espaço amplo.



O instinto de proteger sua shellan o fez desejar um punhal na mão quando ele saiu e fechou a porta atrás de si.

Na verdade, aquela vontade de defender o seu território o deixou enrolando os punhos para cima, mesmo que nunca tivesse sido treinado para lutar. Mas ele morreria para salvá-la.

Sem uma palavra, as lâminas pretas deles vieram à tona, a luz das tochas capturando e piscando através daquelas superfícies matadoras.

Com o coração acelerado, ele se preparou para um ataque.

Exceto que não foi isso: Como um, eles desceram de joelhos, inclinaram suas cabeças, e bateram no chão, suas adagas lascando flocos do chão de pedra.

Tohrture ergueu aqueles incríveis olhos azuis primeiro. —Nós nos comprometemos a vós e somente a vós.

E então todos olharam para ele, seu respeito claro em seus rostos, aqueles corpos incríveis preparados para serem chamados ao serviço para ele, por ele — e só dessa maneira.

Wrath colocou a mão sobre o coração e não conseguia falar. Ele não tinha percebido até o momento o quanto tinha sido solitário, apenas ele e sua shellan contra o mundo — o que sentiu como ser o suficiente. Até agora...

E este era tal o oposto da glymera. Gestos cortesias foram sempre feitos em público, e não tinham mais profundidade do que qualquer desempenho — uma vez executado, ele era passado.

Mas aqueles machos...

Por tradição e costume, o rei não se curvava a ninguém.

E ainda assim ele se curvou agora. Profunda e reverentemente.

Lembrando as palavras que ouvira o pai falar, ele pronunciou, —O seu voto é aceito com gratidão pelo seu rei.

Então ele pregou em algo que era só dele: —E este é retornado. Eu prometo a vocês, a cada um, que providerei a vocês a própria fidelidade que vocês ofereceram e eu aceitei.

Ele conhecia cada um dos irmãos no olho.

Seu pai tinha usado aqueles machos especialmente criados pela sua força, mas sua aliança tinha sido com a glymera principalmente.

O instinto disse ao filho, que o futuro era mais seguro se o oposto fosse verdade: Com aqueles machos atrás dele, ele e sua amada e qualquer filho que pudessem ter, teriam melhor chance de sobrevivência.

—Há alguém que deseja se encontrar com você, — disse Tohrture de sua posição no chão. — Ficaremos honrados em ficar de guarda aqui na sua porta enquanto você atende à esta necessidade em seus aposentos da recepção.

—Não vou deixar Anha.

—Se você for, meu senhor, por favor, vá até o outro aposento. Está ali aquele com quem você precisa falar.

Wrath estreitou seu olhar. O irmão era inabalável. Todos eles eram inabaláveis.

—Dois de vocês venham comigo, — ele se ouviu dizer. —O resto permanece aqui para ficar de guarda para ela.



Com um grito orgulhoso de guerra, a Irmandade se ergueu em massa, seus rostos rígidos e congelados ao pior comentário sobre o estado das coisas. Mas enquanto eles se organizavam diante de sua porta, Wrath sabia em seu coração que eles iriam dar a vida por ele ou pela sua shellan.

Sim, ele pensou. Sua guarda privada.

Quando ele partiu, Tohture caiu na frente dele, e Ahgony veio atrás, e ao passo que os três procederam adiante, Wrath sentiu a proteção encobri-lo ao ponto de uma malha.

—Quem está à nossa espera? — Wrath disse suavemente.

—Nós o esgueiramos — foi a resposta calma. —Ninguém pode saber a sua identidade ou ele não vai durar uma quinzena.

Tohture foi quem abriu a porta, e por conta de seu peso, não havia como ver quem era.

No canto mais distante, uma figura com capa e encapuzada se levantou, mas não estava imóvel: seja quem era, estava tremendo, o tecido drapeado sobre ele em movimento pelo medo que continha dentro de seu corpo.

A porta foi fechada por Ahgony, e os Irmãos não saíram do seu lado.

Inspirando, Wrath reconheceu o cheiro. —Abalone?

As mãos pálidas de fantasma tremeram em seu caminho até o capuz e o removeu.

Os olhos do jovem macho estavam arregalados, o rosto desprovido de cor. —Meu senhor, — disse ele, deixando-se cair no chão, inclinando a cabeça.

Era o novo e menos familiar cortesão, o fim da programação de excelência, aquele que estava lá pela graça do sangue em suas veias e nada mais.

—O que você quer me dizer? — Wrath perguntou, inspirando pelo nariz.

Ele sentiu o cheiro do medo, sim — mas havia algo mais. E quando ele o definiu para si mesmo, ele ficou... impressionado.

A nobreza não era normalmente uma emoção a ser perfumada. Isso era mais da alçada do medo, da tristeza, da alegria, da excitação... mas isso renova um homem, apenas um ano de uma transição tinha feito pouco para aumentar seu peso corporal ou a sua altura, tinha um propósito por baixo de seu medo, uma motivação direcionada que só poderia ser... nobre.

—Meu senhor, — ele engasgou, —perdoe minha covardia.

—Em relação a quê?

—Eu sabia... Eu sabia o que eles iam fazer, e não fiz... — Um soluço escapou. —Perdoe-me, meu senhor....

À medida que o macho se quebrava, havia ali duas abordagens. Uma agressiva. A outra conciliadora.

Ele sabia que iria ficar mais com a última.

Caminhando até o macho, ele estendeu sua mão. —Levante-se.

Abalone parecia confuso pelo comando. Mas, então, ele aceitou a mão erguida e na direção que o levou até uma das cadeiras de carvalho esculpidas junto à lareira.

—Vinho? — perguntou Wrath.

—N-n-n-não, obrigado.

Wrath se sentou em frente ao homem, sua cadeira gemendo sob o peso de uma forma que Abalone não tinha. —Absorva uma respiração profunda.

Quando a ordem foi obedecida, Wrath se inclinou — diga-me a verdade e eu vou poupá-lo de seja o que for que você teme. Ninguém pode tocar em você, contanto que não tenha qualquer falsidade.

O macho pôs o rosto entre as mãos. Então respirou fundo novamente. —Perdi o meu pai antes da minha transição. Minha mãe também morreu na mesa de parto. Nesses departamentos, eu sou como você.

—É terrível para qualquer um ser deixado sem os pais.

Abalone deixou cair as mãos, revelando olhos que eram constantes. —Eu não deveria ter descoberto o que encontrei. Mas três madrugadas atrás, eu estava lá embaixo no porão do castelo. Não conseguia dormir, e minha melancolia me fez andar no subsolo. Eu estava sem uma vela, e meus pés acomodados dentro de sapatos de couro macio — por isso, quando ouvi vozes, eles não sabiam da minha aproximação.

—O que você viu? — Wrath perguntou gentilmente.

—Existe uma sala escondida. Sob as cozinhas. Eu nunca a tinha visto antes, porque a porta dela tem uma fachada para combinar com as paredes da parte de baixo, e eu não teria notado... exceto que o painel falso não conseguiu se fechar corretamente. Colocada em cima de uma pedra, havia uma fenda através da qual os meus olhos puderam se focar. Lá dentro, havia três figuras, e estavam circulando sobre um caldeirão em chamas. Suas vozes eram baixas enquanto um deles adicionava algo verde de alguma coisa de seja o que for que eles estavam aquecendo. O fedor era horrível e eu estava prestes a me virar e avançar com as minhas preocupações... quando ouvi seu nome.

Os olhos de Abalone se fixaram em uma distância média, como se estivesse vendo e ouvindo de novo o que ele estava contando. —Só que não era você. Era seu pai. Eles estavam discutindo de como ele adoeceu e morreu, e tentando determinar a quantidade adequada para alguém de menor estatura. — O macho balançou a cabeça. —Eu recuei. Em seguida, corri. Minha mente estava torcida com o que eu tinha testemunhado, e me convenci... que devia ter imaginado aquilo. Certamente eles não poderiam ter falado sobre seu pai, sua companheira. Foi apenas—eles tinham prometido a verdade a você e seu sangue. Então, como poderiam deixar essas coisas passarem de seus lábios aos ouvidos de outras pessoas — olhos claros e sinceros encontraram os de Wrath. — Como puderam fazer tal coisa?

Amenizando uma fúria interior, Wrath estendeu a mão e a colocou sobre o ombro do jovem. Mesmo que as suas idades não fossem tão distantes, ele sentiu como se estivesse falando a um de uma geração muito diferente do que a sua própria.

—Não se preocupe com a motivação deles, filho. Os impuros são confusão para os justos.

Os olhos de Abalone pareceram concordar. —Eu convenci a mim mesmo de que tinha sido um erro. Até que a rainha... — Ele colocou o rosto de volta em suas palmas. —... Querida Virgem Escriba no Fade, quando a rainha foi ao chão, eu sabia que tinha falhado com você. Eu sabia que não era diferente daqueles que causaram o dano, porque não parei com o que eu deveria saber.



Para evitar um desmoronamento completo, Wrath apertou aquele ombro saliente. — Abalone... Abalone, recomponha-se.

Quando houve um mínimo de compostura de volta, Wrath manteve seu nível de voz, mesmo que em seu interior, ele estivesse fervendo. — Você não é responsável pelas ações dos nefastos.

— Eu deveria ter vindo até você, eles mataram a rainha.

— Minha companheira está viva e bem. — Não há razão para me debruçar sobre uma perda próxima. — Eu lhe asseguro, ela está muito bem.

Abalone cedeu. — Obrigado a Virgem Escriba.

— E você está perdoado por mim e pela minha rainha. Você entende? Eu te perdoo!

— Meu senhor, — o homem disse, deixando-se cair de novo no chão e colocando a testa no anel de diamante preto que Wrath usava. — Eu não mereço isso.

— Você merece. Porque você veio até a mim, e pode fazer as reparações de que procura. Pode levar um dos Irmãos a este lugar escondido?

— Sim, — o homem disse sem hesitar. Levantando-se, ele colocou o capuz. — Agora vou mostrá-los.

Wrath assentiu para Ahgony. — Vai com ele?

— Meu senhor, — o irmão disse, aceitando o comando.

— Há apenas uma coisa antes de você ir, — disse Wrath em um rosnado. — Você pode me dizer quem eram.

Os olhos de Abalone se bloquearam por conta própria. — Sim. Cada um dos três.

Wrath sentiu seus lábios se erguerem em um sorriso, embora ele não conhecesse a alegria ou a felicidade em seu coração. — Ótimo. Isso é muito bom, filho.

Capítulo 39

Havia uma vantagem em viver sozinho e ser rejeitado por seu pai: Quando você não voltava para casa por um dia inteiro, ninguém estava rangendo os dentes sobre sua possível morte.

Certamente reduzia as chamadas de telefone, Saxton pensou enquanto se sentava em frente às portas duplas do escritório de Wrath.

Ajeitando-se no banco ornamentado, olhou por cima do corrimão folhado a ouro. Silêncio. Nem mesmo um do *doggens estava* limpando. Então, novamente, algo estava acontecendo na casa — algo grande, podia senti-lo no ar, e, embora não tivesse muita experiência com as mulheres, sabia o que era.

Alguém estava no período de necessidade.

Não era a escolhida Layla outra vez, é claro. Mas tinha ouvido falar que uma mulher entrando em seu período poderia estimular aos outros, e claramente era o que tinha acontecido.

Deus, esperava que não fosse Beth, pensou enquanto esfregava os olhos cansados.

Coisas precisavam ser resolvidas antes disso.

—Você sabe onde ele está?

Saxton olhou sobre o corrimão de novo. Rehvenge, o *leahdyre* do Conselho, tinha conseguido chegar a meio caminho da grande escadaria sem a sua presença até mesmo ser registrada.

E, aparentemente, outra coisa estava definitivamente acontecendo: Como sempre, o homem se reduzia a uma figura imponente com seu casaco de vison e sua bengala vermelha, mas sua expressão desagradável o colocava em território francamente mortal.

Saxton levantou um ombro para dar de ombros. —Estou esperando por ele.

Rehv pisou no segundo andar e caminhou sobre a porta do escritório, como se para ver por si mesmo que não havia ninguém lá dentro. Então franziu o cenho, girou sobre o calcanhar de seu loafer LV¹²⁶, e olhou para o teto enquanto discretamente ajustava suas calças.

Nesse ponto, ele empalideceu. —É Beth?

Nenhuma razão para definir o que —isso—era. —Acho que sim.

—Oh, pelo amor de Deus. — The *leahdyre* sentou-se no banco oposto e foi então que Saxton notou o tubo de papelão, longo e fino que ele estava carregando. —Isso está ficando cada vez pior.

—Eles fizeram isso, — Saxton sussurrou. —Não foi.

A cabeça de Rehv girou e os olhos de ametista estreitaram. —Como você sabe?

Você me odeia?

Sim, eu odeio.

Saxton olhou para longe. —Tentei avisar ao Rei. Mas... ele estava cuidando de sua *shellan*.

—Você não respondeu à pergunta.

—Fui para casa do meu pai numa chamada de comando. E quando estava lá, descobri a coisa toda. — Ele pegou o telefone e rolou através de suas fotos, mostrando-as a Rehv. —Consegui tirar estas. São dos livros Antigos das Leis, todos abertos às referências dos herdeiros de sangue. Como eu disse, esperava chegar até ele na noite passada.

—Não teria importância. — Rehv passou a mão sobre seu cabelo cortado estilo Mohawk. — Eles tinham todas as rodas já em movimento.

Do outro lado, do corredor de estátuas, a porta que conduzia ao piso superior foi aberta. O que surgiu foi...

Merda Santa. — Rehv sacudiu a cabeça e murmurou: —Agora sabemos como o zumbi do apocalipse se parece.

Cambaleando, de pálpebras pesadas, como um boneco articulado era apenas uma semelhança passageira do Rei, com o cabelo comprido e úmido de um banho, ainda com o famoso pico da viúva, e os óculos estavam certos, e sim, a camisa preta e couros eram seu uniforme. Mas todo o resto estava tudo errado. Ele havia perdido muito peso, suas calças estavam soltas como bandeiras ao redor de suas pernas, a cintura caída em suas coxas, até mesmo a camisa supostamente justa ondulava fora de seu peito. E seu rosto estava tão ruim. A pele tinha

¹²⁶ Sapatos/mocassins Louis Vuitton.

encolhido em volta de suas maçãs do rosto altas e do pesado queixo e a garganta... querida Virgem Escriba, sua garganta.

Suas veias de ambos os lados tinham sido tomadas tantas vezes e com tanta força, que pareciam um extra *no Texas Chain Saw Massacre*¹²⁷.

E ainda assim o macho estava flutuando em uma nuvem. O ar que o precedeu era suave como uma brisa de verão, seu senso de satisfação e felicidade era uma bolha que o cercava.

Uma vergonha arruinar isso.

Wrath os reconheceu imediatamente, e quando parou, a cabeça virou lado a lado, como se estivesse verificando seus rostos. Em vez disso, Saxton tinha certeza que era suas auras.

—O que foi?

Deus, a voz estava rouca, quase um sussurro. Havia força por trás dele, no entanto.

—Temos que conversar. — Rehv bateu o tubo na palma da mão como se fosse um taco de beisebol. —Agora.

Wrath respondeu com uma série de maldições vil. E, em seguida, apertou — Foda-se, você pode me dar uma hora para alimentar a minha maldita *shellan* depois de sua necessidade?

—Não. Nós não podemos. E nós precisamos dos Irmãos. Todos eles. — Rehv ficou de pé com a ajuda de sua bengala. —A *glymera* votou que quer você fora, meu amigo. E nós precisamos conseguir uma resposta.

Wrath não se moveu por mais tempo. —Com que fundamentos?

—Sua rainha.

Aquele rosto pálido conseguiu ficar mais pálido ainda.

—Fritz — o Rei gritou no topo de seus pulmões.

O mordomo se materializou a partir da sala de estar do segundo andar, como se tivesse estado à espera de ser convocado por horas.

—Sim, senhor?

Era com esgotamento total que o Rei murmurou—Beth precisa de comida. Traga tudo o que ela possa querer. Eu a deixei no banho, você pode ter um melhor controle sobre ela agora. Estava fraca e não quero que desmaie e se afogue.

Fritz curvou tão baixo, que era uma maravilha que o rosto flácido não roçasse o tapete. — Imediatamente. De uma só vez.

Quando o *doggen* correu, Wrath o chamou. — E você vai levar meu cão para fora? E, em seguida, traga-o para o meu escritório.

—Claro, senhor. O prazer é meu.

Wrath se virou e encarou as portas abertas de seu escritório como se estivesse indo para a forca. —Rehv, ligue para a Irmandade.

—Afirmativo. E Saxton precisa estar nesta reunião. Alguém tem que dar um parecer sobre a legalidade de tudo isso.

Wrath não respondeu. Simplesmente entrou na sala azul pálida, uma sombra que estava vivendo no centro de toda a mobília francesa extravagante.

¹²⁷ *O Massacre da Serra Elétrica.*

Nesse momento, Saxton podia ver o peso caindo sobre o homem, sentir o calor do fogo que ardia naqueles pés, sentir a perda de paciência que se apresentava neste ponto do caminho. Wrath era a proa do navio da raça, e como tal... ia bater nas geleiras primeiro.

Era tão ingrato, tudo isso. As horas que passara acorrentado à mesa de seu pai, a papelada que passava na frente dele, um borrão de páginas que tinham sido preparado por outros, apresentados à Saxton, julgadas por Wrath, e enviadas de volta para o mundo.

Um fluxo interminável de malditas necessidades.

Ficando em pé, Saxton ajeitou as roupas que estava usando desde que tinha ido para a casa de seu pai e descoberto a verdade quando já era tarde demais.

O que estava por vir? Ele estava com Wrath — e não apenas porque seu pai e ele estavam afastados.

Sabia muito bem o que era ser forçado em um molde que não se encaixava e, em seguida, demonizado por uma falha na assembleia formal.

Ele e Wrath eram almas gêmeas.

Tragicamente.

Em silêncio e com o coração pesado, Sola andou pela casa que tinha compartilhado com sua avó, indo de sala em sala, vendo tudo e ainda vendo nada.

—Posso contratar alguém para fazer isso, — Assail disse calmamente.

Parando na cozinha, ela se apoiou sobre a pequena mesa redonda e olhou pela janela. Mesmo que não houvesse luzes externas, imaginou a varanda dos fundos, vendo-a coberta de neve. Ao vê-lo ali de pé no frio.

Pouco frustrante. Ela veio aqui com as caixas desmontadas da U-Haul¹²⁸ para arrumar as coisas — não para falar sobre este homem. Mas quando ela abriu armários e fez estimativas sobre quanto jornal iria precisar, ele era tudo o que estava realmente em sua mente: Não a casa que ela estava indo embora, não as coisas que ia ter que deixar, não os anos que passaram desde o dia de outono, que ela e sua avó tinham vindo aqui e decidido que sim, esta casa seria das duas.

Muito tempo tinha passado.

E, no entanto, a única coisa em sua mente era o homem que estava atrás dela.

—Marisol?

Ela olhou por cima do ombro. —Desculpe-me?

—Eu perguntei onde você gostaria de começar?

—Ah... lá em cima, eu acho.

Indo para a sala, pegou algumas das caixas não montadas, e alguns rolos de fita que colocou em seu pulso, e subiu as escadas. Chegando no andar, decidiu... o quarto dela.

Foi bem trabalhoso por um momento montar as caixas de tamanho médio, a fita arrancada com um ruído como se rasgasse um tecido, os dentes ajudando a cortar as tiras, pois não tinha uma tesoura, os quatro lados terminados, tornando-as sólidas e capazes de guardar as coisas.

Sua avó lava a roupa de Sola há tempo suficiente para que a mulher soubesse quais eram suas roupas favoritas e as tinha levado até Assail. O que foi deixado na gaveta e nos cabides, ela os

¹²⁸ Empresa de Transportes

jogou sem fazer qualquer esforço de dobrar: calças de yoga que tinham sido lavadas tantas vezes que eram cinzas escuras, não pretas; golas que haviam perdido o elástico em torno da garganta, mas ainda eram funcionais; sutiãs que estavam um pouco desgastados na frente; uma grande quantidade de blusas de lã; calças de brim do colégio que usou como uma escala para avaliar o seu peso.

—Aqui, — Assail disse gentilmente.

—O que... — Quando ela olhou para o lenço, percebeu que estava chorando. —Desculpe.

Antes que ela percebesse, sentou-se na cama de solteiro. E após secar seus olhos, olhou para o lenço, correndo o tecido fino sob a ponta dos dedos.

—O que a aflige? — ele perguntou, com os joelhos estalando quando se ajoelhou ao lado dela.

Olhando por cima, ela estudou seu rosto. Deus, não podia acreditar que pensou que era cruel. Era... bonito.

E os seus olhos cor de luar extraordinários, eram poças de compaixão.

Mas tinha a sensação de que ia mudar.

—Eu tenho que ir — disse ela asperamente.

—Desta casa? Sim, lógico. Vamos colocá-la no mercado, para você.

—Caldwell.

O silêncio que veio foi tão pronunciado como uma explosão de atividade—tudo mudou, assim como ele permaneceu na mesma posição.

—Por que?

Ela tomou uma respiração profunda. —Eu não posso... Eu não posso ficar com você para sempre.

—Claro que você pode.

—Não, eu não posso. — Ela ajeitou o lenço. —Estou partindo de manhã e levando minha avó comigo.

Assail levantou-se e caminhou em torno do quarto apertado. —Mas você está segura comigo.

—Não posso ser uma parte da vida que você está vivendo. Eu só... não posso.

—A minha vida? Que vida?

—Sei o que está por vir. Com Benloise indo embora, você vai precisar ter o produto em algum lugar e vai resolver o problema de uma forma onde você estará no comando, não apenas para fornecer os muitos clientes de varejo de Caldwell, mas de toda a costa leste.

—Você não sabe quais são os meus planos.

—Conheço você, no entanto. Você é dominante, e isso não é uma coisa ruim. A menos que você fosse alguém tentando fugir de tudo — ela acenou sua mão para trás e para frente — isso.

—Você não precisa ser uma parte do meu trabalho.

—Não é o jeito que vai ser e você sabe disso. — Ela olhou para ele. —Pode ser verdade, se você fosse um advogado, mas você não é.

—Ainda assim você considera me deixar uma opção melhor?

Engraçado, uma parte dela se animou que ele estivessem falando como se fossem um casal. Mas a realidade irrompeu aquela esperança fora. —Você acha que vai começar outra carreira?

O silêncio que se seguiu respondeu da maneira como ela pensava que seria.

Sua voz estava irritada. —Eu não consigo entender a reviravolta abrupta.

—Fui sequestrada da minha casa, trazida contra a minha vontade, e quase estuprada. — Quando ele recuou como se tivesse lhe dado um tapa, ela amaldiçoou. —É que... já está na hora de eu começar a me comportar honestamente ao invés de ficar desse jeito. Tenho dinheiro suficiente então não vou ter que trabalhar de imediato, e tenho outro lugar.

—Onde.

Ela abaixou os olhos. —Aqui não.

—Você nem vai me dizer para onde está indo.

—Acho que você viria atrás de mim. E estou muito fraca no momento para dizer não.

Um cheiro repentino cravou no ar e ela olhou ao redor, pensando nessas colônias que vinham em revistas. Mas nada mudou—era apenas os dois sozinhos na casa, sem Glade Plugins¹²⁹ à vista.

Ele focou no tapete barato que pairava sobre ela. —Eu não quero que você vá.

—Talvez isso me faça irritada, mas estou feliz. — Ela trouxe o lenço à boca e esfregou para trás e para frente sobre os lábios. —Não quero ficar sozinha, nem me sentir assim.

—Posso mantê-la separada dos negócios. Você não precisa saber de nada sobre as operações, distribuição, posições de caixa.

—Só que pelo tempo que sou sua namorada, ou o que, sou um alvo. E se a minha avó morar com você, ela também será um alvo. Benloise tem família, não aqui nos Estados Unidos, mas na América do Sul. Mais cedo ou mais tarde, seu corpo vai aparecer, ou a sua ausência vai ser notada, e talvez eles não o encontrem. Mas talvez sim.

—Você acha que não posso protegê-la? — Ele perguntou com altivez.

—Pensei que eu poderia cuidar de mim mesma. E aquela sua casa? Verifiquei, como você sabe, e é uma fortaleza, vou te dar isso. Mas as coisas aconteceram. As pessoas entraram. As pessoas ficam... feridas.

—Não quero que você vá.

Ela levantou os olhos para os dele, e sabia que nunca poderia, nunca iria esquecer o jeito que ele a olhou de pé no centro de seu pequeno quarto, com as mãos nos quadris, carranca em seu rosto, um ar de confusão em torno dele.

Como se estivesse tão acostumado a conseguir o seu caminho em todos os aspectos da vida, ele não podia compreender o que estava acontecendo.

—Vou sentir sua falta, — ela disse com uma voz rachada. —Todos os dias, todas as noites.



Mas ela precisava ser inteligente. A atração tinha estado lá desde o início e ele vindo para salvá-la tinha acrescentado uma outra dimensão a tudo isso, uma conexão emocional forjada no forno de seu terror e dor. O Problema? Nada disso era a base para um relacionamento sólido.

Inferno, ela o conheceu enquanto o espionava para um importador de drogas. Ele a caçou por invasão. Tinham ambos seguido um ao outro durante toda a noite, até que ela o viu fazendo sexo com outra mulher, pelo amor de Deus. Depois veio a sua quase—tragédia e um pouco de sexo alucinante que tinha sido um duplo propósito em sua recuperação.

Sola pigarreou. —Eu só preciso sair daqui. E tanto quanto isso dói... é isso que vou fazer.

Capítulo 40

Aqui embaixo era melhor para o anúncio, Wrath pensou quando entrou na sala de jantar com George a seu lado.

Tomando o seu lugar na cabeceira da mesa de trinta metros de comprimento, esperou para que todos pudessem chegar. De jeito nenhum estava tendo este tipo de reunião, enquanto o traseiro dele estava no trono de seu pai. Não ia acontecer. E não havia nenhuma razão para excluir alguém da casa. Isso ia afetar a todos.

E sem uma pré-reunião, também. Ele não precisava de alguma reunião privada com Rehv e Saxton para saber sobre tudo e, em seguida, se sentaria ao redor, enquanto eles estavam regurgitando para todo mundo. Ele não tinha nada a esconder na frente de sua família e nada ia fazer isso mais fácil de ouvir.

Removendo seus óculos, ele esfregou os olhos e pensou em uma outra razão que estava feliz de não estar no andar de cima... muito perto de Beth. Fritz lhe tinha assegurado que ela estava na cama e comendo, mas uma coisa que sabia sobre sua *shellan*? Ela era plenamente capaz, mesmo após os rigores da sua necessidade, de vir para baixo para vê-lo e se reconectar com o mundo exterior.

Se isto era sobre ela? Ela não precisava ouvir isso agora. Merda sabia que não teria muito tempo para dizer a ela.

—Sente-se, — Wrath murmurou enquanto colocava os óculos de sol de volta. —Você também, Z.

Ele podia sentir Phury hesitando no limiar da sala com seu irmão gêmeo, e na batida desajeitada que se seguiu, Wrath sacudiu a cabeça. —Sem beijar o anel, certo? Apenas me dê um pouco de espaço.

—É justo, — murmurou Phury. —Tudo o que você precisa.

Então, eles tinham sido avisados. Ou isso, ou Wrath parecia tão ruim como se sentia.

Enquanto os outros chegavam, um a um ou em pequenos grupos, poderia dizer pelos aromas quem entrava e em que ordem. Ninguém disse nada, e ele imaginou que Phury estava dando sinais de mão para as pessoas, dizendo-lhes para calar a boca e ficar bem para trás.



—Estou do seu lado direito, — Rehv anunciou. —Saxton está ao meu lado.

Wrath assentiu em sua direção geral.

Algum tempo depois, Tohr disse:—Estamos todos aqui agora.

Wrath tamborilou com os dedos sobre a mesa, seu cérebro sobrecarregado pelos tristes, e ansiosos aromas no nariz, — bem como o silêncio. —Fale para nós, Rehv, — ele exigiu.

Houve o som suave de uma cadeira sendo empurrada para trás no tapete, e, em seguida, o *symphath* Rei e *leahdyre* do Conselho do *glymera* começou a lutar com alguma coisa. Houve um pop... seguido por uma corrida de desembainhar.

Então um pergaminho, uma grande folha... sendo desenrolada. Com um monte de coisa roçando a mesa.

Os laços das famílias, Wrath pensou.

—Não vou ler essa merda, — Rehv reclamou. —Não vale a pena o meu tempo. Resultado, todos eles colocaram seus selos sobre isso. Em suas mentes, Wrath não é mais o rei.

Um manancial de raiva saltou das gargantas de sua casa, muitas vezes se elevando, os sentimentos de todos iguais.

E, na verdade, era a *shellan* de Butch, Marissa, que era de longe a mulher mais refinada na casa, quem resumiu melhor:

—Aqueles filhos da puta malditos.

Wrath teria rido em quaisquer outras circunstâncias. Inferno, nunca a tinha ouvido falar antes uma maldição. Não sabia que ela poderia passar essa merda através de seus lábios perfeitos.

—Quais são os motivos? — Alguém perguntou.

Wrath cortou a conversa com duas palavras:—Minha companheira.

Todos ficaram em silêncio.

—O acasalamento foi absolutamente legal, — Tohr apontou.

—Mas ela não é inteiramente vampiro. — Wrath esfregou as têmporas e o pensamento do que ele e Beth tinham feito durante as últimas dezoito horas. —E isso significa que se tivermos crianças, também não serão.

Jesus Cristo, isto era uma bagunça. Uma merda de bagunça total. Ele poderia ter tido uma chance se não tivesse tido qualquer criança — então o trono poderia ter passado a seu parente próximo, mais próximo. Butch, por exemplo. Ou qualquer criança que o irmão e sua companheira tivessem.

Agora, porém... as apostas eram diferentes, não eram.

—Ninguém é um puro-sangue.

— Isso não é a Idade Média.

— É preciso levar todos para fora.

—Isso é ridículo.

— Por que estão perdendo tempo?

Wrath acalmou o caos enrolando um punho e batendo em cima da mesa. —O que está feito está feito. — Deus, isso dói. —A questão é, o que acontece agora. Qual é a nossa resposta, e quem diabos é que eles acham que vai governar?



Rehv falou. —Vou deixar Saxton abordar os aspectos legais da primeira parte, mas posso responder à segunda. É um cara chamado Ichan, filho de Enoque. Afirmo aqui — um farfalhar — que ele é um primo seu?

—Quem sabe? — Wrath mudou de posição na cadeira. —Eu nunca o conheci. A pergunta é: onde estão os Bandos de Bastardos. Eles têm de estar envolvidos neste processo.

—Eu não sei, — Rhv disse enquanto enrolava o anúncio. —Parece um pouco sofisticado para o gosto de Xcor. Uma bala no cérebro é mais o seu estilo.

—Ele está por trás disso. — Wrath sacudiu a cabeça. —Meu palpite é que ele vai deixar a poeira baixar, matar esse filho da puta Ichan, e obter-se nomeado.

Tohr falou. —Você não pode apenas modificar as leis antigas? Como Rei, você pode fazer o que quiser, certo?

Quando Wrath assentiu na direção de Saxton, o advogado levantou-se, a cadeira rangendo baixinho. —O voto de censura, do ponto de vista legal, é remover o Rei de todos os poderes de comando e regras. Qualquer tentativa agora para mudar a lei seria nula e sem efeito. Você ainda é Rei, no sentido de tem o trono e o anel, mas na prática, você não tem nenhum poder.

—Assim, eles podem nomear alguém — Wrath perguntou. —Só isso?

— Receio que sim. Encontrei uma nota processual escondida que, na ausência de um Rei, o Conselho pode nomear um governante de fato com uma super maioria, e isso é o que eles fizeram. O trecho foi destinado para ser acionado em tempos de guerra, no caso de toda a Primeira Família for exterminada junto com todos os herdeiros imediatos.

Fizeram isso, Wrath pensou.

Saxton continuou. —Eles desenterraram essa disposição e, infelizmente, do ponto de vista legal, é válido, mesmo que não tenha sido usada da forma que foi contemplada pelos redatores originais das leis.

—Como é que nós não vimos isso acontecer? — disse alguém.

—É minha culpa, — Saxton disse asperamente. —E assim, na frente de todos vocês, eu apresento a minha demissão e remoção como advogado. É imperdoável que perdi isso.

—Foda-se, — disse Wrath com exaustão. —Eu não aceito.

—Meu pai é a pessoa que fez isso. Isso é ruim, eu deveria ter pesquisado isso. Deveria ter.

—Chega, — Wrath disse. —Se você seguir com esse argumento, eu deveria ter sabido o tempo todo, porque meus senhores são os que elaboraram essa merda. Sua demissão não é aceita, então cale a boca sobre desistir e sente-se, merda. Vou precisar de você.

Cara, ele tinha essas *grandes* habilidades interpessoais.

Wrath amaldiçoou um pouco mais, e depois murmurou:—Então, se ouvi isso direito, não há nada que eu possa fazer.

—Do ponto de vista legal, — Saxton cobriu, —estaria correto.

Na longa pausa que se seguiu, surpreendeu a si mesmo. Depois de ter sido tão infeliz não apenas os séculos antes dele decidir fazer jus ao legado de seu pai, apesar das noites reais de trabalho, você pensaria que estaria aliviado. Toda essa coisa de papelada, as demandas da

aristocracia, tudo antiquado — oh, e, em seguida, houve, a briga com — Payne, empunhando um punhal preso na mão, foi junto com tudo.

Até o ponto em que ele se sentia como uma estatueta Humme¹³⁰.

Então, sim, devia estar feliz por estar livre da mentira.

Em vez disso, não sentiu nada, além de desespero.

Estava perdendo seus pais novamente.

No final, Wrath tinha que ver a câmara oculta por si mesmo. Disfarçando sua forma com uma túnica humilde de modo que ninguém soubesse que era ele, passou pelo castelo com Ahgony, Tohture e Abalone — que haviam retomado seu disfarce tão bem.

Movendo-se rapidamente através dos corredores de pedra, passaram pelos membros da família, doggen, cortesãos, soldados. Livre do fardo de toda a curvatura e as saudações rituais que teriam lhe dado, pois era o Rei, o castelo ficando cada vez mais grosseiro quando passaram pelas áreas da corte e para baixo na competência dos funcionários.

Os cheiros eram diferentes, aqui. Sem ar frescos e flores, ou pacotes suspensos de especiarias, ou fêmeas perfumadas. Estes quartos amplos, eram escuros e úmidos, e os fogos não eram acendidos com regularidade rígida, então não havia um tom de fuligem a cada inspiração. No entanto, quando se depararam com a cozinha, o perfume glorioso de cebolas fritas e pão assado elevou tudo isso.

Eles não entraram na área da cozinha diretamente. Em vez disso, tomaram um conjunto restrito de degraus de pedra para baixo, mais para dentro do subterrâneo. Na parte inferior, um dos irmãos pegou uma tocha acesa e trouxe um pouco de iluminação.

Sombras os seguiam, espalhando pelo chão de terra batida enquanto os ratos se enredavam sob os pés.

Wrath nunca tinha estado aqui em baixo. Como Rei, ele estava sempre apenas nas partes embelezadas da propriedade.

Este era um local apropriado para fazer o mal, pensou quando Abalone parou em frente a um trecho da parede que não parecia diferente de qualquer outro.

—Aqui, — o homem sussurrou. —Mas eu não sei como eles entraram.

Ahgony e Tohture começaram a sentir em torno, utilizando a luz para pesquisar.

—O que é isso? — Disse Ahgony. —Há um orifício.

A parede — era na verdade uma mentira, uma invenção frágil colorida para aparecer como se fosse parte da construção de pedra e argamassa. E dentro...

—Não, meu senhor, — Ahgony disse antes de Wrath dar um passo à frente. —Eu irei primeiro.

Com a tocha erguida, o Irmão penetrou na escuridão, as chamas revelando o que parecia ser um espaço de trabalho apertado: De um lado, havia uma mesa tosca com pernas sem graça, em

¹³⁰ Estatueta de terracota que retrata crianças felizes.

que estavam frascos de vidro tampados com tampas de metal pesados; um almofariz e pilão¹³¹; uma tábua de carne; muitas facas. E no centro da sala, abaixo um caldeirão sobre uma fogueira.

Wrath caminhou até o bojo de ferro fundido. —Traga-me luz.

Ahngony direcionou a iluminação na coisa.

Um guisado desprezível, frio agora, mas claramente fora cozido, parecia como os restos de uma inundação de esgoto.

Wrath molhou o dedo e trouxe um pouco da lama acastanhada. Cheirou, e descobriu que, apesar de sua consistência e a profundidade de sua cor, tinha pouco fragrância.

—Não o prove, meu senhor, — Tohture disse—Se você precisar, permita-me.

Wrath limpou a mão sobre seu manto e foi até os frascos de vidro. Ele não reconheceu nem as várias raízes retorcidas contidas no conjunto, nem os flocos de folhas, nem os pós negros. Não havia uma receita, tampouco, nenhuma pedaço de pergaminho com notas para o preparador.

Então, sabiam os ingredientes de cor.

E tinham usado este espaço por algum tempo, pensou, correndo os dedos sobre a mesa esburacada, em seguida, indo inspecionar o buraco de ventilação bruto sobre o caldeirão.

Ele se virou para a montada e se dirigiu para Abalone. —Você fez a honra à sua linhagem. Você tem provado o seu valor esta noite. Vá embora e saiba que o que deve acontecer agora não cairá sobre você.

Abalone ajoelhou num joelho. —Meu senhor, mais uma vez, eu não sou digno.

—Isso é para eu decidir e fiz a minha declaração. Agora vá. E fique em silêncio sobre tudo isso.

—Você tem a minha palavra. É tudo o que tenho para oferecer, é seu e de mais ninguém.

Abalone pegou o diamante negro e colocou um beijo sobre a pedra. Então se foi, seus passos arrastados recuando quando fez o seu caminho de volta ao longo do corredor.

Wrath esperou até mesmo seus ouvidos aguçados não pudessem ouvir nada. Então, em um tom abafado, ele disse, — quero o jovem macho seja cuidado. Forneça-o de riqueza suficiente para levar suas gerações por diante.

—Como quiser, meu senhor.

—Agora, feche a porta.

Silêncio. Nem um barulho. Eles estavam fechados apenas com a luz.

Durante muito tempo, Wrath caminhou ao redor do espaço claustrofóbico, imaginando o fogo aceso e jogando fora o calor, uma vez que quebrou os aspectos do material vegetal, as raízes, os pós... generosidade da natureza transformada em veneno.

—Por que ela — ele perguntou. —Se eles mataram meu pai e queriam o trono, por que não eu?



131



Ahgony balançou a cabeça. —Eu me perguntava isso. Talvez eles não queiram um herdeiro. Quem o sucederia em sua linha? Quem seria o próximo no trono, se você não tivesse nenhuma criança?

—Existem os primos. Parentes distantes.

As famílias reais tendem a ter filhos limitados. Se a rainha sobrevivia a um parto, não queria correr o risco de novo desnecessariamente, especialmente se o primogênito era do sexo masculino.

—Pense, meu senhor, — Ahgony solicitou. —Quem estaria na linha para o trono? Talvez aquele que está prestes a nascer? Eles poderiam estar ganhando tempo para um parto, após o que teria como alvo você.

Puxando as mangas do manto, Wrath olhou para os antebraços. Depois de sua passagem, ele tinha sido coberto com as linhas da família, e traçou o que estava permanentemente em sua pele, pensando quem estava vivo, quem estava morto, quem tinha crianças, e que estava grávida.

Ele fechou os olhos, a solução para a equação se apresentou. —Sim. Sim, concordo.

—Meu senhor?

Wrath deixou a manga do manto cair de volta no lugar. —Eu sei o que eles estão pensando. É um primo meu e sua companheira é muito jovem agora. A outra noite, eles estavam dizendo que oraram a Virgem Escriba para terem um filho.

—Sobre quem o senhor está falando?

—Enoch.

—É verdade, — Tohture disse severamente. —Eu deveria ter sabido.

Sim, Wrath pensou. Seu principal conselheiro. Buscando o trono para o filho que iria levar a fortuna da família para o futuro, — enquanto o macho colocava a coroa sobre a sua cabeça durante séculos.

No silêncio, pensou em sua própria sala de recepção, a mesa com pergaminho cobrindo cada metro quadrado de sua superfície, as canetas de pena e potes de tinta, as listas de problemas para cuidar. Adorava tudo isso, as conversas, os julgamentos, o processo de apaziguamento de chegar a uma decisão, pensar.

Então ele viu o corpo morto de seu pai, com suas mãos enluvadas, e as unhas azuis de sua shellan.

—Isso deve ser cuidado, — declarou ele.

Tohture assentiu. —A Irmandade deve encontrá-lo e despachá-lo.

—Não.

Ambos os irmãos olharam para ele.

—Eles foram atrás do meu sangue. Vou derramar o deles em resposta pessoalmente.

Os rostos dos dois lutadores treinados e criados tornaram-se impassíveis e sabia o que eles estavam pensando. Mas não importava. Devia esta vingança a sua linhagem e sua amada.

Do outro lado, havia um atarracado banco grosso por baixo da mesa então o puxou para fora. Sentando-se, acenou com a cabeça no caldeirão.

—Ahgony, vá adiante e exalte a força de vida da minha companheira. Torne-a conhecida em toda parte que ela sobreviveu. Tohture, fique aqui comigo, e aguarde o retorno dos assassinos.



Assim que ouvirem a notícia, devem vir aqui novamente para fazer uma segunda tentativa—e vou cumprimentá-los.

—Meu senhor, por ventura eu poderia oferecer meu serviço de uma forma diferente. — Ahgony olhou para o irmão. —Vamos acompanhá-lo de volta para a sua companheira, e nos permita voltar e esperar aqui.

Wrath cruzou os braços sobre o peito e recostou-se contra a parede. —Leve a tocha com você.

Capítulo 41

Beth só tinha que ir e olhar para si mesma no espelho.

Mesmo que estivesse em um novo estado de exaustão, ela simplesmente tinha que sair da cama, fazer a dura caminhada pelo tapete grosso, e se concentrar na luz brilhando sobre as pias no banheiro. Conforme prosseguia, seu corpo era uma contradição de dor, os músculos tensos e derretido, as entranhas soltas — e seu cérebro aparentemente tinha voltado para o último: Ela não conseguia manter um pensamento em sua cabeça, fragmentos do dia e da noite anterior vindo à superfície, mas ofereciam qualquer conhecimento concreto.

Avistando o seu reflexo, ela foi pega de surpresa: era como se estivesse olhando para o seu próprio fantasma, e não porque estava pálida. Na verdade, sua pele estava radiante e seus olhos brilhando mesmo que estava cansada, como se ela tivesse ido até a Sephora e feito sua maquiagem de maneira profissional. Inferno, até mesmo seu cabelo parecia de um anúncio de Pantene.

Não, a parte fantasma era tudo sobre a camisola Lanz¹³² que colocou: de flanela, e grande como uma tenda de circo, o padrão branco e azul—claro era como uma nuvem em torno dela, ondulando por toda parte.

Isso a fez pensar em *Beetlejuice*¹³³, o filme. Geena Davis e um Alec Baldwin com um menor IMC e menos irritado, presos na vida após a morte, rondando sua casa em lençóis largos, quase tão assustador como Casper.

Olhando para baixo, ela inclinou-se e pegou o kit de remédios que nunca tinha usado. Colocou de volta onde o encontrou, em cima do balcão entre suas duas pias.

Deus, isso era o rescaldo de todos os hormônios ainda em sua corrente sanguínea, toda a experiência foi surreal, tão nebulosa em sua memória, uma vez que tinha sido uma dolorosa, experiência vívida.

Mas o que veio antes da necessidade estava ficando claro. Como alguém cujos sintomas não interligavam, até que recebeu o diagnóstico, ela pensou de volta ao longo dos quatro meses

¹³² Marca de camisolas clássicas europeias.

¹³³ No Brasil conhecido como *Os Fantasmas se Divertem*.

anteriores... e amarrou junto as mudanças de humor, o desejo de uma criança, os desejos, o ganho de peso.

TPM, estilo vampiro.

Essa coisa toda de ficar fértil tinha estado no seu caminho por um tempo. Ela só não tinha colocado juntos todos os sinais...

Voltando para o espelho, verificou minuciosamente. Não, seus traços eram todos iguais. Ela só se sentia como se devesse estar diferente.

Tal como com a sua transição.

Wrath a tinha ajudado por tudo isso também. E foi engraçado, como com o seu período de necessidade, teve estranhezas vagas por algum tempo antes de sua mudança chegar, também: agitação, vontades de comer algumas coisas, dores de cabeça ao sol.

Ela tinha que saber que descobrir que estava grávida ia ser tão grande quanto descobrir que era um vampiro.

Colocando a mão sobre o ventre, pensou... na verdade, provavelmente seria.

Por alguma razão, voltou a acordar depois de sua transição. A primeira coisa que fez foi ir até o banheiro para o espelho. Pelo menos, tinha presas para mostrar tudo isso. Agora, quaisquer mudanças que pudessem estar acontecendo eram em seu interior.

Pelo menos seu abdômen ainda estava inchado. Apesar de que era mais provável que apenas o peso que ela tinha ganhado era graças à sua dieta Breyers.

Ou ela poderia estar grávida. Agora, como no momento.

Como ela imaginou a cara no comercial da AT&T infinity x infinity¹³⁴, ela sabia que, apesar de Wrath ter reparado nela, seria louco pensar que ele tinha magicamente feito algo de repente para fazê-la ficar feliz — feliz sobre começar uma família.

Mais uma vez, supondo que estivesse grávida.

Vendo o reflexo de seus próprios olhos, ela se perguntou que diabos tinha colocado isso em movimento. Havia coisas na vida que você poderia desfazer.

Este não era um deles.

Seu estômago soltou um barulho. Olhando para o lado, ela murmurou. —Ok, pessoal, vamos todos nos dar bem.

Com suas entranhas moendo a comida que tinha se alimentado, ela se virou e caminhou de volta para a cama.

Só que não era o lugar onde foi parar.

Em vez disso, entrou no armário, vestiu um roupão azul e enfiou os pés em um par de UGGs¹³⁵ rosa que Marissa tinha dado a todas as fêmeas na casa como uma piada.

Os aposentos da Primeira Família eram tão suntuosos que Beth não gastou um monte de tempo à procura ou pensando sobre a forma como foram transformados, e como de costume,

¹³⁴ www.youtube.com/watch?v=Nfc7G4xKsI8



¹³⁵

ficou aliviada quando deixou o quarto. Sim, com certeza, o lugar era lindo, se você fosse um sultão. Pelo amor de Deus, era como tentar dormir na caverna de Ali Baba, joias cintilantes nas paredes e os falsos tetos.

E não, ela nunca se acostumaria ao banheiro de ouro.

A coisa toda era um absurdo.

Caramba, ela pensou quando trancou o cofre de volta por trás dela. Como é que alguém criaria uma criança nesse ambiente?

Uma criança que era meio normal, isso é.

Descendo as escadas para o segundo andar, ela percebeu que havia um outro aspecto da coisa toda de criança que não havia considerado: Estava tão focada em obter uma, que não havia considerado ter uma neste tipo de vida.

Seria um príncipe ou uma princesa. O primeiro — herdeiro ao trono.

Ah, e P.S., como você diz a uma criança que seu pai foi baleado na garganta por alguém que queria a coroa?

Deus, por que ela não pensou em nada disso?

O ponto inteiro de Wrath, não era isso.

Saindo da escada, ela foi ao escritório de Wrath, apenas remotamente consciente da conversa subindo do foyer.

Ela estava um pouco surpresa que ele não estivesse atrás da mesa. Assumiu quando Fritz tinha trazido a comida, que seu *hellren* tinha começado a colocar o trabalho em dia.

Entrando no escritório, olhou para aquele enorme banco de madeira de trono e, em seguida, apertou os olhos, tentando imaginar um filho ou uma filha estando por trás disso. Porque estragar as velhas leis: se eles tivessem uma menina, Beth iria se certificar de que mudassem as regras.

Se a monarquia britânica poderia fazê-lo, por que os vampiros não poderiam.

Deus... ela estava realmente pensando assim?

Esfregando as têmporas, ela reconheceu que tudo isso era a ponta do iceberg que Wrath tinha colidido — e, entretanto, ela tinha tido Fisher Price¹³⁶ em sua cabeça, desfrutando de um debate interno sobre fraldas de pano contra Pampers, que tipo comprar de vídeo de monitoramento, e se ela não gostava dos novos estilos de berço na Pottery Barn.

Coisas infantis e materiais de bebê. O tipo de coisas que ela tinha visto Bella e Z., lutar, comprar, e usar.

Nada disso tinha estado em seu radar, sobre quando a criança atingisse a idade adulta. Que foi o que Wrath tinha estado focado.

De repente, as pressões inerentes a essa grande cadeira entalhada nunca pareceram tão reais: Embora tivesse testemunhado pessoalmente, o verdadeiro ônus de tudo isso realmente não tinha sido definido até este momento... como ela imaginou seu filho estaria onde seu companheiro estava todas as noites.

Ela saiu do escritório rapidamente.

Havia dois outros lugares que ele estaria — no ginásio ou talvez na sala de bilhar.

¹³⁶ Loja parecida como o Alô Bebê no Brasil



Oh, espere, não havia ninguém mais lá.

Pelo menos até que tivessem móveis novos.

Cara, que confusão era essa.

Caminhando de camisola e robe, ela atingiu as escadas em um trote, até que o balançar de seus órgãos internos a fez ter náuseas e teve que ir devagar.

Atravessando a representação em mosaico da macieira, ela imaginou que pudesse perguntar a quem estava na sala de jantar.

No momento em que apareceu sob os arcos, ela congelou.

Apesar do fato de que não era hora das refeições, toda a família estava na mesa e algo terrível tinha acontecido: Sua família era como uma coleção de versões de Madame Tussaud¹³⁷s de si mesmos, o grupo estava sentado nas cadeiras, os rostos com características boas, mas as expressões eram ruins.

E os olhos de todos estavam sobre ela.

Quando o líder de Wrath levantou e se inclinou, era como sua transição mais uma vez, quando ela saiu do porão da casa de seu pai e entrou para encontrar os irmãos na mesa. A diferença, claro, é que naquela época não havia surpresa na sala.

Agora, era algo completamente diferente.

—Quem morreu? — ela exigiu.

Voltando ao Velho País, Xcor e seu Bando de Bastardos tinham ficado em um castelo que parecia ter ressuscitado da terra, como se as pedras de sua construção houvessem sido rejeitados pela sujeira, expulsos como um tumor. Situado sobre um imundo, numa maneira inabitável de monte, a construção olhava furiosa sobre a pequena aldeia de uma cidade humana medieval, a fortificação não tanto real quanto ressentida. E dentro, tinha sido nada menos que agradável: Fantasmas de seres humanos mortos andavam nos muitos quartos e no grande salão especialmente, colocando as coisas nas mesas pesadas, balançando lustres de ferro fundido, derrubando pilhas de lenha para as lareiras.

Na verdade, eles haviam se encaixado bem lá.

No Novo Mundo, no entanto... eles viviam em uma rua sem-saída, numa casa colonial com uma suíte master da cor do próprio intestino grosso.

—Nós fizemos isso! Verdade, temos o trono!

—Vamos governar!

—Hurra!

Enquanto seus combatentes davam parabéns uns aos outros e prosseguiam com o álcool, ele sentou-se no sofá da sala de estar e sentiu falta daquele grande salão do castelo. Parecia mais a montagem de um espaço para jogar testemunho da história que haviam colocado em movimento e o conseguiram.

Tetos de dois metros e meio e sofás de veludo simplesmente não estavam a altura para um evento desta magnitude.

¹³⁷ O Museu Madame Tussauds é um famoso museu de figuras de cera. Possui a maior coleção de figuras de celebridades.



Além disso, seu castelo... tinha sido anteriormente a sede da Primeira Família. O anúncio do destronamento de Wrath no mesmo lugar que havia nascido e fora criado, teria tido uma maior emoção.

Talvez, se fosse honesto, a localidade suburbana era o que estava roubando-lhe a alegria que seus combatentes compartilhavam.

Com certeza, era outra coisa: Esta luta com Wrath não tinha acabado.

Não havia nenhuma maneira que terminava aqui, assim. Muito fácil.

Refletindo sobre sua viagem até este momento, Xcor só podia balançar a cabeça. Antes que tivesse chegado até o Novo Mundo, voando sobre o mar à noite, as coisas pareciam um pouco mais em seu controle. Após a morte de Bloodletter, tinha tomado as rédeas dos soldados que apreciaram séculos de conflito com a Sociedade Lesser após a Irmandade ter vindo a Caldwell.

Eventualmente, no entanto, depois de todos os seus sucessos no campo, não houve ninguém poupado dos seres humanos para correr atrás, e era difícil encontrar muito esporte nos ratos sem caudas.

Ele queria o trono, logo que ele havia desembarcado porquê... ele estava lá.

E, talvez, sabia que a menos que tirasse a coroa, ele e o Bando de Bastardos seriam caçados: Cedo ou tarde, a Irmandade iria descobrir a sua presença e iriam querer exercer superioridade sobre eles.

Ou eliminá-los.

Através de seus esforços, no entanto, esse placar tinha sido transformado; ele tinha ganhado poder sobre eles e seu Rei. E isso é o que era tão estranho. A sensação de que estava de alguma forma fora de controle agora era ilógico.

Quando Balthazar soltou uma risada convulsa e Zypher serviu mais gin ou era vodkaa? — O temperamento de Xcor mudou.

—Ele ainda não respondeu, — Xcor cortou.

O grupo se virou para ele com carrancas.

—Quem? — Throe perguntou quando baixou seu copo. Os outros tinham copos de plástico vermelho ou estavam bebendo da garrafa.

—Wrath?

Throe balançou a cabeça. —Ele não pode, legalmente ele é impotente. Não há nada que ele possa fazer.

—Não seja ingênuo. Haverá uma resposta para o nosso tiro de canhão. Isto não está terminado.

Ele se levantou, uma inquietação batendo através de seu corpo, animando-o com movimentos de contração muscular que lutava para manter-se.

—Sem nenhum desrespeito pretendido, — Throe disse. —Não consigo ver o que ele pode fazer.

Afastando-se da jovialidade, Xcor disse:—Marque minhas palavras, isto ainda não acabou. A questão é, com base na sua resposta, podemos ainda nos sustentar.

—Para onde vais senhor? — Throe exigiu.



— Fora. E não devo ser seguido, obrigado.

— Obrigado — foi mais como — vai te foder, — pensou enquanto se desmaterializava pela porta da frente frágil e reaparecia em cima do gramado.

Não havia mais casas nesta parte do desenvolvimento, a única outra estrutura de casa era o de bomba para o sistema de esgoto municipal.

Ele inclinou a cabeça para trás e olhou o céu. Não havia luz da lua, as nuvens cobriam o que prometia mais neve bloqueando a iluminação.

Sim, neste momento de seu triunfo, não sentiu grande alegria ou sensação de realização. Ele esperava estar... bem, *feliz* seria uma palavra para isso, apesar de que a emoção não estava em seu léxico. Em vez disso, estava vazio como tinha estado quando tinha chegado sobre estas costas e pouco à vontade a ponto de ansiedade.

Droga! Ele sabia a causa da preocupação.

Era sua Escolhida, é claro.

Enquanto seus homens apreciavam a ilusão da vitória, só havia um lugar que quisesse ir— embora, sem dúvida, colocaria sua vida em risco.

E ir para o norte foi o que ele fez.

Viajando sobre o ar da noite frígida, suas moléculas mexeram em uma onda para o pé de uma das montanhas na beira muito mais distante do território de Caldwell.

Estando entre os pinheiros e carvalhos, suas botas de combate plantadas na neve dura, olhou para cima, mesmo que não pudesse ver o ápice do monte.

Ele não poderia, de fato, ver muito mais do que aquilo que estava a três pés diante dele.

A grande mancha na paisagem à frente dele não era baseada no tempo ou no terreno. Era mágico. Algum tipo de truque de mágica que não conseguia entender, mas não podia questionar a existência.

Ele havia seguido a sua Escolhida aqui.

De volta quando ela tinha ido até a clínica, ele tinha ficado com medo de que os irmãos a tivessem machucado em retaliação por alimentá-lo, esperou até que ela saísse do tratamento, e a seguiu aqui. Na verdade, ela tinha sido manipulada para fornecer-lhe com a sua veia. Tinha salvado sua vida não através da verdadeira escolha, mas uma ideia criada por Throe—e não pela primeira vez que ele se arrependeu de enviar o lutador até a Irmandade. Se ele não tivesse procurado punir o homem como tal, nenhum deles teria a conhecido.

E sua *pyrocant* teria permanecido desconhecida para ele.

Pois a verdade, a falta de conhecimento da existência dessa mulher, do seu cheiro e o gosto do seu sangue, daqueles estilhaçados momentos roubados no o carro, teria sido uma bênção para ele.

Em vez disso, era como se tivesse levado uma serra para sua própria perna e a cortado.

Ele havia involuntariamente se oferecido para atravessar seu caminho.

Olhando para a borda da névoa, ele preparou-se e cruzou a barreira. Sua pele registrou um aviso instantâneo, seus instintos internos ativaram pelo campo de força, provocado por um sentimento sem raízes do terror. Indo adiante, suas botas mastigaram através da cobertura do



solo, apenas um ligeiro aumento, informando-lhe que ele estava, de fato, começando a subida até a montanha.

Neste momento de triunfo, o único lugar que queria estar era com a mulher que não podia ter.

Capítulo 42

De um modo geral, se o seu marido se recusasse a dizer uma palavra até que vocês dois estivessem atrás de portas fechadas e sozinhos?

As coisas não estavam indo muito bem.

Enquanto Beth ouvia as portas duplas do escritório se fecharem atrás deles, ela foi até a lareira e colocou suas mãos a frente para esquentar. Repentinamente ela estava sentindo muito frio ... especialmente quando Wrath não foi para trás da mesa e se sentou no trono de seu pai.

Seus *hellren* se sentou em um dos dois sofás franceses azuis, e a coisa pouco efeminada soltou um protesto nada feminino, enquanto seu peso desabava.

George se sentou aos pés do seu mestre, o cachorro olhando para cima como se ele também, estivesse esperando o outro sapato cair.

Wrath apenas olhava para frente, mesmo que ele não pudesse ver nada, suas sobrancelhas apertadas atrás de seus óculos, sua aura negra como seu cabelo.

Virando-se, ela voltou sua bunda para a fonte de calor e cruzou os braços. —Você está me assustando.

Silêncio.

—Por que você não está sentado atrás da mesa? — disse ela asperamente.

—Não é mais minha.

Beth sentiu todo o sangue deixar sua cabeça. —O que você ... me desculpe, o quê?

Wrath tirou os óculos escuros e apoiou o cotovelo no joelho, enquanto esfregava os olhos. —O Conselho me removeu.

—Mas que... porra — Como? O que eles fizeram?

—Isso não importa. Mas eles me pegaram — Ele riu em uma pequena explosão. —Ouça, pelo menos agora toda aquela papelada ali? Não é problema meu. Eles podem governar, ter uma briga interna entre eles e discutir sobre coisas idiotas.

—Quais foram os motivos?

—Você sabe o que realmente é fodido? Eu odiava fazer o trabalho, e ainda assim agora que se foi ... — Ele esfregou o rosto novamente. —Enfim.

—Eu não entendo. Você é o Rei pelo sangue e a raça é governado pela monarquia. Como eles conseguiram fazer isso?

—Não importa.

Beth estreitou seu olhar. —O que você não está me contando?



Ele levantou numa explosão e deu a volta, tendo memorizado o lugar dos móveis há muito tempo. — Isso nos dará mais tempo juntos. Não é uma coisa ruim, especialmente se você estiver grávida. E inferno, se você tiver uma criança, agora, parte de tudo que eu tinha na minha cabeça, não é mais um problema.

— Eu vou descobrir, você sabe. Se você não me contar, eu vou encontrar alguém que o faça.

Wrath foi até a mesa e passou as mãos abaixo nas bordas esculpidas. Então ele tocou a parte superior do trono, acariciando os contornos da madeira.

— Wrath. Fale. Agora.

Mesmo com ela falando daquele jeito, passou um longo tempo até que ele falasse. E quando ele finalmente falou, sua resposta não foi nada do que ela esperava ... e tão devastador quanto qualquer parte de tudo isso.

— Eles basearam-se em ... você.

Certo, era hora de se sentar um pouquinho.

Indo para o mesmo sofá que ele se sentou, ela quase caiu nas almofadas macias. — Por quê? Como? O que eu fiz?

Deus, a ideia de que ela lhe custou o trono por causa de algo que ela tinha...

— Não é nada que você tenha feito. É ... quem você é.

— Isso é ridículo! Eles nem sequer me conhecem.

— Você é meio-humana.

Bem, isso a fez se calar.

Wrath se aproximou e se ajoelhou na frente dela. Pegado suas mãos, ele segurou-as em suas palmas bem maiores. — Escute-me, e você tem que estar certa disso, eu te amo, você toda, cada parte de você. Você é perfeita em todos os sentidos.

— Exceto pelo fato de que a minha mãe era humana.

— Esse problema de merda é deles, — ele retrucou. — Eu não dou a mínima para esse maldito preconceito. Isso não me afeta em nada.

— Não é exatamente verdade, não é mesmo. Por causa de mim, você não está mais sentado no trono, certo?

— Quer saber? Essa merda não vale nada para mim. Você é que é importante. Você é o que importa. Todo o resto, qualquer *outra* pessoa pode se foder.

Ela olhou para o trono. — Você quer me dizer que você não se importa que o assento de seu pai não seja mais o seu?

— Eu odiava o trabalho.

— Este não é o meu ponto.

— O passado é o passado e os meus pais estão mortos há séculos.

Ela balançou a cabeça. — Será que realmente importa, no entanto. Eu sei porque você ficou preso com tudo isso, foi por eles. Não minta para mim, e o mais importante, não minta para si mesmo.

Ele sentou-se bruscamente. — Eu não estou.



—Sim, eu acho que você está. Eu o observei nesses últimos dois anos. Eu sei o que o motivou e seria um erro pensar que todo esse comprometimento veio e desapareceu porque uma terceira parte diz que você não pode mais usar a coroa.

—Número um, não é “uma terceira parte”. É o Conselho. Número dois, é um *fato consumado*. O que está feito está feito.

—Deve haver alguma coisa que você possa fazer. Alguma maneira de contornar isso.

—Esquece isso, Beth — Ele ficou de pé, sua cabeça girando na vaga direção do trono. — Vamos seguir em frente.

—Nós não podemos.

—Foda-se isso.

—É uma coisa se você se demitir, ou abdicar, ou seja lá o que é chamado. Isso é liberdade de escolha. Mas você não aceita bem receber ordens de outras pessoas. Ela acrescentou secamente:

—Já discutimos isso antes.

—Beth, você tem que deixar isso pra lá.

—Pense no futuro, daqui a um ano, daqui a dois anos ... você quer dizer que você não vai guardar rancor de mim por isso?

—Claro que não! Você não pode mudar quem você é. Não é culpa sua.

—Você diz isso neste momento, e eu acredito em você, mas daqui a dez anos, quando você olhar para o rosto do seu filho ou filha, você acha que não vai guardar rancor de mim um pouco por enganá-los.

—Levar um tiro? Criticado por todos os cantos? Colocado em um pedestal que você não quer estar? Inferno, não! Toda essa merda é parte da razão pela qual eu não queria um maldito filho!

Beth sacudiu a cabeça novamente. —Não estou tão certa sobre isso.

—Jesus Cristo, — ele murmurou, colocando as mãos nos quadris. —Faça-me um favor e não faça a porra da minha própria mente, tudo bem.

—Não podemos ignorar a possibilidade.

—Desculpe, eu perdi alguma coisa? Será que algum adivinho entregou-lhe uma bola de cristal ou algo assim? Porque sem ofensa, você não pode olhar para o futuro mais do que eu posso.

—Exatamente.

Wrath levantou as mãos e começou a pisotear o chão. —Você não entende, você simplesmente não entende. Está feito, fechado. O voto de confiança passou, estou castrado como governante, não tenho nenhum poder ou autoridade. Assim, mesmo se houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer a partir de um ponto de vista legal? Eu não sou a pessoa que pode mudar mais as coisas.

—Então, quem é?

—Um primo distante meu. Um cara super legal.

O tom de seu *hellren* sugeriu que *um cara super legal* era um eufemismo para *um fodido idiota*.

Beth cruzou os braços sobre o peito. —Eu quero ver o anúncio ou documento, tem que haver um, certo? Eu não acho que eles simplesmente te deixaram uma mensagem de voz.

—Oh, meu Deus, Beth, você vai deixar isso pra lá.

—Será que Saxton tem? Ou será que eles enviaram para o Rehv.

—Dá para você ser normal! — ele gritou para ela. —Você acabou de passar por sua necessidade! A maioria das mulheres ficam na cama por uma semana, por que essa não pode ser você? Você quer uma criança, vai se deitar, porra, que é o que você deveria fazer. Estou surpreso que com todo esse tempo que você gastou com a maldita Layla ela não te disse ...

Enquanto ele falava e falava, ela sabia que isso era apenas fumaça sendo liberada através do vocabulário. Mas eles não tinham tempo para que ele falasse indefinidamente.

Levantando-se de sua cadeira, ela caminhou até ele e...

Um tapa.

Enquanto Beth seguia com a palma da mão, o som acentuado do tapa desapareceu no quarto e seu amado companheiro calou a boca.

Olhando para ele com calma, ela disse:—E agora que tenho a sua atenção e você não está reclamando e delirando como um lunático, eu apreciaria se me dissesse onde posso encontrar o que eles nos enviaram.

Wrath deixou cair a cabeça para trás como se estivesse exausto. —Por que está fazendo isso?

De repente, ela pensou no que ele tinha dito a ela quando a sua necessidade a tinha atingido e ele a tinha encontrado tentando alcançar às drogas.

Com uma voz que quebrou, ela respondeu: —Porque eu te amo. E ou você não quer reconhecer, ou você não pode ver em um futuro distante, mas isso realmente, totalmente importa para você. Eu estou lhe dizendo, Wrath, este é o tipo de coisa que as pessoas nunca superam. E como eu disse, você quer desistir? Tudo bem. Essa é a sua escolha. Mas eu vou ser boa e maldição se eu vou deixar alguém tirar isso de você.

Ele trouxe sua mandíbula de volta ao nível. —Você não entende, *leelan*. Acabou.

—Não, se eu tiver algo a ver com isso.

Houve um longo momento ... e então ele estendeu a mão e a esmagou contra si, abraçando-a com tanta força que ela podia sentir seu ossos curvando.

—Não sou forte o bastante para isso, — ele sussurrou em seu ouvido — como se ele não quisesse que ninguém ouvisse aquilo saindo de sua boca. Nunca.

Correndo as mãos por suas poderosas costas, ela o segurou duro também. —Mas eu sou.

Era para sempre.

Wrath esperou no quarto escondido que cheirava a terra e especiarias para sempre. Na escuridão, seus pensamentos eram altos, como gritos, vívidos como o relâmpago, indelével como uma inscrição em pedra.

E justamente quando ele pensou que nunca iria acontecer, que ele e seu silêncio, seu companheiro estariam sempre no escuro, literal e figurativamente, houve um som cortante e o painel camuflado começou a deslizar para trás.



—Não importa o que aconteça, — ele sussurrou para o Irmão, —você não deve interferir. Tenho a honra de comandá-lo assim, e me ouça bem.

A resposta de Tohture não foi mais alta do que um sopro: — Como quiser.

A luz bruxuleante de uma tocha de iluminação única superficial, mas era mais do que o suficiente para Wrath para identificar o macho: um clérigo que estava na periferia do tribunal ... mas cujo pai tinha sido um curador para a raça.

Um guardião de ervas e poções.

O homem estava murmurando baixinho. — ... Fazer mais no tempo de uma noite. Não fazer isso é impossível ...

À medida que o homem foi para a mesa de trabalho, o corpo de Wrath agiu sem o benefício de sua mente. Brotando das sombras de uma forma superficial, ele agarrou o braço superior fino, colocando a sua força no esforço sem qualquer finesse. Em resposta, houve um grito agudo de surpresa, mas então que tocha virou e Wrath quase perdeu seu domínio como as chamas passavam perto de seus olhos.

—Feche a porta — Wrath gritou quando ele tentou pegar o clérigo ao redor da cintura.

Ainda que não houvesse comparação em seus tamanhos, com Wrath duas vezes maior, as vestes do clérigo eram escorregadias para segurar e a malha de sua presa difícil de controlar. E essa tocha era um perigo que ambos tentaram controla-la: Com sombras correndo pelas paredes e do caldeirão e a mesa, Wrath encontrado suas mãos queimando quando ele tentou.

E, em seguida, a capa que ele usava para esconder sua identidade foi incendiada.

Quando um calor escaldante brilhou ao seu lado e se dirigiu para o seu cabelo, ele pulou para trás e se atrapalhou com a adaga para cortar o tecido livre, exceto que a lâmina estava sob sua capa. Tudo o que ele podia fazer era sentir o contorno do punho no coldre.

Pulando de volta, ele puxou o tecido pesado e volumoso de sua cabeça, mas teve que retirar sua mão com um grito de dor. Na próxima batida do coração, as chamas estavam em cima dele, e embora ele tentasse afastá-los, era como cortar uma nuvem de vespas. Agitando, cego pela agonia e calor, grandes tramas de som agrupando em seus ouvidos, ele percebeu ...

Ele não ia sair vivo dessa.

Respiração curta, coração, alma gritando da injustiça de tudo isso, ele desejava que ele fosse um homem diferente, um homem da espada, não da pena, um que poderia dominar outro com entusiasmo e confiança.

O dilúvio veio de cima e era fedido, gosto abominável e tão viscoso, e era mais úmido do que um cobertor de lã do que líquido. Com um silvo e chiadeira, e um fedor que fez seus olhos lacrimejarem ainda mais, as chamas foram embora, o fogo apagou, a loucura flutuando.

Um grande barulho seguiu quando Tohture jogou o caldeirão pesado para o lado. —Não beba, meu senhor! Cuspa se você tiver comido!

Wrath se inclinou e expulsou o que estava preso entre seus lábios. E quando um pedaço de pano foi empurrado em suas mãos, ele foi capaz de limpar aquilo que escorria de seus olhos.

Apoiando as mãos sobre as coxas, ele respirou fundo na esperança de que ele iria parar de ofegar, seu esforço fazendo sua cabeça girar. Ou por ventura que fosse a fumaça. A dor. Essa bagunça que havia sido despejado sobre ele.

Depois de um momento, ele percebeu que a luz havia se tornado constante e ele olhou na direção da iluminação. O Irmão tinha capturado o controle da tocha ... bem como subjugado o clérigo, o macho abaixado e enrolado em si mesmo, suas pernas jogadas.

—Como você fez? — Uma rodada de tosse cortou o inquérito de Wrath. —O que você fez com ele?

—Eu cortei os tendões atrás dos joelhos para que ele não pudesse correr.

Wrath recuou com o pensamento. Mas a utilidade era bem aparente.

—Ele é seu para fazer o que quiser, meu senhor, — Tohture disse, dando um passo para trás.

Enquanto Wrath olhava para o clérigo, era difícil não contrastar o comportamento calmo do Irmão e o esforço bem sucedido com sua própria bagunça e o atraso de si mesmo: Para Tohture fora apenas um trabalho para ser realizado.

Mexendo no homem comprometido, ele forçou o clérigo a ficar de costas, e havia uma fatia de satisfação quando aqueles olhos ficaram mais abertos quando a identidade de Wrath se tornou aparente.

—A quem você serve? — Wrath exigiu.

A resposta foi uma pulverização caótica que não deu em nada, e antes que Wrath soubesse o que estava fazendo, ele agarrou a veste do clérigo e arrastou—o para fora na terra batida. Sacudindo—o, aquela cabeça solta indo de um lado para o outro, Wrath foi atingido por um, permanente e profunda necessidade de matar.

Não houve tempo para examinar a emoção estranha, no entanto.

Arrastando o homem mais alto para que eles ficassem cara a cara, Wrath rosnou, —Se você me disser quem mais, vou poupar sua jovem shellan e seu filho. Se eu descobrir que há mesmo um que você deixou de fora? Sua família vai estar atada de pés e mãos, pendurados na meu grande salão pelos tornozelos, e deixados para morrer com o tempo.

Enquanto Tohture sorriu um sorriso sanguinário, o rosto do clérigo foi ficando mais pálida.

—Meu senhor ... — o homem sussurrou. —Poupe-me também, poupe-me e vou dizer-lhe tudo.

Wrath olhou para aqueles olhos suplicantes, vendo bem as lágrimas caindo ... e pensou em sua shellan, seu pai.

—Por favor, meu senhor, mostre-me misericórdia, eu lhe peço, mostre-me misericórdia!

Depois de um longo momento, Wrath inclinou a cabeça uma vez. —Prossiga.

Em uma corrida instável, nomes saíram, e Wrath reconheceu todos eles.

Era toda a composição de seus conselheiros, começando com Ichan e terminando antes de Abalone — que já tinha provado onde estava sua lealdade.

A vibração interior de violência começou a engrenar, logo que o último nome foi proferido e o clérigo ficou em silêncio e o desejo de matar não seria negado.



Sua mão tremia quando ele buscou pelo punho de sua adaga, e ele retirou a arma com movimentos bruscos—, o ângulo errado para a remoção, a lâmina ficando presa na bainha.

Mas ele conseguiu libertá-la.

Deixando o clérigo cair de volta à terra, ele apertou com força sobre a garganta do homem e começou a apertar.

—Meu senhor ... — O clérigo começou a lutar, agarrando o pulso de Wrath. —Meu senhor, não! Você prometeu.

Wrath levantou bem alto seu braço.

E percebeu que ele bloqueou um tiro certeiro no coração, na jugular, e nos principais órgãos com a sua espera.

—Meu looooooooooord.

—Isso é para o meu sangue!

Ele empurrou toda a sua força para a queda do arco — e foi de encontro com o olhar horrorizado do clérigo, enquanto a navalha pontuda da adaga perfurou o olho direito do homem e passou rapidamente para o cérebro por trás, parando apenas quando a totalidade da lâmina estava embutida dentro daquele crânio.

O corpo sob o seu próprio entrou em espasmos imediatos, braços e pernas se debatendo, o olho restante revertendo para que apenas mostrasse o branco.

E então tudo ficou imóvel, exceto por alguns espasmos menores dos músculos faciais e as mãos.

Wrath despencou, caindo longe do corpo, agora morto.

Enquanto ele considerava a visão daquele punhal saliente do rosto de um homem, ele foi surpreendido com náuseas e teve que rolar ao redor, prender as palmas das mãos na terra fria, e vomitar até que seus braços já não pudessem mais segurá-lo.

Rolando para o lado, ele colocou o rosto quente no interior de seu braço encharcado de lama.

Ele não chorou.

Ele queria.

Enquanto a percepção de que ele havia matado um outro ser o atingiu, ele quis voltar para o mundo que ele conhecia antes disso, onde seu pai tinha morrido de causas naturais, e sua shellan tinha simplesmente tido uma tontura por causa de uma gravidez e a pior coisa com a qual ele tinha que se preocupar em tribunal, era a de que os outros fofocavam sobre a escolha de sua companheira.

Esta nova versão da realidade era nada do que ele queria fazer parte.

Não havia luz deste lado. Apenas o preto da meia noite.

—Eu nunca tinha matado alguém antes, — disse ele em voz baixa.

Por toda a sua ferocidade, o tom de Tohture foi gentil. —Eu sei, meu senhor. Você fez bem.

—Eu não fiz.

—Ele não está morto?



Sim, em verdade ele estava. —Eu realmente quis dizer o que eu falei sobre a sua shellan e filho. Eles devem ser poupados.

—Mas é claro.

Enquanto a lista de nomes passava por sua cabeça, aquela vontade de matar reacendeu, mesmo que seu estômago estivesse mal arranjado e seus esforços foram um escárnio em comparação com o que a Irmandade poderia fazer.

E, de fato, ele não estaria vivo agora, se Tohture não tivesse interferido.

Wrath saiu da sujeira, sua cabeça baixa. Como é que ele iria...

Uma grande palma apresentou-se diante dele. —Meu senhor, deixe-me ajudá-lo.

Wrath olhou para aqueles olhos brilhantes, claros, e pensou que eles eram como a lua, lançando luz sobre a escuridão, mostrando um caminho fora do selvageria.

—Vamos treiná-lo, — Tohture disse. —Vamos ensinar o que você precisa saber de tal forma que você pode vingar sua linhagem. Vou remover o corpo e encená-lo como se houvesse acontecido um acidente, que nos dará o tempo que precisamos. E a partir de agora, os alimentos devem ser preparados em seus aposentos de recepção por nossa própria doggen pessoal, e não alguém relacionado com a corte e todos e quaisquer mantimentos serão trazidos dos campos e céu pelas próprias mãos de um Irmão. Vamos cada um comer e beber dele em sua presença antes de você, e dormir do lado de fora de seu quarto. Este é o nosso voto solene.

Por um momento, tudo que Wrath podia fazer era olhar aquela palma, estendidos a ele como uma bênção da própria Virgem Escriba.

Ele abriu a boca para agradecer, mas não havia nada para sair.

Em um jeito de resposta, ele apertou o que estava diante dele ... e sentiu-se ser levantado para ficar de frente sobre os seus próprios pés.

Capítulo 43

O ar fresco era bom para a mente e a alma.

Quando Layla saiu para o jardim, teve o cuidado de andar com prudência no terraço coberta de gelo, abriu os seus braços, indo devagar, não querendo correr o risco de cair.

Era engraçado como fazia uma avaliação de tudo, desde as superfícies potencialmente escorregadias, até os cuidados para selecionar os alimentos se intensificaram.

— Já é de noite, — ela disse para a criança dentro de sua barriga.

Parecia uma loucura falar com quem ainda tinha de nascer, mas ela pensava em manter algum diálogo aberto, se por ventura, a criança preferisse continuasse a optar em ficar no seu ventre. Se ela pudesse apenas comer as coisas certas e não cair... De alguma forma, no final dos meses necessários da gestação, ela conseguiria segurar o seu filho ou filha nos braços, e não apenas em seu corpo.



Descendo para o gramado coberto de neve e longe da claridade da casa, ela encontrou as marcas das botas, que tinha marcado na neve, a partir do hall da entrada quente, sólida e confortável. O mesmo aconteceu com o seu casaco e as suas luvas, também deixou o gorro e o cachecol para trás; queria o frio para limpar a cabeça.

Mais adiante na propriedade, a piscina estava com uma lona de inverno, mas ela conseguia imaginá-la cheia de água, com a iluminação interna, as ondas azuis convidativas e suaves sobre a pele. Ela iria nadar o mais rápido que pudesse, e ao ar livre. Por mais que ela apreciasse a piscina do centro de treinamento, aqui o ar não tinha cheiro de cloro, e depois de usar as cristalinas piscinas e banhos, naturalmente frescas do Santuário, esta água não favorecia tanto...

De repente, ela parou de andar, estava com o pensamento distraído, parou tudo, exceto o ar entrando em seus pulmões e a batida de seu coração.

Fechando os olhos, ela repetiu o que tinha acontecido na sala de jantar, vendo a angústia no rosto de Wrath quando o anúncio foi feito, ao ouvir a indignação e agressão nas vozes da Irmandade, observando como Rehv ficou olhando para o rei, como se estivesse lendo coisas ela não podia sentir.

Xcor estava por trás de tudo isso.

Ele tinha que estar. Ele não iria orquestrar uma tentativa de assassinato, e sentar de braços cruzados, enquanto a *glymera* ganhasse processualmente o que queria. Não, ele estava à espreita, nos bastidores. Em algum lugar.

Com o estômago revirando, ela retomou o seu passeio inquieto, indo da área da piscina, para os jardins formais, geometricamente construídos. Continuou andando, se ligando ao muro de contenção de seis metros de altura, que percorria todo o caminho, ao redor do complexo.

Continuou sempre para frente, seus ouvidos estavam dormentes, assim como seu nariz. Ela não se importava.

A imagem de Beth aparecendo no arco da sala de jantar e Wrath olhando para a grande mesa, onde guerreamo uma montagem muito mais traiçoeira e tão trágica...

Aquilo que ela se recusava a pensar.

Ou pelo menos tentava.

Ela realmente permitiu que Xcor entrasse naquele carro? Ele realmente sentou ao lado dela, desarmado, com uma mistura variada de armas deixadas no capô do Mercedes... E falou com ela? Segurou na mão dela?

— Pare com isso, — advertiu a si mesma.

Não era bom se lembrar disso, a fúria queimando entre eles.

Layla lembrou. O momento. Recordou com grande precisão, e sem nenhuma quantia, por menor que fosse de culpa, quando Xcor olhou para ela.

Ela sabia muito pouco sobre ele, além de suas aspirações políticas, ele era um completo estranho, e era letal. E ainda assim, ele teve o bom senso, dada a sua falta de jeito com ela, que ele não se deleitava com as fêmeas com muita frequência.

Seria óbvio imaginar o motivo, a sua desfiguração facial.

Mas com ela... Ele era diferente.



Além da gravidez, que ela tinha ativamente provocado, nunca tinha sido tão afetada durante o curso de sua vida. Mas ela não podia ficar de braços cruzados, se ela pudesse ajudar Wrath nesta situação horrível.

Ela tinha culpa.

Ela poderia, no entanto, tentar fazer algo sobre isso tudo.

Tirando seu telefone celular, o que Quinn tinha insistido em que ela levasse com ela em todos os lugares, ela abriu a tela de discagem.

Xcor tinha dito a ela, como chamá-lo, os dígitos foram gravados em sua mente, no momento que os números saíram de seus lábios.

Ela nunca tinha imaginado colocá-los em serviço.

A cada toque do dedo da tela, o telefone deixava escapar um tom diferente, a sequência concluída de sete números.

Ela pairou sobre o botão enviar, então pressionou.

Todo o seu corpo tremia quando colocou o fino dispositivo do tamanho de um cartão em sua orelha. Um toque eletrônico soou uma vez... Duas vezes...

Layla desligou.

Mais à esquerda, do outro lado do muro, ela ouviu um som distante, tão fraco, que se não estivesse tão atenta ao som de seu próprio telefone, ela não poderia ter pegado som nenhum.

O aparelho celular escorregou de sua mão e caiu sobre a neve, em seus pés.

Ele os havia encontrado.

De pé no chuveiro na casa de Assail, Sola não sabia quanto tempo ficou sob o jato quente, deixando a água cair em seus ombros, caindo nas costas, fechou os olhos e se inclinou contra a parede.

Por alguma razão, ela estava gelada, mesmo que não houvesse vapor suficiente no banheiro para se qualificar como uma sauna, ela tinha certeza que aumentou a sua temperatura corporal.

Nada estava tocando o frio profundo que tomou conta do seu peito.

Ela tinha dito a sua avó que elas estavam saindo um pouco antes do amanhecer para Miami.

Em retrospecto, o investimento era em um lugar seguro, no coração dos negócios da família de Benloise, foi uma coisa idiota para fazer. Mas com um pouco de sorte, Eduardo, assumindo que ele ainda estivessem no planeta, e o beneficiário do testamento de seu irmão, ficariam tão ocupado desfrutando da compra de Bentleys azuis claros e lençóis Versace com estampas de animais, que ele não viria atrás de seus gostos.

Assumindo que ele soubesse o que seu irmão tinha feito com ela. Ou planejado fazer com ela.

Ricardo tinha guardado tanto para si mesmo.

Deus... O que Assail tinha feito para esse homem?

Um flash rápido do rosto dele, sangrando ao redor da boca e do queixo, aumentou o seu frio, ela se virou.

— Foda-se! — ela gritou, enquanto olhava para o vapor, fora do vidro.

A figura masculina que apareceu na porta parecia uma estátua, poderosa como um tigre. E estava olhando para ela com um poder predador.

No mesmo instante, ela ficou quente por dentro de sua pele, porque ela sabia por que ele veio, e ela queria também.

Assail caminhou até a porta de vidro que os separava e a abriu. Ele estava respirando com dificuldade, e à luz enevoada acima de sua cabeça, deixavam seus olhos brilharem perigosamente.

Ele entrou no chuveiro totalmente vestido, com seus sapatos Gucci, sem dúvida em ruínas, uma jaqueta camurça marrom escura, que absorveu a água caindo se transformando na cor do sangue.

Sem dizer uma palavra, ele apertou as mãos sobre o rosto dela e a arrastou para a sua boca, seus lábios esmagaram os dela, enquanto ele a apoiava contra o mármore, com todo o seu corpo. Sola cedeu com um gemido, aceitando a sua língua, uma vez que a penetrou, agarrou os seus ombros, através de suas roupas finas.

Ele estava totalmente ereto e apertou os seus quadris contra ela, empurrando seu pau duro e o esfregando contra sua barriga, o H de ouro de seu cinto, coçava na pele dela. Mais beijos, do tipo desesperado, uma fome que você se lembraria, até mesmo quando estivesse com oitenta anos, e velha demais para pensar em tais coisas. Em seguida, suas mãos estavam em seus seios escorregadios, os dedos beliscando seus mamilos, até que a distinção entre a dor e o prazer desapareceu, e tudo o que ela sabia, era que se não tivesse um orgasmo no momento seguinte, estaria prestes a explodir.

Como se sentisse o que ela precisava, Assail caiu de joelhos, jogou uma de suas pernas sobre o ombro, caindo sobre ela, seus lábios comendo o seu sexo, da mesma forma que ele atacava sua boca.

Este era um sexo como punição, uma acusação de sua escolha, uma expressão física da sua ira e de sua desaprovação.

E talvez isso fizesse dela uma cadela doente, mas ela adorou.

Ela queria que ele viesse para ela assim, puto e além do limite, servindo-se dela, para que ela não tivesse que se sentir tão culpada... Ou tão vazia.

Agarrando seu cabelo encharcado, ela inclinou seus quadris e o forçou de um jeito mais difícil para ela, usando seu corpo à sua volta, para que ele encontrasse o ritmo.

Sola mordeu o lábio quando gozou descontroladamente, seu tronco se empurrava contra o mármore, com um guincho agudo.

Antes que ela percebesse, estava no chão do chuveiro, esticada na frente dele quando ele começou a tirar o paletó e a camisa de seda encharcada de seu peito esculpido. Quando ele começou a atirar a fivela do seu cinto, ela estendeu as mãos para ele, suas mãos estavam impacientes para alcançar essa pele suave e esses contornos rígidos de seu pênis.

Ele não disse uma palavra para ela.

Não quando abriu as suas pernas, e a montou, não quando o seu pau entrou e ele começou a bater forte nela, nem mesmo quando ele pairou por cima dela e a olhou nos olhos, como se a estivesse desafiando a receber tudo o que ele poderia dar a ela.



As costas largas de Assail receberam o spray de água, a protegendo, mantendo a sua visão clara, para que ela pudesse ver tudo de sua expressão feroz, dos seus músculos definidos de seu ombro, as sombras lançadas por seus peitorais. Seu cabelo molhado balançando no ritmo, as gotas de água deixando ondas nas pontas, junto com as lágrimas dela, que vez em quando, seus lábios puxavam de volta.

Vagamente, estava registrando algo errado, uma pequena bandeira vermelha levantada nos cantos mais distantes do seu cérebro. Mas era tão fácil ignorar, quando um pequeno pensamento começou a tomar forma, fechando o pensamento para esta sensação, que era tudo o que sentia... Assail era tudo o que queria.

Quando o seu sexo agarrou sua ereção, e ele começou a ter um orgasmo também, foi quando despertou.

Sem camisinha. Merda!

Assim, quando o pensamento passou por sua mente, foi embora de novo, sua libertação redobrando sobre si mesma, em vez de empurrá-lo para trás, ela estendeu a mão e afundou as unhas em seus quadris.

Quando a sua própria liberação estava desaparecendo, as coisas ficaram... um pouco estranhas.

Seu corpo ficou imóvel na recuperação, e ela sentiu que ele penetrou profundamente dentro dela, terminando o que tinha começado.

Só que não foi o que aconteceu.

Depois que ele terminou de ejacular, sua pélvis se bloqueou contra a dela, ele começou a se retirar quase imediatamente. E ela esperava que ele fosse se deitar com ela, sobre o mármore; talvez levantá-la e levá-la para fora do box, para se secarem e ficarem na cama; talvez fizessem algum comentário, caramba, eles não haviam tido nenhum tipo de segurança.

Talvez ele dissesse que tinha mostrado a ela: que ele não queria que ela fosse.

Em vez disso, ele segurou uma parte de seu peso com a mão, e agarrou o seu pênis brilhando com a outra, acariciando a si mesmo, ele gemeu como se estivesse se preparando para gozar.

O segundo orgasmo dele, se dirigiu por todo o seu sexo e ele não parou por aí. Depois que ele cobriu o seu núcleo úmido, ele se moveu, se deslocando, cobrindo com o seu sêmen o seu estômago, sua caixa torácica, seus seios, pescoço, seu rosto. Parecia ter um suprimento infinito de lançamentos, e quando os jatos quentes bateram em sua pele super sensibilizada, ela acabou tendo um novo orgasmo, junto com ele, varrendo as mãos para cima e para baixo de seu corpo, sentindo a bagunça quente que estava a cobrindo, passando suas mãos em seus próprios seios.

Nesse ponto, de volta ao seu cérebro, ela sabia que havia algum outro ponto nisso tudo.

Mesmo com a falta de um preservativo, ela não se importava nem um pouco com isso.

Era como se ele estivesse... marcando-a... de alguma forma.

O que estava tudo bem para ela.



Capítulo 44

Xcor estava totalmente desorientado no meio da névoa, e sabia que estava chegando a hora de voltar. Ele estava sem rumo se arrastando para cima pela montanha, pelo o que pareciam horas, e ainda não tinha chegado a qualquer tipo de cúpula ou fortificação. Tudo o que ele havia visto eram árvores verdes. O leito de um riacho ocasional que acabou congelado. Pegadas de cervos na neve.

Seu telefone tocou discretamente no bolso.

Enquanto amaldiçoava a interrupção, ele reconheceu que essa era a deixa adequada para parar com esta loucura, sem dúvida um dos seus bastardos o estava checando. Além disso, supondo que ele descobrisse o covil da Irmandade, o que ele esperava fazer? Suspirar embaixo da janela da Escolhida, até que ela concordasse em se encontrar com ele?

Tudo o que poderia conseguir era ser cercado pelos guerreiros — e, embora ele houvesse ouvido que o vermelho era a cor do amor, derramamento de sangue não era a substituição apropriada para uma rosa.

Pegando o seu celular, ele respondeu bruscamente. — Sim?

Um som agudo reverberou em seu ouvido, estridente e alto o suficiente para que ele empurrasse a coisa.

Aproximando-se novamente, ele latiu, — *O que?*

Sem resposta.

— Droga, Throe.

Todos os sentidos ao mesmo tempo, que ele tinha começaram a gritar, e não em advertência, como se ele estivesse prestes a ser atacado.

Abaixando sua mão, ele se virou lentamente, com medo de que fosse algum tipo de falha interna.

Sua respiração o deixou em um longo suspiro quando ele viu o que havia aparecido diante dele.

Era... ela.

De fora do denso nevoeiro, a Escolhida se materializou — e o impacto de sua presença o desestabilizou, mesmo estando em pé. Oh, linda de se ver, o seu espírito suave fazendo-o sentir o monstro nele com grande clareza.

— Como você está aqui? ela perguntou com a voz trêmula.

Ele olhou ao redor. — Onde eu estou?

— Eu — quer dizer que você não sabe?

— A Irmandade não deve estar longe, mas eu não posso ver ou encontrar nada neste feitiço maldito.

Envolvendo seus braços ao redor de si mesma, ela parecia estar em conflito, mas por que não estaria. Ele tinha que estar perto de onde ela vivia, apesar de não poder julgar se isso era em termos de metros ou quilômetros.



—Como você está? — ele perguntou em voz baixa. —Eu gostaria que houvesse luar. Eu procuraria vê-la melhor.

Mas ele podia sentir o cheiro dela— e esse cheiro dela! Aquele cheiro!

—Eu liguei para você, — ela sussurrou depois de um longo momento.

Ele sentiu as sobrancelhas se levantarem. — Foi você? Exatamente agora?

—Sim.

Por um segundo traiçoeiro, seu coração bateu mais rápido do que se ele tivesse corrido até aqui com ela. Mas então... — Você já ouviu falar.

—Sobre o que você fez para Wrath.

—Essa foi a escolha do Conselho.

—Não finja comigo.

Ele fechou os olhos. Infelizmente, ele não podia. —Eu lhe disse que o trono era para ser meu.

—Onde estão os seus soldados?

—Como se eu tivesse vindo esta noite para derrotar o Rei Cego fora de sua casa?

Sua voz ficou mais forte. —Você tomou o que você queria dele, e usou sua amada para fazê-lo. Porque se preocupar com ele agora.

—Ele não é quem eu vim ver.

A respiração da Escolhida tornou-se ofegante, embora a admissão certamente não fosse uma surpresa.

E Deus o salvasse, Xcor deu um passo para mais perto dela, mesmo que por tudo o que era certo e apropriado, ele deveria ter corrido: Ela era mais perigosa para ele do que qualquer Irmão, especialmente porque os leves tremores que vibravam através de seu corpo esbelto, repercutiam nele.

Ele endureceu totalmente. Era impossível não responder.

—Você sabe disso, não sabe? — disse ele com um grunhido suave. —Você estava me chamando para ver se você poderia influenciar os meus atos? Vá em frente, agora. Você pode ser honesta, só estamos aqui nós dois. Sozinhos.

Ela ergueu o queixo. —Nunca vou entender o seu ódio por aquele bom homem.

—Seu Rei? — Ele riu asperamente. —Um bom homem?

—Sim, — ela respondeu com calor real. —Ele tem um bom coração por muito, que tem um relacionamento de amor verdadeiro com sua companheira, um homem que se compromete todas as noites para fazer o seu melhor para a raça.

—Sinceramente? E como é que ele realiza esse objetivo louvável? Ninguém nunca o vê, você sabe. Ele nunca sai e se mistura com os aristocratas ou com os plebeus. Ele é um recluso que falhou em se preparar para o tempo de guerra. Se não fosse eu, seria outro.

—É errado! O que você fez é errado!

Ele balançou a cabeça, ao mesmo tempo admirando a ingenuidade de princípios e triste por ela teria que lidar com isso. —Este é o jeito do mundo. Força vence fraqueza. É tão universal quanto a gravidade e o pôr do sol.

Mesmo através de seu vestuário, ele podia dizer que seus seios estavam bombeando acima de seus antebraços travados, e seus olhos olhavam para baixo antes de se fecharem brevemente. —Eu nunca dei importância à inocência, — ele murmurou.

—Perdoe-me pela ofensa, então.

Levantando as pálpebras, ele disse, —Mas eu acho que, como sempre quando se trata de você, as revelações continuam em ritmo acelerado.

As longas mãos dela se estenderam para ele, implorando através do ar frio. — Por favor. Apenas pare. Eu vou...

Quando ela só engoliu em seco, ele se encontrou esperando. —Você vai fazer o quê.

Com movimentos bruscos, ela andou diante dele. E ainda assim, ele não podia mover um único músculo.

—O que exatamente, — ele perguntou profundamente, —você vai fazer?

Ela parou. Levantou seu lindo queixo. Desafiou-o com seu olhar e seu corpo, mesmo que ela tivesse setenta e cinco quilos a menos do que ele e totalmente inexperiente.

—Você pode me ter.

—Está muito quente aqui, ou eu estou louca?

Quando ninguém respondeu sua pergunta, Beth olhou através do estúdio. Saxton, Rehv, e Wrath estavam todos tranquilos, ocupando o espaço no conjunto combinado de sofás azuis. Os dois primeiros estavam olhando para o fogo cada vez menor, e ela não sabia para onde Wrath estava dirigindo seus olhos.

Inferno, mesmo que ele estivesse no mesmo quarto com ela, ela não tinha a menor ideia de onde estava.

Tirando o roupão, ela o colocou sobre a mesa entalhada e leu a proclamação de novo. A cadeira que ela tinha escolhido era a que Rehv geralmente se sentava, uma bergère¹³⁸, pelo menos ela achava que se chamava assim, ao lado de onde estava o trono de Wrath.

Ela se recusava, apesar do que ela segurava em suas mãos, se referir à cadeira gigante como qualquer coisa que não fosse de seu companheiro.

Olhando para o pergaminho, ela balançou a cabeça frente os símbolos que haviam sido tão cuidadosamente tatuados. Quando era na Língua Antiga, ela era lenta com a coisa da alfabetização, tendo que pensar na definição de cada símbolo antes que ela pudesse amarrar uma frase inteira. Mas como se sabe, na segunda passagem, tudo era o mesmo que na primeira.

Colocando o papel duro e pesado com toda a sua colorida franja de volta em cima da mesa, ela correu os dedos por sobre os comprimentos de cetim que estavam seguros sob os selos de cera. As coisas eram tão estreitas e suaves como as tiras de fita usada no cabelo das meninas, perfeito para amarrar em um rabo de cavalo.



Não que ela não tivesse um bebê no cérebro, nada disso.

— Então, não há nada que possamos fazer sobre isso? — disse ela depois de um tempo.

Cara, ela estava com calor. Flanela não tinha sido uma boa escolha, mesmo que isso fosse apenas stress.

Saxton pigarreou quando ninguém mais se ofereceu para responder. — Processualmente, eles seguiram as regras. E do ponto de vista legal, o fundamento deles está correto. Tecnicamente, como as Velhas Leis regem, qualquer descendência de... — Mais pigarro. E ele olhou para Wrath como se estivesse medindo como as coisas ficariam vulcânicas. —... Os dois teriam obrigações para com o trono, e há uma disposição sobre o sangue do nosso governante.

Sua mão foi para o seu baixo ventre. A ideia de que um grupo de pessoas pudesse ter como alvo seu filho, mesmo que estivesse por nascer e talvez nem mesmo existir, foi o suficiente para fazê-la querer ir até o campo de treino e dar uns tiros.

De volta ao tempo em que ela estava no mundo humano, ela havia sido vítima de discriminação por ser uma mulher de vez em quando, *tosse* Chupadora de Pau *tosse*. Apesar disso, ela não tivera qualquer experiência com preconceito racial. Como alguém que parecia caucasiana, ainda que, como se viu, ela era apenas a metade branca, porque ela era apenas meio-humana, e o lado inteiro dessas coisas nunca havia sido um problema.

Cara... para ter uma opinião sobre um indivíduo com base em características ligadas à loteria de esperma era loucura. As pessoas não podiam adivinhar com que sexo elas estavam saindo do ventre; nem poderiam alterar a composição de seus pais.

— Aquela *glymera*, — ela murmurou. — Um bando de idiotas.

— A propósito, eu sou provavelmente o próximo, — disse Rehv. — Eles sabem sobre os meus laços com os dois.

Ela se concentrou no moicano do macho. — Sinto muito.

— Não sinta. Eu só fiquei com o trabalho para ajudar aos dois e a Irmandade. — Então ele anexou secamente: — Tenho muita coisa em minhas mãos para me manter ocupado.

Isso mesmo, ela pensou. Era tão fácil esquecer que ele não era apenas o *leahdyre* do Conselho, mas o rei dos *Symphaths*.

— E você não pode jogar todos para fora ou algo assim — ela perguntou ao homem. — Quero dizer, como *leahdyre*, você não poderia — eu não sei, conseguir uma nova lista de pessoas?

— Vou deixar o nosso bom amigo advogado aqui gritar se eu entendi errado, mas o meu entendimento de que a adesão no Conselho é determinada pela família. Assim, mesmo que eu encontre motivos para arrancar os filhos da puta, eles acabariam por serem substituídos por membros dessas linhagens — que provavelmente teriam a mesma opinião dessas coisas. Mas, mais ao ponto, o que está feito está feito. Mesmo que todos eles fossem substituídos por novas pessoas? A ação continua de pé.

— Eu só fico pensando se há algo.

— Podemos parar com isso agora, — Wrath cortou — Eu quero dizer, podemos apenas uma pausa dar à essa merda? Sem ofensa, mas os ângulos foram olhados, você já leu a coisa que eles enviaram à exaustão, e o que está feito está feito.



— Eu sei.

— Você está grávida.

— Eu... — Mesmo com as pálpebras abaixadas, ele podia imaginá-la engolindo em seco. — Isso quer dizer que você não me quer?

Ele levou um momento para respirar, seus pulmões em chamas. — Não, — ele gemeu. — Isso não é verdade.

De fato, quando ele a imaginou com outro, a lança de dor que atravessou seu peito foi suficiente para deixá-lo pálido. E, no entanto, apesar de ser a semente de outro plantado dentro de seu corpo, ele iria levá-la, tê-la, mantê-la...

Exceto por uma coisa.

Abrindo os olhos, ele revisou todos os tipos de detalhes sobre ela, a partir de seus belos cabelos bem escovados, ao seu fino e delicado pescoço delgado que ele queria em sua boca. Havia muito mais para ver, é claro, mas era o rosto mais do que tudo que ele precisava em sua mente.

Foi uma espécie de loucura desde início com ela, sempre, desde que ele fora trazido para ela sob o bordo¹³⁹ nesse prado, sempre, desde que ele fora agraciado com o pulso dela e se alimentado de sua fonte, ele havia sido infectado com uma doença.

— Responda-me uma coisa, — Seus olhos continuaram a vagar, medindo cada nuance de seu medo, a expressão congelada.

— O que? — ela pediu quando ele não falou imediatamente.

— Se não fosse pelos eventos que ocorreram, você teria se oferecido a mim?

Ela deixou o olhar cair. Apertou os braços sobre seu coração. Abaixou a cabeça.

— Responda-me, — disse ele gentilmente. — Fale a verdade, para que ambos possamos ouvi-la em voz alta.

— Mas o que está feito está feito.

Ele estendeu a mão e levantou o queixo dela com o mais suave dos toques. — Diga. Você deve ouvir a sua própria verdade, e eu prometo que eu já tomei flechas mais difíceis do que isso.

Lágrimas brotaram nos olhos dela, tornando-os luminosos, como o luar sobre a superfície de um lago. — Não. Eu não faria isso.

Ele sentiu seu corpo balançar com a certeza, como se tivesse sido atingido. Mas como prometido, ele ficou de pé pela agonia. — Então, minha resposta para você é não. Mesmo se houvesse uma maneira de desfazer tudo isso com o seu rei e não há — que eu nunca a tomaria contra a sua vontade.

— Mas eu escolho isso. É a minha escolha.

Xcor balançou a cabeça. — Só pelo impulso de outra coisa.

Ele deu um passo para trás. — Você deve voltar para... — Ele olhou para a névoa, ainda totalmente perdido. — Para onde quer que você deva ir.

— Você me quer. — Agora sua voz era firme e segura. — Eu posso senti-lo.

— Claro que sim. Mas não como um cordeiro de sacrifício para o abate. Minha fantasia... não é isso.

¹³⁹ Espécie de árvore de regiões temperadas.



—Será que a razão importa?

—Alguns presentes são mais dolorosos do que insultos. — Ele tentou se afastar dela, e não conseguiu. —Especialmente quando não há nada a ser feito sobre o seu Wrath. Ele foi substituído.

—Se você removeu um rei legítimo, você pode remover o outro. Você pode colocar Wrath de volta.

—Você me dá muito crédito.

—Por favor.

Sua firmeza o irritou, mesmo que fosse uma virtude, ele supôs. —Por que isso importa muito para você? Sua vida não deverá mudar. Você estará segura aqui ou em qualquer lugar. A Irmandade não está desmontada.

— Eles irão atrás de você.

—Então vamos matá-los. Eu espero que eles vejam os benefícios de se curvarem graciosamente.

Na verdade, ele não podia acreditar que ele estava dizendo isso. Mas, para não perturbá-la, ele iria deixá-los viver e Wrath também — desde que eles não entrassem em seu caminho.

Layla sacudiu a cabeça. —A lealdade deles não vai permitir isso. — Suas mãos se levantaram até o rosto e as apertava como se estivesse imaginando o horror. —Haverá guerra de novo. Por sua causa.

—Então me odeie. Será melhor para nós dois se você assim o fizer.

Ela olhou para ele por mais tempo. —Temo que não possa fazer isso.

Xcor fez o possível para ignorar a forma como o seu coração parou. —Devo me despedir.

—Como você encontrou este lugar?

—Eu a segui para casa há pouco tempo. Você estava no carro, voltando da clínica. Eu estava preocupado com você.

—E por que... você veio hoje à noite?

—Tenho que ir.

—Não.

Por um momento, ele sonhou que houvesse dito isso e que queria dizer isso para ele pessoalmente. E não apenas na esperança de convencê-lo sobre a sua posição.

Essa loucura não durou muito. Especialmente porque ele imaginou a si mesmo aterrorizando o homem humano ferido no restaurante deserto, por nenhuma outra razão de que ele poderia fazê-lo, então se lembrou de remover a coluna espinhal de todos esses *lessers* e entregá-los a quais membros da aristocracia? Como se o destinatário fosse ainda significativo. Depois que ele se lembrou de decapitar assassinos. Esfaqueá-los no intestino. Cortar seus membros...

Havia tantos atos de violência em seu íntimo.

Assim como a depravação do que ele havia passado no campo de guerra de Bloodletter.

E no topo disso estava seu rosto.

Ele queria apenas começar a descer a ladeira. Ao contrário dela, ele não podia se desmaterializar — ele já havia tentado várias vezes para acelerar a ascensão desta forma e não conseguira neste nevoeiro.



Sim, ele queria deixá-la para trás. Por todas as razões que ele enunciara para ela e também por aquelas que ele guardava para si.

Em vez disso, ele se ouviu dizendo, —Encontre-me sob a árvore do bordo. Meia-noite de amanhã.

—Por quê? — ela puxou a parka mais para perto, como se fosse ser comida viva, —Com que propósito?

—Não é aquilo com que você está preocupada.

Agora ele se mexeu e começou a andar, até que seus processos de pensamento se clarearam o suficiente para detê-lo. Olhando por cima do ombro, disse ele, —Escolhida. Você sabe o caminho de casa?

—Ah, sim... claro... — Exceto que quando ela olhou em volta, ela parecia ficar confusa. — Sim, é bem em cima...

Ela não parou para esconder suas palavras. Ela honestamente não parecia saber onde ela estava.

Fechando os olhos, ele amaldiçoou. Ele nunca deveria ter vindo aqui.

Se ele a deixasse aqui sozinha e ela conseguisse encontrar abrigo antes do sol nascer? E se eles estivessem no meio do caminho para onde ela precisava estar?

Colocando as mãos nos quadris, ele inclinou a cabeça para trás e procurou o céu, pensando que talvez ele pudesse lhe oferecer um pouco de bom senso, porque ele claramente perdera o seu.

De todas as maneiras que eu poderia morrer, ele pensou...

Ele nunca havia considerado uma única vez que teria mais de uma fêmea.

Enquanto Trez inspecionava a multidão Gótica da Iron Mask, ele não podia dizer que estava emocionado por estar de volta ao controle. Seu negócio sempre foi importante para ele, bem, primeiro o show do Rehv; então, quando o Reverendo tinha saído de cena— ou mais como se demitindo —Trez havia tomado conta de todo o clube e da empresa. E ainda, se o local houvesse sido de Rehv ou dele, ele adorava as operações, lidar com as pessoas, o planejamento de novos lugares, vendo o seu dinheiro crescer. Sim, claro, os seres humanos eram um pé no saco, mas isso era verdade mesmo que você estivesse dirigindo seu carro, fazendo compras em um supermercado, ou a tentando ganhar a vida.

Com certeza, as drogas e bebidas realmente não o ajudavam nesse último, tanto faz.

Esta noite, porém, enquanto observava a dúzia de meninas que trabalham fazendo as rondas, sentando no colo, flertando, levando os homens pela mão e desaparecendo nos banheiros privativos... ele estava enojado com tudo isso.

Especialmente porque ele pensava sobre no que ele concordara em fazer por s'Ex.

Cara, fora tão tentador presumir que ele havia resolvido o problema... que manteria o carrasco feliz, e que iria fazer tudo desaparecer.

Errado.

Ele só ficava pensando que, se ele tivesse mais tempo, ele iria encontrar uma maneira de cair fora.

—Alguma chance de que você esteja procurando por mim?

A fêmea humana em pé na frente dele tinha cabelo comprido — óbvio— preto, muitas delas aqui o tinham, e um corpo que era cheio de curvas, como uma pista de corrida. Provavelmente muito rápida. E com a pele empalidecida artificialmente até o ponto de farinha e lábios pintados da cor do sangue, ela era uma vampira postiça em um mundo de posers, tudo espremido em uma persona que provavelmente tivera origem a partir de uma paisagem emocional bipolar.

Não que ele estivesse generalizando, nem nada.

—Não, — disse ele. —Não estou procurando por você.

—Tem certeza? — Ela se virou um pouco na frente dele, mostrando sua bunda redonda. — Porque eu valho a procura.

Em sua mente, tudo o que ele podia ver era sua Escolhida, diante dele, tão bonita e limpa.

— Desculpe-me, — ele murmurou quando ele se virou e foi embora.

Depois de Selena ter deixado ele e iAm na cozinha juntos, ela não tinha voltado. Quando todo mundo tinha sido chamado para a sala de jantar para ouvir a notícia horrível sobre o Rei, ele esperava para vê-la lá. Ela não foi.

E ele queria se dirigir ao grande acampamento de Rehv para vê-la. As coisas entre eles estavam muito abertas para o seu gosto, mas ele tinha a sensação de que descer até o âmago da questão o faria se sentir pior.

E a ela também.

Ele realmente só precisava deixar a situação ir embora com ela.

Do outro lado do caminho, uma das prostitutas profissionais, uma morena de couro colante vermelho, encontrou seu olhar, e ele deu uma olha rápida dos pés à cabeça nela.

Sim, ele pensou. Ela serviria.

Quando ele fez sinal para ela se aproximar, ela estava mais do que feliz em atravessar a multidão e fechar a distância. —Ei, patrão.

Merda, ele realmente, totalmente, odiava fazer isso. —Eu tenho um cliente privado. Preciso de alguns serviços especiais para ele. Você está interessada?

—Sempre. — Ela olhou ao redor. —Ele está aqui esta noite?

—Outro local. Amanhã ao meio-dia. Eu vou pedir mais duas.

—Legal. Não se preocupe com Willow, está bem? Ela tem sido uma dor na bunda recentemente.

—Afirmativo.

—Obrigado por pensar em mim, chefe. — Ela sorriu e bateu seu quadril nele. —Eu vou ter certeza que seu amigo tenha bons momentos.

Quando ela se afastou, Trez pensou, talvez, possivelmente... sim, muito bem... definitivamente seu jantar estaria por todo o chão preto polido.

Em busca de ar fresco, ele foi para a entrada e lá na fachada fez verificações com Ivan, e com o cara novo à frente da fila de espera. E então ele começou a caminhar, sem nenhuma direção



Empurrando o cadáver ainda em movimento no chão, ele pegou o telefone e discou um número. Foi atendido no terceiro toque.

—Butch? — disse ele. —Ei, amigo — e aí? Uh — huh. É. Certo... Ele olhou com atenção para matador e pensou que os movimentos lentos dos braços e pernas estavam totalmente anunciando a morte. — Bem, eu tenho um amigo que eu gostaria que você conhecesse. Não, não é o tipo que você gostaria de levar para casa para o jantar. Sim, ele não vai a lugar nenhum. Fique à vontade.

Depois que ele desligou, ele olhou para os pacotes na palma da mão. Eles estavam marcados com o símbolo da morte na Antiga Língua.

Alguém na raça estava negociando, e dos grandes. E eles estavam trabalhando com o inimigo para fazê-lo.

Próxima pergunta? Quem diabos estava fazendo isso.

Capítulo 46

Estava chegando perto do amanhecer, quando Beth decidiu que realmente tinha que sair dos aposentos deles. Ele não tinha voltado ainda, e a perspectiva de passar mais um minuto com o caos em sua mente era o suficiente para fazê-la querer sair.

Primeira parada? Quarto de Layla, mas a Escolhida não estava lá. Provavelmente uma coisa boa, quando supunha que tudo o que faria era chatear a pobre fêmea sobre os sintomas da gravidez precoce — o que era loucura por duas razões: uma, se ela houvesse concebido, fazia o que, vinte e quatro horas, no máximo? E dois, Layla havia tido aquele horrível quase aborto.

Não era exatamente uma boa comparação — se Beth não queria ficar completamente insana.

Retornando pelo corredor de estátuas, ela pensou... cozinha. Sim, a cozinha era uma boa próxima parada — supondo que não queria chatear Wrath na sala de musculação do centro de treinamento.

Ele claramente precisava de espaço.

Quando atingiu a grande escadaria, estava achando impossível não ficar processando em paralelo a realidade. O primeiro nível era o que estava à sua frente: Wrath e o destronamento, o silêncio triste na casa, o estresse sobre o que o futuro reservava à raça. O segundo nível era totalmente interno e completamente físico: uma pontada em sua pélvis — era a implantação... ou a vinda de seu período, o que significaria não estar grávida? Uma dor em seus seios — sintoma de concepção... ou o resultado de todo aquele sexo selvagem? Ondas de calor — o residual do desequilíbrio hormonal... ou a roupa de flanela?

Somente a gravidade da situação em que estavam, graças às ações do Conselho, a impedia de se centrar completamente nas minúcias de seu corpo. Enquanto isso, no fundo do seu coração, não sabia se queria que estivesse grávida... ou queria que não estivesse.

Na verdade, isso era uma mentira.

Colocando a mão sobre o baixo ventre, se encontrou rezando para que não tivesse funcionado. A única coisa pior do que Wrath perder o trono... era ele descobrir que ia ser pai logo em seguida.

Se ele já estava sentindo como se tivesse perdido o legado de seus pais, isso ia ser como lhe jogar uma pedra para afundá-lo enquanto mal havia pisando na água: Sem dúvida, iria sentir como se tivesse traído seu filho, também.

Descendo para a sala de estar, ela atravessou a sala de jantar e, em seguida, foi para a cozinha. Deus, o vazio misterioso — a cozinha geralmente era um lugar tão ativo, mesmo durante as pausas entre as grandes refeições domésticas. Entrar enquanto as persianas estavam descendo e não ter nada no fogão, no forno, ou nos balcões a assustava.

Droga... o que ia acontecer agora?

A Irmandade ia se separar? Aonde ela e Wrath iriam? Tecnicamente, não deviam ficar nos quartos extravagantes no terceiro andar, se não fossem mais a Primeira Família.

Na verdade... seria um alívio sair de lá.

Embora a causa para a mudança fedia.

Abrindo a Sub-Zero¹⁴², viu... um monte de merda que não queria comer. Mas devia estar com fome, não devia? Só tinha beliscado as coisas que Fritz tinha trazido, que seria quantas horas atrás? E certamente não tinha comido nada durante a necessidade.

Ela precisava fazer xixi.

Desaparecendo no banheiro ao lado da cozinha, cuidou dos negócios, lavou as mãos, e deu a geladeira outra tentativa.

Alguém tinha acabado de colocar um grande recipiente de algo na prateleira mais baixa. Uma espiada sob a tampa e... *cacciatore*¹⁴³. Normalmente uma entrada bem digna de abordar, especialmente porque devia ter sido *Am* quem fez. No entanto, uma cheirada rápida lhe deu um total não-obrigado de seu estômago. A mesma coisa quando se tratou do presunto restante. O mesmo com o digno prato de bolonhesa com linguini em um recipiente Tupperware. Sopa de tomate...

Dando ao congelador uma tentativa, tirou uma caixa simples de Eggos¹⁴⁴... depois os colocou de volta. —Meh¹⁴⁵.



¹⁴² *Sub-Zero é uma marca de grandes eletrodomésticos residenciais, incluindo refrigeração e produtos de preservação de vinho, construído nos EUA pela Sub-Zero Freezer Company, Inc. A empresa também fabrica aparelhos de cozinha, sob a marca Wolf.*

¹⁴³ *Cacciatore significa "caçador" em italiano. Na culinária, *ala cacciatore* refere-se a uma refeição preparada "estilo caçador", com tomate, cebola, ervas, frequentemente pimentão, e às vezes vinho. *Cacciatore* é popularmente feita com frango refogado (*pollo alla cacciatora*) ou coelho (*coniglio alla cacciatora*).*



¹⁴⁴

¹⁴⁵ *Meh é uma interjeição usada como uma expressão de indiferença ou tédio.*

O sorvete estava totalmente fora de cogitação. Só de pensar naquela coisa de nata a fez querer vomitar.

Ela hesitou quando olhou para si mesma. —Alguém aí dentro? — Disse para sua pélvis.

Ok, era oficial. Tinha pirado totalmente.

Depois de uma viagem pela copa, que foi o mesmo que tentar encontrar algo comestível na lavanderia, pelo amor de Deus, voltou para a geladeira e se obrigou a tirar um pote de butter chips da Vlastic¹⁴⁶.

—É pickles, gente, — ela murmurou. —Pickles. Clichê total aqui.

Salvo que quando abriu a tampa e olhou para as fatias dançando em sua pequena piscina de salmoura doce, fez uma careta e teve correndo que colocá-los de volta na geladeira.

Como último recurso, atacou a gaveta de legumes.

—*Sim*, — disse precipitadamente conforme a mão formava uma garra. —Oh, sim, sim, sim...

Quando ela levou o maço de cenouras orgânicas até a gaveta de facas, não podia acreditar que estava preste a se entupir com todo aquele betacaroteno.

Ela odiava cenouras. Ok, não completamente — se estivessem em saladas, não era como se comesse muito delas. Mas nunca em sua vida se voluntariou para tirá-las da geladeira.

De pé na pia, ela separou uma, descobriu um descascador, e fez uma pequena pilha bem arrumada de brilhantes tiras alaranjadas na cavidade de aço inoxidável. Lavagem rápida. Cortar no meio. Fatiar longitudinalmente duas vezes. E voilà, crudités¹⁴⁷.

Triturar. Mastigar. Engolir.

Elas estavam tão frescas, que estalavam toda vez que dava uma mordida nelas, e o gosto doce, simplesmente foi melhor do que chocolate.

Mais uma, pensou enquanto terminava o que era para ser sua última. Salvo que quando chegou ao final da segunda, pensou... que tal outra.

Conforme comia sua terceira, pensou novamente na proclamação do Conselho. A motivação dela para tentar fazer alguma coisa era igual à de um acéfalo. Mesmo que a identidade racial de sua mãe não fosse culpa dela, ainda se sentia responsável por trazer o carrinho de merda para a porta da frente de Wrath.

Se apenas pudesse descobrir uma maneira de contornar isso...

Do lado do Conselho, as coisas estavam se movendo, evidentemente, para frente. Uma cerimônia oficial de posse daquele cara Ichan tinha sido programada — e Rehv tinha descoberto, porque, como um idiota, o secretário do Conselho falhou, em tirá-lo de sua lista de e-mail.

Isso estaria acontecendo à meia-noite.

Ela olhou para os fornos duplos. O relógio digital azul marcava quatro e cinquenta e quatro. Então, eles tinham dezenove horas.



¹⁴⁶ Pickles de pepino cortado em rodela grossas.

¹⁴⁷ Em francês: pedaços de vegetais crus



Que diabos poderia ser feito em dezenove horas?

Voltou para suas cenouras.

O som do sistema de segurança anunciando a abertura e fechamento de uma porta exterior foi uma surpresa. Franzindo a testa, ela saiu da despensa, empurrando uma das portas vai e vem que o pessoal utilizava...

Layla estava saindo da biblioteca, parecendo como se tivesse estado em um acidente de carro: Seu cabelo estava desgrenhado pelo vento, o rosto branco como um lençol, as mãos no rosto.

—Layla, — Beth chamou. —Você está bem?

A Escolhida pulou tão alto que teve que esticar os dois braços para se manter estável. —Oh! Oh — ah, sim. Sim, estou. Estou bem, muito bem, sim. Obrigada. — A fêmea abruptamente franziu o cenho. —E você? Você está...

Tantas maneiras da fêmea terminar isso, dado o que estava acontecendo: Você está... tentando se suicidar? Você está... fazendo uma pausa entre as sessões de lamentação? Você está... grávida, também?

—Oh, sim, tudo bem. Sim, muito bem. Yup.

Dois podiam jogar este jogo.

—Bem, eu só estou indo lá para cima. Indo para a cama. Tomar uma chuveirada, e cair na cama. — Conforme Layla começou a tirar seu casaco, seu sorriso era tão genuíno como de Courtney Stodden¹⁴⁸. —Eu vejo você às... bem, mais tarde. Vejo você mais tarde. Tchou. Tchou por agora!

A Escolhida subiu as escadas como se estivesse sendo perseguida, embora não houvesse ninguém atrás dela.

Enquanto Beth voltava para a cozinha, se sentiu mal de não seguir atrás da fêmea obviamente aflita, mas a triste verdade era que tinha muito em seu prato... não havia espaço para todo esse drama, de qualquer outra pessoa com um lado do cérebro-frito.

De volta a pia, ela descascou outra cenoura. Cortou ao meio e a virou.

A solução veio a ela com tanta clareza, que quase cortou a ponta do dedo fora.

Baixando a faca, pegou as duas metades... e as segurou juntas, encontrando o ajuste que as fazia parecer como se fossem uma só.

Então deliberadamente as separou. Reuniu. Separou.

Em ambas as encarnações... as metades ainda eram uma cenoura.

Jogando os pedaços no balcão, decolou em uma corrida mortal.

Era uma grande jogada de proteção que salvaria os dois.

Conforme Xcor se materializou no jardim da frente de sua casa suburbana, ele teve que levar um momento para se recompor — mesmo que o sol estivesse ameaçando no leste.

¹⁴⁸ Courtney Alexis Stodden (nascida em 29 de agosto de 1994) é uma personalidade da televisão norte-americana. Em 2011, Stodden — com 16 anos — recebeu muitas críticas após se casar com o ator Doug Hutchison, de 51 anos.



Falando sobre um triz... ele mal conseguiu que Layla voltasse a tempo. E até o momento, não tinha certeza se tinha conseguido.

Mas tinha feito o seu melhor.

Uma vez que se tornou óbvio que ela sofria da mesma desorientação que ele na névoa, tinha tomado sua mão e começado a subir o morro. Não pediu a confirmação de que o complexo escondido da Irmandade, de fato, estava na parte superior — para essa informação, ele se baseou nos mesmos princípios que haviam construído o seu muito mais apropriado covil no Velho Continente.

Quanto mais alto o lugar, mais defensável isso era.

Apressou-a o máximo que podia, e acabou os levando diretamente para um muro de segurança rebocado de seis metros de altura — um bom sinal de que estavam perto da propriedade. O problema era, ela estava muito transtornada para se desmaterializar sobre a maldita coisa.

Confrontado com a escolha entre direita ou esquerda, ele estava bem ciente de que sobre sua decisão descansava a segurança dela.

Em muitos níveis.

Estava bem ciente de que, mesmo se pudesse construir um abrigo adequado para eles, algo capaz de protegê-los da luz do sol durante todo o dia, a sua ausência seria notada e questionada quando voltasse no seguinte pôr do sol. Como ela seria capaz de apresentar respostas que não iriam complicar a sua vida de forma irreparável, ele não sabia.

Ele tinha escolhido a direita — na teoria aquilo esperava ser a certa para ela, e, portanto, essa era a direção que tomaria.

Quando eles encontraram aquele bem aparado e bem-cuidado pequeno arbusto... e, em seguida, vários de seus irmãos, ficou claro que eles estavam no caminho da casa principal. Ele não a levaria todo o caminho. Foi longe o suficiente para encontrar o primeiro canteiro, e depois tinha liberado a mão dela e sibilado para ela ir — ir rápido.

Ele, também, estava sem tempo.

Xcor a tinha observado avançar rapidamente por apenas um momento, e então ela se perdeu em meio à névoa, nem mesmo os sons de seus passos alcançavam mais seus ouvidos.

Era como se ela tivesse desaparecido para sempre.

E por mais que uma parte dele estivesse tentada a se sentar e deixar o sol levá-lo, forçou a si mesmo a se afastar, descer esquadrinhando até que tropeçou, literalmente, num arado.

Embora só fosse capaz de ver um metro e meio a sua frente, os desníveis proporcionavam a ele uma oportunidade para uma velocidade inigualável pelo terreno irregular. Ele tinha corrido em velocidade máxima, a gravidade a seu favor, sua única preocupação era que alguém subindo pela montanha, o visse com seus faróis.

Isso não tinha acontecido. Havia chegado à parte inferior e, eventualmente, tinha saído da paisagem íngreme e enevoada.



A sensação de medo que experimentou pela primeira vez após a infiltração, o abateu, no entanto. E se Layla não tivesse entrado a tempo? E se alguém a tivesse encontrado e questionado? E se...

Ele verificou seu telefone sem sucesso e, em seguida, foi forçado a fechar os olhos, se concentrando, e rezar para que tivesse bastante força remanescente e foco para enviar o próprio espírito para longe.

A única coisa que o tinha feito possível desaparecer, era que não poderia morrer sem saber o que tinha acontecido com ela.

Puxando o telefone mais uma vez, teve mais uma errante esperança que ela tivesse chamado e que não tivesse ouvido o toque em sua fuga montanha abaixo. Infelizmente... não.

Seguindo para porta da frente da casa colonial, o fraco brilho no céu fez a sua pele formigar em advertência e seus olhos lacrimejarem — o que terminou quando invadiu a casa.

Para uma cena desprezível de devassidão.

A única coisa que teria tornado isso mais completo teria sido a presença de fêmeas. Por assim dizer, o ar estava denso com o cheiro de rum e gim, cheio de gargalhada, pesado com o tipo de agressão masculina que surgia após a vitória.

—Você voltou! — Zypher gritou. —Ele voltou!

O grito soou alto suficiente para acordar os vizinhos, se houvesse algum. Por assim dizer, encheu a casa.

—E nós temos novidade, — Throe disse com satisfação moderadamente matizada com embriaguez. —A cerimônia de posse é hoje à meia-noite. No salão da biblioteca de Ichan. Fomos convidados, é claro.

A tentação de dizer para eles irem em seu lugar era atrativa. Mas se manteve em silêncio. Com nada além de um aceno de cabeça, desapareceu no andar de cima.

Felizmente, seus soldados estavam acostumados a ele recuando para seus próprios pensamentos — e o deixaram ir.

Quando fechou a porta do quarto, o ruído abaixo foi abafado, não extinto; no entanto, estava acostumado a ignorar esse grupo de machos.

Indo para a cama, que era uma confusão de lençóis e cobertores emaranhados, se sentou, desarmado, e pegou seu celular. Embalando-o em suas mãos, olhou para a tela.

Não havia nenhuma maneira de discar para ela: Qualquer que fosse o telefone que ela usou tinha um decodificador de números.

Deitado de costas e olhando para o teto, o deixou com um vazio que era uma revelação.

A ideia de que ela poderia estar morta e que ele não saberia disso, o atingiu tão profundamente, que sentiu como se seu ser se dividisse em dois.

Nunca estaria unido novamente.

Capítulo 47

Onde ele estava?

Enquanto Sola vadiava na cozinha de Assail, preocupada com as poucas coisas que tinha reembalado no andar de cima, não parava de olhar por cima do ombro, esperando encontrá-lo virando o canto para tentar convencê-la a ficar.

Mas ele já tinha feito isso, não tinha.

No chuveiro.

Homem, por uma vez, memórias de estar com ele não a deixaram excitada. Isso a fazia querer chorar.

—Eu não entendo por que sair tão cedo — sua avó declarou enquanto vinha do porão. — Não é nem mesmo de madrugada.

Sua avó estava vestida com a versão amarela de vestido caseiro, mas estava pronta para a viagem, seus sapatos eram bons, a bolsa correspondente pendurada pela correia de couro falso. Atrás dela, os dois guardas de Assail tinham uma mala cada um — e não pareciam felizes. Embora, eles quase não tinham rostos construídos para a diversão.

—São vinte e três horas de carro, vovó. Precisamos começar.

—Vamos sem parar?

—Não. — Ela não podia assumir o risco com a avó a tiracolo. —Você pode dirigir metade durante o dia. Você gosta de dirigir.

Sua avó soltou um som que para qualquer outra pessoa teria sido um F-bomb¹⁴⁹. —Devemos ficar aqui. É bom aqui. Gosto da cozinha.

Não era à cozinha que a mulher estava afeiçoada. Inferno, a avó poderia cozinhar sobre uma Coleman¹⁵⁰ sem piscar um olho — e tinha.

Ele não é católico, Sola queria dizer. Ele na verdade é um traficante de drogas ateu. Em breve seria atacadista.

E se ela estivesse grávida? Perguntou-se. Porque não tinha tomado a pílula por dois dias. Isso não seria... Nucking futs¹⁵¹, como eles dizem.

Sacudindo-se para fora da terra do la-la-la, Sola fechou a mala com rodinhas e apenas ficou lá.

—Bem? — Sua avó zombou. —Vamos? Ou não?

Como se ela soubesse exatamente pelo que Sola estava esperando.

Ou quem, como era o caso.

Sola não tinha orgulho suficiente para tentar ser fria enquanto olhava ao redor de novo, observando a entrada da sala de jantar, a entrada em arco que era usada quando você vinha do

¹⁴⁹ F-bomb é a palavra fuck (foda) – usado metaforicamente como um eufemismo.



¹⁵⁰

¹⁵¹ Um anagrama de fucking nuts (louco para caralho) usado pela primeira vez no filme "Dickie Roberts: Former Child Star", no Brasil Dickie Roberts – O Pestinha Cresceu.

andar de cima ou o escritório, a sala perto do topo da escadaria do porão. Tudo vazio. E não havia passos vindo em uma corrida mortal, nenhum som abafado de cima como se alguém apressado vestindo uma camisa e descendo.

Passando a parte do chuveiro, como ele poderia não vê-la ir embora...

Naquele momento, a avó respirou profundamente e a cruz em ouro amarelo brilhante que ela sempre usava no pescoço capturou a luz do teto.

—Vamos — Sola ouviu-se dizer.

Com isso, pegou sua mala e se dirigiu para a porta dos fundos. Lá fora, um totalmente Ford perdido-na-multidão estava estacionado perto da casa, o contrato de locação estava em nome da identidade de emergência de Sola.

Uma que ninguém em Caldwell sabia que tinha. E no porta-luvas, havia um outro conjunto de documentos e IDs para sua avó.

Usando o alarme, ela liberou a trava das portas, e abriu o porta-malas. Os homens de Assail, enquanto isso, estavam tratando sua avó com luvas de pelica, ajudando-a a descer as escadas, carregando sua bagagem, e seu casaco, que tinha, obviamente, se recusado a colocar em protesto.

Enquanto instalavam a mulher no banco do passageiro e sua mala na traseira, Sola procurou na parte de trás da casa. Assim como antes, esperava vê-lo, talvez correndo pela sala principal para chegar até ela antes dela partir. Talvez vindo do porão e disparando através do vestíbulo para sair. Talvez derrapando no canto por ter estado lá em cima...

Naquele momento, algo estranho aconteceu. Cada janela da casa tinha um brilho repentino nela, os painéis de vidro entre as soleiras e as placas planas das portas de correr mostrando um brilho sutil.

Que.

Persianas, ela pensou. Havia persianas fechando as janelas, um movimento sutil, o tipo de coisa que você perderia... a menos que estivesse procurando no exato segundo que aconteceu. Depois? Era como se nada tivesse mudado. Todos os móveis ainda eram visíveis, as luzes acesas, normais, normais, normais.

Outro de seus truques de segurança, ela pensou.

Abrindo a porta com calma, colocou um pé dentro e se esticou para olhar ao redor. Os dois guarda-costas tinham recuado e cruzado os braços.

Ela queria dizer a eles... mas não, não parecia que estavam interessados em levar uma mensagem para Assail.

Eles pareciam francamente chateados agora que tinham colocado a sua avó com segurança no sedan.

Sola esperou por mais um momento, com os olhos fixos naquela porta traseira aberta. Através dos batentes, olhou para os sapatos e os casacos naquela sala dos fundos. De aparência tão comum, bem, comum para uma pessoa rica. Mas a casa não era como qualquer coisa da América Central, e não era apenas porque provavelmente valia cinco milhões. Ou dez.

Virando-se, deslizou atrás do volante, se fechando dentro, com o bom aroma de limão do ambientador. Sob o qual estava a fraca bruma fedorenta de fumaça de cigarro.



—Eu não sei por que temos que partir.

—Eu sei, vovó. Eu sei.

Com um baixo som metálico o motor saltou para a vida e ela colocou o carro em sentido inverso. Virando o carro numa manobra K¹⁵², ela deu a essa porta aberta uma última olhada.

E então não havia mais desculpas para ficar.

Apertando o acelerador, pisou duro conforme os faróis iluminavam a calçada e, em seguida, a estrada de pista única que as levaria para fora da península.

Ele não viria atrás dela.

—Você cometeu um erro — a avó disse num acesso de raiva. —Um grande erro.

Mas você não sabe a história toda, Sola pensou enquanto se aproximava de um sinal de parada e ligou a seta.

O que Sola desconhecia, no entanto... tampouco vinha ao caso.

Assail assistiu à partida do conjunto de árvores por trás da parte de trás de sua casa.

Através das janelas da cozinha, a viu de pé ao lado da mesa, vasculhando uma mala como se estivesse procurando algo que estava deixando para trás.

Aqui fora, meu amor, pensou. O que você perdeu está aqui fora.

E, em seguida, sua avó fez uma aparição com os primos, e ficou claro que a mulher não aprovava a saída.

Só mais uma coisa que o fazia adorá-la.

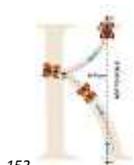
Também era óbvio que os primos eram contra isso. Então, novamente, nunca tinham comido tão bem, e tinham respeito por qualquer um que os enfrentasse.

Sem problemas com a *grandmahmen* de Marisol.

Enquanto Assail brincava de testemunha em busca de sua fêmea, como se ela estivesse esperando por ele aparecer, houve uma pequena satisfação em sua tristeza. Mas o imperativo primordial era convencer sua besta interior a deixá-la escolher o caminho dela.

Ele não podia discutir com a autopreservação — assim como não podia prometer se desligar de seu negócio. Tinha trabalhado muito tempo e muito duro para desvanecer num estilo de vida de noites sedentárias... mesmo que fossem passadas com ela. Além disso, tinha a preocupação de que as coisas não estivessem concluídas ainda com a família de Benloise. Só o tempo poderia dizer se haveria um outro irmão por aí, ou por ventura algum primo com um olhar guloso e um coração vingativo pelo que havia sido feito ao seu sangue.

Ela estaria mais segura sem ele.



Enquanto Marisol colocava a bagagem no porta-malas do carro, sua avó era acomodada na frente do veículo. E houve outra pausa. De fato, quando ela olhou em volta, ele sentiu que devia tê-lo visto — mas não. Seus olhos passaram por ele em seu esconderijo sombreado.

Dentro do carro. Fechando a porta. Ligando o motor. Manobrando.

Então, tudo o que havia... era a luz do freio desaparecendo pelo caminho.

Os primos vadiaram por um momento. Ao contrário de sua fêmea, eles sabiam exatamente onde ele estava, mas não se aproximaram. Retiraram-se para dentro da casa, deixando a porta aberta para ele usar quando não pudesse suportar mais o sol nascente.

Seu coração estava gritando em seu peito quando finalmente saiu de onde tinha se escondido.

Andando pela neve, seu corpo estava desarticulado ao ponto em que se perguntava se iria entrar em colapso. E a sua cabeça estava girando, girando e girando — seus intestinos também. A única coisa que era sólida era seus instintos masculinos, que estavam sangrando incessantemente, de que precisava ir para a estrada à frente dela, ficar na frente do carro barato-imbecil, e exigir que virasse e voltasse para casa.

Ao invés, Assail se forçou a entrar em casa.

Na cozinha, os primos estavam se servindo das sombras especificamente cozidas para eles e deixadas em porções embrulhadas em papel alumínio no congelador. Parecia como se alguém tivesse morrido.

—Onde estão os telefones celulares? — Assail perguntou.

—No escritório. — Etric franziu a testa enquanto destacava um Post-it do pacote. —Pré-aqueça por três a setenta e cinco¹⁵³.

Seu irmão foi para o forno de parede e começou a apertar botões. —Convecção¹⁵⁴?

—Não diz.

—Maldição.

Em qualquer outra circunstância, Assail teria achado impossível acreditar que Evale estava desperdiçando seu escasso ímpeto falando sobre culinária. Mas Marisol e sua avó tinham mudado tudo... pelo pouco tempo que tinham estado aqui.

Deixando seus primos, não ficou surpreso de que não ofereceram para incluí-lo na refeição. Depois de séculos de existência efêmera, tinha a sensação de que iam se tornar colecionadores destes alimentos.

No escritório, sentou atrás da mesa e observou os dois telefones idênticos diante dele. Naturalmente, seu cérebro foi para como os tinha adquirido, e viu Eduardo primeiro no chão e, em seguida, Ricardo pendurado contra a parede de tortura.

Ordenou para suas mãos os apertar.

Seus braços recusaram a obedecer a ordem e, de fato, seu corpo caiu para trás na cadeira. Enquanto olhava para frente para absolutamente nada, ficou claro que sua motivação o havia abandonado.

¹⁵³ Se refere à temperatura: 375 F (+/- 190 C)

¹⁵⁴ Transferência do calor por circulação ou movimento.



Abrindo a gaveta do centro da mesa, tirou um de seus frascos e ateou fogo numa narina e depois na outra com cocaína.

A corrida de formigamento pelo menos, o fez se sentar ereto, e um momento depois, de fato, pegou os telefones... e os conectou ao seu computador.

Seu foco era artificial, a atenção forçada, mas sabia que ia ter que se acostumar com isso.

Seu coração, preto que fosse, o tinha deixado.

E estava a caminho de Miami.

Capítulo 48

Foi, de fato, possível, se você corresse o tempo suficiente e forte o suficiente, para fazer o corpo se sentir como se você estivesse em uma briga.

Quando Wrath continuou a bater seus Nikes na esteira, pensou em sua última sessão de treino com Payne.

Ele havia mentido para ela. Voltando quando finalmente assumiu o trono de uma forma séria, os irmãos e Beth o tinham confrontado com um conjunto de “diretrizes” destinadas a relaxá-lo no alto perfil de risco físico. Não era exatamente uma convivência feliz, e tinha quebrado as regras, pelo menos, uma vez que todos sabiam, e um número de vezes que ninguém o havia pegado. E depois que foi descoberto lutando no centro da cidade, concordou de novo em guardar os punhais para o cerimonial e o trabalho e, desde então, o cheiro de decepção de sua shellan tinha sido suficiente para mantê-lo na linha.

Bem, isso e o fato de que perdeu a visão remanescente inteiramente sobre esse tempo.

No grupo deles não havia medo. O rei precisava estar respirando mais do que tudo; derrubar assassinos na parte de trás de um beco em Caldwell não poderia ser mais a diretiva primária.

E não brigar com os irmãos, também.

Nenhum deles queria lançar os dados possivelmente o machucando.

Exceto, que então Payne apresentara-se, e se tivesse assumido primeiramente que ela era um homem, quando sua verdadeira identidade havia sido descoberta, ele foi colocado em um impasse... precisamente porque ela era uma fêmea.

Pensava nela fazendo um lanche no vestiário dos homens e colocando a faca em sua garganta.

Ele supôs agora... que poderia lutar com qualquer um que quisesse. E que lhe devia um pedido de desculpas.

Descendo, aumentou a velocidade da esteira. Esta máquina estava adaptada com ganchos no console e um cinto acolchoado que tinha sido feito para ele. Com cabos elásticos amarrados entre os dois, ele poderia soltar as mãos e ainda manter a máquina, os puxões sutis em sua cintura dizendo-lhe onde estava em relação ao plano de rolamento.

Calma em uma noite como esta. Oh, espere... era dia, agora.

Caindo em um ritmo mais rápido, descobriu que, como sempre, a cabeça tinha uma maneira de flutuar acima do esforço, como se com o seu corpo envolvido e trabalhando, estava livre à deriva. Infelizmente, como um helicóptero com medidores defeituosos, manteve batendo em penhascos rochosos: seus pais, sua shellan, a possibilidade de um futuro, todos os anos vazios que se estendiam à sua frente.

Se ele só tivesse a sua visão. Pelo menos, poderia sair com credibilidade e se envolver com o inimigo. Mas agora estava preso, por sua cegueira, por sua Beth, pela chance de que ela estivesse com uma criança.

Claro que, se ela não tivesse estado em sua vida? Ele teria ido em uma saga de matança até que morresse honrosamente no campo. Embora, inferno, sem ela, provavelmente não teria se incomodado em fazer nada sobre sua ascendência em primeiro lugar.

Sabia que nunca deveria ter tentado a merda da coroa em sua cabeça.

Depois de tudo o que seu pai tinha feito em um tempo tragicamente curto, deveria ter seguido seus primeiros instintos e caminhado fodidamente para longe.

Pensou em Ichan. Talvez isso era sobre descobrir que populações modernas que não precisavam de reis.

Ou, mais ao ponto, em que talvez Xcor e os bastardos estivessem vindo para aprender essa lição.

Tanto faz.

Wrath foi para aumentar a velocidade de novo, e descobriu que tinha batido a máquina para fora em velocidade. Xingando, ajustou em seu ritmo já alucinante, e o pensamento de seu pai, sentado atrás da mesa que ele mesmo já não podia ver ou usar, rolos de pergaminho e potes de tinta, canetas de pena e volumes encadernados em couro, cobrindo a superfície esculpida.

Ele podia apenas imaginar o homem por trás de tudo, ostentando um meio sorriso de contentamento quando derretesse a cera e apertasse o anel com crista real para isso...

—Wrath!

— O que? — Puxando o guincho de borracha arrancou a chave de segurança e pulou para os trilhos laterais. — Beth...?

— Wrath, oh, meu Deus!

—Você está bem?

— Wrath, eu tenho a solução.

Ele não conseguia respirar, porra. — Sobre... o quê?

—Sei o que temos que fazer!

Wrath franziu a testa enquanto ofegava e apoiou as mãos sobre os trilhos, no caso das pernas virem como geleia e cedessem e ele caísse. E mesmo com a hipóxia¹⁵⁵, o cheiro de sua fêmea era forte, seus tons naturais afiados que chegavam a ele claramente.

Agarrando a toalha que tinha lançado sobre o console, enxugou o rosto. —Beth, pelo amor de Cristo. Será que você poderia parar...

— Se divorcie de mim.

¹⁵⁵ Falta de oxigênio em partes do corpo.



Apesar de toda a asfixia induzida pelo exercício, parou de respirar. —Desculpe — disse ele asperamente. —Mas eu não ouvi isso.

—Dissolva o acasalamento. Desde ontem, quando para todos os efeitos você ainda era rei.

Wrath começou a sacudir a cabeça, todos os tipos de pensamentos atolando seu cérebro. —Eu não estou ouvindo você dizer que...

—Se você se livrar de mim, irá se livrar dos motivos que eles usaram. Sem motivos, sem remoção. Você tem o trono e...

—Você está fora da porra da sua mente — ele gritou. —O que diabos está falando!

Houve uma pequena pausa. Como se ela estivesse surpresa que ele não estivesse em tudo animado com sua brilhante ideia.

—Wrath, sério. Este é o caminho para obter o trono de volta.

Quando o macho vinculado nele começou a gritar no topo de seus pulmões, ele estava a uma polegada de explodir, mas já tinha destruído uma sala inteira no complexo. E os irmãos iriam matá-lo se ele quebrasse a sua sala de musculação.

Com a tentativa de manter seu nível de voz, falhou miseravelmente: —De jeito nenhum!

—É apenas um pedaço de papel — ela gritou de volta. —Qual diabos é o problema?

—Você é minha shellan!

—É tudo sobre cenouras!

Balançando a cabeça para limpá-la um pouco, ele disse: —Desculpe, o quê?

Era um pouco difícil a transição de terminar seu relacionamento para o estranho envolvimento com os legumes. —Olha, você e eu estamos juntos porque nos amamos. Um pedaço de papel de uma maneira ou outra não vai mudar...

—Não, absolutamente não. Não vou dar a esses babacas a satisfação de me foder excessivamente.

—Ouça-me. — Ela agarrou seu braço e apertou. —Quero que você se acalme e me ouça.

Era a coisa mais estranha. Como ele argumentaria, quando ela lhe dava uma ordem direta assim? Ele seguiu como um soldado de infantaria.

—Voltando à dissolução do casamento — acasalamento, não importa. Não lhes dê qualquer razão, você não quer ser visto como um reacionário. Depois disso decide se quer ou não quer ser Rei. Mas desse jeito? Não será culpa minha. Agora, eu sou a razão que você está perdendo o trono, e não posso seguir pelo resto de nossas vidas sentindo-me responsável por algo assim. Isso vai me matar.

—Sacrificar você não é o caminho...

—Nós não estamos me sacrificando nem um pouco. Não me importo em ser rainha. Importo-me em estar ao seu lado e nenhuma coroa ou edital vai mudar isso.

—Pode estar levando nosso filho agora. Você está dizendo que quer trazer a criança para o mundo como um bastardo?

—Ele não seria para mim. Ele não seria para você.

— Mas, para os outros...

— Outros quem? Você está me dizendo que Vishous pensaria algo menos do garoto? Tohr? Rhage? Qualquer um dos irmãos — suas shellans? E sobre Qhuinn e Blay, Qhuinn não está acoplado a Layla. Isso quer dizer que você pensaria menos sobre essa criança?

— Esta casa não — são os outros — sobre quem eu estava falando.

— Então, quem são, exatamente? Nós nunca vemos a glymera, graças a Deus, e eu não acredito que já conheci o que vocês chamam de plebeus. Bem, exceto por Ehlena e Xhex, eu acho. Quero dizer, todos esses cidadãos da raça, nunca vêm aqui, e isso vai mudar? Não penso assim. — Ela apertou o braço de novo. — Além disso, você estava preocupado em colocar nosso filho no trono? Isto cuida desse problema, também.

Wrath se separou de seu domínio sobre ele, pois queria andar, exceto que não sabia o layout da sala de musculação bem o suficiente para não cair em sua bunda.

Parou para limpar seu rosto novamente. — Não quero o trono o suficiente para me divorciar de você. Só não o faço. É o correto, Beth.

— Bem, se isso o faz sentir melhor, vou me divorciar de você.

Ele piscou por trás de seus óculos. — Não vai acontecer. Sinto muito, mas não vou fazer isso.

A voz de sua leelan rachou. — Não posso passar o resto da minha vida pensando que é culpa minha. Simplesmente não posso.

— Mas não é. Honestamente, não é. Olha, eu só... Tenho que deixar o passado ir, sabe? Não posso esperar por meus pais desta forma. Essa merda não é saudável. — Ele deixou cair a cabeça para trás. — Maldição, quero dizer, você pensaria que eu teria aceitado até agora. Perdê-los, foi difícil.

— Não acho que as pessoas passem por esse tipo de coisa, especialmente do jeito que aconteceu com você.

Piscando de volta de suas lembranças de estar trancado em um espaço de esconderijo, observando através de um buraco na madeira enquanto seus pais eram cortados em pedaços. Eram sempre as mesmas imagens, os mesmos reflexos de lâminas de espadas e gritos de dor e terror... e sempre terminava igual, com as duas pessoas mais importantes de sua vida até aquele ponto indo, indo, indo..

Ele não ia perder Beth. Nem mesmo de uma forma figurativa.

— Não — ele disse com determinação absoluta.

Levantando a mão, a colocou em seu ventre. — Perdi o meu passado e não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Não vou perder o meu futuro, até mesmo para o trono.

Capítulo 49

Um dos problemas com casamentos, acasalamentos, o que fosse... era que, quando a pessoa que você amava dava um veto? Não há muito que você poderia fazer sobre isso.



Quando Beth saiu da sala de musculação com seu hellren, ela estava como um balão desinflado. Sem argumentos, sem planos, odiava como estavam, mas todos os caminhos davam a lugares obstruídos.

Em vez de segui-lo para o chuveiro, ela foi para o escritório e sentou-se à mesa, olhando para a proteção de tela do laptop de bolhas flutuando em torno da imagem do Outlook...

A onda de calor veio do nada, explodindo através de sua pélvis e se espalhando como um incêndio florestal para as pontas de seus dedos, as solas dos seus pés, a coroa da cabeça.

—Cristo — ela murmurou. —Eu poderia fritar um ovo no meu peito aqui.

Abanando com a gola da camisola ajudou um pouco, mas depois da explosão do forno interno isso acabou tão rápido quanto veio, nada, apenas deixando o suor de resfriamento em sua pele.

Passando o protetor de tela, viu quando o próprio Outlook atualizava o envio / recebimento de mensagens. A conta que foi configurada no computador era a caixa de correio geral para o rei, e ela se preparou para uma longa fila de e-mails não lidos que comecem a aparecer no topo da lista.

Havia apenas um que chamou sua atenção.

A representação tangível da chave no poder, ela supunha...

Franzindo a testa, se sentou em frente. A linha do assunto dizia: coração pesado. E era de um homem, cujo nome reconheceu apenas porque tinha estado na lista de assinaturas na porra do pergaminho.

Abrindo a coisa, leu uma vez. Duas vezes. E uma terceira vez.

Para: Wrath, filho de Wrath
De: Abalone, filho de Abalone
Data: 04.430 00:59:56
Assunto: coração pesado

Meu senhor, é com o coração pesado que saúdo o futuro. Eu estava na reunião do Conselho e executei o voto de confiança, com seus antiquados, motivos preconceituosos. Estou doente por mim e para a corrida sobre as ações da glymera dessa tarde, mas mais ainda sobre a minha falta de coragem.

Há muito, muito tempo atrás, meu pai Abalone serviu a vosso pai. A família Lore entrou para a história, embora os detalhes não sejam amplamente conhecidos: Quando uma cabala foi contra seus pais, meu pai tomou uma posição com o seu rei e rainha e honrou esta linhagem com sua decisão tomada. Em troca, o seu pai desde então provém as gerações da minha família com a liberdade financeira e a elevação social.

Eu não fiz jus a esse legado esta noite. E acho que não posso tolerar a minha covardia.

Não estou de acordo com as ações tomadas contra você, e acredito que os outros sentem o mesmo. Trabalho com um grupo de pessoas comuns para ajudar nas suas preocupações e se aproximar a glymera para reparação adequada. Nas minhas relações com esses cidadãos, é claro

que há muitos na raiz da raça que lembram de todas as coisas que seu pai fez para eles e suas famílias. Embora eles nunca se conhecessem, a sua boa vontade se estende a você e sua família. Sei que eles devem compartilhar a minha tristeza e minha preocupação, para onde estamos indo agora.

Em reconhecimento do meu fracasso, me demiti do Conselho. Vou continuar trabalhando com os plebeus, pois eles precisam de um guardião e apesar de eu ser extremamente negligente nesse papel, tenho que tentar fazer algo de bom neste mundo ou não serei capaz de dormir novamente.

Gostaria de ter feito mais por você. Você e sua shellan estarão em meus pensamentos e orações.

Isso tudo é tão errado.

Atenciosamente, Abalone, filho de Abalone

Que cara adorável, Beth pensou quando saiu do Outlook. E ele provavelmente precisava se livrar desse sentimento de culpa. Dada a abordagem que era o rolo compressor da aristocracia, ele não tinha uma chance mínima.

A glymera tinha formas de arruinar a vida que não tinha nada a ver com caixões.

Verificando o relógio na parede, ela sabia que Wrath apareceria a qualquer minuto. E então eles... bem, ela não tinha ideia. Normalmente, neste momento, iriam para a cama.

Talvez eles pudessem mudar de quartos hoje. Ela não achava que poderia lidar, em ver o que aconteceu na suíte.

Ociosamente vagando no Internet Explorer, ela olhou para a tela do Google, sacudindo a cabeça na linha de sorte que estava se sentindo.

Sim. Certo.

Deus, se V não odiasse tudo sobre a Apple, ela poderia ter um iPhone na mão e perguntaria ao Siri o que fazer.

Ela apreciou ver Wrath de pé em seu casamento, mas caramba...

Por nenhuma razão, a cena de *The Princess Bride*¹⁵⁶ passou pela sua mente na cena aonde eles iam se casar no altar em frente a esse sacerdote.

Um pesadelo era sempre um pesadelo.

Beth congelou.

Em seguida, digitou rápido e bateu sobre o ícone. — Estou com a maldita sorte.

O que surgiu foi ...

— Ei, você está pronta para descansar?

Beth lentamente levantou os olhos para o marido. — Sei o que temos que fazer.

Wrath recuou como se alguém tivesse deixado cair um piano em seu pé. E, então, prontamente parecia que sua cabeça latejava. — Beth. Pelo amor de Deus, porra!

— Você me ama, tudo de mim?

¹⁵⁶ *The Princess Bride* (A Princesa Prometida) é um filme estadunidense, dirigido por Rob Reiner, baseado no romance de 1973 de William Goldman.



Ele deixou seu enorme corpo cair para trás contra a porta de vidro do escritório. — Beth...

— Bem, então?

— Sim— seu hellren gemeu.

— Tudo de mim, humana e vampira.

— Sim.

— E você não discrimina um lado contra o outro, certo?

— Não.

— Então, é como o Natal. Quero dizer, você não comemorava o feriado, mas porque é o que Butch e eu estamos acostumados, você, coloca árvores de Natal e decorações, e agora todos na casa comemoram, certo?

— Certo — ele murmurou.

— E quando se trata do solstício de inverno, quero dizer, se você pudesse nunca fazer uma daquelas bolas, você não acharia que era mais ou menos importante ou significativo do que o Natal, certo.

— Certo. — Isso foi falado em um tom que sugeriu que em sua cabeça, ele estava respondendo à pergunta: Se eu colocar a arma aqui, e puxar o gatilho, poderia me tirar dessa miséria, não é?

— Não há diferença. Em tudo.

— Nenhuma. Podemos parar agora?

— Minhas crenças, meus costumes, tão importante quanto as suas, nenhuma diferença, certo?

— Certo.

— Em tudo.

— Certo.

Ela explodiu a partir do computador. — Encontre-me no vestíbulo da frente em duas horas. Vista algo bonito.

— O que... o que diabos você está fazendo?

— Algo que nós tínhamos falado há um tempo atrás e nunca fomos em frente.

— Beth, o que está acontecendo?

— Nada. — Ela correu para o armário para que pudesse entrar no túnel à frente dele. — Tudo.

— Por que você não está me dizendo?

Ela hesitou antes de desaparecer. — Porque tenho medo que você vá discutir comigo. Duas horas. O hall de entrada.

Quando ela saiu correndo do painel oculto, ouviu a maldição de seu hellren, mas ela não tinha tempo para ir para isso com o seu homem.

Tinha que encontrar Lassiter. E Jonh Matthew.

Agora.

Selena experimentou seu primeiro bloqueio verdadeiro naquela manhã.



Sentada à mesa da cozinha da grande casa de Rehvenge, estava tomando uma xícara de café e um bolinho caseiro, quando sua mente começou a agitar sobre o destino do rei, os beijos de Trez, o olhar duro de iAm, o seu próprio futuro incerto...

Mais especialmente os beijos de Trez.

Ela não o tinha visto em público ou privado, uma vez que o tinha deixado naquele banheiro e passou pelas escadas para encontrar seu irmão na cozinha.

Era uma espécie de prazer.

O negócio inacabado entre eles, o interesse sexual inacabado era muito intenso para ela agora. Quando estava no momento, tinha tudo parecido tão natural, tão predestinado mesmo, mas com a cabeça limpa e os olhos bem abertos na sequência, se perguntava no que estava pensando.

O futuro estava por vir, e ia ser difícil o suficiente sem a pressão de se apaixonar.

E para aí que as coisas estavam indo com ele...

Quando o cérebro dela se contorceu em seu crânio, ela tomou um gole de café, queimando o lábio, e em sua frustração, decidiu simplesmente que não havia açúcar suficiente com sua cafeína. E a água não tinha estado bastante quente, então havia um sabor metálico.

Na realidade, a mistura estava perfeita. Era o seu sentido interno de si mesma que estava lutando para entrar em equilíbrio.

Mas podia fazer alguma coisa sobre o café, quando os irmãos chamavam.

Avançando para o pequeno pote de açúcar, estendeu o braço esticando o ombro, inclinando seu tronco sobre os quadris, e...

Seu corpo endureceu como se congelasse nessa posição, como se todas as articulações envolvidas se tornassem sólidas ao mesmo tempo.

Terror quadruplicou sua frequência cardíaca, suor e rubor em seu rosto e seu peito. E quando foi abrir a boca para respirar mais profundamente, descobriu que até mesmo sua mandíbula estava presa no lugar, embora poderia ter sido de medo.

De repente, o silêncio na casa pressionou sobre ela.

Não havia mais ninguém na casa de telhas de cedro. A outra Escolhida tinha ido até o Santuário com Amalya, para uma visita, a diretrix seguinte após o destronamento de Wrath. Rehvenge estava em Caldwell. O doggen que agora trabalhava neste local e na mansão da Irmandade tinha ficado na cidade, tendo em conta a triste notícia.

Em um cálculo frenético, tentou se lembrar de quanto tempo tinha levado suas irmãs a serem afetadas de forma permanente.

Não dias. Talvez meses em termos de tempo da Terra?

Querida Virgem Escriba... e se fosse isso?

Concentrando toda sua energia, tentou desembaraçar as portas fechadas de suas articulações, e não deu em nada. Na verdade, a única coisa que mudou foram as lágrimas que agruparam em seus olhos e em seus cílios. E era tão absolutamente bizarro: Apesar de toda a sua imobilidade, podia sentir tudo. Os caminhos quentes por suas bochechas. O calor de sobrecarga

que derivava por sua têmpora até as pontas das orelhas. O trabalho legal sobre seus sapatos de sola macia. A queimadura persistente em sua língua e na parte traseira de sua garganta.

Ela ainda sentia a fome pela qual fora atraída para a cozinha para tentar satisfazer.

O que ia fazer se ela não...

O tremor começou em suas coxas, começando com uma contração muscular e, em seguida, emanou com maior largura. Seus braços estavam ao lado. Então seus ombros.

Como se seu corpo estivesse lutando para sair da sua prisão, sacudindo as barras metafóricas que tinham se fechado em torno dele.

—Olá?

A voz masculina era distante, ecoando na frente, a partir do lado do lago da casa, e ela tentou responder. O que saiu foi um gemido fraco, nada mais, tudo estava vibrando: de seus dentes até os dedos dos pés, estava sacudindo a ponto de violência.

Assim quando Trez entrou, seu corpo explodiu livre de seus limites invisíveis, seus membros explodindo para fora, batendo em coisas, batendo livre. Então caiu, batendo com a cabeça para baixo para a borda da caneca de café, o bolinho quicando de seu prato, o barulho do açucareiro e o impacto estrondoso de seu peito em cima da mesa como se fosse uma bomba explodindo.

— Selena!

Trez a pegou antes que deslizasse para o chão, seus grandes braços pegando-a e segurando-a firme, quando, dentro de seu corpo, tudo o que tinha estado rígido se tornou líquido: Ela não fez mais que reclinar em seu domínio e derreter dentro dele. E não porque estava excitada.

—O que está acontecendo? — Ele exigiu enquanto a levava para fora da cozinha e colocava no sofá em frente ao fogo.

Embora ela abrisse a boca para falar, não saia nada. Em vez disso, os detalhes dos painéis de madeira escuros, a lareira de pedra de rio e a coruja de pelúcia em cima da lareira, tornaram-se hiper-claros, seus olhos praticamente queimando da percepção de sua visão.

Fechando as pálpebras, ela gemeu.

—Selena? Selena.

Havia uma letargia curiosa agora, tão intensa que podia sentir sua energia sendo sugada para dentro de um vórtice do qual temia nunca se ver livre. Vagamente, estava ciente de que tinha errado a doença. Sempre assumiu que eram nas articulações, mas na verdade, isso sentia como se seus músculos fosse o problema.

Fora do Outro Lado, nenhuma de suas irmãs tinha falado dos sinais. Tudo o que já tinha sido dito era a fase final.

Agora ela desejava que tivesse questionado aquelas que tinham sofrido. Especialmente quando a menor rigidez tinha começado lá atrás, há quanto tempo?

Um bom tempo.

Ela estava definitivamente embarcando na fase final agora.

Algo roçou sua boca. Algo molhado, quente... sangue.

—Beba — Trez ordenou. — Beba, droga, beba...

Sua língua saiu e testou o sabor e o gosto disso a fez gemer de sede. Ela não achava que poderia engolir, no entanto.

Sim, sim, na verdade, ela podia.

Apertando os lábios, formou uma vedação em torno do corte que ele tinha feito em seu pulso, e oh, o glorioso alimento. A cada gole, sentia a força vindo a ela, enchendo-a até onde a letargia a tinha deixado oca.

E quanto mais tomava, mais queria, ganância crescente em vez de saciedade.

Mas Trez não parecia se importar. Em tudo.

Com mãos suaves, ele a reposicionou — para que estivesse deitada em seu colo, com as pernas esticadas, com os braços sobre a cabeça. Enquanto bebia dele, ele era tudo o que ela via, seus belos olhos amendoados, os lábios perfeitamente moldados, sua pele escura e cabelo cortado curto.

Assim como ela tinha feito antes na presença dele, podia sentir suas prioridades mudando de volta para aquele lugar de desespero, para a unidade sexual que havia dizimado seu pensamento adequado a tal ponto de não existir.

De fato, nos recessos profundos de sua consciência, sabia que qualquer ação tomada neste estado era mais do que provável que iria lamentar, mas não se importava. Se alguma coisa, o seu primeiro verdadeiro episódio da doença a fez querer seguir com ele mais ao invés de menos.

E talvez ela não pudesse se apaixonar.

Talvez... pudesse se tornar de aço contra isso.

Rigidez, afinal, era o seu futuro.

Capítulo 50

De pé na porta de seu quarto, John Matthew podia sentir um episódio ameaçando surgir.

Enquanto sua irmã continuava a falar, e ele sentia sua cabeça assentir, retirou-se para o lugar onde a epilepsia nascia, uma espécie de impulsos elétricos emaranhados ameaçavam tomar conta de tudo, exceto que já estava cansado dessa merda. Assim que o zumbido começou a subir, cortou-o pela força de vontade.

Não. Vou. Fazer.

Inacreditável canalizou Dana Carvey do SNL¹⁵⁷. Mas lá vai.

Além disso, funcionou. Não imediatamente, mas gradualmente, o chiado e a queimação começaram a desvanecer, as luzes retrocedendo.

—Então... você vai? — perguntou Beth, os olhos arregalados. —É, tipo, uma hora. Lassiter precisa desse tempo para se preparar.

Voltando a se concentrar, juntou alguma semelhança do que ela estava falando, seu cérebro juntando os substantivos e verbos, até...

¹⁵⁷ Referência ao programa de comédia americano *Saturday Night Live*.



Oh, meu Deus, pensou ele.

Cara, pelo menos por uma vez, ele ficou feliz por ser mudo. Porque se tivesse que falar, ela saberia que ele estava em algum lugar estranho emocionalmente. Como sempre, suas mãos eram mais estáveis do que sua voz teria sido.

Algo sobre o seu pedido estava o pegando legal.

Seria uma honra, ele assinalou.

Antes que pudesse baixar seus braços, sua irmã jogou-se sobre ele, abraçando-o com tanta força que quase arrancou a cabeça dele. E, enquanto fechava os olhos e a segurava de volta, o tempo parou...

Uma visão o atingiu vindo do nada. Um minuto, ele estava de pé do lado de fora do quarto dele e Xhex. A seguir?

Tudo o que podia ver eram lágrimas... exceto, não, era chuva. Chuva no para-brisa de um carro, um carro que ele amava. E então alcançou a ignição e...

Beth se afastou e ele a observava de uma vasta distância enquanto sua boca se movia e ela dizia-lhe mais coisa. Ele acenou nas partes corretas, mas assim que ela saiu e fechou a porta, toda essa parte foi embora.

Inclinando sua testa nos painéis, ele não tinha ideia do por que seus olhos lacrimejavam ou por que seu peito tinha inchado com tanto orgulho e felicidade.

—Você está bem? — Xhex sussurrou atrás dele.

Voltando-se para a escuridão, acenou com a cabeça e, em seguida, percebeu que ela não podia vê-lo.

—Sim, estou, — disse ela. —Mas tenho que perguntar em voz alta algumas vezes.

Houve um clique quando ela acendeu o abajur ao seu lado da cama. Piscando com a iluminação, ele passou a mão no rosto, fazendo como se ele apenas estivesse, você sabe, esfregando ou algo assim. Mas ela era uma *symphath* — então, onde ele estava era tão claro para ela como um outdoor.

Eu não entendo, ele assinou. *Por que estou tão fodido na cabeça sobre ela?*

Os olhos acinzentados de sua companheira fixaram-se sobre ele, e ele não fez nada para evitar aquele olhar penetrante: se quisesse mais informações sobre tudo isso, ela era a sua melhor aposta.

—Sua grade tem essa sombra, — ela murmurou, sacudindo a cabeça. —Eu nunca vi uma como essa. É como se — não sei, você está em um processo paralelo da vida? Ou isso...

O que, ele exigiu.

—Há dois de você aí dentro.

É assim que se sente. Ele esfregou o cabelo já bagunçado. *Especialmente em torno dela*.

—Ela é sua irmã.

Mas havia mais do que isso, ele pensou. Não romanticamente ou qualquer coisa. Ainda assim...

—Vamos, — Xhex disse saindo da cama. —Precisamos nos aprontar. Maldita ideia brilhante a dela.

Enquanto sua fêmea se aproximava nua dele, seu corpo musculoso, firme, tinha uma maneira de esclarecer as coisas, de repente, ele tinha sexo e seu alívio no cérebro. Ao menos aquilo ele poderia fazer algo a respeito.

—Deixe-me ajudá-lo no chuveiro, — ela disse, alcançando entre as dobras de seu manto e encontrando seu pau duro. —Você deve ficar muito, muito limpo para isso.

John estava mais do que feliz em ser conduzido pelo punho mudo até o banheiro, e quando eles voltaram quarenta e cinco minutos depois, ele era o mais relaxado e limpinho filho da puta.

—Sim, o smoking, — sua fêmea disse, enquanto ele ficava na frente do seu guarda roupa, olhando para as coisas penduradas nas hastes. —Sem dúvida.

Acenando, ele foi para a camisa branca engomada, tirando-a de seu gancho e colocando-a sobre seus ombros. Xhex tinha que abotoar — mas, por algum motivo, suas mãos estavam por todos os lugares, como se estivesse nervoso. Ele pegou as calças, embora, não os suspensórios, no entanto. Ela teve que cuidar disso. E esquecer a faixa preta e a gravata borboleta — ele apenas ficou lá, como uma vaca leiteira, enquanto ela fazia um rápido trabalho em tudo.

O bom foi que ele ficou olhando para ela.

—Agora, o paletó. Ela segurou o paletó para ele, ajeitando o caimento no lugar certo das costas, em seguida, girando-o e alisando as lapelas. —Maldição...

O quê? Ele assinalou.

Seu olhar brilhava enquanto ela o olhava dos pés à cabeça. —Você está gato como o inferno.

John estufou seu peito, igual ao de um pássaro. Difícil não fazer, quando sua fêmea estava comendo-o com os olhos daquele jeito.

E você ainda está nua. Ele sorriu. *Sua roupa de nascimento é a minha favorita.*

Exceto que ela não estava completamente sem adornos. Estendendo a mão, tocou o colar que lhe tinha dado, o que tinha o grande diamante cortado no centro.

Xhex normalmente não era de amolecer, mas cobriu sua mão com a dela e trouxe a palma da mão até sua boca. Beijando-a, ela murmurou, — Sei. Eu também te amo. Para sempre.

Ele se inclinou até ela e roçou seus lábios nos dela.

Alguns minutos depois, saíram, com ela vestida de calças e uma camisa de seda preta. Que, ao lado da roupa de nascimento já mencionada, era uma roupa muito boa. Especialmente porque, ao menos uma vez, ela colocou os pés em um par espetaculares de sapatos escarpin.

Algo que ele planejava verificar bem, assim que conseguissem ficar a sós um minuto.

Outras pessoas estavam saindo pelas portas dos quartos: Blay e Qhuinn, também em ternos. Z e Bella, com a pequena Nalla vestida em outra confecção rosa de seda e tule... o que a fez praticamente a coisa mais adorável que tinha visto.

E ele nem sequer gostava de crianças.

Enquanto o grupo caminhava pelo corredor das estátuas e chegavam nas escadas, não havia muito que falar. Não havia nada a dizer desde que Rehv tinha posto aquele anúncio sobre a mesa da sala de jantar. Não seria por um tempo.

Isso iria ajudar, entretanto.

Lá em baixo, no hall de entrada, mais da família se reunia, mas nada de Wrath ou Beth ainda, e John se juntou à multidão que novamente estava muito quieto. Inferno, até Rhage deu uma pausa nas suas habituais palhaçadas, embora com aquele anjo caído bocudo ainda por aparecer...

—Que *porra* é essa?

Ao som da voz de V, John virou-se como todo o resto... e quando viu o que estava acontecendo na ponta da grande escadaria, ele piscou uma vez. Duas vezes. Doze vezes.

Lassiter estava no topo dos degraus acarpetados, seu cabelo loiro e preto estiloso em um topete, uma pesada Bíblia debaixo da axila, os piercings capturando a luz...

Mas nada disso era o verdadeiro choque.

O anjo caído estava vestido com um traje branco brilhante de Elvis. Traje completo com boca de sino, mangas de balão, e lapelas grandes o suficiente para cobrir o quintal. Ah, e asas de arco-íris que se revelavam quando abria os braços, ao estilo pregador.

—Hora de começar a festa, — ele disse enquanto corria escada abaixo, lantejoulas piscando e cintilando. —E onde diabos está o meu púlpito?

V tossiu a fumaça que acabara de inalar. —Ela colocou você para fazer a cerimônia?

O anjo arrumou seu colar que já estava alto. —Ela disse que queria que a coisa mais sagrada na casa fizesse.

—Ela conseguiu o sagrado, sim, — alguém murmurou.

—Essa é a Bíblia de Butch? — V perguntou.

O anjo mostrou a mercadoria. —Sim. E a festança, ele chamou? Eu também tenho um sermão que fiz sozinho.

—Que os Santos nos preserve, — veio do lado oposto da multidão.

—Espere, espere, espere. — V acenou com a mão ao redor. —Sou filho de uma divindade e ela escolheu *você*?

—Você pode me chamar de Pastor — e antes que o Sr. Fã do Sox fique todo chatiadinho, quero que todos saibam que sou legítimo. Fui na internet, fiz o curso de ministro em menos de uma hora, e estou ordenado, bebê.

Rhage levantou a mão. —Pastor Bundão, eu tenho uma pergunta.

—Sim, meu filho, você *vai* para o inferno. Lassiter fez o sinal da cruz e, em seguida, olhou em volta. —Então, onde está a nossa noiva? O noivo? Estou pronto para casar alguém.

—Não trouxe fumo o suficiente para isso, — V reclamou.

Rhage suspirou. —Tem bebida no bar, meu Irmão — ah, espere. Não temos mais um bar.

—Acho que vou fazer um IV¹⁵⁸ de morfina.

—Posso colocá-lo? — Perguntou Lassiter.

—Isso é o que ela disse, — alguém atirou de volta.

—Oh... nossa. Isso sim é elegância.

¹⁵⁸ Intravenosa.



Todo mundo olhou por cima dos ombros quando Beth falou. Ela estava vindo da biblioteca, Saxton ao lado dela, Rehv atrás deles. Este último tinha um pergaminho enrolado debaixo do braço, e uma expressão confusa no rosto.

—Eu sei, certo? — Lassiter disse, puxando uma pirueta, com a capa se espalhando.

Não que John Matthew prestasse atenção ao macho. Ou qualquer outra pessoa.

Sem pensar consciente, caminhou em direção a sua irmã. Ela estava usando um vestido justo branco simples, que cobria os ombros e ia abaixo dos joelhos. E quando ele se aproximou, reconheceu como algo que tinha visto as Escolhidas usarem em casa, quando queriam ficar confortáveis. Ao contrário delas, no entanto, seu cabelo estava solto e se derramando sobre suas costas em ondas negras.

Ela parecia inocente. E encantadora. E perfeita.

Você é linda, ele assinalou.

—Ah, obrigado — Ela meneou o vestido. —Layla me emprestou. Então você está pronto para me levar até o altar?

Levou um longo tempo antes que John pudesse fazer suas mãos trabalharem direito. E, quando assinalou sua resposta, pensou que, para todas as besteiras que a *glymera* estava jogando, e o estresse na família, e a tristeza por Wrath... isso era algo que sentiu como se tivesse esperado a vida inteira. Algo que tinha atravessado uma grande distância para fazer. Algum tipo de objetivo que queria encontrar, embora não estivesse ciente, estava lá fora.

Sim, eu estou, assinalou com orgulho.

Beth nunca tinha amado mais o seu irmão. Quando John Matthew entrou em cena ao lado dela, podia sentir sua força tranquila passando para ela, e ela precisava disso.

Mesmo que tivesse arranjado tudo, ela não tinha ideia de como Wrath reagiria sobre isso.

Olhando ao redor dos ombros largos de seu irmão, bateu os olhos novamente em Lassiter. Pelo menos seu *hellren* seria poupado da visão do anjo naquela roupa.

—Você amou, certo — Lassiter perguntou, segurando alto a Bíblia. —Quero dizer, você me disse para ir na Internet. Eu fui. Até imprimir o meu diploma, ou seja lá que diabos chamem isso.

Abrindo a capa da versão de King James, ele pegou um pedaço de papel e moveu-o ao redor. —Viu? Bom e legal.

Beth se inclinou —Nossa.

—Eu sei, certo? Assim como em Harvard.

—Impressionante.

—Eu totalmente vou me enquadrar nessa merda. — Ele afastou o papel. —E depois que me ordenei, eu pesquisei casamentos humanos. Eu sabia que ia precisar de algumas vestes cerimoniais, e estas foram as que mais gostei. Encontrei os trajes em Gould's Costumes and More¹⁵⁹ — boom! Eu não sou nada, exceto um ótimo cão de caça.

Beth esfregou as têmporas. Vishous. Ela deveria ter pedido a Vishous que fizesse isso. — Como você conseguiu arrumar o cabelo?

¹⁵⁹ Loja de Departamentos.

—Spray. Grampos de cabelo. Edição de dezembro da *Cosmo*¹⁶⁰ para as festas. Mais uma vez, obrigado, Internet.

Rhage negou com a cabeça. —Você tem bolas? Ou anjos nasceram sem sacos?

Lassiter sorriu maliciosamente. —Eu me dou bem. Lá no Antigo País, eu costumava badalar ao meio-dia e a meia-noite.

Realmente, realmente, *realmente*, deveria ter pedido a Vishous. —Bem, aprecio tudo que você...

Quando todo mundo ficou em silêncio, ela olhou para o alto da escada. Wrath tinha aparecido e estava em pé alto e orgulhoso, George ao seu lado. Ao contrário de John, ele não estava em um smoking, mas tinha colocado um terno, que ela se lembrava.

Era aquele que ele tinha usado em seu primeiro encontro oficial na casa de Darius.

—Por que a multidão? — Disse ele.

—Apenas venha aqui embaixo, — respondeu ela.

Enquanto ele começava sua descida, as palmas das mãos ficaram suadas e, um instante depois, a mãe de todas as ondas de calor a abateu, o calor abrasador a atravessando.

Cara, ela não podia esperar até que estivesse grávida ou totalmente sob a necessidade. Seu micro-ondas interior estava deixando-a louca.

Quando o único par de sapatos sem serem botas de Wrath bateram no chão de mosaico, pensou que ele não poderia parecer mais magnífico. Seu cabelo estava espalhado por todo seu ombro maciço, as extremidades descendo para os quadris, e com aquela gravata em seu pescoço... ele parecia um poderoso empresário. Que poderia matar se ele estivesse a fim.

E aquilo não deixava seus hormônios fervendo?

—O que estamos fazendo aqui, Beth? — ele exigiu.

—Vamos nos casar.

Quando ele recuou, ela correu para frente antes que ele pudesse fazer qualquer tipo de discurso. —Você disse que meus costumes humanos importavam — que eles são igualmente importantes. Então, nós vamos nos casar. Neste exato momento. A minha maneira.

Ele balançou a cabeça. —Mas já estamos acasalados. Por quê?

—Para que você se divorcie de mim e mantenha o trono — Quando seu queixo caiu, ela o interrompeu. —Aqui na frente da nossa família. Com um ministro de verdade.

Lassiter levantou a mão. —Feliz por fazer a cerimônia. Estou também faço batizados. Só estou dizendo.

Wrath sacudiu a cabeça novamente. —Isto é...

—Você está dizendo que o meu lado humano tem menor valor?

—Bem, não. Mas...

—Bem, então, se nós fizermos a cerimônia aqui e agora, nós não perdemos nada, não é. Você pode se divorciar de mim de acordo com a lei vampírica, e ainda estaremos acasalados, e nós conseguiremos manter o trono. — Ela empurrou o queixo para frente, embora ele não pudesse vê-la. —É uma boa solução, você não acha?

¹⁶⁰ Revista de moda.



Houve um momento de silêncio abafado. E, em seguida, um dos Irmãos disse: —Eu adoro esta fêmea, porra. Realmente, totalmente a *amo*, porra.

Capítulo 51

Quando Wrath deixou-se manobrar ao redor do hall de entrada, George, como sempre, estava com ele.

Francamente, mesmo se ele tivesse a visão, teria que ser levado ao redor.

Continuou à espera do NFW¹⁶¹ interior surgir. Mas Beth o manobrou da melhor maneira possível, ela estava certa: se suas normas culturais fossem tão importantes para eles como um casal? Bem... se fossem *casados* na forma humana, então estariam acasalados. Ponto.

E, no entanto, ele não tinha certeza de como se sentia. Então, novamente, eles fizeram as coisas de acordo com as tradições de sua raça original e, embora nada disso tivesse qualquer significado para ela, ela o fez por ele.

Parecia justo fazer o mesmo por ela.

—Você está pronta? — Lassiter perguntou em voz baixa.

As pessoas ainda estavam se aproximando, movendo-se no grande espaço do foyer. —O que eles estão fazendo? — Wrath sussurrou de volta.

—Formando duas filas por isso há um corredor que começa na sala de jantar e corre para nós. Estamos a cerca de cinco metros da frente da sala de bilhar. Ela desapareceu, e fecharam as portas por isso não podemos vê-la.

Wrath voltou a pensar quando estavam acasalando. A Virgem Escriba estava em torno deles então. Beth usava vestido vermelho de Wellsie quase desmaiou enquanto seus irmãos esculpiam o seu nome de nove letras em seus ombros. John Matthew, Blay e Qhuinn não tinham essa imagem então. Nem Rehv e Xhex, Payne, Manny, os irmãos Sombras, e outros.

Ou Xcor e os Bastardos.

E desde então, perderam Wellsie. Ninguém mais, no entanto.

Vindo do nada, a música inundou o hall de entrada, uma cantiga clássica que já tinha ouvido antes, geralmente em filmes de mulheres que envolviam... casamentos, naturais.

—Pronto? — perguntou Lassiter.

—Sim. —Jesus, isto não era o que esperava estar fazendo.

—Fritz apenas assentiu, —o anjo sussurrou. —E ele está abrindo as portas.

Wrath limpou a garganta e inclinou-se. — O que... o que ela está vestindo?

—Branco. Comprimento no tornozelo. Solto. Está acompanhada por seu irmão e carregando uma rosa que Rhage tirou de um buquê na lareira. —Houve uma pausa. —Seus olhos estão bem em você, e que sorriso? Milhões de dólares, meu amigo. Milhões de dólares de merda.

¹⁶¹ Abreviação para a gíria. De nenhuma fodida forma. De jeito nenhum.



De repente, a merda sobre o trono, e as outras razões que estavam fazendo isso, foram embora: quando sentiu o cheiro de sua *leelan*, tudo o que ele pensava que ela era para ele, e não só porque ela poderia muito bem estar salvando seu trono, aqui e agora.

Ah, e puta merda, ela poderia estar grávida, também.

—Amados, —Lassiter começou, —estamos aqui reunidos para testemunhar a união de Elizabeth, filha de Darius, e Wrath, filho de Wrath.

Então, eles foram deixando os nomes formais de vampiro para fora. Legal. Fez parecer mais humano.

—Quem dá esta fêmea — ah, mulher — em casamento?

Wrath esperava que um dos irmãos traduzisse a resposta de John. Em vez disso, o homem comunicou sua resposta alta e clara: ele assobiou uma nota ascendente e declarativa que anunciava que ele era o cara que apresentava a sua irmã.

Por instinto, e porque ele não tinha ideia do que a cerimônia implicava, Wrath estendeu a palma da mão. Quando foi apertada por John Matthew, os dois apertaram com força.

Ele pigarreou. Talvez alguns dos irmãos estivessem ficando emotivos.

Lassiter tossiu um pouco e havia o som de páginas sendo viradas. —Ah... bem, olhe, só vou improvisar tudo bem? Existe alguma razão para que vocês não possam fazer isso? Não? Incrível.

Beth riu. —Acho que você deveria esperar nós respondermos.

—Todos juntos, então, vamos? E vocês na galeria, também, qualquer razão para isso não acontecer?

Toda a casa, assim como a sua shellan gritaram: —Não!

—Cara, estamos indo muito bem. — Virando rapidamente. —Sim, eles já responderam. Wrath?

Por algum motivo insano, ele começou a sorrir. —Sim?

—Você toma esta mulher incrível que acabou de salvar sua bunda como sua esposa? Você vai amá-la e confortá-la, honrá-la e mantê-la na doença e na saúde, e abandonar todos os outros, ser fiel a ela enquanto os dois viverem essa porcaria, eu deveria perguntar a você antes dele, Beth. E você responde?

—Não, —cortou Wrath com um grande sorriso. —Vou primeiro. Sim, eu faço.

Houve uma fungada da multidão. Nesse ponto, a voz de Rhage sussurrou: —O que é? Isso é lindo, ok? Fodam-se todos vocês.

—Agora, Beth, você toma esse idiota cabeça quente como seu marido? Você vai amá-lo e confortá-lo, honrá-lo e mantê-lo na doença e na saúde, e abandonar todos os outros, ser fiel a ele enquanto os dois viverem?

—Eu vou, —disse Beth. —Absolutamente.

—Bommm. —Lassiter virou mais algumas páginas. —Ok, anéis? Temos anéis aqui, pessoas?

—Coloque meu anel em seu dedo polegar, —disse Wrath, tirando o diamante negro maciço que seu pai usava. —Aqui.

—E ele pode usar o meu, —Beth soou — É da sua mãe.



—Ahhh, isso é tão doce. —Lassiter levou o anel de Wrath. —Ok, vamos continuar isso. Tenho a honra de abençoar estes anéis. Beth, pegue o seu e coloque em qualquer dedo que possa encaixar.

—Ok, repita comigo. Oh, quero dizer, porcaria. Era para eu fazer isso com Wrath, primeiro, eu acho.

—Não, —disse Beth com outra risada. —Na verdade, isso está perfeito.

—Perfeito, —Wrath concordou.

Estava tudo tão... certo. Era natural e real e a falta de formalidade tão trabalhosa, especialmente à luz do sistema do valor ridículo da aristocracia.

Inferno, Lassiter era uma respiração e um antídoto para tudo isso.

—Ok, então, Beth, siga-me. Eu, Beth, uma garota totalmente incrível...

Beth soltou uma risadinha. —Eu, Beth...

—Onde está uma garota incrível? O que foi? Vamos lá, tenho uma licença da Internet. Sei o que estou fazendo.

Wrath assentiu à sua leelan. —Ele está certo. Você é, de fato, impressionante. Acho que nós precisamos ouvi-lo.

—Posso ter um amém? —Lassiter gritou.

—Ammmmmmmmmen! —Ecoou por toda a mansão.

—Tudo bem, tudo bem, tudo bem, —disse ela. —Eu, Beth, uma garota totalmente incrível ...

—... Tomo esse grandalhão, Wrath...

—... Tomo esse grandalhão, Wrath...

—... Como o meu marido, para ter e manter a partir de hoje...

—... Como o meu marido, para ter e manter deste dia em diante...

—... Para o melhor, para o pior; na riqueza, na pobreza...

E, de repente, não era uma piada. Quanto mais ela falava, mais sério Lassiter ficava, e a shellan de Wrath mais frágil tornava-se, como se as palavras que estavam falando fossem de grande valor e significado.

Esta era a tradição para ela, ele percebeu.

Ela continuou de forma áspera, ...na doença e na saúde...

—... Amar e valorizar, até que sejam separados pela morte. Este é o meu voto solene.

—... Para amor e para valorizar, até que sejamos separados pela morte. Este é o meu voto solene.

Lassiter virou outra página. —Dou este anel como um símbolo do meu voto, e com tudo o que sou, e tudo o que tenho, honro a vos em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

De repente, Wrath apertou os molares para manter suas emoções em controle, enquanto ela repetia as palavras, e deslizava o rubi em seu dedo mindinho.

—E agora, meu senhor — disse Lassiter sem problemas. —Recite depois de mim...

Beth nunca foi uma daquelas garotas que imaginava seu casamento. Que brincasse com uma Barbie. Ou que comprasse uma revista de vestidos de noiva, assim que fez vinte anos.



Ela tinha certeza disso, se fosse, no entanto, nenhuma das hipóteses teria se assemelhado a isso: estar cercada por vampiros, possivelmente grávida, com um anjo caído em um traje de Elvis, deturpando a cerimônia do Livro de Oração Comum.

E, no entanto, quando olhou para o marido brevemente, não podia ter imaginado qualquer coisa que teria gostado mais.

—*Eu, Wrath, tomo Beth*, — começou Lassiter.

—Eu faço isso, —disse o marido em seu vozeirão. —Eu, Wrath, tomo Beth, como minha amada esposa, para ter e manter deste dia em diante, para melhor, para pior; na riqueza, na pobreza, na doença e na saúde, para amar e valorizar, até que a morte nos separe. Este é o meu voto solene.

Quando Beth fungou e sorriu ao mesmo tempo, Wrath colocou o anel gigantesco do Rei no topo de seu polegar. Com grande sinceridade, ele disse: —Dou esta aliança como um símbolo do meu voto, e com tudo o que sou, e tudo o que tenho, honro, em nome de seu Pai, e seu Filho e seu Espírito Santo.

Houve uma salva de palmas, espontâneo e alto. E Lassiter tinha de gritar para ser ouvido sobre isso. —Pelo poder investido em mim, graças ao Google, vos declaro marido e mulher! Você pode beijar a noiva!

As palmas ficaram mais altas quando Wrath colocou os braços em volta dela e inclinou-a para trás até o momento, a única coisa a mantendo de ir ao chão era sua força.

Era uma jogada que ele fazia em uma base regular, uma forma inconsciente de afirmar e provar sua capacidade física para cuidar dela.

—Tome meus óculos escuros, —ele sussurrou enquanto a cortina de seu cabelo caía toda, dando-lhes a privacidade. —Quero que você veja meus olhos, mesmo que não possa vê-la.

As mãos de Beth estavam tremendo quando estendeu a mão para o rosto dele. Deslizando os óculos de sua testa, seu olhar extraordinário foi revelado, e ela pensou na primeira vez que o viu: na suíte subterrânea de hóspedes na casa de seu pai.

Eles eram exatamente assim. Verde-claros brilhantes, brilhavam tanto, que ela teve que piscar, e não apenas por causa das lágrimas em sua visão.

—Lindo, — ela respirava.

—Inútil, —ele respondeu com um sorriso, como se estivesse lembrando-se da mesma troca.

—Não, eles me mostram todo o amor em seu coração. —Ela tocou seu rosto. —E isso é muito útil.

A boca de Wrath desceu sobre ela, acariciando uma vez, duas vezes. E então ele a beijou profundamente e lentamente.

Quando ele finalmente começou a levantar, ela colocou seus óculos de volta no lugar, e de frente para a casa, ela corou quando olhou para todos eles. Tanto amor ao redor.

Ele a fez se sentir invencível contra o que vinha para eles.

Durante a cerimônia, Lassiter gritou: —A... obrigado, um agradecimento, muito.

Wrath se inclinou para o lado, coçando as orelhas de George e pegou o arnês do cão; em seguida, os três foram andando pelo corredor em direção à sala de jantar.



De alguma forma, Fritz conseguiu arrumar um banquete de comida, à mesa magicamente posta durante a cerimônia com um arranjo simples, mas grande.

Mas primeiro havia o trabalho.

Quando Rehv entrou passando os arcos, ele acenou para Beth e ela inclinou-se para o marido.

—É hora de assinar, —disse ela.

Era doloroso ver a felicidade incontida do marido por tudo.

—Mesmo assim. — Ela sussurrou. —Nós estamos casados. Estamos cobertos.

—É... — Houve uma longa pausa. —Sim, eu posso fazer isso.

Só levou um certo tempo indo até onde Rehv estava desenrolando um pergaminho, que tinha fitas vermelhas e pretas fluindo fora de sua metade inferior.

—Tenho uma caneta azul para a linha de assinatura, disse Rehv, tirando a coisa fora de seu casaco de vison. —Este documento foi preparado por Saxton, e feito a três semanas. Ele me garantiu que o texto é válido e que eles não podem argumentar de forma alguma.

— Válido, —Wrath murmurou.

Rehv estendeu a caneta. —Assine isso e eu vou cuidar disso, com prazer.

Beth deixou cair à mão para dar ao seu homem um pouco de espaço, mas ele não queria isso, claro. Reunindo a palma da mão para trás, ele se deteve sobre o pergaminho.

— O que diz? —Ele exigiu aproximadamente.

Beth olhou para os símbolos e não viu nada, exceto os padrões de tinta azul.

—Ele diz...—Rehv se inclinou para perto —que a União está anulada.

—Como se nunca houvesse existido? — Wrath murmurou.

Rehv bateu no pergaminho. —Esta é uma declaração política. De função política. Isto não é sobre vocês dois.

—A minha assinatura é suposta estar sobre isso. E o nome dela está lá. Por isso, é sobre nós.

Rehv recuou, também. Em seguida, ele foi apenas para Wrath e a escrita, que ele não podia ver.

Todos os Irmãos e os membros da família estavam ao redor, todo mundo quieto.

Ele não ia fazer, pensou. Ele só não ia ser capaz de fazê-lo...

Capítulo 52

Assistindo Selena tomar de sua veia, Trez estava totalmente satisfeito por estar por fora do que quer que estivesse acontecendo em Caldwell.

Ele ainda estaria no clube, terminando alguma merda de contabilidade que deveria ter sido cuidada alguns dias atrás, quando tinha conseguido a mensagem de texto sobre o encontro. E tinha ido imediatamente para casa — esperando ver Selena. Quando ela não apareceu, disse a si mesmo para relaxar, deixe-a vir quando quiser, blah, blah, blah.

Durou cerca de um minuto e meio com essa merda antes de sair despercebido, deixando iAm parecendo sombrio no hall de entrada com Goddamn Cat¹⁶², como ele chamava o animal, em seus braços.

Assim que Trez havia chegado ao grande acampamento, havia sentido a presença de Selena e se tornado intoxicado — mas isso tudo tinha mudado quando a encontrou na cozinha, no meio de algum tipo de crise. Vamos, quando foi à última vez que ela tinha se alimentado?

A partir do nada, seu pau e bolas rugiram no pensamento dela compartilhando isso com qualquer outra pessoa, e para se controlar, se concentrou nos puxões contra a sua pulsação, a visão de seus lábios contra sua pele, a realidade que ele era, de fato, o único a tomar conta dela.

Por quanto tempo, no entanto, uma parte dele se perguntou.

— Cale a boca. — Quando seus olhos viraram para os dele, ele balançou a cabeça. — Não você.

Traçando seu cabelo com as pontas dos dedos, ele ficou maravilhado com a diferença neles, como tudo nela era suave, como cheirava a ar fresco da primavera, embora fosse inverno, como seus cílios eram longos contra as bochechas pálidas quando fechava as pálpebras.

Ele poderia ter ficado assim para sempre.

Mas, finalmente, ela o soltou, retraindo suas presas e sua boca. E então, era hora de um pouco de tortura: Sua língua rosa saiu e lambeu as feridas, fechando-as.

Reclinando em seus braços, seus olhos estavam nublados e sem focos com satisfação debaixo daqueles cílios pesados.

— Eu não parei de pensar em você, — disse ele em voz baixa. — Nem por um segundo.

— Sim?

— Sim. — Ele balançou a cabeça enquanto roçava seu lábio inferior com o polegar. — E não apenas porque temos... assuntos pendentes.

Seu sorriso o teria derrubado de bunda, se ele já não tivesse estado sentado. — É o que fazemos.

Deus, ele amava o sossego daqui. Sem música alta, nenhum humano atravancando a sala, sem pressões do mundo exterior — ou o s'Hisbe. Nem mesmo os irmãos e os seus companheiros, tão legais como todos eles eram. Apenas os dois.

Quando a ereção dele engrossou ainda mais, teve que mover seus quadris debaixo de sua cabeça. E, então, se ouviu dizendo, — quero fazer amor com você. Agora.

Merda, ele tinha realmente soltado isso? E, no entanto, neste momento, todas as razões para se manter firme pareciam tão distantes, nada além de um trovão distante em um céu noturno que no momento estava claro e cheio de estrelas.

Exceto por uma sombra cruzando o rosto dela, a saciedade preguiçosa substituída por uma dúvida que o fez querer se chutar na bunda.

Em vez de se afastar, porém, sua mão ergueu e acariciou seu rosto. — Eu quero isso.

— Tem certeza? — Foda, ele estava duro. Muito duro para fazer a coisa certa.

Quando ela acenou com a cabeça... ele sabia que ambos estavam perdidos.

¹⁶² O Gato Maldito = Boo

—Por favor, — ela sussurrou com voz rouca. —Me tire dessa tristeza, tire o meu sofrimento. Sua mão desceu pelo seu corpo, parando para descansar na junção de suas pernas, e ele quase teve um orgasmo naquele momento, suas bolas apertaram e seu pênis golpeando contra suas calças, que teve que apertar seus molares.

Seu primeiro pensamento foi de fodê-la onde estavam. Nada esperto.

Ele não ia parar, mesmo que alguém entrasse.

Com uma explosão de força, Trez se levantou com ela em seus braços, segurando-a com cuidado. —Onde está o seu quarto?

—No andar de cima. Na parte de trás.

Avançando para fora, ele a carregou, subindo as escadas rangendo para o segundo andar, indo para uma suíte que era sobre a ala da cozinha, chutando a porta aberta. No interior, o mobiliário vitoriano era todo de mogno pesado com muitas curvas, e a cama era uma extensão espetacular de marcenaria, a armação perfeita para ela quando a deitou sobre o edredom de veludo.

Rondando por seu corpo, a montou, tomando cuidado para não colocar qualquer peso para abaixo. —Eu quero... te ver.

Suas mãos foram para o laço em seu manto, mas ele a impediu. —Não, eu gostaria de... fazer isso.

O laço era tão branco e macio como o resto do que ela usava, e quando suas mãos escuras afrouxaram o laço, ele lambeu os lábios. Separando as duas partes de todos os drapeados, aproveitou seu tempo com o despir.

—Oh, foda...

Sim, seus mamilos se apertaram ainda mais quando o ar frio bateu neles.

Incapaz de se conter, ele se inclinou e lambeu um, sugando-o em sua boca enquanto continuava retirando o que ela estava usando, puxando o tecido de cima dela. Então, cuidou do outro enquanto a acariciava até suas coxas.

O cheiro dela foi direto para seu sexo, seu pênis chutando de novo, tentando sair.

E merda, o som dela gemendo seu nome o fez cair. Mas, então, estava de volta em ação, tocando-a entre suas pernas, encontrando o núcleo quente e molhado e esfregando a parte superior. Quando suas unhas afundaram em seus braços, ele sorriu contra seu seio.

—Goze para mim, — ele gemeu enquanto a chupava.

Logo em seguida, seu corpo tencionou, um cordão puxando reto, seu torso levantando contra seu peito enquanto ele movia para sua boca, enfiando sua língua nela enquanto a ajudava a montar seu orgasmo. Quando acabou, ela desmoronou, respirando com dificuldade.

—Por favor... — Sua voz falhou. —Eu sei que há mais.

—Sim, há. — Ele se ergueu e quase rasgou sua camisa ao meio. —Foda, sim, merda, eu quero dizer... maldição.

Ele sabia que precisava prestar atenção na linguagem, e prometeu melhorar o vocabulário.

Suas calças foram tratadas melhores do que o que estava em seus peitorais quando os jogou, sem se importar que eles pousaram em um dos postes da cabeceira da cama.



—Você é... magnífico.

Enquanto ela falava, Trez congelou e olhou nos seus olhos — só que ela não estava olhando para o rosto dele. Não. Seu olhar estava travado em baixo, e uma olhada rápida confirmou que seu pênis fortemente excitado estava reto e orgulhoso, pronto para realizar o trabalho.

—Posso tocar em você? — Ela disse timidamente. Só que já estava pegando nele, sua mão pálida.

O grunhido que soltou foi alto o suficiente para abalar o espelho ao lado da porta, e ele caiu para o lado. —Cuidado... oh, meu Deus...

Ele ia gozar, especialmente enquanto ela o acariciava.

—Oh, Jesus, — disse ele em um silvo antes de morder o lábio inferior.

Selena ficou de joelhos, seus pesados seios balançando, seu cabelo desenrolando do seu coque. Duas carícias, ela encontrou um movimento constante, subindo e descendo, subindo e descendo, passando por cima de sua cabeça e, então, encontrando seu eixo novamente. Enquanto trabalhava nele, seus quadris faziam o oposto a ela, o ritmo cada vez mais rápido.

Com um puxão repentino, ele a empurrou de costas e tirou suas mãos de seu corpo.

—Mas eu quero.

Ele a interrompeu com a boca, lambendo o seu caminho através de seus lábios. —Eu quero gozar dentro de você.

Seu sorriso era sexy como o inferno, seus olhos brilhando. —E depois eu posso explorar?

—Você vai me matar, fêmea.

Enquanto a montava, ela abriu as pernas para dar espaço. —Você é a única em quem eu penso, — ele se ouviu dizendo.

E você sabe, desta vez o passado ficou longe — provavelmente porque ele passou as horas que haviam passado separados pensando nela no chão daquele banheiro — se contorcendo em sua boca, querendo mais. Sim, o desespero para entrar nela, tê-la, gozar dentro dela, era mais forte do que todas as coisas que odiava sobre si mesmo. Nada iria parar isso agora.

Especialmente porque, durante o tempo em que eles estavam separados, ele apontou um fato marcante para si mesmo: Ela estivera com um monte de homens, também.

Isso era parte de seu trabalho — mesmo que ele odiasse pensar nisso. Como uma Escolhida que servia as necessidades de sangue de outras pessoas, ela tinha sido treinada sexualmente e estava com os machos que ela havia servido. Era assim que as coisas funcionavam.

E tanto quanto o deprimia, imaginou que isso os colocava em pé de igualdade — embora o sexo que ela teve tinha sido parte de um papel sagrado que salvava vidas. O seu tinha sido apenas um vício.

Passado, pensou. Legal.

Segurando-se, ele inclinou seu pau e fechou a distância, pressionando dentro dela, encontrando o ponto certo. Com um gemido, levantou os dois braços para que pudesse segurar a cabeça dela — e quando seus olhos se encontraram, podia dizer que ela tinha parado de respirar, como se preparando para o seu tamanho.

—Eu vou devagar, — ele murmurou, beijando-a suavemente.

Sua voz era um mero sussurro: —Obrigado.

Conforme avançava dentro dela, ela ficou curiosamente imóvel, seus olhos fechados, suas presas descendo. E tudo o que ele podia fazer era olhar em como estava bonita, contra o edredom de veludo vermelho sangue, seu cabelo preto bagunçado sobre o travesseiro, seu rosto corado.

—Você está apertada, — ele rangeu. —Querido Deus.

—Não pare.

—Não vou.

—Faça, apenas faça.

Trez franziu a testa, pensando que era um jeito estranho.

Aconteceu tão rápido que não teve a chance de parar —Selena agarrou seus quadris, o prendendo no lugar, e se empurrou para frente, fazendo-o passar por uma barreira... que não deveria estar lá.

Quando ela deixou escapar um suspiro de dor, nada calculado. —Mas o que...

Ele não terminou a frase. Não foi possível concluir o pensamento. O controle apertado dela ao redor dele era demais, e o orgasmo que estivera fermentando explodiu nele, fluindo dentro de seu corpo.

Em resposta, Selena juntou suas pernas em torno de sua bunda, um suspiro ondulando para fora dela enquanto ele tentava manter um mínimo qualquer de impulso. Virgem? Virgem...

Então se lembrou, de volta ao banheiro... Leve-me, ensine-me.

Virgem.

Trez se retirou tão rápido, que ela estremeceu — e ele quase acabou não apenas fora da cama, mas fora do quarto.

O sangue em sua ereção fez seu estômago apertar. —Selena... Cristo, por que você não disse nada?

Seus olhos se afastaram dos seus enquanto ela puxava seu roupão. Ela ainda refez o cinto de tecido antes de se sentar sobre os travesseiros. —Eu queria você. Ainda quero. É simples assim.

Ele estendeu a mão para soltar a gravata que estava comprimindo sua respiração — e lembrou que estava com a bunda nua.

—Não é simples, — disse ele com voz rouca. —Isso não é simples.

A última coisa que precisava era de outra mulher com quem fosse obrigado a casar: Se Phury como Primale queria que ele fizesse isso? O que diabos iria fazer?

Especialmente porque... ele estava se apaixonando por Selena.

Enquanto Trez estava nu no lado mais distante do quarto, Selena pensou: Hmm, como se ela fosse atacá-lo.

Mas ela tinha razão para ficar quieta. No último minuto, tinha feito uma decisão consciente de não contar a ele — justamente por esse motivo.

—Como é que — como — por que... — A gagueira não era um bom sinal. —Eu pensei que você fosse *ehros*.

—Eu sou.

—Então, como você é virgem?

—Eu não fui utilizada dessa forma.

Ele jogou as mãos para cima em frustração. —Por que eu? — De repente, ele amaldiçoou. — Quero dizer...

—Como eu disse, queria estar com você. Ainda quero. — Depois do golpe de dor, ela só tinha conseguido um indício de prazer, queria saber o que mais havia em fazer amor.

Colocando a cabeça entre as mãos, ele apenas ficou ali. — Cristo. —Só para que possamos compreender um ao outro, — disse ela secamente, — não espero nada de você. Se for isso que está o preocupando. Não haverá acasalamento.

Não com o seu futuro. Embora a maneira como Trez a estava olhando, isso era muito improvável de acontecer, de qualquer maneira.

—Tem certeza de que seu Primale pensará assim?

Ela empurrou seu queixo para cima. —Quem é que vai dizer a ele? — Quando isso pareceu pará-lo, ela encolheu os ombros. —Não serei eu. E ninguém está nessa casa com a gente. Então, se você não contar, ele nunca vai saber.

Na verdade, ela não tinha certeza do que Phury faria se descobrisse — tecnicamente, agora que ela tinha tido relações sexuais com alguém que não fosse o Primale ou um Irmão, ela estava impura. Mas era difícil saber nestes novos tempos quanto dos velhos costumes sobreviveram.

Não que isso importasse. Seu tempo estava vencendo.

Que foi por isso que, quando Trez parou depois de constatar que seu sexo era apertado, tinha lidado pessoalmente com o problema. Ela estava determinada a não perder a oportunidade, especialmente depois daquele episódio lá embaixo na mesa da cozinha.

De repente, ela pensou no que estava destinada e sentiu uma lança de dor atravessar o seu peito.

—Não se preocupe, — disse ela com exaustão. —Não há nada a ser feito.

—Eu tenho honra, você sabe, — ele retrucou.

—Não quis ofender.

Ele fechou os olhos e murmurou: —Você não deve se desculpar.

—Não vejo o problema. Meu corpo é meu para dar e eu escolhi você, e você me queria.

Naquilo, suas pálpebras subiram. —Eu te machuquei.

—O que machucou foi quando você parou.

Trez sacudiu a cabeça. —Isso é uma bagunça.

—De acordo com quem?

—Você não sabe da metade. — Mas pelo menos ele se aproximou e se sentou na cama.

Colocando a cabeça para trás em suas mãos, ele exalou duro. —Não deveria ter sido eu, Selena. Qualquer um, menos eu.

—Mais uma vez, não acha que essa é uma decisão que só eu poderia fazer?

—Mas você não me conhece.

—Conheço o suficiente. — Afinal, ele havia dito sobre as mulheres humanas. Seus pais. Seu vínculo com outra. O que mais poderia existir?

—Não... Você não conhece.



Um som cortou o quarto, e levou um momento para ela perceber que era um telefone portátil tocando.

—Só pode ser brincadeira, — ele reclamou quando alcançou através dela para o travesseiro. Debaixo dele estava um aparelho celular com sua tela voltada para cima, depois de ter claramente escorregado para fora do bolso de sua calça, quando acabaram na cabeceira da cama.

Ele verificou o número e, então, olhou para o relógio. —Que horas são — oh, merda.

—Qual é o problema? — ela perguntou.

—Eu tenho que atender. — Ele olhou ao redor como se estivesse procurando um pouco de privacidade. —Eu já volto.

Enquanto ela o observava sair para o corredor, seu corpo nu estava resplandecente e apenas a visão de seu traseiro foi o suficiente para fazê-la avaliar se teria ou não a oportunidade de ficar com ele novamente.

Fechando os olhos, se esticou e sentiu uma dor em sua pélvis que nunca tinha estado lá antes.

Sim, isso tinha machucado um pouco. Mas não o suficiente para fazê-la se arrepender de nada — ou não querer fazer novamente.

Algo lhe dizia que isso não estava em seu futuro, no entanto.

Ela devia ter dito algo a ele.

Mas não havia como desfazer essa decisão.

Capítulo 53

No final, Wrath assinou a maldita anulação.

O anel de sua mãe em seu dedo mindinho foi o que fez se decidir: o rubi era um símbolo do juramento solene de Beth com ele e isso o fez pensar em tudo o que sua mulher tinha feito por ele. Por acasalar com ele, ela colocou a sua fé, seu coração, seu futuro nele e em seu povo, tradições, costumes — afastando-se de seu lado humano por completo, ao ponto onde ela não tinha mais nenhum contato com a raça, nada além dele e de seus irmãos, seu trabalho assumindo a vida de ambos.

Ela ganhou muito, com certeza. Mas havia perdido tudo o que tinha conhecido. E havia feito isso por ele, por eles.

Neste momento, a coisa mais importante não era o trono. Não, era viver pelo padrão que ela mesma havia criado: Ele precisava colocar sua assinatura onde sua boca estava. Mesmo que odiasse toda essa merda, dos aristocratas e do Bando de Bastardos ao sentimento de perda que vinha com este desprezível pedaço de papel, tinha que honrar o que disse a sua Beth.

Suas tradições eram tão sérias e importantes quanto as suas próprias.

Se não fizesse isso? Ele a estaria tratando com o mesmo desrespeito que o Conselho tinha.

E esta *era* a forma mais lógica para burlar a *glymera*.



Um pouco de boa merda para as suas maquinações.

—Onde está a caneta? — Ele rosnou.

Quando Rehv colocou a coisa na mão, parecia um punhal, ele apertou a palma de Beth. — Onde é que faço isso?

—Bem aqui, — disse ela asperamente. —Aqui.

Ele a deixou levar a ponta da caneta para onde deveria ter uma linha, e então rabiscou seu nome.

—O que acontece agora? — Ele exigiu.

Rehv riu com um toque desagradável. —Enrolo esta pequena missiva e o enfio onde o sol não brilha. — Houve o barulho do farfalhar do pergaminho. —Eles pediram que a 'coroação' acontecesse à meia-noite. Pena que eu tenha que esperar até lá. Vamos, Saxton, você precisa de um pouco de comida. Parece que está pronto para desmaiar.

Wrath olhou para a multidão silenciosa e imóvel. —Bem. Você está comendo ou o que?

Quando a conversa saltou para o silêncio, como se seus irmãos soubessem que ele precisava de atenção em outro lugar, ele pegou o braço de Beth.

—Tire-nos daqui, — disse ele asperamente.

—Positivo.

Com eficiência rápida, sua *shellan* o levou longe do barulho e da comida, e quando sentiu o cheiro de lenha, adivinhou que ela o tinha levado para a biblioteca.

—Deite-se, George, — ela disse quando parou brevemente para o que ele achou que fosse a porta. —Eu sei, eu sei que você não quer se sentar aqui, mas precisamos de um minuto.

Bem pensado, ele pensou quando largou seu braço e andou para frente por conta própria, sua adaga esticada em sua mão. Quando sentiu a lareira, desejou que pudesse ver a grelha do fogo. Ele queria cutucar algo quente e fazê-lo chiar.

Um *clique-clique* disse-lhe que ela os fechou no interior.

—Obrigado, — sua Beth disse.

Ele se virou. — Obrigada a você.

—Vai dar tudo certo.

—Se você está falando sobre o Bando de Bastardos, eu não teria tanta certeza. Haverá outro motivo. Nós ganhamos algum tempo, mas não resolvemos o problema.

Cara, a amargura em sua voz era tão nítida. Mas esta situação o tinha mudado.

Graças a Deus que seu pai faleceu — e isso não era algo que nunca tinha imaginado pensar.

Atrás dele, Beth se apertou contra o seu corpo, suas mãos deslizando até seus ombros e esfregando os músculos tensos. —Foi uma cerimônia bonita.

Ele teve que rir. —Elvis fez um grande trabalho.

—Você sabe o que os humanos costumam fazer depois de oficializar?

—O que?

Quando seus braços deslizaram em torno de sua cintura, ela deu a volta, se levantou na ponta dos pés e beijou o lado de sua garganta. E o seu humor começou a melhorar.

—Consumação, — ela murmurou. —É tradicional para o homem e mulher, selar o acordo, se sabe o que quero dizer.

Wrath começou a sorrir, mas então se lembrou da última vez que estiveram juntos, e as circunstâncias. —Tem certeza de que está pronta para isso depois... bem, você sabe.

—Muito certa.

Para provar isso, ela se esfregou contra ele, e teve que praguejar. Imediatamente faminto, ele, no entanto, reprimiu esse lado selvagem quando abaixou a cabeça e tomou a boca de sua esposa.

—Pegue-me, — disse ela com um suspiro.

Quando concordou, ela puxou o vestido que estava usando até a cintura, as pernas abrindo para circundar ao redor de seus quadris.

—Você não está usando calcinha, — ele gemeu.

—Queria estar preparada para isso.

—Jesus, eu estou feliz que eu não soubesse, ou teria...

Ele não se incomodou de terminar. Em vez disso, quando ela apertou os braços ao redor de seu pescoço, ele alcançou entre eles e desabotoou as calças. Instantaneamente, seu pau saltou livre, latejante e quente, e quando a acomodou um pouco mais baixo, encontrou seu centro.

—Merda! E se você estiver grávida? — Ele deixou escapar, empurrando-a para trás. —Foda.

—Mulheres grávidas fazem sexo. Sério. Elas fazem.

Esticando-se, ela sugou seu lábio inferior e depois o mordeu com suas presas. —A menos que você esteja dizendo que não me quer?

Ele se moveu em suas botas. —*Então*, não é o caso.

Ele resolveu qualquer confusão existente entrando nela lentamente, pressionando, se descobrindo em casa de uma maneira suave. Ela não parecia estar com nenhuma dor, mas ele não se arriscaria quando colocou as palmas das mãos em sua bunda e começou a movê-la para cima e para baixo sobre ele.

—Eu te amo — disse ele em seu cabelo. —Para sempre.

Quando ela murmurou de volta em seu ouvido, uma farpa de paranoia drenou um pouco do calor de seu corpo.

Seu pai teria dito a mesma coisa para a mãe?

E ele sabia onde tinha terminado.

Do nada, o aviso de V veio a ele, sobre o campo branco e o futuro em suas mãos. O que fez.

—Wrath, — sua esposa sussurrou. —Volte para mim. Concentre-se em mim aqui e agora...

Com um gemido de submissão, ele deixou todas as besteiras ir, fazendo o que ela mandou, sentindo e conhecendo apenas a sensação dele bombeando dentro e fora dela. O orgasmo foi silencioso, uma onda que se aproximava e recuava com todo o barulho de uma brisa de verão. Mas quando ele gozou dentro de sua mulher e sentiu a contração dela em torno dele, parecia mais poderoso do que todos os que tinham sacudido suas bolas.

Ele não queria soltá-la.

Nunca.



Fora do quarto de Selena, Trez atendeu a ligação, mas não conseguiu um Olá.

—Onde *diabos* você está, — o carrasco da rainha gritou. —E *onde* está o que você me prometeu.

Trez fechou os olhos. —Estou a caminho.

—Não foda comigo.

A ligação foi cortada.

—Trez? — Selena perguntou de dentro do quarto. — Está tudo bem?

Não. Nem um pouco.

Como era já meio-dia?

Ele empurrou a porta. —Sim. Mas tenho que ir.

Xingando baixinho, ele foi diretamente para sua calça e as puxou — e quando suas bolas ficaram presas no zíper, ele deliberadamente puxou mais forte, a dor disparando através de sua pélvis e deixando-o com náuseas.

Aquele pequeno telefonema de s'Ex era um lembrete de todas as razões que tinha sido uma ideia idiota vir até aqui.

Virgem.

Foda!

Quando pegou a camisa e enfiou um braço através de uma manga, estava ciente de Selena sentada silenciosamente na cama.

Virgem.

Então, todas as mulheres que ele tinha fodido voltaram rapidamente a ele, mais uma vez aglomerando o espaço entre eles. E então ele teve um pensamento feliz sobre as que ele estava fornecendo a s'Ex hoje.

—Isso não vai acontecer de novo, — disse ele, apontando para a cama, para ela.

Uma vez já era demais.

Em resposta, o rosto de Selena não transpareceu nada, mas o cheiro dela disse tudo: a tristeza saía de seus muitos poros.

E mesmo assim, ela o olhou nos olhos. —Como quiser. Mas estarei aqui se você mudar de ideia.

Cara, ela não era nada, exceto controle quando olhou pra baixo, quase o desafiando a ficar longe.

Seu autocontrole não era tão bom. Mas a situação que estava era muito ruim.

Am já estava em risco. Se Selena estivesse envolvida com ele?

Não queria que ela caísse em seu Inferno.

Ah, quanto a Phury? Ele sentia-se uma merda por não dizer nada ao Primale. Apenas outra forma que a desonrou — mas nada de bom poderia vir de uma revelação como essa.

—Tenho que ir, — ele murmurou.

—Como quiser.

Ele reaaaaallmente queria que ela parasse de dizer isso.



Trez praticamente tropeçou fora do quarto, e não se lembrava de nada, de descer as escadas, atravessar a casa escura, e sair para o pátio e entrar na neve brilhante. Fechando os olhos, precisou de um tempo antes que pudesse se concentrar o suficiente para desmaterializar...

...Finalmente chegou ao Comodoro, desmaterializando atrás da lixeira da entrada de serviço, nas portas do fundo. Saindo de trás da lixeira, os entregadores que estavam descarregando materiais de limpeza para a área de espera o ignoraram, e assim como o mensageiro de bicicleta que estava correndo pelo beco.

Mas havia muita gente esperando por ele no décimo oitavo andar.

Assim que saiu do elevador, amaldiçoou baixinho.

iAm estava inclinado contra a porta fechada, totalmente relaxado exceto pela morte em seus olhos. E com ele? As prostitutas que Trez tinha arranjado para s'Ex.

O carrasco da rainha estava, sem dúvida, no terraço exterior. Ou rondando o interior da casa, depois de ter quebrado tudo, em um acesso de raiva.

Trez enfiou as mãos nos bolsos — sem chaves. Foda!

Será que as esqueceu? Ou estavam no chão do quarto de Selena?

Maldição.

— Perdeu alguma coisa? — Seu irmão disse lentamente.

— Ei, chefe, — uma das prostitutas disse.

— Chefe.

— E aí?

As mulheres conversavam entre si enquanto agitavam seus cabelos e arrumavam os bojos de seus sutiãs. Elas usavam alguma versão de suas profissões, mas tudo era curto e apertado e decotado.

Não que fossem ficar vestidas por muito tempo.

— Permita-me, — iAm murmurou, tirando sua chave de cobre.

Depois de girar a fechadura, abriu a porta e acenou para as meninas entrarem.

Enquanto entravam, o macho estreitou os olhos. — Que porra você está fazendo?

— Cuidando de negócios, — Trez sibilou de volta. — A única coisa que conheço.

Empurrando seu irmão para passar, ele entrou na sala de estar. E, assim como o fantasma que era, o carrasco estava esperando do outro lado do vidro, suas vestes negras flutuando no vento frio.

Quando as três prostitutas o notaram, elas congelaram, ou fascinadas ou assustadas. Talvez os dois.

— Me dê um minuto, senhoras — Trez disse quando foi para as portas de correr. — Vou enviá-lo a vocês no quarto, descendo por aquele hall ali.

— Sim, está bem, chefe, — a da frente respondeu.

Ele esperou até que elas estivessem fora da sala antes de deixar s'Ex entrar. Melhor assim — o carrasco estava chateado, praticamente rasgando o capuz de sua cabeça.

Apontando o dedo para o rosto de Trez, ele gritou. — Que você chegue na hora certa no futuro. Ou o nosso acordo estará anulado e sem efeito.



Assim quando Trez estava prestes a expressar sua irritação na cara do desgraçado, iAm interveio. —Tivemos um compromisso obrigatório com o rei. Nada que pudéssemos sair, nada disso vai acontecer de novo.

Olhos pretos brilhantes viraram na direção de seu irmão. —Você se certifique disso.

iAm assentiu uma vez, seu rosto enganosamente calmo: Viu a contração em sua sobrancelha esquerda — merda, Trez ia ouvir sobre tudo isso assim que tivessem acabado.

Ótimo! Outra coisa pelo qual ansiar.

s'Ex alcançou o broche preto em sua garganta. Grande como o punho de um lutador, era cravejado com pedras pretas, o metal torcido em torno de si mesmo — e quando tirou a coisa, todos aqueles mantos caíram no chão.

Expondo pernas que não pareciam interessantes e um par de calças pretas de combate.

O que não se podia dizer do resto do corpo: Cada centímetro de sua pele era marcado com a branca tatuagem ritual, seus braços e ombros muito musculosos adornados com essa merda. E, no entanto, ele ainda podia se passar por humano.

Boa notícia para as prostitutas.

—Apesar do fato de que você está atrasado, — s'Ex rangeu entre dentes, —Eu fiz a vocês um favor.

—Então, nossos pais estão vivos? — disse Trez.

—Ah, sim, isso também. Eles estão perdendo seus aposentos, no entanto — a pedido da rainha. Da última vez que chequei, sua mãe estava tendo um ataque de nervos enquanto as suas joias estavam sendo recuperadas. — O carrasco sorriu lentamente. —Sua Majestade está realmente satisfeita com o sofrimento deles. Se eu não soubesse melhor, eu diria que você planejou tudo isso perfeitamente.

—Qual é o favor?

—Sua Majestade está preste a estar ocupada com coisas que não envolvem você por um tempo.

Trez estreitou os olhos. —Como assim?

—Cerca de nove meses.

—Desculpe, o quê? Não entendo o que você está dizendo.

—Ela está grávida.

Trez parou de respirar. E, e então, forçou seus pulmões a voltar a trabalhar enquanto atirava um olhar para seu irmão. —Como diabos isso aconteceu?

—De todas as pessoas, eu suponha que você não precisava de um desenho.

—Mas pensei que seu consorte tivesse morrido há dez anos?

—Sim. Uma vergonha. — s'Ex estalou os dedos. —Ele teve uma queda feia.

—Então de quem é?

s'Ex sorriu com uma leve malícia. —É um milagre.

Putá... merda.

s'Ex assentiu. —O momento é bom para você, porque ela vai ter que esperar para ver se é outra filha. Nesse momento, os mapas estelares terão que ser lidos para descobrir quem será a



próxima rainha. Obviamente, se for um filho? Você está ferrado. Se não, você pode ter uma chance — afinal, você foi prometido para essa particular filha. Se for outra rainha? Você está com sorte.

iAm exalou lentamente. — Isso é... uma ótima notícia do caralho. Possivelmente.

— Mas você ainda me deve — s'Ex rosnou. — De agora em diante? Você cuida de mim... ou eu vou cuidar de vocês dois.

— Não se preocupe com isso. — Trez levantado suas calças, sua mente girando. — Tudo o que você precisar.

— É mais como isso.

Jesus... isso mudava tudo. Ou, pelo menos, poderia.

Um resultado muito melhor do que poderia ter planejado.

Quando o olhar de obsidiana de s'Ex foi para a sala para onde as meninas haviam ido, Trez reorientou. — Algumas regras.

O carrasco olhou para trás. — Eu não ouvi isso.

Trez deu um passo firme, encarando o enorme macho dentes com dentes. — As regras são essas — você não as machuca. Sexo violento é aprovado, se for consensual, mas sem cicatrizes permanentes ou marcas. E você não pode comê-las. Essas são apenas as minhas duas restrições, e elas não são negociáveis.

Com Sombras, você sempre tinha que estabelecer limites. Especialmente um Sombra como esse.

— Espere, elas são suas? — Perguntou o homem.

— Sim.

— Oh, merda, por que você simplesmente não disse? — s'Ex estendeu a palma da mão. — Minha promessa. Nada permanente e nenhum almoço.

Que alívio, Trez pensou quando apertou a mão e lhe deu um aperto forte. — Mas eu estou dando elas a vocês pelo tempo que quiser. E o apartamento, também, é claro. Quando quiser algo novo? Sabe onde me encontrar.

Quando o carrasco sorriu e foi para fora, Trez agarrou o braço do homem. — Mais uma coisa — elas são humanas. Tanto quanto elas sabem, vampiros são ficção — e você precisa manter isso assim, se quiser que isso continue.

s'Ex parecia entediado. — Tudo bem. Mas seria mais divertido de outra maneira.

Quando ele saiu da sala, seus passos pesados ecoaram pelo corredor e, em seguida, vozes. Seguido por uma porta fechando.

Trez foi direto para o bar apesar de ter acabado de passar do meio-dia, e pegou uma garrafa de Maker's Mark¹⁶³. Ele não se incomodou com o copo; direto da garrafa era bom o suficiente para ele.



¹⁶³ Uísque.

Enquanto o licor queimava pelo seu estômago, seu único pensamento era que deveria se sentir mais aliviado do que se sentia. Então, novamente, não estava fora de perigo ainda.

E tinha tirado a virtude de uma boa fêmea, a cerca de meia hora atrás.

Nenhum alívio mudaria isso.

—Nove vidas, — iAm disse quando se aproximou e estendeu sua mão para cima.

Trez passou o bourbon. —Ainda não.

O gemido que ondulava distante era do sexo feminino. E assim foi o que se seguiu.

—Ele vai foder todas as três de uma vez, — iAm murmurou.

Uma imagem rápida do carrasco de costas, com uma mulher escarranchando seus quadris, outra montando seu rosto, tudo ao mesmo tempo, fez Trez pegar a garrafa de volta e beber com energia.

Porra, Trez pensou, esperava que pudesse estar à altura desse apetite.

Capítulo 54

Neve fresca começou a cair às seis, como se tivesse esperado o sol descer no horizonte, antes de fazer a sua aparição pela meia-noite, a tempestade não estava mostrando sinais de diminuir.

Quando Xcor olhou para fora da janela de seu quarto, acompanhou os flocos grossos, graças aos postes de iluminação que marcavam o beco em frente da casa.

—Você vem?

Ao som da voz de Throe, Xcor olhou por cima do ombro. Seu lutador estava em pé na porta, vestido em um terno apropriado.

Sua Escolhida estaria esperando por ele, Xcor pensou. Neste tempo ruim.

Supondo que ela aparecesse.

Mas ele não podia faltar à coroação.

—Sim, — ele disse com a voz rouca, saindo da cadeira que puxou até a janela.

Reunindo seus coldres, ele os amarrou sobre os ombros e sua cintura e colocou várias armas e lâminas. Mas, quando foi para pegar a foice, Throe balançou a cabeça.

—Acho que você deveria deixar isso aqui, não?

—Ela vem comigo.

Após Xcor colocá-la em suas costas, cobriu tudo com seu casaco de couro. —Vamos prosseguir.

Enquanto caminhava até Throe, ele se recusou a olhar nos olhos do macho. Sabia o que encontraria, se o fizesse e não estava interessado no escrutínio.

Juntando-se aos Bastardos no andar de baixo, ficou em silêncio enquanto eles saíam para a noite fria e desmaterializam no quintal...

...para o formal terreno de Ichan, filho da moderna casa de Enoque.



Através da neve rodopiando, viu que os outros já haviam chegado, os membros do Conselho com vestimentas cerimoniais estavam em todas as salas interiores, passando pelas janelas brilhando.

A celebração era justificada, pois isto era, de fato, uma vitória — ou que deveria ser. Mas tudo o que conseguia pensar era na fêmea que estava em um prado, provavelmente agasalhada contra os elementos do inverno, esperando por ele. Olhando para o céu, a neve caiu em seus olhos e ele piscou.

Quanto tempo ela ficaria lá?

—Por aqui, — Throe disse, indicando uma entrada dianteira que tinha toda a sutileza de um outdoor ao lado da estrada. —Como se alguém não pudesse vê-la.

Muitos holofotes, todos enfocando o vidro colorido em torno de uma porta pintada de vermelho que tinha algum tipo de símbolo de sol nela.

—Tão berrante, — Throe murmurou enquanto começavam a atravessar a neve. — Infelizmente, o interior é pior.

Xcor, pelo contrário, não tinha uma opinião sobre a decoração. E não se impressionou com toda a equipe uniformizada que andava ao redor e passava pequenos pedaços de comida em bandejas de prata e anotava pedidos de bebida.

Não, estava em um campo longe, debaixo de uma árvore de bordo, esperando uma fêmea chegar para que pudesse dar a ela seu casaco contra as rajadas.

Ele não estava aqui.

—Posso pegar seu casaco? — Um *doggen* perguntou ao seu lado.

Movendo seus olhos sobre ele, o mordomo recuou. —Não.

—Como quiser, senhor. — a reverência que deu foi tão baixa que o *doggen* quase tocou o chão brilhante. —Mas é claro.

Naquele momento, Ichan se aproximou com todo o floreio de um maestro. Na verdade, estava usando um paletó de smoking de cetim que era vermelho como sangue e um par de sapatos mocassim — que tinha suas iniciais em fios dourados. Completamente um almofadinha, pelo menos em sua própria mente.

—Bem-vindo, bem-vindo. Tomem uma bebida — Claus, pode servi-los?

Xcor deixou seus Bastardos responderem por ele, decidindo se mover para outra sala.

E, de fato, os aristocratas silenciaram quando passou por eles, seus olhos arregalados de medo e respeito — que era por isso que tinha usado suas armas. Queria que seu personagem fosse um lembrete poderoso de quem realmente estava no comando.

Enquanto prosseguia ao redor, notou distraidamente que Throe estava correto sobre os móveis. Modernos e estilosos — sufocavam os espaços, preenchendo cantos e paredes, lotando com cadeiras e mesas e sofás que eram tão contorcidos que alguém tinha que se perguntar onde um hóspede poderia realmente se sentar. E o esquema de cores estava em todo o lugar, a única semelhança parecendo ser os tons brilhantes e discordantes afrontando a retina.

Quanto tempo ela iria esperar? Ela estaria usando um casaco?

É claro que sim.



E se alguém questionasse por que ela estava partindo? E se fosse pega voltando para a casa?

—Xcor? — Throe disse calmamente.

—Sim.

—Está na hora. — Throe acenou na direção de uma biblioteca que não havia nada além de prateleiras e livros, a mobília tendo sido abençoadamente retirada.

Ou, pelo menos, a maior parte dela. Situada no meio do espaço, havia uma cadeira grande semelhante a um trono — bem como uma mesa com um grande pedaço de pergaminho, cera de selagem, e muitas, muitas fitas.

Ah! Sim. O pequeno local do precioso auge de Ichan.

Que não ia durar.

Xcor se aproximou e ficou na entrada do salão, olhando nos olhos de cada membro da *glymera* como se eles tivessem que ir por ele. Quando não havia nenhum para escolher, ele voltou sua atenção para o aglomerado, seus Bastardos em volta dele de tal forma que seus corpos bloqueavam o caminho para fora da biblioteca.

Por trás, a porta principal abriu uma última vez, uma corrente de ar seco e frio se intrometendo como um convidado errante. Olhando por cima do ombro, ele franziu a testa.

Convidado errante, de fato: Rehvenge, *leahdyre* titular do Conselho, entrou como se fosse dono do lugar, seu casaco de visom de corpo inteiro se movendo atrás dele, uma bengala vermelha que não era um guarda-chuva, o ajudando.

Ele estava sorrindo, os olhos roxos mostrando uma intenção que era um aviso.

—Estou atrasado? — Ele gritou. Quando ele se aproximou de Xcor, aqueles olhos olharam diretamente para os seus. —Odiaria perder isso.

Quem o tinha convidado, Xcor se perguntou. O macho estava solidamente no lado do antigo Rei, uma toupeira que era mais parecido com uma onça no meio deles.

De dentro da biblioteca, Ichan se virou no meio de um gesto, acenando um cigarro em um suporte antigo de ébano — só para congelar quando viu quem tinha chegado.

Rehvenge levantou a bengala no lugar de uma saudação. —Surpresa, — o homem disse enquanto invadia pela multidão. —Oh, você não me esperava? Eu estava na lista de convidados.

Quando Throe avançou, Xcor agarrou o macho e o arrastou de volta. —Não. Talvez ele não esteja sozinho.

De uma só vez, todas as mãos de seus soldados desapareceram dentro de suas roupas. Assim como as suas.

E, no entanto nenhum dos irmãos apareceu.

Então isso era uma mensagem, Xcor pensou.

Ichan olhou de relance como se esperasse que Xcor lidasse com a intrusão, mas quando ninguém do grupo de lutadores se moveu, o aristocrata limpou a garganta e se aproximou de Rehvenge.

—Uma conversa, se você quiser, — Ichan disse. —Em particular.

Rehvenge sorriu como se já tivesse suas presas na garganta do idiota. —Não, não em particular. Não para isso.



—Você não é bem-vindo aqui.

—Você quer tentar me retirar? — Rehvenge moveu seus quadris para frente. —Você quer experimentar e ver o que vai acontecer? Ou talvez pedir aos bandidos ali, que façam isso por você?

Ichan ficou boquiaberto como um peixe, sua bravata desaparecendo.

—Acho que não.

Quando Rehvenge enfiou a mão no casaco, Ichan guinchou em alarme e os aristocratas na sala circularam como gado preste a ser abatido.

Xcor apenas olhou por cima do ombro novamente. A porta tinha sido deixada aberta, os funcionários muitos distraídos para fechá-la — ou por que talvez tivessem apenas subido e desaparecidos.

Rehvenge tinha deixado a porta assim de propósito, não tinha? O homem já estava planejando sua saída.

—Trago saudações de Wrath, filho de Wrath, — o macho disse, ainda com aquele sorriso de merda no rosto. —E tenho um documento que gostaria de compartilhar com todos vocês.

Quando pegou um tubo de papelão debaixo de seu braço e abriu a tampa livre, os aristocratas engasgaram — como se esperassem que uma bomba explodisse.

E talvez houvesse uma espécie de uma ali.

Rehvenge desfraldou um pergaminho que tinha fitas vermelhas e pretas penduradas na sua extremidade. Em vez de ler o que havia escrito em cima dele, simplesmente virou a coisa ao redor.

—Acho que você deve fazer as honras da casa — disse ele a Ichan.

—Seja o que for que você... — As palavras secaram quando o homem olhou para o que era apresentado diante dele. Depois de um momento, ele disse, —Tyhm. *Tyhm!*

—Sim, acho que você descobrirá que tudo está nos conforme e é válido. Wrath não está acasalado a ela. Ele se divorciou dela cerca de três semanas atrás — e não sou um advogado, mas tenho certeza que você não pode basear um voto de confiança sobre uma questão que não existe.

O alto e magro advogado se aproximou desajeitado e se inclinou sobre o pergaminho, como se a proximidade ocular aumentaria sua compreensão do que estivesse lá.

E, de fato, a expressão em seu rosto era toda a tradução que a multidão precisava: Descrença se tornou um tipo de horror, como se um explosivo tivesse de fato sido detonado bem na frente dele.

—Isso é uma falsificação! — Ichan declarou.

—Tem testemunhas e adequadas — Sou uma delas. Talvez você queira que Wrath e a Irmandade venham até aqui e testemunhe a validade disso? —Não? Ah, e não se preocupe. Nós não estamos esperando uma resposta de todos vocês. Não há nenhuma.

—Nós vamos sair agora, — Xcor sussurrou.

Se ele fosse Wrath, o próximo passo seria atacar a casa e não havia proteção suficiente aqui dentro — aquela arte terrível e os grandes espaços abertos ofereciam pouco para serem utilizados como escudos.



Quando as vozes dos aristocratas se misturaram e ficaram mais altas, ele e seus soldados se desmaterializaram para o gramado da frente. Preparando-se para a batalha, eles tiraram suas armas.

Exceto que não havia ninguém lá.

Nenhum dos Irmãos. Nenhum ataque. Nenhum... nada.

O silêncio era ensurdecedor.

Capítulo 55

Tal como acontece com todas as grandes mudanças na vida, o sol e a lua não prestaram atenção ao drama do planeta, pois seus horários não foram afetados pela mutação dos destinos lá embaixo.

Era bem depois da meia-noite quando Wrath acordou ao lado de sua *shellan* em seu leito, com o braço em volta de sua cintura, e a mão cobrindo seu seio. E por um momento, se perguntou se algo daquilo tinha acontecido — a necessidade, a merda do Conselho, a reação.

Talvez tudo tivesse sido apenas um fodido pesadelo.

Aproximando-se mais, ele manteve sua excitação de volta. Ia deixar a instigação sexual para sua *leelan*, pelo menos até que soubessem se ela estava grávida. E se estava... bem, então não tinha certeza do que ia fazer.

Putá merda, ele estava realmente pensando assim?

—Você está acordado, — disse Beth.

—Como você sabe? — Ele murmurou em seu cabelo.

Ela virou-se em seus braços. —Simplesmente sei.

Ficaram ali por mais tempo, e fodidamente desejou que pudesse vê-la corretamente. Em vez disso, se acomodou para percorrer os dedos sobre as feições dela.

—Como você se sente? — Ele perguntou.

—Vitoriosa. — Ele podia ouvir o sorriso em seu rosto. —Deus, eu amo Rehvenge. Realmente levou aquilo para o Conselho.

Quando ele não disse nada, ela suspirou. —Isso é uma coisa boa, Wrath. Prometo a você.

—Sim, é. — Ele beijou-a na boca, e depois se afastou. —Estou morrendo de fome. Você quer comer?

—Na verdade, não. Não estou com fome, mas acho que deve ser hora para a primeira refeição. A não ser que dormimos durante ela?

—Acho que o tempo passou. E vocês chamam isso de café da manhã, certo? — Ele saiu da cama e passou para deixar George entrar vindo do banheiro. —Duvido que alguém mais esteja lá em cima. Aquela festa foi até às cinco da tarde.



Quando ele bateu a porta, o Golden o atacou com saudações, coleira estridente, cauda chicoteando no batente da porta, e na perna de Wrath, e na parede enquanto ele circulava, circulava, circulava e espirrava ao sorrir.

—Wrath?

—Ei, cara, — ele disse enquanto se ajoelhava. —O que há, grande homem? Quem é o grandão.

—Wrath?

—Sim?

—Vamos ao trabalho depois que você comer.

—Você está tentando me conseguir de volta ao trono? — Ele acariciou a cabeça macia enquanto o cão espirrava novamente.

—Sim. Estou.

Ele esfregou seu próprio rosto. —Banho. Alimento. Então, vamos conversar.

—Trabalho, você quer dizer.

A boa notícia, ele supôs, era que ninguém ia querer nada com ele no banheiro. E quando entrou debaixo da ducha antes que este ficasse quente, não sabia por que estava correndo. Aquela sua mulher ia pressionar sua corrente até que ele estivesse de volta ao trono, abrindo papéis.

Com essa perspectiva pairando sobre sua cabeça? Ele devia estar lavando a mão na pia e usando um secador feminino para se secar.

No começo, não tinha certeza do que estava ouvindo. Mas, então, sobre o zumbido do chuveiro, reconheceu como ânsia de vômito.

Saltou para fora do boxe de mármore tão rápido, que quase caiu no chão escorregadio. — Beth! —Beth...?

—Estou bem, — ela disse de um canto.

Correndo para o pequeno espaço separado do vaso sanitário, ele jogou as palmas das mãos e sentiu ao redor, encontrando sua companheira de joelhos na frente do vaso, com uma mão segurando o cabelo para trás e a outra se apoiando no assento.

—Vou ligar para a doutora Jane.

—Não, você não vai.

Ela foi cortada por uma série de ânsias, e enquanto estava em cima dela, queria ser o único a atravessar os arquejos e o esforço.

—Que se dane, — ele murmurou, cambaleando para frente enquanto ia para o telefone da casa.

Só que este tocou antes que pudesse pegá-lo para discar na extensão da clínica. Merda, talvez a mulher de V também estivesse lendo mentes agora.

—Jane?

—Ah, não senhor, é Fritz.

—Oh, ouça — você poderia a conseguir para mim.

—Wrath, pare com isso. Estou bem, — disse Beth diretamente atrás dele.



Ele se virou. O cheiro de sua esposa certamente não sugeria uma saúde de emergência — e o tom dela era de irritação, não de pânico. —Ah...

—Quem eu posso levar para o senhor? — O mordomo perguntou sobre a conexão.

Beth interrompeu novamente: —Wrath, é sério. Não incomode a mulher, ok? Não há nada acontecendo.

—Então por que você estava vomitando?

—Desculpe — disse Fritz. —Senhor?

—Não você, — Wrath murmurou. —Quero que ela venha aqui.

—Tudo bem, tudo bem, vou descer até a clínica, — Beth murmurou. —Deixe-me vestir.

—Vou com você.

—Eu tinha a sensação de que você iria.

Exalando uma maldição, ele se perguntou como diabos ia fazer para atravessar aquilo — ela estava grávida, nesse caso ia ficar assustado por quanto tempo? Dezoito meses? Ou não estava, nesse caso ia ter que ajudá-la a atravessar seu desapontamento.

Ou... merda, ela poderia perder a criança, também.

Essa era a terceira opção, oh, Deus, agora ele sentiu vontade de vomitar.

—Obrigado, Fritz, — ele disse, — irei lá embaixo.

—Senhor, eu só queria que soubesse que haverá trabalhadores na casa esta noite.

—Trabalhadores?

—Para a sala de bilhar. O dano... foi bastante extenso. O piso deve ser inteiramente substituído, embora a boa notícia é que os artesãos originais estão disponíveis. Eu os contratei para vir, e coordenei com Tohr. Ele vai discutir isso com o senhor.

—Há muita coisa acontecendo.

—Mas não se preocupe, senhor. Temos medidas de segurança adequadas no lugar. Os trabalhadores foram checados por Vishous, e os Irmãos estarão à disposição para supervisionar. Receio que não havia outra opção, assumindo que queremos usar o espaço novamente.

—Isso está bom. Não se preocupe com isso.

—Obrigado, meu senhor.

Quando Wrath desligou, voltou seu foco para a questão de sua fêmea. Marchando para o armário, puxou as roupas de couro e uma camiseta.

—Vamos, — ele anunciou enquanto colocava a coleira em George.

—Wrath, eu vou ficar bem... — Houve uma pausa. —Oh, merda.

Os passos dela avançaram por ele, e voltaram para o banheiro.

Calmamente, Wrath voltou ao telefone — e pedir que o mordomo o conectasse com a doutora Jane.

Era um pouco difícil argumentar com o ponto de visita de um médico quando Beth não podia ficar com a cabeça fora do vaso. Toda vez que pensava que a náusea tinha acabado, que ia ficar de pé e voltar para o quarto — dois minutos depois, estava de joelhos novamente no chão de mármore, vomitando absolutamente nada.

—Não preciso me deitar — ela resmungou enquanto olhava para o teto sobre a cama deles.



Quando Wrath não respondeu, ela virou a cabeça no travesseiro e lançou um olhar em sua direção. Ele estava sentado ao pé do colchão, ombros enquadrados, mandíbula travada, e o enorme corpo como pedra.

—Estou bem, — ela fixou.

—Uh-huh.

—Serão longos meses se nos preocuparmos com cada pequena pontada.

—Você só tentou vomitar o seu fígado.

—Eu não.

—Então, estava trabalhando em seu pâncreas?

Ela cruzou os braços sobre o peito.

—Posso sentir você olhando para mim, — disse Wrath.

—Bem, estou. Isso é ridículo.

A batida na porta foi calma. Assim como o —Olá?

—Entre, — Wrath disse enquanto se levantava. Estendendo a mão, esperou que a doutora Jane viesse até ele.

—Ei, vocês dois, — a mulher disse enquanto entrava... e diminuiu o passo para olhar em volta da suíte. —Meu Deus, veja este lugar.

—É o que há de melhor, certo? — Disse Beth.

—Isso é de verdade? — Jane respirou enquanto apertava a mão de Wrath. —Quero dizer... os rubis e as esmeraldas. Nas paredes?

—Sim, eles são reais. — Wrath deu de ombros como se não fosse grande coisa. —Eles faziam parte do tesouro do país de origem. Darius os tinha instalado aqui.

Fantástico papel de parede. — a doutora Jane focou em Beth e sorriu quando se aproximou, toda negócios. —Então, se entendi certo, você estava doente.

—Estou bem.

—Não, ela não está, — Wrath cortou.

—Sim. Estou.

A doutora Jane colocou a bolsa antiga em cima da mesa de cabeceira e limpou a garganta. — Bem, talvez podemos apenas ver como você está indo. Pode me dizer o que aconteceu?

Beth encolheu os ombros. —Eu vomitei.

—Tipo duas dúzias de vezes, — Wrath interrompeu.

—Não foram duas dúzias de vezes!

—Tudo bem, três dúzias.

A doutora Jane ergueu ambas as mãos e olhou para trás e para frente. —Hum... você sabe o que eu gostaria de fazer se estiver tudo bem para você, Wrath? Falar com sua companheira sozinha — não o estou chutando para fora, só acho que talvez as coisas sigam um pouco melhores se eu e ela tivermos um segundo sozinhas?

Wrath colocou as mãos nos quadris. —Ela vomitou. Pelo menos uma dúzia de vezes. Se ela quiser adoçar isso, tudo bem. Mas estes são os fatos.

— Não posso ir para lá. Wrath vai querer estar comigo durante todas as consultas, e ninguém vai acreditar que não estamos juntos se ele aparecer comigo grávida na clínica. Quer dizer, a última coisa que precisamos é que achem que foi uma fraude.

— Concordo. Então, tenho uma ideia.

— O que foi?

— Há uma grande obstetra em Caldwell — mulher. Todos costumavam falar sobre ela no hospital. Ela tem um verdadeiro sentido para casos e necessidades especiais e acho que devemos fazer com que Manny a aborde — ver se ela vai aceitá-la em particular. Entre mim e Ehlena no lado vampiro, e ela no final humano? Com o equipamento? Vou me sentir mais confortável com tudo isso.

Beth assentiu. — Sim, é uma boa ideia.

— Ótimo. Vou seguir com ela. Enquanto isso, vou fazer uma avaliação em você aqui e dar-lhe algo para a náusea.

— Honestamente, estou bem agora. Só parece acontecer quando me levanto.

— Tudo bem, mas deixe-me fazer uma verificação da pressão arterial em você, ok?

— À vontade.

Enquanto Beth colocava o braço para fora, ela teve um momento de descrença total e atordoada. Seria possível que todo aquele sexo tinha funcionado?

Tipo, para sua verdadeira função biológica?

Doutora Jane deslizou o aparelho da pressão arterial no lugar e a coisa fez pequenos ruídos de sopro enquanto inflava, a pressão sobre seus bíceps fazendo-a pensar sobre todas as coisas invasivas que iam lhe acontecer se estivesse, de fato, grávida. Os exames de sangue. Ultrassonografias. Consultas. Como alguém que tinha sido saudável durante toda a vida, ela não sabia como iria lidar com isso.

Não há volta agora.

Houve um longo silvo enquanto a doutora Jane observava um pequeno marcador e ouvia através de seu estetoscópio. — Perfeito. Deixe-me ver a pulsação por aqui. — Depois de um momento com as pontas dos dedos pressionadas no pulso de Beth, a médica concordou. — Sim. Bom.

A médica se sentou e ficou olhando para ela.

— Você está me dando um olhar médico, — Beth disse, de repente assustada.

— Desculpe, é um reflexo. — Doutora Jane colocou as coisas de volta em sua bolsa. — Aqui está o negócio. Eu poderia ser agressiva e passar por cima de você, mas sua pressão e pulsação estão ótimas, sua cor está boa, e não está vomitando no momento. Eu gostaria de esperar pela consulta — contanto que não esteja sangrando lá em baixo?

— Não... De modo algum.

— Ótimo. Contanto que você concorde em gritar se alguma coisa mudar? Vou ficar de plantão.

— Combinado.

Wrath irrompeu pela porta, com Fritz em seus calcanhares.

—Oh, meu Deus, — Beth disse quando viu uma carga de... hum, uma carga... que ambos estavam carregando. — Isso é um fardo de refrigerante de gengibre?

—Dois, — o marido anunciou. — E deixamos um lá fora no corredor.

Doutora Jane riu enquanto se levantava. — Sua esposa está bem no momento. Mas me prometeu que vai ligar — e tenho a sensação de que se ela não o fizer, você irá.

Wrath assentiu. — Você pode apostar nisso.

Beth revirou os olhos, mas por dentro, não se importava dele ser insistente. Seu marido ia tomar muito bem conta dela — mesmo que não estivesse carregando um filho dele.

E aquilo era amor.

Capítulo 56

Após Wrath mostrar a saída à doutora Jane, ele voltou direto para a cama. Quando se sentou, Beth pegou sua mão e a apertou.

— Vou ficar bem, — disse ela.

Deus, ele esperava por isso. — Você está bocejando?

— Sim. De repente estou exausta.

— Deixe-me pegar um refrigerante de gengibre.

— Não. Não, obrigada... eu só quero descansar por um minuto ou dois. Então vou enfrentar a ideia de colocar alguma coisa aqui dentro.

— Você ainda está doente?

— Não. Só não quero estar. — Seu polegar acariciava para frente e para trás sobre a palma da mão dele. — Podemos fazer isso, Wrath. Tudo isso.

Enquanto ele não queria deixar sua paranoia ir embora, acenou com a cabeça. — Sim. Vai ficar tudo bem.

Exceto que por dentro, não estava sentindo isso. Nem um pouco.

— Você deve descer e trabalhar, — ela murmurou, como se já estivesse adormecida. — Saxton ficou lá em cima, ele poderia ajudá-lo a verificar os e-mails e outras coisas.

Como se a *glymera* fosse ter alguma coisa a dizer-lhe esta noite!

Quando ele desceu para conseguir a comida com Fritz, correu até Rehvenge, que estava mais do que feliz em relatar a frustrada cerimônia do trono de Ichan. Falado sobre caráter — Rehv tinha ficado alto como uma pipa com a vitória: os aristocratas foram bem esfaqueados, e a perna que tinha ficado de pé, foi cortada na altura do joelho.

Mas não havia razão alguma para ser ingênuo e assumir que eles não iam retaliar de novo em sua bunda.

Iriam encontrar outra maneira de se aproximarem dele.

Graças a Xcor.

Cara, se ele pudesse pôr as mãos no filho da puta...



— Não consigo dormir assim, — disse Beth. — Com você rondando.

— Quero ficar.

— Não há nada a ser feito aqui. Estamos em modo de espera até que saibamos de uma forma ou de outra.

— Quem vai alimentá-la quando estiver pronta?

Seu tom de voz tornou-se suave. — Eu fiz um trabalho muito bom antes de você chegar.

Bem... merda.

No final, percebeu que ela precisava descansar mais do que ele precisava tomar conta de uma fêmea adulta. Depois de deixar um beijo ou dois em sua boca, deixou George escoltá-lo para fora da suíte e descer as escadas. Emergindo no patamar do segundo andar, ele parou. O último lugar em que queria estar era naquele escritório.

O som do martelar abaixo chamou sua atenção. Mas o que...?

— Escadas, — ele disse ao seu cão.

Enquanto George o levava até o primeiro andar, os ruídos ficaram mais altos, mas ainda eram abafados — e seu nariz sentiu o cheiro de pó de concreto no ar. E de outra coisa...

— Ei, — disse Rhage. — O que está fazendo?

Wrath estendeu a mão e deixou seu irmão bater as palmas. — Nada. Como vão as coisas aí?

— Tirando o piso. Temos algumas chapas de plástico pesadas na porta do corredor para manter a poeira fora — Fritz estava esperando que a deixemos aberta para que ele possa limpar todas as manhãs depois que eles saírem. Nós checamos.

— Boa ideia.

Do outro lado daquelas chapas, vozes masculinas batiam papo para lá e para cá contra o barulho de martelos rachando a pedra, a conversa era casual e claramente nascida de grande familiaridade. — Quantos trabalhadores?

— Sete. Queremos que entrem e saiam o mais rápido possível porque estamos todos um pouco agitados — John está aqui comigo.

— Ei, JM, — Wrath disse, acenando com a cabeça na direção do cheiro do macho.

— Ele diz ei — e quer saber como Beth está?

— Ela está bem. Realmente bem — obrigado por tudo, filho.

— Ele disse, sim, que foi o seu prazer.

Bom garoto. Transformou-se em um grande macho, Wrath pensou.

— Então, quero entrar e conhecê-los, — ele deixou escapar por nenhuma razão em particular.

Houve um longo período de silêncio — durante o qual estava disposto a apostar que Rhage e John estavam travando olhares e sem deixar ir um ao outro.

— Bom, fico feliz que concordem, — Wrath murmurou enquanto puxava George.

O cão sinalizou que eles iam passar por um obstáculo ao hesitar, e Wrath estendeu a mão, a palma da mão encontrou uma chapa dura e grossa. Soltando seu domínio sobre a guia, ele usou as duas mãos para puxá-la de lado, e não rasgá-la de suas amarras acima.

As vozes pararam imediatamente.



Com exceção de um que suspirou, — Puta... *merda*.

De repente houve uma barulheira, como se ferramentas estivessem sendo jogadas no chão — e em seguida, um farfalhar.

Como se sete machos de alguns tamanhos tivessem acabado de ficar de joelhos.

Por um momento, os olhos de Wrath se encheram de lágrimas por trás de seus óculos. — Boa noite, — disse ele, tentando ser casual. — Como vai o trabalho?

Nenhuma resposta. E ele podia sentir o cheiro da descrença atordoada — era como cebolas salteadas, não totalmente desagradável.

— Meu senhor, — veio uma saudação baixa. — É uma grande honra estar em sua presença.

Ele abriu a boca para soprar aquilo... exceto que quando inalou, percebeu que era a verdade. Para todos e cada um deles. Eles eram honestos no temor e na conquista.

Com uma voz rouca, ele disse: — Bem-vindos à minha casa.

Quando John abaixou-se sob a chapa e ficou atrás de Wrath, tudo o que conseguia pensar era: Sobre o maldito tempo.

Os sete trabalhadores estavam todos ajoelhado em um joelho, a cabeça inclinada, os olhos virando para cima e para baixo como se Wrath fosse o sol e não pudessem olhar para ele por muito tempo.

Então o Rei falou, e as quatro palavras simples que saíram de sua boca foram transformadoras, os trabalhadores ergueram o olhar em uma condição... com uma espécie de amor.

Wrath fez como se estivesse olhando em volta. — Então, como vocês acham que isso vai ficar?

Os machos olharam de um lado para o outro, e então o capataz, o cara que tinha apresentado os trabalhadores um por um quando se cumprimentavam lá embaixo, falou.

— Vamos tirar o piso. E colocar um novo.

Mais olhares para lá e para cá — enquanto Wrath apenas continuava a balançar os óculos para a esquerda e para a direita, como se estivesse tomando a vista.

— Você está... — O capataz limpou a garganta como se estivesse magoado. — Você prefere outra equipe?

— O quê?

— Nós desagradamos nosso senhor de alguma forma para trazê-lo aqui?

— Deus, não. Estava apenas curioso. Isso é tudo. Não sei nada sobre construção.

O capataz olhou para cada um de seus homens. — Bem, isso é porque está abaixo de você, meu senhor.

Wrath riu em uma explosão áspera. — O inferno que está. É um trabalho honesto e não há vergonha nisso. Então, quais são os seus nomes?

Os olhos do capataz se arregalaram como se fosse a última coisa que esperava. Mas então se levantou do chão e tirou o cinto de ferramentas. — Eu sou Elph. Este é... — Ele passou pelas apresentações rapidamente.

— Vocês todos têm famílias? — Perguntou Wrath.



—Tenho uma filha e uma companheira, — Elph disse. —Embora a minha primeira *shellan* tenha morrido no parto.

Wrath colocou a mão sobre o coração como se tivesse sido atingido por alguma coisa. —Oh, foda. Eu sinto muito.

O capataz piscou para o Rei. —Eu... obrigado, meu senhor.

—Há quanto tempo você a perdeu?

—Doze anos. — O macho pigarreou. —Doze anos, três meses e dezessete dias.

—Como está sua filha?

O capataz deu de ombros. Em seguida, balançou a cabeça. —Ela está bem.

O que estava na parte de trás, que havia dito o *puta merda*, falou. —Ela está paralisada. E é um anjo.

O olhar fulminante que ele recebeu de seu superior foi imediato — como se o cara não quisesse que Wrath se incomodasse. —Ela está bem — ele cortou.

—Paralisada — Wrath parecia pálido. —Desde o nascimento?

—Ah... sim. Ela foi ferida. O parto dela foi sem assistência. Além de mim, que foi quem fez o socorro.

—Onde diabos estava Havers?

—Não conseguimos chegar à clínica.

O nariz de Wrath queimou. —Você está mentindo para mim.

As sobrancelhas do capataz se ergueram em choque. —Não foi culpa de ninguém, meu senhor. Exceto minha.

—Pensei que você estava na construção. Ou você foi para a escola de medicina?

—Não fui.

—Então, como isso foi culpa sua? — Wrath sacudiu a cabeça tristemente. —Sinto muito. Olhe, estou feliz que sua filha tenha sobrevivido.

—É a minha maior bênção, meu senhor.

—Sem dúvida. E sei que você deve sentir falta de sua companheira como o inferno.

—Todas as noites. O dia todo. Embora a minha segunda *shellan* me mantenha seguindo em frente.

Wrath assentiu como se soubesse exatamente onde o homem estava. —Eu entendo. Entendo totalmente. Algo semelhante aconteceu com o meu irmão, Tohr.

Houve uma longa pausa e então o capataz disse lentamente: —Eu não sei mais o que dizer, meu senhor. Além de você ter nos honrado muito com a sua presença.

—Você não tem que dizer nada. Eu deveria deixá-los em paz. Estou tomando o seu tempo. — Wrath levantou a mão da adaga em um aceno casual. —Até mais.

Quando a chapa caiu de volta no lugar atrás do Rei, os operários ficaram mudos.

—Ele é sempre assim? — O capataz perguntou entorpecido.

Rhage assentiu. —Ele realmente é um homem de valor.

—Não achava que ele seria... assim.

—Assim como?



—Tão acessível.

—Baseado em quê?

—Nos rumores. Dizem que ele é indiferente. Intocável. Desinteressado em pessoas como nós. — O capataz se sacudiu como se não pudesse acreditar que tinha dito aquilo em voz alta. —O que eu quero dizer é.

—Não, está bem. Eu posso imaginar de onde isso vem.

—Ele se parece com o pai, — o mais velho que estava nos fundos disse. —Imagem cuspidá.

—Você o conheceu? O pai de Wrath? — Perguntou Rhage.

O macho mais velho acenou com a cabeça. —Eu vi os dois juntos uma vez. Wrath era mais novo, uns cinco anos. Ele sempre estava ao lado de seu pai, quando o rei tinha audiências com os plebeus. Eu tive uma disputa de propriedade com o meu senhorio que era da *glymera*. O rei tomou conta de mim sobre esse aristocrata, eu lhe digo. — Um ar de tristeza superou toda a aura do macho. —Eu me lembro quando o rei e a rainha foram mortos. Estávamos certos que o herdeiro tinha sido abatido também — na época nós não sabíamos o contrário... que este Wrath havia ido embora.

—Ouvi dizer que ele foi baleado recentemente, — o capataz disse a Rhage. —É verdade?

—Nós não falamos sobre isso.

O capataz se curvou. —Claro. Eu peço desculpas.

—Como eu disse, está bem, não se preocupe. Vamos, JM, vamos deixar esses caras trabalharem. — Quando John assentiu, Rhage acrescentou. —Avisem se vocês precisarem de alguma coisa.

John acompanhou o Irmão, mas depois parou na divisão entre as chapas. Os operários ainda estavam olhando para onde Wrath havia estado em pé e falado com eles, como se estivessem repetindo tudo. Como se tivessem sido testemunhas de um acontecimento histórico.

Saindo, ele se perguntou se Wrath estava ciente do efeito que tinha sobre eles.

Provavelmente não.

Capítulo 57

Quando Anha sentou-se em sua penteadeira ela não sentia nada, apenas um pouco de cansaço persistente de seu incidente: A cada noite que passava, sentia-se mais como si mesma, seu corpo se recuperando, sua mente se reformulando.

Mas tudo havia mudado.

Primeiro, a Irmandade foi colocada na câmara ao lado. Todos os doze. Revezando o seu serviço de tal forma que a porta dos aposentos privados dela e de Wrath, nunca ficasse sem guarda.

E em seguida, foi a comida. Wrath se recusou a deixá-la comer qualquer coisa que ele ou os Irmãos não tivessem pessoalmente provado primeiro — após um período de espera.



E depois havia a preocupação no rosto de seu hellren, toda vez que ela o olhava de surpresa. Falando de preocupação, onde ele estava?

— Seu Rei deve voltar muito em breve.

Ela suspirou e olhou por cima do ombro. Tohture estava sentado no canto, "lendo" um livro de sonetos. Na verdade, ela não achava que ele registrava os símbolos de toda forma. Em vez disso, seus olhos estavam nas janelas bloqueadas, na porta, nela, nas janelas, nas portas, nela. Em algumas ocasiões, ele quebrou o ritmo ao falar com um de seus irmãos ou degustando os alimentos que foram colocados na lareira.

— Para onde ele foi? Ela perguntou mais uma vez.

— Ele deve voltar em breve. O sorriso era para ser reconfortante. Mas sombra em seu olhar certamente não era.

Anha estreitou os olhos. — Ele não explicou nada disso.

— Tudo está bem.

— Eu não acredito em você.

O irmão apenas sorriu para ela daquele jeito dele, não lhe dando nenhuma pista.

Anha largou a escova e mudou de assunto. — Ele acha que fui envenenada, então. Caso contrário, por que essa proteção. A comida. A inquietação.

— Está tudo bem.

No momento em que ela levantou as mãos em frustração, a porta se abriu.

Ela ficou de pé tão rápido, que sua penteadeira balançou, garrafas e potes tombando. — Querida Virgem Escriba! Wrath!

Levantando as saias, correu descalça pelo assoalho de carvalho em direção ao horror diante dela: Pendurado entre os braços de dois irmãos, seu companheiro estava sangrando em toda parte, um filete descendo da frente de seu lábio cortado e seu rosto contundido, os nós dos dedos pingando sobre o tapete, com a cabeça pendurada mole como se não pudesse levantá-la.

— O que vocês fizeram com ele! Ela gritou enquanto a porta da câmara era fechada e trancada.

Antes que ela pudesse parar a si mesma, ela bateu os punhos naqueles que o seguravam, sem causar nenhum impacto à medida que o levavam para a plataforma da cama.

— Anha ... Anha, pare ... Enquanto eles ajeitavam Wrath, sua mão esquerda se levantou. — Anha ... detenha-se.

Ela queria apertar sua mão e agarrar-se a ele, mas ele parecia machucado por toda parte. — Quem fez isso com você?!

— Eu pedi para eles.

— O que?

— Você me ouviu corretamente.

Sentando-se, ela descobriu que agora tinha vontade de bater nele também.

A voz de Wrath estava tão fraca, que ela se perguntava como ele ainda estava consciente. — É um trabalho que precisa ser feito. Por minhas próprias mãos. Ele flexionou-as e fez uma careta. — Ninguém mais será suficiente.



Anha olhou para seu companheiro – em seguida, fez o mesmo com os machos agregados, bem como os que tinham chegado recentemente, claramente chegando após terem ouvido os gritos.

— Você devem se explicar o agora, ela gritou. — Todos vocês. Ou eu vou sair deste quarto.

— Anha. A voz de Wrath estava ilegível e ele estava tendo problemas para respirar. — Seja razoável.

Ela se levantou e colocou as mãos nos quadris. — Estou arrumando minhas coisas, ou você vai contar para mim?

— Anha.

— Fale ou faço as malas.

Wrath soltou uma maldição irregular. — Não há nada para você se preocupar.

— Quando você vem à nossa câmara de acasalados parecendo como se você tivesse sido atingido por uma carruagem, é muito da minha conta! Como se atreve a me excluir disso!

Wrath levantou a mão como se fosse esfregar seu rosto e em seguida, fez uma careta quando o contato foi feito.

— Acredito que o seu nariz está quebrado, disse ela, sem rodeios.

— Entre outras coisas.

— De fato.

Wrath finalmente olhou para ela. — Vingarei você. Isso é tudo.

Anha se ouviu ofegar. E, em seguida, seus joelhos ficaram fracos e ela sentou-se de volta na plataforma da cama. Ela não era ingênua, e mesmo assim ouvir a confirmação do que ela suspeitava, foi um choque.

— Então, é verdade. Me fizeram ficar doente.

— Aye.

Observando as lesões feitas ao seu hellren com outros olhos, ela balançou a cabeça. — Não, não vou permitir isso. Se você deve ter a vingança forjada, deixe um desses homens capazes fazê-lo.

— Não.

Ela olhou para a mesa pesada esculpida no meio do recinto, aquela que tinham recentemente mudado para cá, aquela em que ele sentava-se tão feliz por horas e horas no poder, pensando, planejando. Em seguida, ela considerou o rosto deformado.

— Wrath, você não está apto para os 'prazeres' de um obrigação violenta, disse ela com voz rouca.

— Eu devo estar.

— Não. Eu te proíbo.

Agora, ele por cima dela. — Ninguém comanda o Rei.

— Exceto eu, ela respondeu suavemente. — E nós dois sabemos disso.

Causando uma risada suave na sala — de respeito.

— Eles fizeram o mesmo com o meu pai, disse Wrath em voz morta. — A não ser que o envenenara, ao ponto de sua morte.



Anha levou a mão à garganta. — Mas não ... ele morreu de causas naturais.

— Não morreu. E como o filho, eu sou obrigado a corrigir esse erro – bem como seu. Wrath enxugou um pouco do sangue de sua boca. — Ouça-me agora, minha Anha, e ouça esta verdade claramente ... Eu não serei castrado nisso por você ou por qualquer outro. A alma de meu pai me assombra agora, andando pelos corredores da minha mente, falando comigo. E você deverá fazer o mesmo se eles finalmente conseguirem colocá-la em seu túmulo. Eu estou fadado a viver com o passado. Não espere que eu faça o mesmo uma segunda vez.

Ela inclinou-se com urgência. — Mas você tem a Irmandade. É para isso que eles servem, como eles servem. São a sua guarda particular.

Enquanto ela implorava para seu companheiro, o grande peso e número de machos a pressionavam-na no melhor sentido.

— Ordene-os ela implorou. — Envie-os para o mundo para saldar essa dívida.

Sua mão ensanguentada se levantou, e ela pensou que era para apertar a sua mão. Em vez disso, pousou sobre seu vestido, abaixo do corpete ... sobre seu ventre.

— Você tem um bebê, disse ele asperamente. — Posso cheirar isso.

Ela também estava pensando o mesmo, embora por razões diferentes.

O olho que funcionava de Wrath encontrou os dela. — Então não posso permitir que outros façam o que é o meu dever. Mesmo se eu pudesse considerar, você saber que eu fui tão fraco ... Eu nunca poderia olhar para o rosto de um filho ou uma filha com a consciência de que me faltou a coragem para cuidar de minha linhagem.

— Por favor, Wrath ...

— Que tipo de pai eu seria então?

— Aquele que está vivo.

— Por quanto tempo, no entanto? Se eu não proteger o que é meu, será tirado de mim. E não vou perder a minha família.

Vencida, Anha sentiu as lágrimas caírem por suas bochechas, queimando seu rosto.

Descendo a testa até o diamante negro ensanguentado do anel do rei, ela chorou.

Pois em seu coração, ela sabia que ele estava certo – ela odiava o mundo em que viviam... e estariam, com o tempo, trazendo um bebê para ele.

Capítulo 58

No centro da cidade, no coração urbano de Caldwell, Xcor correu em uma explosão de velocidade em um beco, suas botas de combate esmagavam o pavimento, lama salgada e suja, ar frio correndo em seu rosto, sirenes e gritos distantes, oferecendo uma espécie de narração para esta batalha.

Mais à frente, o matador estava correndo, e era tão rápido quanto ele, entretanto, o bastardo não estava tão bem armado, especialmente depois que esvaziou a sua arma e, em seguida, após lutar como um garoto de quinze anos de idade, perdeu para Xcor.

Grande movimento. Estava agora lá em cima, chorando por sua mãe.

E então outra perseguição continuou adiante.

Xcor estava disposto a permitir que o *lesser* fugisse, até que seu coração se esgotasse. Desde que esta fuga não levasse ao tipo de complicação que havia ficado em seu caminho na outra noite.

Ele não tinha interesse de colocar em campo, um outro ser humano.

Depois de mais um quarto de milha ou menos, o assassino chegou ao final do beco, e ele foi forçado a tentar saltar, jogando seu corpo por cima de uma cerca de vinte metros de altura, pelo elo da corrente e iniciar a escalada com uma calma admirável.

Então, novamente, o Omega tinha lhe dado uma espécie de superpoder após sua indução.

Não que ele fosse salvá-lo.

Xcor deu três passos, pulou e armou seu corpo no ar, o seu peso navegando para cima e pousando, perto das costas do *lesser*, um pouco antes do assassino atingir o ápice da cerca. Bloqueou e o puxou forte, agarrando o morto-vivo, livre da sua arma, torceu o corpo no ar, de tal forma que caíram com Xcor no topo.

Sua foice gritou para ser solta e ser jogado. Mas em vez de soltá-la, soltou seu priminho de seu quadril.

O facão tinha um cabo de aço e uma base de borracha, e parecia como uma extensão de seu braço, quando a levantou no ombro.

Agora, ele poderia acabar com isso rapidamente, apontando para o meio do peito. Mas onde estava a diversão nisso? Dominando o rosto, puxou a cabeça para o lado e arrancou a orelha.

O grito resultante era um tipo de música, ecoando em seus ouvidos.

—Do outro lado, — resmungou, forçando a cabeça ao redor. —É preciso corresponder.

A lâmina do facão assobiou pelo ar uma segunda vez, a precisão de Xcor era perfeita, o apêndice carnoso foi tocado. E a dor foi o suficiente para incapacitar a presa, bem, isso e o fato de que certamente o assassino sabia que o que estava por vir ia ser muito pior.

O medo tinha um jeito de levar à paralisia.

E o morto-vivo estava aterrorizado.

Em uma série rápida de cortes, Xcor trabalhou seu caminho para baixo do corpo, atingindo a lâmina profundamente em cada ombro para cortar os tendões e incapacitar o tronco e, em seguida, seguir com as costas dos joelhos.

Sentado, ele viu o outro se contorcendo e respirou o cheiro, bem como o sofrimento: ser a causa da dor alimentava sua besta interior, uma refeição consumida pelo lado mau dele, que o deixou com fome para mais.

Tendo um pouco mais de tempo, ele decidiu cortar o pé esquerdo lentamente. Com metade da força, ele cortou uma, duas... três vezes antes de a lâmina cortar completamente. O pé direito foi tão vagaroso quanto o outro.



No meio de seu trabalho, sua mente se retirou para pensamentos que tinha certeza que iria deixá-lo ainda mais depravado.

Ele não parava de pensar sobre o fim do prazo de Wrath. Tyhm, o advogado, tinha feito uma avaliação posterior do documento de acasalamento para a dissolução e o considerou legal, mas Xcor sabia que a coisa já havia sido acertada.

Não diga a ele que o rei não havia assinado nessa linha, logo que o pergaminho não confiável, havia pousado em cima de sua mesa.

Movendo-se para abaixo, de joelhos, ele continuou com o seu trabalho, e o ritmo o lembrou do *Antigo País*, quando cortava madeira, para lidar com a sua frustração.

A pergunta que ele queria fazer era, até que ponto aquele pedaço de papel iria intervir? O Rei iria, de verdade, se virar contra a sua companheira?

É um vínculo de amor.

Quando ouviu a voz de sua Escolhida em sua cabeça, uma onda de poder o alcançou, o levou mais um tempo nas coxas da presa. Não há mais porque se atrasar agora, jogou seus músculos em seu trabalho, batendo através da pele e osso, sangue negro espirrou em seu rosto, seus dentes estavam arreganhados.

O matador estava arranhando através da neve do pavimento, as unhas rasgando o asfalto abaixo, gritando até que secou a sua garganta, o choque e a mutilação, deixando a sua respiração e os batimentos cardíaco, praticamente inanimado.

Mas ele não iria morrer assim.

Na verdade, só havia uma maneira de matá-lo.

Xcor o reduziu em pedaços, deixando apenas a cabeça ligada a um bloco do tronco, poças de sangue negro formando os quatro pontos cardeais de onde os membros foram extraídos.

Quando não havia mais nada para cortar, Xcor sentou-se sobre os pés e fez uma pausa. Não era tão divertido, agora que o matador estava comprometido. O sofrimento ainda estava lá, mas não era tão óbvio.

No entanto, não queria que essa obra sua chegasse ao fim. Como um viciado, já não era mais o suficiente para suas necessidades, no entanto, não conseguiu terminar de fato.

Quando seu telefone tocou, estava determinado a ignorá-lo. Não queria ouvir de Ichan, a putaria aristocrata, que tinha deixando mensagem após mensagem, tentando recuperar seu quase trono. E então poderia se Tyhm, também chamando.

Sua pequena cabala fracassou, e a mente de Xcor ainda tinha que inventar a próxima abordagem.

Levantando o facão para o alto, enterrou a lâmina de aço afiada no peito vazio, e imediatamente protegeu os olhos e o rosto do flash brilhante de luz e explosão de calor.

Quando foi derrubado com o impacto, seu telefone começou a tocar novamente.

—Maldição. —Espetando a mão no bolso interno, tirou o dispositivo *irritante*—O..

Houve uma pausa, e então a voz mais doce que já havia ouvido entrou em seu ouvido.

—Eu estou esperando por você.



Xcor ficou seduzido, e quase ficou prostrado no chão. Fechando os olhos, exalou. —Estou indo.

—Você não veio antes, como você havia dito.

Não era verdade, assim que pode despistar os Bastardos, encontrou as pegadas de sua Layla na neve. Ela deve ter voltado para seu lugar de encontro no entanto.

—Havia coisas que precisava fazer — Aquela porra de reunião e a agitação depois. —Mas isso não vai demorar mais. Tenha a certeza.

Ele queria ficar no telefone com ela, só que terminou a ligação, levantou-se, e olhou para baixo, e reconheceu que parte de sua raiva se perdeu com a chance de vê-la.

De repente, amaldiçoou. Os membros que tinha cortado em pedaços, não haviam sido incinerados.

No entanto, não iria limpar isso hoje à noite. O que quer que os seres humanos encontrassem dos restos, podiam desfrutar de algo que foi trabalhado lentamente.

Indo para o norte, ele se dispersou... Sobre o vento... E reaparecendo na base do prado. Imediatamente ele a viu, de pé debaixo daquela árvore gigante, uma figura pálida brilhando ao luar.

Em uma corrida, desmaterializou-se novamente próximo a ela, muito impaciente para superar a distância a pé. Mas sua mente estava muito confusa, para se concentrar bastante.

Saindo a esquerda, para atravessar a distância física, começou a andar, mas logo estava correndo... E, em seguida, flat... Outra desmaterialização.

Ela era a única meta que importava naquele momento, e quando chegou à sua frente, estava fora do ar.

Fora de sua mente.

No amor.

Layla levou uma mão até o nariz.

Xcor chegou até ela, e o cheiro que giravam em torno dele era vil, mas, tão adocicado que ela engasgou. E ele notou sua reação imediatamente, escondendo as mãos ensanguentadas nas costas e se afastando, para que ela não ficasse a favor do vento.

—Perdoe-me, disse asperamente. — Estava no campo.

Como não carregava o cheiro do sangue de sua espécie, ela suspirou de alívio. —Nosso inimigo?

—Sim.

—Então é o certo e apropriado.

Quando seus olhos queimaram, ela balançou a cabeça. —Eu não tenho nenhum problema com a sua defesa de nossa raça.

—Isso é refrescante.

Ela tentou imaginá-lo lutando e descobriu que não era difícil. Com seu pescoço grosso e seus gigantescos ombros, ele foi realmente criado para a violência. E, no entanto, mesmo com o fedor dos assassinados em seu corpo, ela não tinha medo.

—Esperei na neve por você, — ela sussurrou.

—Temia que você esperasse.

—Foi concluído. O Conselho sabe sobre Wrath, é isso.

Ele estreitou os olhos. —É por isso que você veio até aqui para me ver? Para tripudiar?

—Não, não. Estou apenas esperando...

Quando ela não terminou, ele cruzou os braços, o peito parecendo maior do que nunca.

—Coloque em palavras.

—Você sabe exatamente daquilo de que falo.

—Desejo ouvir as palavras.

—Deixe Wrath em paz.

Xcor a encarou, andando para trás e para frente.

—Me responda algo.

—Qualquer coisa.

—Isso não é uma resposta segura para você, Escolhida. Ele olhou por cima, com os olhos brilhando na escuridão. —Na verdade, esse encontro não é seguro para você.

—Você não vai me machucar.

—Você põe fé em um monstro.

—Você não é um monstro. Se você fosse, teria me matado naquela noite no carro.

—A minha pergunta é esta, — ele fugiu. —Será que Wrath honestamente abandonou aquela mulher dele? E você pode tentar mentir para mim, mas vou saber a verdade.

Talvez não, Layla pensava. Ela havia praticado sua resposta sobre o inquérito. Por horas.

Uniu seus olhos de forma firme, e disse, sem qualquer alteração de afeto: —Sim, ele o fez. O anúncio foi precedido, mas é verdade. Ele abriu mão de seu único amor, para guardar aquilo que você se esforça para roubá-lo.

Horas em frente ao espelho. Ela sentou-se em seu banheiro, no pequeno banco acolchoado, com o brilho de várias luzes, repetindo essas palavras uma e outra vez. Até que elas foram se tornando naturais, até que o seu significado se perdeu e se tornaram apenas sílabas. Até que pudesse falar a mentira, sem hesitação ou tropeço.

E ela sabia que dar a verdade parcial, era a sua maior credibilidade.

—Tal sacrifício, — ele murmurou.

Ele também não deu nada de graça.

Houve um longo, longo momento, só as batidas de seu coração e o silêncio.

—Deixe esta missão profana para trás, — disse ela. —Por favor.

—E a sua oferta anterior, será que ainda está de pé.

Ela engoliu em seco. Em muitos níveis, ela não podia imaginar ter relações sexuais com ele. Ele era um inimigo certo, e havia um lado dele que era monstruoso. Além disso, ela nunca havia imaginado trocando seu corpo para alguma coisa.

E ela não era ingênua. Sim, ela havia sentido uma atração por ele, quando veio até ela no carro. Mas este era um negócio de proporções semelhantes a negócios.

Layla levantou o queixo para cima. —Sim. É exatamente isso.

—E se eu concordasse com os seus termos, teria que esperar o nascimento da criança? Ou poderia tomá-la imediatamente.

Com isso, a aromatização no ar mudou, uma especiaria escuro e apimentada, ultrapassou o mau cheiro que a tinha deixado mal.

Suas mãos foram para o seu ventre, um terror repentino de apreensão tomou conta dela. E se ela colocasse em perigo a criança crescendo dentro dela? Exceto que a outra Escolhida tivesse continuado com as relações como do Primale anterior, não precisaria. Para nenhum efeito.

—Você pode me ter sempre que quiser, — disse fracamente.

—E se eu quisesse aqui e agora, no frio, levantando completamente o seu vestido.

Seu coração trovejou, seu peito crescendo apertado quando reconheceu sua excitação e temia. Ainda assim, ela se manteve firme, saber do fato de que ela tinha algo que ele queria, e que com essa realidade, havia uma chance de Wrath e Beth, e qualquer criança ficarem seguros.

—Eu faria como você me pediu, — ouviu-se dizer.

—Tudo isso para o seu rei.

—Sim, para ele.

Xcor sorriu, mas era sem calor ou humor. —Vou considerar seus termos. Encontre-me aqui, no dia seguinte, à meia-noite, e eu lhe darei a minha resposta.

—Pensei que fosse por isso que você me chamou aqui esta noite?

—Mudei minha opinião.

Ela esperava que ele fosse se desmaterializar. Em vez disso, deu-lhe as costas e caminhou pelo mesmo caminho de onde veio, seus passos pesados aumentando a distância entre eles.

Ela fechou os olhos.

—O que você disse a ele? — uma voz masculina perguntou atrás dela.

Capítulo 59

Trez decidiu que já era o suficiente de besteira.

Quando desmaterializou de volta para o grande acampamento de Rehv, ele estava pronto para vir limpo, falar de forma simplificada, endireitar as coisas com sua Escolhida. Ele e Selena estavam circulando um ao outro por muito tempo, e agora que tinha algum espaço — para respirar, pelo tempo que durasse — precisava fazer a situação com a fêmea sua prioridade.

Junto com os apetites de s'Ex, é claro.

Foda-se! Aparentemente, esse executor tinha usado as meninas com tanta força que tinham sido incapazes de trabalhar esta noite. Havia obtido mensagens das três—e a boa notícia foi obtida, pelo menos, não pareciam se arrepender de uma maldita coisa: cada um deles perguntou se podia ver o executor novamente.

A este ritmo, estariam pagando-lhe para ver o filho da puta.



Inferno, ainda não tinha trazido o dinheiro que tinha concordado em pagar-lhes por seus esforços.

Retomando a sua forma no lugar habitual no gramado lateral, ele ficou aliviado ao ver uma luz acesa no quarto dela — e em nenhum outro lugar. Graças a Deus. Entrando na casa pelos fundos da cozinha, não chamou o nome dela, não fez um som. Em vez disso, andou sorrateiramente pela casa vazia, circulando até a base da escada, subindo de uma maneira que nenhum do degraus rangeram.

No final da escada, foi para a esquerda, e quando chegou à porta parcialmente fechada, podia sentir seu peito crescer apertado.

—Selena...?

O cheiro dela estava no ar; sabia que ela estava lá dentro.

—Selena — Ele empurrou a porta um pouco mais, e foi então que ouviu o som de água corrente.

Teve que abaixar a cabeça para entrar, e quando foi para a esquerda de novo, pegou a umidade do ar e o calor.

Ah... homem.

Encontrou-a na banheira. Encostada em uma toalha, o corpo estirado em uma profunda piscina de águas claras, com as mãos repousando sobre as laterais da antiga banheira de porcelana.

—Eu poderia ter me levantado, — disse ela, sem se preocupar em abrir os olhos. —Mas queria que você me visse nua.

Trez limpou a garganta com uma tosse, o que era o que você faz quando alguém lhe batia no estômago. —Ah... a gente pode falar?

—Penso que já falamos. — Suas pálpebras se levantaram e ela olhou para ele. —Ou há mais?

Com isso, ela moveu as pernas, ondulando a água sobre o corpo incrível, suas curvas aumentando como se ela estivesse se movendo... mamilos molhados e expostos ao ar.

—Há mais, — ele resmungou enquanto passava a língua nos lábios.

—Então, de qualquer maneira, puxe uma cadeira. A menos que ache que gostaria de se juntar a mim.

Puta *que* pariu. —Existe alguma maneira que eu possa ter você saindo daí. E vestida?

—Se você quiser faça você mesmo, por todos os meios, solte seus desejos.

Sim, porque tendo suas mãos sobre ela nua ia ser de muita ajuda.

Xingando baixinho, Trez se aproximou e pegou uma cadeira, porque, no final, estava com medo de que se ficasse em pé iria tropeçar e cair dentro com ela. Literalmente.

Quando se sentou, colocou as mãos no rosto e esfregou duro... e então tudo o que podia fazer era ficar assim.

A água fez um tilintar, como se estivesse se mexendo. —Trez? Você está bem?

—Não.

Houve tantas vezes em que sua vida quando tinha ido ao fundo do poço, quando as coisas que tinha feito ou tinham feito para ele, tinham voltado a mordê-lo na bunda. Nunca como isto.



Ele se levantou e se dirigiu para a porta. — Sim, pensei assim.

Lá fora, no campo coberto de neve, Layla virou-se. Ela estava prestes a gritar quando reconheceu o homem que havia saído detrás da grande árvore. Era o soldado, quem tinha sido ferido e levado para o centro de treinamento da Irmandade. O único que falhou em corrigi-la quando assumiu que ele era afiliado com os Irmãos.

A pessoa que a tinha trazido aqui para ajudar Xcor naquela noite há muito tempo.

— Sinto muito, — disse ele, inclinando-se, os olhos ainda sobre ela. — Isso não é uma saudação adequada.

Ela estava prestes a fazer uma reverência quando lembrou que ele não merecia o seu respeito. Ele, como Xcor, estavam do outro lado das coisas.

— Você está parecendo excepcionalmente bem nesta noite fria, — ele murmurou.

O sotaque não era nada igual ao de Xcor, cada palavra pronunciada perfeitamente, a voz bem modulada em vez de rude. Mas não se deixou enganar. Ele a usou como uma ferramenta, uma vez.

Não havia dúvida de que ele faria de novo.

— Então, que tipo de conversa teve com ele? — perguntou ele, que estreitou o olhar.

Layla puxou as vestes pesadas mais perto em torno de seu corpo. — Digo a você, se quiser saber, pergunte a ele, você mesmo. Se me der licença, vou me despedir.

A mão trancou em seu braço, em sua carne, e seu belo rosto escureceu ao ponto de ameaça. — Não, não penso assim. Quero que você me diga o que estava discutindo com ele.

Empurrando o queixo para cima, encontrou seu olhar. — Ele queria saber se era verdade.

Aquelas sobrelanceiras desceram, seu aperto afrouxou um pouco. — Como?

— O anúncio do divórcio. Ele queria saber se Wrath realmente o deu à sua rainha e assegurei a ele que era verdade.

O soldado deixou cair seu aperto. — Supondo que você possa ser confiável.

— Se posso ou não posso ser não muda a verdade. Você vai descobrir isso em outro lugar, tenho certeza.

Provavelmente não, na verdade, dada a falta de contato que a família tinha com o resto. Mas por ventura este homem não sabia disso.

— Então foi um acasalamento arranjado, e o Rei se preocupou por nada.

— Ao contrário, seu amor era óbvio para todos. Ele estava bem e verdadeiramente vinculado. — Layla forçou seus ombros para dar de ombros casualmente. — Mais uma vez, você vai ouvir isso de outras pessoas, eu tenho certeza.

Throe balançou a cabeça. — Então ele não poderia tê-la deixado ir.

— Talvez você devesse considerar isso contra quaisquer ambições que tenha para o trono. — Ela deu um passo para trás. — Um homem que deixa de lado sua companheira fará de tudo para manter o que os outros procuram tirar dele. O inimigo que você está procurando por suas ações não será derrotado, e ele virá para todos vocês. Marque a minha palavra.

— Coisinha feroz, você é.



—Mais uma vez, é apenas a verdade para que você descubra oportunamente. Ou não. De qualquer forma, não me incomoda.

Quando a deixou dar mais um passo para longe dele, pensou que havia uma boa chance de que ela ia ser capaz de sair.

—Havia algo mais, — disse ele. —Não havia?

—Não.

—Então por que ele não se desmaterializou?

Ela franziu a testa, não tendo pensado nisso. —Você vai ter que perguntar a ele.

—De nenhuma maneira. — Os olhos do soldado desceram em seu corpo. —E acho que posso adivinhar. Ele não é quem você pensa que é. Ele é capaz de traições que uma mulher como você não poderia começar a contemplar.

—Se você me der licença, estou me despedindo da sua companhia. — Ela fez uma reverência e depois se esforçou para se concentrar, foco, foco...

—Tenha cuidado.

Essas palavras a assombraram enquanto ela desaparecia do prado... e encontrou seu caminho de volta à entrada da frente da mansão.

Quando contemplou a porta pesada, um tremor passou por ela. Esse lutador lhe parecia mais aterrorizante do que Xcor: este último nunca iria machucá-la. Ela não sabia como tinha tanta certeza disso, mas era como a batida de seu coração, algo que podia sentir no centro do peito.

Esse outro homem? Não era o caso. De jeito algum.

Fechando os olhos, odiava em estar nessa posição com Xcor. Como ela passaria indo as horas antes de amanhã à meia-noite? E por que ele estava a fazendo esperar?

Ela já sabia qual resposta iria ser.

Capítulo 60

Selena colocou a túnica novamente. Completa, com roupas e tudo mais. Apesar do fato de que suas mãos tremiam tanto, que mal conseguia ajeitá-las.

Quando finalmente saiu para o quarto, encontrou Trez sentado em uma cadeira de espaldar reta na frente da mesa, que ela às vezes usava para escrever o diário. E, de fato, estava feliz que tinha fechado seu volume encadernado em couro depois que terminou com a passagem da última noite.

Era tudo sobre ele, naturalmente.

E ela tinha a sensação de que haveria adendo.

Ele olhou para ela, seus olhos escuros piscando por um momento. —Você está pronta para fazer isso agora?

Querida Virgem Escriba, de todas as coisas que achava que ele diria a ela... não era isso.

—Como você pode vendê-las... — disse ela asperamente.



Ele suspirou. —Elas querem o dinheiro. Eu faço isso acontecer. Eu as torno seguras.

—E elas... você é pago para isso também.

—Sim.

Ela teve de sentar-se antes que caísse e foi para a cama antes de pensar, *Não, não lá*. Em vez disso, escolheu o sofá que estava em frente à lareira. Sentou-se e enfiou os pés debaixo dela.

—Quanto tempo? — ouviu-se perguntar.

—Anos. Décadas. Primeiro eu era um supervisor. Agora sou o chefe.

—Não posso imaginar... isso.

Ele esfregou as têmporas. —Sei que você não pode.

Abruptamente, Selena encontrou-se lutando para ficar parada. Sua bússola interna estava girando em torno tão rápido, que mal conseguia formar uma frase. —Quer saber? Apenas me diga tudo. No momento, minha cabeça está imaginando todos os tipos de coisas horríveis.

—A pior parte é que estive com algumas milhares de mulheres. Facilmente.

No começo, ela pensou, Não, ela não poderia ter ouvido isso certo. Mas a onda de frio que passou por ela sugeriu, na verdade, sugeriu que havia entendido direito.

—Mil, — ela disse fracamente.

—Isso é uma estimativa conservadora. Poderia estar perto de dez. Mil, isso é. Merda, talvez até mais.

Selena piscou. Ok, quando ele tinha mencionado anteriormente que tivera — muitas — humanas mulheres? Ela tinha pensado que era uma dúzia, no máximo. Mas os números que estava falando? Mesmo para os padrões *ehros*, eles eram... insondáveis.

Quando ela tentou imaginar todos os diferentes cenários que poderiam ter...—Alguma dessas mulheres você...

—Sim. Por um longo tempo, não iria vender uma prostituta, até que eu a tivesse.

Quando uma onda de náusea alojou em seu estômago, tudo que Selena podia fazer era olhar para ele.

—Você está certo, — ela ouviu-se dizer. —Eu não te conheço.

—Deus, Selena, estou tão fodido e arrependido — nunca deveria ter estado com você. Não porque não a queria, mas porque eu... bem, sim, porque sabia que essa seria a reação que você teria, se lhe dissesse a verdade. E, na verdade, ontem à noite, vim aqui para tentar explicar, mas então eu só...

Ela colocou o rosto entre as mãos, imagens dele a beijando, acariciando, levando-a, a atingiu como golpes. —Acho que vou ficar doente.

—Eu não culpo você, — disse ele friamente.

E ainda não havia nenhuma razão para reformular a realidade como uma maneira de recuperar a virtude que tinha perdido de boa vontade. —Eu o seduzi. — Deixou cair as mãos. — Pedi tanto por isso.

—Não, isso não é totalmente verdade.

—Basta parar.

—Ok. Sinto muito.

Então era ela. Porque a triste verdade era que tinha gostado de estar com ele. De fato, enquanto estava acontecendo, tinha estado numa espécie de paraíso. Infelizmente, essa ilusão era tão passageira como o ato, e agora tudo acabou? O prazer era como se nunca houvesse existido.

—Selena, tudo o que você está pensando, pode dizer.

—Gostaria de ter nascido em outra vida, — ela desabafou. —Teria gostado de me apaixonar por um único macho e encontrar um lugar humilde no mundo com ele. Não acho que teria procurado por qualquer coisa assim, não importa o quão pouco que tivéssemos.

—Isso ainda pode acontecer para você. — Sua voz tornou-se totalmente suave. —Isso pode acontecer, qualquer macho iria gostar de você.

Ah, sim, mas só havia uma pessoa *que ela* queria. E mesmo que Trez houvesse sido um santo, isso ele claramente não era, ela ainda estava fora do tempo.

—Está tudo bem. — Ela lutou para conter as lágrimas e foi bem sucedida. Afinal, logo estaria sozinha. —É o que é. Aprendi há muito tempo, não há nenhuma negociação com o destino.

Eles ficaram em silêncio por mais tempo.

—Eu não a amo, — ele trincou os dentes. —Eu não sei porque sinto que tenho que dizer isso, mas eu tenho.

—Por aquela com quem você vai se acasalar? Sim, você disse isso antes. — De repente, ela olhou em todo o caminho para ele, observando a cabeça abaixada, sua aura de tristeza. —Irônico, mas não somos tão diferentes, você e eu

Quando seus olhos voltaram para os dela, ela deu de ombros. —Eu não tive nenhuma mão em meu destino, tampouco. A tragédia é que algumas coisas nos seguiu como sombras, elas estão conosco onde quer que vamos.

—Sim. Eu nunca me importei com isso. Até que conheci você.

Pensou no cemitério do Santuário, em suas irmãs que haviam sido relegadas à uma vida útil mais curta, e tivera que esperar a morte em uma prisão de seus próprios corpos. Então ela se lembrou da sensação dele se movendo dentro dela, o calor líquido que fluía ao longo de seus músculos e ossos.

—Será que você as amava? — ela perguntou.

—Quem? Ah, as mulheres... não. Nunca. Nenhuma delas. Inferno, metade do tempo realmente não as apreciava. — Ele estalou o pescoço enquanto os músculos do ombro estavam se endurecendo novamente. —Realmente não sei o que diabos estava pensando. Estava fora de controle e apenas tentando sair da minha própria cabeça. O problema é que todas as mulheres estão dentro de mim agora.

—Dentro...?

—Meu povo acredita que se você pode envenenar a si mesmo se você tiver... se estiver com as pessoas do jeito que eu estava. Então me envenenei. — É serei comida até que não haja nada aqui.

Quando ele tocou o centro de seu peito, ela percebeu que estava, de fato, oco, a luz desapareceu de seus olhos, a animação faltando em seu corpo, sua aura dissipada como se nunca tivesse existido.



Tomada pela tristeza, ela balançou a cabeça. —Você estava errado.

—Sobre o quê?

Então ele estava vazio... vazio até a sua alma. —O que vejo agora... é a pior parte de tudo isso.

Assail estava nas margens do Hudson, e estava mais uma vez vestido de preto com uma máscara preta sobre o rosto. Atrás dele, Etric estava em silêncio e com atenção, usando os mesmos artigos de vestuário.

Ambos tinham armas em suas mãos.

—Estão atrasados, — seu primo disse.

—Sim. — Assail disse duro. —Vamos dar-lhes cinco minutos. Nem mais um.

À esquerda, a cerca de quatro metros para a linha de árvores, seu Range Rover à prova de balas estava perto do rio, Evale no assento do motorista com o motor ligado.

Assail olhou para o céu noturno. Depois de uma tempestade de neve mais cedo, a lua agora tinha algumas nuvens preguiçosas derivando ao longo de seu rosto, e ele esperava que ficassem assim muito mais tempo. Não precisavam de luz — embora o local fosse de uma forma discreto o suficiente: remoto, em uma curva na linha da costa, com a floresta vindo quase até à borda do rio congelado. Além disso, a forma como era irregular, acidentado mal havendo uma pista, até mesmo o SUV lutou no modo off-road¹⁶⁴.

—Estou preocupado com você.

Assail olhou por cima do ombro. —Por quê?

—Você não dorme.

—Não estou cansado.

—Você está usando muita cocaína.

Assail virou e rezou para a aparição de quem esperavam, por uma nova razão. —Não se preocupe, primo.

—Você sabe se elas chegaram bem ao seu destino?

Fazia tanto tempo que Etric tinha perguntado, que Assail teve que girar em torno mais uma vez. E, de fato, seu instinto primário foi interromper o inquérito para baixo rapidamente, mas a verdadeira preocupação naquele rosto duro o deteve.

Ele retomou assistindo à água gelada fluindo lentamente. —Não, eu sei.

—Você vai ligar?

—Não.

—Nem mesmo para se certificar de que estão seguras?

—Ela não desejava isso. — E os porquês dessa espera pelo Hudson era a prova da solidez de sua decisão em deixá-lo. —Uma separação é isso.

Mesmo que ele ouvisse o vazio em sua voz.

Deus, desejou pelo inferno, que nunca houvesse encontrado aquela mulher.

¹⁶⁴ Fora da Estrada. Designa atividades variadas praticadas em locais ruins, cheio de lama, lugares irregulares.

O som era primeiramente indistinguível dos ruídos noturnos do ambiente, mas o zumbido rapidamente se tornou distinto: Vindo da esquerda, anunciava que, talvez, a espera houvesse acabado.

O barco de pesca que flutuava abaixo no rio era quase como uma folha flutuando e tão silencioso. Conforme previsto, havia três homens dentro, todos eles vestidos em roupas escuras, e cada um tinha uma linha profunda no rosto, como se estivessem fazendo algo mais do que viajar no mar aberto por uma refeição.

Desceram do barco.

—Capturaram alguma coisa? — Assail perguntou como tinha sido.

—Três truta.

—Eu tive duas na noite passada.

—Eu quero mais uma.

Assail balançou a cabeça, colocando a arma e dando um passo à frente. A partir desse momento, tudo ficou em silêncio e com velocidade: uma lona foi levantada e quatro mochilas mudaram de mãos, movendo-se do barco para ele e, em seguida, para Ehric — que pendurou em seus ombros. Em troca, Assail passou uma maleta de metal preta.

O mais alto dos homens colocou o código que lhe havia sido dado, abriu a tampa, inspecionou a disposição dos pacotes, e acenou com a cabeça.

Houve um aperto de mão rápido... e depois Assail e Ehric recuaram para as árvores. As mochilas foram para o porta malas, Ehric no banco de trás, Assail no banco do passageiro.

Enquanto se dirigiam para fora, passando de volta sobre a pista esburacada, as janelas estavam fechadas para bloquear todos os sons ou cheiros.

Não havia nada.

Quando saíram para a estrada, pararam e esperaram escondidos nas árvores. Sem carros indo ou vindo. A costa, como se dizia, estava clara.

No comando de Assail, ligaram o carro e partiram para a noite.

Com cinco mil dólares de cocaína e heroína.

É, até aqui tudo bem.

Depois de extrair tudo, de ambos os telefones de Benloises, havia vasculhado os números e as mensagens — particulares ou internacionais. Ele encontrou dois contatos na América do Sul com os quais parecia haver muita comunicação, e quando ligou do telefone de Ricardo, foi encaminhado para uma rede de conexões seguras, um número de cliques que soou antes de uma adequada campanha tocar.

Desnecessário dizer que houvera uma boa dose de surpresa depois que Assail se apresentara e tinha explicado o propósito da sua chamada. Benloise tinha, no entanto, informado a seus compatriotas de seu novo e maior cliente — por isso não foi um completo choque para eles que aquele tinha sido uma vez o intermediário — que tinha se tornado supérfluo... e foi eliminado.

Assail lhes tinha oferecido um acordo para iniciar o relacionamento corretamente: Um milhão em dinheiro, para meio milhão em produto como um gesto de boa-fé.

Parcerias tinham que ser cultivadas, apesar de tudo.



E ele tinha aprovado os homens enviados para fazer a transação. Eles estavam bem à frente dos bandidos de rua de Benloise, e eram totalmente profissionais.

Agora, ele e seu primo simplesmente tinham que dividir o produto para a venda de rua, e se conectar com o *Forelessor* para distribuição. E o negócio poderia recomeçar como se Benloise nunca houvesse existido.

Perfeitamente projetado.

—Isso correu bem, — disse Ehric quando entraram na estrada que iria levá-los para casa de vidro de Assail.

—Sim.

À medida que dirigiam, ele olhou para fora da janela, observando as árvores passarem. Uma casa. Uma cabana de caça.

Ele deveria ter estado mais satisfeito. Isto iria, afinal, abrir um enorme potencial de ganhos. E ele amava o dinheiro e todo o seu poder. Na verdade, sempre o amou.

Em vez disso, a única coisa em sua mente era a preocupação sobre onde sua mulher estava e se de fato, tinha reduzido Miami a apenas um pedaço, com a avó dela.

E não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

Ela tinha ido embora.

Para sempre.

Capítulo 61

Quando Beth acordou, a primeira coisa que fez foi um exame em seu corpo para o impulso de correr para o banheiro. Quando virou, viu que não ia acontecer, e empurrou-se na vertical e balançou os pés no chão. Quanto tempo dormiu? As persianas ainda estavam levantadas então não era ainda a luz do dia, mas cara, se sentia como se tivesse estado fora por alguns dias.

Olhando para si mesma, colocou as mãos em sua barriga.

Caramba, ela não se lembrava de engolir uma bola de basquete.

Sob as palmas das mãos, a barriga estava inchada e dura, saliente de tal forma que duvidava que seria capaz de puxar suas calças.

Seu primeiro instinto foi pegar o telefone e ligar para a Dra. Jane, mas depois desistiu e ficou de pé.

—Sentindo bem, — ela murmurou. —Sentindo muito bem...

Quando foi até seu armário, se sentiu como se seu corpo era uma bomba preste a explodir e, cara, odiava: Não tinha ideia de quanto ela deixou de se preocupar com sua saúde, até que ela deliberadamente tentou complicar-se.

Por nenhuma razão aparente, o Rubi Saturnino escorregou diretamente fora de seu dedo.

Olhando para baixo, viu o anel saltar no tapete e franziu o cenho quando se agachou e pegou a coisa. Ela e Wrath os haviam trocado de volta para sua conveniência porque ambos



havam lutado com algo que não se encaixava e os símbolos de seu casamento faziam sentido, não importava de qual lado eles estavam.

Ou de cair, como era o caso.

—Que diabos — ela respirou.

Como iria colocar a coisa de volta, percebeu que seus dedos estavam positivamente esqueléticos, a pele esticada sobre os nós dos dedos nodosos e uma palma afundada.

O coração começou a martelar, ela correu para o espelho do banheiro, acendendo as luzes.

Beth suspirou. O reflexo olhando para ela estava todo errado, tudo totalmente malditamente errado. Durante a noite, literalmente, seu rosto havia sido escavado, toda a gordura passado de suas bochechas e têmporas, queixo afiado como uma faca, os tendões em seu pescoço destacando-se em relevo indisfarçável.

Um medo gritante espetou no peito. Especialmente quando levantou o braço e puxou a pele em seus tríceps. Solta. Totalmente solta.

Era como se tivesse perdido vários quilos em questão de horas — exceto pela a sua barriga.

Tentando não enlouquecer completamente, se dirigiu para o armário para encontrar algo que pudesse usar. No final, vestiu uma calça de moletom com cordão, e uma das poucas camisas de botão de Wrath.

Pelo menos seus chinelos se encaixavam perfeitamente.

Descendo para o patamar do segundo andar, ela colocou a cabeça no escritório e não encontrou Wrath no balcão. Talvez estivesse trabalhando?

Estava descendo a escadaria quando o encontrou.

Ele e George estavam saindo da sala de jantar, juntamente com uma série de *doggen*, carregando todos os tipos de bandejas de prata em toda a representação da macieira em flor.

No segundo que ele pegou o cheiro dela, parou. — *Leelan!* Tem certeza que você deve estar de pé?

O cheiro da comida era um inferno de uma distração: o pico da fome que tinha, era resposta suficiente para parar em seu caminho.

—Ah... sim, me sinto bem. Estou com fome, na verdade.

Além de a matar de susto.

Enquanto o pessoal continuou a levar para a sala de bilhar, e colocando algumas folhas de plástico pesado, Wrath se aproximou do final das escadas. —Vamos levá-la para a cozinha.

Indo para se juntar a ele, deixou-lhe segurar seu braço, e apoiou-se em sua força, tomando uma respiração profunda, alívio. Ela provavelmente apenas imaginou tudo lá em cima. Sério? Provavelmente.

Merda. —Sabe, eu dormi bem, — ela murmurou, como para se tranquilizar. O que não deu certo.

—Sim?

—Hum-hum.

Juntos, passaram pela longa mesa de jantar, e entraram pela porta no canto mais distante. No outro lado, iAm estava mais uma vez no fogão, mexendo uma grande panela.

O Sombra virou e imediatamente franziu a testa enquanto olhava para ela.

—O que? — Ela colocou as mãos em seu estômago. —O que é?

—Nada, — disse ele, batendo com a colher de pau na cuba de aço. —Vocês dois, comem canja de galinha?

—Oh, sim, isso soa perfeito. — Beth pulou sobre um tamborete. —E talvez um pouco de pão.

Fritz materializou-se a seu lado com uma baguete e um prato com manteiga. —Para você, senhora.

Ela teve que rir. —Como você sabia?

Quando Wrath se sentou no banco ao lado dela, George parou entre eles. —Eu já o tinha preparado.

Uma tigela de sopa fumegante deslizou na frente dela pelo Sombra. —Aproveite.

—Ele também? — Ela perguntou sobre iAm.

—Sim, o Sombra estava esperando também.

Pegando a colher que Fritz ofereceu a ela, cavou, consciente de que os três homens estavam olhando para ela —Wrath com tal intensidade, era quase como se tivesse a sua visão de volta.

—Mmmmm, — ela disse e quis dizer isso. A sopa estava perfeita, simples, não muito pesada e quente, quente, quente.

Talvez seria porque precisava e não tinha comido por algum tempo?

—Então, o que está acontecendo na sala de bilhar, — ela perguntou, para tentar distrair os homens.

—Estão limpando o que deixei pra trás.

Ela fez uma careta. —Ah.

Wrath pegou a baguete e rompeu o final duro, colocando-o de lado. Em seguida, cortou para ela o pedaço mais macio no meio, e crocante por fora e colocou manteiga.

A combinação era ótima com a sopa.

—Gostaria de algo para beber? — perguntou Fritz.

—Vinho? — iAm disse — antes de parar a si mesmo. —Não, não vinho. Leite. Você precisa do cálcio.

—Boa ideia, Sombra, — Wrath entrou na conversa quando acenou para Fritz. —Faça isso.

—Não, não, isso vai me fazer enjoar. — Não querendo parar todos eles em seus caminhos. —O que era verdade antes de tudo, bem, você sabe. Mas o desnatado soa bem.

E assim foi, os três esperaram por ela: mais sopa? iAm encheu outra tigela novamente, imediatamente. Mais pão com manteiga? Marido estava dando isso. Mais leite? O mordomo correu para o refrigerador.

Estar rodeada de todos os normais realmente ajudou acalmá-la. Mas sentiu a necessidade de tentar definir o limite antes que eles a alimentassem até que explodisse.

—Meninos. Realmente aprecio tudo isso, mas não sei se é uma gestação

Ela não chegou a terminar o pensamento, muito menos a frase.



De repente, tudo o que tinha comido se dirigiu para a saída de incêndio ao mesmo tempo, seu estômago contraindo sem aviso prévio.

Ela mal chegou ao banheiro a tempo.

Sim, tudo isso veio à tona, da sopa ao pão, tudo que comeu. E então, mesmo quando poderia ter jurado que não apenas o estômago, mas toda a sua cavidade torácica estava vazia, manteve-se curvada sobre o vaso sanitário até que seus olhos lacrimejaram, sua cabeça latejava, e sua garganta não era nada, além de uma bagunça que queimava crua.

—Ei, como estamos indo?

Claro, era Doc Jane. —Ei, o que está acontecendo?

Demorou um longo tempo antes que pudesse dizer qualquer outra coisa. E PS, ela realmente odiava como sons de engasgos ecoaram.

Quando houve uma pausa na ação, por assim dizer, ela descansou a testa suada quente em seu braço, estendeu a mão para se lavar de novo... e descobriu que não tinha energia para puxar a alavanca para baixo.

—Acho que nós precisamos ir ao médico, — disse Jane.

—Pensei que você fosse uma, — Wrath falou.

—Será que temos? — Beth perguntou.

Conforme Wrath ficou fora do banheiro esperando pelo pessoal da cozinha, estava pronto para gritar com a sua falta de visão: Não havia nada como ter a sua companheira na aflição médica para que você esteja chateado de ser cego.

Ela continuou vomitando.

Com suas pupilas de merda, não podia ver o rosto para obter uma leitura sobre sua coloração, sua expressão, seus olhos. E o seu sentido de cheiro afiado? Fora da janela, também, o vômito tinha entupido seu olfato, tornando impossível trazer à tona todos os indícios emocionais.

A única coisa que estava trabalhando? Suas orelhas — de modo que cada nova rodada de doença ia direto para seu cérebro.

—Ok, vamos, — Beth finalmente disse com voz rouca.

—Espere um maldito minuto, — ele gritou. —Ir para onde?

A voz de Jane estava normal. —Para o médico.

—Você é a porra de um médico.

A companheira de V colocou a mão em seu antebraço. —Wrath. Ela precisa de um especialista e nós encontramos um.

WTF—? Espere um minuto. —Isso *não* soa como Havers, — ele trincou.

—Não é. Ela é um ser humano.

—Ohhh não, não, não vai acontecer.

E outra sinalização que ia vomitar.

Por trás de seus óculos, ele fechou os olhos. —Foda-se.

Perante o cenário horrível de sofrimento de sua esposa, Doc Jane começou a dar-lhe todos os tipos de razões muito racionais porque sua *shellan* tinha de ser manuseada com cuidado. Mas,

Cristo, a ideia de que ela estaria indo lá fora no mundo humano, durante o dia, porque as malditas persianas estavam para baixo...

Quer saber? Ele realmente desejou que a vida o levasse fora de sua lista de merda. Ele estava ficando muito malditamente doente e cansado de situações invencíveis.

—... Mestiço, complicações desconhecidas, incapaz de fazer uma avaliação....

Ele cortou o pequeno discurso de Doc Jane. —Sem ofensa, mas não estou deixando a minha mulher ir lá sem reforços sérios, e ninguém pode sair desta casa agora.

—Então eu vou com ela.

Wrath olhou por cima do ombro para o som da voz do iAm. Seu primeiro instinto foi o de percorrer toda essa ligação masculina e dizer ao Sombra que agradecia, mas que ele iria. O problema era que ele não *tinha* nada, e só um idiota ficaria no caminho de sua companheira, para receber o tratamento médico que precisava.

Wrath deixou cair a cabeça para trás com uma maldição. —Tem certeza que ela precisa disso? — disse ele, não estando realmente certo que exatamente estava falando.

—Sim, — Doc Jane respondeu gravemente. —Estou totalmente certa.

iAm falou novamente. —Nada vai acontecer com ela no meu turno. Por minha honra.

Ele tinha a sensação de que Sombra estava lhe oferecendo a mão — e com certeza, quando Wrath estendeu cegamente — o outro homem agarrou.

—O que posso fazer por você? — Wrath se ouviu dizer.

—Nada agora. Deixe-me levá-la.

—Ok. Tudo bem. — Exceto que quando Wrath soltou e deu um passo para trás, ele não estava em paz com isto. Que outra escolha tinha, então?

Balançando a cabeça, pensou que por isso que ele não queria uma criança. Esta merda de gravidez *não* era para ele.

O que diabos iria fazer se ele a perdesse?

—Wrath, — Beth disse fracamente. —Wrath, onde você foi?

Como se ela soubesse a direção de seus pensamentos — tentou os afastar.

—Estou bem aqui.

—Você vai me levar lá em cima? Acho que deveria tentar me alimentar em primeiro lugar, e não quero fazer isso lá fora.

—Além disso, — Doc Jane murmurou, — preciso ligar e ver quando ela pode nos atender.

—Wrath? Leve-me lá em cima?

Estalando em ação, ele foi para frente e reuniu sua amada suavemente em seus braços, levantando-a do chão.

E o que sabia, de imediato, foi aterrado. Acalmou. Preparado para controlar sua merda, se isso poupasse Beth de se preocupar sobre ele.

—Obrigado... — ela sussurrou enquanto a cabeça pendia na dobra do seu braço.

—Por quê?

Ela não respondeu, até George os guiar para a base das escadas e Wrath começar a subir.

Sua resposta foi apenas uma palavra: —Por tudo.

Capítulo 62

Eram sete e vinte e três da manhã, quando Sola saiu em seu terraço e viu o oceano decentemente.

—Quase vale o percurso, — murmurou para si mesma.

Com o nascer do sol, a imensidão azul da água se fundia com a cor do céu da manhã, onde as nuvens alaranjadas da aurora marcavam o horizonte entre o céu e a terra.

Sentando-se em uma cadeira de gramado, ela gemeu quando todas as juntas que ela tinha, e algumas que não conhecia, reclamaram. Cara, ela estava rígida. Também, um total de 24 horas ao volante de um carro faria isso com uma garota. E não eram apenas os ossos que estavam doloridos. Sua perna direita estava tendo espasmos, como se estivesse considerando uma completa câimbra muscular — apesar do fato de que ela tinha usado o cruise control¹⁶⁵ um bom oitenta por cento do tempo.

Uau, o ar era suave e agradável aqui em baixo, mesmo em dezembro.

E a umidade era incrível. Sua pele estava bebendo positivamente o úmido ar seu cabelo, também, seu rabo de cavalo já enrolando nas pontas.

—Eu vou dormir agora, — sua avó anunciou.

Sola olhou para trás, pela porta de tela. —Eu também. Irei logo.

—Não fume, — veio a reprimenda.

—Eu parei há dois anos.

—E você não vai fumar de novo.

Com essa observação, sua avó balançou a cabeça e saiu da sala de estar.

Sola se concentrou no oceano. Sua casa em Miami era no quinto andar de um edifício antigo, o condomínio apenas um espaço desprezioso de mil e quinhentos metros quadrados que ela tinha comprado alguns anos atrás com todos os fundos e, depois, decorado na barato Rooms To Go¹⁶⁶. O complexo tinha uma piscina e campos de tênis — e era quase morto, com as férias se aproximando e as pessoas fugindo para voar para os estados do sul pelo resto do inverno.

Arqueando as costas, ela tentou aliviar um pouco a sua coluna. Não teve essa sorte. Ela provavelmente iria precisar de um quiropata após dessa viagem.

Ainda bem que ela nunca teria que se preocupar em fazê-la de novo.

Merda, isso era deprimente.

¹⁶⁵ Cruise control: Cruise control (controle de cruzeiro) é um sistema de medição de velocidade capaz de manter o carro em um valor estipulado, o que torna viagens longas mais confortáveis para o motorista. Assim o veículo passa a controlar o acelerador e deixa você mais livre para dirigir. Muitos carros importados ou modelos top de linha contam com o sistema já de fábrica. Em geral os comandos que ativam o controle automático de velocidade ficam no próprio volante e facilitam a direção em todos os sentidos, em especial nas estradas. <http://www.tecmundo.com.br/aumentar-desempenho/2910-car-tech-adaptive-cruise-control.htm>

¹⁶⁶ É uma cadeia de lojas de móveis com sede na Seffner na Flórida, com 106 lojas que operam no Alabama, Flórida, Geórgia, Louisiana, Mississippi, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Tennessee, Texas, Virginia e Porto Rico.



Colocando a mão no bolso de trás, ela pegou seu iPhone. Nenhuma chamada. Nenhuma mensagem.

Ela não tinha pensado que deixar Assail machucaria tanto. E, no entanto, ela não podia dizer que ela se arrependeu.

O que ele iria fazer agora, ela se perguntou. Provavelmente, dormir em após uma noite de dirigir e lidar com o lado sombrio da economia de Caldwell.

Ele voltaria para aquela mulher? Aquela que ela o tinha visto fodendo?

Fechando os olhos, ela respirou profundamente algumas vezes — e o fato de que ela podia sentir o cheiro da água salgada no ar ajudou. Ela não estava lá em cima mais, se recordou. Ela não estava mais com ele — não que eles realmente estivessem juntos.

Então, o que ele fez e com quem? Não seu problema.

Não mais.

Isso ia ficar bem, disse a si mesma quando ela colocou o telefone de volta e olhou para o oceano. Ela havia feito a coisa certa...

E, no entanto, mesmo assim, imagens de Assail perseguiam sua mente, se intrometendo e tomando conta da bela vista em frente a ela.

Inclinando-se, ela tocou sua coxa e, depois, apertou os dedos na bandagem. Quando a dor subiu em seu torso e correu até seu coração, ela disse a si mesma para se lembrar de como ela veio parar aqui. Por que ela se mudou.

Exatamente como suas orações tinham sido respondidas.

Sim, a viagem tinha lhe dado algo diferente de um corpo dolorido e um cérebro cansado: todas aquelas milhas de rodovia tinha feito maravilhas para sua perspectiva sobre tudo.

Ao norte, ela disse a si mesma que sua fuga tinha sido em sua própria direção.

Mas agora, com esse amanhecer na frente dela, os raios riscando por cima da água, os golfinhos brincando nas ondas da manhã... ela percebeu, não. Isso tinha sido uma desculpa.

Porque admitir para si mesma que ela acreditava em Deus era muito assustador, muito louco.

Longe de tudo o que ela tinha deixado para trás no norte, em um território neutro, onde ela estava começando de novo, ela era capaz de ser honesta consigo mesma. Essa oração que ela tinha oferecido, essa última, havia de fato sido respondida... e na vinda para cá, ela estava honrando sua parte no trato.

Com grande sacrifício, como se revelou... porque sabia que seria um longo, longo tempo antes que ela fosse capaz de parar de checar seu telefone.

Levantando-se da cadeira de jardim, ela voltou para dentro, e quando ela fez uma pausa para fechar a porta, ela olhou para o vidro de correr... e lembrou-se do primeiro andar da casa de Assail. E enquanto pegava a mala que tinha deixado atrás da porta... tudo o que podia pensar era que ela havia embalado as roupas nela, quando ela ainda havia estado com ele.

O mesmo quando ela escovou os dentes: A última vez que ela usou sua escova de dente estava em sua casa de banho no andar de cima.



E quando ela ficou nos lençóis brancos, ela se lembrou de estar deitada ao lado dele depois que ele veio com ela do chuveiro e levado-a com tanto poder incrível.

Fechando os olhos, ela ouvia os sons estranhos ao seu redor, alguém falando alto no estacionamento lá atrás, a pessoa no andar de cima abrindo o seu chuveiro, um cachorro latindo do outro lado do muro.

A casa de Assail tinha sido tão tranquila.

—Merda, — ela disse em voz alta.

Quanto tempo levaria antes que ela parasse de comparar tudo com o que ela havia deixado para trás?

Era exatamente como tinha sido quando sua mãe tinha morrido. Durante meses depois disso, o metrônomo da vida tinha sido dirigido por nuances de sua mãe: último filme visto junto, as coisas que elas tinham comprado na loja exatamente naquela tarde, o último presente de aniversário dado e recebido, naquele Natal — o qual, evidentemente, ninguém havia sabido seria o fim da tradição.

Todas essas lembranças implacáveis tinham acontecido por um bom ano, até que cada um dos aniversários, interno e externo, foi esgotado. Passar por eles tinha sido como socar uma parede de cada vez, mas ela tinha feito isso, certo? Ela tinha posto um pé na frente do outro até que a vida tinha retomado uma espécie de normalidade.

Ah porcaria. Ela realmente não deveria estar comparando essa fuga de um traficante de drogas, para o luto da mulher que tinha dado à luz a ela e a criou por quanto tempo antes que sua avó tivesse assumido?

Mas você não tinha.

Antes de Sola finalmente adormecer, ela alcançou a mesa de cabeceira, abriu a gaveta e colocou a Bíblia de seu pai debaixo do travesseiro.

Era importante manter um vínculo com alguma coisa, qualquer coisa.

Caso contrário? Ela estava apavorada que fosse colocar as malas naquele maldito Ford que tinha alugado e voltar. E essa estupidez simplesmente não era uma opção.

Depois de tudo o que tinha afundado ultimamente, ela realmente não queria saber o que acontecia com as pessoas que quebraram um acordo com o grandalhão.

E não, ela não estava falando sobre o Papai Noel.

Capítulo 63

Ainda bem que Beth nunca teve uma hipotética fantasia sobre como seria descobrir que ela estava grávida.

Enquanto se sentava numa sala de espera totalmente agradável, cercada por cadeiras e banquetas em tons neutros, revistas sobre a maternidade e a menopausa, e mulheres que

estavam na casa dos vinte ou cinquenta, ficou muito claro que o que quer que viesse desta consulta, positivo, negativo ou muito-cedo-para-dizer, ela nunca teria inventado este cenário:

Sem o marido. Escoltada por um Sombra com bastante armas escondidas sobre ele, para explodir um tanque ou talvez um porta-aviões. Tendo tomado uma veia por sangue, pelo amor de Deus, cerca de vinte minutos antes de sair de uma casa do tamanho e forma de Versalhes.

Sim, não é exatamente a merda que iria se escrever em, digamos... ela pegou a revista mais próxima. *A maternidade moderna*, por exemplo.

Folheando as páginas coloridas, ela viu todos os tipos de Feliz e Satisfeitas Mamães segurando seus anjos celestiais na terra, enquanto eles pregavam sobre a santidade do aleitamento materno, a importância do contato pele-a-pele, e fazer essa crítica primeira consulta médica pós-natal.

—Vou ficar doente, — ela murmurou, jogando a propaganda de lado.

—Merda, — iAm disse enquanto pulava. —Eu vou encontrar o banheiro.

—Não, não. — Ela o puxou sentado de volta. —Eu queria dizer, sim, não, foi apenas um comentário.

—Tem certeza?

—Com certeza. E da próxima vez que eu ficar irritada, eu prometo só dizer. Não lançar uma metáfora.

iAm teve que se espremer de novo em sua própria cadeira estofada: O Sombra era tão grande, que transbordava dos braços e do encosto — e atraía muita atenção.

Apesar de não ser por causa de seu tamanho, necessariamente.

Toda mulher sozinha que entrava, passava, ou trabalhava na recepção, olhava para ele — de uma forma que provava que você não estava morta do pescoço para baixo, mesmo se estivesse grávida ou seus ovários estivessem torcendo as coisas, ou estivesse esgotada com o toque dos telefones, muitos pacientes e toneladas de papelada.

—Você já foi casado? — ela perguntou ao rapaz.

Distraidamente, ele balançou a cabeça, os olhos negros dele rastreando ao redor como se estivesse pronto para defendê-la com sua vida.

O que era muito doce, realmente.

—Já se apaixonou?

Outro balançada de cabeça.

—Você quer ter filhos?

Olhando para ela, ele riu com vontade. —Eu ouvi que você uma vez foi repórter?

—É o meu quem-que-onde-porque-quando prevalecendo de novo?

—Sim. Mas é legal, eu não tenho nada a esconder. — Ele cruzou as pernas, o tornozelo no joelho. —Você sabe, com tudo que aconteceu com o meu irmão nesses tantos anos, eu nunca pensei nisso, você me entende? Eu tenho que tê-lo sob controle, e sabe que merda, que ainda não vai acontecer.

—Eu realmente sinto muito. — Tinha ouvido o suficiente através das linhas de fofocas da casa, para ter a essência de sua situação. —Para ser honesta, eu continuo esperando descer uma noite dessas e descobrir que vocês dois se foram.

Ele assentiu. —Pode muito bem acontecer.

—Marklon, Beth? — uma enfermeira chamou de uma porta aberta do outro lado.

—Sou eu. — Ficando de pé, ela colocou a bolsa em cima do ombro e liderou o caminho. — Aqui.

Jesus, falando sobre náuseas: Na perspectiva de realmente conhecer a médica, ela pensou, tudo bem, agora realmente ia vomitar de novo.

A enfermeira sorriu e deu um passo para trás, apontando para uma pequena sala de triagem atrás dela. —Vou apenas medir o seu peso e a pressão arterial aqui.

—Pode segurar isso? — ela perguntou à iAm, estendendo sua bolsa satchel¹⁶⁷.

—Yup.

Enquanto ele pegava sua bolsa, a enfermeira parou e olhou o Sombra da cabeça-aos-pés. Em seguida, ela corou num vermelho brilhante, e teve que limpar a garganta. —Bem-vindo, — ela disse a ele.

iAm apenas assentiu e continuou examinando a área em volta. Como se talvez um grupo bem-treinado de ninjas fosse saltar de dentro de uma das salas de exame ou algo assim.

Beth teve que sorrir enquanto a enfermeira se focava novamente e começava o negócio de medir os sinais vitais.

Depois que estava feito, a mulher os acompanhou por um corredor que tinha uma dúzia de quartos numerados com as portas abertas. Conforme eles seguiam, a decoração era no mesmo creme e marrom da sala de espera, com tipos semelhantes de vidro opacos, falsamente-texturizados — arte — procurando fazer o possível para dar uma sensação não-institucional a um lugar cheio de equipamentos médicos, e pessoas em uniformes e jalecos brancos.

—Na cinco, por favor, — a enfermeira disse, mais uma vez de pé ao lado da porta.

Conforme iAm passou, ela deu um passo extra para trás, com os olhos arregalados, como se gostasse do jeito que ele cheirava.

A enfermeira se sacudiu e entrou, fechando a porta. —Se você pudesse se sentar na mesa de exame, isso seria ótimo. E você pode sentar em qualquer lugar que quiser, senhor.

O Sombra escolheu o assento em frente à entrada, olhando para a porta, como se estivesse desafiando alguém, qualquer um a passar por ele.

Com outro sorriso, Beth se perguntava o que a enfermeira pensaria se soubesse que ele estava preparado para saltar em qualquer pessoa de que não gostasse da aparência. E matá-los.

Talvez cortá-los e colocá-los em um guisado.

Deus, ela esperava realmente que fosse frango naquela sopa...



167



—Sra. Marklon? Olá?

Ela se sacudiu. —Oh, desculpe, o quê?

A parte do histórico de coisas passou rápido, porque antes de sua transição ela estava perfeitamente saudável, e não era como se fosse contar que a apenas dois anos atrás, se tornou uma vampira.

Duh.

—E de quanto tempo você acha que está? — veio a eventual pergunta.

—Não faço ideia se estou mesmo grávida, para ser honesta. É uma possibilidade, embora, e estou tendo muita náusea — só quero alguma tranquilidade que tudo está bem.

—Você já fez um teste de farmácia?

—Não. Eu deveria ter feito?

A enfermeira balançou a cabeça. —Nós podemos fazer um exame de sangue aqui, se a médica quiser. E quanto à náusea, se estiver grávida, muitas mulheres têm enjoos matinais, é mais parecido com enjoo durante-todo-o-dia no primeiro trimestre — e ainda está tudo perfeitamente bem.

—Bom Deus, eu não posso acreditar que eu estou falando assim.

A enfermeira apenas sorriu e terminou de escrever no quadro.

—Ok, agora, se você pudesse por este vestido. — Um quadrado de papel foi colocado no seu colo. —Vou mandar a médica entrar.

—Obrigado.

A porta se fechou atrás da enfermeira com um clique.

—Eu não posso te deixar, — iAm disse enquanto se levantava, virava, olhava para a parede e colocava a cabeça entre as mãos grandes. —Mas sugiro fortemente que você não diga a seu marido que ficou nua comigo na sala. Eu gosto de meus braços e pernas exatamente onde eles estão, muito obrigado.

—Eu concordo.

Enquanto fazia um rápido trabalho de sair de suas roupas e vestir aquele vestido frágil, ela realmente queria Wrath com ela. E, na verdade, era uma boa lição para o quanto sua presença a acalmava. Eles estavam tão raramente separados, que era fácil esquecer o que ele significava para ela, especialmente quando as coisas ficavam estressantes.

Eeeeeee então era um caso de se apressar e esperar.

—Então, se você fosse se casar, que tipo de mulher iria querer?

iAm olhou para ela. —Não podemos falar de beisebol ou algo assim?

Oh, merda. —Ou cara, se fosse o caso, pode ser. Me desculpe, eu não tive a intenção de ofendê-lo.

Ele riu de novo. —Não sou gay.

—Então como ela seria?

—Cara, você não desiste, não é?

Agora era a sua vez de rir. —Olha, eu estou sentada aqui, congelando de frio neste guardanapo de papel, prestes a ouvir que eu tenho uma virose e não deveria tê-lo incomodado para vir aqui. Faça-me um favor e tire minha mente da minha realidade, pode ser?

iAm se recostou na cadeira. —Bem, como eu disse, realmente não tenho pensado muito sobre isso.

—Posso arranjar alguém.

—Não, — ele gritou. —Nãããããããã. Não, não, não, pode parar por aí, mocinha.

Ela estendeu as mãos. —Ok, ok. É só, eu não sei, você parece ser um cara legal.

Ele não respondeu a isso.

E como ele ficou em silêncio, ela percebeu, caramba, que o fez se sentir estranho.

—Posso lhe dizer uma coisa que ninguém sabe? — ele desabafou.

Beth se endireitou. —Sim, por favor.

O Sombra soltou um longo suspiro. —A verdade é que...

Oh, Deus, por favor não deixe a médica entrar antes dele.

—Eu nunca estive com uma mulher antes.

Conforme as sobrancelhas de Beth se juntavam no centro de sua testa, ela se deu uma palestra rigorosa sobre resetar. Ela não queria que ele olhasse para cima e visse o choque em seu rosto.

—Bem, isso é....

—Quadrado. Eu sei.

—Não, não, não absolutamente.

—Trez tem estado mais do que compensando isso, — ele murmurou. —Se nós tirarmos uma média da vida sexual dele e da minha, nós ainda estaríamos na curva de Wilt Chamberlain¹⁶⁸.

—Oh, wow. Quero dizer.

—Antes de meu irmão sair correndo do s'Hisbe, eu era malditamente muito tímido. E então uma vez que ele jogou a merda no ventilador? Eu venho tentando evitar que ele entre numa espiral fora de controle. Além disso, eu não sei, não quero as putas. Nossa tradição diz que você honra seu corpo, partilhando-o apenas com alguém com quem está junto. Acho que não pude tirar essa merda da minha cabeça.

Depois de um momento, ele olhou com raiva para ela através da sala. —O que?

—Eu só... Eu nunca ouvi você dizer tantas palavras de uma só vez. É bom ter você se abrindo.

—Podemos manter isso entre nós?

—Sim, com certeza.

¹⁶⁸ Wilton Norman Chamberlain (21 de Agosto de 1936 — 12 de Outubro de 1999) foi um jogador de basquetebol norte-americano. Será sempre lembrado como um dos maiores jogadores de basquetebol de todos os tempos. Além de vencer o título da NBA em duas oportunidades (1967 e 1972), Wilt Chamberlain também quebrou diversos recordes individuais da NBA em pontos e rebotes: É o único jogador em todos os tempos a fazer mais de 100 pontos em um jogo e o único a ter média de mais de 40 ou 50 pontos por jogo em uma temporada. Já foi o líder da NBA em pontos e rebotes por jogo 11 vezes, por 9 vezes teve a melhor taxa de acertos (field-goal) e até já foi líder em assistências uma vez (1968), fato incomum para um jogador de sua posição. Em toda história da NBA, é o único jogador a ter média de mais de 30 pontos e 20 rebotes por jogo em uma temporada.



Ela esperou um par de batimentos. —Mas se eu encontrar alguém, tipo, você sabe, que possa fazer sentido, posso apresentar vocês dois?

Ele balançou a cabeça. —Apreciaria isso. Não sou uma boa aposta, no entanto.

—Então o que você vai fazer, viver toda a sua vida sozinho?

—Eu tenho o meu irmão, — ele disse com a voz rouca. —Confie em mim. Essa merda é mais do que suficiente para me manter ocupado.

—Sim, eu tenho certeza que é.

Quando ele ficou em silêncio novamente, ela assumiu que ele tinha encerrado a conversa. Em vez disso, ele falou mais uma vez: —Eu só tenho um outro segredo.

—O que é?

—Não diga a ninguém... mas eu gosto daquele maldito gato de vocês.

Inclinando a cabeça para o lado, Beth sorriu para o Sombra. —Tenho a impressão de... de que ele gosta muito de você, também.

Passou uma hora antes da porta se abrir novamente.

E era só uma outra enfermeira. —Oi, eu sou Julie. Dra. Sam está presa com uma emergência. Ela realmente sente muito. Ela está perguntando se posso tirar uma amostra de sangue para acelerar as coisas?

Por uma fração de segundo, Beth se preocupou com essa brilhante ideia. Havia diferenças anatômicas nas duas espécies. E se eles encontrassem alguma coisa?

—Sra. Marklon?

iAm, porém, tinha dito que ia cuidar de qualquer efeito colateral adverso, ela lembrou a si mesma. E podia adivinhar como ele ia fazer isso.

—Sim, é claro. Qual braço que você quer?

—Deixe-me dar uma olhada em suas veias.

Cinco minutos, uma compressa embebida em álcool, duas espetadas, e três frascos cheios depois, ela e iAm estavam sozinhos novamente.

Por um tempo.

—Será que sempre demora tanto? — ele perguntou. —Com os seres humanos?

—Eu não sei. Nunca estive doente, e com certeza nunca me perguntei se estava grávida antes.

O Sombra se ajeitou em sua cadeira novamente. —Você quer chamar Wrath?

Ela pegou o telefone. —Não tenho sinal. E quanto a você?

Ele verificou seu. —Não.

Fazia sentido. Eles estavam num dos edifícios mais novos do St. Francis Hospital, num total de doze-ou-quinze-andares de aço-e-vidro — e eles estavam apenas no segundo andar. No centro.

Nenhuma janela à vista.

Deus, ela desejava que Wrath estivesse aqui.

A porta se abriu, e mais tarde... muito mais tarde... ela gostaria de lembrar a primeira coisa que a atingiu:

Eu gosto dessa mulher.



Dra. Sam tinha um metro e meio de altura, 50 anos de idade... e era ligada em seu paciente.
—Oi. Sou Sam, e sinto muito que você teve que esperar.

Mudando a pasta que carregava para o outro braço, ela estendeu a mão e sorriu, mostrando os dentes muito brancos e um rosto que tinha envelhecido bem, naturalmente. Seu cabelo loiro curto era um bom trabalho de tintura, e ela tinha algumas belas pulseiras de ouro e um anel de diamante na mão esquerda. —Você deve ser Beth. Manny é um velho amigo meu. Eu costumava fazer consultas de obstetrícia e ginecologia para ele no pronto-socorro de vez em quando.

Por absolutamente nenhuma boa razão, Beth sentiu uma vontade absurda de chorar e a socou direito para baixo. —Eu sou Beth. Marklon.

—E você é? — ela disse para iAm, também oferecendo a mão.

—Um amigo.

—Meu marido não pode estar aqui, — Beth disse enquanto os dois apertavam as mãos.

—Oh, eu sinto muito.

—Ele é... não vai ser capaz de estar nas consultas.

Dra. Sam apoiou um quadril na mesa de exame. —Ele está no serviço militar?

—Ah... — Ela olhou para iAm. —Na verdade, sim.

—Agradeça a ele por seu serviço por mim, certo?

Deus, ela odiava mentir. —Eu vou.

—Ok, então vamos ao que interessa. — Ela abriu a pasta. —Você está tomando vitaminas pré-natais?

—Não.

—Isso vai ser o primeiro da nossa lista. — Dra. Sam olhou para cima. —Eu tenho algumas naturais boas que não vão deixá-la doente.

—Espere, então eu estou grávida?

A médica franziu a testa. —Eu —Eu sinto muito. Pensei que este era o seu check-up de ultrassom?

—Não, eu vim para saber se tenho uma gastroenterite ou se estou... você sabe.

A médica puxou a cadeira em que a enfermeira se sentara para muito perto. Em seguida, ela colocou a mão sobre a de Beth. —Você está definitivamente muito grávida. E você esteve por algum tempo. É por isso que precisamos conseguir para você essas pré-natais imediatamente — assim como tentar colocar um pouco de peso em você.

Beth sentiu o sangue drenar de sua cabeça. —Eu — isso não é possível.

—Pelo seus resultados de BHCG¹⁶⁹, eu diria que você está em seu segundo trimestre — embora, é claro, os níveis podem variar significativamente. Mas agora você tem mais de cem mil.

¹⁶⁹ A gonadotrofina coriônica humana (português brasileiro) ou gonadotrofina coriônica humana (português europeu) (hCG) é uma glicoproteína hormonal produzida pelas células trofoblásticas sinciciais nos líquidos maternos. No início da gravidez, as concentrações de hCG no soro e na urina da mulher aumentam rapidamente, sendo um bom marcador para testes de gravidez. Sete a dez dias após a concepção, a concentração de hCG alcança 25 mUI/mL e aumenta ao pico de 37 000-50 000 mUI/mL entre oito e onze semanas. É o único hormônio exclusivo da gravidez, fazendo com que o teste de gravidez pela análise de hCG tenha acerto de quase 100%. É o único exame que comprova exatamente a gravidez.

Então, como eu disse, estou esperando que você me deixe fazer um ultrassom para que possamos ver o que está acontecendo.

—Eu ... Eu ... Eu ... Eu...

—Sim, ela gostaria disso, — iAm disse remotamente. —Você pode fazer isso agora?

—Eu ... Eu...

—Sim, agora mesmo. — Dra. Sam não se mexeu, entretanto. —Mas vamos ter certeza da Beth estar a bordo. Gostaria de algum tempo com o seu amigo?

—Eu não posso estar de quatro meses. Você não entende... não é possível.

Talvez isso fosse uma coisa de vampiro, ela pensou. Tipo, a leitura era incorreta porque era uma.

—Bem, mais uma vez, os níveis de BHCG são realmente apenas uma indicação no começo, e somente em relação a quanto eles estão aumentados. — A médica se levantou e abriu uma gaveta, tirando um pequeno dispositivo quadrado que tinha um sensor ligado ao mesmo por um fio grosso. —Posso verificar o batimento cardíaco?

—Não é possível, — Beth se ouviu dizer. —Só não é.

—Será que você me deixa ver se há um batimento cardíaco?

Beth desmoronou na mesa e sentiu a médica colocar algo do tamanho da impressão do polegar em seu estômago.

Uma minúscula pequena batida soou. —Sim, temos um batimento cardíaco. Bom e forte. 140¹⁷⁰ é o que gostamos de ver, e você tem claramente o batimento baixo.

Beth só podia piscar para as placas no teto muito acima dela. —Pegue a máquina de ultrassom, — ela disse rudemente. —Agora.

Capítulo 64

Enquanto John circulava pelo piso de mosaico do hall de entrada, estava ciente de duas coisas: um, a sua irmã tinha ido embora há horas. E dois, que Wrath estava quase roendo a corda.

O Rei fincou residência no último degrau da grande escadaria, seu tronco se movendo para trás e para a frente como se o passar dos segundos estivesse sendo medido pelo o seu corpo.

Sem nenhuma boa razão, John foi até o plástico drapeado sobre o arco que dava para a sala de bilhar. O trabalho tinha progredido na noite anterior — apesar do tamanho em metros quadrados, o chão estava quase pronto. Esta noite, eles deveriam trazer uma nova carga de mármore e começar a assentar o treco. Em seguida, eles iriam ter que trabalhar nas paredes, que iria provavelmente demorar mais tempo.

Wow. Ele estava realmente tentando se distrair.

¹⁷⁰ É o batimento cardíaco do feto. Detalhes no site: <http://brasil.babycenter.com/thread/173733/qual-é-a-frequencia-normal-dos-batimentos-cardiacos-do-feto->



Deixando o plástico cair de volta no lugar, ele olhou para Wrath. Você pensaria que em um momento como este, John fosse a pior pessoa para se sentar com o cara, devido a ele ser mudo e o Rei ser cego.

Mas Wrath não queria se comunicar, por isso, hey, funcionava.

Todo mundo tinha fugido do local depois de Beth sair com o Sombra — e John tinha a intenção de seguir o exemplo. Marido totalmente superava o irmão, especialmente quando se tratava de merdas como essa. Mas, uma vez lá em cima, mesmo depois de ter uma rapidinha com Xhex? Seus passos o trouxeram de volta para cá.

E assim ele esperou.

Foi engraçado, ele tinha a sensação de que se tivesse sido qualquer outra pessoa, Wrath teria expulsado.

—O seu telefone está desligado? — Wrath perguntou sem olhar para cima.

John soprou um apito curto, decrescente, o mais próximo que podia chegar a um não. Então, novamente, se ele tivesse recebido uma chamada, os dois teriam ouvido o telefone.

—Texto?

John sacudiu a cabeça, antes de se lembrar que tinha que assobiar novamente.

Do nada, o sino do vestíbulo disparou, a imagem apareceu no monitor discretamente montado numa moldura na grandiosa entrada.

Beth. iAm. Lá fora nos degraus da frente.

Enquanto Wrath saltava em pé, John corria para o botão de acesso antes de Fritz chegar, assobiando um urgente sinal ascendente para que o marido soubesse que a mulher tinha retornado.

No segundo que ele liberou o bloqueio, a porta interior do vestíbulo se abriu.

John nunca iria esquecer como Beth parecia quando cambaleou para dentro da casa: Seu rosto estava pálido e contraído, com os olhos muito grandes, seus movimentos desleixados e desordenados. Ela estava carregando o casaco em vez de usá-lo, e deixou a coisa, assim como a bolsa, caírem despercebidas para o chão.

De modo que objetos prosaicos foram se espalhando por toda parte. A carteira. A escova de cabelo. Um protetor labial.

Por que ele estava notando isto?

E então tudo o que ele pode ver foi sua irmã correndo pelo mosaico representando uma macieira em plena floração... como se estivesse sendo perseguida por um louco.

Conforme ela saltou para Wrath, não foi de alegria.

Ela estava apavorada.

Em resposta, Wrath a segurou sem esforço, levantando-a do chão, a tensão apertando a mandíbula dele não tendo nada a ver com o quanto ela pesava.

—O que é, *leelan*? — ele perguntou.

—Eu estou grávida. Eu estou.

—Oh, Deus.

—Esperando um menino.



John estendeu uma mão para se firmar. Ele não poderia ter ouvido isso direito. Não havia nenhuma maneira.

Wrath lentamente a colocou de volta no chão. E então ele se deu um tempo, caindo no degrau mais baixo, como se seus joelhos tivessem dado o fora nele.

E caramba, quem diria, John fez o mesmo, uma curiosa combinação de desespero e alegria incrédula tirando totalmente o vigor dele, até que se viu sentado no chão.

Como isso era possível...?

No silêncio que se seguiu ao grande anúncio de Beth, Wrath não podia fazer o seu cérebro trabalhar. Ou seus braços ou pernas. Conforme ele caiu sobre esse degrau sua bunda esquentou, ele sentiu como se estivesse em algum tipo de pesadelo.

—Eu não... entendo. — Um filho? Eles estavam tendo um *filho*? — Sua necessidade foi uma noite atrás — duas no máximo.

—Eu sei, eu sei, — ela sufocou.

Instantaneamente, ele entrou em ação. Foda-se seu próprio cérebro mexido; sua *shellan* precisava dele. Tomando o controle de si mesmo, a pegou em seu colo, consciente de que John e iAm eram os únicos ao redor — e estava contente com isso.

—Me diga o que a médica disse.

O cheiro das lágrimas dela o matou, mas ele continuou firme enquanto ela limpava a garganta um par de vezes. —Eu só fui até lá para ouvir que era muito cedo. Eu não deveria estar de quatro meses.

—*O que?*

—Isso é o que ela disse. — Beth sacudiu a cabeça contra seu peito. —Quer dizer, sei que tenho me sentido estranha, mas pensei que era apenas porque a necessidade estava vindo? Em vez disso, eu já estava — quero dizer, acho que fiquei grávida antes mesmo dela me golpear.

Jesus... Cristo.

Ela recuou lentamente. —Honestamente, eu notei que minhas roupas estavam ficando apertadas cerca de um mês atrás. Talvez um pouco mais? Pensei que era por estar comendo demais pelo estresse, ou porque não estava fazendo exercício? E então meu humor começou ficar estranho — e agora que olho para trás... meus seios estavam doloridos, também. Mas nunca tive um período ou nada. Então, eu só não sei? Oh, Deus, e se prejudiquei o bebê por estar com Layla? E se.

—Beth, shh — Beth, me escute. O que a médica disse sobre a criança?

—Ela disse... — Sua companheira fungou. —Ela disse que ele era lindo. Ele é perfeito. Ele tem o coração de um leão.

Com isso, Beth desmoronou num ataque de soluços, o tipo de coisa que era uma liberação de emoção mais do que qualquer outra coisa. E enquanto a abraçava, ele olhou por cima da cabeça dela.

—Um filho? — ele disse asperamente.

—A médica diz que ele é grande e forte. E eu o vi se mover, — ela disse em meio as lágrimas. —Não sabia que era um bebê, pensei que era indigestão.



—Meu irmão. — Z estendeu a mão, o rosto cheio de cicatrizes em um meio sorriso, seus olhos amarelos cálidos. —Parabéns.

Em vez de apertar qualquer coisa, Wrath empurrou aquela imagem de ultrassom para o rosto de seu irmão. —Você o vê? Vê o meu filho? Ele é grande, né, Beth?

Ela beijou o cabelo supermacio de Nalla. —Sim.

—Grande e saudável, né?

Beth riu um pouco mais. —Grande e saudável. Absolutamente perfeito.

—Perfeito! — Wrath gritou. —E é uma médica afirmando isso — quero dizer, ela foi para a faculdade de medicina.

Mesmo Z começou a rir naquele ponto.

Beth devolveu Nalla para seus pais. —E a Dra. Sam me disse que já fez o parto de mais de quinze mil bebês ao longo de sua carreira.

—Vejam! — Wrath gritou. —Ela sabe dessas coisas. Meu filho é perfeito! Onde está o champanhe? Fritz! Consiga a porra do champanhe!

Sacudindo a cabeça, Beth respirou fundo e decidiu ir com o momento. Havia ainda um longo caminho na frente deles, culminando com o parto — o que, Cristo, já a estava deixando apavorada. Com tantos obstáculos pela frente, e tantas incógnitas, era tentador se deixar levar pelo momento.

Mas pela próxima hora, ela só queria viver junto com Wrath toda esta alegria de alta octanagem — ser uma parte da celebração desse milagre.

Tão engraçado: Todo o tempo que tinham lutado sobre a criança... eles já tinham uma cozinando.

A vida era muito irônica, às vezes.

Relaxando recostada nos braços de seu marido, ela apenas o observou enquanto ele batia nas costas de seus Irmãos, e até aceitava uma taça de Cristal de Fritz.

Seu *hellren* era um cara alto. Mas agora? Ele deixou o Monte Everest com vergonha.

—Você pode me colocar no chão, — ela disse com um sorriso.

A carranca que recebeu de volta era uma parede de tijolos, se ela já tinha visto uma. —Claro que não! Você é minha esposa, e você está carregando meu filho. Você vai ter sorte se eu deixar os seus pés tocarem o chão daqui a três anos.

Com isso, ele se inclinou e a beijou na boca.

Ah, inferno, talvez ela devesse se sentir inteira, —Este bebê é uma coisa *nossa*, não é uma coisa *sua* — mas não era como se sentia. Estivera tão aterrorizada que ele não fosse aceitar e amar a criança, se sentia aliviada e muito feliz que ele já estava ficando possessivo.

Apaixonado, já.

Qual era a melhor notícia para a criança por nascer: Quando Wrath, filho de Wrath, decidia que alguém era dele? Ele arrastaria a Lua para a Terra, se eles precisassem.

A reação foi exatamente a que ela tinha tido muito medo de desejar.

Wrath levantou a taça. —Para o meu filho, — ele gritou para a multidão. —E o mais importante... para minha esposa.

Quando ele virou o rosto para ela, o amor que sentia fez seus olhos brilharem tão ferozmente, que ela podia ver a pálida luz verde mesmo através dos óculos escuros.

A família gritou de alegria... e todos beberam.

Exceto ela, é claro.

Porque estava grávida, ela pensou com um sorriso brilhante que rivalizava com do Wrath.

Wrath cavalgou a onda tanto quanto pode. Com seus irmãos em torno dele, e um novo propósito aumentando sua merda, ele sabia que essa era uma das melhores noites de sua vida. Ou... merda, ainda era dia, não era.

Quem diabos se importava, na verdade.

Era difícil de explicar, até para si mesmo, o que exatamente tinha mudado. Mas de repente tudo parecia diferente, do jeito que ele apertou a mão de seus irmãos, a forma como ele sorriu para suas companheiras, à forma que sustentava Beth.

E ela era a melhor parte de tudo.

Com o champanhe fluindo, e as risadas ecoando por todo hall de entrada, ele não podia acreditar que tinha chegado a este momento em sua vida. Na noite anterior estava destronado e, potencialmente, desvinculado. E ali estava ele com a coroa ainda na cabeça e sua esposa grávida de sua criança.

De quatro meses.

Ele voltou ao passado, vasculhando as semanas e depois os meses. Houve uma noite, cerca de quatro meses atrás, quando Beth havia ido encontrá-lo no estúdio durante o dia. Eles não havia estado juntos por um tempo naquele momento, devido a tudo que estava acontecendo — e ele ficara chocado, no bom sentido, pela forma agressiva que ela agiu com ele. Depois... pensando sobre isso, o cheiro dela tinha mudado — intensificado, embora não da forma como faria uma fêmea vampiro grávida.

Todo este tempo, ela estava com a criança.

O destino tinha servido a ambos, o que ela queria, mas temia nunca ter, e o que ele não sabia que precisava.

Quando ele ouviu sua companheira bocejar, ele entrou em alerta instantâneo. —Ok, hora de ir para cima.

A multidão se acalmou imediatamente, e ele podia sentir o foco em sua Beth. Ela ia ter um monte disso a partir de agora, não apenas dele, mas de seus irmãos. Eles já eram protetores com ela. Grávida? Ela ia conseguir essa merda vezes vinte agora.

—E acho que preciso me alimentar de novo, — sua Beth disse enquanto ele começava a subir as escadas, George o guiando pela sutil pressão sobre sua perna.

—Eu pegarei para você. — Ele franziu o cenho. —O que a doc disse sobre as náuseas?

—Ela realmente acha que tenho uma virose. Mas então, ela não sabe sobre a coisa toda da necessidade e talvez seja por isso?

—Vou falar com Havers. — você não tem que ir vê-lo.



— Isso seria ótimo, na verdade. Estou muito nervosa.

— Não se preocupe. Eu cuido disso.

E ele absolutamente, faria com certeza. Se sentia no controle do universo, uma parte antiga, familiar dele acordando de novo.

George o guiou para a porta que se abria para as escadas do terceiro andar e, quando chegou ao topo, Wrath foi para a esquerda.

Conforme a porta segura foi destrancada, ele entrou, levando-a imediatamente para a cama.

— Você quer que eu prepare um banho? Uma ducha? A pia?

Ela riu. — Só quero ficar aqui. Sinto como se estivesse em um passeio de montanha-russa que está indo muito rápido.

Sentando ao seu lado, ele encontrou seu baixo ventre com a mão. — Eu amo isso.

— Ama o que?

— Essa coisa inchada que você tem. — Ele sorriu. — Essa é a nossa criança.

— Com certeza.

— Eu gostaria de poder ver isto. Aquela imagem.

— Eu também.

— Mas isso é bom. — Ele moveu a mão em círculos, tentando imaginar como seu filho pareceria. — E ele é forte.

— Sim. Assim como seu pai.

— Aqui, pegue minha veia. — Ele estendeu o pulso para a boca dela. — Por favor.

— Oh, muito obrigado.

Conforme as presas dela afundaram em sua pele, ele a queria em sua garganta, mas não confiava em si mesmo. Fora espremido, e esse tipo de merda tendia a gostar de uma válvula de escape especial — e isso não aconteceria, enquanto ela estivesse grávida. Nope. Não com o seu filho lá.

A mão de sua esposa pousou em seu pau duro — e ele quase pulou para fora de sua pele. — Porra!

Ela liberou sua veia. — Podemos fazer sexo, você sabe.

— Ah, não. Nope.

— Wrath, eu não estou doente — e não é como se tivéssemos que nos preocupar sobre se ou não eu vou engravidar. — O sorriso em seu rosto estava todo em seu tom. — Você fez esse trabalho muito bem.

— Eu fiz, não fiz?

— Estou muito feliz com isso, — ela disse, enquanto ele a sentia tocar seu rosto. — Pela sua resposta acima de tudo.

Parece que ele surpreendeu a ambos com a reação dele.

Acariciando a barriga dela, ele pensou sobre o que estava crescendo dentro dela. — Você quer saber qual a melhor parte disso?

— Me diga, — ela sussurrou.



Bem, ele próprio tinha aberto o caminho, e ele estaria lá para apoiar o filho. Ser cego não era bom — mas isso não significa que você não podia aproveitar a vida.

Meeeeeerda, e pensar que estava disposto a sacrificar uma criança só porque estava com medo que ele ou ela pudesse ter um defeito. Estúpido. Tão estúpido. Era realmente uma porra de um coxo.

Graças a Deus o destino tinha mais bom senso.

—Meu senhor, — disse Fritz.

—Entre! — Droga, ele estava realmente alegre — tempo para baixar a bola, mesmo que apenas para que ele não irritasse a si mesmo.

—Um dos trabalhadores deseja uma audiência.

Ah, sim. E por um momento, ele voltou ao seu padrão de afastar as coisas, mas depois ele ficou de pé. —Vou descer — não.

Com um pensamento consciente, ele se sentou no trono. —Mande-o para cima — o escolte, porém, por favor? E consiga alguns irmãos para ajudar.

Ele não estava pronto para confiar em ninguém, além das pessoas em sua casa.

—Agora mesmo, — disse o mordomo. —O prazer é meu!

Parecia que ele não era o único com o seu feliz-feliz-alegria-alegria em funcionamento.

Ele olhou para o chão. —Eu não sei o que estou fazendo aqui, George.

O bufo de apoio que ele recebeu em retribuição era exatamente o voto de confiança que precisava. Foda-se a *glymera*, de verdade.

Um pouco mais tarde, a voz aguda de Vishous invadiu a sala. —Eu estou com seu visitante, certo?

—Mande-o entrar.

Houve alguma confusão e, de repente, os aromas na sala mudaram — tão esmagadoramente, que Wrath recuou.

Ele nunca tinha conhecido tal... gratidão? Era isso o que era? Reverência? Era uma fragrância nascida de emoções profundas, isso era certo.

—O capataz está fazendo uma reverência ante sua mesa, meu irmão, — V disse. —Tirou o chapéu.

O fato de que o capataz estava chorando foi algo que Vishous criteriosamente deixou fora do relatório.

Wrath se levantou e deu a volta. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, no entanto, um fluxo de palavras saiu da boca do homem humilde.

—Eu sei que foi você. Eu sei que isso só pode ser você. — Voz do homem embargou. —Eu não posso te recompensar — como é que você sabia?

Wrath deu de ombros. —Eu só achei que sua filha provavelmente precisasse de uma cadeira de rodas melhor. E um par de rampas.

—E a van. Essa van... como você...

—Estou supondo que o seu dinheiro é um pouco apertado — apesar de você cuidar da sua família muito bem. E quanto ao por que, você está me ajudando aqui, eu queria ajudá-lo lá.



—Minha segunda *shellan*, ela não tem como expressar seus agradecimentos. Nem eu tenho. Mas lhe oferecemos isso. Como um tributo digno de Sua Alteza.

Wrath franziu a testa, um súbito pedaço do passado voltando para ele.

E o fez piscar duro.

Ele podia se lembrar das pessoas fazendo isso com seu pai, oferecendo ao Rei lembranças pelas graças.

—Estou honrado, — ele disse com a voz rouca, enquanto estendia as mãos.

O que foi colocado em suas mãos era suave e macio. —O que é isso?

Houve uma pausa estranha. Como se o capataz não entendesse.

E esse foi o momento em que Wrath soube que tinha chegado a uma encruzilhada. Estranhamente, ele pensou em seu filho.

Deslocando o peso leve para uma mão, ele levantou a outra mão...

... e tirou os óculos escuros.

—Sou cego, — ele disse ao plebeu. —Eu não posso ver. Foi assim que soube o que era importante para você e sua família. Tenho alguma experiência em fazer adaptações neste mundo.

O suspiro foi alto.

Wrath sorriu um pouco. —Sim, esse título de Rei Cego não é apenas fofoca. Esta é a verdade — e não me envergonho disso.

Putá Merda... até que disse as palavras, não tinha percebido o quão inferior se sentiu. Quanto tinha mantido escondido. Quantos pedidos de desculpas tinha oferecido por causa de algo sobre o qual não tinha controle. Mas esse tempo havia passado.

Com visão ou não, ele tinha um exemplo para dar neste mundo — e ele seria maldito se não fizesse isso.

—Então, por favor, — ele disse ao plebeu claramente surpreso. —Me descreva o presente com o qual você me homenageia.

Houve uma longa pausa. E o capataz não era o único que estava surpreso. V emanava doze tipos de OMG, enquanto fumava como uma maldita chaminé lá no canto.

O capataz pigarreou. —Isto é — hum, minha companheira, ela tece tecidos da forma tradicional do Velho Continente. Ela os vende para as pessoas dentro da raça. Este é... é seu melhor trabalho, um que fez anos atrás e não teve coragem de vender. Levou um ano para concluí-lo — A voz do homem rachou. —Ela disse que agora sabe por que não podia se desfazer dele. Ela disse que para te dizer que sabe agora, que estava guardando como tributo para você.

Wrath colocou os óculos escuros de lado e passou as mãos para trás e para frente sobre o pano. —Eu nunca senti nada tão delicado — é como cetim. Qual é a cor?

—Vermelho.

—Minha cor favorita. — Wrath fez uma pausa. E então decidiu, Foda-se. —Eu vou ter um filho.

Deixa para o segundo suspiro.

—Sim, meu amor e eu... nós tivemos sorte. — Abruptamente, a realidade de seu filho não ser o herdeiro do trono bateu — e houve uma tristeza. Estava lá realmente — mas também uma espécie de alívio. —Vou usar isso para o cobrir. Quando ele nascer.

Eeeeeeeeeeeeeee aquele seria um terceiro suspiro.

—Não, ele não é o herdeiro do trono, — Wrath disse. —Minha esposa é parte humana. Assim, ele não pode assumir o trono — e isso está bem.

Seu filho faria o seu próprio caminho. Ele era... livre.

E conforme Wrath falou sua verdade, sem desculpas ou explicação, enquanto ele camuflava a si próprio nas vestes de honestidade, enquanto dizia as palavras que tinha mantido escondidas, sem perceber que tinha feito isso...

Ele percebeu que, também, estava finalmente livre — e que seus pais, se tivessem tido a chance de olhar sobre o ombro dele, o teriam aprovado.

Do jeito que ele era.

Capítulo 66

O Caldwell Galleria Mall era aberto até as dez horas da noite.

Enquanto Xcor se materializava em um canto escondido de sua extensa rede de estacionamentos, ele passava pelas filas de carros estacionados, seus passos largos devorando a distância para uma entrada que tinha um sinal vermelho gigante sobre uma infinidade de portas.

Ele não tinha ideia do que estava fazendo ali. Sobre andar ao redor dos humanos. Com um propósito de que, se um de seus soldados fosse adiante, ele nunca o teria deixado atravessar aquilo.

Empurrando os portais de vidro, ele franziu a testa. Roupas femininas abundavam à esquerda e à direita, de todos os tipos de cores alegres — e isso o fez pensar com carinho no desencadear de um lança chamas, para que retirasse suas retinas da miséria.

Mais à frente, havia seção após seção de caixas de vidro com esquisitices espumantes nelas, lenços pendurados em prateleiras e espelhos — maldição, havia espelhos por toda parte.

Passando por eles, ele baixou os olhos. Não queria a lembrança de sua feiura. Especialmente esta noite.

Será que ainda tinham o que ele estava procurando naquele lugar?

Rondando o primeiro andar, podia sentir os olhos dos clientes apropriados sobre ele e ficou claro que eles estavam se perguntando se iam acabar no noticiário da noite, de uma maneira ruim. Ignorou todos eles e continuou a subir em um conjunto de escadas móveis.

Foi no segundo andar que ele encontrou o departamento de moda masculina.

Sim, ali todos os tipos de camisas masculinas, calças, blusas e jaquetas estavam dispostos em cabides e mesas de exibição. E assim como no andar inferior, a música acima tocava em um tom baixo, enquanto a luz fluía do teto para iluminar a mercadoria.

Que diabos ele estava fazendo ali.

—Ei, eu posso ajudá-lo? — Opa!

Quando ele se virou e se estabeleceu em sua posição de ataque, o vendedor negro humano saltou para trás e pôs as palmas das mãos para cima.

—Perdoe-me, — Xcor murmurou. Pelo menos ele não tinha tirado uma de suas armas.

—Sem problema. — O homem bonito e bem vestido sorriu. —Você está procurando algo específico?

Xcor olhou em volta, e quase voltou por aquelas escadas fantásticas. —Eu preciso de uma camisa nova.

—Oh, legal, você tem um encontro quente?

—E calças. E meias. — pensando sobre isso, ele nunca usava roupa de baixo. —E roupas íntimas. E um casaco.

O vendedor sorriu e levantou a mão, como se fosse cumprimentar seu cliente no ombro — mas então ele se conteve como se repensasse claramente o contato.

—Com que tipo de aparência você quer ficar? — ele perguntou.

—Vestido.

O cara fez uma pausa como se não tivesse certeza se isso era uma piada. —Ah... tudo bem, eu posso trabalhar com um não-nu. Grande está legal. Venha comigo.

Xcor o seguiu, porque ele não sabia mais o que fazer — ele conseguiu essa bola rolando; não havia razão para não seguir adiante.

O homem parou na frente de uma vitrine de camisas. —Então, eu vou para a coisa de é-um-encontro, a menos que você me diga o contrário. Casual? Você não mencionou um terno.

—Casual. Sim. Mas eu quero parecer... — Bem, não como ele mesmo, de qualquer modo. — Apresentável.

—Então acho que o que você vai querer é uma de botão.

—Uma de botão.

O cara o olhou com firmeza. —Você não é daqui, é?

—Não, não sou.

—Eu posso dizer pelo sotaque. — O vendedor passou a mão sobre a estonteante variedade de quadrados dobrados com colarinhos. —Estes são os nossos cortes tradicionais. Eu posso dizer sem medi-lo que estas coisas Europeias não vão lhe servir bem — você é muito musculoso nos ombros. Mesmo que pudéssemos conseguir o tamanho certo do pescoço e do braço, você os arrebentaria. Você gosta de alguma destas cores?

—Não sei do que gosto.

—Aqui. — O homem pegou um azul que lembrava a Xcor o pano de fundo de seu telefone. —Isso fica bem com os seus olhos. Não que eu fosse por esse caminho — mas você tem que trabalhar com o que tem. Tem alguma ideia de seu tamanho?

—XXXL.

—Nós precisamos ser um pouco mais exatos. — O vendedor pegou uma fita métrica de pano. —Pescoço? Braços?



Como se para ajudar toda aquela coisa de conhecimento, o homem fez um pequeno círculo na frente de sua própria garganta.

Xcor olhou para si mesmo. Estava vestindo nada mais que a camisa mais limpa que ele tinha, calças militares de combate e as botas.

— Eu não sei.

O homem estendeu a mão com a fita, mas depois hesitou. — Diga-me, que tal eu te dar isso — apenas envolva em torno de seu pescoço e eu vou ler o número.

Xcor pegou a coisa e fez o que ele pediu.

— Ok, uau. — O vendedor cruzou os braços sobre o peito. — Bem, você não vai usar uma gravata, certo?

— Gravata?

— Vou tomar isso como um não. Vai me deixar medir o seu braço?

Xcor estendeu o esquerdo e o homem se moveu rápido. — É quase normal no comprimento, pelo menos. Largura? Você está falando no território Rock, fácil. Mas eu tenho uma ideia.

Um minuto e meio de medidas depois, Xcor tinha três camisas diferentes para experimentar.

— E quanto a calça? — perguntou o vendedor.

— Não sei o meu tamanho ou preferência. — Poderia muito bem ser eficiente. — E o mesmo sobre os casacos.

— Eu tinha a sensação de que você ia dizer isso. Venha comigo.

Antes que ele percebesse, estava totalmente nu em um provador, içando o corpo para as roupas, as armas escondidas sob a pilha das coisas que estava usando quando entrou ali.

— Como está? — seu novo melhor amigo perguntou do outro lado da porta.

Xcor olhou-se no espelho e sentiu suas sobranceiras se erguerem. Ele parecia... não é bom, não. Isso nunca seria dele. Mas não parecia tão estúpido quanto se sentia — ou tão rude como tinha sido em seu próprio guarda-roupa.

Tirando o casaco escuro que lhe tinha sido sugerido, ele prendeu suas armas e facas e em seguida, colocou a coisa de volta. Ficou um pouco apertado na parte de trás, e ele não conseguiu abotoar tão bem, mas era muito melhor do que seu casaco de couro manchado de sangue. E as calças se esticavam em suas coxas apenas levemente.

Saindo, ele entregou as duas outras camisas. — Vou levar tudo isso.

O vendedor bateu palmas. — Ótimo. Grande melhoria. Você precisa de sapatos?

— Talvez mais tarde.

— Vamos ter uma liquidação no final do mês. Volte depois.

Xcor o seguiu até o caixa e pegou uma tesoura de um suporte de caneta para cortar as etiquetas que estavam penduradas em seu pulso e sua cintura. — Você tem cheiro?

— Oh, você quer dizer perfume?

— Sim.

— Esse é outro departamento — atravessando o corredor. Eu posso te mostrar onde eles estão — na verdade, veja isso. — Ele abriu uma gaveta. — Tenho algumas amostras aqui — sim, old-school Drakkar. Égoiste — este é bom. Polo — o original. Oh, tente este.



Xcor aceitou um pequeno frasco, abriu a tampa e inspirou. Fresco, limpo... que bonito seria cheirar como se tivesse uma fragrância.

Basicamente tudo o que ele não era.

—Eu gosto deste.

—Calvin Klein Eternity. Muito tradicional — e as garotas gostam dele.

Xcor assentiu como se soubesse do que estava falando. Grande mentira.

O vendedor juntou tudo. —Tudo bem, o seu total é de quinhentos e um com noventa e dois.

Xcor tirou as notas que tinha enfiado no bolso de trás. —Eu tenho isso, — disse ele, agitando o dinheiro nas mãos abertas.

As sobrancelhas do vendedor estouraram. —Sim, não é tanto assim. — Houve uma pausa. — Você... sim, tudo bem. Eu preciso de cinco daqueles, quatro destes e dois destes carinhas.

Xcor tentou facilitar o processo do homem puxando as denominações específicas que, aparentemente, significavam algo.

—E aqui está o seu troco e o recibo. Você quer um saco para suas coisas antigas?

—Sim, por favor. Obrigado.

Um saco branco grande com uma estrela vermelha foi passado sobre o balcão. —Obrigado por ter vindo — meu nome é Antoine, a propósito. Se você quiser voltar para os sapatos.

Depois de enfiar suas antigas roupas dentro do saco, Xcor viu-se curvando a cintura. —Sua ajuda foi muito apreciada.

Antoine levantou a palma da mão como se estivesse se preparando para o cumprimento no ombro novamente. Mas, mais uma vez, ele se conteve e sorriu em seu lugar. — nocauteie ela, meu rapaz.

—Oh, não. — Xcor balançou a cabeça. —Isso não será necessário. Desta eu gosto.

Layla deixou a mansão às 11:48h ao se esgueirar pelas portas francesas da biblioteca. Ninguém pareceu notar; novamente, Rhage e John Matthew estavam mantendo um olho nos operários na sala de bilhar, Wrath estava no escritório com Saxton, Beth estava em repouso, os outros irmãos estavam lutando, e Qhuinn e Blay estavam desfrutando de algum tempo de silêncio em sua rodada de noite de folga.

Oh, e os funcionários estavam ocupados com a limpeza após uma primeira refeição comemorativa.

Não que ela estivesse mantendo o controle de todos na casa.

Nah.

Desmaterializando-se no terraço dos fundos, ela viajou para o prado com que estava se tornando tão familiar e tomou forma na base da árvore.

Vestida com sua tradicional túnica, tinha um casaco para se aquecer, e no bolso deste ela pôs o gás lacrimogênio.

Qhuinn tinha insistido em ensinar-lhe autodefesa, bem como a dirigir. Assim, no caso de que outro homem aparecesse, ela estava preparada.



Deslizando a mão no bolso do casaco e apalpando o cilindro, ela teve o cuidado de andar todo o caminho ao redor da árvore. E notar cuidadosamente a extensão de prado coberta de neve.

Ela estava sozinha.

Querida Virgem Escriba, realmente estava.

Lá embaixo na base da elevação, uma figura se apresentou fora do ar leve — e quando a brisa mudou a direção, ela sentiu o cheiro.

Era ele. E... mais alguma coisa? Algum tipo de fragrância que era ao mesmo tempo masculino... e delicioso.

Xcor levou muito tempo para se aproximar, seus grandes passos sem pressa enquanto subia o monte e vinha até ela, carregando algo debaixo do braço. Seu corpo respondeu imediatamente à presença dele, seu coração acelerou, as mãos suaram e sua respiração ficou curta.

Ela disse a si mesma que era medo. E esmagador, isso era verdade. Mas havia algo mais...

As roupas dele estavam diferentes, ela percebeu quando ele chegou diante dela. Mais refinado. Atraente.

Como se por ventura ele tivesse se vestido para ela?

Tentando aliviar a ardência em seus pulmões, ela respirou fundo e fez uma careta. —Você cheira... diferente.

—Ruim?

Ela balançou a cabeça. —Não. Nem um pouco. E suas roupas... você está muito bem.

Ele não respondeu, e seu rosto não revelava nada — então ela não conseguiu tirar qualquer conclusão.

O silêncio se estendeu. Até que ela não aguentou mais. —Bem...?

Pelo menos ele não fingiu descaracterizar sua pergunta. —Eu tenho pensado sobre tudo o que você me ofereceu.

E agora seu coração batia tão alto, que ela mal podia ouvir aquela voz profunda.

—O que você diria? — ela exigiu com uma voz rouca.

—Estou de acordo com seus termos.

Era o que ela esperava. E mesmo assim, começou a tremer incontrolavelmente.

—Em troca de usar você, vou cancelar todos os meus esforços no que diz respeito ao trono.

Pelo menos havia consolo para se ter, exceto que em seguida, ela soube que tinha de viver a sua parte no trato.

—Não se preocupe, — disse ele com a voz rouca. —Não será esta noite.

Seu alívio saiu em um exalar muito alto — que fez o rosto dele escurecer.

—Seu indulto não é indefinido. — Ele pegou o que estava carregando debaixo do braço. — Você vai me dar o que eu quero, mais cedo ou mais tarde.

Com um agito rápido, ele balançou o que provou ser um cobertor e o colocou no chão.

Olhando para ele, Layla não sabia o que fazer.

—Sente-se, — ele ordenou. —E coloque isso ao seu redor.

Quando ela obedeceu e lhe foi entregue outro envoltório, ela se perguntou o que ele ia fazer.

Xcor sentou ao lado dela e passou os braços em volta dos joelhos. Olhando à frente, sua expressão era inescrutável.

Seguindo o exemplo, ela fez o mesmo. Espelhando sua pose.

Pelo menos ela tinha salvo Wrath. E já que seu filho estava seguro, ela ia continuar a fazer o que tinha que ser feito por seu Rei.

Não importava o que ia lhe custar.

Capítulo 67

Na noite seguinte, Beth estava deitada em sua cama e segurava uma extraordinária peça de pano nas mãos. — Isso foi *feito* por alguém?

— Sim, a *shellan* do capataz.

Apertando os olhos, ela tentou imaginar o quanto incrivelmente agradável e suave o tecido poderia ter sido feito por alguém, e não por uma máquina. — É completamente incrível.

— Eu disse a eles que iria usá-lo em nosso filho quando ele nascesse.

Com um estremecimento, ela tentou ignorar a pontada de puro terror que disparou através dela. Wrath, que estava em pânico sobre a coisa toda do parto antes de terem concebido, parecia estar esquecendo aquela parte no momento. Ela, por outro lado? Mais como dar uma folga.

— Sim, é claro, — ela murmurou. — Eu amo a cor.

— Eu tinha que fazer alguma coisa para os dois. Ele é um cara bom, e eu não esperava nada em troca...

Quando Wrath saiu do *closet*, estava vestido com seu uniforme, e ela teve que tomar um segundo para admirar a vista. Seu cabelo estava solto e balançando, quase no seu traseiro firme. Os braços magníficos estavam mostrando todos os músculos que tinha, graças à camiseta regata. E aquelas calças de couro...

— Então, eu acho que ela trabalhou nisso por um ano.

— Você vai fazer sexo comigo de novo? Ou eu tenho que esperar cinco meses?

Parado. Morto.

Mas pelo menos ela sabia que seu marido estava prestando atenção. — Vamos, Wrath. Como eu disse ontem, estou grávida, não quebrada.

— Ah...

Ela olhou fixamente para seus quadris, observando sua excitação tomar forma, querendo aquela sua longa e rígida ereção.

— Bem, pelo menos eu sei que você me quer, — ela murmurou.

— Nunca nem mesmo duvide disso.



—Então, que tal agora. Porque você está... muito bem. — Seus olhos deram outro olhar para cima e para baixo. —Você ficou tão grande de repente? Quero dizer, isso é um taco de beisebol no seu bolso ou está apenas feliz em me ver? Venha aqui e deixe-me provar os seus bens, grandalhão.

Ele deixou cair a cabeça para trás. —Beth...

—O queeeeeê? Qual é o problema — olhe, temos que falar sobre isso. Essa coisa de abstinência não é bom para você e nem para mim.

—O meu filho está aí, ok? É só que — não parece... certo.

Beth não queria rir, mas ela não conseguia se conter. —Sinto muito. — Ela pôs as mãos para cima quando ele franziu a testa como se estivesse chateado. —Honestamente, não estou tirando sarro de você.

—Oh, realmente.

—Venha aqui. — Ela estendeu os braços. —E não, eu não vou seduzi-lo. Palavra de escoteiro.

Ele andou com seus pés descalços, as meias pretas penduradas nas mãos hábeis. Parecia absurdo fazer o Rei dos vampiros se agachar e sentar-se, e animá-lo — especialmente quando este era construído do jeito que ele era. Mas ela ia enlouquecer se não pudesse ter essa conexão sexual. E ele também.

—Gostaria de estar com você, — ela disse, — mas só se estiver confortável com isso. Não vai machucar o bebê, — você pode chamar a médica e perguntar-lhe por si mesmo. Ou fale com o Z — ele e Bella estavam juntos quando ela estava grávida. Ela me disse. Converse com quem precisar, mas por favor, repense onde você está. Estar com você tem que ter um lugar em tudo isso.

Quando ele estalou os dedos como se estivesse considerando as coisas, ela olhou para as tatuagens que percorriam até os antebraços interiores.

Tentou imaginar um filho dela com um conjunto daquelas e estendeu a mão, virando uma das mãos dele para que pudesse percorrer as pontas dos dedos através dos símbolos.

—Ele vai ter umas dessas, também? — Tantos nomes, ela pensou. —Ou porque eu sou sua mãe, que ele não terá essa permissão?

—Foda-se essa merda. Ele pode tê-las — e eu vou mandar V fazê-las. Mas só se ele as quiser.

—Estou surpresa.

—Sobre o quê?

—Do quanto eu o quero. E quero que ele seja exatamente como você.

Houve uma longa pausa e Wrath teve que limpar a garganta. —Esse é simplesmente o melhor elogio que alguém já me deu.

—Eu não sei... só sinto que você é o homem perfeito.

—Agora você está me fazendo corar.

Ela riu em uma pressa. —É verdade.

—Eu praguejo. Constantemente. E tenho um temperamento curto. Ordeno as pessoas em tudo — incluindo você.



—Você também é um grande lutador. Grande amante — embora o meu filho nunca, nunca vá ter relações sexuais — Não, não vai, e se tivermos netos, eles vão ser concebidos imaculadamente. Espere, onde eu estava, oh, sim, você também é muito leal e nunca olhou para outra mulher.

Wrath pôs o dedo indicador para cima. —E isso seria verdade mesmo que eu pudesse ver.

—E você é inteligente. Ótima aparência.

Ele se inclinou — Você está tentando me amolecer até eu transar com você?

—Está funcionando?

—Talvez. — Ele beijou seus lábios suavemente. —Só me dê um pouco de tempo. Ainda ontem você estava correndo para a médica porque estava vomitando.

Ela passou a mão em seu rosto e no queixo rígido. —Eu vou esperar por você. Sempre.

—Fico feliz. — Ele se sentou de volta. —Então, como está o estômago? Você quer a comida? A doutora disse que é preciso colocar algum peso em você, certo?

—Nada agrada. Mas vou tentar alguns desses salgadinhos e refrigerante de gengibre daqui a pouco. Layla ficou louca por causa deles.

—Bom negócio. Quando vai voltar para a doutora de novo?

—Bem, essa foi a outra parte do compromisso. iAm teve que trabalhar um pouco de magia na pobre mulher — naturalmente, meu exame de sangue não foi nada do que eles já tinham visto antes, embora os números dos hormônios da gravidez acabaram por ser certos o suficiente. Ela me quer de volta em um mês, a menos que alguma coisa mude. Doutora Jane disse que estava tentando conseguir uma máquina de ultrassom para a clínica — eles têm um equipamento portátil para coisas de ortopedia, mas não há um especificamente para a gravidez que faça imagem em 3D. Infelizmente, esse material vai ser caro demais.

—Tudo o que eles precisarem, eles podem ter.

Beth assentiu e ficou em silêncio.

Após um momento, ela pegou a grande mão do marido e esfregou o polegar sobre seu diamante negro.

—O que você vai fazer hoje à noite? — Embora ela soubesse a resposta.

—Vou acertar a minha mesa.

Ela sorriu. —Eu adoro quando você diz isso agora.

—Quer saber... eu também. — Ele deu de ombros. —É engraçado, eu me sentia muito inadequado neste trabalho. Você sabe, quando comparado com o meu pai, blah, blah, blah. Mas eu era o único que não me aprovava, não ele. E não sei, eu meio que deixei essa besteira ir embora.

—Fico feliz.

—Sim, é uma boa coisa. — Ele franziu o cenho. —Eu só queria que houvesse alguma maneira de — não sei, eu gostei de ajudar aquele capataz. E há mais como ele lá fora — tem que haver. Não sei como chegar até eles, apesar de tudo. Meu pai costumava estar em toda essa merda, de conversar com as pessoas — pessoas reais, não aquela besteira da *glymera*.

Beth sentou-se apressada. —Eu tenho uma ideia. E sei exatamente o que fazer.



Ele olhou para ela, e o sorriso lento que atingiu seu rosto foi a coisa mais sexy nele. —Você sabe o quê? — disse ele. —Eu amo sua mente. Absolutamente amo.

Wrath esticou a perna para fora e ao redor, trazendo-a em um círculo completo. E o contato foi feito exatamente onde ele queria — alto, e na face.

Tohrture caiu com o impacto, balançando em um círculo, empunhando sua espada em conjunto para que a lâmina brilhasse bem perto do peito de Wrath. Só que esta não chegou a atingir a distância. Nenhum sangue foi obtido, nem as roupas cortadas.

Mas Wrath sabia melhor do que desfrutar da pequena vitória. Arremessando de volta para seus pés, ele deu uma cambalhota no ar e aterrissou solidamente, estabelecendo sua posição de combate, erguendo as duas adagas.

—Solte ambas as lâminas, — Ahgony latiu.

Sem perder o ritmo, ele as lançou fora, confrontando o seu adversário de mãos vazias.

Tohrture veio até ele não retendo nada, nem a velocidade nem a força, e Wrath ficou imóvel. No último segundo, quando o grito de guerra do irmão foi ouvido e ecoado na caverna iluminada por tochas, Wrath agachou-se no chão e pegou o lutador pelos tornozelos com uma investida explosiva.

Tohrture caiu para frente e como Wrath tinha aprendido, a última coisa que queria era um irmão com uma espada nas mãos e em cima de você. Empurrando-se para fora do caminho, ele pulou de volta para seus pés. Isso foi fundamental. Sempre fique de pé.

Tohrture fez o mesmo, de pé um momento depois, a espada erguida, ao nível dos olhos. Ambos estavam respirando com dificuldade, e agora, depois de quantas quinzenas de treinamento, Wrath não era o único com contusões.

A espada fez um silvo rouco, quando Tohrture começou a girá-la de frente para trás e de ambos os lados, na parte superior de seu enorme corpo.

Wrath nem mesmo estava ciente das avaliações que ele estava fazendo — onde o peso de seu oponente era dividido, onde aqueles olhos estavam procurando; como os pequenos grupos musculares estavam se contraindo. Mas era tudo parte de seu treinamento, as coisas que uma vez lhe pareceram estranhas e estavam se tornando uma segunda natureza.

Vindo do nada, ele foi atacado pelas costas, um peso enorme o levou ao chão. Antes que pudesse puxar o ar, ele estava saltando e sendo seguro pela garganta enquanto uma luva cravejada o acertava com um punho.

Crack!

O impacto o chocou sem sentido, seus braços se jogaram no chão cheio de sujeira.

—Vamos lá — Ahgony gritou.

No mesmo instante, o peso estava fora dele, Night pulou de volta, saindo do caminho, o rosto mostrando a preocupação do momento, não a agressão.

Wrath se forçou a rolar e apoiar a parte superior de seu corpo fora do chão. Lutando para respirar pela boca sangrando, ele deixou a adrenalina clarear a vista para o piso de terra com ajuda da gravidade.



A dor queimava forte em seu rosto, e enquanto ele esperava que esta desvanecesse, lembrou-se do início de tudo isso, quando a sensação de lesão já lhe havia perturbado, assustado-lhe, distraído-lhe. Não mais do que isso. Agora ele sabia o padrão do alívio: como a dormência inevitavelmente viria, como em breve a sua mente iria limpar e ele estaria de volta aos seus pés.

Queda. Queda. Queda.

Seu sangue era vermelho brilhante enquanto se formava uma grande poça sob seu rosto.

—É o suficiente para esta noite, — Ahgony anunciou. —Ótimo esforço, senhor.

Wrath se empurrou sobre os joelhos para que seu torso ficasse na vertical. Era melhor do que tentar ficar de pé ainda. Seu crânio estava leve demais para isso. Espera... espera...

—Aqui, senhor, permita-me, — Night disse, oferecendo sua mão.

—Vamos chamar o curador — alguém disse.

Wrath fechou os olhos e sentiu seu corpo desabar. Mas então ele imaginou sua amada shellan, deitada em sua cama de plataforma, sua pele da cor das nuvens.

Levantando-se por conta própria, ele cuspiu o sangue restante de sua boca. —Mais uma vez, — disse à plateia. —Vamos fazer... de novo.

Houve uma pequena pausa, a luz das tochas bruxuleando sobre os outros machos na caverna secreta de treinamento.

E então os Irmãos se curvaram a ele de uma forma que ele havia notado que tinham começado recentemente a fazer—não cortês, não, não era como cumprimentar e ir embora, como era o costume aristocrático.

Esta era com respeito.

—Como quiser, meu senhor, — Ahgony disse. Antes de gritar mais uma vez, —Vamos lá!

Capítulo 68

—Aonde vais?

Abalone fez uma pausa no processo de colocar o casaco. Fechando os olhos, modificou sua expressão antes de virar e olhar para a filha.

—Em nenhum lugar, minha querida. — Ele sorriu. —Você continue prosseguindo com suas aulas.

—Por que essa carta? — Ela bateu o envelope aberto em sua palma. —Onde você está indo/ Pensou na proclamação que pairava acima da lareira. O qual levava o nome de seu pai. E, em seguida, preocupado com o que ela tinha na mão delicada.

—Fui convocado para ir até o Rei, — disse ele com firmeza. —Devo obedecer.

Sua filha empalideceu, cruzando os braços em torno de si mesma. —Você vai voltar?

—Eu não sei. — Andando mais, ele estendeu a mão e a puxou. —Isso depende de Sua Majestade...

—Não vá!

—Você será cuidada. — Supondo que suas posses, uma vez dadas a seu pai, pelo pai do atual rei, permaneceriam com ela. Mas mesmo assim, ele tinha escondido muito em lugares secretos. — Fedricah sabe de tudo e deve cuidar de você. — Ele deu um passo para trás. —Eu não posso dar essa vergonha à nossa linhagem. Seu futuro depende disso.

Se ele não fizesse bem em seu ato covarde, sabia que ela poderia ser a próxima. E isso ele não iria cumprir.

—Seja boazinha, — disse-lhe em voz abalada.

—Pai — ela gritou quando ele se virou e se dirigiu para a porta.

Acenando para o mordomo, não pode ver quando o *doggen* interveio e segurou sua filha a sua volta.

Lá fora, ele ainda podia ouvir sua amada filha gritando seu nome e lamentando. Há um tempo atrás, era capaz de invocar a concentração para desmaterializar-se — embora eventualmente, isso acontecesse.

Prosseguindo até o endereço que havia sido dado a ele, parou em frente...

Bem, se este era o lugar onde iria ser executado, era um lugar elegante o suficiente para perder a vida. A mansão estava na melhor parte de Caldwell, uma beleza federal¹⁷² com a luz brilhando de todas as suas janelas e uma lanterna suspensa balançando, e alegrando a frente da entrada.

Ele podia ver pessoas em movimento no interior. Grandes.

Com medo, sua garganta apertou e seus joelhos enfraqueceram, ele caminhou até a porta da frente. Havia uma argola perto da maçaneta da porta de bronze, e assim que bateu, a porta foi aberta amplamente.

—Oi. Você deve ser Abalone?

Tudo o que ele podia fazer era piscar. A morena na frente dele estava vestindo roupas largas, seu cabelo enrolado nas extremidades, seus brilhantes olhos azuis eram simpáticos e atenciosos.

—Eu sou Beth. — Ela lhe ofereceu a mão. —Estou realmente feliz que você veio.

Ele olhou para a mão dela e franziu a testa. Era isso... o Rubi Saturnino no dedo? Querida Virgem Escriba, esta era ela.

Abalone caiu de joelhos diante dela, inclinando a cabeça quase no chão brilhando. —Sua Alteza, eu não sou digno.

Duas enormes botas pretas entraram em sua visão. —Ei, meu homem. Obrigado por vir.

Isso tinha que ser um sonho.

Abalone levantou os olhos para cima, para cima, para cima... o vampiro macho mais alto que havia visto. E, de fato, com o cabelo preto longo e esses óculos escuros, sabia exatamente quem era.

—Sua Alteza, Eu.

—Sem ofensa, mas você poderia se levantar? Gostaria de fechar esta porta. Minha esposa está ficando com frio.

¹⁷² Tipo de arquitetura americana.

Lutando para se levantar do chão, percebeu que tinha esquecido de tirar o chapéu. Com um movimento brusco, o arrancou de sua cabeça e o colocou na frente de seu corpo.

Então tudo o que podia fazer era olhar para trás e para frente e, em seguida, para trás, quando dois machos tão grandes, que tinham que ser Irmãos, se levantaram de suas cadeiras.

—É ele? — o esplendidamente belo perguntou.

—Sim, — respondeu o rei, acenando seu braço para a direita. —Vamos entrar, Abe.

—Você vai me matar? — Abalone deixou escapar sem se mover.

As sobrancelhas da rainha se levantaram. —Não. Meu Deus, não — por que faríamos isso?

Wrath colocou a mão no ombro de Abalone. —Preciso de você vivo, amigo. Preciso de sua ajuda.

Convencido de que ia acordar a qualquer momento, Abalone o seguiu entorpecido para uma bela sala que devia ser usada para jantares, dado o seu lustre de cristal e lareira proeminente. Nas não havia uma longa mesa fina, no entanto, nenhuma fileira de cadeiras, sem nenhum aparador para servir a comida. Em vez disso, na frente da lareira, havia um par de poltronas que haviam sido viradas para enfrentar uma a outra, e havia outros sofás e cadeiras confortáveis a cada lado. A mesa tinha sido puxada à um canto próximo, onde havia um macho louro bonito em um terno de três peças com documentos espalhados ao redor.

—Sente-se, Abe, — disse o Rei, quando ele mesmo puxou uma das poltronas.

Abalone agradeceu — afinal isso era muito melhor do que uma guilhotina.

O Rei sorriu, sua feição dura aristocrática, mudando para algo simpático. —Não sei o quanto você sabe sobre o meu pai. Mas ele costumava fazer audiências com os plebeus. Minha esposa leu o seu e-mail na noite da reunião do Conselho e você mencionou que trabalhava com uma organização deles?

Abalone olhou para trás e para frente entre o rei e sua companheira, que tomou um assento em uma das outras cadeiras acolchoadas e estava se servindo de um refrigerante de gengibre.

Eles haviam mentido, pensou de repente. Estavam muito juntos, a sua submissão e devoção um ao outro era óbvia.

—Abe?

—Ah... — Não é o que ele havia esperado disto, em qualquer nível, embora estivesse muito feliz com a ideia que a *glymera* houvesse sido frustrada. —Sim, mas isso é... é mais uma afiliação sem estar preso a ninguém, realmente. Há questões que precisavam ser esclarecidas, e não que eu estava tentando entrar em seu papel.

O Rei levantou as mãos. —Ei, eu sou grato. Só quero ajudar.

Abalone engoliu na garganta seca.

—Você quer um refrigerante? — alguém perguntou.

Era um Irmão com cabelos negros, um cavanhaque, e olhos frios prateados, bem como uma série de tatuagens em uma de suas têmporas.

—Por favor. Obrigado, — Abalone respondeu fracamente.

Dois segundos depois, o guerreiro entregou uma Coca gelada em um copo. Que acabou por ser a melhor coisa que Abalone havia experimentado.



Recompondo-se, ele murmurou —Perdoe-me. Temia que tivesse encontrado o seu desagrado.

—Nem um pouco. — Wrath sorriu novamente. —Você vai ser muito, muito útil para mim.

Abalone olhou para o copo na mão. —Meu pai serviu o seu.

—Sim. Muito bem, eu poderia acrescentar.

—Através da generosidade de seu sangue, o meu prosperou. — Abalone tomou outro gole, sua mão tremendo fazendo o gelo tilintar no copo. —Posso dizer uma coisa sobre o seu pai?

O Rei pareceu endurecer. —Sim.

Abalone olhou para os óculos de sol. —A noite em que ele e sua mãe foram mortos, uma parte do meu pai morreu, também. Ele nunca foi o mesmo depois disso. Lembro-me de nossa casa ficar em luto por um total de sete anos, os espelhos envoltos em panos pretos, queima de incenso, o limite marcado com um batente preto.

Wrath esfregou o rosto. —Eles eram boas pessoas, os meus pais.

Abalone colocou o refrigerante de lado e deslocou-se para fora da poltrona, ficando de joelhos diante de seu Rei. —Eu vou atendê-lo, assim como meu pai fez, com cada célula do meu corpo.

Abalone estava vagamente consciente de que os outros haviam parado na sala, e estavam olhando para ele. Não se importava. A história fazia um círculo completo... e ele estava preparado para levar adiante com orgulho.

Wrath assentiu uma vez. —Estou fazendo você meu chefe-clérigo. Aqui e agora. Saxton, — ele latiu. —O que preciso fazer?

Uma voz culta respondeu suavemente. —Você acabou de fazer tudo isso. Vou elaborar a papelada.

O Rei sorriu e estendeu a palma da mão. —Você é o primeiro membro da minha corte. Boom!

—Eu sei onde você foi ontem à noite.

Xcor parou no meio da rua e não se virou. —Você.

A voz de Throe era calma. —Segui você. Eu a vi.

Agora, ele girou sobre sua bota de combate. Estreitando os olhos em seu segundo em comando, ele disse. —Tenha cuidado com o que vai dizer em seguida. E nunca mais faça isso de novo.

Throe andou para mais perto. —Eu falei com ela. O que diabos você está fazendo?

Xcor se moveu tão rápido que menos de um segundo depois o outro homem estava contra um prédio de tijolos, lutando para respirar através do domínio sobre sua garganta.

—Isso não é assunto seu para questionar. — Xcor se conteve para não puxar o punhal, mas estava difícil. —Aquilo que acontece dentro de minha vida privada não é da sua conta. E permita-me dizer isso claramente, *nunca* se aproxime dela novamente, se você quer viver para morrer de causas naturais.

A voz de Throe saiu estrangulada. —Quando tomarmos o trono.

—Não. Chega disso.



As sobrelhas de Throe levantaram em sua testa. —Não?
Xcor liberou o homem e andou. —Minhas ambições mudaram.
—Por causa de uma *mulher*?

Antes que pudesse se conter, ele espalmou uma de suas armas e apontou diretamente para a cabeça de Throe. —Cuidado com o tom de voz.

Throe lentamente levantou as palmas das mãos. —Eu só questionava a reviravolta.
—Não é por causa dela. Não tem nada a ver com ela.
—E então?

Pelo menos Xcor foi capaz de falar a verdade. —Esse macho desistiu de uma fêmea a quem estava vinculado, a fim de manter o trono. Eu o tenho em boa consideração por suas ações. Se ele está disposto a fazer isso? Pode ter a maldita coisa.

Throe exalou lentamente.

E não disse mais nada. O guerreiro apenas olhou nos olhos de Xcor.

—O que? — Xcor exigiu.

—Se você quer que eu diga algo mais, vai ter que abaixar a arma.

Demorou um pouco antes de seu braço ouvir as ordens de seu cérebro. —Fale.

—Você está cometendo um erro. Fomos capazes de fazer grandes progressos e haverá um outra forma para seguir.

—Não haverá nada vindo de nós.

—Não faça essa escolha de uma forma apaixonada.

Esse era o problema, no entanto. Ele temia que havia falhado em endurecer mais do que isso. —Não estou.

Throe caminhou ao redor, as mãos nos quadris, balançando a cabeça para trás e para frente. —Isso é um erro.

—Certo, então forme sua conspiração e tente fazer isso prevalecer. Não vai funcionar, mas prometo-lhe um bom enterro, se eu ainda estiver por perto para ver isso.

—Suas ambições serviam às minhas próprias. — Throe olhou-o com firmeza. —Não quero abandonar o futuro tão despreocupadamente.

—Não sei sobre esta palavra 'despreocupadamente', mas não me importo com sua definição. Este é o lugar onde estamos. Você pode partir se quiser, ou pode permanecer e lutar conosco como sempre fizemos.

—Você está falando sério?

—O passado não me interessa tanto quando costumava interessar. Então, vá se quiser. Pegue os outros, se desejar. Mas a nossa vida no Velho País bastou por muitos anos, então não vejo por que a identidade do Rei deva ser de tal preocupação para você.

—Isso é porque minha lâmina não foi afiada na pedra da coroa.

—O que você quer fazer agora? Isso é tudo o que me importa.

—Temo que não o conheço mais.

—Uma vez isso teria sido uma bênção.

—Não mais.

Xcor encolheu os ombros. — Isso é com você.

Throe olhou para cima como se estivesse procurando inspiração dos céus. — Tudo bem, — disse ele com firmeza.

— Tudo bem, o que?

— Por mais que tente — o rosto do homem tornou-se sombrio — a minha lealdade é sua.

Xcor assentiu uma vez. — Seu compromisso é aceito.

Mas ele não estava enganando a si mesmo. A ambição de Throe estava entre eles agora, e nenhuma troca de palavras ou mesmo um pergaminho iria mudar isso.

No entanto, eles não haviam terminado com isso. E talvez levasse noites, semanas ou anos antes da separação vir à tona... mas o que era esperado, é que isso seria uma carga a segui-los a partir deste momento em diante.

E ele temia que a moeda de troca fosse do sexo feminino.

Capítulo 69

Sentado em sua mesa no Iron Mask, Trez estava exausto com a coisa toda do clube. O barulho, o cheiro, os humanos — inferno, até mesmo a papelada estava ficando com ele.

Empurrando e afastando cerca de cento e cinquenta recibos, ele estava pronto para explodir enquanto esfregava os olhos. E então, quando ele abaixou suas mãos, seus olhos fixaram-se na luz fluorescente, sua visão se desfocando.

Outra enxaqueca?

Ele pegou um pedaço aleatório de papel e verificou se conseguiria ler o texto.

Sem ponto cego — ainda.

Desistindo de tentar fazer alguma coisa, ele sentou-se na cadeira, cruzou os braços sobre o peito, e olhou através da porta fechada. O barulho distante do baixo o fez pensar que ele precisava para obter alguns fones de ouvido.

O que ele realmente queria fazer era dar o fora daqui. E não apenas deste clube. Ou do que estava acontecendo naquele armazém do outro lado da cidade. Ele queria sair de todo esse empreendimento fodido, como a venda das bebidas, as prostitutas, do dinheiro para a loucura.

Pelo amor de merda, a cada vez que ele fechava os olhos, via o rosto de Selena. Ouvia sua voz quando ela disse que queria se vestir. Sentia o cheiro de sua decepção.

Enquanto ele pensava sobre o relacionamento deles, — se é que você poderia chamá-lo assim, ele definiu as coisas em termos de confrontos. Conversas fracassadas. Meias-verdades. Segredos escondidos.

Tudo culpa dele.

E era estranho. Seu irmão havia tagarelado com ele para limpar seu ato por quanto tempo? Dizendo-lhe que ele tinha que começar a se segurar e parar com o sexo, advertindo-o de que o tempo estava ficando mais curto, esperando e rezando para que uma reviravolta ocorresse,



mesmo quando não havia nenhuma esperança de que nunca viesse a ocorrer. Enquanto isso, ele transava com prostitutas em locais públicos, ficava com enxaquecas, e montava em uma enorme onda de autodestruição – estrangulando seu pescoço e sem prestar atenção.

Apesar de todos os esforços de iAm, Selenia havia sido a única a fazê-lo realmente ver a si mesmo.

Parecia desrespeitoso com seu irmão de admitir isso, mas lá vai.

Deus... ele orava para que a rainha tivesse uma filha que fosse escolhida. Talvez dessa forma, pelo menos parte desse pesadelo, estaria terminado.

A batida na porta dele era suave, e ele sentiu o cheiro de spray corporal, mesmo antes que a coisa se abrisse.

— Entre, — ele murmurou.

A garota que trabalhava lá foi entrando, era alta o suficiente para ser um modelo, mas seu rosto não era apropriado: nariz um pouco grande demais, os lábios um pouco pequenos demais, os olhos um pouco fora do centro. E era assim, mesmo depois de toda cirurgia plástica. Ainda assim, a partir de uma distância ou no escuro, ela era um maldito nocaute.

— Ouvi dizer que você quer me ver?

A voz dela estava à altura dos padrões de sexo por telefone, profunda e rouca, e seu cabelo, enquanto ela o empurrava por cima do ombro, era naturalmente espesso.

— Sim. — Ainda bem que ela não o conhecia bem o suficiente para estar ciente que ele estava meio morto. — Eu tenho um cliente especial.

— É esse o cara de quem elas estavam falando? — Seus olhos se arregalaram rapidamente. — Como, um deus do sexo?

— Sim. Eu quero saber se você pode ir até um apartamento amanhã e se encontrar com ele. — Ele e s'Ex haviam concordado em ter em um horário de uma vez por semana, mas quando o seu chantagista te chama e quer um encontro? Você estava dentro. — Vou apresentá-lo e...

— Oh, foda-se, sim. As outras meninas estavam falando sobre ele, que ele é um garanhão.

Ela começou a correr as mãos para cima e para baixo de seu corpo, cobrindo seus seios e seu sexo.

— Amanhã ao meio-dia. — Ele lhe deu seu endereço no Commodore. — Eu vou te encontrar lá.

— Obrigada, chefe.

Assim que os olhos dela se estreitaram, ele tinha a sensação de que estava por vir. Com certeza, ela disse: — O que posso fazer para mostrar minha gratidão?

Ele balançou a cabeça. — Nada. Basta chegar na hora amanhã.

— Tem certeza?

Olhando para ela, parte dele queria se render. Era muito mais fácil dessa maneira, semelhante a um mergulho numa piscina num dia quente de junho, e você não estaria com calor mais. O problema era que, hipoteticamente, ele não sabia nadar. E cada vez que ele tentava apenas se resfriar, ele acabava debaixo d'água, incapaz de respirar.

A luta para chegar à superfície simplesmente não valia a pena o alívio momentâneo.

—Obrigado, garota. Mas eu dispenso.

A mulher sorriu. — Você tem uma mulher lá, chefe?

Trez abriu a boca para dizer que não. — Sim, eu tenho.

Ah, ele pensou. Sim, certo.

Depois de sua pequena e feliz convocação, Selena não havia ido até a casa Irmandade de novo, e ele com certeza não havia ido até o grande acampamento.

Ele ainda conseguia se lembrar exatamente, como ela parecia enquanto olhava para ele. Casualmente, ele se levantara e saíra do quarto, após o silêncio que se prolongou muiiiiiiiiiiiiiito. Sim, com certeza, ele poderia tê-la pressionado a por algum tipo de conclusão ou algo assim. Mas a questão era, se ele tivesse que voltar para a s'Hisbe ou não, ele ainda tinha contaminado a si mesmo.

O que ele tinha para oferecer a ela ou à qualquer outra pessoa, não valia a respiração para se desculpar com ele.

—Ohhhh, é a grande fofoca, — disse a prostituta. — Posso contar às outras meninas.

—Sim. Claro. Tanto faz.

Ela quase dançou para fora de seu escritório.

Quando a porta se fechou novamente, ele se voltou para encará-la. Em sua superfície plana, tudo o que ele podia ver era Selena, claro, como se tivesse morrido e seu fantasma viesse para assombrá-lo.

Por um momento, ele estava realmente louco o suficiente para desejar que houvesse alguns negócios inacabados entre eles, para que ele pudesse usar como uma desculpa para vê-la. Então, novamente, a realidade era que ele poderia ir até ela de mil maneiras diferentes... e tudo o que ele tinha para oferecer era ele mesmo.

Não foi bom o suficiente ontem. Nem hoje. Ou nem amanhã.

Profundamente dentro dele, uma mudança começou. No começo, ele apenas reconheceu-a como um pensamento errante. Mas então, enquanto esse pensamento ressonava, ele percebeu que era muito, muito mais do que isso.

Quando ele olhava para o futuro, ele não viu nada de substância em sua vida, exceto seu irmão. iAm era isso, a extensão de qualquer valor que ele tinha no mundo. E de repente, a ideia de transformar a si mesmo para a rainha e sua filha, tornando-se um escravo sexual preso nas paredes do palácio, usado somente para seu pênis e sua ejaculação... não parecia nada muito diferente da forma como ele tinha vivido sua vida.

Ele estava transando regularmente e não tinha importância.

Não era como qualquer uma dessas mulheres houvesse significado uma maldita coisa.

Por que a filha da rainha seria diferente?

Bem, merda... a única coisa que não seria a mesma? Seu irmão estaria livre para viver sua vida.

Liberto.

E isso seria a única coisa verdadeiramente honrada que Trez poderia fazer.

Sentado em sua cadeira, ele percebeu... não era uma má maneira de terminar as coisas.



Sola deixou seu apartamento mesmo sabendo que era no meio da noite. Ela simplesmente não podia suportar ficar mais confinada, e o terraço não estava ajudando-a a sentir-se livre.

Descendo os degraus de concreto, ela passou pela piscina brilhante, para o caminho que atravessava os arbustos. Do outro lado, a praia se estendia um quilômetro em ambas as direções, o vento forte, quente, batendo no rosto.

Ela escolheu ir pela direita por nenhuma razão em particular e colocou as mãos nos bolsos de seu casaco leve, sentindo o telefone.

Ele tinha permanecido em silêncio.

E quando ela olhou para o oceano escuro e ouviu as ondas na praia, ela sabia que não ia tocar.

Ah, claro, ela receberia chamadas de sua avó. Talvez da empresa de telefonia. Talvez a da loja de reparo por causa da bateria nova do carro.

Mas nenhuma ligação com o código de área 518¹⁷³.

Parando, ela viu a luz do luar que entrava por trás dela tocando o mar agitado. Mesmo que sentindo-se enjoada, ela deliberadamente se lembrou de quando estava no porta-malas do carro, sentindo o frio e a vibração, o medo de saber que tudo o que estava por vir ia doer. Muito.

Segurando-o firmemente contra o peito, ela se lembrou mais uma vez o motivo do telefone estar tranquilo, era uma coisa boa.

No início, ela não tinha certeza exatamente o que era a dica.

Não é um cheiro, não; o vento estava vindo para ela. E não era a visão de qualquer coisa, enquanto ela procurava na paisagem por trás dela, vendo arbustos desalinhados, outro condomínio, uma espécie de um gramado, uma piscina... não havia nada que se movesse. Nenhum som, qualquer um.

—Assail — ela soprou para vento.

Ela caminhou em direção aos arbustos. Em seguida, correu.

Mas quando ela chegou perto deles? Ele não estava lá.

—Assail — ela gritou. — Eu sei que você está aqui!

Sua voz não se projetou muito longe por causa do vento. Retrocedendo, ela se moveu para perto de casa. — Assail?

Seu coração estava batendo em seu peito, uma esperança traiçoeira vibrando através dela, até que ela sentiu como se estivesse flutuando sobre a areia.

Esse otimismo é como a gasolina em um tanque, no entanto. Quanto mais não havia resposta, quanto mais baixo o nível, ela foi diminuindo... até parar.

—Assail...?

Ela olhou ao redor, pedindo para vê-lo, mesmo que fosse a última coisa que ela precisava.

Mas o homem de cabelos negros que estava procurando não respondeu a sua chamada... e, finalmente, a sensação de que ela estava sendo observada foi embora.

Como se o vento o houvesse levado.

Como se nunca houvesse existido.

¹⁷³ DDD de uma área do Estado de New York, onde Assail mora.

No caminho de volta à sua casa, ela deixou as lágrimas caírem uma a uma sem se preocupar em apagá-las. Estava escuro lá fora. Não havia ninguém para vê-las.

E nada a esconder.

Ela estava... por conta própria.

Capítulo 70

E assim foi, as semanas e os meses passaram, as estações mudaram do frio intenso do inverno para o molhado, trazendo os ventos da primavera com um doce aroma durante as noites, prometendo um verão mais cedo.

Em maio, Wrath acostumou-se a medir o tempo não pelo calendário, ou pelo abaixar ou levantar das persianas da mansão, ou pelas refeições em sua própria casa.

Eram pelas noites que ele passou ouvindo as histórias de seu povo.

As verdadeiras. Aquelas sobre a vida e a morte. E vinculações e divórcios. E doenças e saúde. Era engraçado: Tão importante quanto a cerimônia acasalamento de um vampiro foi para ele, a cerimônia humana que ele tinha compartilhado com Beth, trouxe a estabilidade de uma existência melhor.

Suas audiências com os plebeus eram conduzidas graças à calma e firmeza de Abe, aka Abalone, mas as decisões de Wrath sobre as coisas, eram as suas próprias. E havia tanta coisa para se fazer, mediar desavenças nas famílias, abençoar os filhos e filhas que nasceram, partilhando a dor com aqueles que sofreram perdas e alegria com aqueles que tiveram boa sorte.

Como sempre, Beth estava ao seu lado, sentada com Abe durante as audiências, verificando a papelada com Saxton quando era necessário... a barriga crescendo a cada momento.

— Estamos aqui, meu senhor — disse Fritz da frente do Mercedes. — Na casa de Mestre Darius.

— Obrigado, meu chapa.

Enquanto ele e George saíam da parte de trás, ele parou e se inclinou — Ei, poderia buscar mais desses morangos? Ela tem um desejo de cenouras novamente, também. E pickles. É melhor pegar dois desses frascos com essas tortas filhas da puta.

— Estarei de volta imediatamente meu senhor! E eu acho que vai precisar de um frozen iogurte para ela? Ela vai querer com as raspas de chocolate?

— Oh, merda. É. E não se esqueça das beterrabas. Ou da carne.

— Eu não me esquecerei.

— Depressa, ok? iAm vai trazê-la logo de Pottery Barn¹⁷⁴.

Wrath fechou a porta. — Vamos fazer isso, — ele disse a George.

E o cachorro sabia direito para onde ir, levando-o para a entrada — que Wrath abriu com sua mente. — Oi, querida, estou em casa — ele gritou.

¹⁷⁴ Loja famosa de Móveis e Decorações nos EUA.



—Trouxe flores? — Lassiter gritou de volta.

—Não para você.

—Droga. Bem, eu estou à postos hoje à noite com Tohr, então podemos nos mexer? Há uma lista completa de nomeações, mas eu quero voltar para assistir *Hell's Kitchen*¹⁷⁵.

—Você não grava essa merda? — Wrath reclamou, assim que ele e George entraram na sala de jantar antiga.

—Sim, mas eu tenho um pouco de — impulse control¹⁷⁶ —. Foi as nove, ok? E eu odeio esperar. A propósito, coloquei água fresca para George embaixo da sua cadeira.

—Pelo menos você gosta do cão. Essa é a única coisa que te salva.

—Ha! Eu tenho asas e um halo, seu filho da puta irritadiço. Estou já permanentemente salvo.

—Que sorte a nossa.

—Ei, meu irmão, — V disse enquanto atravessava o pórtico e acendia um cigarro enrolado à mão. — Onde está sua garota?

Lassiter cortou, — Ela vai estar de volta em breve, certo?

Wrath tinha que sorrir enquanto ocupava o seu lugar. A única vez que o filho da puta irritante ficava sério, era quando o assunto era sobre Beth, e ele tinha que admitir que era algo simpático.

—Ela não voltou ainda? — Rhage perguntou quando entrou na sala.

—Quanto tempo pode demorar para escolher os móveis do bebê? — Butch perguntou ao fazer sua aparição.

—Semanas, — Z respondeu. — Você não tem ideia.

E assim foi, todos chegaram com a mesma pergunta, desde de Blay e Quinn até Phury e Rehvenge.

O único que não perguntou nada em voz alta foi John, mas ele não precisava. O irmão de Beth tinha sido uma presença discreta, preocupada, desde que haviam feito o anúncio da gravidez surpresa. E Wrath amava o cara por isso. John nunca ficava no caminho, mas ele estava sempre lá, ouvindo Beth, sendo solidário, conversando com ela, trazendo seus filmes.

Engraçado, a gravidade com que tratava a situação fez Wrath pensar em Darius.

Deus, ele queria que o irmão houvesse sobrevivido para ver o que estava por vir em... apenas quatro semanas?

Jesus...

Toda vez que Wrath pensava sobre o evento iminente, ele descobria que não conseguia respirar. Mas forçou-se a lembrar de todos os exames que iAm havia levado sua esposa para fazer. Beth estava tendo uma gravidez perfeita. Ela estava saudável, feliz, comendo e bebendo, e se alimentando bem, não que a Dra. Sam, a médica humana no qual ela ia, soubesse disso. E a frequência cardíaca estava ótima. E seu filho estava ótimo.

Era quase fácil demais.

Quatro semanas para chegar.

¹⁷⁵ Reality Show sobre 16 aspirantes à chef de restaurante.

¹⁷⁶ Desordem psiquiátrica causada por ampla impulsividade.

—Leelan, — Wrath ladrou enquanto ele explodia da cadeira.

Havia todos os tipos de saudações de voz profunda, mas seus irmãos saíram do caminho para que ela tivesse uma chance chegar até os seus braços. E quando ele a levantou, ele teve o cuidado de não colocar nenhuma pressão sobre a barriga.

—Como você está? — ele sussurrou no ouvido dela, sabendo que um dia desses, ela ia responder que ela estava tendo contrações.

—Ótima. Oh, meu Deus, eu comprei a melhor coisa! Eu tive que comprar azul, quero dizer, que seja, nós vamos ter um menino. O berço e o trocador são perfeitos — certo, iAM?

O Sombra respondeu: —Perfeito.

Sem dúvida, o pobre coitado não tinha interesse na merda disso tudo, mas isso não importava. Ele era outro que fora cativado por Beth e tinha sido seu protetor no mundo humano, e Wrath sabia o porquê, é claro. Era a maneira do iAM de pagar a estadia por deixá-lo e ao seu complicado irmão, na mansão após seus rastros no Commodore terem sido comprometidos. Além disso, ele era muito óbvio que gostava de Beth de maneira platônica.

—Não é? Eu sei, certo? — Beth abraçou o pescoço de Wrath com tanta força que não conseguia engolir. —Estou tão animada! Quero vê-lo agora!

—Estão montando? — Wrath perguntou na direção de onde ele ouviu a voz de Z..

—Sim. E espere isso. Temos ainda que arrumar o Diaper Genie¹⁷⁷ e as mamadeiras.

—Vamos comprar as Born Free¹⁷⁸, — Beth informou ele, como se ele soubesse o que aquilo significava. —Caso meu leite não desça.

Wrath apenas sentou-se em sua cadeira e a colocou em seu colo, deixando-a se mover com calma, para que ela fizesse seu relatório. E os irmãos e os lutadores? Eles se reuniram em torno deles, fazendo perguntas como irmãos mais velhos fariam.

Qualquer um deles daria a sua vida por ela ou pela criança em seu ventre.

Era o suficiente para fazer um homem piscar um pouco mais rápido.

Enquanto Wrath segurava sua fêmea, ele descobriu que sua mão fazia um círculo em sua barriga enorme, e seu cérebro voltou para um pouco antes do pôr do sol. Uma vez que ele tinha superado seu problema sobre o sexo, as coisas haviam voltado para a forma como elas haviam sido logo depois que se conheceram.

Era tudo sobre picos hormonais.

Esta tarde eles tiveram que fazer com ela por cima, e isso era mais do que ótimo para ele. Ele amava apalpar seus seios agora — pesados — com as mãos e sentindo o núcleo dela levá-lo de uma nova maneira, por causa da maneira como seu corpo tinha mudado de forma.



¹⁷⁷ Tipo de lixeira inteligente para fraldas de bebê.

¹⁷⁸ Marca de Mamadeiras.



De fato, talvez houvesse tempo para uma rapidinha antes.

— Ei, Abes.

— Fala, Ab.

— E aí, Albacora?

Naturalmente, Lassiter, era o único que se recusava a usar o nome certo.

Quando Abalone gaguejava através de suas saudações, você tinha que sorrir. O cara ainda não conseguia se acostumar com os irmãos, mas eles estavam acostumados a ele. Assim como Wrath.

— Meu senhor, minha senhora, boa noite.

— Abalone, como está sua filha? — disse Beth.

— Sim, Abe, como foi o encontro de ontem à noite?

Silêncio. A Irmandade tinha adotado o macho e sua única filha, e coitado do jovem corajoso que levasse a menina para um encontro, e não a tratasse bem.

— Bem, eu não acredito que seja um encontro amoroso. Mas ela chegou trinta minutos antes do toque de recolher.

— Boa. — Wrath assentiu. — Isso significa que ele pode manter as pernas. Então, o que temos para nós esta noite?

— É uma lista completa, — o aristocrata relatou. — O primeiro casal que veremos acabou de ter um netinho, e eles querem perguntar se eles podem trazer a mãe com o pequenino. No entanto, sua filha não é casada com o pai, e eles estão preocupados com o fato de vão ofendê-los ou não.

— Claro que não.

O tom de Abalone permaneceu calmo. — Mas é importante para eles pedir a sua permissão e reconhecer isso pessoalmente com você.

— Tudo bem. Legal. Quando é que vou conhecer o garoto?

Abalone riu. — Amanhã à noite?

— Eu vou estar aqui. E quem é depois disso?

— Um primo meu, na verdade. Ele está buscando permissão para....

Enquanto o macho gentil continuava e continuava a detalhar as inter-relações familiares, Wrath estava mais uma vez reverente em relação a ele. Abe era tão discreto e respeitoso, nunca dava uma bola fora, e ainda assim a cada fodida noite, providenciava uma fonte de conhecimento e compaixão.

Era malditamente impressionante.

E enquanto Wrath se sentava e ouvia tudo o preâmbulo, ele foi atingido pelo fato de como ele poderia fazer essa porra para sempre. Ele realmente podia.

Especialmente com sua shellan na frente e no centro, seu cão ao lado dele, e seus irmãos em torno deles todos.

Com um sentimento de grande pavor, Anha colocou a mão sobre sua barriga inchada, e viu seu companheiro se dirigir noite a fora.

À luz bruxuleante da lareira e as velas, tudo nele era diferente. Ela tinha notado a mudança ao longo do último número de meses, mas nesta noite, tudo o que havia sido sutil parecia ter se unido, e o ponto culminante ter chegado.

Seu corpo estava diferente agora, mais forte, mais definido. Maior.

E sua expressão não era a mesma. Pelo menos não quando este novo estado de espírito estava sobre os seus ombros.

Como se sentisse seu olhar, ele olhou para ela.

—Por quanto tempo você vai ficar fora? — ela pediu. — E não minta. Eu sei motivo pelo qual você está saindo.

Ele se afastou dela, até a mesa de carvalho onde uma roupa que ela nunca havia visto antes, havia se materializado, trazida pela Irmandade. Completamente preta.

—Vou voltar ao amanhecer.

Sua voz era mais baixa do que o normal, mais fria do que o normal. E então ela percebeu que ele estava colocando uma cinta de couro sobre seu peito. Assim como os irmãos usavam.

—Você vai lutar — ela sussurrou através da garganta fechada.

Só depois que ele colocou dois punhais pretos com as alças para baixo por sobre o coração, que ele finalmente respondeu à ela. — Vou voltar ao amanhecer.

—Você vai matá-los, não vai?

—Você quer que eu responda a isso?

—Sim.

Wrath, seu companheiro, seu amor, o pai de seu bebê que ainda ia nascer, aproximou-se dela, onde ela estava sentada diante do espelho de sua penteadeira. Quando ele ficou de joelhos, foi um alívio, porque ele era quase familiar dessa forma. Especialmente quando ele olhou em seus olhos.

—Vou fazer o que for preciso fazer, — disse ele.

Ela colocou as mãos no rosto, acariciando seu rosto, lembrando-se de todas as madrugadas, quando ele chegava em casa sangrando e mancando, inchado e duro. Mas ultimamente ele tinha mantido a sua agenda com os machos, e não voltou ferido.

Então, ela deveria saber que era hora.

—Mantenha-se seguro — ela implorou. — Nós precisamos de você.

—Eu voltarei a vós. Sempre.

Com isso, ele beijou — a com força, e então saiu pela porta da câmara. Antes que se fechasse atrás dele, viu que os irmãos fizeram uma fila em ambos os lados do corredor de pedra, cada um com uma tocha.

Eles se curvaram ao seu hellren quando ele saiu.

Sozinho...

Descansando a cabeça em suas mãos, ela sabia que tudo o que poderia fazer era rezar....

Capítulo 71

Enquanto Wrath atendia o primeiro de seus compromissos, Beth escapou para a cozinha e roubou uma taça de morangos frescos que Fritz havia comprado para ela no Hannaford¹⁷⁹ local.

Cara, após os últimos meses, ela havia se acostumado a ser mimada – benefício que Bella disse à ela para desfrutar, mas que tinha levado algum tempo para relaxar: Todo mundo tinha sido, e estava sendo, tão amável, os Irmãos e suas companheiras, a equipe, John Matthew, os Sombras. Era incrível.

Assim como a gravidez.

Por algum milagre, ela estava se desenvolvendo exatamente como uma gravidez humana normal, bem em seu oitavo mês e se sentindo ótima. Ela tinha muito vigor, sem tornozelos inchados, sem estrias, e um bebê que dava voltas sob suas costelas cada vez que ela comia. Especialmente se havia açúcar envolvido.

Não era nada para o que ela tinha se preparado.

Infortúnios? Merda, sim, ela tinha lido tudo sobre eles. Depois do choque inicial no médico, ela naturalmente foi direto para a Internet e aterrorizava-se de forma estúpida com todas as diferentes coisas que poderiam dar errado. A salvação era que, a essa altura, ela já havia ultrapassado pelo primeiro trimestre cabeludo¹⁸⁰, onde a maioria dos abortos aconteciam – entretanto infelizmente, a necessidade a chutou em uma imprevisibilidade que ela não tinha sido capaz de relaxar completamente por mais de um mês.

Mas, sim, a preocupação em sua maioria passou agora que ela estava entrando nas últimas quatro semanas. E com certeza, o trabalho de parto seria uma merda – mas não, ela não estava indo experimentar um tenso plano de parto sem drogas. E sempre que ela ficava um pouco apreensiva? Só se lembrou que milhões e milhões de mulheres fizeram isso antes dela.

O seu plano de parto estava vinculado a iAm e Trez estarem disponíveis num piscar de olhos, pelas próximas quatro semanas. Dra. Sam tinha prometido estar presente, não importando a hora do dia ou da noite, um pequeno empenho que ela suspeitava que iAm tinha incutido com um truque mental.

Ele havia manipulado um número de pessoas, discretamente, é claro.

E assim foi bem sucedido em manter a identidade da raça no DL¹⁸¹.

Ela estava esperando que, como um monte de mulheres, ela entrasse em trabalho à noite, então Wrath poderia ser uma parte de pelo menos uma parte dele. Mas ambos concordaram — mesmo que isso fosse matá-lo, a sua segurança e a do bebê vinham primeiro.

E isso significava que ela teria que ir ao Dra. Sam —

—Estão os frutos ao seu gosto, minha senhora? — perguntou Fritz.

Olhando através da cozinha de seu pai, ela balançou a cabeça. —Estão perfeitos.

Quando o mordomo sorriu como se tivesse ganhado na loteria, ela terminou o que estava na

¹⁷⁹ Hannaford é uma cadeia de supermercados americana com sede em Scarborough, Maine EUA. Fundada em Portland, Maine, em 1883.

¹⁸⁰ Cabeludo – nesse sentido quer dizer difícil, trabalhoso.

¹⁸¹ DL = Down Low – Mantendo um ato, ação ou alguma outra peça de informação em segredo.

tigela e permitiu-lhe levar a coisa dela.

Voltando para a sala de jantar, teve o cuidado de não fazer barulho enquanto ia até sua cadeira acolchoada.

Wrath estava sentado poltrona que ele preferia, a da esquerda, aquela cuja mesa de Saxton ficava atrás. Em frente a ele, na cadeira correspondente, um homem estava sentado com as mãos segurando forte os joelhos, os ombros curvados, o rosto pálido. As roupas que usava não eram extravagantes, apenas o tipo de coisa que você poderia obter na Target¹⁸², e seu relógio era nada como um Rolex, apenas um de correias de borracha preta fosca.

Wrath se inclinou para frente e ofereceu sua mão. —O que aconteceu?

O macho balançou para trás e para frente na cadeira. —Ela...— De repente, ele olhou para Beth, seu rosto empalidecendo ainda mais.

Enquanto ficava rígida, colocou a mão sobre sua barriga.

Ah... inferno.

—Fale comigo, — disse Wrath em voz baixa.

—Ela...— Neste momento, o homem começou a sussurrar tão baixinho que nada transmitia.

Mas estava claro que Wrath entendia cada palavra. E enquanto observava as mãos de seu marido se apertando, aqueles antebraços se enrijecendo, ela soube do que se tratava.

Mortes. Da gravidez.

Ela ouviu falar por muito tempo sobre como a raça dos vampiros sofria na cama de parto, como o chamavam, embora ela não tivesse verdadeira apreciação por suas perdas antes. Lidar sobre isso com os plebeus agora? Ela estava decididamente horrorizada.

Tantos mortos. Mães e filhos.

Assim como sua própria mãe havia morrido.

Era uma tragédia que a ciência médica não conseguia fazer muita coisa para mudar. O que dizer sobre Havers: Ele tinha uma clínica equipada com todos os tipos de tecnologia moderna, e ainda assim as coisas ruins aconteciam. Aparentemente o tempo todo.

Wrath estendeu seus grandes braços e colocou as mãos sobre os ombros do macho. Ele falou baixinho, também, mas seja o que for que estava dizendo, o marido que perdeu tudo estava balançando a cabeça.

Ficaram assim por um tempo muito longo.

Quando a reunião finalmente acabou, os dois se levantaram e se abraçaram, o civil muito menor do que o marido.

Antes do macho partir, beijou o anel do Wrath.

Abalone escoltou o plebeu para fora, falando baixinho com ele, quando Wrath lentamente se sentou novamente. Suas sobrancelhas estavam apertadas, a boca uma linha sombria.

Quando ela se levantou, estremeceu e teve que esticar suas costas. Indo até ele, ela queria puxá-lo com força para ela, mas percebeu que uma lembrança da gravidez provavelmente não era o que ele precisava no momento.

—Eu não posso ajudá-lo, — disse Wrath com uma voz quebrada. —Eu não posso... ajudar

182 Target – Loja norte americana. <http://www.dicasdaflorida.com.br/2012/11/loja-supermercado-target-miami-orlando.html>

onde ele está.

— Às vezes, saber que você não está sozinho é suficiente.

— Eu não tenho tanta certeza sobre isso.

Mas ele tomou suas mãos e as levou aos lábios, beijando os nós dos dedos, um por um. E, quando uma súbita onda de exaustão bateu nela, ele pareceu notá-lo.

— Que tal você ir para casa? — Disse.

— Como você sabe?

— Você só bocejou.

— Bocejei?

— Chame Fritz para levá-la.

Enquanto arqueava as costas, ela queria ficar, mas tinha que ser realista. — Talvez andar no shopping durante todo esse tempo foi um pouco demais.

— Vá em frente, descanse. Estarei em casa num par de horas e eu colocarei um pouco de televisão de merda¹⁸³ para nós, ok?

— Isso soa como o paraíso.

— Ótimo. — Ele a beijou uma vez. E então parecia ter de fazê-lo novamente. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

— Fritz. — seu marido chamou — Carro!

Ela fez questão de afagar George um par de vezes e dizer-lhe para onde estava indo antes de sair. E então ela saiu para a noite, ficando na parte traseira do Mercedes, indo para a mansão.

Deixando cair a cabeça contra o assento, já podia sentir-se começar a cochilar. — Tenho medo que eu não seja muito boa companhia, — disse ela ao Fritz.

— Apenas descanse, minha senhora.

— Boa ideia, Fritz.

Quando Beth partiu, Wrath se recostou na poltrona, e não estava minimamente à vontade.

... Ela morreu na minha frente...

... Segurei meu filho sem vida em minhas mãos...

— Meu senhor?

— Sinto muito, o quê? — Ele balançou a si mesmo. — O quê?

Abalone pigarreou. — Gostaria de uma pausa, senhor?

— Sim. Apenas me dê um minuto. — Pegando a guia de George, disse, — cozinha.

Passando pela porta basculante com seu cão, estava aliviado por Fritz já haver partido e que os irmãos terem ficado para trás.

Merda, no minuto em que tinha cheirado a dor e a tristeza daquele civil, soube que tudo tinha sido perdido pelo macho — e não em sentido material. As pessoas não entravam nesse tipo de agonia por coisas. E como de costume Abalone conhecia a história completa, mas Wrath preferiu deixar as pessoas dizerem-lhe os detalhes pessoalmente; queria ouvir coisas diretamente deles.

O parto realmente não tinha reivindicado a vida da mulher neste momento.

¹⁸³ Shitty TV — no sentido de programação de baixa qualidade.



Um acidente de carro.

Wrath tinha esperado que isso fosse um precedente, mas essa não era forma que destino jogava. Não, a fêmea tinha sobrevivido ao nascimento e então teve a criança. Eles foram mortos por um motorista bêbado no caminho para casa, voltando da clínica de Havers.

A crueldade casual do destino, às vezes, era uma cadela em uma escala épica.

Inacreditável.

Indo até a mesa, puxou uma cadeira e sentou-se.

Tinha certeza que estava de frente para as janelas – não que pudesse ver através delas.

Tantas histórias que ele havia ouvido, mas esta... Jesus Cristo, chegou até ele.

Não sabia quanto tempo ficou lá, mas eventualmente V colocou a cabeça dentro —Você está bem?

—Não.

—Você quer remarcar, verdade?

—Sim.

—Tudo bem.

—V.

—Sim?

—Você se lembra daquela visão que me falou? Onde eu estava com o rosto olhando para o céu e o futuro estava em minhas mãos?

—Sim.

—O que...

Abruptamente, ele reviveu a angústia daquele civil. —Não, não importa. Não quero saber.

Às vezes, informação não era uma coisa boa. Se aquele plebeu pudesse ter visto o futuro, não teria mudado o resultado. Teria gastado o tempo restante com sua mulher e seu bebê, aterrorizado com o que estava por vir.

—Eu vou limpar os pavimentos, — disse o irmão após um momento.

A porta basculante fechou com um *thump-bump*.

Por nenhuma razão aparente, pensou em seu pai e sua mãe, e se perguntou como a noite de seu nascimento havia sido. Eles nunca falaram sobre isso, mas ele nunca pediu, também. Sempre havia algo mais acontecendo – e também, ele era muito jovem para se preocupar com essas coisas.

A medida que tentou imaginar a chegada de seu próprio filho, não poderia imaginar o fluxo de eventos. Era uma hipótese muito carregada emocionalmente a reverberar.

Mas havia uma coisa que era brutalmente clara como um fodido cristal.

Ele só não tinha certeza de como contorná-la.

Enquanto se preocupava com as coisas, memórias do último par de meses penetraram nele. Histórias e problemas, presentes dados e recebidos. Depois de toda a luta que ele travou contra fazer o trabalho do Rei anterior, era uma revelação realmente amar o que estava fazendo.

Ele ainda não tinha perdido a luta.

Inferno, houve muitos outros desafios a enfrentar e superar: Combates, afinal de contas,

nem sempre eram travadas no campo, e, por vezes, os inimigos não estavam armados com armas convencionais. Às vezes, eles eram até nós mesmos.

Finalmente, ele soube exatamente porque seu pai tinha conseguido ficar tanto tempo no trono. Ele fodidamente entendeu totalmente.

E era engraçado: A única coisa que muitas das pessoas tinham em comum era o amor por sua família. Seus companheiros, seus pais, seus filhos; tudo que parecia vir em primeiro lugar.

Sempre.

Família primeiro.

A próxima geração... em primeiro lugar.

Ele voltou a pensar na noite que seus pais haviam sido abatidos. A única coisa que haviam feito antes da porta ter sido derrubada? Escondê-lo. Mantê-lo seguro. Preservá-lo – e isso não tinha sido para garantir o futuro do trono. Isso não foi nada do que eles disseram quando o trancaram naquele espaço apertado.

Eu te amo.

Essa era a única mensagem que importou quando o seu tempo se esgotou.

Não, Seja um bom rei. Não, Siga os meus passos. Não, Faça-me orgulhoso ou então...

Eu te amo.

Era o vínculo que ligava, mesmo com a separação da morte e do tempo.

Enquanto imaginava seu filho vir ao mundo, tinha a maldita certeza de que uma das primeiras coisas que ele ia dizer era: *eu te amo*.

—Wrath?

Ele pulou e se virou para o som da voz de Saxton. —Sim? Desculpe, só estava divagando um pouco.

—Terminei com toda a minha papelada de ontem e de hoje à noite.

Wrath se virou para as janelas que não podia ver. —Você trabalhou rápido.

—Na verdade, são três horas da manhã. Você esteve sentado lá por cerca de cinco horas.

—Oh.

E ainda assim ele não se mexeu.

—A maioria dos Irmãos partiu horas atrás. Fritz ainda está aqui. Ele está limpando o andar de cima.

—Oh.

—Se você não precisa de nada...

—Existe algo, — Se ouviu dizer.

—Claro. Como posso ajudar?

—Eu preciso fazer alguma coisa para o meu filho.

—Um legado?

Quando Wrath começou a trabalhar a coisa toda em sua cabeça, ficou um pouco assustado. Deus, você acha que as grandes curvas da vida devem vir com um sinal de alerta ao lado da estrada proverbial, um pequeno número amarelo que anunciasse a direção que você tomaria, e talvez oferecesse um tipo de conselho—reduza a velocidade.

Neste caso, ele e sua *shellan* haviam estado grávidos meses antes da necessidade dela. Assim a vida fez das suas, não foi?
—Sim. Mais ou menos.

Capítulo 72

Foi como ele havia prometido.

Wrath foi bom em cumprir a palavra que ele tinha dado a sua shellan. Ele estava, na verdade, de volta ao amanhecer.

Enquanto ele andava em direção a casa em cima de seu cavalo, estava exausto, a ponto de agonia, incapaz de conter-se por mais tempo, por uma marcha a pé. Mas entretanto, havia outra razão para o seu progresso lento.

Embora tivesse saído sozinho, ele não voltara assim.

Havia seis corpos sendo arrastados pelo chão atrás dele e de seu cavalo, e mais dois na parte traseira de sua sela. Os primeiros ele amarrou com cordas nos tornozelos; os últimos foram fixados ao cavalo com ganchos e redes.

E os outros que havia matado não havia suficiente de seus restos para levar com ele.

Não podia cheirar nada, apenas o sangue que derramou.

Não ouvia nada, apenas o arrastar abafado dos corpos sobre a sujeira da estrada.

Não sabia nada, exceto que havia assassinado a cada um deles com a mão.

O vale arborizado que atravessou foi a última a distância a ser percorrida antes do castelo... e na verdade, quando ele saiu em uma clareira, lá estava ele, levantando-se disforme para fora da terra.

Não gostava do que tinha feito. Ao contrário de um gato do celeiro que gostava de seu dever, os ratos que ele tinha matado não tinha sido uma fonte de felicidade maliciosa para ele.

Mas quando ele pensou em seu bebê nascituro, soube que tinha feito do mundo um lugar mais seguro para seu filho ou filha. E, enquanto ele levava em consideração sua amada companheira, bem como a morte de seu próprio pai, estava bem ciente de que o que tinha sido atípico para a sua natureza, havia sido muito necessário de fato.

A ponte levadiça sobre o fosso pousou em um arrastar, proporcionando-lhe a entrada, como se tivesse sendo esperado.

E ele estava.

Anha correu para as pranchas, a luz da lua desvanecida pegando seu cabelo escuro e suas vestes vermelhas.

Ele a conhecia há tão pouco tempo, quando julgado pela passagem das estações. Mas com o curso dos acontecimentos, ele acreditava que estavam juntos há vidas.

A Irmandade estava com ela.

Puxando as rédeas, ele soube que ela viu tudo enquanto suas mãos foram para a boca e



Tohrture teve que tomar seu cotovelo para mantê-la de pé.

Ele desejou que ela não houvesse vindo. Mas já não havia volta para nada disso.

Desmontando, apesar de não estar ainda sobre a ponte, deixou o cavalo onde estava e atravessou a distância das pranchas.

Pensou que talvez ela poderia fugir dele, mas, não, foi o oposto.

— Você está bem o suficiente? — ela disse enquanto se jogava para ele.

Seus braços estavam fracos, quando iam ao seu redor. — Aye¹⁸⁴.

— Você está mentindo.

Ele baixou a cabeça em seu cabelo cheiroso. — Aye.

Pelo menos com ela, ele não tinha que fingir. A verdade era que ele ainda temia o futuro. Ele pode ter tomado a sua vingança contra estes traidores, mas haveria mais.

Reis eram alvos das ambições dos outros.

Essa era a realidade.

Fechando os olhos, ele desejou que houvesse uma maneira de sair do legado — se preocupava com seu futuro filho, se tivesse um. Filhas tinham uma chance. Filhos eram amaldiçoados.

Mas não podia mudar o que ele nasceu para ser. Ele apenas rezou pela coragem que tinha se apresentado esta noite vir de novamente, quando fosse mais necessária.

Pelo menos agora provaria para si mesmo e sua amada que era apenas um líder em tempos de paz. Na guerra, poderia empunhar a espada se fosse preciso.

— Eu te amo, — disse ele.

Quando sua companheira estremeceu contra ele, ele soube que ela ia tremer de novamente no dia seguinte à noite — quando ela visse o que ele ia fazer com as cabeças daqueles cadáveres.

Mensagens tinham de ser enviadas de forma a serem recebidas.

— Vamos para nossa câmara, — disse ele, apertando-a em seu peito.

Quando acenou para os Irmãos, sabia que eles cuidariam de seu cavalo — e de suas presas. Haveria tempo para as decapitações mais tarde. Agora? Ele só queria um pouco de sanidade em meio à loucura.

Caminhando para o seu castelo, ela era, como sempre, seu único regato.

— Se tivermos um filho, — ele murmurou.

— Sim? — Ela olhou para ele. — O que tem ele?

Wrath olhou para o rosto que olhava para ele, o belo rosto que definiria suas horas, bem como seus anos. — Espero que ele encontre alguém como você.

— De verdade? — ela sussurrou.

— Sim. Rezo para ele ser metade do quão afortunado sou eu.

Quando Anha apertou em torno de sua cintura, sua voz tornou-se áspera. — E para uma filha... uma metade masculina tão boa quanto seu pai.

Wrath beijou o topo de sua cabeça e os conduziu para a frente, através do grande salão e até a sua câmara, a Irmandade com eles, mas mantendo uma distância discreta.

Sim, pensou, para sobreviver, é preciso não estar sozinho.

¹⁸⁴ Aye — forma escocesa de dizer sim.



E é preciso ter um parceiro de valor.

Possua isso? E você será mais rico do que qualquer rei e rainha que jamais vagou pela Terra.

Capítulo 73

Wrath viu sua mãe pela primeira vez em 330 anos, no dia seguinte.

Em algum nível, ele sabia que tinha que ser um sonho. Ele estava cego por muito tempo para ser seduzido a pensar que a realidade de repente mudara.

Além disso, olá, ela estava morta há séculos.

E ainda, assim que ela veio até ele através da escuridão, estava tão viva como ele poderia ter desejado que ela estivesse, movendo—se com facilidade, usando um vestido de veludo vermelho no velho estilo.

—*Mahmen* — disse ele com admiração.

Quando ele levantou a cabeça, percebeu com um choque que era de seu travesseiro. E merda, esse era o quarto dele, ele poderia dizer pela cor sutil das paredes.

Seu primeiro instinto foi se virar e procurar.

Beth estava bem ao lado dele, deitada e salva debaixo dos cobertores, seu rosto se virou para ele, o cabelo escuro dela em todo o travesseiro que se misturava com o seu próprio. E ele poderia dizer pela forma da barriga dela que, sim, ela ainda estava grávida.

Jesus Cristo, ele podia vê-la.

—Beth, — disse ele bruscamente, —Beth! Eu vejo você, leelan, acorda eu estou te vendo, eu estou te vendo!

—Wrath.

Ao som da voz de sua *mahmen*, ele se virou de volta. Ela estava ao lado da cama, agora de braços cruzados, com as mãos dobradas nas mangas volumosas do vestido.

— *Mahmen*?

— Eu não sei se você se lembra disso, mas você veio a mim uma vez.

Deus, sua voz era tão gentil, do jeito que ele se lembrava e ele quase fechou os olhos apenas para que pudesse memorizar o som. Exceto que ele não ia se enganar nem por nanosegundo.

Espere, o que ela tinha dito? — Eu fiz o que?

— Eu estava morrendo. E você veio até mim através da névoa do Fade. E você me disse para segui-lo para casa. Você me fez parar e voltar com você.

— Eu não me lembro.

— É uma dívida que eu lhe devia por muito tempo. — Seu sorriso era pacífico como o da Mona Lisa. — E eu vou pagá-lo agora. Porque eu te amo muito, muito.

— Pagar? Do que a senhora está falando?



— De despertar, Wrath. Acorde agora. — Abruptamente, a voz mudou, tornando-se urgente. — Chame o curador — você deve chamar o curador se quiser salvar a vida dela.

— Salve a vida dela — de sua Beth?

— De despertar, Wrath. Assim que despertar chame o médico.

— O que é você.

— Wrath, acorde.

Em uma corrida repentina, como se tivesse sido catapultado para fora do sono REM, Wrath ficou sentado. — Beth — ele gritou.

— O que — que — que — que.

Quando ele se virou para sua esposa, ele amaldiçoou a escuridão ao seu redor. Porra de sonho, a provoca-lo com o que ele não tinha.

— O que — Beth chorou.

— Merda, desculpe, eu sinto muito. — Ele estendeu a mão e a acalmou, e acalmou-se. — Desculpe, foi sonho fodido.

— Oh, caramba, você me assustou. — Ela riu e ele a ouviu bater no travesseiro como se tivesse se deixado cair. — Deveríamos dormir com a luz do banheiro acesa.

Franzindo a testa, ele se virou para o lado da cama onde sua mãe havia estado e ... — Não, ela não estivera realmente aqui.

— Quem?

— Desculpe. — Girando seu pescoço, ele jogou a perna para o lado da cama. — Eu já volto.

Ele deu uma boa alongada, e enquanto sua espinha dava um estalo, pensou com carinho da conversa que tivera com Payne, logo que ele tinha chegado em casa. Eles estavam pensando em lutar, e não porque ela era uma fêmea.

Era porque ela era uma boa lutadora e ele queria voltar ao jogo agora.

No banheiro, ele acariciou George, que estava enrolado na cama da marca Orvis para cães, que Butch havia dado a ele no Natal e, em seguida, deu uma mijada e lavou o rosto.

Quando ele voltou para a cama, ele pretendia voltar para terra sem luzes. Exceto que quando ele se deitava, ele franziu a testa. — Ah, ouça ... você está se sentindo bem?

Sua Beth bocejou. — Sim, com certeza. Mas eu estou feliz por ter voltado para cá — o sono ajudou. E deitada eu me sinto melhor — Eu tive uma dor nas costas com esse negócio de agachar e levantar.

Tentando parecer causal, ele perguntou: — Quando é a sua próxima consulta com o médico?

— Não será antes de sexta-feira. Vai ser semanal agora. Por que pergunta?

— Por nada.

Como ele ficou em silêncio, ela se enrolou contra ele e soltou um suspiro enquanto ela se ajeitava. Ele esperou cerca de um minuto e meio.

— O que você acha de ligarmos para o médico?

— Chamar — peraí, você quer dizer agora?

— Bem, sim.



Ele podia sentir sua indecisão. — Mas por quê?

Bem, como ele poderia dizer-lhe qualquer coisa do tipo, *minha mãe que está morta me disse isso*. — Eu não sei. Quem sabe ela poderia fazer-lhe um check-up ou algo do tipo.

—Wrath, esse não é o caso. Especialmente considerando que não há nada de errado. — Sentiu-a brincando com seu cabelo. — É sobre o civil? Que perdeu sua esposa e bebê?

— Não foi durante o parto.

— Oh. Eu pensei que tivesse sido.

— Talvez pudéssemos chama-la.

— Não há razão para isso.

—Qual é o telefone dela? — Ele estendeu a mão para o telefone. —Eu estou ligando para ela.

—Wrath, você perdeu o juízo?

Foda-se, ele tinha acabado de ligar para o 411¹⁸⁵.

Beth continuou falando com ele, enquanto esperava que o operador atendesse. — Sim, oi, em Caldwell, Nova York. O número da Dra. Sam — qual é o sobrenome?

—Você está louco.

—Eu pagar pela visita, não, não você, operador. — Assim que se lembrou do sobrenome, ele o disse e soletrou duas vezes. — Sim, ligue para o consultório, obrigado.

—Wrath, o que é isso.

Assim que a chamada terminou, Beth ficou quieta. —Beth — ele perguntou com uma careta.

— Desculpe-me, — disse ela. — Minhas costas estão doendo. Você sabe o que? Na próxima vez que eu tiver que andar tanto, vou usar tênis. Agora você vai desligar e.

— Sim, oi, esta é uma emergência médica. Preciso que a Dra. Sam venha à nossa casa, a minha esposa é um paciente dela... 36 semanas... sintomas? Minha esposa está grávida, quanto tempo você vai levar para vir?

—Wrath — Beth disse em voz baixa.

— O que quer dizer, que você não pode?

—Wrath.

E foi aí que ele calou a boca ... e sabia que sua mãe tinha razão. Virando a cabeça para sua esposa, ele disse, com medo —O quê?

—Eu estou sangrando.

A definição de terror mudava quando as coisas não eram apenas sobre você. E nada era menos sobre si mesma, do que quando você está com 36 semanas de gravidez, sentindo algo molhado entre as pernas ... e não foi sua ruptura da bolsa de água.

Primeiro, Beth pensou que perdera o controle de sua bexiga, mas quando ela se moveu os cobertores de lado e trocou posições, ela viu algo nos lençóis.

Ela nunca tinha visto um sangue tão brilhante antes.

E merda, a parte inferior das costas de repente estava matando-a.

¹⁸⁵ Auxílio à lista nos EUA.

— O que está acontecendo? — Wrath exigia.

— Eu estou sangrando, — ela repetiu.

As coisas aconteceram tão rápido naquele ponto. Era quase como estar na parte de trás de um carro em alta velocidade, tudo zumbindo por demasiado rápido para entender: Wrath gritando no telefone, outra chamada sendo feita, Doc Jane e V chegando correndo. E, em seguida, mais rápido ainda, tudo se movendo, movendo, todos ao seu redor, enquanto ela se sentia curiosamente quieta e abafado.

Quando ela foi transferida para a maca, ela olhou para onde estivera na cama e estremeceu com a mancha de néon. Era enorme, como se alguém tivesse derramado um galão de tinta por baixo dela.

— O bebê vai ficar bem? — ela murmurou, algum tipo de choque assumir tudo. — Ele — Wrath vai ficar bem?

Pessoas ofereciam-lhe a compaixão, mas sem respostas reais.

Mas Wrath, o grande, estava bem ao seu lado, segurando sua mão, orientando —se com a ajuda da maca.

John apareceu assim que atingiram o patamar do segundo andar. Ele estava vestindo apenas cueca boxer, com o cabelo todo desarrumado, os olhos alertas. Ele tomou a outra mão dela.

Ela não se lembrava muito sobre a correria, a pressa, a correria para dentro do túnel, exceto pelo fato de que a dor estava ficando pior. Ah, e as luzes do teto estavam piscando enquanto ela estava deitada, pulsando como se ela estivesse em um filme de Star Wars prestes a entrar na velocidade de dobra espacial.

Por que ela não conseguia ouvir nada?

Quando ela olhava para as pessoas ao seu redor, suas bocas estavam se mexendo, sua os olhos pousados urgentemente sobre ela.

— O Little Wrath?¹⁸⁶ Vai ficar bem? — Mesmo sua própria voz estava se desvanecendo, o volume se tornando mais baixo. Ela tentou torna-la mais alta. — Será que ele vai ficar bem?

E então eles correram passando pela entrada do habitual do centro de treinamento, e indo mais para baixo, à uma porta de emergência que tinha sido criado apenas para ela, apenas para esta situação.

Exceto este não era o seu plano de parto. Ela deveria ir para o mundo humano, onde havia gente para cuidar dela e de Little Wrath, para resolver qualquer problema que ele pudesse ter, iAM estaria lá com ela se fosse durante o dia, e Wrath pai e John se fosse de noite.

Little Wrath, pensou.

Surpresa ela tinha acabado de dar o nome ao seu filho.

Quando ela chegou na clínica, só ficava pensando que não deveria estar aqui. Especialmente quando ela olhou para aquele enorme lustre na sala principal da ala cirúrgica.

¹⁸⁶ Como a autora vai usar as iniciais LW para se referir ao bebê da Beth e do Wrath, vamos manter no original. Lembrando que LW são as iniciais de Little Wrath = Pequeno Wrath.



Por alguma razão, ela pensou em todas as vezes que ela havia estado aqui em baixo, apoiando um irmão ferido no campo, ou indo a um checkup com Layla, ou...

Dra. Jane colocou seu rosto no caminho. Seus lábios se moviam lentamente.

— ... Eth? Você pode me ouvir, Beth?

Ah, bom, alguém havia aumentado o volume do mundo.

Mas a sua resposta não registrou. Ela não conseguia ouvir a própria voz.

— Ok, bom. — Dra. Jane enunciou tudo claramente. — Eu quero fazer um ultrassom para afastar placenta prévia, que é uma complicação onde a placenta acaba na parte inferior do útero. Mas eu estou preocupado que você tenha um descolamento.

— O que ... o que — Beth murmurou.

— Você está tendo dor?

— Na parte inferior das costas.

Doc Jane balançou a cabeça e colocou as mãos na barriga de Beth. — Se eu pressionar?

Beth gemia. — Apenas certifique-se que Wrath esteja bem.

Eles trouxeram a máquina de ultrassom e a camisola e foi cortada. Assim que o gel foi esguichado sobre seu estômago e as luzes se apagaram, ela não olhou para o monitor. Ela olhou para o rosto de seu marido.

Isso, o rosto masculino maravilhoso estava completamente apavorado.

Ele não estava usando seus óculos de filho — óculos de sol¹⁸⁷, quer dizer. E os olhos verdes, desfocados e pálidos estavam circulando ao redor da sala, como se estivesse desesperado para ver alguma coisa, qualquer coisa.

— Como você sabia — ela sussurrou. — Que eu estava com problemas...

Seus olhos foram em sua direção. — Minha mãe me disse. Em um sonho.

Por alguma razão, aquilo a fez chorar, aquela imagem de seu marido sendo engolido por uma onda, enquanto a natureza estava fora, vindo da pior maneira possível: Ela não se preocupava com nada, exceto o bebê, mas não havia uma única coisa que ela pudesse fazer, para afetar qualquer resultado. Seu corpo e o bebê estavam jogando esses dados.

Sua mente, sua vontade, sua alma? Todos os seus sonhos e desejos esperanças e loucuras?

Nada na mesa.

O rosto da Dra. Jane voltou. — ... Eth? Beth? Você está comigo?

Quando ela levantou a mão para retirar um fio de cabelo de seu rosto, ela percebeu que haviam pegado uma veia, para a intravenosa. E isso que a atrapalhava não era cabelo; eram lágrimas.

—Beth, o ultrassom não está me mostrando que eu estava esperando para ver. A frequência cardíaca do bebê está desacelerando e você ainda está sangrando muito. Precisamos tirá-lo, ok? Eu tenho certeza que você tem um descolamento e você está em perigo, assim como ele. Ok?

¹⁸⁷ Beth está perdendo a consciência e não consegue raciocinar direito...então, ao ver que o Wrath está sem os óculos de sol, ela se confunde com as sílabas. Sunglasses=óculos de sol, songlasses= não existe essa palavra, mas son, é filho em inglês. Mostra que ela está zozna e pensando no filho.



Tudo o que podia fazer era olhar para Wrath. — O que vamos fazer?

Com uma voz que era tão quebrada quanto era mal compreensível, ele disse, — Deixe-a operar com Manny, ok?

— Tudo bem.

A Dra. Jane voltou ao seu campo de visão. — Vamos ter que coloca-la para dormir, eu não quero fazer uma peridural, porque não tenho tempo.

— Tudo bem.

— Eu te amo, — ela disse a Wrath. — Oh, meu Deus... o bebê...

Capítulo 74

Tudo o que Wrath tinha para lhe dar alguma ideia, eram os cheiros na sala. Antisséptico no ar. Sangue — que o aterrorizava. Medo — de sua Beth e dos outros ao seu redor. Raciocínio calmo, frio por parte da Dra. Jane, Manny, e Ehlena.

Felizmente, esse último, ia ser um salva-vidas.

De repente, uma nova fragrância entrou na mistura. Adstringente.

Em seguida, houve um guincho ao lado dele, como se alguém tivesse levantado uma cadeira. Depois que uma mão ampla empurrou-o para baixo de modo que ele estava sentado, e colocou a própria mão em um aperto tão forte, que os ossos quase foram esmagados.

John Matthew.

— Ei, cara, — disse ele, consciente de que o tempo havia paralisado. — Ei... cara.

No final, tudo Wrath podia fazer era apertar a palma de seu irmão de volta, e assim os dois ficaram lado a lado, juntos, congelados enquanto os termos médicos eram registrados e havia os sons do ressoar de metal e assobios, e ruídos da sucção.

A voz da Dra. Jane era a mesmo. As respostas de Manny eram as mesmas.

Eles eram como o inverso da situação: quando as coisas ficavam mais assustadoras, tornavam-se mais focado e no controle.

— Ok, eu tenho ele.

— Espere, já está acontecendo? — Wrath exigia.

O apito ascendente ao lado dele foi a única resposta que ele teve.

E então ... o som do primeiro choro de uma criança.

— Ele está vivo? — Wrath perguntou como um idiota.

Outro apito.

E então ele se esqueceu de seu filho completamente. — Beth? E quanto a Beth?

Ninguém respondeu.

— Beth — ele latiu. — John, o que diabos está acontecendo?

O cheiro de sangue era espesso no ar. Tão espesso. Muito grosso.

Ele não conseguia respirar. Ele não pensava. Ele nem estava vivo.

—Beth ... — ele sussurrou para a escuridão.

E ficou assim até que a Dra. Jane veio até ele. E pela proximidade e direção de sua voz, ele sabia que ela tinha se ajoelhada em frente a ele.

—Wrath, nós temos um problema. O bebê está bem, Ehlena o está checando. Mas Beth continua a sangrar, mesmo depois que eu fechei o útero a partir do corte da cesárea. Ela está sangrando muito e não há nenhum sinal de que vai haver coagulação. A coisa mais segura a fazer é uma histerectomia. Você sabe o que é isso?

Ela estava falando com ele como se ele fosse um imbecil – boa coisa também.

— Não. — Mesmo que ele houvesse ouvido a palavra antes. Inferno, neste momento, ela teria que explicar mesmo o mais comum dos termos.

— Eu preciso retirar o útero dela. Ela vai morrer, Wrath, se eu não fizer isso. Isso significa que ela não será capaz de ter mais filhos.

— Eu não dou a mínima para nada, só para ela. O que você precisar fazer. Faça-o, agora.

— Ok, vamos nos mover, Manny.

— Onde está meu filho? — ele gritou abruptamente. — Me deem o meu filho!

Nem mesmo um momento depois, um pequeno pacote foi colocado em seus braços. Tão leve. Leve demais para estar vivo e ainda seu filho estava quente e respirava. Vital.

Ele queria abraçá-lo, porque sua shellan estava nesta criança. Em cada molécula de seu corpo vivo, ela estava com ele, e isso significava que, enquanto ele mantivesse o bebê contra seu coração... ele estava segurando sua Beth.

— O que está acontecendo? — ele sussurrou, sem esperar uma resposta.

Ele deixou as lágrimas caírem como quisessem. Provavelmente no rosto de seu filho.

Quem diabos se importava.

Capítulo 75

Beth saiu da Terra do Nunca distorcida como uma rolha escapando de uma garrafa. Sacudindo as coisas iam e vinham fora de foco.

Quando seu segundo cérebro virou de volta, ela gritou —Wrath!

—Aqui, nós estamos aqui.

Recuando, ela se esticou na maca do hospital e sentiu um instante de oh! Inferno, nada de sua barriga.

E então nada mais importava. Sentada ao lado de sua cama, em uma cadeira que não era grande o suficiente, seu marido e seu filho eram como duas ervilhas em uma vagem.

O choro que saía dela era totalmente incontrolável, brotando tão rápido que tudo mais explodiu de sua alma. E, cara, a barriga doía como uma cadela.

Quando ela se aproximou do lado da cama, seu IV puxou, mas ela não se importava. E seu homem veio a ela, Wrath de pé com um recém-nascido e segurando ao seu lado na cama de hospital.

— Oh, meu Deus, esse é o meu bebê, — ela se ouviu dizer.

Little Wrath, sim, ela realmente o chamou assim, tinha a cara de seu pai. Até mesmo o pouco cabelo formando um bico de viúva no centro de sua testa. E como se ele a reconhecesse de alguma forma, ele abriu os olhos quando seu pai deixou-a pegar o pacote precioso.

— Olá, grande homem.

Porque mesmo que ele pesasse quanto? Três quilos ou algo assim? A maneira que ele olhava para ela, era como se ele já fosse mais alto do que seu pai.

— Você é lindo, — ela disse a ele.

E então ela viu seus olhos. Os olhos eram normais, a íris azul escuro, verde se acendendo.

Ela olhou para o marido. — Ele é perfeito.

— Eu sei. Disseram-me que ele se parece comigo.

— Ele parece.

— Exceto pelos olhos. Mas eu o amaria de qualquer maneira.

— Eu também.

Ela balbuciou e mexia com o tecido vermelho que a shellan do capataz fizera à mão. Até que ela se deu conta de que algo não estava certo.

Seu marido estava muito reservado neste momento especial. — Wrath? O que você não está me dizendo?

Quando ele esfregou o rosto, o terror que sentira voltou. — O que? Há algo de errado com ele?

— Não.

— Onde está, onde?

— Eles tiveram que tirar o seu interior para fora. Você estava sangrando muito fortemente.

Ela franziu a testa e balançou a cabeça. — Eu sinto muito?

Wrath deu um tapinha em volta até que encontrou seu braço. — Suas entranhas se foram.

Uma corrida fria bateu nela. — Uma histerectomia?

— Sim. Isso é como eles chamaram.

Beth exalou. Outra coisa que não fazia parte do plano. E foi um choque perceber que a parte d o que definia como uma mulher... como uma mulher... já não estava com ela.

Mas então ela olhou para ele perfeitamente formado, um menino perfeitamente saudável. A ideia de que ela não poderia ter tido esse momento? Que ela não estaria aqui com seu marido e seu filho?

À merda o útero.

— Tudo bem, — disse ela. — Está tudo bem.

— Eu sinto muito...

— Não. — Ela balançou a cabeça bruscamente. — Não, não estou arrependida. Nós temos a nossa família e somos muito, muito sortudos. Nós não vamos nos sentir tristes s.



E isso foi quando Wrath se encheu de lágrimas, as gotas de cristal caindo do queixo duro para as tatuagens internas de seu antebraço.

Quando ela olhou para todos os nomes, ela sorriu e retratou o Little Wrath, grande e alto, forte como seu pai.

— Nós fizemos isso, — ela anunciou em uma súbita onda de otimismo. — Nós fizemos isso! Wrath começou a sorrir, e, em seguida, ele encontrou sua boca, beijando-a. — Sim. Você o fez.

— São precisos dois. — Ela acariciou seu rosto. — Você e eu. Juntos.

— Eu só tenho que fazer a parte divertida, — disse ele com um sorriso.

Um número de horas depois, Beth saiu da cama e tomou um banho de esponja no banheiro. Então ela colocou uma camisola Lanz¹⁸⁸ e, com a ajuda de Wrath, saiu da sala com Little Wrath em seus braços, para uma ovação em pé.

Ela pretendia voltar para a mansão para encontrar sua família, mas eles vieram até ela. Quase cinquenta deles, desde os Irmãos até os doggens, estavam amontoados em corredor de concreto do centro de treinamento, que revia todo o caminho para baixo e para trás.

Difícil não chorar.

Mas então, o que seja. Era sua família.

— Salve o Rei! — Veio o coro.

Embalando o filho contra o peito e cobrindo as orelhas de LW, ela começou a rir. E foi então que ela viu seu irmão. Ele estava radiante, seu sorriso tão largo e orgulhoso, com as mãos trancadas na frente de seu coração como se estivesse morrendo de vontade de segurar o bebê.

Mancando até ele, ela não disse uma palavra. Ela acabou passando LW para ele.

A alegria que ela recebeu em retribuição quando John desajeitadamente segurou o pacote vermelho era muito bonita, a melhor coisa do mundo. Perdendo apenas para Wrath.

De repente, a multidão começou a cantar na língua antiga. — Salve o Rei...

— Bem, não realmente.

Quando Wrath disse as três palavras, era como se ele tivesse desligado o som para o mundo todo.

Franzindo a testa por cima do ombro, ela e todo mundo só olhava para o último vampiro de raça pura do planeta.

Wrath limpou a garganta e colocou seus óculos até esfregar a ponta do nariz. — Eu aboli a monarquia na noite passada.

Todos emudeceram.

— O que...? — Disse ela.

— Você me disse que não queria ser a causa de eu desistir do trono. Você não era. No final, foi a minha escolha. Cedo ou tarde, alguém virá por mim e, por extensão, por você e ele. E então, se eu morrer? Meu filho vai acabar tendo que lutar para manter algo que não deve ser decidido por linhagem. Ele deve ser decidido pelo mérito.

Beth colocou as mãos em seu rosto. — Oh, meu Deus...

¹⁸⁸ Marca de lingerie.



— Então, nós estamos numa democracia agora. Saxton ajudou a torná-la legal. E as eleições vão ocorrer em pouco tempo. Eu falei com Abalone e ele vai coordenar tudo isso. Inferno, o cara já tinha uma boa lista de candidatos. Ah, e o melhor de tudo? Fora do trabalho da glymera. Eu acabei com o Conselho. Até mais, filhos da puta.

—Estou tão feliz por estar se aposentado, — Rehv cortou — de verdade.

Wrath olhou na direção a Beth. —É a melhor coisa para nós. Para LW. E quem sabe, talvez ele vá decidir se candidatar. Mas vai escolha dele. Não um fardo e nada de qualquer segmento de qualquer sociedade, será capaz de dizer que a fêmea que ele escolher, não será digna dele. Nunca mais.

Com isso, Wrath enfiou a mão no bolso das calças pretas de combate que ele estava usando... e tirou um punhado de aparas de...?

Não, eles eram fragmentos de pergaminho.

Quando ele jogou-as no chão, ele disse, — Oh, e eu rasguei esse decreto falso de divórcio de merda, também. Cerimônia humana é absolutamente legal. Mas eu acho que o nosso filho tem dois tipos de sangue nele, e eu queria que ambas as tradições contassem.

Beth abriu a boca para dizer alguma coisa. No final, porém, tudo o que ela podia fazer era abraçar-se contra o corpo duro de seu marido e o segurar.

Naturalmente, não havia um olho seco no centro de treinamento.

Mas isso era o que acontecia quando um mortal comum... fazia algo digno de um super-herói.

Capítulo 76

Foi um bom mês depois, quando Wrath percebeu o que a visão de V foi nisso tudo. O rosto no céu, o futuro em suas mãos...

LW já estava em uma rotina, dormir durante o dia, a noite toda, o que era simplesmente perfeito. Beth se recuperou do corte como um foguete, se alimentando bem, comendo bem, e sendo a melhor maldita mãe do planeta.

Fale sobre o seu natural, total. Ela era incrível... e tão feliz, tão malditamente feliz.

A realidade de ter um filho era melhor até do que o sonho foi.

E oh, sim, LW tomando levando a coisa de tomar conta do planeta, como um soldado. Comer, cagar, dormir, cagar, comer. Ele raramente se preocupava ou chorava, e não tinha problema se estivesse sendo passado ao redor durante as refeições, de modo que cada membro da família tivesse uma chance de segurá-lo.

Mesmo o cão e o gato gostavam dele. O garoto dormia em um berço na primeira suíte da família, e, aparentemente, George e Boo achavam que faziam parte da guarda. Quando o retriever não estava ajudando Wrath a se locomover, ele estava com o garoto, deitado na frente da



porcaria, em turnos de vinte e quatro horas, sete dias na semana, de guarda. E quando George estava de plantão com seu outro mestre? Esse felino estava à posto enquanto o bebê dormia.

Então, sim, ele estava em uma noite alegremente normal em junho, quando Beth disse que iria dar uma corrida após a primeira refeição, e Wrath decidiu levar LW e seu cão e o gato em um passeio ao redor do primeiro andar. O garoto sempre parecia gostar disso, e como de costume, no momento em que começou a andar, sua cabeça começou a girar ao redor como se estivesse verificando o mobiliário.

Eles estavam na biblioteca, passando pelas portas francesas, quando LW soltou um grito tenso como se algo tivesse chamando sua atenção.

— O que é isso, grande homem?

Wrath reposicionou seu filho— Deus ele amava essa palavra — *filho* e, em seguida, fez as contas.

—Será que é a lua que você está olhando? Deve ser sim, eu acho que é.

Destravando a porta, ele abriu o caminho para fora e respirou fundo. O verão estava chegando em um grande momento, a noite quente como água do banho e, como LW esticou os braços para cima, pensando no pai sim. Ele estava procurando o velho homem no céu.

Ou... a face.

Com um sentimento de que a realidade estava se aglutinando, de alguma forma específica, mágica, Wrath virou seu filho de pé e o encarou.

Levantou-o ao alto.

Segurando o futuro... em suas mãos.

Enquanto seu filho viu a lua pela primeira vez, com olhos que eram tão perfeitos quanto o resto dele.

—Eu vou te dar tudo o que puder, — disse Wrath bruscamente, contente de não ter mais ninguém por perto. — Qualquer coisa que você precisar, será dada. E eu vou te amar até o meu último suspiro.

De repente, ele percebeu que não estava sozinho.

As pessoas estavam correndo para fora das portas da casa. Uma grande multidão.

Girando ao redor, ele segurou seu filho de maneira protetora, preparando-se para más notícias. —Oh!

Eles chamaram Beth quando ela estava na esteira. Todos eles. Todos os membros da Irmandade.

Mas não foi Tohr quem começou a falar. Foi Saxton.

E quando ele terminou, ela ficou dormente e quase caiu para fora de seus Nike.

Sua viagem de volta pelo túnel, em direção a casa, tinha o mesmo tipo de remoção, como um sonho que ela sofrera quando havia em apuros no parto. Ela não se lembrava de nada sobre a corrida, nem todas as pessoas com ela, e nem de tudo o que foi dito.

E quando ela veio até o hall de entrada, e viu os outros da casa se reunindo mais uma vez, cada um deles tinha a mesma expressão que refletia a do seu próprio rosto.

O destino tomou as rédeas novamente.



E tudo o que podiam fazer era ir no rumo da nova direção.

Ela estava liderando a família, enquanto eles saíram do primeiro andar da casa, esperando cada turno para ver Wrath e LW...

A porta aberta para o terraço do lugar de onde eles estavam.

Quando ela saiu para a noite, ela viu o marido segurando seu filho até a lua mais cheia da temporada, o astro brilhando brilhante como o sol, a paisagem banhada em luz branca.

Era como se ele estivesse fazendo uma oferenda sagrada...

Com uma rápida mudança, Wrath girou em um milímetro, protegendo seu filho com seus enormes braços. —Oh!

Mesmo que Saxton trouxesse as informações para casa, todo mundo olhava para ela.

Dando um passo à frente, ela desejava que estivesse usando algo que não fosse roupa de treino. Um vestido de baile, talvez.

— Beth, o que diabos estão acontecendo?

Ela tentou falar as palavras certas, freneticamente amarrando substantivos e verbos juntos ao acaso em sua cabeça. No final, porém, ela falou pouco e docemente.

Caindo de joelhos, ela abaixou a cabeça. — Viva o Rei.

Juntos, a multidão atrás dela fez o mesmo, um coro dessas três palavras se levantando para a noite, com seus corpos reclinados no chão.

—Eu sinto muito. — Wrath sacudiu a cabeça. —Eu não estou ouvindo isso?

Ela levantou-se. Mas ela era a única.

—Você foi eleito por unanimidade nessa vida. Rei da Raça. Abalone liderou o esforço, e todos os plebeus que você ajudou, deram seus votos. Cada um deles. Você foi escolhido por seu povo para liderar. Você é o rei.

Quando o coro começou, Wrath parecia não ter ideia de como responder. E foi um tal canto alegre, com vozes femininas e masculinas se elevando para o céu à noite, uma celebração do presente e do futuro.

— E quem sabe, — disse Beth quando ela olhou para o filho. — Talvez se ele crescer para ser como seu pai, ele vai ser escolhido, também. Mas cabe ao povo que você lidera, o direito de votar em suas mãos, e eles deram o trono para você.

Wrath limpou a garganta. Uma e outra vez.

No final, tudo o que ele podia fazer era sussurrar: — Eu queria que meu pai e minha mãe estivessem vivos para ver isso.

Beth colocou os braços em torno de seu marido e filho, segurando a ambos. E quando ela olhou por cima do ombro do seu homem e viu a face da lua, ela teve uma súbita sensação de que a mudança acabara e a nova era havia finalmente chegado.

—Eu acho que eles estão, — disse ela em voz baixa. —Eu acho que os dois estão olhando para baixo neste exato momento... e eles estão muito, muito felizes com isso.

Os pais, afinal, eram especialmente orgulhosos de ver coragem em seus filhos recompensada pelo mundo.

E saber que o amor abundava em torno deles.



Em todos os lugares.
Para sempre e mais.

Fim



Nosso trabalho é gratuito e não temos nenhum tipo de lucro.